

O Palácio do Desejo
NAGUIB MAHFOUZ

Vencedor do Prémio Nobel da Literatura



Civilização
Brasileira



O Palácio do Desejo
Naguib Mahfouz

Tradução do árabe de Badr Hassanein

Vencedor do Prémio Nobel da Literatura
Civilização Editora

Sobre o Autor

Naguib Mahgouz nasceu no Cairo em 1911. Modernizou a literatura árabe, sendo considerado um dos seus maiores vultos. Foi o único escritor de língua árabe a ser galardoado com o Prémio Nobel da Literatura.

Publicou 34 romances, mais de 350 contos, dezenas de argumentos cinematográficos e cinco peças de teatro ao longo de uma carreira de mais de 70 anos. Viveu com a mulher e as duas filhas na sua cidade natal até falecer, em 2006.

Sinopse

"O sayyed Ahmad Abdel Gaiwwad fechou a porta de casa atrás de si e, com passos vagarosos e débeis, atravessou o pátio sob a claridade frouxa das estrelas, cravando a ponta da sua bengala na terra pulverosa sempre que nela se apoiava com o seu andar mole.

O calor asfixiante ardia-lhe no peito e fazia-o suspirar pela água fresca com que lavaria o rosto, a cabeça e o pescoço para atenuar, ainda que por pouco tempo, o calor tórrido de Julho e a canícula que lhe abrasava as entranhas e a cabeça. A ideia da água alegrou-o tanto que alisou os traços do seu semblante. Quando atingiu a porta das escadas, lobrigou a pálida luz que do patamar incidia e resvalava ao longo das paredes, acompanhando os movimentos da mão delicada que segurava o candeeiro. Subiu as escadas com uma mão apoiada no corrimão e outra na bengala, cuja ponta fazia ressoar, numa cadência regular, com baques que com o tempo haviam adquirido um ritmo tão peculiar que o tomara identificável, à semelhança de qualquer outro traço do seu rosto.

Ao cimo das escadas surgiu Amina, com o candeeiro na mão."

O Palácio do Desejo, o sensual e provocatório segundo volume da Trilogia do Cairo, acompanha o despertar da família Gawwad para os anos 20 e o conflito por vezes violento entre os ideais islâmicos, os sonhos pessoais e a realidade moderna.

Através das personagens que povoam este romance, Naguib Mahfouz prossegue a sua análise fascinante da cultura islâmica à medida que esta se abre às influências modernas.

O Palácio do Desejo dá continuidade à qualidade notável desta trilogia e deixará o leitor ansioso por ler o terceiro e último volume.

"Uma obra-prima."

PUBLISHERS WEEKLY

"Uma obra envolvente, cujo autor está à altura de qualquer mestre europeu."

THE SUNDAY TIMES

"Combina de forma brilhante o vocabulário secreto da metafísica islâmica com as técnicas do romance egípcio."

THE TIMES LITERARY SUPPLEMENT

"Uma saga tolstoiana magnífica centrada numa família egípcia da classe média... Esta segunda dose é imperdível."

COSMOPOLITAN

Folha de Rostó

Naguib Mahfouz

O PALÁCIO DO DESEJO

Ficha Técnica

Título original

Qasr esh-Shawq

Copyright (c) 1957, Naguib Mahfouz

Copyright da edição portuguesa (c) 2006 Américo Fraga Lames &

O LdV Livraria Civilização Editora

Todos os direitos reservados

Tradução do árabe

Badr Hassanein

O tradutor agradece a preciosa colaboração de Margarida Hassanein

Revisão

Serviços Técnicos de Revisão da Livraria Civilização Editora

Adaptação da capa

Livraria Civilização Editora

Créditos fotográficos da capa

Ilustração (c) Lucy Davey

Design (c) Gavin Morris/TW

Fotografia do autor @ Veer/Photonica/Getty Images

Pré-impressão, impressão e acabamento

CEM Artes Gráficas, Barcelos para Livraria Civilização Editora em

Abril de 2008

ISBN 978-972-26-2525-8

Depósito Legal 272375/08

Livraria Civilização Editora

Américo Fraga Lames & C.a, L*

Rua Alberto Aires de Gouveia, 27 4050-023 Porto Tel.: 226 050 900

geral@civilizacaoeditora.pt www.civilizacao.pt

CAPÍTULO 1

O sayyed^[1] Ahmad Abdel Gawwad fechou a porta de casa atrás de si e, com passos vagarosos e débeis, atravessou o pátio sob a claridade frouxa das estrelas, cravando a ponta da sua bengala na terra pulverosa sempre que nela se apoiava com o seu andar mole.

O calor asfíxiante ardia-lhe no peito e fazia-o suspirar pela água fresca com que lavaria o rosto, a cabeça e o pescoço para atenuar, ainda que por pouco tempo, o calor tórrido de Julho e a canícula que lhe abrasava as entranhas e a cabeça. A ideia da água alegrou-o tanto que alisou os traços do seu semblante. Quando atingiu a porta das escadas, lobrigou a pálida luz que do patamar incidia e resvalava ao longo das paredes, acompanhando os movimentos da mão delicada que segurava o candeeiro. Subiu as escadas com uma mão apoiada no corrimão e outra na bengala, cuja ponta fazia ressoar, numa cadência regular, com baques que com o tempo haviam adquirido um ritmo tão peculiar que o tornara identificável, à semelhança de qualquer outro traço do seu rosto.

Ao cimo das escadas surgiu Amina, com o candeeiro na mão.

Mal se lhe juntou, estacou com o peito anelante, de forma a recobrar o fôlego, depois cumprimentou-a, como soía fazer em cada noite, dizendo-lhe:

- Boa-noite...

- Boa-noite, meu senhor! - respondeu Amina num sussurro, enquanto o precedia com o candeeiro.

No quarto, ele lançou-se sobre o sofá e ali se deixou afundar. Depois livrou-se da sua bengala, retirou o fez e apoiou a cabeça na almofada, esticando as pernas de tal modo que a gubba^[2] destapou o quftan^[3] e este, por sua vez, pôs a descoberto as ceroulas enfiadas nas meias. Fechou os olhos, ao passo que com o lenço enxugava a fronte, as faces e o pescoço.

Amina, entremetidas, pousara o candeeiro sobre a mesa pequena, depois imobilizara-se, aguardando que ele se erguesse para ajudá-lo a despir-se.

Olhava-o com uma atenção mesclada de angústia: almejava ter a coragem de lhe rogar que se poupasse àquela sua obstinação em

transitar de um serão para outro, agora que ele não podia persistir em descurar a sua saúde, como se acostumara no passado.

Mas não sabia como exprimir os seus pensamentos angustiados! Volveram alguns minutos antes que ele descerrasse de novo os olhos, após o que desprende o relógio de ouro do quftan, retirou o anel de diamante e colocou-os no interior do fez e ergueu-se para tirar a gubba e o quftan com o auxílio de Amina.

O seu corpo estava lá, idêntico ao que sempre fora: grande, largo e cheio... salvo alguns fios de cabelo encanecidos aqui e ali disseminados nas suas têmporas. Ao enfiar a cabeça na camisa de dormir branca, foi tomado por uma súbita vontade de sorrir. Com efeito, recordara-se de como o sayyed Ali Abder Rahim desatara a vomitar, naquela mesma noite, durante o serão e como para se desculpar daquela fraqueza havia avançado como causa um acesso de frio no estômago e como, por fim, os presentes haviam começado propositadamente a lançar-lhe ao rosto, sem papas na língua, que já não era capaz de aguentar a bebida e que não era dado a todos conviver com o vinho até ao fim dos seus dias... etc... etc.

E recordou outrossim como o sayyed Ali Abder Rahim se encolerizara e esforçara por apartar de si uma tal suspeição. Que estranho! Seria necessário dar tamanha relevância a coisas tão vãs? Mas ora, se assim não era, por que motivo ele próprio se havia vangloriado, entre o alvoroço das vozes e dos risos, de conseguir esvaziar uma taberna inteira sem o seu estômago se queixar?

Sentou-se novamente no sofá e estirou as pernas em direcção à mulher, que lhe retirou sapatos e meias, e saiu por uns instantes do aposento para regressar com a bacia e o jarro, e começar a verter-lhe a água para que lavasse a cabeça, o rosto e o pescoço e gargarejasse. Por fim, o homem foi sentar-se com as pernas cruzadas sobre o seu sofá, expondo-se à brisa que suavemente corria pela machrabiyya ^[4] da janela que dava sobre o pátio.

- Que horrível Verão este ano!

- Allah seja benevolente connosco! - exclamou Amina, tirando o colchão de sob a cama e instalando-se também ela com as pernas cruzadas junto aos pés do esposo. Depois, num suspiro:

- Se faz calor lá fora, imagine na sala do forno... O terraço, é só no terraço que no Verão se pode respirar depois do pôr do Sol!

Sentada no colchão, parecia diferente do que sempre fora. Emagrecera, o rosto alongara-se-lhe ou talvez parecesse mais comprido do que na realidade era devido à magreza das suas faces e aos cabelos brancos semeados por entre as madeixas que haviam escapado do lenço que costumava trazer na cabeça e que lhe davam um ar mais envelhecido. O sinal que tinha na face era agora um pouco maior, enquanto os olhos exprimiam - além daquele olhar de submissão que nunca a abandonara - uma espécie de hábito mesclado de tristeza. Como fora dramática a sua confusão ao ver operar-se em si uma tal transformação! Se, de início, a havia acolhido como um consolo, rapidamente viera a interrogar-se com angústia se não deveria pensar um pouco na sua própria saúde enquanto lhe restava vida. Sem dúvida! Também os outros precisavam que ela estivesse de boa saúde, mas de que modo restituir as coisas como outrora haviam sido?! Sim, tinha os seus anos... mas talvez não tantos para justificar uma tal transformação... no entanto, a idade deixara a sua marca: não havia dúvida alguma.

Era assim que, noite após noite, ficava colada à machrabíyya, observando a rua por trás dos orifícios. E via uma rua que não se modificava, mas ela sim... a metamorfose marcara-a de forma irrevogável e estreitara-a nas suas espirais... No café soou a voz do empregado que voou até ao aposento silente, qual um eco, e ela sorriu enquanto às ocultas olhava para o sayyed.

O que teria de mais precioso para além daquela rua, que, noite após noite, vivia falando ao seu coração... amiga insciente do seu coração que a amava por trás dos orifícios da machrabíyya... preenchia a sua mente de mulher, cujos companheiros de vigília eram aquelas vozes álacres que coavam nos seus ouvidos... aquele empregado que nunca se calava... aquele homem com uma voz roufenha que incessante e incansavelmente comentava os factos do dia... e aqueloutro com uma voz nervosa que tentava pescar o "sete" ou o "valete"... e o pai de Haniyya, a menina com tosse convulsa, que, noite após noite, respondia a quem lhe perguntava pela filha: "A cura está nas mãos de Allah!" Ah! A machrabíyya era um recanto do café somente por ela frequentado. As lembranças da rua desfilavam na sua imaginação com contornos nítidos, por trás dos olhos fixos naquela cabeça poisada sobre a almofada do sofá. Assim que aquele fluxo de pensamentos

cessou, a sua atenção foi atraída pelo homem e, então, discerniu nos lados do seu rosto uma intensa vermelhidão que já por diversas vezes notara nas últimas noites. Não a deixava sossegar, pelo que lhe perguntou com apreensão:

- Sente-se bem, meu senhor...?

- Estou bem, graças a Allah! - respondeu ele a regougar, após ter erguido a cabeça. Depois, retomou: - Que mau ar se respira hoje!!

"O licor de uva é a melhor bebida alcoólica de Verão." Assim lho haviam dito e repetido, mas ele não o tolerava. O whisky ou nada! E, por isso, todas as noites, devia sofrer, contrafeito, os efeitos perniciosos de uma bebedeira de Verão - de um Verão terrível. O que ele não rira naquela noite... Sim, rira tanto que as veias do pescoço lhe doíam. Mas porque rira ele? Não recordava praticamente nada, aliás nada havia para contar ou repetir, mas o ambiente da reunião estivera sobrecarregado com uma aprazível electricidade, o menor contacto provocava uma centelha, pelo que, quando o sayyed Ibrahim el-Far deixara escapar: "Alexandria deixou hoje o porto de Saad [\[5\]](#) (final da próxima página) rumo a Paris", em vez de dizer: "Saad deixou hoje o porto de Alexandria rumo a Paris", todos haviam rebentado numa gargalhada e aquela saída passara a fazer parte das "pérolas" relacionadas com a bebida, e haviam-no acossado dizendo: "Ficará presente nos trabalhos de negociação o tempo de recuperar a saúde, depois levantará ferro com o convite para responder a Londres que recebeu de...", ou ainda: "Obterá da independência o seu acordo sobre Ramsey MacDonald", e ainda: "Voltará trazendo o Egipto para a independência", e puseram-se a falar da negociação aguardada e a comentá-la com ditos espirituosos ao gosto deles.

Na verdade... o universo dos amigos, não obstante a sua vastidão, reduzia-se a três: Muhammad Iffat, Ali Abder Rahim e Ibrahim el-Far... Poderia alguma vez imaginar que o mundo sem eles pudesse existir?! A alegria genuína que iluminava os seus rostos ao vê-lo dava-lhe uma felicidade sem igual... Os seus olhos sonhadores cruzaram-se com os olhos curiosos de Amina que lhe lembraram algo de importante, e disse:

- Amanhã...

- Como poderia esquecê-lo! - respondeu ela com um sorriso que se alastrava pelo seu rosto.

- Disseram-me - replicou ele com uma ponta de orgulho que não tentou dissimular - que os resultados dos exames do bacalaureato foram péssimos este ano...

- Que Allah satisfaça os propósitos do nosso filho Kamal! - respondeu-lhe, compartilhando o seu orgulho mas sem perder o sorriso - e nos faça viver para o vermos diplomado.

- Estiveste em es-Sukkariyya hoje? - prosseguiu o sayyed.

- Sim... Convidei-os todos... e todos eles virão, com excepção da dona da casa, que se escusou alegando estar cansada. Todavia disse que os seus dois filhos felicitariam Kamal em seu nome.

Apontando com o queixo na direcção da gubba, o sayyed prosseguiu:

- Hoje o sheikh ^[6] Metwalli Abdes Samad veio trazer-me amuletos para os filhos de Khadiga e de Aisha. Rezou por mim, dizendo: "Allah queira que eu faça amuletos para os teus netos!"

Depois sacudiu a cabeça e sorriu:

- Nada é impossível a Allah! Olha para o sheikh Metwalli, olha para ele... é rijo como o ferro apesar dos seus oitenta anos!...

- Allah lhe dê saúde e força!

Ponderou longamente, contando sobre os seus dedos e depois volveu:

- Se o meu pai... Allah tenha misericórdia da sua alma!... ainda fosse vivo, não seria muito mais velho do que o sheikh...

- Allah tenha misericórdia dos mortos...

O silêncio dominou até se dissipar a impressão que a lembrança "dos mortos" neles havia provocado. Depois, com o tom de quem recorda algo importante, o nosso homem afirmou:

- Zainab ficou noiva!

Amina arregalou os olhos e, levantando a cabeça, disse:

- A sério?'

- Sim, foi Muhammad Iffat quem mo disse esta noite!

- Com quem?

- Um funcionário chamado Muhammad Hassan, director dos Arquivos do Ministério da Instrução Pública.

- Mas então já é velho? - perguntou ela consternada.

- De forma alguma! - protestou. - Anda pelos quarenta... trinta e cinco ou trinta e seis talvez... quarenta no máximo! Depois, com um

tom irónico:

- Zainab tentou a sua sorte com os jovens, mas fracassou. E quando digo "jovens" estou a referir-me aos que não são motivo de orgulho. Por isso, agora tenta a sorte com homens providos de razão!

- Yassin teria sido melhor para ela! - replicou Amina, lastimosa. - Pelo menos, para o bem do filho deles.

Esta era também a opinião do sayyed. Havia-a longamente defendido junto do sayyed Muhammad Iffat. Todavia não deixou transparecer que partilhava o ponto de vista da esposa para manter oculto o fracasso da sua tentativa. Por conseguinte, disse irritado:

- Aquele homem já não tem confiança nele e na verdade ele não merece nenhuma confiança. Assim sendo, não o pressionei, não quis tirar proveito da nossa amizade para induzi-lo a fazer coisas que não teriam trazido nada de bom...

- Não deveria ser tão difícil perdoar um erro de juventude! - sussurrou Amina com uma certa piedade.

Nisso, o sayyed não hesitou em reconhecer que uma parte da sua tentativa fora em vão, e declarou:

- Não poupei esforços na defesa dos direitos de Yassin, mas achei-me perante um muro intransponível. Muhammad Iffat não cessava de me suplicar com insistência, dizendo: "A principal razão pela qual tento fazer com que entendas a minha intransigência é o receio que tenho de expor a nossa amizade à ruptura." E afirmou também: "Não te posso recusar nada, mas para mim a nossa amizade vale mais do que o teu insistente pedido..." E, assim, tive de me calar...

Sim, era exactamente o que Muhammad Iffat dissera e, no entanto, agira de forma tão aberta com o único propósito de repelir a sua insistência. Na verdade, o sayyed desejava muito consolidar os laços de parentesco com Muhammad Iffat tanto por si mesmo como pelo prestígio da sua família. Não contava encontrar para Yassin melhor esposa que Zainab, mas não lhe restava outra alternativa a não ser render-se à derrota, sobretudo depois de o homem lhe haver confessado, sem meias-medidas, o que sabia da vida privada de Yassin, ao ponto de chegar a afirmar: "E não me venhas dizer que não existe diferença entre nós e Yassin. Na verdade, somos de um certo modo diferentes. Seja como for, não aceitarei para Zainab aquilo que aa tei para a sua mãe!"

- Diga-me: Yassin sabe o que está a acontecer? - perguntou Amina.
- Sabê-lo-á amanhã ou depois de amanhã. Julgas que está preocupado? É certamente a última pessoa a dar importância a uma união respeitável.

Amina sacudiu a cabeça desconsolada, depois perguntou.

- E Ridwan?

- Ficarà com o avô - replicou o sayyed, sombrio - ou juntar-se-á à mã se não conseguir suportar a separação. Que Allah desorientar quem o desorientou!

- Pobre pequeno, meu Deus!... A mãe de um lado... e o pai do outro. Zainab suportará ficar separada do filho?

- A necessidade tem as leis que lhe são próprias - sentenciou o sayyed Depois, interrogando-se:

- Quando se tornará maior de idade? Sabe-lo, tu?

Amina reflectiu por uns instantes, depois respondeu:

- É um pouco mais novo que Naima, a filha de Aisha, e um pouco mais velho que Abdel Munim, o filho de Khadiga. Deve ter uns cinco anos, meu senhor. Dentro de dois anos, o pai reavê-lo-á, não é, meu senhor?

- Quem viverá verá - replicou o sayyed, a bocejar. Depois, mudando de assunto:

- Já foi casado!..., Quero dizer, o novo marido!

- E tem filhos?

- Não, da primeira esposa não teve nenhum.

- Talvez tenha sido o que agradou aos olhos do sayyed Muhammad Iffat..

- Não esqueças a sua posição... - replicou o sayyed com ressentimento

- Caso se trate de uma questão de posição - objectou Amina -, então ninguém há que esteja à altura do seu filho, mesmo que fosse apenas por causa de si.

Sentiu uma tal indignação que amaldiçoou no seu coração - não obstante o afecto que por ele sentia - Muhammad Iffat, mas sublinhou mais uma vez o aspecto que lhe dava um certo alento e disse:

- Não te esqueças de que, se não fosse não querer expor a nossa amizade à menor fenda, não teria hesitado em satisfazer o meu pedido...

- Claro! - exclamou Amina, expressando o mesmo sentimento. - Claro, meu senhor! Trata-se da amizade de toda uma vida, não de uma mera distração ou brincadeira!

Bocejou outra vez, depois disse a resmungar:

- Vai colocar o candeeiro lá fora.

Amina levantou-se para executar a ordem. Ele cerrou por uns instantes os olhos, depois, de súbito, ergueu-se como que para debelar o seu langor e dirigiu-se para a cama e aí se estendeu... Agora sim, agora está mesmo bem!! Quão acalentador é o repouso após o cansaço!! Sim, na sua cabeça ainda havia marteladas violentas, mas a sua cabeça repisava sempre qualquer coisa. Apesar de tudo, podia louvar Allah! A serenidade impassível era algo de outros tempos. Há sempre algo de que sentimos falta quando em nós mesmos nos entranhamos, mas não regressa, acena-nos qual um sinal do passado a oferecer-nos uma lembrança delida como aquela claridade ténue filtrada pela fresta da porta. Apesar de tudo, podia louvar Allah!!... E gozar uma vida invejável!! Melhor seria avaliar cuidadosamente se devia aceitar ou recusar o convite, ou então protelar para amanhã o que pertencia ao dia de amanhã. Havia, no entanto, Yassin... o problema de ontem, de hoje e de amanhã... já não é uma criança quem tem vinte e oito anos. A dificuldade não estava em arranjar-lhe uma outra esposa. Mas "Allah não transmutará o que um povo tem até que este haja transmutado o que há em si mesmo" ^[7]. Quando refulgiria o caminho de Allah até cobrir a terra e ofuscar os olhos com a sua luz?... Para que pudesse gritar do fundo do coração "Louvor a Allah"? Mas o que lhe dissera Muhammad Iffat? Yassin erra e vagabundeia de uma ponta a outra de el-Azbakiyya... el-Azbakiyya! ^[8] Era bem diferente quando era ele quem errava e vagabundeava. Por mais de uma ocasião, fora tomado pelo desejo pungente de regressar a alguns dos seus cafés para fazer reviver as recordações. Apesar de tudo, podia louvar Allah por ter descoberto o segredo de Yassin antes de se tornar velho. Que teria feito o Demónio, para além de se rir dele nos recessos do seu coração escarninho? Deixa a rua aos jovens, tornaram-se crescidos... anteriormente os Australianos vedaram-ta... e, por último, a mula daquele australiano...

^[1] Significa "senhor, patrão", título que, em geral, antecede o nome

próprio.

[2] Longa túnica usada pelos homens, aberta à frente e com mangas largas.

[3] Casaco comprido com mangas, de origem turca, aberto à frente e estreitado por um cinto.

[4] Varanda cercada por um gradeamento fechado de madeira que permite ver sem ser visto do exterior.

[5] Saad Zaghlul (1859-1927), político egípcio que lutou pela independência do Egito. Depois de dirigir o Wafd, tornou-se primeiro-ministro entre Janeiro de 1924 e Novembro do mesmo ano.

[6] Literalmente, ancião, chefe, professor de uma escola religiosa; aqui é utilizado enquanto título de mestre de uma escola corânica.

[7] Alcorão, XIII, versículo 11 (ou seja, as graças de que gozam as pessoas: saúde, prosperidade, etc).

[8] Bairro da cidade moderna do Cairo, hoje conhecido pelo seu vasto jardim botânico. O nome provém do príncipe mameluco Ezbeck, que fez escavar de novo, neste local, um lago antigo. O quediva Ismael mandou que fosse recoberto de modo a construir aí a ópera do Cairo.

CAPÍTULO 2

No remanso da alvorada, com o canto do galo, saíam do forno as pancadas cadenciadas do amassamento. Umm Hanafi estava dobrada com o seu corpo obeso sobre o alguidar da massa. À luz do candeeiro colocado sobre a chapa do forno, o seu rosto parecia viçoso. A velhice em nada havia tocado os seus cabelos ou a sua corpulência, mas os seus traços surgiam alterados por um constante ar carregado que os endurecia. À sua direita, sentada numa cadeira da cozinha, Amina estava entretida a espargir o farelo sobre as tábuas para a massa e a prepará-las para receber as porções. O trabalho prosseguia silente até Umm Hanafi parar de amassar. Retirou as mãos do amassadouro, enxugou a fronte encharcada de suor com o antebraço, depois, agitando o punho coberto de massa como uma luva branca de pugilismo, disse:

- Espera-a, minha senhora, um dia árduo mas agradável. Que Allah lhe conceda muitos dias felizes iguais a este!

- Temos de preparar uma mesa sumptuosa! - murmurou Amina sem erguer a cabeça da sua tarefa.

- Que a minha mestra seja abençoada - respondeu Umm Hanafi apontando o queixo para a sua senhora depois de ter esboçado um sorriso.

Em seguida, afundou de novo as mãos no amassadouro e recomeçou a esmurraçar a massa.

-Teria preferido distribuir sopa de pão aos pobres de el-Hussein [\[9\]](#) (no).

- Não haverá nenhum estranho entre nós - replicou Umm Hanafi com um tom de censura.

- Seja como for - resmoneou Amina um tanto enfadada -, haverá festim e balbúrdia. Também Fuad, o filho de Gamil el-Hamzawi, conseguiu o bacalaureato, contudo ninguém o viu e não se fez alarde disso!!

Mas Umm Hanafi não desistiu de manifestar um tom de censura ao dizer:

- É simplesmente um pretexto para estarmos na companhia daqueles que nos são queridos.

"Mas qual a alegria sem remorsos ou acessos de inquietação? Outrora, interrogava os anos e invariavelmente respondiam-me que a data do diploma de um seria a mesma da licenciatura do outro. Uma festa malograda e um desejo nunca concretizado. Dezanove... vinte... vinte e um... vinte e dois... vinte e três... vinte e quatro... Uma juventude em flor de que me foi negado colher os frutos... pertencia à terra! Ah, este dilacerar de coração a que se chama tristeza!"

- Sitt ^[10](no) Aisha ficará contente com a baqalawa ^[11](no). Lembrar-lhe-á dias passados, minha senhora.

"Alegrar-se-á Aisha e também Umm Aisha. Dia... noite... saciedade... fome... vigília... e sono. E tudo isto para quê? Pergunta-o àquele que afirmava que não lhe sobreviverias um dia só. Permaneceste em vida para jurar sobre o seu túmulo. Mas, se o coração soçobra, não significa que o mundo também! É como se o arrancássemos das trevas do oblívio unicamente quando visitamos o seu túmulo! Tínhamos os olhos e a alma banhados com a tua presença, meu filho, mas agora apenas nos lembramos de ti durante os mawasim ^[12](no).

Onde estão eles? Cada qual ocupado com os seus afazeres pessoais, excepto tu, Khadiga. Tens o coração da tua mãe e também o seu espírito, de tal forma que um dia tive de te recomendar que não sucumbisses.

Aisha é feita de uma matéria totalmente diversa, é verdade, mas... não devo ser injusta, também ela teve o seu quinhão de tristeza.

Não se pode censurar Kamal. Com os corações fracos temos de ser indulgentes, somente me restou ele... Tens os cabelos brancos e ficaste reduzida a uma sombra! É o que diz Umm Hanafi. Para o diabo a saúde e a juventude! Tens quase cinquenta anos ao passo que ele não atingiu sequer os vinte. Estar grávida... padecer as dores de parto... parir... amamentar... amar e esperar. E depois? Nada mais...! Deixai-o em paz! A tristeza dos homens não é idêntica à das mulheres. Assim costumavas dizer, minha mãe. Que Allah te abra a porta do Paraíso!

Mas vê-lo retomar os seus velhos hábitos despedaça-me o coração, ó minha mãe. É como se Fahmi não tivesse morrido e a sua memória se houvesse volatilizado. Também ele me repreende sempre que a tristeza me esmaga.

Acaso não é ele pai, como eu sou mãe? Pobre Amina! Não dês azo a tais pensamentos. Se se devesse julgar os corações à luz do coração de

uma mãe, todos apareceriam quais pedras. É um homem e a tristeza dos homens não é idêntica à das mulheres. Se os homens sucumbissem diante da amargura, as costas deles, já tão sobrecarregadas de fardos, acabariam por romper. Alija o seu espírito quando o vês sofrer. É o teu sustentáculo, pobre filha. Mas aquela voz cheia de afecto não existia mais, havia deixado atrás de si corações inflados de tristeza e quase ninguém a havia pranteado. Bem se viu, mãe, a sensatez das tuas palavras daquela vez em que tornou a casa aos primeiros raios da alvorada, embriagado, quando se atirou sobre o sofá debulhado em lágrimas. Naquela noite, pedi pela sua saúde. Oh, se pelo menos pudesse esquecê-lo para sempre! Tu própria não te esqueces por vezes? Mas há pior. Continuas a gozar da vida, agarraste-te a esta. O mundo é assim feito!, dizem. Repetes o que dizem e acabas por acreditar. E como ousaste, depois disso tudo, encolerizar-te certo dia contra Yassin pelo simples facto de retomar e continuar a levar a vida de sempre? Sossega, tem fé e sê paciente. Confia em Allah. Tudo o que possuis d'Ele provém. Umm Fahmi... para sempre! Enquanto viver continuarei a ser a tua mãe, meu filho, e tu continuarás a ser o meu filho."

As pancadas do amassadouro começaram com um ritmo regular. À luz da madrugada o sayyed descerrou os olhos e principiou a espreguiçar-se com um bocejo sonante e demorado que saía qual um lamento ou um queixume, depois sentou-se na cama com as palmas das mãos apoiadas ao longo das pernas estiradas. Tinha as costas curvadas e a parte superior da galabiyyaa ensopada de suor. Pôs-se a abanar a cabeça da direita para a esquerda, como que para arrancá-la ao peso da sonolência, depois deixou-se escorregar para o chão do quarto e encaminhou-se, bamboleando o seu corpo, em direcção à casa de banho para tomar um duche frio, único remédio que lhe restaurava o corpo, lhe reajustava a cabeça e acalentava o espírito.

Despiu-se e mal foi acometido pelo jacto de água lembrou o convite que lhe fora feito um dia antes.

Ao afagar aquela lembrança e sob a sensação tonificante da água fria, o seu coração sobressaltou-se. "Deita um olhar sobre o teu passado", dissera-lhe Ali Abder Rahim, "sobre as mulheres lindas por ti amadas durante algum tempo... Não podes continuar a viver assim indefinidamente. Conheço-te melhor do que qualquer outro". Atrever-

se-ia a dar aquele derradeiro passo? Haviam já transcorrido cinco anos e sempre se negara a dá-lo. O que havia sucedido? Voltara-se contrito para Allah como um crente atingido pela desventura? Ou antes haveria conservado dentro de si, zelosamente, aquele arrependimento, abafado pelo temor de bradá-lo aos quatro ventos? Ou talvez o houvesse gritado com um real propósito sem se deixar comprometer? Não se recordava e não pretendia recordar-se. Já se não é uma criança quando se chega aos cinquenta anos! Mas porque estaria o seu pensamento tão turvado e agitado pelo sobressalto?! Sentia-se como no dia em que fora convidado para um concerto e aceitara o convite. E agora? Deveria igualmente anuir ao convite de se reconciliar com as mulheres outrora amadas? Mas desde quando a tristeza ressuscita um morto? Acaso Allah nos ordenou que nos perdêssemos na senda daqueles que amamos quando a morte os leva?! Durante o ano de luto e de abstinência, a tristeza quase o matara: um ano longo durante o qual não saboreara vinho, não ouvira música e jamais se rendera a um dito espirituoso, de tal forma que as suas têmporas haviam encanecido. Sim, fora naquele ano que por entre a sua cabeleira as cãs haviam surgido. E, no entanto, voltara a beber e a ouvir música, movido pela piedade para com os seus amigos mais queridos, que haviam rompido com os prazeres para honrar a sua tristeza.

E isto era em simultâneo falso e verdadeiro. Recomeçara a beber, com efeito, quer por não mais conseguir resistir quer por piedade pelos seus três amigos. "Não se comportaram como todos os demais, ainda que a estes últimos nada haja a censurar. Participaram da tua dor e conformaram-se em alternar entre a tua fria companhia e a fresca reunião deles. O que lhes poderia censurar?! Mas os teus três queridos amigos rejeitaram de comum acordo auferir da vida sorte melhor daquela com que te satisfizeste. Mais tarde aproximaste-te novamente, a pouco e pouco, das coisas da existência. Não, as mulheres, não. Tinha-las por um grave pecado. De início não insistiram, mostravas-te por demais inflexível, e além disso estavas tão desconsolado! Nem sequer o mensageiro de Zubaida logrou comover-te. Mandaste embora Umm Mariam com uma seriedade pejada de tristeza mas não menos firme, aguentando sofrimentos por ti outrora desconhecidos. Julgaste que nunca mais recuperarias e repetidamente afirmavas: "Poderei alguma vez voltar para os braços de uma mulher

quando Fahmi jaz sob a terra?!" Ah! Como necessitamos de misericórdia na nossa fraqueza e no nosso infortúnio! Quem é que disse "Persevera na tristeza quem está convencido de que não morrerá amanhã"? Deve ter sido Ali Abder Rahim, ou Ibrahim el-Far. Muhammad Iffat bey não é bom a formular máximas. E além do mais recusou atender o meu pedido e casou a filha com um estranho, apanhando-me desprevenido. Não dissimula a sua ira, mas esquivava-se em mostrar-ma, como já aconteceu há algum tempo. Que Allah o ajude! Que fidelidade! E que amizade! Lembras-te de como chorou contigo no cemitério? Foi todavia ele quem te declarou: "Penso que envelhecerás se não fizeres... Anda, vamos fazer uma breve visita à awwamau." E, ao constatar que titubeavas, acrescentou: "Uma visita inocente... ninguém te arrancará as roupas ou te lançará sobre uma mulher." Não foi pouco aquilo que padeci, Allah é minha testemunha. Com a sua morte pereceu uma grande parcela de mim. Pereceu a principal esperança da minha existência. Quem destarte ousaria censurar a paciência que tive e o consolo que para mim busquei? O meu coração está ferido mesmo quando ri. Como pensas que elas estarão actualmente? O que delas terá feito o tempo no decorrer destes cinco anos? Destes cinco longos anos?"

A primeira coisa com que Kamal esbarrou ao despertar foi o roncar de Yassin. Não se pôde coibir de chamá-lo, mais interessado em importuná-lo do que em acordá-lo. Alteou a voz e deteve-se unicamente com a resposta do outro, quase um estertor, num tom plangente e num murmúrio apático. Depois Yassin voltou o seu corpo maciço e a cama rangeu numa espécie de gemido e grito de dor, para em seguida descerrar dois olhos avermelhados e suspirar.

Nada havia, pensava ele, que justificasse tamanha azáfama, visto que nem ele nem o seu irmão podiam entrar na casa de banho antes de o pai ter saído desta. Não era fácil utilizar a casa de banho do primeiro andar desde que havia sido dada uma nova organização ao prédio - há já cinco anos -, transferindo os quartos para o andar de cima, com excepção da sala de estar e da que lhe era adjacente, que fora parcamente mobilada pois que era usada como uma mera antecâmara. Se bem que Yassin e Kamal não houvessem acolhido com prazer o

facto de terem de coabitar com o pai no mesmo andar, não puderam contudo senão ceder ante o seu desejo de isolar o rés-do-chão, no qual mais ninguém pusera os pés a não ser quando recebiam em casa algum convidado. Yassin cerrou de novo os olhos mas não adormeceu, não só porque debalde tentou retomar o sono, mas também porque topara na sua imaginação com uma figura que mantinha despertos os seus sentidos. Um rosto arredondado, e no meio desta superfície de marfim ressaltavam dois olhos negros... Mariam! Agradou-lhe atender ao chamamento daqueles sonhos e rendeu-se a um torpor mais afagador que a dormência do sono...

Há alguns meses apenas ela não existia realmente para ele. Era como se jamais houvesse existido. Até que certa noite surpreendera Umm Hanafi que dizia à esposa do seu pai: "Ouviste a última, minha senhora? Sitt Mariam foi repudiada pelo marido e tornou a casa da sua mãe." Foi então que se lembrou de Mariam, de Fahmi, do soldado inglês, amigo de Kamal, cujo nome porém não lhe ocorria. Lembrou-se, de seguida, da atenção pretérita que consagrara à personalidade daquela mulher pela qual se agitara, logo depois do rebuliço suscitado pelo escândalo. Ainda antes que se apercebesse, cintilou dentro dele num relampejar ininterrupto um semblante de expressões múltiplas, como os letreiros luminosos que rutilam na noite, sob as quais estava escrito: "Mariam... a tua vizinha... só um muro te separa dela... divorciada... a sua existência... um verdadeiro romance! Rejubilá-la." Mas, a breve trecho, teve medo de si mesmo, porque foi travado pelo laço que a associava à recordação de Fahmi, que o atravessou lancinante e lhe bradou em voz alta que fechasse aquela porta... que a fechasse no trinco e se arrependesse - se ainda era tempo de o fazer - por ter aquele pensamento secreto e efémero.

Havia-a depois encontrado de forma inopinada nas proximidades de el--Muski. Estava na companhia da mãe. Os seus olhares haviam-se cruzado quase que distraídos, mas bem depressa se haviam iluminado... e os dois jovens haviam-se reconhecido. Sorrisos quase imperceptíveis a olho nu haviam-lhe dado a entender que também reparara nele. No peito, o seu coração pulara, antes de mais por ter sido objecto da sua atenção - e isto bastava-lhe -, depois pela agradável impressão que lhe deixara aquele rosto de marfim com olhos pintados com khôl e aquele corpo palpitante de juventude e vitalidade. Ocorreu-

lhe pensar em Zainab naquele momento. Prosseguiu o seu caminho, pensativo e dominado pela excitação. Porém, após alguns passos, ou talvez no momento em que descia ao café de Ahmad Abdu, uma lembrança dolorosa surpreendeu-o e encheu o seu coração de melancolia. Fahmi batia à porta da sua imaginação por meio de um turbilhão de recordações: a sua figura, os traços do seu rosto, o seu modo de falar, os seus gestos... A sua alegria esmoreceu, depois desgastou--se e uma tristeza pesarosa perpassou-o. Tudo isso tinha de cessar... Porquê?...

Continuava ainda a interrogar-se ao cabo de uma hora, ou mesmo tendo mais de um dia volvido, e a resposta era sempre idêntica: Fahmi. Mas que conexão existiria entre ambos? Um dia o irmão desejara pedir a mão da rapariga, é verdade. Porque não o havia feito?... "O teu pai não estava de acordo. Somente por isso? Era este, pelo menos, o cerne da questão. E a seguir?... Dera-se o escândalo com o inglês, que acabara por aniquilar qualquer vestígio esmaecido... vestígio esmaecido? Sim, porque com toda a certeza ele a esquecera. Havia começado por esquecer e depois por renegar tudo? Sim. Mas que conexão existiria?... Nenhuma? Mas então!!... Quero falar do sentimento fraternal, haverá alguém que poderia colocar alguma dúvida sobre este teu sentimento? Não, mil vezes não! A rapariga não valia a pena? Claro que sim, pelo menos no que toca ao rosto e ao corpo. Por causa do rosto e do corpo, por que motivo esperarias?"

Acontecia-lhe de vez em quando vê-la da janela, depois sobre o terraço. Sobre o terraço inúmeras vezes.

"Porque se terá divorciado? Por certo, o marido devia ter mau génio. Assim sendo, o divórcio foi uma sorte para ela. Ou achas que foi ela quem se portou mal? Assim sendo, o divórcio foi uma sorte para ti. Levanta-te, senão vais adormecer."

Bocejou, passando os seus dedos grossos pelos cabelos desgrenhados, depois disse:

- Tens sorte por ter férias escolares tão longas!
- E, no entanto, acordei antes de ti.
- Contudo podes voltar para a cama, se quiseses.
- Como vês, não quero.

Yassín riu maquinalmente antes de perguntar:

- Como se chamava o soldado inglês, o teu velho amigo?

- Oh!... Julian. O que te leva a perguntar-me por ele?

- Nada!!

"Nada? Quão estúpida é a nossa língua! Yassin não seria melhor do que Julian? Julian partira e Yassin pelo menos estava ali. Há algo no rosto dela que te sorri constantemente. Não notaste com quanta assiduidade se mostra sobre o terraço? Claro que sim!" E lembrou-se de Julian. "Deve ser uma das que não deixa escapar nada. Devolveu a tua saudação... Da primeira vez, voltou a cabeça a sorrir, da segunda, riu-se. Como é maravilhoso o seu jeito de rir!... Da terceira vez, fez-me sinal para ser cauteloso, indicando-me os terraços das casas. "Voltarei depois do pôr do Sol", disseste tu com atrevimento. Acaso Julian não lhe enviara um sinal da rua principal?"

- Quanta simpatia tinha em pequeno pelos Ingleses! E vê como agora os detesto...

- Saad, o teu herói, foi pedir a amizade deles!

- Por Allah! - rebentou Kamal acerbo -, odiá-los-ia, mesmo se fosse o único a fazê-lo.

Estavam a trocar um olhar de silencioso azedume quando os surpreendeu o mído dos socos de madeira do sayyed que voltava para o quarto, recitando "Em nome de Allah, o Clemente, o Misericordioso... Não há força ou poder senão em Allah".

Yassin deixou-se deslizar da cama e abandonou o quarto a bocejar. Kamal voltou-se para o lado, depois estendeu-se molemente sobre as costas, dobrou os braços e cruzou as palmas atrás da nuca. Ficou a olhar em frente, com os olhos perdidos no vazio.

"Ras el-Barr ^[15](no) tem a felicidade de te ter lá. A tua pele de anjo não foi feita para queimar sob o ardor do Cairo. Que a areia se deleite com a pegada dos teus pés e a água e o ar rejubilem com a tua visão! Elevarás até às estrelas o renome desta estância de Verão. Os teus olhos, minha amada, entoarão a tua exultação e a tua paixão pungente ao passo que eu ficarei a contemplá-los com o coração inflado de desejo, tentando imaginar infeliz aquele local que te conquistará e granjeará o mérito da tua satisfação. Mas para quando o teu regresso? Quando se verterá nos meus ouvidos o teu trinado cativante? Como se está na estância de Verão? Quem me dera saber! Dizem que se é livre como o ar, que ali se está entre os braços do mar. que ali nascem amores apaixonados, numerosos quais grãos de areia. Muitos têm a

sorte de contemplar o teu semblante. Eu, pelo contrário... Eu sou aquele cujo pulsar do teu coração faz gemer os muros e me consome na chama da espera. Jamais esquecerei o teu rosto radiante quando me murmuraste: "Partimos amanhã... como Ras el-Barr é maravilhoso!", nem o meu desconsolo enquanto recebia da tua boca iluminada pela alegria o anúncio da tua partida, como quem respira o veneno oculto num ramo de flores olorosas, nem o ciúme que experimentei das coisas inanimadas que souberam fazer-te feliz, enquanto eu era incapaz, e ganhar os teus favores, enquanto eu era posto de parte. Não te deste conta da minha desolação no momento da despedida? Não, não notaste nada, não porque estava só no meio de muitos, mas porque tu, minha amada, não estás habituada a reparar... eu era como que um objecto indigno de atrair a tua atenção... e tu como que uma criatura sobrenatural e estranha à vida, que olhava sobranceira com os olhos perdidos num reino por nós desconhecido. Assim permanecemos face a face. Tu qual uma chama de inocente exultação, eu qual cinza silente e triste. Tens tido uma liberdade absoluta ou talvez obedeças a leis que nos estão vedadas. Debato-me no teu universo atraído por uma força prodigiosa... como se fosses o Sol e eu a Terra. Será que encontra; te à beira-mar uma liberdade de que não gozavas nas vivendas de e -Abbasiyya? Não, por aquilo que representas para mim... não és como a demais. No jardim do palácio e na rua, respiramos ainda vestígios dos pei fumes dos teus pés... e, no coração de todos os companheiros, recordação e esperanças... Uma menina fácil e inacessível ao mesmo tempo, que eri torno de nós gira como nenhuma outra no mundo, como se o Oriente lhe houvesse pedido uma dádiva do Ocidente na Noite do Destino [\[16\]](#)(no).

Que novo favor concederás se a margem for demasiado grande e o horizonte demasiado longínquo e a beira-mar estiver repleta de olhos que te admiram? Que novo favor, ó tu, minha esperança e minha infelicidade?! O Cairo sem ti está vazio, transpira melancolia e solidão, nele permanece c refugo da vida e dos viventes... Tem as suas paisagens e os seus monumentos célebres, mas estes não falam de alegria nem enternecem o coração, e são quase afrontas e reminiscências da vida num túmulo faraónico jamais profanado. Nenhum local do Cairo me promete conforto, divertimento ou gáudio. Aqui sinto-me alternadamente sufocado, prisioneiro, perdido e

desorientado, sem que ninguém me procure. Oh! Que espanto! Far-me-á a tua presença recobrar uma esperança da qual a tua ausência me privara? Não, minha sorte e meu destino! Contudo assemelha-se ao objecto dos desejos: refugiar-me sob a tua asa traz refrigério e paz, embora seja impossível de alcançar. Poderá ter conforto quem ávido escruta o céu obscuro... ao saber que a Lua brilha do outro lado da Terra? É claro que não, pois no final de contas também não sabe de que modo ter a Lua.

Apenas anseio possuir a vida, na sua essência e embriaguez, ainda que com dores aflitivas. Ademais tenho de dizer que também tens a tua quota-parte no que faz palpar o meu coração e a ti devo esta criatura mágica: a memória. Ignorava a singularidade desta antes de te conhecer. Hoje ou amanhã ou dentro de um século em el-Abbasiyya ou em Ras el-Barr ou noutro ponto da terra, os teus olhos negros e serenos não hão-de desamparar a minha mente. As tuas sobrelhas unidas, o teu nariz direito e gracioso, o teu rosto cor de pérola e moreno, o teu longo pescoço, a tua silhueta esguia e tudo aquilo que poderia ainda dizer do fascínio que te rodeia, tão longe de poder ser descrito e tão inebriante como a fragrância dos jasmíns... esta tua imagem, desejaria possuí-la para sempre enquanto for vivo. E, quando a vida declinar, que tombem então as barreiras e os obstáculos para que o destino seja... meu, só meu, por ter com todo o meu ser amado este amor... ou diz-me que sentido dar a esta existência ou que fragrância almejar para a eternidade.

Não julgues que tenhas sondado a essência da vida se não amaste. O ouvido, a visão, o gosto, a seriedade, o divertimento, a amizade, o triunfo são alegrias pelas quais se apaixonava tão-só aquele cujo coração transborda de amor. Desde o primeiro olhar, meu coração! Não despreendi os olhos dela senão após ter tido a certeza de que era uma visita eterna, não passageira. Um instante efémero e determinante, um daqueles capazes de fecundarem os ventres e abalarem a terra. Meu Deus, já não sou eu. Quais muros, as costelas comprimem o meu coração. Os mistérios da magia revelam os seus segredos. A razão titubeia até alcançar a loucura. O prazer lampeja fugaz antes de abraçar a dor. As cordas do ser e da alma soltam o canto das suas secretas harmonias. O meu sangue clama por auxílio sem saber porquê. O cego vê, o estropeado caminha e o morto ressuscita. Fiz-te

jurar sobre cada pessoa que te é querida que jamais partirias. Tu, meu Deus, estás no céu, mas ela está aqui, na terra. Estou convencido de que a minha vida pretérita foi uma preparação ao anúncio do amor. Não morri em criança, não frequentei outra escola para além daquela de Fuad I, não fiz amizade com Hussein antes de qualquer outro aluno daquela escola, não... todas estas coisas para um belo dia ser convidado ao palácio da família de Shaddad. Ah!... Quantas lembranças! Quase que se me dilacera o coração ao voltar a pensar nisso. Eu, Hussein, Ismael e Hassan estávamos todos a discutir uma quantidade de questões quando aos nossos ouvidos chegou uma voz melodiosa que nos saudava. Voltei-me muito admirado... Quem era aquela rapariga que se dirigia a nós?... E como podia ela aventurar-se no meio de pessoas desconhecidas?... Mas bem rápido cessei de me colocar tantas perguntas e esqueci toda a espécie de tradições... Achei-me na presença de uma criatura que não podia ter vindo desta terra. Parecia amiga de todos, mas não de mim. Hussein apresentou-nos dizendo: "O meu amigo Kamal... A minha irmã Aida." Naquela noite soube porque viera ao mundo... porque não morrera... porque as circunstâncias me haviam impelido para el-Abbasiyya, Hussein e o palácio dos Shaddad. Quando se dera tudo isso? Ai de mim! O momento exacto olvidara-o por completo, mas o dia não, era um domingo... dia feriado para eles na escola francesa que frequentavam e que coincidia com um feriado oficial, talvez o muled [\[17\]](#)(no) do Profeta. Era com certeza o dia do meu nascimento. E, aliás, de que adianta conhecer a data? O fascínio enganador do calendário limita-se a dar a ilusão de que a recordação ressurgir e regressa, ainda que saibamos que nada pode retornar. Não deixarei de procurar a data e de te repetir: "Foi no início do segundo ano de escola... Outubro, Novembro... quando Saad partiu para visitar o Alto Egipto e antes do seu segundo exílio", interrogando a minha memória, os testemunhos, os eventos. Não farei nada mais senão tentar obstinadamente ligar uma existência a uma felicidade perdida e a um período volvido para todo o sempre. Se lhe tivesses dado a mão no momento das apresentações, como estiveras à beira de fazer, ela teria estreitado a tua e terias sentido o contacto da sua pele. É o que por vezes te sucede imaginar com um sentimento cheio de dúvidas e de amor exaltado, como se ela não passasse de uma criatura incorpórea e intocável.

Perdeu-se assim uma oportunidade qual um sonho, como se perdera irremediavelmente o instante daquele encontro. Depois ela voltara-se para os seus dois amigos para falar com eles e, enquanto estes a entretinham com versando com à-vontade, encolhias-te na tua cadeira, debaixo da pérgula imerso na confusão de um jovem enfartado com as tradições do bairro de el-Hussein. De tal modo assim era que principiavas outra vez a interrogar -te: "Mas... serão estas tradições típicas dos palácios, ou ventos da moda vindos de Paris, nos braços da qual a tua amada cresceu?..." Para depois; afundares-te na melodiosa doçura da sua voz, saborear as suas inflexões extasiar-te com o seu trinado e penetrar-te com cada palavra que dela saía. Talvez, pobre de ti, naquele instante não te apercebeste de que estavas a nascer uma segunda vez e, como qualquer recém-nascido, acolheste a medo e com lágrimas a tua nova existência. "Esta noite iremos ver a Ghandura^{1*}", declarara a jovem da voz melodiosa. "Gostas de Munira el-Mahdiyya? [\[19\]](#)(no final da página)", perguntara-lhe Ismael sorrindo. Mas ela, como convinha a uma rapariga semipariense, vacilara na resposta e depois dissera: "A minha mãe gosta." Hussein, Ismael e Hassan haviam então principiado a falar de Munira, de Sayyed Darwish, de Salih Abd el-Hayy e de Abdel Latif el-Banna [\[20\]](#)(no).

Em seguida, antes que te desses conta, a voz melodiosa havia perguntado: "E tu, Kamal... gostas de Munira?" Lembras-te daquela pergunta que assim caíra de chofre e inopinada? Quero dizer, recordas-te daquela melodia natural que ela encarnava? Não eram simples palavras, mas um canto subtilíssimo, um sortilégio que dentro de ti havia criado raízes, para aí cantar para todo o sempre com uma voz jamais ouvida, ao som da qual o teu coração se fundia numa felicidade celestial que ninguém mais conhecia além de ti. Que assombro experimentaras ao ouvi-la! Parecia retinir ao ouvido vindo do céu, escolhera-te e repetia o teu nome. Saciaras-te com um só sorvo de toda a glória, de toda a felicidade e ficaras por demais extasiado, naquele estado terias desejado gritar por ajuda e dizer: "Corram, amigos... cubram-me com um manto [\[21\]](#)". Depois havias respondido, embora não recorde o que disseras. Ela permanecera por mais alguns momentos, depois saudara-nos e retirara-se. Os seus olhos negros deixavam resvalar um olhar gracioso que contribuía para exaltar ainda mais a sua cativante beleza, fruto de uma amena franqueza e de uma

audácia que advinham da confiança que em si mesma tinha - não com despudor, não, e muito menos com irreverência - e de um orgulho que incutia temor, como se em simultâneo ela atraísse e repelisse. A sua beleza surgia envolta num fascínio inexplicável e ímpar.

Muitas vezes imaginei que a sua beleza não passasse da sombra de um encanto mais vasto oculto na sua pessoa.

Por qual destas duas razões a amo? Uma e outra são um mistério e este meu amor é outrossim um mistério.

Aquele dia afasta-se cada vez mais com o transcorrer do tempo, mas as suas recordações continuam arraigadas no meu coração. Cada qual tem um lugar, uma data, nomes, amigos e diálogos, em torno dos quais o coração se inclina embevecido, ao ponto de imaginar que estes são a vida e inter-rogar-se, perplexo: "Ainda há vida para além de tudo isso? Ainda há realmente um tempo anterior, em que o meu coração existiu sem amor e em que a minha alma existiu sem aquela figura divina?" Quem sabe, talvez estejas por demais enlevado pela felicidade que pranteias o que perdeste no teu árido passado, e talvez a dor te oprima tanto que te leve a penar pela paz que te desamparou, e entre uma e outra coisa o teu coração não consiga achar repouso, e erre à procura de cura agarrando-se a todos os remédios para o espírito, que ora encontra na natureza, ora na ciência, ou na arte ou ainda mais frequentemente no culto a Allah... Um coração que despertou e das profundezas do qual emana um desejo ardente de beatitudes celestiais. Ó gente... amai ou morrei. É o que diz o estado em que te achas, enquanto caminhas ufano e orgulhoso da luz e dos segredos do amor que dentro de ti carregas. O facto de te sentires assim, acima da vida e dos viventes, faz com que te tornes altivo e que uma ponte alfombrada das rosas da felicidade ligue as tuas forças àquele céu. Mas, se num outro momento sucede que te concentres em ti mesmo, então surge uma sensação dolente e enferma, a de teres em ti as imperfeições que te confrangem e te relegam ao teu ser ínfimo, no teu mundo insignificante e na tua natureza humana imperfeita. Meu Deus! Como te procurar? Este amor é um tirano que se ergue orgulhoso acima de todos os valores e na sua esteira refulge a tua amada! Não possui todas as virtudes e não está isenta de defeitos, mas sobre o seu diadema de pérolas a imperfeição reluz com uma graça que te deixa atemorizado. Julga-la talvez condenável devido à sua insur-gência contra os

costumes vigentes? Pelo contrário, sê-lo-ia se a estes se conformasse. Por vezes gostas de te perguntares: "O que esperas deste amor?" Responde com simplicidade: "Amá-la!" Será possível que a alma seja inundada por toda esta vida e tu ainda fiques a interrogares-te se terá alguma finalidade? Nada há além dela. Foi o hábito que uniu entre si as palavras amor e casamento. Não é só a diferença de idade e de condição que torna o matrimónio uma meta impossível nesta minha situação, mas o casamento em si, que faz com que o amor desça do seu céu para esta terra de contratos e suor. E se alguém insistisse em pedir-te contas e te perguntasse: Qual o favor que ela te concedeu em troca da paixão com que a amas?", responde-lhe sem vacilar: "Um sorriso fascinante; aquela sua exclamação que me é querida "ó Kamal", aquele seu deambular no jardim em momentos raros e felizes, permitindo-te contemplá-la na manhã ainda fresca de orvalho... o automóvel da escola no qual ela passa... o seu jeito aguilhoar a fantasia durante as exaltações dos devaneios e no torpor i sonhos." E aquela alma ciumenta e delirante deveria perguntar-te: "E co poderia o ídolo interessar-se pelo seu adorador?" Responde-lhe sem te deixares levar por ilusões de esperanças especiosas: "Já era bom se, no seu regresso, pelo menos se lembrasse do nosso nome..."

- Já podes entrar, a casa de banho está livre. Demorei-me muito?! Kamal volveu o olhar aturdido para Yassin, que entrara no quarto secando a cabeça com a toalha, depois saltou para o chão e a sua alta estatura surgiu, magra e esguia. Ficou um longo momento a observar-se ao espelho como que a examinar detalhadamente a grande cabeça e a fronte proeminente e aquele nariz que pela grossura e pela robustez parecia esculpida no granito. Depois pegou na sua toalha na cabeceira da cama e dirigiu-para a casa de banho.

O sayyed Ahmad, que terminara a sua oração, alteou a sua voz profunda para a habitual prece para pedir pelos filhos e por si, implorando a Allah que guiasse os seus passos e lhe concedesse a Sua protecção sobre esta terra e no além. Nesse somenos, Amina estava empenhada na confecção da refeição. Depois encaminhou-se para o quarto do sayyed e pediu-lhe - com o habitual tom de modéstia - que viesse tomar o pequeno-almoço, após o que se dirigiu para o quarto de Yassin e de Kamal e repetiu o convite.

Os três tomaram lugar em torno do grande tabuleiro de metal. O pai

recitou a basmalah^[22] e pegou num naco de pão como sinal para principiarem a comer. Primeiro Yassin, depois Kamal imitaram-no ao passo que a mãe permanecia, como seu hábito, de pé, ao lado do tabuleiro de terracota com as jarras de água. A reserva dos dois irmãos denotava educação e obediência, mas as suas almas estavam já libertas - ou quase - daquele temor que outrora os avassalava na presença do pai: Yassin, porque o facto de ter atingido os vinte e oito anos lhe havia conferido uma certa prerrogativa de homem feito e um sólido garante contra os vexames mordazes e a hostilidade mesquinha, e Kamal por ter atingido os dezassete anos e pelo sucesso nos estudos que lhe haviam igualmente conferido uma espécie de imunidade, ainda que não do mesmo alcance da de Yassin, e realmente o sayyed não poupava nem o perdão nem a indulgência, pelo menos nos erros de menor relevo, de tal modo que o jovem, nos últimos anos, percebera no seu pai um comportamento que perdera parte da sua usual tirania e que não incutia mais o antigo terror. Já não era raro que, sentados à mesa, entabulassem uma breve conversa após o pavoroso silêncio que antigamente pesava sobre a refeição deles, a não ser que fosse o próprio pai a colocar uma pergunta a algum deles e este diligentemente respondesse a balbuciar com a boca ainda cheia. Por certo, já não era tão estranho Yassin dirigir a palavra ao pai e lhe dizer, por exemplo: "Ontem fui ver Ridwan a casa do avô. Manda a todos muitos cumprimentos e beija-lhe as mãos" sem que o sayyed considerasse esta intervenção um atrevimento despropositado, respondendo-lhe tão-só: "Que Allah o conserve e o guie." Nisso, não era de excluir que Kamal perguntasse com delicadeza, fomentando um assinalável progresso na história da sua relação com o pai: "Quando é que Ridwan ficará legalmente a cargo do pai?" E o sayyed respondia-lhe: "Quando tiver sete anos!" ao invés de lhe gritar: "Está calado, filho de cão."

Um dia Kamal experimentou o prazer de reencontrar a data da última injúria que o pai lhe dirigira e lembrou-se de que remontava a cerca de dois anos antes, ou talvez um ano depois de se ter enamorado de Aida - era aquele evento que doravante relacionava todas as coisas. Fora quando se apercebera de que os seus laços de amizade com jovens como Hussein Shaddad, Hassan Salim e Ismael Latif exigiam um aumento considerável da quantia que lhe servia para as pequenas

despesas, para poder estar de igual para igual nos seus divertimentos inocentes. Queixara-se disso à mãe, pedindo-lhe que o dissesse ao pai. E, se bem que falar com o pai de um semelhante assunto não fosse tarefa fácil para Amina, ela havia encontrado todavia o modo de enfrentar o esposo graças à mudança de atitude que ele começara a ter para com ela após a morte de Fahmi. Falara com ele sublinhando a nova relação, dignificante para o filho, com amigos da "alta sociedade".

Fora então que o sayyed chamara Kamal e despejara sobre ele a sua cólera, gritando-lhe: "Assim julgas que estou às tuas ordens, ou às ordens dos teus amigos! Malditos sejam o teu pai e os deles!"

Kamal retirara-se desapontado, convencido de que o assunto ficara encerrado... Mas, no dia seguinte, à mesa, durante o pequeno-almoço, o pai perguntara-lhe, para seu grande espanto, o nome dos seus amigos e, mal ouvira o nome de Hussein Abdel Hamid Shaddad, perguntara-lhe com interesse: "Este teu amigo é de el-Abbasiyya?" Kamal respondera afirmativamente, com o coração a palpar...

- Conheço o seu avô, Shaddad bey - volveu o sayyed - e sei também que o seu pai, Abdel Hamid bey, esteve exilado no estrangeiro por causa dos seus antigos laços com o quediya Abbas. Não é assim?

Kamal respondera outra vez afirmativamente, tentando soffrear a emoção suscitada pelas palavras proferidas acerca do pai da sua amada. Recordara num repente o que soubera sobre os anos que a família havia passado em Paris, onde a rapariga crescera sob a claridade da Cidade-Luz, e não pudera deixar de sentir pelo pai um entusiasmo e um respeito renovados, e um recrudescido afecto, tendo em conta o facto de ter conhecido o avô da sua amada, encantador feitiço que o prendia - ainda que de longe - à terra da inspiração e ao berço do esplendor. Não muito tempo depois, a mãe comunicara-lhe a boa nova, o pai consentia em duplicar a soma de dinheiro que lhe dava para as pequenas despesas.

Desde aquele dia não sofrera qualquer outro insulto, quer porque nada fizera que assim o justificasse, quer porque o pai considerara oportuno poupá-lo definitivamente a este tipo de ofensa.

Kamal estava em pé, ao lado da mãe, na machrabiyya, espreitando juntos o sayyed Ahmad em baixo na rua, enquanto respondia com circunspecção e polidez às saudações de amm^[23] Hassanein, o

barbeiro, de el-Hajj Darwish, o vendedor de favas, de el-Fouli, o leiteiro, de Bayyumi, o vendedor de xaropes e de Abu Sari, o dono da loja de pevides grelhadas. Depois retirou-se para o seu quarto, onde encontrou Yassin em pé frente ao espelho, aprontando-se com elegância de forma esmerada e paciente. Sentou-se no sofá colocado entre as duas camas e com um olhar divertido e distraído deteve-se a contemplar o corpo do irmão, alto e majestoso, e o seu rosto redondo e viçoso. É verdade que nutria por ele um amor fraterno sincero, mas não podia - sempre que nele pensava ou para ele olhava atentamente - repelir a sensação inconfessa de se achar na presença de um "belo animal doméstico", embora fosse ele quem, antes dos demais, fizera ecoar aos seus ouvidos as declamações harmoniosas de poemas e as narrações cativantes de fábulas. Perguntara-se outrossim, não raras vezes, como costuma perguntar quem vê no amor a essência da vida e do espírito, se seria possível imaginar um Yassin apaixonado, e a resposta exprimia-se, invariavelmente, sob a forma de uma gargalhada contida ou impetuosa. O que podia haver em comum entre o amor e aquele ventrudo ufano? Que ligação poderia imaginar entre o amor e aquele corpo gorducho? Ou que coisa teria a ver o amor com aquele olhar lascivo e escarnecedor? Não conseguia, ademais, deixar de experimentar em relação a ele um sentimento de desprezo, se bem que mitigado pela ternura e pelo afecto, embora não desprovido, por vezes - sobretudo nos momentos em que o seu amor soçobrava face a uma crise de dor e de abatimento -, de um sentimento de admiração, e até de inveja.

Yassin acabara também por aparecer aos seus olhos como a pessoa mais distante do pedestal da cultura, sobre o qual ele próprio o alçara no passado, quando o julgara um sábio capaz de maravilhar, em virtude do seu perfeito domínio na arte da declamação e da narração. Com o transcorrer do tempo ele revelara-se, pelo contrário, um leitor superficial que se contentava em passar uma breve hora sentado à mesa do café saltitando sem pejo ou embaraço da hamasa^[24] para um qualquer conto, antes de partir para o café de Ahmad Abdu. Uma vida despojada da magnificência de um amor verdadeiro, do anseio por uma cultura a conquistar. E disso estava persuadido, embora alimentasse pelo irmão, que se entregara a uma semelhante existência, um amor genuíno.

Fahmi não era assim! Fora o seu exemplo a seguir no amor e na razão. E todavia parecera-lhe, nos últimos tempos, um tanto distinto de como sempre imaginara que fosse.

Duvidara, até quase ter deveras a certeza, que uma rapariga como Mariam fosse capaz de inspirar na alma um amor tão verdadeiro como aquele que resplendera no coração de Fahmi, como duvidara também que a cultura jurídica pela qual o seu defunto irmão tinha uma forte propensão pudesse suportar o cotejo com o conhecimento do saber humanístico a que ele aspirava com todas as forças do seu espírito. Observava aqueles que estavam à sua volta com um olhar inclinado à ponderação e à censura.

Passou todos em revista, sem deixar escapar ninguém mas, quando chegou a vez do seu pai, não ousou pousar o pé no limiar do seu mundo. Para ele, aquele homem parecia algo de ingente, augustamente sentado num trono e acima de qualquer crítica!

- És tu quem hoje é festejado! Mais um dos teus triunfos, não é? Se não fosses tão magro, não acharia nada a desaprovar em ti!...

- Estou muito satisfeito - respondeu Kamal com um sorriso.

Yassin examinou-se uma última vez ao espelho, depois colocou o fez assegurando-se de que estava ligeiramente enviesado para a direita quase a tocar ao de leve a sobancelha, para em seguida declarar, entre um arrote e outro:

- És um grande burro com um bacalaureato. Aproveita, come e descansa, agora que estás de férias. Como é que te passa pela cabeça ler durante as férias o dobro do que lês durante o ano escolar?! Louvado seja Allah por eu não ter nada em comum com a tua magreza e com os tipos da tua laia!

Depois, abandonando o aposento e brandindo o enxota-moscas com cabo de marfim:

- Não te esqueças de escolher para mim um bom conto, como Pardaillan e Fausta^[25], percebeste?... Houve um tempo em que me imploravas que te lesse um capítulo de um romance. Oh! Quão distante é aquela época em que te aguçava a mente com a leitura de contos!

Kamal alegrou-se com aquela solidão na qual podia finalmente internar-se em si mesmo. Depois levantou-se regougando: "Como poderia ser assim tão gordo quando o coração não se aquieta?!" Só lhe

agradava rezar quando estava sozinho e livre. Uma oração que mais se assemelhava a um combate, no qual tomavam parte o coração, a alma e o espírito. O combate de quem não poupa esforços para preservar estreme e límpida a consciência, apesar de persistir em pedir contas, de fornica incessante, por um erro ou um pensamento... Quanto aos votos formulados no fim de cada oração... estes eram para ela, para ela só...

[9] Nome que no Cairo foi dado à mesquita que alberga o túmulo de el-Hussein, filho de Ali e de Fátima, e neto do Profeta. Morreu de forma trágica em Karbala em 680. É sobretudo venerado pelos Xiitas.

[10] Literalmente, senhora.

[11] Doce cortado em pequenos cubos de massa folhada recheada de mel, pistácio ou nozes.

[12] Literalmente, festividades.

[13] Túnica comprida de algodão aberta sobre o peito.

[14] Pontão ancorado nas margens do Nilo sobre o qual estava edificada uma casa de tábuas utilizada na maior parte das vezes como ponto de encontro ou local de prostituição.

[15] Estação balnear de renome que se situa ao norte do distrito de Damietta (ponta oriental do delta).

[16] Noite em que segundo a tradição muçulmana o Alcorão foi revelado ao profeta Muhammad.

[17] Literalmente, aniversário do nascimento. Festa que se celebra por ocasião do nascimento das grandes figuras do Islão.

[18] Opereta de Dawud Husni, a partir da qual foi realizado um filme com Munira el-Mahdiyya no papel principal.

[19] Célebre cantora do Egipto nos anos 20 que, tendo fundado o seu teatro, se notabilizou nos grandes papéis de operetas egípcias (Saladino, Aida, Ali Nour Eddin) ou europeias (Cármem, Thais, Semiramis, etc). Falecida em 1965, apenas será destronada por Oum Kalsoum.

[20] O sheikh Abdel-Latif el-Banna, falecido em 1970, é o pioneiro da canção breve, alegre, sentimental, de inspiração popular. Sayyed Darwish (1892-1923) representa a mesma tendência mas no teatro, onde realizou operetas e peças realistas sobre a vida egípcia. Salih Abd

el-Hayy (1896-1962) era um cantor da escola clássica. A aura destes três cantores, cada um na sua área, era enorme no Egito da época.

[21] Palavras atribuídas ao Profeta logo depois de ter experimentado o êxtase arrebatador da Revelação numa gruta do monte Hira.

[22] O mesmo que "Bismillah Ar-rahman Ar-rahtm, ou seja, Em nome de Ailah, o Clemente, o Misericordioso".

[23] Literalmente, tio paterno, designação que é comumente usada para se referir a uma pessoa de uma certa idade, mesmo quando não há laços de parentesco.

[24] Colectânea de poesias antigas e de referências sobre poetas antigos que foi composta por Abu Tammam, falecido em 842. O seu título deriva do primeiro capítulo dedicado à coragem (hamasa).

[25] Pardaillan e Fausta-, obras de Michel Zevaco, traduzidas para árabe por Tanios Abdu e editadas a partir de 1925.

CAPÍTULO 3

Abdel Munim: "O pátio tem mais espaço do que o terraço. Temos de retirar a tampa do poço para ver o que há lá dentro." Naima: "A mãe, a tia e a avó vão ficar zangadas." Otman: "Ninguém nos verá..."

Ahmad: "O poço é horrível. Quem olha para o seu interior morre." Abdel Munim: "Levantemos a tampa e olhemos de longe." Depois em voz alta: "Sim, desçamos."

Umm Hanafi, obstruindo a porta do terraço: "Já não tenho forças nem para descer nem para subir. Quiseram subir para o terraço e subimos para ele; quiseram descer para o pátio e para lá descemos, pediram para subir outra vez ao terraço e subimos mais uma vez. O que pensam encontrar no pátio? Está calor, lá em baixo. Aqui, pelo contrário, há uma agradável aragem. Além do mais, dentro em breve será o pôr do Sol."

Naima: "Eles vão levantar a tampa do poço para ver o que há lá dentro."

Umm Hanafi: "Olhem que vou chamar sitt Khadiga e sitt Aisha."

Abdel Munim: "Naima é uma mentirosa. Não vamos destapar o poço, não temos qualquer intenção de nos aproximarmos dele. Queremos só brincar um pouco no pátio. Depois voltaremos a subir. Também podes ficar aqui até estarmos de regresso."

Umm Hanafi: "Ficar aqui?! Irei atrás de vocês para onde forem. Que Allah os guie... Não há lugar mais bonito do que o terraço, em toda a casa. Olhem para aquele jardim!"

Muhammad: "Agacha-te, para que eu suba às cavalitas..." Umm Hanafi: "Acabem com esta vontade de cavalgar... escolham uma outra brincadeira. Allah! Allah! Olhem antes para os jasmins e a hera... olhem para os pombos..."

Otman: "És feia como uma vaca e exalas um cheiro nojento..." Umm Hanafi: "Allah te perdoe! Suei imenso porque andei a correr atrás de vocês..."

Otman: "Deixa-nos ver o poço, nem que seja por um instante." Umm Hanafi: "O poço está cheio de espíritos. Foi por isso que o vedamos."

Abdel Munim: "Mentirosa! A mãe não disse isso, nem a tia." Umm

Hanafi: "Sou eu quem sabe a verdade, eu e a minha grande senhora. Vimo-los com os nossos olhos. Até esperámos que eles reentrassem depois colocamos a tampa de madeira sobre a abertura do poço pondo pc cima uma pedra pesada. Esqueçam o poço e digam comigo: 'Em nome de Deus, o Clemente, o Misericordioso.'"

Muhammad: "Agacha-te para que eu suba às cavalitas."

Umm Hanafi: "Olha mas é para a hera e o jasmim! Quem lhes dera terer tais coisas em vossa casa. Mas sobre o vosso terraço há só galinhas e dois carneiros que estão a cevar para a festa." Ahmad: "Bééé... bééé..."

Abdel Munim: "Vamos lá, dá-nos uma escada... queremos subir..."

Umm Hanafi: "Meu Deus! É igual ao tio. Brinquem no chão, não no ar."

Ridwan: "Na varanda da nossa casa e no salamlik^[26] há vasos de rosa: vermelhas e brancas e de cravos."

Otman: "E nós temos dois carneiros e galinhas."

Ahmad: "Bééé... bééé..."

Abdel Munim: "Eu frequento a kuttab. Qual de vocês vai à kuttab?"

Ridwan: "Eu já sei de cor 'Louvado seja...^[27]'".

Abdel Munim: "Louvado seja, qual quê!"

Ridwan: "Cala o bico, ó infiel!"

Abdel Munim: "Mas é aquilo que o arifm cantarola na rua..."

Naíma: "Dissemos-te mil vezes que não repetisses as suas palavras..."

Abdel Munim, voltando-se para Ridwan: "Porque é que não vives com o teu pai, o tio Yassin?"

Ridwan: "Vivo com a minha mãe."

Ahmad: "Onde está a tua mãe?"

Ridwan: "Na casa do outro avô!"

Otman: "Onde mora o outro avô?"

Ridwan: "Em el-Gammaliyya!... Numa grande casa com um salamlik."

Abdel Munim: "Porque é que a tua mãe vive numa casa e o teu pai noutra?"

Ridwan: "A minha mãe vive com o avô de lá e o meu pai com o meu avô de cá."

Otman: "E porque não estão numa só casa como o meu pai e a

minha mãe?"

Ridwan: "Assim o decidiram o destino e a sorte. É assim que diz a minha outra avó muitas vezes."

Umm Hanafi: "Insistiram tanto em fazê-lo confessar. Não há poder nem força senão em Allah! Agora deixem-no em paz e vão brincar."

Ahmad: "Agacha-te para que suba às cavalitas."

Ridwan: "Olhem, está um pássaro sobre o ramo da hera."

Abdel Munim: "Dêem-me uma escada e eu apanho-o."

Ahmad: "Não levantes a voz. Está a olhar para nós e ouve cada palavra nossa."

Naima: "É tão lindo! Reconheço-o... é o pássaro que vi ontem em nossa casa, sobre a corda do estendal."

Ahmad: "Aquele de es-Sukkariyya era outro! Como teria conseguido saber o caminho até à casa do avô?"

Abdel Munim: "Burro! Um pássaro pode voar desde es-Sukkariyya até aqui e voltar antes da noite."

Otman: "Queres dizer que tem aqui a sua ninhada e lá os seus pais."

Muhammad: "Agacha-te para que eu suba às cavalitas. Senão começarei a chorar até que a minha mãe me ouça."

Naima: "E se brincássemos à macaca?"

Abdel Munim: "Não, brinquemos à corrida."

Umm Hanafi: "Sem bulha entre aquele que vencer e aquele que perder."

Abdel Munim: "Está calada, búfalo."

Otman: "Néé... néé... néé..."

Ahmad: "Béé... béé... béé..."

Muhammad: "Vou participar na competição cavalgando. Agacha-te para que eu suba às cavalitas."

Abdel Munim: "Um... dois... três..."

O sayyed Ahmad Abdel Gawwad mostrou-se hospitaleiro para com os convidados e pôs-se à inteira disposição destes durante toda a primeira metade do dia. Depois, tomou lugar bem no centro da mesa que incluía Ibrahim Shawkat, Khalil Shawkat, Yassin e Kamal.

Quando terminaram de comer, convidou os dois homens a

acompanhá-lo até ao quarto, onde começaram a discutir cordial e familiarmente, se bem que subsistissem ainda no sayyed um certo retraimento e nos dois genros alguma prudência devido aos modos que o homem tinha por hábito empregar junto dos da sua família, bem como dos parentes por afinidade, ainda que Ibrahim Shawkat, o marido de Khadiga, fosse praticamente da sua idade.

O sayyed convidou em seguida as crianças a virem ao quarto do avô para lhe beijarem a mão e receberem cada um o seu presente, que consistia em chocolates e malban^[29]. Assim fizeram uns atrás dos outros por ordem de idade, com Naima, a filha de Aisha, à cabeça, depois aproximou-se Ridwan, o filho de Yassin, depois Abdel Munim, o primogénito de Khadiga, depois Otman, o segundo filho de Aisha, depois Ahmad, o segundo filho de Khadiga, e por último Muhammad, terceiro filho de Aisha. O sayyed foi completamente imparcial ao distribuir carinhos e sorrisos aos seus netos, aproveitando o facto de no aposento não haver ninguém a observá-lo - salvo Ibrahim e Khalil - e por isso podia deixar-se ir e lançar para trás das costas alguma da sua habitual reserva. Estreitava as mãozinhas que para ele se estendiam desejando-lhe todo o bem; dava beliscões de meiguice nas bochechas sadias e coloridas e beijava-os na fronte ora dando cascudos a este, ora brincando com aqueloutro, mas sempre atento a usar com todos da mesma imparcialidade, incluindo com Ridwan, o neto que amava mais que os outros.

Era um costume seu, quando se achava a sós com um dos seus netos, observá-lo com profundo embevecimento, movido por sentimentos puros, como a paternidade, e outros fortuitos, como a curiosidade. Sentia então um grande prazer ao voltar a desenhar os traços dos antepassados, dos pais e das mães nas novas gerações tumultuosas, que não haviam ainda aprendido a respeitá-lo ou temê-lo. Estava fascinado pela beleza de Naima, com aqueles cabelos que pareciam fios de ouro e aqueles olhos azuis, mais bela e mais deslumbrante que a sua mãe, que trazia como dádiva à família magníficos lineamentos de beleza, alguns derivados da mãe e outros da família Shawkat. Na esteira de uma tal beleza, seguiam-na os seus dois irmãos, Otman e Muhammad, que mostravam uma clara similitude com os traços do pai, Khalil Shawkat, em particular nos grandes olhos proeminentes de expressão plácida e lânguida. O

mesmo não se podia dizer dos filhos de Khadiga, Abdel Munim e Ahmad. A pele destes era, na verdade, a dos Shawkat, mas os olhos eram os da mãe, ou da avó, pequenos e belos, e o nariz prometia assemelhar-se ao da mãe, ou, para ser mais exacto, ao do avô. Ridwan, ao invés, só podia vir a ser belo. Coubera-lhe em sorte os olhos do pai ou talvez de Haniyya, negros e como que pintados com khôl, a pele cor de marfim dos Iffat e o nariz direito de Yassin. Sim, no seu rosto a beleza refulgia encantadora! Muito tempo havia transcorrido desde os dias em que os seus filhos se lhe dependuravam ao pescoço, sem receio por parte destes e sem formalidades nele, como hoje acontecia com os seus netos. Que dias belos eram aqueles e que belas recordações! Yassin, Khadiga, Fahmi, depois Aisha e Kamal... a todos havia feito cócegas sob as axilas e a todos pusera sobre os ombros. Lembrar-se-iam? Ele quase havia esquecido. Naima parecia, contudo, e apesar do seu sorriso maravilhoso, paramentada com o pudor e a reserva e quanto a Ahmad não cessava de pedir mais e mais chocolate e malban, ao passo que Otman aguardava impaciente pelos frutos daquela insistência. Muhammad, pelo contrário, lançava-se sobre o relógio de ouro e o anel com diamante colocados no fundo do fez e arrebatava-os e, somente pela força, Khalil Shawkat conseguiu arrancar-lhos da mão.

O sayyed conheceu alguns momentos de embaraço e confusão, sem saber o que fazer, acometido como era, até mesmo ameaçado de todas as partes, pelos netos.

Pouco antes do fim da tarde, o sayyed saiu de casa para ir à loja.

Com a sua partida, o salão onde se havia reunido o resto da família readquiriu a completa liberdade. O salão do andar de cima havia sido apetrechado com as esteiras e os sofás que haviam embelezado aquele andar desamparado e do tecto pendia o grande candelabro. Era ali que se juntavam doravante e tomavam o café os membros da família que haviam ficado na antiga casa. O salão havia conservado durante todo o dia, apesar de cheio de pessoas, a sua quietude, mas, assim que do sayyed não havia sobejado senão o perfume de água-de-colónia que se impregnara no ar, reco-meçou-se a respirar livremente, altearam-se as vozes e as gargalhadas, cada qual voltou a mover-se e os participantes entregaram-se à rotina de sempre. Amina sentara-se de pernas cruzadas sobre um sofá diante das cafeteiras e das taças de café. Num outro, à sua frente, sentaram-se Khadiga e Aisha, enquanto Yassin e

Kamal estavam sentados num terceiro sofá encostado à parede. Em breve juntaram-se-lhes Ibrahim e Khalil Shawkat - o sayyed já havia partido -, acomodando-se Ibrahim à direita da sogra e Khalil à sua esquerda.

Logo que se pusera à vontade, Ibrahim voltou-se para Amina e disse-lhe num tom carinhoso:

- Que Allah abençoe as mãos que nos ofereceram o mais delicioso e saboroso dos pratos! - depois, passando em revista os assistentes com os seus olhos proeminentes e lânguidos como se estivesse encetando uma conferência: - Tajins^[30]... E que tajins... A maravilha desta casa está não tanto no tajin em si com aquilo que dentro dele existe, por muito que seja gostoso e agradável, mas principalmente na forma perfeita de confeccioná-lo. É aí que está a arte, é aí que está o milagre. Indiquem-me, se forem capazes, tajins como aqueles que hoje devorámos!

Khadiga, que seguia com atenção as palavras deste, teria desejado corroborar as suas palavras, confirmando o talento da mãe, e ao mesmo tempo contestar aquele seu fingir em ignorá-la, e, quando ele se calou para dar aos que o escutavam a oportunidade de aprovar o seu ponto de vista, não pôde deixar de dizer:

- É um facto consumado e não é necessário que alguém o venha testemunhar. Quero porém recordar-te, e gostaria que também ponderasses nisso, que por mais de uma vez, em tua casa, encheste a barriga com tajins que nada tinham a invejar aos de hoje!

O rosto de Aisha, de Yassin e de Kamal esboçaram um sorriso assaz significativo, enquanto a mãe parecia tentar dominar a confusão, para colocar uma palavra em simultâneo de gratidão para Ibrahim e de contentamento para Khadiga, mas Khalil Shawkat para o espanto de todos imiscuiu-se na conversa, declarando:

- Sitt Khadiga tem razão. Os seus tajins gozam da nossa preferência, isso não podes esquecer-lo, meu irmão.

Ibrahim passeou o seu olhar entre a mulher e a sogra, alardeando um sorriso de desculpa, após o que disse:

- Allah me livre de menosprezar um tal valor! Mas era da nossa grande mestra que queria falar! - depois, rindo: - Seja como for, aqui estamos a enaltecer os méritos da tua mãe, não da minha!

Esperou que esmaecesse o estrépito das risadas suscitado pela sua

última afirmação e retomou o elogio interrompido voltando-se na direcção da sogra para acrescentar:

- Voltemos aos tajins. Mas para quê nos restringirmos a falar dos tajins! Na verdade, os outros pratos não estiveram aquém dos tajins no que toca à deliciosa e magnífica confecção. Tomem, por exemplo, as batatas recheadas, a mulukhiyya^[31], o arroz picante com fígados de aves e moelas, os vários recheados e, por Deus, os frangos com aquela carne tão firme... diga-me, querida sogra, o que lhes deu de comer?

- Alimenta-os com tajins!. - respondeu Khadiga, irónica.

- Durante muito tempo hei-de expiar o facto de ter reconhecido os méritos da pessoa que os possui, mas Allah perdoa e é misericordioso. Contudo, pedimos a Allah que multiplique os dias da alegria. Parabéns pelo seu baccalauréat, Si Kamal. E que se siga o diploma superior, inshallah^[32].

Com o rosto afogueado por pudor e satisfação, Amina disse, grata:

- Que Allah lhe dê igual contentamento com Abdel Munim e Ahmad, e também a Si Khalil com Naima, Otman e Muhammad - em seguida, virou--se para Yassin: - E igualmente a Yassin com Ridwan.

Kamal olhava furtivamente ora para Ibrahim ora para Khalil, tendo sobre os lábios um sorriso concertado que usualmente lhe servia para dissimular o tédio que sentia numa conversa da qual não retirava o menor prazer e na qual as conveniências lhe impunham ter de participar, ainda quando se limitava a escutar com delicadeza. O homem falava da comida como se ainda estivesse à mesa, extasiado pelo desejo de comer. A comida... a comida... a comida... porque merecia toda aquela consagração? Aqueles dois homens singulares não pareciam mudar com o tempo. Como se estivessem ao abrigo da sua voragem. O Ibrahim de hoje não diferia daquele de ontem. O facto de estar perto dos cinquenta anos havia-lhe deixado um resquício quase imperceptível sob os olhos ou em volta das comissuras da boca e um olhar grave e pesado que não lhe conferia seriedade, mas antes uma maior impassibilidade. E todavia nem um só cabelo - na cabeça ou entre os bigodes retorcidos - embranquecera. A sua corpulência manteve-ra-se firme e robusta, sem qualquer sinal de flacidez. Mas a similitude que unia ambos os irmãos, tirando certos traços irrelevantes, como a diferença entre os cabelos longos e lisos de Khalil e os cabelos cortados curtos de Ibrahim, as suas constituições robustas

e o olhar lânguido despertavam na verdade o riso e o escárnio.

Ambos envergavam um fato todo de seda branca, e cada qual havia retirado o casaco debaixo do qual exibiam uma camisa de seda em cujos punhos luziam botões de ouro. Um pormenor que indicava uma condição elevada, mas nada mais. Nestes sete anos em que as duas famílias estavam unidas, Kamal encontrara-se com alguma regularidade com um ou outro, porém nunca tinha havido uma só conversa interessante entre eles! Mas para quê criticar? Se assim não fosse, o que teria promovido aquela felicidade harmónica entre eles e as duas irmãs?! E afinal, felizmente, o desprezo não é inconciliável com o carinho, com o desejo do bem e com a amizade... Ai de mim! Parecia que a conversa acerca dos tajins não terminaria nunca! Com efeito, Si Khalil Shawkat apressava-se também ele a dar a sua achega.

- O meu irmão Ibrahim disse a mais pura das verdades. Allah preserve estas mãos e esta mesa dignas de serem elogiadas...

No fundo de si, Amina amava os elogios. Sofria não raro da amargura de estar privada destes, ciente do esforço constante que ela prodigalizava com amor e de forma espontânea em prol da casa e dos que a habitavam. Muitas vezes havia almejado ouvir uma palavra boa da boca do sayyed. Mas o sayyed não tinha por hábito cobri-la de elogios, e, se algum lhe havia concedido, era com parcimónia e em circunstâncias raras, muito poucas, na verdade, para poder recordá-las. Achara-se, destarte, entre Ibrahim e Khalil numa situação de invulgar vaidade que deveras a enchia de alegria mas que a emborçava até deixá-la confusa.

- Não exagere, Si Khalil - disse ela disfarçando os seus próprios sentimentos. - Também tem uma mãe, e quem está habituado à sua cozinha despreza qualquer outro modo de cozinhar.

E, enquanto Khalil imprimia mais força aos seus elogios, os olhos de Ibrahim voltaram-se naturalmente para Khadiga e ela encontrou o seu olhar, como se aguardasse aquela mirada e para ela se houvesse predisposto. Exibiu um sorriso de triunfo e voltando-se para a sogra disse:

- Há pessoas aqui que não estão com disposição para lhe dar razão, minha sogra!

Yassin compreendeu a alusão e soltou uma gargalhada estrondosa, sendo em breve acompanhado por todos os presentes. Até Amina não

conseguiu conter um largo sorriso e com o busto sacudido por um riso abafado dissimulou aquele seu abandono inclinando a cabeça, como que a olhar para o seu regaço. Somente Khadiga conservava um olhar imperturbável, à espera que a tempestade amainasse, antes de declarar, num tom de repto:

- Nunca estivemos em desacordo no que toca à comida ou ao modo de cozinhar, mas apenas quanto ao meu direito de dirigir livremente os assuntos da minha casa! Não me podem censurar isso!

Ressuscitaram nas suas almas as lembranças daquela antiga querela que estalara entre ela e a sogra no primeiro ano de casamento por causa da "cozinha". Tratava-se de determinar se esta deveria continuar a ser uma só, comum a todos, e por isso colocada sob a alçada da dona de casa, ou se Khadiga poderia cozinhar como bem lhe aprouvesse, como deveras pretendia.

Foi uma enorme discussão, que abalara seriamente a unidade da família Shawkat e cujos ecos haviam chegado até Bain el-Qasrain^[33], de tal modo que todos haviam ficado a par desta, com excepção do sayyed, que ninguém se atrevera a informar sobre aquela disputa e muito menos sobre todas as demais que haveriam de estalar posteriormente, umas atrás das outras, entre sogra e nora. Desde que pensara encetar as hostilidades Khadiga compreendera que só podia contar com ela mesma, sendo o seu marido, como ela própria costumava dizer, um "homem adormecido" que não tomava partido nem por ela nem contra ela, que sempre que solicitado a reafirmar os seus próprios direitos lhe respondia com um ar de troça: "Minha senhora... peço-lhe, poupe-me a estas terríveis dores de cabeça!" E, contudo, embora não sendo de nenhuma valia, não a amordaçava.

Fora por isso que descera sozinha à arena para arrostar de cabeça erguida a veneranda anciã, com uma veemência inesperada e um aferro que, mesmo naquela situação delicada, não minorara. A velha senhora ficara estarrecida pela ousadia da jovem que ajudara a vir ao mundo com as próprias mãos. Num ápice, a disputa encrespara-se e a cólera explodira. A velha começara por lhe lembrar que, se não fosse o favor que lhe dispensara, uma rapariga como ela jamais poderia - nem em sonhos - desposar um membro da família Shawkat. Khadiga, no entanto, ainda que lhe fervilhasse o sangue nas veias, reprimira a sua fúria e, pela deferência devida a uma senhora de idade e por recear

que esta se fosse queixar ao pai, mantivera-se inabalável e determinada em obter aquilo que considerava um direito seu, sem recorrer à malvadez notória da sua língua.

Depois o seu carácter malicioso havia-a levado a instigar Aisha à insurreição, mas na indolente irmã apenas achara resignação e pusilanimidade. O comportamento de Aisha não era ditado pelo amor para com a sogra obedecia antes à preocupação de não perder a paz e o sossego de que gozava - amplamente - à sombra da tutela forçosa que a sogra impunha a toda a casa. Khadiga derramara por isso a sua fúria sobre a irmã, acusando-a de ser cobarde e preguiçosa. Depois, tomada por um movimento de teimosia, prosseguira a "guerra santa" sem cedências ou recuos, até a velha, exausta, acabar por admitir, contrariada, àquela nora cigana o direito de ter a sua cozinha pessoal, limitando-se a dizer ao seu primogénito: "Amanha-te! És um fraco, incapaz de conter a tua mulher. Bem mereces ficar privado dos prazeres da minha mesa até ao final dos teus dias!"

Khadiga conseguira o que pretendia. Recuperara o seu trem de cozinha de cobre e Ibrahim equipara-lhe a cozinha em conformidade com as directrizes que ela lhe indicara em pessoa. Mas havia perdido a sogra e rompido os laços de afecto que a esta a uniam desde o berço.

Por seu lado, Amina, que não suportara a ideia daquela querela, esperara até os ânimos se aplacarem. Em seguida, tentara todos os expedientes possíveis junto da venerável anciã, com o apoio de Ibrahim e de Khalil, não desistindo até a paz regressar. Mas que paz era aquela?... Uma paz que mal fora ajustada se encontrava logo ante uma nova alfinetada, depois, seguia-se uma outra trégua, depois uma nova alfinetada, e assim por diante, com cada uma das duas mulheres a atirar as culpas sobre a outra, e Amina, entre ambas, sem saber mais a quem ou a que coisa recorrer, e Ibrahim entrincheirado numa posição neutral ou de mero espectador, como se os acontecimentos na verdade não fossem da sua conta. E, se porventura achava por bem intervir, fazia-o a medo, limitando-se a repetir com placidez os seus conselhos, ou antes com desprendimento, sem se preocupar com a censura por parte da mãe ou com a inquietação da mulher. Se Amina não tivesse interposto as suas boas maneiras e a afabilidade do seu carácter, a velha teria por certo levado os seus queixumes junto do sayyeá Ahmad. Havia renunciado a fazê-lo unicamente por causa dela,

se bem que contrariada, e contentara-se em aliviar o seu rancor confidenciando-o longamente a todos aqueles que, parentes ou vizinhos, se cruzavam com ela, asse-verando-lhes que o ter escolhido Khadiga para esposa do filho havia sido o erro mais descomunal da sua vida, e por isso devia pagar o seu preço.

Ibrahim voltou, comentando as palavras de Khadiga e esboçando um sorriso, como que a querer mitigar o efeito do seu reparo:

- Mas não te limitaste a exigir o respeito de um direito teu! Se a memória não me falha, pode-se dizer que não te contiveste em espalhar calúnias em teu redor.

Khadiga ergueu com desafio a cabeça coberta com o lenço castanho e retorquiu, lançando ao marido um olhar escarnekedor e raivoso:

- E porque te falharia a memória? Estará assim tão sobrecarregada de pensamentos e cuidados que falhe? Quem dera a toda a gente ter uma memória tão calma, serena e fleumática como a tua!... Não, Si Ibrahim, a tua memória não te falhou. É a mim que ela falha, mas é! A verdade é que nunca me intrometi nos assuntos da tua querida mãezinha. Nunca me intrometi nas suas questões e nunca precisei dela. Porque, graças a Allah, conheço todos os meus deveres e sei também como cumpri-los da melhor maneira. E teria detestado ficar parada na minha casa, ver a refeição ser-me trazida num tabuleiro como num hotel. E aliás nunca teria suportado, ao invés do que agrada a "uma certa pessoa", passar o dia inteiro a dormir ou levar uma vida regalada enquanto outros cuidam das incumbências da minha casa.

Aisha compreendeu imediatamente o significado da expressão "uma certa pessoa" e desatou a rir, antes ainda de Khadiga acabar de falar. Depois, num tom chistoso, e como que dominada pela paixão, disse:

- Faz o que te agrada, mas deixa os outros (ou "uma certa pessoa", se preferes) como são. Já não tens motivos agora para estares irritada. És uma senhora independente (queira o Egipto ter a tua sorte!), trabalhas do nascer do Sol até ao cair da noite, na cozinha, na casa de banho e no terraço. Cuidas ao mesmo tempo dos móveis, das galinhas e das crianças. Nem mesmo a criada Suwaidan ousa acercar-se do teu apartamento ou tomar nos seus braços algum dos teus filhos. Meu Deus! Para quê tanta canseira, quando uma parte desta te bastaria?!

Khadiga levantou o queixo como que a querer responder, tentando

sofrear um sorriso que teria dado a entender que achara nas palavras de Aisha algo que tocara na tecla acertada. Foi então que interveio Yassin dizendo:

- Há pessoas feitas para governar, outras para serem escravas...

- A senhora Khadiga é uma dona de casa exemplar - atalhou Khalil Shawkat com um sorriso que deixou ver os seus incisivos encavalitados - mas descuro a parte de descanso que lhe é devida.

- É aquilo que também penso - acrescentou Ibrahim Shawkat, concordando com as palavras do irmão. - Quantas vezes lho disse sem papas na língua. Mas tive de me resignar a ficar calado de modo a me poupar a dores de cabeça.

Kamal lançou uma olhada para a mãe entretida a servir pela segunda vez outra taça de café a Khalil, e lembrou a imagem do pai e as recordações do seu despotismo. Um sorriso assomou aos seus lábios. Depois voltou-se para Ibrahim, atónito, e disse-lhe:

- Parece que tens medo dela!

- No que me diz respeito - replicou o homem sacudindo a cabeçorra -, tento evitar aborrecimentos quando é possível viver em paz, ao passo que a tua irmã tenta evitar a paz sempre que lhe é possível peguilhar!

- Escutem-no, o bom orador! - rebentou Khadiga. Depois apontando o indicador para ele como que a desafiá-lo: - Diz antes que evitas ter os olhos abertos quando tens uma hipótese de dormir!

- Khadiga! - exclamou a mãe, lançando-lhe um olhar de admoestação. Ibrahim pousou docemente a mão sobre o ombro da sogra e disse:

- Eis uma amostra daquilo que todos os dias tenho de ouvir!... Julgue por si mesma!

Yassin olhava ora para Khadiga, corpulenta e anafada, ora para Aisha, magra e franzina, de modo ostensivo para chamar sobre si os olhares. Depois, como que a exprimir o seu próprio queixume, disse:

- Falaste da canseira contínua de Khadiga desde os primeiros raios da alvorada até ao cair da noite. Mas o que há nela que traz o cunho de tamanha fadiga?!... Antes parece, ao vê-la, que é quem passa o tempo todo a dis-trair-se enquanto Aisha trabalha!...

- "Refugio-me n'O Senhor da Alvorada... e contra o mal do invejoso quando inveja"^[34] - redarguiu Khadiga pondo contra a face de Yassin a

palma da mão direita com os cinco dedos afastados.

Desagradara a Aisha a última parte da conversa e nos seus olhos azuis e puros insinuou-se uma expressão de protesto. Apressou-se a defender a causa da sua magreza fingindo desconhecer o alvo inequívoco da observação de Yassin, sentindo uma ponta de ciúmes, e disse:

- Ser gorda já não está na moda! - depois, corrigiu-se ao constatar que Khadiga virara a cabeça para ela: - Ou antes, pode-se pelo menos afirmar que a magreza também está na moda para muitas mulheres...!

- Ser magra é moda para aquelas que não conseguem engordar! - retrucou sarcástica Khadiga.

Ao ouvir as palavras "ser magra", Kamal sobressaltou-se. Nos recessos do seu ser irrompeu de súbito a imagem de um corpo esbelto e grácil, que lhe invadiu o espírito. O coração estremeceu-lhe no peito, movido por uma voluptuosidade plena, e ficou como que enlevado. Uma felicidade estreme atravessou-o, e escondeu-se no seu sonho deleitoso e distante, esquecido de si, do lugar e do momento...

Ignorava há quanto tempo nele estava imerso quando foi despeito pela sombra de uma nuvem de tristeza que normalmente acompanhava o seu sonho à laia de uma esteira, não como um real intruso mas algo que às ocultas se introduzisse naquele sonho maravilhoso, qual fio da sua urdidura ou nota da sua harmonia. Solto um suspiro fundo e deixou vaguear o seu olhar devaneador pelos semblantes que amava desde sempre e que, cada um a seu jeito, pareciam satisfeitos com a beleza deles, sobretudo aquele rosto rosado que durante um certo tempo ele havia tresloucadamente desejado ao ponto de beber do mesmo copo... voltou-lhe aquela lembrança com um sentimento de vergonha - com uma espécie de repulsa - e sentiu que todo o ideal de beleza, salvo o da sua amada, era susceptível de despertar o seu extremismo, ainda que gozando da sua ternura e do seu amor.

- Nunca aprovarei a magreza nem sequer nos homens - tornou a dizer Khadiga. - Olhem para Kamal. Convinha-lhe ganhar alguns quilos. Não julgues, meu rapaz, que estudar é tudo!

Kamal escutava indiferente e com um sorriso nos lábios, totalmente entretido a observar o corpo que transbordava de carne e de gordura e a face cuja rotundidade acabara por disfarçar as imperfeições, atónito

diante do ar de felicidade e de triunfante contentamento que a envolvia. Mas não teve a menor vontade de discutir a perspectiva da irmã. Foi Yassin quem declarou, com um tom em simultâneo de provocação e de troça:

- Então debes achar-me ao teu gosto! É inútil fazeres-te de esquisita!...

Sentado com a perna direita por baixo do seu traseiro e a outra molemente estendida, tinha desapertado, por causa do calor, o colarinho da gal-labiyya, e do largo decote da sua camisa interior sobressaíam tufo de pêlos negros e espessos.

- Mas tu caís para o outro lado da balança - retrucou ela deixando-o petrificado com um lançar de olhos. - E aliás bem sabemos que no teu caso a gordura atingiu o cérebro. Mas isto é outra conversa.

Yassin bufou com ar desesperado. Depois, voltou-se para Ibrahim Shawkat, perguntou-lhe com piedade e compaixão:

- Diz-me, como fazes para te veres livre de apuros entre uma esposa destas e a tua mãe?

Ibrahim acendeu o cigarro, puxou uma baforada de fumo e expeliu-a alargando a boca, juntando-se destarte ao seu irmão Khalil - que só reti va o cachimbo da boca no momento de falar - para encher o salão fumo. Depois, num tom desprendido, respondeu:

- Entra por um ouvido e sai pelo outro! É o que a experiência me en nou!

- A experiência não é chamada aqui - retornou Khadiga, voltando-para Yassin com uma voz retumbante e que dizia o seu agastamento -, experiência nada tem a ver com esta questão, afianço-te. O verdadeiro pr blema é que Allah lhe deu um carácter igual à dondorma¹ que amm Bac o turco, vende. Ainda que o minarete de el-Hussein começasse a treme não mexeria um cabelo!...

Amína ergueu a cabeça e lançou a Khadiga um olhar de reprovação de admoestação, pelo que a filha sorriu e baixou os olhos, visivelmenl confusa.

- É esta a índole dos Shawkat - declarou então Khalil Shawkat com ur orgulho bonacheirão -, uma índole de sultão. Não é?!

- Que infelicidade para mim, Si Khalil, que a tua mãe não tenha um fei tio parecido! - volveu Khadiga, com um tom pejado de subentendidos, qm ela conseguiu no entanto fazer acompanhar por

um leve riso destinado ; atenuar o efeito das suas palavras.

- A tua sogra é uma mulher sem par - apressou-se a dizer Amina, que per dera a paciência - e é uma grande senhora, na verdadeira acepção da palavra.

Ibrahim inclinou a cabeça para a esquerda e lançou um olhar zombeteiro à esposa, que fez cintilar os seus grandes olhos proeminentes. Depois, com um suspiro de triunfo, exclamou:

- E é alguém da tua própria família quem o afirma! Allah a abençoe, minha querida sogra... - depois voltando-se para os demais presentes:

- É verdade, a minha mãe é uma senhora idosa e chegou a uma idade que requer para si cuidados e paciência, ao passo que a minha esposa desconhece por completo o que esta última qualidade seja...

Khadiga quis defender-se e redarguiu:

- Não é sem razão que me enfureço. A cólera nunca fez parte do meu feitio. A minha família está aqui na tua frente, basta perguntares-lhe!

Reinou um silêncio profundo. Os familiares de Khadiga não sabiam o que dizer, quando Kamal deixou escapar uma gargalhada. Ficou sob o olhar de todos e não pôde evitar dizer:

- A minha irmã Khadiga possui a calma mais irascível que já conheci!

- Ou talvez a irascibilidade mais calma - atreveu-se Yassin encorajado. - Sabe-se lá!

Khadiga esperou que as risadas provocadas por esta última afirmação esmaecessem. Depois apontou o dedo para Kamal e meneando a cabeça replicou, enfadada:

- Fui traída por aquele que carreguei nos braços mais vezes do que fiz com Ahmad e Abdel Munim.

- Não me parece ter revelado um qualquer segredo... - respondeu Kamal, como que para se justificar.

Amina não protelou mais e assumiu uma nova atitude. Veio em defesa de Khadiga, que parecia atravessar um momento pouco invejável, e a sorrir disse:

- Glória Aquele que é perfeito...

Ibrahim Shawkat resignou-se com tacto ao que Amina dizia e replicou:

- Tem razão. A minha esposa possui qualidades que não podem ser negligenciadas. Que AUah amaldiçoe a cólera que, no final de contas,

prejudica sobretudo aquele que desta se torna culpado. Nada no mundo pode, no meu entender, justificá-la!

- Tens muita sorte, tu! - exclamou Khadiga desatando a rir. - É por isso que, para falar com o devido respeito, os dias passam sem deixarem uma só ruga em ti.

Pela primeira vez, Amina mostrou-se muito indignada:

- Que Allah lhe conserve a sua juventude! - disse num tom de reprovação. - A ele e a todos os da sua idade!

- A sua juventude?! - interrogou-se Ibrahim a rir, sem esconder a alegria que o voto da sogra lhe causara.

- Quarenta e nove anos é uma idade que os Shawkat consideram um estado de juventude! - acrescentou Khalil, respondendo à sua pergunta, embora se houvesse virado para Amina.

- Meu filho, não fales assim - insistiu Amina, tomada por uma certa inquietação. - Peço-te, não abordemos este tema.

Khadiga sorriu quando apareceu no rosto da mãe aquele medo, cujas causas e razões ela tão bem conhecia visto que nelas acreditava deveras. Vangloriar-se com tamanha desfaçatez de uma boa saúde era considerado, na velha casa, uma acção repreensível e nefasta. Era como que fingir ignorar o "mau-olhado" e as suas influências funestas.

Aliás, a própria Khadiga jamais teria ousado exaltar a robusta saúde do marido caso não houvesse vivido os últimos seis anos no seio dos Shawkat, gente para quem boa parte das superstições - como o poder maléfico do olhar invejoso, por exemplo - não era objecto de uma fé arraigada, e junto de quem eram enfrentados com alma serena argumentos - como os hábitos dos djins^[36], a morte e a doença - que um forte receio mesclado de desconfiança impediam de encarar na velha casa. Ademais, os laços que uniam os dois esposos eram muito mais estreitos do que aparentavam e nada, palavras ou acções, jamais havia conseguido fazê-los perigar. Khadiga e Ibrahim formavam um casal feliz e unido, cada qual sentindo dentro de si que jamais poderia viver sem o outro, apesar de se lamentarem de forma recíproca. Assim certo dia a doença de Ibrahim fora uma ocasião ímpar para externar o grande afecto e a fidelidade que Khadiga dentro de si escondia. E evidente que isto não significava que não haveria mais bicadas entre eles, pelo menos para Khadiga, já que a mãe do esposo não era o único alvo. Não obstante o carácter conciliador do homem e a sua fleuma

nunca lhe faltava um pretexto para todos os dias encontrar nele um novo terreno para crítica, como o seu descomedido gosto de dormir, o facto (viver acampado em casa no ócio mais completo, a sua indignação ao pensar na obrigação de trabalhar na vida, o seu tagarelar incessante, o fingir ignorar as quezilas e as disputas entre ela e a sua mãe... A tal ponto que podiam ser - como gostava de afirmar Aisha - dias e dias em que as únicas palavras que saíam da sua boca eram setadas venenosas e imprecações contra ele. Mas, apesar de tudo isto - ou talvez em virtude disto, quem sabe?!, a querela podia não raro desempenhar um papel análogo ao piripiri quando se quer aguçar o apetite -, os sentimentos mútuos mantínham-se fortes, sólidos, em nada beliscados pelo alvoroço das aparências, quais cor rentezas profundas que prosseguem o seu curso a despeito das vagas e da convulsões da superfície.

Ademais era impossível o homem não apreciar - a seu justo valor - o zelo da esposa, cujos frutos podia observar em concreto no esplendor que adornava a sua casa, no sabor dos pratos, na elegância do trajar na conduta irrepreensível dos dois filhos. Acontecia-lhe, por vezes dizer-lhe num tom de brincadeira: "Foste mesmo um bom negócio minha pequena cigana!", apesar da opinião da mãe no tocante a uma tal azáfama que ela não hesitava em manifestar francamente durante os períodos de completa hostilidade - e quão numerosos eram, na realidade! - quando, trocista, enfrentava Khadiga dizendo-lhe: "Esta actividade desenfreada é uma virtude de criada, não de uma senhora!" O que não lograva deter Khadiga, que de imediato retrucava: "Tudo aquilo que sabem fazer é comer e beber. A verdadeira senhora de uma casa é quem dela cuida pessoalmente!" E a velha, com o mesmo tom cáustico, replicava: "Inculcaram-te tudo isto, em vossa casa, para não te confessarem que para eles só és boa para servi-los!" "Sei muito bem por que motivo se encarniça contra mim", vociferava então Khadiga. "Sei-o desde que lhe recusei toda a autoridade na direcção do meu lar!" E a velha bradava: "Meu Deus, sois testemunha! O sayyed Ahmad Abdel Gawwad é um homem bom, mas criou uma diaba. Mereço mil chineladas por te ter escolhido." Voto este que Khadiga subscrevia murmurando entre dentes para que a velha não pudesse ouvi-la: "Mereces mesmo mil chineladas... Não serei eu por certo quem te contradirá." Yassin olhou para Aisha:

- Podes estar orgulhosa de ti, Aisha! - disse com um sorriso zombeteiro. - Foste capaz de manter boas relações com todas as facções!

Khadiga compreendeu a alusão e respondeu a Yassin com um encolher de ombros, fingindo indiferença:

- Mercador de escândalos que tentas semear querelas entre duas irmãs!

- Eu?!... Basta-me Allah, que conhece as minhas boas intenções! Khadiga meneou a cabeça com um ar aflito:

- Nunca tiveste boas intenções, nem sequer durante um só dia da tua existência!

- Nós vivemos em paz - declarou Khalil Shawkat, comentando as palavras de Yassin. - O nosso lema é: "Vive e deixa viver."

Khadiga soltou vima risada que revelou os dentes finos e brilhantes. Depois, com um tom não isento de ironia, acrescentou:

- Na casa de Si Khalil é sempre festa. Ele dedilha as cordas do seu alaúde, enquanto a senhora o escuta ou se remira ao espelho ou faz ambas as coisas ou então dá dois dedos de prosa com esta ou aquela das suas amiguinhas à janela ou por trás da machrabiyya, enquanto Naima, Otman e Muhammad brincam com as cadeiras e as almofadas, de tal modo que Abdel Munim e Ahmad, saturados com a minha vigilância, logo se precipitam para o apartamento da tia para se juntarem ao bando da destruição!

- E é apenas isso que consegues ver na nossa casa feliz? - perguntou Aisha com um sorriso.

- Então, direi que cantas e que Naima dança...! - replicou Khadiga com o mesmo tom irónico.

- Basta-me dizer que todas as vizinhas me querem bem - volveu Aisha com orgulho. - E a minha sogra também...

- Não me estou a ver fazer confidências com nenhuma daquelas mulheres tagarelas. Quanto à tua sogra, adora ser bajulada e que se ponham de joelhos diante dela...

- É necessário amar as pessoas - prosseguiu Aisha -, e como se é feliz quando os outros nos amam! Na verdade, os corações podem falar e enten-der-se. Todas estas mulheres receiam-te. Ouvi-as por mais de uma vez que diziam: "A tua irmã não nos trata amavelmente e não se cansa de nos denegrir"... - depois, voltou-se para a mãe, a rir. - Ah...

Ainda não perdeu o hábito de apelidar os outros recorrendo a alcunhas escarnecedoras e brinca com isso em casa, de tal forma que quer Abdel Munim quer Ahmad as memorizam e as vão repetindo por todo o bairro aos seus pequenos companheiros, o que faz com que cheguem aos ouvidos de todos!

Amina foi de novo percorrida por um tácito risinho e até mesmo Khadiga se riu conquanto parecesse um tanto atrapalhada, como se a recordação de certas situações delicadas lhe pesasse, enquanto Khalil com uma alegria não dissimulada voltou a dizer:

- Em suma, formamos uma pequena orquestra, com o tocador de alaúde, a cantora e a dançarina! Na verdade, falta-nos ainda o grupo dos coristas e dos cantores secundários, mas deposito esperanças nos meus filhos. É uma questão de tempo!

- Posso testemunhar - asseverou Ibrahim Shawkat voltando-se para Amina - que a sua neta Naima é uma dançarina notável!

Amina abandonou-se a um acesso de riso brusco que enrubesceu o seu rosto pálido.

- Vi-a dançar - disse. - Como é adorável!

- Como é linda! - acrescentou Khadiga, com um enlevo que dizia o seu proverbial carinho pelos seus. - Parece uma fotografia de publicidade.

- Que bela esposa daria para Ridwan! - exclamou Yassin.

- É a primogénita da família! - replicou Aisha a rir. - Ah!... Não fui capaz de esconder a idade, como faz toda a boa mãe que se respeita!

- Mas por que diabo se deve pôr como condição que a esposa seja mais jovem que o marido?... - perguntou Yassin distraído.

E como ninguém respondia, Amina exclamou:

- Naima não deverá esperar muito para encontrar um bom noivo!

- Como é linda, meu Deus! - repetiu Khadiga. - Nunca vi beleza igual à sua...

- E o que dizer da sua mãe?!... - insurgiu-se Aisha a rir. - Acaso não viste a mãe?

Khadiga franziu o sobrolho para dar às suas palavras um tom de gravidade ao dizer:

- É mais bonita do que tu, Aisha. Não podes teimar em negá-lo.

Depois, retomando subitamente o seu tom zombeteiro, acrescentou:

- E eu ainda sou mais bonita do que vocês duas juntas!

"Estas pessoas falam da beleza! Mas que sabem da essência da beleza! Deixam-se cativar pelas cores: o branco do marfim e os lingotes de ouro. Perguntem-me o que é a beleza. Não vos falarei da pele morena e imaculada, de olhos negros como o ébano, de uma silhueta esbelta, da elegância parisiense. Nada disso! Todas estas coisas são indubitavelmente belas, mas são meros contornos, formas, cores que estão sujeitas, no final de contas, aos sentidos e às normas! A beleza é um sobressalto do coração que fere, um sopro de vida que se dissemina na alma, uma ofuscação em cujo éter o espírito adeja até abraçar os céus... Falem-me disto se puderem..."

- E por que razão as mulheres de es-Sukkariyya procurariam a amizade da senhora Khadiga?...Terá por certo virtudes como o seu esposo acabou de nos dizer, mas as pessoas, geralmente, são sensíveis a um rosto gracioso e a uma língua generosa!...

Yassin dissera isto para de novo espicaçar Khadiga, depois de tê-la visto abandonar placidamente o terreno das réplicas. Mas ela lançou-lhe um olhar que dizia: "Então, não queres mesmo que eu te poupe?" Depois, suspirando de maneira a ser ouvida:

- Basta-me Allah, um óptimo patrocinador! Não sabia que tinha uma segunda sogra nesta casa!

Depois inesperadamente retomou o fio do discurso já quebrado, mas com um ar grave, desta vez, abandonando Yassin à sua sorte, ao invés do que este esperava:

- Não tenho tempo a perder para andar a desperdiçá-lo em visitas - disse ela -, sabem muito bem que a casa e as crianças o monopolizam por inteiro. Principalmente porque tenho um esposo que não se preocupa nem com a casa nem com os filhos!

- Teme Allah e não exageres em tudo - retornou Ibrahim Shawkat defendendo-se. - O caso é muito simples. Quando se tem uma mulher como a minha, importa saber manter de quando em quando uma posição de defensor: defensor dos muitos móveis que devido à fúria com que são limpos e esfregados quase se gastaram, defensor dos filhos que ela encarrega de algo acima das suas forças... E como última façanha instigou, como aliás bem o sabeis, Abdel Munim, uma criança que nem cinco anos tem, a frequentar o kuttab^[37].

- Se tivesse seguido o teu conselho - replicou Khadiga com fanfarroni-ce -, teria de mantê-lo em casa até a maioridade! Até parece

que tens alguma coisa contra a ciência! Não, meu querido marido, os meus filhos terão uma infância dedicada ao estudo, como os seus tios maternos. Aliás, sou eu quem ajuda Abdel Munim a rever as lições!

- Fazes-lhe rever as lições? - interveio Yassin.

- Porque não?! Tal como a mãe fazia com Kamal. Todas as noites, sentamo-nos um ao lado do outro e ele faz-me escutar aquilo que aprendeu no kuttab.

Depois, rindo:

- Deste modo, também eu refresco as regras da leitura e da escrita, que com o tempo receio esquecer.

A confusão e a alegria enrubesceram o rosto de Amina. Levantou com carinho os olhos para Kamal como que para lhe arrancar um sinal de cumplicidade no qual poderia ler a lembrança que ele conservava das noites de antanho. E ele ofereceu-lhe um sorriso, testemunho da sua memória fiel. "Que Khadiga possa criar os filhos consoante o modelo dos seus tios. Que um deles possa seguir o exemplo de Kamal, que já se prepara para os estudos superiores, e o outro imitar... Ah! Como são fracos para resistir aos sobressaltos da aflição os corações que se despedaçam! Se houvesse vivido, seria juiz, agora, ou em vias de sê-lo... Quantas vezes te falara das suas esperanças ou das tuas! Que restou de tudo isso? Quem dera que fosse vivo, ainda que igual a tantos outros..."

- Não somos aquilo que a tua irmã nos acusa de ser - declarou Ibrahim Shawkat, voltando-se para Kamal. - Fiz os exames da escola primária em 1895 e Khalil em 1911. A escola primária naquela época era algo de importante, contrariamente a hoje, que não satisfaz quase ninguém. Se não prosseguimos os estudos é porque não tínhamos a intenção de procurar emprego. Ou, se preferes, não precisávamos!...

Foi com um espanto trocista que Kamal ouviu o cunhado dizer-lhe: "Fiz os exames da escola primária", mas respondeu cortesmente:

- Claro...

"Como poderia a ciência ter um valor intrínseco aos olhos de dois bois felizes? A vossa preciosa experiência ensinou-me que é possível amar -pouco importa com que amor - uma pessoa que menosprezo... ou que posso desejar todo o bem do mundo a uma pessoa cujos princípios de vida suscitam a minha repulsa e o meu desgosto. Não posso deixar de execrar a bestialidade do fundo do coração. Tornou-

se-me uma verdade e um direito desde que no meu coração soprou uma brisa celestial!

- E viva a velha escola primária! - gritou Yassin com uma animação divertida.

- Seja como for, formamos o partido da maioria!

Ver Khalil - e o seu irmão, indirectamente - imiscuir-se à força no partido do diploma da escola primária, que nem um nem outro jamais haviam obtido, irritou Yassin. Mas teve de engolir os sapos.

Entretanto, Khadiga pôs-se a dizer:

- Abdel Munim e Ahmad prosseguirão os seus estudos até obterem o diploma superior. Encetarão uma nova era na família Shawkat. Ouçam bem j estes nomes: Abdel Munim Ibrahim Shawkat e Ahmad Ibrahim Shawkat... Acaso não soam tão bem como "Saad Zaghlul?"

- Mas o que te faz alimentar tais ambições? - gritou Ibrahim rindo.

- E porque não deveria tê-las? Acaso Saad Zaghlul não foi estudante de el-Azhar?! Do estrito necessário para viver até ao cargo de primeiro-minis- j tro, e é só abrir a boca para deixar o mundo às avessas. E além do mais j não se pode pôr um limite à Providência!!

- Não te basta que cheguem simplesmente ao nível de Adli ou de Tharwat? - perguntou Yassin num tom irónico.

- Os traidores! - gritou Khadiga como que suplicando a protecção de Allah. - Não serão daqueles contra quem o povo vocifera: "Abaixo! Abaixo!" dia e noite!^[38]

Ibrahim sacou o lenço do bolso das calças e enxugou o rosto, que se j tornara ainda mais vermelho devido ao calor do ambiente e escorria suor por causa da água gelada e do café quente que continuava a beber. Depois, enquanto se enxugava, disse:

- Se a severidade das mãos desempenha o seu papel no futuro dos grandes desta terra, então alegra-te desde já, mulher, com a glória ilustre que aguarda os teus dois filhos!

- Querias que eu os abandonasse à sua sorte?

- Não me lembro - disse Aisha com delicadeza - de que a mãe tenha alguma vez gritado e muito menos batido em qualquer um de nós! Será que o esqueci?

- Se a mãe nunca recorreu à brutalidade - redarguiu Khadiga, como que a desculpar-se - é porque tinha o pai em casa. Bastava proferir o nome dele para que todos andassem direito. Mas na minha casa, ou na

tua, a situação pouco difere. O pai, na verdade, só o é de nome - depois, forçada a rir de si mesma: - O que posso eu fazer se as coisas são assim? Se o pai age como uma mãe, então é à mãe que cabe agir como um pai...!

- Tenho a certeza - contrapôs Yassin cheio de júbilo - de que te cabe às mil maravilhas o papel de pai! És um pai... Há muito tempo que o havia percebido, só me faltava a confirmação!

- Obrigada, "Bamba Kashshar"^[39] - respondeu Khadiga com um ar aparentemente satisfeito.

"Khadiga e Aisha, duas figuras opostas... Observa bem: na tua opinião, a qual das duas mais valeria que a tua amada se parecesse?... Allah me perdoe! A minha amada não se parece com ninguém. Não a imagino dona de casa. É algo totalmente inconcebível!" A sua amada, em roupão, entretida a afagar um bebé ou a arrumar uma cozinha? "Que horror e que repugnância! Não, foi feita para se divertir, para sonhar, para deambular pavoneando-se num vestido maravilhoso, num jardim ou num carro ou num clube. Um anjo numa extraordinária e feliz visita a esta terra. Uma espécie à parte, diferente das demais, que só o meu coração conhece. Com todas estas mulheres, só tem em comum o nome, que lhe dá aquele que não é capaz de conhecer o seu nome autêntico. Com a de Aisha, ou a de qualquer outra mulher, a sua beleza tem tão-só em comum a denominação à qual recorre quem não logra conhecer o seu nome autêntico. A minha vida pertence-te. Consagra-la-ei a conhecer-te. Acaso existirá, além desta, uma sede de conhecimento diferente?"

- Que notícias têm de Mariam? - perguntou Aisha, lembrando-se de repente da velha amiga.

Aquele nome despertou reacções diversas em muitos dos presentes. O rosto de Amina transfigurou-se e os seus traços contraíram-se num sinal de vivo ressentimento. Yassin fingiu ignorar a pergunta, como se a não houvesse ouvido, absorto como estava a remirar as unhas, e Kamal com a cabeça num tal alvoroço sob uma nuvem de recordações que lhe transtornava o espírito. Foi Khadiga quem lhe respondeu num tom gélido:

- Que notícias esperas tu que sejam? Divorciou-se e voltou para casa da mãe!

Aisha deu-se conta - demasiado tarde - de que inadvertidamente

caíra numa situação crítica e ferira, com aquele nome arremessado ali de forma despropositada, a sensibilidade da mãe. Isso porque a sua mãe há muito estava persuadida de que, a seguir à recusa que o sayyed opusera ao pedido de casamento formulado por Fahmi em relação a Mariam, a jovem e a sua mãe não haviam sido sinceras na tristeza pelo defunto, e talvez pelo mesmo motivo se haviam alegrado com o infortúnio que sobre eles se abatera. Fora Khadiga a primeira a insinuar esta opinião e a mãe havia seguido a pegada sem titubear ou ponderar. Os sentimentos destas para com a antiga vizinha não tardaram a mudar, pelo que após uma fase de franca aversão se juntou uma ruptura total.

Enleada e procurando desculpar-se por aquilo que escapara da sua boca, Aisha tornou a dizer:

- Não sei o que me terá levado a perguntar por ela?

- Não deves mais pensar nela - replicou Amina com evidente agastamento.

Aisha já manifestara, naquela época, as suas dúvidas quanto ao fundamento da acusação lançada sobre a sua amiga, pretextando que o pedido de casamento e tudo o que estivera com este relacionado haviam sido mantidos secretos e que nunca até agora haviam chegado notícias a casa de Mariam, o que afastava da jovem como da sua família qualquer motivo de malicioso rejubilo... Mas a sua mãe não partilhava da sua opinião, valendo-se como argumento de que era inconcebível pensar que no tocante a uma questão tão importante como aquela os principais interessados nada soubessem. Aisha por isso não mantivera por muito tempo a sua opinião, receando ser acusada de parcialidade em relação a Mariam ou de indiferença para com a memória do irmão, mas, diante da irritação da mãe, viu-se compelida a mitigar o efeito do seu erro e disse:

- A verdade, mãe, só Allah a conhece... Mas talvez ela esteja inocente de tudo quanto a acusámos.

Ao contrário de tudo o que Aisha poderia esperar, Amina ficou ainda mais ressentida, de tal modo que o seu rosto foi atravessado por sinais de cólera nela invulgares e alheios à doçura e à calma que lhe eram conhecidas.

- Não me fales de Mariam, Aisha! - disse com voz trémula.

- Que Mariam e a sua vida vão para o diabo! - vociferou Khadiga

associando-se aos sentimentos da mãe.

Aisha sorriu embaraçada, sem proferir uma palavra. Yassin continuara a atentar nas suas unhas por todo o tempo em que durara aquela discussão acesa. Estivera prestes a intervir, a dado momento, estimulado pela afirmação de Aisha: "A verdade, mãe, só Allah a conhece", mas a prontidão com que Amina lhe havia respondido, com aquela voz trémula e inusitada, havia-o persuadido a manter-se calado. Sim, havia-o silenciado, e de si para si pôs-se a enaltecer as vantagens do silêncio. Kamal seguia a conversa com interesse sem que no entanto o deixasse transparecer no seu rosto. Ter carregado durante tanto tempo o amor dentro de si, em circunstâncias penosas e árduas, havia-lhe conferido uma capacidade de fingimento que, em caso de necessidade, sabia manejar de forma magistral para ocultar os seus sentimentos e mostrar aos outros um aspecto totalmente oposto àquele que dentro de si sentia. Recordou aquilo que já outrora ouvira dizer do "malicioso rejubilo" da família de Mariam e, ainda que não houvesse levado a sério aquela acusação, lembrou-se porém da mensagem secreta que havia levado a Mariam e da resposta que depois havia trazido a Fahmi. Era um segredo antigo que guardara e que ele continuava a guardar para se manter fiel ao pacto secreto com o irmão e respeitar a vontade deste. Experimentava prazer ao perceber que só recentemente compreendera o significado da mensagem por ele levada, no momento em que os seus significados mais recônditos surgiam nele sob uma luz nova. Permanecera -como costumava dizer - qual pedra com incisões codificadas, até que sobreviera o amor e ele pudera decifrar os símbolos.

Não lhe escapava a cólera da mãe. Era um fenómeno recente na sua vida, por ela nunca conhecido antes daquela fase infeliz. Já não era como outrora, é certo que não se alterara perigosa ou permanentemente, mas estava atreita de quando em vez a crises que nunca a haviam afligido ou às quais jamais se entregara quando por elas acometida. O que podia dizer? Era o coração trespassado de uma mãe, do qual só conhecia fragmentos entrevistos no acto de observá-la? Como se condoía com a sua dor! E o que dissimulavam Aisha e Khadiga? Podia-se realmente acusar Aisha de indiferença para com a memória de Fahmi? Era-lhe impossível imaginá-lo ou suportá-lo. Era uma mulher de boa-fé e no seu coração havia espaço suficiente para a

amizade e o afecto. Tendia, como aparentava - e tinha os seus motivos -, a desculpar Mariam. Talvez sentisse falta do seu convívio, devido àquele coração a todos franqueado. Quanto a Khadiga, a vida conjugal tragara-a. Era unicamente mãe e dona de casa. Já não precisava de Mariam ou de outra qualquer. Do passado conservara apenas os seus sentimentos fortes para com a família, em particular para com a mãe, e doravante vivia seguindo os seus estados de alma. Como tudo isto era estranho!

- E o Si Yassin, até quando vai ficar solteiro?

Ibrahim dirigiu esta pergunta a Yassin, levado por um desejo genuíno de alijar a tensão.

- Já não sou muito jovem e já não é coisa para mim! - respondeu-lhe Yassin num tom de mofa.

- Tinha mais ou menos a sua idade quando me casei - exclamou Khalil Shawkat com um ar grave, sinal de que não entendera a ironia que se escondia sob as palavras de Yassin. - Tem vinte e oito anos, não é?

Khadiga suportou a custo o facto de ser lembrada a idade de Yassin, por indirectamente revelar a sua, e num tom seco voltou-se para Yassin e disse:

- Porque é que não voltaste a casar? Poupar-nos-ia pelo menos a canseira de falar do teu celibato!

- Atravessámos anos que nos fizeram olvidar os nossos desejos! - respondeu Yassin, desejoso sobretudo de manifestar afecto por Amina.

Khadiga atirou a cabeça para trás, como que atingida por um murro, depois relanceou-o como que para lhe dizer: "Apanhaste-me, raça de um diabo", após o que suspirou:

- Vai para o diabo! Diz antes que não te agrada o casamento, era bem melhor!

- Yassin é um homem sério - interveio Amina, grata pela benévola atenção de que este dera mostras - e o homem bom só se priva do casamento quando a isso é forçado. Na verdade, é agora que pensas seriamente em cumprir o teu dever...

Quantas vezes Yassin pensara seriamente em cumprir o seu dever, não tanto para tentar uma segunda vez a sua sorte mas porque impelido pelo desejo de lavar a afronta que sofrera no dia em que - sob a pressão do pai - se vira compelido a conceder o divórcio a Zainab,

para satisfazer a "vontade" do pai desta, Muhammad Iffat!! Depois viera a morte de Fahmi, que lhe retirara qualquer desejo de pensar no casamento, de tal modo que quase se habituara àquela existência independente e a ela se afizera. E todavia disse a Amina, e estava a ser verdadeiro naquilo que afirmava:

- Não se pode evitar o inevitável. Cada coisa a seu tempo...

Os seus pensamentos foram bruscamente interrompidos por uma algazarra de gritos e estrondos que vinham do lado das escadas, misturados a um tropel de passos intermitentes. Os olhares voltaram-se curiosos na direcção das escadas e alguns instantes depois apareceu à soleira da casa, sorumbática e arfante, Umm Hanafi, que bradava:

- As crianças, minha senhora. Si Abdel Munim e Si Ridwan estão a brigar. Tentei separá-los mas apedrejaram-me.

Yassin e Khadiga levantaram-se e precipitaram-se para a porta, alcançando em seguida as escadas.

Volvidos um minuto ou dois estavam de volta, Yassin trazendo pela mão Ridwan e Khadiga empurrando na sua frente Abdel Munim dando-lhe palmadas nas costas sem o magoar. O resto do grupo irrompeu logo a seguir, entre gritos de alegria. Naima correu para o seu pai, Khalil, Otman para Aisha, Muhammad para a avó Amina e Ahmad para o pai, Ibrahim. Khadiga começou depois a repreender Abdel Munim e a ameaçá-lo de que nunca mais voltaria a ver a casa do avô, de tal forma que a criança gritou a choramingar, enquanto indicava, acusando-o, Ridwan, que se sentara entre o seu pai e Kamal:

- Disse que são mais ricos do que nós. Ridwan protestou a gritar:

- Foi ele que disse que são mais ricos que nós. E também disse que a Porta de Metwalli^[40] lhes pertence bem como todos os seus tesouros!

Yassin aquietou-o e rindo disse:

- Perdoa-o, meu filho, é um fanfarrão tal como a mãe dele!...

- Então era por causa da Porta de Metwalli que estavam a brigar? - disse Khadiga a Ridwan sem conseguir suster o riso. - Mas, meu Deus, tens à tua disposição a Porta de en-Nasr^[41], mesmo ao lado da casa do teu avô. Fica com aquela e não se peguem!

- No seu interior, há mortos, não tesouros. Ele que fique com ela! - replicou Ridwan sacudindo desdenhosamente a cabeça.

Nisso elevou-se a voz de Aisha, enquanto dizia, num tom de esperança e de exortação:

- Digam que a paz e as bênçãos de Allah estejam com o Profeta. Têm diante de vós uma rara ocasião de ouvir Naima cantar. O que acham desta sugestão?

Dos quatro cantos do salão elevaram-se vozes de aquiescência e de encorajamento. Khalil levantou por isso Naima entre os braços e colocou-a sobre os joelhos dizendo-lhe:

- Faz ouvir a esta plateia a tua voz. Vá... força! Não sejas tímida. Não gosto da timidez.

Mas Naima parecia como que petrificada pela mordedura da timidez e escondeu o rostinho no peito do pai de tal modo que só aparecia uma aureola de ouro luzente. Entretanto Aisha voltou a cabeça e viu Muhammad que debalde procurava arrancar o sinal da bochecha da avó. Foi buscá-lo e voltou com ele, não obstante a sua resistência, para o lugar onde estava sentada. Depois recomeçou a encorajar Naima a cantar e a ela se juntou Khalil, que insistiu até que a pequena segredou ao ouvido do pai que só cantaria ao abrigo dos olhares dos outros, dissimulada por trás das suas costas. O pai concordou e de gatas ela deslizou até se aninhar entre as suas costas e o encosto do sofá. No salão reinou um silêncio sorridente e expectante. Houve um longo momento de quietude e Khalil estava já prestes a perder a paciência. Mas uma voz subtil e delicada começou a articular uma palavra, quase sussurrada, depois a pouco e pouco acabou por ganhar coragem, até o calor invadir os timbres e ressoar o canto:

"Volta aqui

E sem demora vem até mim.

De nós dois

O amor se apossou."

E as mãozitas principiaram a acompanhar o ritmo da canção.

[26] Palavra turca que designa um local reservado à conversa entre homens.

[27] Palavras com que começa a primeira surata do Alcorão.

[28] Aluno mais velho que auxilia o professor de uma escola corânica.

[29] Trata-se de um doce feito de amido, açúcar e pistácio.

[30] Tajin. termo que se refere não só à terrina de barro mas também à receita homónima tipicamente árabe que nela se confecciona e que

consiste basicamente em carne com legumes, cozinhada no forno durante horas.

[31] Um dos pratos mais populares do Egipto. Este legume que dá origem a uma sopa geralmente confeccionada com carnes de coelho e borrego, entre outras.

[32] Literalmente, "Se Deus quiser".

[33] Literalmente, "Entre os Dois Palácios", nome de uma rua do antigo Cairo que dá o título ao 1.º volume da "Trilogia do Cairo" de Naguib Mahfouz. Os palácios em questão remontam à época dos califas fatímidas (século X).

[34] Alcorão, CXIII, versículos 1-5.

[35] Gelado típico de origem turca.

[36] Literalmente, espíritos benfazejos ou maléficos.

[37] Espécie de infantário em que se aprende os rudimentos da leitura e da escrita, muitas vezes a partir de textos corânicos.

[38] Trata-se de Abdel Khaleq Tharwat Paxá e de Adli Yakan. Contudo o reparo vale sobretudo para este último, um dos principais actores da cissão do partido Wafd, que dará lugar ao Partido Liberal Constitucional. Esta cissão do Wafd, único partido no qual se reconhecia o povo, foi muito mal recebida pela população egípcia. Rebentaram numerosas manifestações violentas por todo o país, entre as quais a mais célebre foi a de 29 de Abril de 1921 na cidade de Tanta onde aqueles que provocaram a cissão foram vilipendiados e considerados "traidores".

[39] Trata-se de Bamba Kashshar (literalmente, "Rosa a Careta"), célebre cantora do princípio do século que se tornara célebre pelos seus dotes vocais e pelas suas inúmeras ligações amorosas com políticos da época.

[40] Uma das antigas portas do Cairo.

[41] Outra das antigas portas do Cairo

CAPÍTULO 4

- Já é tempo que me digas em que escola tencionas inscrever-te.

O sayyed Ahmad Abdel Gawwad estava sentado com as pernas cruzadas sobre o sofá do seu quarto de dormir, enquanto Kamal estava sentado ao seu lado, defronte da porta, com os braços cruzados, numa atitude de cortesia e de submissão. O sayyed teria apreciado ouvir o jovem responder-lhe. É a sua opinião que conta, meu pai", mas acabara por admitir que a escolha da escola não devia estar forçosamente incluída entre as coisas sobre as quais reivindicava um direito absoluto e que a anuência do filho era um elemento fundamental na escolha. Ademais, o horizonte dos seus conhecimentos nesta matéria era extremamente reduzido: estes provinham-lhe sobretudo de tudo o que por vezes era objecto de discussão durante as reuniões com os seus amigos funcionários e advogados, os quais eram unânimes em reconhecer ao filho o direito de decidir que tipo de estudos pretendia seguir, de modo a evitar fracassos e insucessos. Por tudo isto, confiante em Allah, não se opôs a que a questão fosse debatida.

- Tenho a intenção, meu pai, se Allah assim o permitir, e se naturalmente não tiver nada em contrário, de inscrever-me na Escola Superior de Professores.

A cabeça do sayyed moveu-se imperceptivelmente denotando perturbação, os seus grandes olhos azuis arregalaram-se enquanto o fixava com um ar atónito, e em seguida com acentos de desaprovação exclamou:

- A Escola Superior de Professores!... Uma escola gratuita! Não é? Kamal vacilou por um instante, após o que retomou:

- É possível. Não sei nada relativamente a isso.

O sayyed agitou a mão em sinal de escárnio, como que a dizer: "Deverias adornar-te com paciência antes de tomar uma decisão sobre questões que desconheces", para depois acrescentar com desprezo:

- É como te digo, e é por isso que só muito raramente atraí filhos de famílias respeitáveis. E, na verdade, a carreira de professor... Tens alguma ideia acerca da carreira de professor, ou aquilo que sabes disso não vai além do que revelas saber acerca da Escola Superior de

Professores? É uma profissão miserável que não goza de qualquer respeito. Sei até bem demais o que se diz sobre estas coisas. Tu, pelo contrário, és um fedelho, que nada sabe da vida. É uma profissão em que o ofendi^[42] se confunde com o estudante comum, uma profissão desprovida de qualquer prestígio e de glória. Conheci notáveis e funcionários respeitáveis que recusaram, de forma categórica, casar as filhas com um professor, independentemente de quão alta fosse a sua posição.

Depois, após ter arrotado e longamente suspirado: - Fuad, o filho de Gamil el-Hamazawi, aquele a quem presenteavas com os teus fatos gastos, vai inscrever-se na Faculdade de Direito. É um rapaz inteligente, brilhante, mas certamente não se pode gabar de uma inteligência superior à tua. Prometi ao seu pai que o ajudaria a custear as despesas escolares, de modo que não tenha de desembolsar nada do seu próprio bolso. Porque então iria eu sustentar os filhos dos outros em escolas respeitáveis, enquanto o meu próprio filho estuda gratuitamente numa das escolas mais desprezíveis?!

Esta severa análise sobre "o professor e a sua missão" abateu-se como um golpe sobre Kamal.

Por que razão tamanha prevenção? Por certo, não tinha nada a ver com o verdadeiro papel do professor, que é o de inculcar o conhecimento. Dever-se-ia à gratuidade da escola que deveria formá-lo? Não conseguia imaginar como a riqueza ou a pobreza poderia contribuir para formular a apreciação sobre a ciência nem, muito menos, que a ciência pudesse possuir um valor extrínseco à sua própria essência. Disso estava profundamente convencido, e ninguém o poderia dissuadir desta convicção. Acreditava também na validade das ideias elevadas que ele aprendera com a leitura das obras de homens como el-Manfaluti^[43], el-Muwailihi^[44] e outros, os quais ele venerava e de cujas ideias se orgulhava.

Vivia, com todo o seu coração, no mundo do "ideal" como lhe surgia nas páginas dos livros que lia. Não hesitara por isso, no seu íntimo, em considerar errado o ponto de vista do pai, não obstante o prestígio e a posição que este ocupava no seu coração, e procurava escusá-lo lançando as culpas sobre uma sociedade retrógrada e a nefasta influência que os amigos "ignorantes" sobre ele exerciam, sendo que esta última o magoava profundamente. Todavia teve de responder,

citando um trecho das suas leituras e j no modo mais polido e delicado possível:

- A ciência está acima do prestígio e do dinheiro, pai...

O sayyed desviou os olhos de Kamal e apontou-os para o armário, como que procurando uma pessoa invisível para testemunhar a estultícia de tudo quanto acabara de ouvir.

- A sério?! - exclamou com ressentimento. - E terei vivido o suficiente para ouvir tais inépcias? Como se houvesse qualquer diferença entre o prestígio e a ciência! Não há verdadeira ciência sem prestígio nem dinheiro. E aliás o que tens a falar de "ciência"? Quem te ouvisse seria levado a crer que só há uma ciência! Já to disse, não passas de um fedelho. Há ciências, não uma única ciência. Os malfeitores têm a ciência deles, e os paxás têm outra. Tenta compreender, ignorante, antes que te venhas a arrepender!

Consciente do respeito que o pai tinha pela religião e, por conseguinte, por aqueles que a representavam, Kamal respondeu habilmente:

- Também aqueles de el-Azhar^[45] fazem os seus estudos gratuitamente e dedicam-se ao ensino, e ninguém pode desprezar as ciências deles...

- A religião é uma coisa, os homens da religião é outra! - replicou o pai fazendo um sinal de desprezo com o queixo.

- Mas você, meu pai - insistiu Kamal desesperado, quase buscando um apoio a que se agarrar para fazer frente ao sayyed, diante do qual sempre tivera uma postura de total reverência -, você respeita os ulemás^[46] e ama-os!

- Não meças tudo pela mesma bitola - replicou o pai com alguma secura. - Tenho muito respeito pelo sheikh Metwalli Abdes Samad e quero-lhe muito bem. Mas preferia ver-te na pele de um funcionário respeitado do que ver-te como ele, mesmo se fosses o portador da graça entre a gente e a defendesses contra o mal por meio de amuletos e talismãs. Cada geração tem os seus homens, mas tu não queres perceber!

Nisso observou o jovem para ver qual o efeito que haviam produzido nele as suas palavras.

Mas Kamal baixou o olhar mordendo o lábio inferior, e começou a pestanejar e a torcer nervosamente o canto da boca. "Céus! Como

podia teimar em questões tão prejudiciais para ele?" Teria gostado que a sua cólera explodisse, mas lembrou-se de que no fundo se tratava de um assunto que Dão entrava na esfera do seu poder absoluto.

Reprimindo por isso a sua ira, perguntou:

- Mas o que há que tanto te entusiasma na Escola Superior de Professores e não noutro tipo de estudos, como se ela fosse detentora do monopólio do saber? Porque não irias para a Faculdade de Direito, SÓ para mencionar uma? Não é lá que se formam os notáveis e os ministros? Não foi nesta escola que Saad paxá, e outros como ele, receberam a instrução?

Depois, com uma voz grave e um olhar extenuado:

- E é também a escola que havia escolhido, depois de ponderada reflexão, o nosso querido Fahmi. Se a morte não o tivesse levado de forma tão prematura, hoje seria um membro da procuradoria-geral ou da magistratura. Não é?

- Tudo aquilo que diz corresponde à verdade, meu pai - respondi Kamal com emoção -, mas não me apetece estudar Direito!

- Não te apetece! - exclamou o homem batendo uma mão contra a outra. - E o que tem a ver o que te apetece com a instrução e a escola?! Diz-me, então, o que te agrada na Escola Superior de Professores? Gostaria realmente de conhecer os atractivos desta escola que te seduziram, a não ser que também tu faças parte daqueles que amam o mau gosto e a vulgaridade! Fala, sou todo ouvidos...

Kamal teve um brusco movimento, como que para reunir todas as suas forças para elucidar ao pai os pontos ainda escusos.

Mas apercebeu-se, sem margem de dúvida, de que estava a embarcar para uma missão difícil, persuadido de que lhe valeria uma segunda avalanche de sarcasmos, do tipo dos que acabara de sofrer. Ademais ele próprio não conseguia entrever um objectivo suficientemente claro e preciso para conseguir por sua vez ilustrá-lo de maneira bastante precisa ao pai. O que dizer, então? Bastava-lhe reflectir um instante para saber aqui-lo que não queria. Por certo não queria estudar nem Direito, nem Economia, nem Geografia, nem História, nem Inglês, embora avaliasse a importância das duas últimas disciplinas no âmbito daquilo que pretendia fazer. Eis o que não queria. O que desejava então? Tinha dentro de si desejos confusos, que devia analisar com cautela e reflexão, para aclarar os seus fins.

Talvez não estivesse sequer seguro de alcançar estes objectivos ao frequentar a Escola Superior de Professores, embora considerasse este tipo de escola o caminho mais curto para concretizar os seus sonhos. Havia nele desejos agudos de leituras de todos os géneros, sem algum elo em comum que as ligasse, e que abarcavam desde os ensaios literários, sociais e religiosos até à epopeia de Antarah^[47], a As Mil e Uma Noites, à Hamasa, a el-Manfaluti e aos princípios da filosofia.

Tinham indubitavelmente uma certa relação com o mundo dos sonhos que Yassin outrora lhe revelara ou ainda com aquelas lendas com que a sua mãe lhe embebera o espírito em tempos mais remotos... Divertia-se em atribuir a este universo tenebroso o nome de "pensamento" e a si mesmo o título de "pensador" e estava persuadido de que a vida do pensamento era para o homem a meta mais sublime, elevando-se, pela sua natureza esplendente, acima da matéria, do prestígio, dos títulos honoríficos e de qualquer outro tipo de falsa grandeza.

Eram estes os seus desejos. Quer os seus contornos fossem nítidos quer vagos, quer os realizasse na Escola Superior de Professores quer esta última não passasse de um meio para o conduzir aí, jamais a sua mente se poderia desviar deste fim! Mas convinha também admitir que era um fio condutor que o mantinha preso ao seu coração ou, mais precisamente, ao seu amor!

De que maneira? Entre "a sua amada" e o direito ou a economia não existia a mínima ligação aparente. Em compensação existiam, se bem que ténues e velados, elos de ligação entre ela e a religião, a alma, a moral, a filosofia e todo este género de conhecimento, em cujas fontes almejava poder dessedentar-se, comparáveis, de algum modo, à afinidade que uniam a jovem à música e ao canto devido ao mistério que ela escondia dentro de si e que ele esperava descobrir arrastado por um mundo de alegria e tomado por uma delirante impaciência.

Isto tudo achava em si mesmo e nele acreditava com todo o seu ser.

Mas o que poderia dizer ao pai? Recorreu mais uma vez à astúcia dizendo:

- Na Escola Superior de Professores estuda-se ciências sublimes, como a antropologia, tão rica em ensinamentos, e a língua inglesa!

O sayyed observava o filho a falar quando de súbito desapareceram nele todos os sentimentos de irritação e cólera. Notou - como se pela

primeira vez o visse - a magreza do filho e a enormidade da sua cabeça, o nariz grande e o pescoço desmedido, e achou na sua fisionomia uma estranheza em tudo conforme à excentricidade das suas opiniões.

Levado pelo seu espírito trocista, teve no seu íntimo vontade de rir, mas não o fez por ternura e afecto para com o seu filho. E todavia disse de si para si: "A magreza é um fenómeno passageiro, o nariz foi buscá-lo a mim, mas uma cabeça tão estranha... aonde a terá ido buscar? De certeza que aqueles que escavam a fundo nas imperfeições dos outros - como eu faço, por exemplo - fazem dela objecto dos seus remosques?" Perante este pensamento, sentiu um certo mal-estar que intensificou a sua ternura para com o filho. Assim, retomando o discurso, a sua voz tinha uma cadência suavizada e em maior consonância com o tom da sabedoria e do conselho:

- A ciência em si não é nada - disse -, em todas as coisas há que considerar o fim. O estudo de Direito tornar-te-á juiz. Quanto à História e aos seus ensinamentos, apenas poderão fazer de ti um mísero professor. Pesa de forma madura esta conclusão e medita longamente sobre ela!

Depois, alteando levemente o tom da voz com uma certa aspereza:

- Não há força nem poder senão em Allah! Lições... História... Fumo nos olhos! Quando te resolverás em falar-me de coisas sensatas?!

Kamal corou em virtude da vergonha e da dor que experimentava ao ouvir o pai julgar assim os conhecimentos e os valores elevados que ele tinha como sagrados: não lhe agradava que os aviltasse comparando-os a fumo nos olhos! Mas, para seu consolo, aflorou-lhe naquele instante o pensamento de que o pai era inegavelmente um homem eminente mas também a vítima de uma época, de um lugar e de um círculo de amigos. Valeria a pena arguir com ele? Deveria tentar a sua sorte mais uma vez, recorrendo a novos ardis?

- O facto, pai, é que estas ciências gozam da maior consideração junto das nações desenvolvidas. Os Europeus fazem delas objecto de culto, erguendo estátuas à memória daqueles que nelas se notabilizaram!

O sayyed desprendeu o seu olhar dele com uma expressão que parecia querer dizer: "Meu Deus, estou a dar cabo dos meus nervos!", e contudo não estava realmente encolerizado. Talvez considerasse todo aquele assunto como uma surpresa ridícula, que jamais teria

esperado. Depois dirigiu novamente o seu olhar para Kamal dizendo:

- Na qualidade de teu pai, quero ficar descansado sobre o teu futuro!

Quero que tenhas uma posição respeitável. Não é a coisa mais natural? Aquilo que verdadeiramente há no meu coração é o desejo de ver-te na pele de um funcionário e não de um docente miserável ainda que te erguessem uma estátua como aquela dedicada a Ibrahim paxá com o dedol apontado para diante! Louvado seja Allah! Também nós temos vivido, visto e ouvido coisas estranhas! Que temos nós a ver com a Europa? Vives neste país. Já viste erguerem estátuas aos professores, aqui no Egipto?... Indica-me uma só estátua elevada a um professor, se conseguires! - depois com um tom de reprovação:

- Diz-me, meu filho, o que queres: um emprego ou uma estátua?!

Vendo Kamal mudo e atrapalhado, retomou com ar aflito:

- Passam-te pela cabeça ideias que não sabemos como fizeram para aí entrar. Estou a incitar-te a tornares-te num daqueles grandes homens que abalam a terra com o seu prestígio e a sua posição. Tens talvez um modelo que te inspira e que eu desconheço? Diz-me com franqueza aquilo que pensas, de modo que me tranquilize e possa compreender aonde queres chegar. Porque, confesso-to, desconcertas-me!

Kamal, por seu turno, podia tão-só tentar um último passo: desvelar parte dos seus desígnios e confiar a Allah o seu destino. Por isso respondeu num ímpeto:

- Pensa que é errado, meu pai, aspirar a tornar-me um dia igual a el-Manfaluti?

- O sheikh Mustafa Lutfi el-Manfaluti!?! - replicou o sayyed apanhado de surpresa. - Que Allah o tenha na sua glória, vi-o por mais de uma vez em Sayyedna el-Hussein^[48]... Mas nunca foi professor, que eu saiba. Foi muito mais do que isto. Foi conselheiro e secretário de Saad. E aliás vinha de el-Azhar, não da Escola Superior de Professores. E a própria el-Azhar nada tem a ver com a sua grandeza. Foi um dom de Allah... é o que dizem dele!! Estamos a tratar seriamente do teu futuro e da escola em que te convém ingressar. Deixemos a Allah aquilo que Lhe pertence. Se, por acaso, tu também demonstrares ser um dom de Allah, então alcançarás a grandeza de el-Manfaluti na qualidade de procurador ou juiz. Porque não?!

- Não era só à pessoa de el-Manfaluti que eu me referia - contrapôs

Kamal, prosseguindo intrepidamente o seu combate -, mas também à sua cultura. E não vejo outra escola mais idónea para atingir o meu objectivo, ou pelo menos para aplanar o caminho, do que a Escola Superior de Professores. É por isso que a prefiro. Não tenho um especial desejo de me tornar professor. Pelo contrário, pode dar-se que eu tenha aceite uma tal eventualidade porque é o único meio concedido para a cultura do pensamento...

"O pensamento?" Cantarolou a frase da cantiga de el-Hamuli^[49]: "O pensamento vagabundeia, socorram-me, lágrimas dos meus olhos", que ele tanto amara e já tantas outras vezes lhe aflorara os lábios. Seria aquele pensamento que o seu filho perseguia com os seus desejos?

- E em que consistiria a cultura do pensamento? - perguntou-lhe assombrado.

O jovem caiu num estado de confusão. Engoliu a saliva e disse baixinho:

- Talvez eu não o saiba - depois, com um sorriso sedutor: - Se o soubesse, não precisaria de aprendê-lo!

- Mas, se não sabes em que consiste - perguntou-lhe o sayyed com um tom reprovador -, em função de quê a escolheste tu?... Hum...? Ficaste saturado com a mediocridade a troco de nada?

Kamal conseguiu superar com grande esforço o seu próprio embaraço e, movido por um ardor intrépido ao defender a sua decisão, declarou:

- É demasiado vasta para que possa ser abraçada! Consiste, entre outras coisas, na interrogação sobre a origem e a finalidade da vida...

O sayyed olhou demoradamente para o filho, estarrecido, antes de lhe responder:

- E é a isto que queres sacrificar o teu futuro? A origem da vida... e a sua finalidade? Adão é a origem da vida, e o nosso destino é o paraíso ou o inferno! A não ser que as coisas se tenham modificado nos últimos tempos!...

- Oh, não! Sei tudo isto... Quero apenas dizer...

- Enlouqueceste? - interrompeu-o o pai. - Faço-te perguntas sobre o teu futuro, e tu respondes-me que queres conhecer a origem e a finalidade da vida? E o que farás a seguir? Abrirás uma loja de vidente?!

Kamal recusou ceder ao enleio e ao silêncio. Temia, caso o fizesse,

perder o controlo da situação ou ver-se constrangido a adoptar a posição do pai. Agarrou-se portanto a toda a coragem de que era capaz e disse:

- Perdoai-me, meu pai, se não fui muito feliz ao expor o meu ponto de vista! Quero, uma vez conseguido o diploma de docente, continuar os meus estudos literários já começados, estudar história, línguas, moral e poesia. Quanto ao futuro, está nas mãos de Allah!

O sayyed prosseguiu com sarcasmo e desprezo, como que a querer completar a enumeração, partindo do ponto em que Kamal se detivera:

- E estudar igualmente a arte de encantar as serpentes, a arte das marionetas e a de ler o futuro. Porque não? Que Allah nos conceda a Sua Misericórdia, é esta a surpresa que guardavas para mim?... Não há poder nem força senão em Allah!

O sayyed Ahmad convenceu-se de que a situação era mais séria do que previra. Ficou desconcertado e começou a interrogar-se se errara ao dar liberdade de palavra e de opinião ao filho.

Quanto mais dava mostras de paciência e de indulgência para com ele mais o outro se obstinava e se encarniçava na discussão. Em breve sentiu despontar dentro de si um conflito entre as suas inclinações à tirania e a sua resignação em reconhecer ao filho o direito de "escolher a sua Faculdade", ansioso por assegurar o futuro de Kamal por um lado e, por outro, relutante em perder a face. Contudo ele acabou, contrariamente ao seu hábito - ou antes, contrariamente ao hábito de outrora -, por fazer prevalecer a sensatez e retomou a discussão com estas palavras:

- Não sejas parvo! Há alguma coisa na tua mente que me escapa e da qual rogo a Allah que te liberte! O futuro não é uma brincadeira ou um gracejo: é a tua vida e não terás mais nenhuma. Pensa bem. A melhor escola para ti é a Faculdade de Direito. Conheço a vida melhor do que tu. Tenho amigos em todos os estratos e nenhum deles tem uma opinião divergente da minha neste ponto. Não passas de uma criança tola. Não tens a mínima ideia do que significa ser procurador ou juiz? São cargos que fazem estremecer a terra. Tens diante de ti a possibilidade de aceder a um destes, como podes renunciar com tamanha facilidade e escolher ser... professor?

Como sofria Kamal! Não só ao tentar defender a dignidade da figura

do professor mas principalmente e em última instância ao defender a dignidade da ciência, daquela que ele considerava a ciência verdadeira! Não via com bons olhos aqueles cargos que fazem estremecer a terra.

Quantas vezes ouvira os escritores que o fascinavam qualificá-los de grandezas especiosas, glória efêmera e com outros epítetos de desprezo e menoscabo. Estava também convencido, em conformidade com as asserções destes, de que não havia verdadeira grandeza senão numa vida dedicada à ciência e à verdade e por isso toda a aparência de poder e de prestígio era, no seu espírito, sinónimo de impostura e de futilidade. Todavia absteve-se de declarar claramente as suas convicções na presença do pai, por receio de recrudescer a sua cólera e, com delicadeza e carinho, disse-lhe:

- Seja como for, a Escola Superior de Professores é uma escola superior! O sayyecl reflectiu por instantes, depois respondeu, cansado e desalentado:

- Se não desejas estudar Direito (há pessoas que amam a miséria!), escolhe pelo menos uma escola respeitável: a Escola Militar, de Polícia... Qualquer coisa é melhor do que nada!

- Entrar na Escola Militar ou na Polícia depois de ter obtido o bachalau-reato? - retorquiu Kamal, enfadado.

- O que mais podes fazer se não podes sequer entrar em Medicina? Nisso o sayyed sentiu um raio de luz que provinha do espelho e lhe cegou o olho esquerdo. Voltou o olhar em direcção do armário e viu os raios oblíquos do final da tarde entrarem no quarto através da janela que dava sobre o pátio e retirarem-se ao longo do muro frente à cama até sumirem num canto do espelho, avisando-o que a hora de partir para a loja se avizinhava.

Encostou-se ligeiramente, afastando-se da luz reflectida, depois soltou um longo suspiro que traía a sua lassidão e deixava ao mesmo tempo preannunciar - ou aguardar - o fim iminente da discussão.

- Não há mesmo outra escola diferente desta escola maldita? - perguntou, por fim, consternado.

- Há a Escola de Comércio... mas não me atrai em nada! - respondeu Kamal baixando os olhos, com o coração confrangido por não conseguir satisfazer o pai.

Se bem que se sentisse enfastiado ante a prontidão com que o jovem

opusera a sua recusa, não experimentara qualquer entusiasmo pela escola que este apenas afluara, porque considerava que formava meros "comerciantes", e não era de bom grado que aceitaria que o filho se tornasse comerciante.

Antes de mais, não lhe escapava, tendo em conta a actividade que desenvolvia, que uma loja como a sua, embora lhe assegurasse pessoalmente uma existência abastada, era demasiado instável para garantir uma igual àquele dos seus filhos que lhe teria sucedido, e isso porque teria de repartir o seu rendimento entre todos os usufrutuários directos. Nunca teria feito algo no sentido de preparar algum deles para tomar o seu lugar.

Mas não era isto o motivo principal da sua falta de entusiasmo.

Na verdade, ele enaltecia os cargos públicos e os funcionários cujos prestígio e relevância na vida política ele conhecia, prestígio e relevância estes que ele mesmo podia encontrar seja devido aos seus amigos funcionários seja devido aos contactos que mantinha com os organismos do governo no âmbito da sua actividade.

Destarte, teria desejado que os seus filhos se tornassem funcionários e procurava por todos os meios prepará-los para tal fim.

Estava outrossim ciente de que a actividade comercial, conquanto rendesse o dobro, não granjeava sequer da quarta parte da consideração de que gozava a função pública aos olhos das pessoas. Ele próprio partilhava deste sentimento, embora não o confessasse abertamente. Ou melhor, a grande estima em que o tinham os funcionários tornava-o extremamente orgulhoso, considerando-se por sua parte, "intelectualmente" falando, ao nível de um funcionário ou um seu par. Porém, quem, além dele, podia ao mesmo tempo ser comerciante e similar aos funcionários? Onde poderiam os filhos encontrar uma personalidade como a dele? Ah, que desapontamento! Como teria desejado em tempos passados ver um filho seu médico! Com quanta certeza fundara esta esperança em Fahmi, até ao dia em que lhe havia sido dito que o bacharelato em Letras não dava acesso aos estudos de Medicina, e tivera de se contentar com o Direito saudando com prazer as saídas futuras! Depois havia depositado de novo as mesmas esperanças em Kamal. Mas este havia escolhido os estudos literários e o nosso homem tivera de novo de contentar-se em prosseguir em sonhos a brilhante carreira de um licenciado em

Direito. Mas nunca supusera que o conflito entre as suas esperanças e a vontade do destino se resolveria com a morte do "génio" da família ou com a pertinácia de Kamal em querer a todo o custo tornar-se professor! Que desilusão! O sayyed pareceu deveras triste quando exclamou:

- Deí-te os meus conselhos com toda a franqueza. És livre de escolher aquilo que queres para ti mesmo. Mas tens sempre de te recordar de que não concordo contigo. Pensa bem nisso, não te precipites, tens diante de ti muito tempo. Poderias arrepender-te da tua escolha repentina durante toda a tua vida. Ó Allah, preserva-nos da estupidez, da ignorância e da obtusidade!

O sayyed pousou o pé no chão, esboçando um movimento que deixava pressagiar a intenção de se levantar e se preparar para sair de casa. Kamal levantou-se com cortesia e educação e voltou para o salão, onde encontrou a mãe e Yassin sentados a conversar.

Estava ao mesmo tempo desorientado e humilhado por ter enfrentado o pai e pela obstinação com que defendera a sua decisão, não obstante a indulgência e a flexibilidade de que dera mostras o sayyed, e, também, por causa da angústia e da tristeza que no final da conversa se liam no seu semblante.

Contou a Yassin o essencial da discussão que se desenrolara no quarto do pai. O jovem escutou atentamente. Franziu a testa em sinal de desaprovação e torceu os lábios num sorriso trocista. Disse-lhe, sem reboços, que tinha a mesma opinião que o sayyed e que ficara admirado por ele ter ousado ignorar os nobres valores desta vida para aspirar a outros que eram, ao invés, ilusórios ou menos sérios. "Queres imolar a tua vida à ciência? O que significa isto? É uma atitude excelente, como é dado ver num trecho de el-Manfaluti ou em algumas das suas Considerações^[50], mas na vida não passa de um absurdo, um completo absurdo. Mas vives na realidade, não nos j livros de el-Manfaluti. Não é? Nos livros lêem-se parvoíces e coisas sobrenaturais. Aí lêes por vezes coisas como: "O professor é quase um profeta"^[51] Mas já encontraste algum professor que fosse quase um profeta? Vai dar uma volta comigo à escola de en-Nahhasin ou lembra-te dos professores que quiseses e indica-me um só, um só que seja que mereça ser considerado um ser humano, nem digo um profeta! E qual seria esta ciência que procuras? A moral? A história? A poesia? Todas

elas são coisas belas para divertir-se! Tem cuidado, não deixes fugir da tua mão a oportunidade de uma existência de qualidade superior! O quanto eu lamento, por vezes, que infelizes circunstâncias me tenham impedido de prosseguir os estudos!"

O pai e Yassin já haviam partido. Agora sozinho com a mãe, Kamal perguntava-se: "Qual será a sua opinião?" A mulher não era certamente daquelas a quem pedir conselho em assuntos do género, mas acompanhara a maior parte da conversa com Yassin e estava perfeitamente a par do desejo do sayyed de vê-lo ingressar na Faculdade de Direito. Uma escolha na qual ela começava a ver nefastos presságios e que não acolhia de ânimo leve. Contudo, Kamal sabia como obter o seu consentimento por vias mais curtas.

- A ciência que desejo estudar - disse-lhe - está em estreita ligação com a religião, estando entre os seus ramos a sabedoria, a moral, a reflexão sobre os atributos de Allah, a essência dos Seus sinais e das Suas criaturas!

O rosto de Amina fulgurou.

- Esta é a verdadeira ciência - respondeu ela com entusiasmo. - A ciência do meu pai, a ciência do teu avô. A mais nobre das ciências!

Ficou por um instante a pensar enquanto ele olhava para ela, furtivamente, pelo canto do olho. Depois recomeçou a falar com o mesmo arrebatamento:

- Quem poderia achar vil o professor, meu filho? Acaso não diz o provérbio "Aquele que me ensina uma letra, dele me tornarei o seu servo"?

Retomando a argumentação com que o pai havia combatido a sua escolha, disse-lhe, como que procurando nela uma opinião que pudesse apoiar a sua tomada de posição:

- Mas dizem também que não há lugar para o professor nas funções prestigiadas!

Mas ela fez um gesto de escárnio com a mão, declarando:

- O professor tem o suficiente para viver, não te parece? Ora, basta-te isto! Eu peço a Allah que te dê saúde, longa vida e excelente instrução. O teu avô costumava dizer-me: "A ciência vale mais que o dinheiro."

Acaso não era surpreendente que a mãe tivesse uma opinião melhor do que a do pai? Mas não se tratava de uma opinião genuína e pessoal,

mas de um sentimento são, que não fora contagiado pelo contacto com a vida quotidiana, que corrompera o julgamento do pai.

Talvez houvesse sido o seu desconhecimento das coisas do mundo que salvaguardara aquele seu sentimento da corrupção. Mas que valor teria um sentimento - por mais elevado que fosse - se procedia da ignorância? Mas não havia aquela mesma ignorância porventura influenciado a formação das suas próprias opiniões?

Insurgiu-se contra uma tal lógica, e como que contestando-a disse para si: "Aprendeste a conhecer o mundo, com o bem e o mal, através dos livros, e preferiste o bem por convicção e razão. Mas também sabes perfeitamente que não é de excluir o sentimento inato e primitivo poder, por vezes, vir acompanhado de uma sábia capacidade de avaliação, sem que a originalidade da sabedoria seja minimamente lesada pelo carácter inato do instinto." Claro que não! Não duvidava nem por um instante da justeza ou da excelência da sua opinião. Mas pelo menos saberia o que queria?

Não era a profissão de docente em si que o atraía. Sonhava simplesmente em escrever um livro. Esta era a verdade. Que livro? Uma colectânea de poesia? Não! Se o seu diário, a quem confiava os próprios segredos, continha algum verso era porque Aida transformava a prosa em poesia. Aqueles versos não surdavam de uma autêntica veia poética nele. Portanto seria um livro em prosa. Seria um volume enorme, da espessura e do formato do Alcorão, com notas explicativas e comentários nas margens. Mas escrever o quê? Não continha já o Alcorão tudo? Não devia desanimar. Um dia encontraria sem dúvida alguma o seu tema. Por agora, contentava-se com o conhecimento do volume, do formato e das notas contidas nas margens do "seu livro".

Um livro capaz de abalar a Terra não seria acaso mais valioso que um cargo prestigioso mesmo que fosse capaz de fazer estremecer a Terra?

Todos aqueles que estudam conhecem Sócrates. Mas quem, de entre eles, conhece os juizes que o julgaram?

[42] Termo turco que significa senhor,

[43] Mustafa Lutfi el-Manfaluti (1876-1924), romancista, novelista e ensaísta, é um dos maiores estilistas do renascimento árabe, tanto

pelas suas traduções e adaptações de obras de autores franceses (Dumas, Coppée, Bernardin de Saint-Pierre) com um estilo que explorava a riqueza da língua árabe, bem como pelos seus escritos pessoais, nomeadamente as suas Considerações.

[44] Muhammad el-Muwailihi, falecido em 1930. A sua obra mais célebre intitula-se: O Hadith de Isa Ibn-Hisham (sátira espiritual da vida egípcia). Representa a primeira obra de ficção do século XX.

[45] A mais célebre mesquita-universidade do mundo islâmico, fundada no século X.

[46] Para os Muçulmanos, teólogo ou sábio versado em religião.

[47] Trata-se de Antarah Ibn Shaddad al-Absi (525-615 d. CJ, herói e poeta árabe da era pré-islâmica, que ficou conhecido pela sua poesia e pela sua vida aventureira.

[48] Literalmente, "O nosso senhor el-Husseín"; nome que no Cairo foi dado à mesquita que alberga o seu túmulo.

[49] Compositor egípcio (1841-1901) célebre pelos seus dawrs (poemas cantados em árabe dialectal).

[50] Obra célebre do referido autor que compreende reflexões sobre a vida, a sociedade, a religião e a morte, onde predomina o pessimismo.

[51] Alusão aos versos do poeta Ahmad Shawqi (conhecido por Príncipe dos Poetas): "Levante-se perante o professor e faça-lhe a devida reverência / O professor é quase um profeta."

CAPÍTULO 5

- Boa noite!

"... Não responde. Contava com isto. Estava à espera disto. É o princípio... de sempre e para sempre! Olha para ela: agora vira-te as costas! Afasta-se do muro e dirige-se para a corda do estendal. Prende as molas. Não as havia já prendido antes? Claro que sim, mas escondias as tuas intenções. Compreendi-te perfeitamente. Dez anos de loucura não constituem pouca experiência. Regala os teus olhos nela antes que a obscuridade rastejante estenda sobre tudo o seu domínio e ela mesma se torne numa sombra! Engordou e tornou-se mais firme. Tornou-se ainda mais bonita do que era nos tempos da adolescência. Parecia uma gazela, então, mas não tinha aquelas nádegas gordas. Calma... Ela conserva ainda muito da graciosidade de uma virgem.

"Quantos anos tens, espertalhona? Outrora os teus pais afirmavam que tinhas a mesma idade que Khadiga. Mas Khadiga pensa que tu tens anos e anos a mais do que ela. A mulher do meu pai disse, nestes dias, que deves andar pelos trinta, baseando-se em antigas recordações, como quando afirmara: 'No tempo em que eu estava grávida de Khadiga, ela era uma garota de cinco anos', etc. Mas o que importa a idade?...

"Vais frequentá-la até uma idade avançada?! Em breve será uma mulher feita, bela, sedutora, rotunda e rechonchuda. Ah!, olhou para a rua e reparou em ti. Viste a sua pupila enquanto te fazia olhinhos como uma galinha? Não desistirei, minha linda! Um jovem de quem conheces muito bem a beleza, a força e a fortuna não vale mais do que aquele inglês de outrora?"

- Mas diga-me, junto de vocês a saudação não merece resposta, ainda que repetida à letra?

"Tornou a virar-me as costas. Mas não... não te sorriu? Sim, por Aquele que moldou a beleza fazendo dela um feitiço, sorriu-te! Preparou lentamente o caminho para o último passo que falta dar, e como o preparou! Sem dúvida conhece cada movimento meu e todas as minhas anteriores manobras. É tempo para mim... e para ti, também... Felizmente para mim não fazes parte daquelas criaturas

temerosas que sofrem da doença do pudor. Aquele inglês... Julian, aquele puro-sangue que parou na tua frente oferecendo-te a garupa, não ouves os seus relinchos?"

- Não é usual, junto de vocês, ter respeito pelo vizinho?... Estou aqui a mendigar uma saudação vossa, que contudo por direito me é devida!

Como se viesse de longe, visto que ela desviara o seu rosto dele, chegou-lhe a sua voz delicada e débil que dizia:

- Não lhe é devida como um direito... pelo menos, não desta maneira! "A fúria de insistir logrou resposta! Está tudo desbloqueado. É claro que não terás direito ao arailhar se antes não tiveres sofrido os coices...! Paciência e mantém-te firme. Firmeza... é necessário firmeza, como gritam os estudantes de el-Azhar nas suas manifestações."

- Se porventura fiz algo que te ofendeu, não mo perdorei até ao fim da minha vida.

E ela num tom de censura:

- O terraço de Umm Ali, a parteira, fica ao mesmo nível do meu e do vosso. O que pensará quem te vir agir desta maneira enquanto estendo aí roupa?

Depois com ar trocista:

- Ou queres atrair sobre mim os mexericos das pessoas?

"Que o mal esteja longe de ti? Por acaso preocupaste-te em tomar todas estas precauções quando estavas entretida com o Julian, no passado? Mas... a beleza (dos teus olhos e das tuas ancas) apaga todo o pecado, passado e futuro!"

- Que Allah não me deixe viver nem mais um instante se tenho a intenção de te prejudicar. Fiquei escondido debaixo da pérgula de jasmim até ao pôr do Sol, e só me abeirei do muro depois de me ter assegurado de que o terraço de Umm Ali, a parteira, estava deserto.

Depois, com voz sonora suspirou:

- E, além do mais, venho sempre sobre o terraço para achar esta solidão... e, mal a encontro, a alegria desampara-me. Seja como for, Allah protege-nos...

- Estranho!... Para quê tamanha canseira?

"Uma pergunta a não desdenhar. As mulheres perguntam-nos coisas cuja resposta já conhecem. Mas anima-te por ela estar a dialogar contigo, e saboreia toda a alegria..."

- Disse para mim: cumprimentá-la e ter um cumprimento em

retorno é para ti coisa mais preciosa que a saúde e o vigor!

A jovem virou-se para ele com um ímpeto da cabeça que deixou entrever, na penumbra, um riso contido, e replicou:

- A tua língua é maior do que o teu corpo ao que vejo. O que escondem as tuas palavras?

- O que escondem?! Porque não te aproximas do muro? Tenho tantas coisas para te dizer. Há alguns dias, ao sair de casa, aconteceu-me olhar para o chão enquanto estava na rua e vi agitar-se a sombra de uma mão. Levantei o olhar e contemplei o teu rosto debruçado por cima do muro. O que vi era um espectáculo magnífico e inolvidável...

A mulher deu meia volta sobre si mesma sem se aproximar do muro um passo sequer, após o que, com tom acusador, prosseguiu:

- E como te permites olhar para cima? Se fosses um verdadeiro vizinho como o dizes, não te permitirias lesar a tua vizinha! Mas penso que tens más intenções a julgar pela tua confissão e pela atitude que tens agora!

"Sim, tenho más intenções. Acaso a luxúria não é fruto de má intenção?... Más intenções, sim, do género das que te agradam!... Ah, vós mulheres! Dentro de uma hora, exige-lo-ás como sendo um direito teu, e dentro de duas horas escapulir-me-ei e virás no meu encalço. Seja como for, a nossa noite será maravilhosa..."

- Allah sabe que tenho boas intenções. Se ergui os olhos, é porque não podia evitar observar o lugar onde estavas. Ainda não percebeste? Ainda não despertaste? O teu antigo vizinho está a falar, embora tardiamente.

E ela com ar galhofeiro:

- Fala, solta a tua língua comprida, alça a voz. O que farias se a mulher do teu pai te apanhasse no terraço?

"Deixa-te de esquivas, espertalhona... Será um milagre se conseguir apanhar-te... Medo da mulher do meu pai? Ah... mas uma noite entre aqueles braços vale toda uma vida!"

- Não tenhas medo, ouvirei os seus passos antes que chegue... Gozemos este instante em que nos encontramos.

- E o que tem este instante em que nos encontramos?

- É algo que não pode ser descrito!

- Não compreendo nada daquilo que dizes. Talvez neste instante mágico te aches sozinho!

- Pode ser... É de facto algo desolador, sim, é desolador que um coração se declare e não ache ninguém que lhe responda. Lembro os dias em que vinhas à nossa casa, aqueles dias em que éramos como uma só família. E lamento...

- Aqueles dias! - sussurrou ela, meneando a cabeça.

"Para quê repisar o passado? Cometes um grave erro. Fica alerta, faz atenção para que a dor não deite a perder todos os teus esforços. Tenta esquecer tudo, excepto o presente."

- Além disso, ultimamente tenho-te visto... e vi surgir uma jovem fascinante qual uma flor na escuridão da minha vida e enchê-la de luz. Era como se te visse pela primeira vez. E disse para mim: "Não é porventura a nossa vizinha Mariam que no passado brincava com khadiga e Aisha? Não... Esta é uma jovem que atingiu a plenitude da beleza e da maturidade." E, de repente, vi o mundo que se transfigurava em meu redor.

- Naquele tempo - retorquiu ela com uma voz que se tornara zombeteira -, os teus olhos não se atreviam a pousar sobre ninguém! Eras um vizinho na verdadeira acepção da palavra. Mas o que restou daqueles dias? Tudo se modificou... Quase nos tornámos estranhos... como se nunca tivéssemos trocado uma só palavra... e não tivéssemos crescido juntos como numa só família... A tua família assim o quis...

- Não mo censures, não tornes mais pesado o fardo das minhas amarguras.

- Hoje espias-me... pela janela e na rua e agora vens surpreender-me sobre o terraço!

"O que te impede de partir se o quisesses realmente? A tua mentira é mais doce que o mel, ó luz da escuridão..."

- Este terraço é apenas um dos muitos lugares. Olho-te também desde locais que ignoras. E vejo-te, na minha imaginação, mais do que possas supor. Neste instante, digo para mim mesmo, plenamente consciente daquilo que estou a dizer: "Perto de ti ou então morto."

O sussurro de um riso contido fez sobressaltar o seu coração, depois ela perguntou:

- E donde tiras tais palavras?

- Do meu coração - respondeu ele levando a mão ao peito.

Ela roçagou o pé na superfície do terraço e com a pantufa produziu uma fricção contínua que anunciava o seu afastamento, porém não se

moveu, limitando-se a dizer:

- Já que se trata de um assunto de coração, então mais vale que eu parta!

- Pelo contrário! Deves vir, deves vir a mim, agora e para sempre - respondeu ele num arroubo impetuoso, alteando pela primeira vez a voz e baixando-a logo para voltar a si. Depois com malícia: - O meu coração...! Pertence-te com tudo aquilo que possui!

- Não sejas tão esbanjador de ti mesmo! - rechaçou ela num tom de sarcástico moralismo. - Seria um crime da minha parte privar-te do teu coração e de tudo aquilo que possui.

"Até que ponto podes ser fingida? És à leoa que em ti amo que falo. Estás longe de ser parva! Nisso juro pela recordação de Julian. Então, vem, filha da velha. A minha carne queima com tamanho ardor que quase receio iluminar a escuridão."

- Ofereço-to de bom grado, com tudo o que ele possui. A sua felicidade é que tu o aceites e o possuas e que seja somente teu!

- Estás a ver, não passas de uma velha raposa! - disse ela a rir. - Só queres tomar sem nada dar em troca...

"Mas aonde foste buscar esta linguagem? A própria Zannouba na sua época não te teria feito frente! Maldito seja o mundo sem ti!"

- Quero que me pertenças como eu te pertenço... onde está a injustiça nisso?

O silêncio voltou. Os dois vultos trocaram um olhar. Em seguida, ela disse:

- Talvez neste preciso momento estejam a interrogar-se sobre o que tanto te demora!

- Não há ninguém nesta terra que se preocupe com os meus assuntos! - respondeu ele, procurando, de um modo dissimulado, ser lastimado.

Então ela mudou o tom de voz e perguntou com um ar sério:

- Como está o teu filho? ... Continua em casa do avô? "O que se esconderá por detrás desta pergunta esquisita?"

- Sim.

- Quantos anos tem, agora?

- Cinco anos.

- E da mãe dele, que notícias tens?

- Voltou a casar, ou não tardará a fazê-lo.

- Que pecado!... Porque não a aceitaste de novo, ainda que só para contentar Ridwan?

"Ai! Feiticeira!... Diz-me francamente aonde pretendes chegar!"

- Era o que realmente terias desejado?

- Feliz quem pode reconciliar duas almas no que é lícito! - exclamou ela, com um leve riso.

- E no que é ilícito?

- Contudo, não gosto de olhar para trás...

De novo, abateu-se um silêncio, estranho, pejado de meditação... até que ela disse com uma voz que encerrava ameaça e complacência:

- Ai de ti se me surpreendes mais uma vez sobre o terraço!

- Como quiseses - respondeu ele tornando-se atrevido. - O terraço não oferece nenhum recanto abrigado. Suponho que sabes que possuo uma casa em Qasr esh-Shawq?!

- Uma casa tua! - exclamou ela, incrédula. - Folgo em sabê-lo, senhor proprietário!

Ele calou-se por um segundo, como que para se pôr na defensiva, após o que perguntou:

- Adivinhas no que estou a pensar...

- Não estou minimamente interessada.

"Silêncio, obscuridade, solidão. Quão terrível é a excitação que a obscuridade impõe aos meus nervos..."

- Penso nos muros dos nossos dois terraços adjacentes. Que imagem te inspiram?

- Nada!

- A mim, dois amantes nos braços um do outro.

- Não gosto de ouvir semelhantes discursos.

- A proximidade deles sugere-me a ideia de inseparável.

- Eh! - deixou ela escapar, qual um convite repleto de promessas.

- É como se me dissessem: pula! - prosseguiu ele a rir.

Ela recuou dois passos até se achar com as costas coladas a uma melaya estendida, e com um tom de severa advertência exclamou:

- Não admito isto!

- Isto...! Isto, o quê?

- Dizer uma coisa deste género!

- E fazê-la?

- Hei-de fincar os dois pés, cheia de raiva! "Oh, não, pela tua vida

que me é tão cara...

Dás-te conta daquilo que estás a dizer? Serei eu mais parvo do que julgo? Ou talvez sejas mais velhaca do que imagino? Porque falou de Ridwan e da sua mãe? Uma alusão ao casamento?... Como a desejas... Um desejo louco!"

- Ah!... O que me retém aqui? - exclamou bruscamente Mariam. Deu meia volta sobre si mesma, após o que se dobrou, enfiando-se por baixo do estendal.

- Vais-te embora sem me cumprimentares! - gritou ele com uma voz aflita.

Ela levantou a cabeça mais adiante da corda do estendal e depois disse:

- É pela porta que se entra em casa de alguém. Eis o meu cumprimento.

Em seguida, precipitou-se para a saída do terraço, onde desapareceu.

Yassin regressou ao salão e desculpou-se perante Amina por tanto se ter demorado, devido ao calor sufocante da casa. Depois retirou-se para quarto para envergar o seu fato.

Kamal seguia-o com os olhos, perplexo e pensativo. Lançou um olhar à mãe que já bebera o seu café, lera o fundo da xícara e se mantinha queda e serena. Kamal interrogou-se qual seria a reacção desta caso viesse a saber o que ocorrera no terraço. Aliás ele próprio não conseguia libertar-se da angústia desde que casualmente lhe acontecera surpreender os dois amantes nocturnos, quando se pusera à procura do irmão, tentando descortinar os motivos da sua ausência. Seria Yassin capaz de algo do género? A memória de Fahmi ser-lhe-ia pois indiferente? Não podia concebê-lo. Yassin sentia por Fahmi um afecto genuíno. A sua morte causara-lhe uma tristeza pungente de cuja autenticidade Kamal não podia duvidar. E, além disso, aquele tipo de "incidentes" acontece muitas vezes. Por outro lado, nunca conseguira entender porque invariavelmente associavam Fahmi a Mariam. O falecido irmão soubera de imediato do incidente com Julian. Depois transcorreria um longo período em que parecia ter esquecido completamente Mariam. Já não alimentava qualquer interesse por ela, azafamado como estava por questões bem mais sérias e importantes. Ela apenas merecia isto e jamais fora digna dele! Era, na realidade,

digno de nota perguntar-se: "É possível esquecer o amor?..." O amor nunca se esquece. Esta era a sua convicção. Porém quem podia dizer-lhe se Fahmi havia amado Mariam da maneira como ele entendia - ou sentia - o amor? Tratara-se talvez de um forte desejo, do género daquele que neste momento avassala Yassin; ou antes do género daquele que já uma vez, na adolescência, o envolvera nas suas malhas e agitara os seus sonhos, precisamente em relação a Mariam. Sim, isto também acontecera. Experimentara um duplo sofrimento: o sofrimento ocasionado pelo desejo e pelo remorso.

Ambos os sofrimentos se igualavam em intensidade, e só o casamento de Mariam com o seu subsequente desaparecimento o havia libertado.

Portanto importava agora saber se Yassin sofria e se o remorso o supliciava. E, se sim, até que ponto?

Não conseguia imaginar que tudo seria um mar de rosas, a despeito do que pensava da bestialidade de Yassin ou do seu fraco entusiasmo pelos ideais. E, todavia, malgrado o respeito indulgente com que tratava toda esta questão, sentia amargura e angústia, o que aliás era natural num homem para o qual, naquele preciso momento, nada existia no mundo que ele colocasse no mesmo patamar que o seu ideal.

Yassin saiu do quarto, vestido com primor e elegância. Saudou Amina e Kamal e, alguns instantes mais tarde, ouviram bater à porta do salão. Kamal pediu ao visitante que entrasse - parecia saber de antemão de quem se tratava - e apresentou-se um jovem que parecia ter a mesma idade, baixo, de belo aspecto, envergando uma gallabiyya e um casaco.

Dirigiu-se a Amina e beijou-lhe a mão. Depois apertou a de Kamal e instalou-se ao seu lado. Apesar da discrição que patenteava, havia, no seu comportamento, uma certa familiaridade, como se fizesse parte de casa. Mais do que isto. Amina, na verdade, principiara a dialogar com ele chamando-o muito simplesmente "ó Fuad", pedindo-lhe novas do seu pai, Garnil el-Hamzawi, e da sua mãe. O jovem respondia com inegável prazer e gratidão pelo bom acolhimento que ela lhe reservava. Kamal deixou o amigo na companhia da mãe e dirigiu-se para o quarto para enfiar o casaco, e depois regressar e sair com Fuad.

[52] Literalmente: Palácio do Desejo.

[\[53\]](#) Manto que as mulheres usam para nele se envolver quando saem.

CAPÍTULO 6

Caminharam lado a lado rumo à ruela de Quirmiz, evitando a Rua de en-Nahhasin de modo a não passar defronte da loja onde se encontravam os seus pais. Kamal, com a sua estatura elevada e esguia e Fuad, muito baixo, atraíam sobre ambos todos os olhares em virtude do grande contraste entre as suas duas pessoas.

- Aonde é que vais esta noite? - perguntou Fuad com um tom bonacheirão.

- Ao café de Ahmad Abdu! - respondeu Kamal com a sua habitual agitação.

Normalmente era Kamal quem decidia e Fuad anuíva, apesar da sensatez que lhe reconheciam e das extravagâncias de Kamal que ao amigo pareciam no mínimo estranhas, como quando lhe implorava com insistência que o acompanhasse ao monte Muqattam^[54], à Cidadela^[55] ou a el-Khaimiyya para "levar a apascentar" - como soía dizer - os seus olhares entre os vestígios da história e as maravilhas do presente.

Mas, a bem dizer, a relação entre os dois amigos não deixava de ser influenciada pela desigualdade das suas condições sociais e pelo facto de um ser filho do dono da loja e o outro um empregado na mesma.

Esta relação peculiar era outrossim enfatizada pelo facto de Fuad ter por hábito, desde criança, comprar e levar à casa do sayyed Ahmad os bens de primeira necessidade de que estava incumbido, como também pelo facto de haver sido durante longos anos o beneficiário privilegiado da magnanimidade de Amina, que nunca lhe havia negado aquilo que a sua mesa oferecia de melhor - a sua vinda coincidia não raro com a hora da refeição -, nem as roupas menos puídas que eram desnecessárias a Kamal.

Assim cimentara-se, desde sempre, num deles, um sentimento de superioridade e, no outro, de sujeição, sentimento este que acabara, na verdade, por se esbater quando fora derrubado por uma amizade genuína cujas marcas permaneciam arraigadas nos recessos das suas mentes.

As circunstâncias haviam feito com que Kamal não achasse, durante todo o período das férias de Verão, outro companheiro além de Fuad

el-Hamzawi. A razão era que os seus companheiros de infância, moradores do bairro, não haviam, na maioria, prosseguido os seus estudos até ao fim: de entre estes, alguns haviam encontrado trabalho graças aos estudos elementares ou ao certificado de competência, e outros haviam-se visto forçados a exercer alguma daquelas profissões de pouca monta, como o empregado do café de Bain el-Qasrain ou o aprendiz na lavandaria local de Khan Gafar. Ambos haviam sido seus condiscípulos nos bancos do kuttab e os três continuavam sem distinção a trocar saudações, sempre que lhes sucedia encontrarem-se, em nome daquela confraternidade pretérita. Saudações pejadas de respeito por parte dos primeiros, dado o privilégio do velho amigo que tinha a possibilidade de seguir avante na "procura do saber"^[56], e perpassadas por parte de Kamal daquela afabilidade que costuma provir de uma natureza essencialmente simples e despretensiosa.

Quanto aos seus novos amigos, os jovens cuja amizade havia granjeado em el-Abbasiyya, como Hassan Salim, Ismael Latif e Hussein Shaddad, todos estes passavam as suas férias em Alexandria ou em Ras el-Barr: destarte restava-lhe apenas Fuad como amigo.

Depois de ter caminhado por alguns minutos, alcançaram a entrada do café de Ahmád Abdu e entranharam-se no seu antro misterioso, no ventre da terra, debaixo do bairro de Khan el-Khalil, e dirigiram-se para um nicho desocupado.

Estavam já sentados em torno da mesa, um diante do outro, quando entediado Fuad murmurou:

- Pensava que querias ir ao cinema esta noite!

As suas palavras indiciavam claramente que era ao cinema que ele teria desejado ir e talvez este pensamento lhe assomara ao espírito mesmo antes de ir pegar Kamal à casa deste. Mas nada dissera, não só por ser impossível demover este de um qualquer intento, mas pela simples razão de que era sempre este último que pagava o bilhete do cinema quando decidiam ir juntos. Fora por isso que só ousara fazer alusão, ainda que discretamente, ao seu desejo de ir ao cinema quando se instalara à mesa do café. Somente então as suas palavras seriam tomadas como uma espécie de observação inocente e casual.

- Na próxima quinta-feira, iremos ao Clube Egípcio para ver Charlie Chaplin. Por ora, façamos uma partida de dominó.

Retiraram os fezes e pousaram-nos sobre outra cadeira. Kamal

chamou o empregado e pediu chá verde e dominós. Aquele café subterrâneo parecia o ventre de um animal de uma raça extinta, sepultado sob os escombros da História, à excepção da grande cabeça que se erguia à superfície do solo com as fauces escancaradas e cujos dentes afiados formavam as grandes escadas da entrada.

No interior, um amplo chão de forma quadrada revestido de ladrilhos em terracota de el-Masara^[57] abrigava no seu centro vasos com cravos e estava rodeado por todos os lados por bancos cobertos de esteiras multicolores e de almofadas. Paralelamente às paredes, alinhavam-se a espaços regulares pequenos nichos, uns ao lado dos outros, semelhantes a cubículos esculpidos na parede, sem portas nem janelas, tendo, por toda a mobília, uma mesa de madeira, quatro cadeiras e um minúsculo candeeiro, dia e noite, aceso numa reentrância escavada no cimo do muro, face à entrada.

Quase parecia que o café evidenciava algumas características específicas da sua insólita estrutura.

Esta, verdade seja dita, parecia entranhar-se num silêncio que não era usual nos demais cafés e dormir sob uma luz que não fadigava os olhos, imersa num ar fresco e tranquilizador.

Cada grupo estava separado no seu nicho ou no seu banco a fumar o narguilé ou a sorver o chá, entregando-se a um cavaquear ininterrupto, numa lenta sucessão de sons, quase uma litania que, de longe em longe, era atravessada por um acesso de tosse ou uma gargalhada ou um gorgolejo da boquilha do narguilé de algum fumador.

O café de Ahmad Abdu era, aos olhos de Kamal, um retiro propenso a reflexão para quem desejasse pensar e um objecto de curiosidade para um sonhador. Fuad, pelo contrário, nos primeiros tempos, muito embora não houvesse ficado indiferente à singularidade do local, considerava-o tão-só um ponto de encontro, invadido como era pela humidade e um ar deletério. E todavia não podia deixar de assentir ao convite de Kamal quando este lhe rogava que o acompanhasse!

- Lembras-te do dia em que o teu irmão, Si^[58] Yassin, nos surpreendeu aqui sentados à mesa?

- Sim - respondeu Kamal sorrindo. - Si Yassin é condescendente e generoso e nunca fez pesar sobre mim o seu papel de irmão mais velho. Aliás, pedi-lhe, naquele dia, que nada dissesse em casa sobre a

nossa presença neste local. Não que eu temesse o meu pai, pois nenhum de nós se aventuraria a revelar-lhe coisas desse jaez, mas porque receava inquietar a minha mãe. Imagina só quão assustada teria ficado caso soubesse que frequentamos este café ou outro! Julga que a maior parte dos clientes habituais dos cafés são fumadores de haxixe ou gente de má fama!

- Mas, será que não sabe que Si Yassin também é um cliente habitual dos cafés?

- Se lhe dissesse tal coisa, responder-me-ia: "Yassin é 'crescido', não é ele que me preocupa. Tu, pelo contrário, ainda és pequeno!" Tenho até a impressão de que em casa não deixarão de me considerar um garoto, enquanto não tiver cabelos brancos!

O empregado trouxe os dominós e dois copos de chá sobre uma bandeja de um amarelo-vivo, pousou tudo sobre a mesa e retirou-se. Kamal pegou de imediato no seu copo e começou a mergulhar os lábios sem sequer esperar que a bebida esfriasse, soprando o líquido que bebericava, para depois soprar de novo e chupar os lábios sempre que os queimava. O que não o demovia de recomeçar a sua tentativa com sôfrega teimosia, como se houvesse sido condenado a esvaziar o copo num minuto ou dois. Fuad observava em silêncio ou olhava para o vazio, reclinado na cadeira com uma seriedade demasiado grave para a sua idade. Nos seus grandes e belos olhos, luzia um olhar profundo e sereno. Então alongou a mão para o copo quando Kamal emborcou o seu e começou a beber o chá pausadamente, com pequenos sorvos, saboreando-o e apreciando, maravilhado, todo o seu aroma, sussurrando entre dentes a cada trago: "Meu Deus... como é bom!", enquanto o outro, com exasperante insistência, o instigava a terminar de modo a dar início à partida, dizendo-lhe em jeito de aviso:

- Hoje vou vencer-te. Nunca terás sorte...

- Vamos ver - resmoneou Fuad com um sorriso. E começaram a jogar. Kamal enfrentava a partida com um vivo interesse, como que travando um combate de cujo sucesso dependessem a sua vida ou a sua honra. Fuad, neste Ínterim, colocava as suas peças com sangue-frio e habilidade, com um sorriso nos lábios, pouco preocupado em ter sempre a sorte do seu lado ou ver esta virar-lhe as costas ou se Kamal faria boa figura num mau jogo ou se rezingaria. Como de costume, Kamal, que não tardou a perder a primeira mão, gritou:

- Jogas mesmo mal, mas a sorte está do teu lado!

O outro limitou-se a responder com um sorriso bonacheirão, incapaz de se encolerizar e alheio a qualquer expressão de censura. Há quanto tempo Kamal andava repetindo para si, cheio de raiva: "Até quando a sua sorte continuará a suplantar a minha?" O jovem não enfrentava a partida com o espírito de transigência necessário a qualquer jogo ou divertimento. E nisso metia tamanho encarniçamento e tamanha ansiedade que, a bem dizer, não separava o lado sério e o da diversão.

Fuad, aliás, não era menos brilhante na escola do que no jogo de dominó. Era o primeiro da turma ao passo que Kamal figurava entre os cinco primeiros. Seria ainda a sorte a desempenhar um papel naquela circunstância? Como explicar os resultados brilhantes do jovem em relação ao qual secretamente nutria um sentimento de superioridade que, assim o julgava ele, devia outrossim abarcar o campo das faculdades intelectuais?

Qualquer pretexto servia para minimizar os resultados obtidos pelo amigo, afirmando que ele consagrava todo o seu tempo ao estudo e que, se a sua inteligência era tão excepcional, como em seu derredor se clamava, podia dispensar algum daquele tempo; dizia também que o amigo descurava as disciplinas desportivas, ao passo que ele se evidenciara em várias delas; e dizia por fim: "Fuad restringe as suas leituras aos livros escolares e caso ache conveniente ler um livro não escolar durante as férias tem sempre cuidado que a sua escolha incida num livro que lhe possa ser proveitoso para os estudos futuros." Quanto a ele, o leque das suas leituras não conhecia limites, não se sujeitava a qualquer critério de utilidade. Qual o espanto, assim sendo, se o outro gozava de maior consideração? A sua indignação, porém, não debilitava a amizade deles. Kamal queria-lhe bem e aprazia-se e alegrava-se por estar na sua companhia, ao ponto de não hesitar - pelo menos em segredo - em reconhecer os talentos e as virtudes deste.

A partida prosseguiu e, ao contrário do que o começo deixara augurar, a primeira mão concluiu-se com a vitória de Kamal. O seu rosto resplandecia de alegria. Soltou uma gargalhada portentosa e perguntou ao seu adversário: "Outra mão?" Mas Fuad respondeu com um sorriso: "Por hoje, basta." Talvez estivesse cansado de jogar, ou talvez temesse que a segunda mão proposta pudesse resultar num

defraudar das esperanças de Kamal e que a alegria deste último virasse tristeza. Kamal meneou a cabeça com uma expressão de surpresa e disse:

- És como os peixes de sangue frio!

Depois, com um tom de reprovação, esfregando a ponta do seu grande nariz entre o polegar e o indicador:

- Espantas-me. Quando és derrotado, não te preocupas minimamente em tirares a desforra. Reverências Saad Zaghlul mas amoleces quando se trata de participar numa manifestação que tem como intuito celebrar o dia em que ele assumiu o ministério. Imploras a bênção de el-Hussein mas não pestanejaste no dia em que ficou comprovado que os seus despojos mortais não repousavam no seu túmulo aqui ao lado! Realmente espantas-me!

Como o exasperava a frieza! Aquilo que chamavam "razão" era-lhe insuportável, era como se amasse a loucura e por ela se tivesse apaixonado perdidamente. Recordava o dia em que na escola lhes fora dito: "O sepulcro de el-Hussein é um mero símbolo e nada mais." Naquele dia, haviam regressado juntos. Enquanto Fuad repetia as palavras do professor de Historia Islâmica, Kamal interrogava-se, dominado pela confusão, aonde diabo o seu amigo buscava tamanha força para resistir a uma notícia daquele jaez, como se se tratasse de uma questão que lhe não dissesse respeito. Quanto a si, não se abandonara a nenhuma reflexão. Não tinha, de modo algum, tempo para reflectir. E como pode um homem aturdido permitir-se reflectir? Caminhava quase que titubeante, sob o efeito do golpe terrível que lhe havia sido infligido. Pranteava um mundo imaginário cuja nascente secara e um sonho que se estilhaçara. El-Hussein deixara de ser vizinho deles, aliás, nunca fora vizinho deles. Que sentido haviam tido aqueles beijos dados com tanta sinceridade e tanto fervor na porta do sepulcro? O que adviria daquele orgulho ligado à familiaridade sagrada e daquele brio que decorria de uma tal vizinhança? Nada restara! De tudo aquilo, apenas sobejara o símbolo na mesquita e uma consternação e uma decepção incómoda no fundo do coração. Naquela noite, chorara tanto que encharcara o seu travesseiro. Tamanho trauma nele e tamanho desinteresse, pelo contrário, no seu amigo "sensato" que comentara as palavras do professor de História. Quão ignóbil é a razão!

- O teu pai sabe que pretendes inscrever-te na Escola Superior de Professores?

- Sim - respondeu Kamal num tom ríspido, para manifestar a sua exasperação perante a insensibilidade do companheiro e a mágoa que sentia por ter enfrentado o pai.

- E que disse ele?

- Infelizmente - respondeu Kamal consolando-se e investindo indirectamente contra o interlocutor - o meu pai, como a maioria das pessoas, é daqueles que se prendem às falsas aparências: a função pública... a procuradoria... a advocacia... é apenas isto o que o preocupa. Não consegui convencê-lo do carácter sagrado do pensamento, dos valores nobres que, nesta vida, são os únicos que são dignos de serem procurados! Contudo, deu-me a liberdade de escolher.

Os dedos de Fuad brincavam com uma peça de dominó, enquanto com cautela e receio dizia:

- São valores nobres, não há dúvida, mas onde está a sociedade que os exalça ao nível que merecem?

- Não posso repudiar uma convicção elevada pelo simples facto de aqueles que me rodeiam não acreditarem nisso...

- Estupenda disposição de alma! - prosseguiu Fuad com calma. - Mas não seria melhor se pensasses o teu futuro numa óptica mais realista?

- Achas mesmo que se o nosso líder tivesse seguido um tal conselho - perguntou Kamal num tom sarcástico - teria seriamente ponderado em deslocar-se até à sede do protectorado para exigir a independência?

Fuad esboçou um sorriso como que para dizer: "Apesar da pertinência do teu argumento, ele não pode servir de regra geral na vida", pelo que acrescentou:

- Inscreve-te na Faculdade de Direito, para garantires uma profissão respeitável. Dependerá de ti, mais tarde, enriqueceres a tua cultura como melhor achares!

- Allah não fez em homem algum dois corações em seu peito^[59]. E, aliás, permíte-me contestar este teu modo de associar a profissão respeitável e os estudos de direito! Como se o ensino não fosse uma profissão respeitável!!

- Não é nada disso que eu quis dizer - sublinhou Fuad como que a afastar de si uma tal suposição. - Quem poderia afirmar que possuir o saber e transmiti-lo não é uma nobre profissão? Pode acontecer que eu tenha sem querer repetido aquilo que as pessoas pensam. E as pessoas, como tu próprio há pouco dizias, em parte deixam-se ofuscar pelo brilho do poder e do prestígio!

Kamal encolheu os ombros com desdém e repetiu obstinadamente: - Uma vida inteiramente devotada ao pensamento é a mais nobre das vidas.

Fuad meneou a cabeça, como que para expressar a sua própria anuência sem nada dizer. Assim ficou, sem articular uma só palavra, até Kamal lhe dizer:

- O que te levou a optar pelo direito? Fuad reflectiu por um instante e respondeu:

- Ao contrário de ti, nunca senti um amor fulgurante pelas ideias. Tive de escolher os meus estudos superiores unicamente à luz do futuro, e escolhi por conseguinte a Faculdade de Direito.

"E acaso não seria esta a voz da razão? Claro que sim, era ela mesmo! Deus, como o agastava e como o revoltava! Não seria injusto para ele ter de passar as suas longas férias cativo daquele bairro, tendo por único companheiro aquele 'rapaz sensato'? Devia existir outra vida, alhures, completamente oposta àquele velho bairro, e outros amigos completamente diferentes de Fuad. Era para uma tal vida e semelhantes amigos que a sua alma tendia, para el-Abbassiyya, para a nova espécie de juventude e sobretudo para a elegância refinada, a pronúncia parisiense, o sonho maravilhoso... para a sua adorada... Ah! A sua alma almejava estar em casa, era o seu quarto que agora desejava, para nele se recolher, folhear as páginas do seu diário, relembrar uma data, fazer reviver uma recordação. Reter um pensamento efémero. Não teria chegado o momento, para ele, de interromper aquele encontro e tornar a casa?"

- Encontrei-me com pessoas que me perguntaram por ti.

- Quem? - perguntou Kamal, arrancando-se a custo à torrente daquelas suas emoções.

- Qamar e Nargis - respondeu Fuad a rir.

"Qamar e Nargis, as filhas de Abu Sari, o dono da loja das pevides grelhadas. As arcadas de Quirmiz, as ruelas submersas na penumbra

após o pôr do Sol, o fútil jogo do amor consumado por entre instantes de total inocência ou de um vício ingênuo, a adolescência apaixonada... não recordava todas estas coisas? Porque os seus lábios se torciam de aversão? Não podia recordar aquele período, relativamente distante, vivido ainda antes da 'descida do espírito', sem experimentar no seu coração uma onda de revolta, de dor e de opróbrio, como convinha a um coração que bebera à saciedade um amor imaculado."

- E onde as encontraste?

- No meio da multidão, durante a celebração do muled de el-Hussein^[60]. Abordei-as sem hesitação ou embaraço, como se fôssemos uma só família que desse um pulo à festa!

- Que descarado!

- Acontece... Cumprimentei-as e elas responderam-me.

Conversámos demoradamente. Depois Qamar perguntou-me por ti!

- E depois? - perguntou Kamal, enrubescendo um pouco.

- Concordámos em que falaria contigo e que depois nos encontraríamos todos!

Kamal sacudiu a cabeça dando mostras de repugnância, depois disse asperamente:

- Nunca!

- Como nunca? - contraveio Fuad admirado. - Teria jurado que a lherias de braços abertos um encontro debaixo da abóbada ou no pá da casa abandonada! Já estão maduras e em breve tornar-se-ão mulher na verdadeira acepção da palavra. Para que saibas, quero dizer-te q Qamar envergava uma grande melaya mas trazia o rosto descoberto e gracejar disse-lhe: "Se tivesses posto o véu, não teria ousado dirigir-te palavra!"

- Nunca! - respondeu Kamal com teimosia.

- Mas porquê?

- Já não consigo suportar a imundície! Depois, com uma dureza que traía uma mágoa oculta:

- Não posso encontrar Allah nas minhas orações e ter a minha roupa interior maculada!

- Ora, purifica-te e faz a grande ablução antes de rezar! - respondeu Fuad com toda a franqueza.

- A água não purifica a impureza! - objectou Kamal meneando a

cabeça, como que a rejeitar aquela metáfora vazia.

Recordava-lhe aquele antigo conflito... Ia ao encontro de Qamar, agitado pelo desejo e pela angústia, para tornar a casa com a consciência mortificada e o coração choroso, para depois, uma vez terminada a oração, pedir com fervor e demoradamente perdão a Allah, e dirigir-se mais uma vez, como que derrubado, ao encontro, para mais tarde regressar a casa aniquilado pelo mesmo sofrimento e pedir novamente a Allah perdão... Ah! Que dias haviam sido aqueles que exsudavam desejo, angústia e dor! Mas a seguir despontara a luz. Agora podia por fim amar e rezar em simultâneo. Porque não?! Da fonte da religião o amor brota puro!

- Rompi com Nargis desde que lhe foi proibido vir brincar no bairro - disse Fuad com um certo pesar.

- E tu, que és crente, não sofrias por causa desta relação? - perguntou Kamal inquieto.

- São coisas mais fortes do que nós - voltou Fuad baixando os olhos com vergonha.

Depois, como que para dissimular o pudor:

- Estás mesmo decidido em recusar esta oportunidade?

- Absolutamente!

- Apenas por motivos religiosos?

- E não é suficiente? Fuad, com um grande sorriso, replicou:

- Não compreendo como consegues impor a ti mesmo algo impossível.

- Sou assim feito e não devo ser diferente - acrescentou Kamal com firmeza.

Trocaram um longo olhar. Nos olhos de Kamal, eram manifestos de forma clara a determinação e o desafio, enquanto os de Fuad revelavam um convite à trégua e um sorriso, como os raios inverniais do sol que se reflectiam num cintilar ridente sobre a superfície da água. Depois Kamal tornou a dizer:

- Considero o desejo carnal um instinto torpe. A ideia de sucumbir a este é-me intolerável! Atrever-me-ei até a afirmar que este só foi criado em nós para melhor nos inspirar um sentimento de resistência, de sublimação, até que por fim nos elevemos dignamente ao nível da nossa autêntica humanidade. Uma coisa ou outra: ou sou um homem ou sou um animal.

Fuad hesitou um tanto e depois voltou com placidez:

- Não acho que seja um mal absoluto. Aliás é o que leva a que casemos e tenhamos posteriormente uma descendência!

O coração de Kamal foi trespassado por um palpar vigoroso que escapou a Fuad. "Seria deveras aquilo, no final de contas, o casamento? É claro que não ignorava aquela verdade, embora continuasse desconcertado, ignorando como as pessoas conseguiam aliar o amor e o casamento. Um problema com o que, no seu amor, ele jamais se havia confrontado, já que o casamento lhe aparecera sempre - e por mais de uma razão - alheio ao universo das suas esperanças. E todavia isto não excluía que devesse enfrentar uma questão que requeria uma solução. Era difícil, para ele, pensar que entre ele e a sua adorada pudesse existir uma união feliz além daquela que ocorria mediante um enlevo interior dela e um anseio ardente nele. Através de uma via que mais se assemelhava à adoração, ou através da própria adoração. Que importância, assim sendo, tinha o casamento?"

- Aqueles que amam de verdade não casam.

- O que disseste? - perguntou Fuad espantado.

Deu-se conta, antes mesmo de Fuad lhe fazer aquela pergunta, que a sua língua atraíra o seu pensamento. Pareceu atrapalhado, como que sufocado, e começou a recordar as últimas palavras proferidas por Fuad antes de ter deixado escapar aquela frase estranha, até conseguir, não sem um certo esforço - ainda que houvessem sido ouvidas há pouco - recuperar o fio das palavras de Fuad acerca do casamento e da descendência. Decidiu por conseguinte disfarçar o seu lapso e rectificar o seu significado, na medida do possível.

- Aqueles que amam aquilo que existe para além da vida - declarou - não se casam. É isso o que queria dizer.

Fuad esboçou um leve sorriso ou talvez tentasse reprimir uma gargalhada. Mas os seus olhos insondáveis não deixavam filtrar nada daquilo que escondiam. Limitou-se a dizer:

- Estas são coisas demasiado sérias! É ainda demasiado cedo para falar disso... deixemo-las para um momento mais oportuno...

Kamal encolheu os ombros com indiferença e confiança, e voltou:

- Sim, ponhamo-las de parte e aguardemos...

Estava cada um no seu próprio campo, e no entanto eram amigos. Kamal não podia desconhecer que era justamente esta diferença de

opiniões entre eles que o atraía no outro, a despeito da tensão que invariavelmente tudo aquilo acabava por infligir aos seus nervos. Não teria chegado a altura de tornar a casa? Chamava-o o desejo de se achar a sós, de se entregar a si mesmo. O caderno do diário que repousava na gaveta da sua secretária reacendia o fogo da sua impaciência. Quando se está exausto por ter suportado em excesso o peso da realidade, importa retirar-se e conceder a si mesmo algum descanso...

- Está na hora de regressarmos...

[54] Planalto que domina a parte oriental do Cairo.

[55] Fortaleza cuja fundação remonta a 1176, tendo sido uma obra do sultão ayyubida Salah ed-Din (1169-1193).

[56] Alusão às palavras do Profeta: "Quem abandona o seu lar para se pôr à procura do saber segue a via de Deus." "A tinta do discípulo é mais sagrada que o sangue do mártir."

[57] Nome de uma aldeia que se situa no Sul do Cairo, grande centro de produção de olaria.

[58] mesmo que "senhor".

[59] Adaptação do versículo 4 da surata 33 do Alcorão.

[60] Grande festa no Cairo que celebra o nascimento de el-Hussein, o neto do Profeta.

CAPÍTULO 7

A caleche prosseguia o seu caminho ao longo da margem do Nilo, quando de repente estacou diante de uma awwama situada na extremidade da primeira bifurcação da Rua Imbaba. O sayyed Ahmad Abdel Gawwad não tardou a apear-se, seguido pelo sayyed Ali Abder Rahim.

A noite enroscara-se na sua almofada e o negrume alastrava-se sobre todas as coisas circundantes, excepto as raras luzes, distantes umas das outras, que saíam das janelas das awwamas e das dahabiyyas^[61] que se enfileiravam paralelamente às duas margens desde a ponte de Zamalek^[62] mais abaixo, e luzes frouxas que se derramavam nas cercanias da aldeia, no fim da rua, semelhantes a uma nuvem atravessada por raios de sol num céu nublado e cinzento.

O sayyed Ahmad descia à awwama pela primeira vez, conquanto Muhammad Iffat já a houvesse alugado há quatro anos, convertendo-a num local privilegiado para encontros galantes a que o sayyed Ahmad se havia furtado desde a morte de Fahmi.

Ali Abder Rahim precedeu-o para lhe indicar o passadiço e, já perto da escada, disse-lhe:

- Cuidado! A escada é estreita, os degraus são altos e não há nenhum corrimão. Põe a tua mão sobre os meus ombros e desce devagar.

Os dois desceram com muita cautela com os ouvidos saturados com o marulhar da água que se agitava contra a quilha e a proa da awwama e as narinas com um cheiro de algas mesclado ao odor da vasa que a maré depositara em abundância naquele início de Setembro.

- Esta noite será uma data memorável na tua vida e na minha! - exclamou Ali Abder Rahim que tacteante buscava o botão da campainha no muro da entrada. - Celebremo-la como convém e atribuamos-lhe um nome adequado. Proponho: a noite do regresso do sheikh. Que achas?

- Por mim tudo bem, mas eu não sou um sheikh - respondeu o sayyed Ahmad, agarrando-se com mais força ao ombro do amigo. - O teu pai é que era um autêntico sheik.

- Daqui a pouco verás rostos que não vês há cinco anos! - reventou numa gargalhada Ali Abder Rahim.

- Isto porém - objectou o sayyed como quem não está muito seguro de si - não modificará em nada a minha conduta nem fará com que eu me aparte da minha resolução - em seguida, após um instante de silêncio:

- Claro... claro...

- Diz-me lá, consegues imaginar um cão que jure não tocar na carne se for deixado sozinho na cozinha!

- O verdadeiro cão era o teu pai, filho de cão...

Ali Abder Rahim premiu o botão da campainha. Cerca de meio minuto mais tarde, a porta abriu-se sobre o rosto de um velho nubiano que se encostou, levando as mãos à cabeça em sinal de saudação para com os recém-chegados. Os dois homens entraram e viraram para uma porta, à esquerda de quem entrava, que os introduziu num corredor pequeno, alumiado por uma lâmpada eléctrica suspensa do tecto, contra as paredes do qual estavam dispostas, de um lado e do outro em perfeita simetria, uma grande poltrona de pele e uma pequena mesa rematada por um espelho. No fundo do corredor, uma outra porta entreaberta deixava coar as vozes dos convidados que fizeram Ahmad Abdel Gawwad sobressaltar-se. Ali Abder Rahim deu-lhe um encontrão e entrou. O sayyed seguiu-o e, assim que transpôs a soleira, achou-se cara a cara com os presentes, que se levantaram e avançaram ao seu encontro para lhe desejarem as boas-vindas e com ele se regozijarem, com os semblantes radiantes de alegria. Muhammad Iffat, de todos o mais célere a se acercar dele, abraçou-o dizendo:

- É a lua cheia que nos vem iluminar...^[63]

Em seguida também Ibrahim el-Far o abraçou exclamando:

- O meu tempo trouxe-me o que eu desejava.^[64]

Os homens afastaram-se para ele poder ver Galila, Zubaida e uma terceira mulher que se encontrava ligeiramente arredada e, nesta última, não tardou a reconhecer Zannouba, a tocadora de alaúde.

Ah! Era todo o passado reunido num só círculo. Se bem que um tanto enleado, os seus traços iluminaram-se, mas Galila soltou uma longa gargalhada, após o que abriu os braços e se lhe agarrou ao pescoço, entoando a canção:

- Onde estiveste escondido, meu amado...

Ao libertar-se do abraço da mulher, o sayyed divisou Zubaida não

longe dele, quase que hesitante mas com o semblante iluminado pela alegria e com uma expressão de boas-vindas. O homem estendeu-lhe as mãos e ela estreitou-as com entusiasmo e, franzindo as sobrancelhas finas num sinal de repreensão, disse-lhe não sem uma ponta de ironia:

- Há treze anos que esperava que regressasses... [\[65\]](#)

Ahmad Abdel Gawwad não conseguiu conter o riso no fundo do coração. Por fim, reparou em Zannouba, que se não movera um só passo, com um sorriso envergonhado nos lábios, como se nada houvesse no seu passado que a autorizasse a quebrar o gelo entre eles. Apertou-lhe a mão numa saudação, enquanto à guisa de incitamento e com galanteria lhe dizia:

- Cumprimentos à rainha das tocadoras de alaúde!

Cada qual regressou ao seu lugar. Muhammad Iffat passou o seu braço sob o de Ahmad e voltou com ele para o sítio onde antes estivera sentado, acomodando o amigo ao seu lado e perguntando-lhe a rir:

- Apareceste aqui por mero acaso ou foi o amor que te fulminou?

- Não, fui fulminado pelo amor - murmurou o sayyed Ahmad - e caí.

O local, que pela veemência do encontro e pelos gracejos dos seus hóspedes lhe parecera num primeiro momento bizarro, principiou a ganhar contornos ante os seus olhos e destarte viu-se num aposento de dimensões medíocres, de paredes e tecto cor verde-esmeralda, duas janelas viradas para o Nilo e outras duas para o caminho. As persianas estavam corridas mas os vidros abertos. Do tecto pendia, coberta por um cone de cristal, uma lâmpada eléctrica cuja luz incidia sobre uma mesa baixa que ocupava o centro da divisão, e sobre a qual estavam colocados os copos e as garrafas de whisky. Um tapete do mesmo tom que as paredes e o tecto recobria o pavimento e, de cada lado, havia um grande sofá dividido por uma almofada e forrado de brocado. Os cantos estavam guarnecidos com pufes e almofadas.

Galila, Zubaida e Zannouba estavam sentadas no sofá do lado do Nilo e os três homens naquele que lhe ficava defronte, ao passo que sobre os pufes estavam distribuídos, desordenadamente, os instrumentos musicais: o alaúde, o tamboril, a darabukka [\[66\]](#) e o címbalo.

O sayyed deixou vaguear o olhar em seu torno, após o que fez ouvir um suspiro de satisfação e com prazer exclamou:

- Allah... Allah... Mas aqui tudo é magnificente! Porque não abrem as duas janelas que dão para o Nilo?

- Abri-las-emos quando já não houver tráfego - respondeu-lhe Muhammad Iffat. - "E, se forem postos à prova, escondam-se."

Mas o sayyed Ahmad apressou-se a responder-lhe sorrindo:

- E se vos esconderdes, sejais postos à prova!

- Anda, mostra-nos a tua bravura de outrora! - gritou Galila como que ;i desafiá-lo...

Mas, com aquelas suas palavras, ele apenas quisera chasquear. Na verdade, esboçar aquele passo de rebeldia - ou seja, vir à awwama - depois de tanta renitência provocara nele repugnância e angústia.

E contudo havia outra coisa. Uma alteração de uma certa espécie, que devia descobrir por si mesmo e tão-só para si mesmo. Que observasse assim sendo, e examinasse tudo atentamente!... O que via?

Galila e Zubaida, ali, na sua frente, ambas robustas tal um palanquim - era assim que no passado as havia definido - ou talvez mesmo um tanto mais anafadas e carnosas do que outrora.

Mas havia algo mais que agora envolvia as suas pessoas, algo mais perceptível, manifestamente, à intuição do que aos sentidos, algo mais próximo da idade madura, sem dúvida e que, talvez, escapara ao olhar dos seus] amigos, já que, ao contrário dele, jamais haviam rompido com as duas mulheres. Teria ele também sofrido semelhante transformação? O seu coração apertou-se e a exaltação sentida pouco antes começou a esmaecer.

O amigo que regressa ao cabo de uma longa ausência é o espelho mais fiável do homem! Mas como pudera perceber aquela alteração e quase tocá-la com a mão?

Ambas as mulheres não tinham sequer um cabelo branco na cabeça. E, aliás, o que tinham os cabelos brancos a ver com as cabeças das mulheres bonitas? E também não revelavam a menor ruga.

"Estarás já derrotado? Claro que não! Repara na expressão daqueles olhos. É o reflexo de uma alma esmorecida que, não obstante toda a luz que em torno de si dimana, se dissimula de quando em vez sob a máscara de um sorriso e da frivolidade, e de seguida te surge em toda a sua verdade e nela lê um presságio de morte da juventude. É uma espécie de silente elegia fúnebre. Não andarás já Zubaida na casa dos cinquenta anos? E quanto a Galila, ainda é mais velha do que ela. É

tua contemporânea, não pode negá-lo, ainda que a língua tenha tendência a desmenti-lo."

Mas há também dentro do seu coração algo de mudado, algo que deixa antever o desgosto e o engelamento. Não estava assim quando chegou! Chegou arquejante, correndo atrás de uma imagem que não mais existe. Seja como for, não se entregará à derrota... "Bebe, alegre-te e ri. Ninguém te forçará, contra a tua vontade, a fazer o que não te agrada..."

- Jamais pensei que os meus olhos te voltassem a enxergar neste mundo! - retomou Galila.

- E como me achas? - perguntou-lhe ele, não conseguindo resistir à forte tentação.

Zubaida intrometeu-se entre os dois para responder:

- Como sempre! Um dromedário único no seu género! Tens um cabelo branco que luz por baixo do fez... Mas, tirando isto, não há nada mais!

- Deixa que seja eu a responder - disse-lhe Galila a protestar. - Era a mim que a pergunta se dirigia - depois, voltando-se para o sayyed: - Acho--te como antes. E não há nada de estranho. "Nós" somos apenas os filhos do passado recente.

O sayyed compreendeu a alusão e, simulando seriedade e sinceridade, volveu:

- Quanto a vocês, ainda são mais belas e magníficas do que outrora! Eu próprio não o teria esperado!

- O que te manteve apartado de nós todo este tempo? - prosseguiu Zubaida, que o examinava atentamente.

Depois, a rir:

- Poderias, com a tua amabilidade, ter-nos feito algumas visitas inocentes. Não será porventura possível encontrarmo-nos a não ser numa cama?

- Nem ele nem nós sabemos o que é um encontro inocente entre nós e vocês - replicou o sayyed Ibrahim el-Far, agitando um braço no alto para arregaçar a manga do quftan.

- Allah nos guarde de vocês, homens - interveio indignada Zubaida. Desejam a mulher apenas como uma poldra para montar!

- O nobre filha da tua mãe! - desatou a rir Galila - Dá graças a Deus! E terias colocado sobre ti tanta carne se não fosse com a intenção de te

tornares numa égua ou num bom colchão?

- Deixa-me a sós com o réu, para que seja eu a prosseguir o seu interrogatório - disse-lhe Zubaida com um tom de censura.

- Fui condenado a cinco anos, inocente, isento de trabalhos! - disse o sayyed Ahmad com um sorriso.

Irónica, Zubaida voltou à carga contra ele:

- Desgraçado! Negaste-te a tantos prazeres. Todos, ó desgraçado! De tal modo que te restam apenas os da boa mesa, do vinho, da música, do gracejo e dos serões até à aurora em cada noite!

- Todas estas alegrias são o refúgio necessário a um coração quebrantado! - contrapôs o sayyed à guisa de desculpa. - Quanto às demais...

E Zubaida abanou a mão, como que a querer dizer "Ai! Tu!":

- Agora tenho a prova de que nos consideras os piores de todos os vícios e de todos os pecados!

Muhammad Iffat interrompeu-a com um grito, como se se tivesse lembrado de algo importante que quase lhe passara despercebido:

- Será que aqui viemos dos mais longínquos pontos da terra para argumentar, enquanto os copos nos contemplam e ninguém cuida deles? Enche os copos, Ali, e tu, Zannouba, afina as cordas do alaúde. E tu, meu caro senhor, fica à vontade. Julgas porventura que estás na escola? Despe a gubba, tira o fez e não penses que escapas ao interrogatório! Mas antes é indispensável que o tribunal e o ministério público se embriaguem, voltaremos ao interrogatório mais tarde. Galila tem, propositadamente, retardado a bebedeira até estar entre nós o príncipe da brincadeira, ou como ela o definiu, não me lembro bem! Esta nossa senhora tem por ti uma estima semelhante àquela que o diabo tem pelo pecador impenitente! Que Allah os conserve um para o outro!

O sayyed Ahmad levantou-se para tirar a gubba. E levantou-se também Ali Abder Rahim para assumir, como sóia fazer, o papel de escanção.

O alaúde, ao ser afinado, balbuciou notas dissonantes.

Zubaida aqueceu a sua voz por entre os incessantes regougos enquanto Galila reajustava com a ponta dos dedos as madeixas e moldava o decote do vestido entre os seios.

Os olhos seguiam, ávidos, as mãos de Ali Abder Rahim que ia

enchendo os copos.

O sayyed Ahmad acomodou-se no sofá deixando o seu olhar vagabundear em seu redor e sobre os presentes, até os seus olhos cruzarem os de Zannouba.

Os olhos deles saudaram-se com um sorriso. Ali Abder Rahim serviu a primeira rodada:

- À vossa saúde e à vossa amizade! - exclamou Muhammad Iffat. E Galila acrescentou:

- E ao teu regresso, Si Ahmad! E Zubaida:

- Ao caminho recto depois da perdição! E Ahmad:

- Aos meus queridos amigos dos quais a tristeza me separou!

E todos eles beberam unicamente quando o sayyed Ahmad encostou o copo aos lábios... Por sobre o rebordo do copo avistou o semblante de Zannouba, erguido igualmente como o dele, e sentiu um estremecimento diante da sua viçosa juventude.

Muhammad Iffat pediu a Ali Abder Rahim que lhe enchesse outro copo e Ibrahim el-Far acrescentou:

- E um terceiro, logo a seguir, até estarmos bem firmes sobre as pernas. Ali Abder Rahim arregaçou as mangas:

- O servo é senhor do seu povo.

Ahmad Abdel Gawwad surpreendeu-se a seguir com o olhar os dedos de Zannouba totalmente compenetrada em despertar o alaúde.

Interrogou-se quantos anos teria, deu-lhe vinte e cinco ou trinta anos e perguntou-se de novo qual o motivo pelo qual se achava naquele local...

Pelo alaúde? Ou porque Zubaida, a sua tia, pretende prepará-la para conseguir por si mesma um meio de sustento? O sayyed Ibrahim el-Far disse:

- A minha cabeça fica tonta quando olho para a água do Nilo. E Galila respondeu-lhe:

- Ó filha da tonta!

- Se atirássemos à água uma mulher tão gorda como Galila ou Zubaida, acham que se afundaria ou permaneceria à superfície? - perguntou Ali Abder Rahim.

O sayyed Ahmad respondeu-lhe que se manteria à tona, a não ser que tivesse um buraco em alguma parte. O sayyed Ahmad interrogou-se sobre o que lhe adviria caso se sentisse atraído por Zannouba... e,

como resposta, declarou para si mesmo que para ele seria ignominioso sucumbir naquele momento... que volvidos cinco copos a situação continuaria a ser delicada, mas ao cabo de uma garrafa inteira seria necessário!

Muhammad Iffat propôs que se bebesse um copo à saúde de Saad Zaghlul e de Mustafa en-Nahas, que no fim do mês haviam empreendido a viagem de Paris a Londres para levarem a bom porto as negociações.

Ibrahim el-Far propôs que se bebesse outro à saúde de MacDonald, amigo dos Egípcios. Então Ali Abder Rahim perguntou o que queria dizer MacDonald quando asseverava que "podia resolver a questão egípcia antes de esvaziar a chávena de café que tinha entre as mãos". Ahmad Abdel Gawwad respondeu-lhe que isto significava que o inglês bebe uma chávena de café - em média - todos os cinquenta anos.

O sayyed Ahmad lembrou-se de como se exaltara contra a revolução após a morte de Fahmi e como mais tarde recuperara, a pouco e pouco, a sua anterior fibra patriótica ao ver que as pessoas o obsequiavam com consideração e respeito pelo facto de ser o pai de um nobre mártir; e como, por fim, a tragédia do filho se transmutara, com o volver do tempo, num título de glória do qual sem o saber se orgulhava!

Galila estendeu o copo na direcção do sayyed Ahmad, dizendo:

- À tua saúde, meu dromedário. Havia já algum tempo que me interrogava: Mas será que o sayyed Ahmad se esqueceu realmente de nós? Mas Allah sabe que te perdoei e que Lhe pedi que te desse força de ânimo e consolo. Não fiques surpreendido, porque eu sou a tua irmã e tu és o meu irmão.

- Se fosses a irmã dele - disse-lhe maliciosamente Muhammad Iffat - e ele o teu irmão, como dizes, achas que os irmãos poderiam fazer aquilo que durante um tempo fizeram juntos?

Rebentou uma gargalhada estrepitosa que trouxe à memória as recordações do ano de 1918 e dos precedentes, após o que disse:

- Pergunta-o aos teus tios maternos, alma da tua mãe!

- Parece-me que há mais alguma coisa para explicar a sua longa ausência - declarou Zubaida, observando com alguma manha Ahmad Abdel Gawwad.

Mais do que uma voz se levantou para lhe perguntar o que lhe

parecia, enquanto o sayyed Ahmad balbuciava, num tom de quem implora a protecção de Allah:

- Deus de misericórdia, protegei-me!

- Parece-me que muito provavelmente deve ter sido vítima de um daqueles acessos de debilidade que acometem os velhos da sua idade. E por isso pretextou a tristeza e eclipsou-se...

- Seria o último a envelhecer - protestou Galila, meneando a cabeça à maneira das cantoras.

- Quais das duas opiniões te parece mais justa? - perguntou Muhammad Iffat ao sayyed Ahmad.

- A primeira indica medo e a segunda esperança, não é? - respondeu o sayyed Ahmad num tom sugestivo.

- Eu sou daquelas cujas esperanças não podem ser defraudadas - redarguiu Galila com um ar de triunfo e de contentamento.

Teria desejado responder-lhe: "Quando posto à prova, o homem é ou desprezado ou reverenciado", mas temia ser chamado à prova ou que as suas palavras fossem entendidas como uma inscrição para a prova, porém, à medida que considerava as coisas de mais perto, mais se apossava dele um sentimento de aversão e de indiferença que jamais o aflorara antes da sua vinda àquele sítio.

É evidente que se dera uma mudança inegável, o passado deixara de existir e hoje não era ontem. Zubaida já não era Zubaida e Galila já não era a Galila de tempos idos. Já nada havia pelo qual valesse a pena arriscar-se. Satisfar-se-ia, pois, com a fraternidade que Galila proclamara, e que incluía a própria Zubaida.

- Como poderia a velhice abater-se sobre um ser humano quando está no meio de vocês? - perguntou ele com delicadeza.

- Quem de vocês é o mais velho? - perguntou Zubaida deixando correr o olhar entre os três homens.

- Eu nasci logo a seguir à revolução de Urabi^[67] - respondeu com aparente candura o sayyed Ahmad.

- Não digas uma coisa dessas - retrucou Muhammad Iffat. - Disseram-me que fizeste parte das suas tropas de Urabi.

- Fui um soldado em gestação! - replicou o sayyed Ahmad - ou, como hoje dizem, um "estudante doméstico".

- E o que fazia a tua defunta mãe ao ver-te entrar e sair da batalha?! - perguntou Ali Abder Rahim com um ar espantado.

- Não tentem mudar de assunto socorrendo-se de gracejos! - exclamou Zubaida depois de ter esvaziado o seu copo. - Estou a perguntar que idade têm.

- Ora, todos três temos entre cinquenta e cinquenta e cinco anos - respondeu Ibrahim el-Far com uma expressão de desafio. - E agora diz-nos a vossa?

Zubaida encolheu os ombros com indiferença e disse:

- Eu nasci...

Os seus olhos pintados com khôl deram mostras de enfado enquanto se erguiam para a lâmpada no acto de se recordar. Mas o sayyed Ahmad antecipou-se-lhe e completou as suas palavras declarando.

- ... depois da revolução de Saad paxá!^[68]

Riram longamente até ela lhes dar a entender o seu desagrado evidente com um tremular do seu dedo médio. No entanto, Galila, a quem manifestamente desagradava a conversa, gritou-lhes:

- Poupem-me estas discussões melindrosas! O que importa a idade? I Deixemos a Allah que está nos céus o cuidado de lhe perguntar. No que nos toca, uma mulher continua jovem desde que encontre alguém que a deseje. E o mesmo se diz de um homem.

- Felicitem-me! - exclamou num repente Ali Abder Rahim. Perguntaram-lhe por que motivo deveria ser felicitado e ele, com o mesmo entusiasmo na voz:

- Estou bêbado - respondeu.

Ahmad Abdel Gawwad sugeriu que seria para todos conveniente segui-lo antes que ele se perdesse sozinho no mundo da embriaguez.

Galila, pelo contrário, instigava a assembleia a abandoná-lo à sua sorte para castigo da pressa que manifestara ao beber.

Ali Abder Rahim aninhou-se num canto, segurando na mão um copo cheio, e disse:

- Encontrem outro que vos sirva!

Zubaida levantou-se e caminhou para o local onde colocara as suas roupas; revistou a sua mala à procura de uma caixinha de cocaína que ali deixara até sossegar ao encontrá-la onde a havia colocado.

Ibrahim el-Far aproveitou o lugar que Zubaida deixara livre e sentou-se aí, depois apoiou a cabeça contra o ombro de Galila e soltou um suspiro audível.

Muhammad Iffat levantou-se, dirigiu-se para as duas janelas que

davam sobre o Nilo e abriu as persianas. A superfície da água estava como que velada pela sombra movente, salvo algumas faixas de luz quieta que a reverberação das lâmpadas das dahabiyyas durante os serões tracejava sobre as ondas.

Zannouba afagou as cordas do seu alaúde, que soltou uma melodia que convidava à dança, e os olhos do sayyed fixaram-na demoradamente. Depois, este ergueu-se para encher outro copo para si. Entrementes, Zubaida havia voltado ao seu lugar e sentara-se entre Muhammad Iffat e Ahmad Abdel Gawwad, tamborilando com os dedos nas costas deste último.

Ressoou a voz de Galila, enquanto assim cantava:

- O dia em que o amor me mordeu...

E chegou também a vez de Ibrahim el-Far entoar:

-Felicitem-me...

Muhammad Iffat e Zubaida uniram as suas vozes à de Galila no verso da canção: "E trouxeram-me uma taça de iogurte líquido".

Depois, também se juntou ao canto Zannouba e de novo o sayyed Ahmad pousou os seus olhos sobre ela e, sem se dar conta, uniu-se ao coro.

Por fim, do fundo do aposento, juntou-se a contribuição canora de Ali Abder Rahim.

Ibrahim el-Far, com a cabeça ainda apoiada contra o ombro de Galila, exclamou:

- Seis cantores para um único ouvinte: eu.

Sem cessar de cantar, o sayyed Ahmad disse para si: "Ela aceitará, no final, no auge do contentamento e da alegria." E perguntou-se ainda: "É uma noite efémera ou uma longa relação, esta que se anuncia?"

Ibrahim el-Far levantou-se bruscamente e pôs-se a dançar, a assembleia principiou a bater palmas ritmadamente e entoaram todos em uníssono: - "Toma-me pois no teu bolso... entre a cintura e a zona."

O sayyed Ahmad interrogou-se: "Achas que Zubaida concordará que o nosso encontro ocorra na sua casa?"

O canto e a dança cessaram e todos os presentes recomeçaram a alvejar-se com gracejos sem tréguas.

Sempre que Ahmad Abdel Gawwad desenfornava alguma facécia prazenteira, espiava o rosto de Zannouba para ver qual a sua reacção.

O alvoroço ia num crescendo à medida que o tempo lentamente se sumia...

- Bom, é tempo de me ir embora - disse Ali Abder Rahim, levantand e indo pegar nas suas roupas.

- Já te disse que a trouxesses contigo para não interromperes o será vociferou furioso Muhammad Iffat.

- E quem é a queridinha? - perguntou Zubaida, arqueando as sobancelha!.

- Uma nova amiga - respondeu Ibrahim el-Far -, uma professora, tão importante como a terra, proprietária de uma casa em Wagh el-Bírka.

- Quem é? - perguntou com interesse o sayyed Ahmad.

- A tua velha amiga Saniyya el-Qulali... - replicou rindo Ali Abder Rahim, enquanto ajustava a gubba.

O sayyed arregalou os olhos azuis, nos quais emergiu um olhar sonhador. Depois, sorrindo disse:

- Fala-lhe de mim e dá-lhe os meus cumprimentos...

- Perguntou-me notícias tuas e sugeriu-me que te convidasse para passar um serão na sua casa, depois do trabalho - volveu Ali Abder Rahim que torcia os seus bigodes enquanto se aprontava para sair. - Respondi-lhe que uma vez que o teu primogénito... Deus o abençoe!... alcançara uma idade em que por nós é tido como forçoso frequentar Wagh el-Birka e outros lugares de perdição, corres o risco, tu que és o seu pai, de te deparares cara a cara com ele em alguma das tuas escapadelas por aquelas bandas!...

Ali Abder Rahim rompeu numa gargalhada, após o que fez as suas saudações e abandonou o aposento encaminhando-se para o corredor.

Muhammad Iffat e Ahmad Abdel Gawwad seguiram-no sem detença para acompanhá-lo até à porta de saída.

Os três homens permaneceram ainda por alguns momentos a discutir e a rir entre si antes de o sayyed Ali abandonar a awwama.

Então Muhammad Iffat agarrou no braço de Ahmad Abdel Gawwad e perguntou-lhe:

- Zubaida ou Galila?

- Nem uma nem outra - respondeu o sayyed Ahmad com toda a naturalidade.

- Porquê? Allah nos proteja de todo o mal!

- É melhor um passo de cada vez - respondeu o sayyed com ar

satisfeito. - Aliás, limitar-me-ei no resto do serão a beber e ouvir alaúde!

O amigo insistiu para que se aventurasse a dar outro passo, mas Ahmad Abdel Gawwad escusou-se e o outro cessou de importuná-lo.

Regressaram ambos à sala que se encontrava na mais completa confusão e voltaram aos seus lugares. Ibrahim el-Far assumiu as funções de escanção. Quer no brilho dos olhos quer na facilidade de conversação e na descontração dos membros, em todos eram legíveis os sinais da bebedeira... Recomeçaram a cantar em uníssono com Zubaida:

- O rio ri porque...

A voz de Ahmad Abdel Gawwad ressoou tanto que cobriu a de Zubaida.

Galila principiou a contar as suas aventuras amorosas...

"Desde o primeiro momento em que os meus olhos se pousaram em ti, tive o pressentimento de que a noite não terminaria sem aventura... Meu Deus. a que ponto a rapariga é bonita! A rapariga? Pois é, visto que tens um quarto de século a mais do que ela."

Ibrahim Iffat lamentava o período de ouro do cobre, nos tempos da guerra, e disse-lhes com um tom desdenhoso:

- Ter-me-íeis beijado as mãos por uma libra de cobre. E o sayyed Ahmad retorquiu-lhe:

- Se têm de pedir um favor a um cão, chamem-lhe senhor.

Zubaida, que se queixava por estar demasiado bêbada, levantou-se e começou a caminhar de lá para cá no aposento.

Naquele instante, começaram todos a bater palmas ao ritmo dos seus passos titubeantes e a entoar com toda a força dos pulmões:

- Transpõe o limiar... transpõe o limiar. O vinho dissipa a tristeza.

- Chega, acabem com isso! - resmoneou Galila.

Depois levantou-se e abancionou o aposento em direcção a um vestíbulo que conduzia a duas alcovas dispostas frente a frente. Virou para a que estava do lado do Nilo e aí penetrou. O rangido da cama sob o tombo do seu corpo pesado chegou aos ouvidos deles.

A iniciativa de Galila agradou a Zubaida, que também imitou, sem demora, a sua colega e se dirigiu para a outra alcova, donde se soltou, ainda mais virulento, uma outra série de rangidos.

- A cama fez o seu convite! - exclamou Ibrahim el-Far.

Chegou até eles. vindo da primeira alcova, uma voz fraca que trauteava, reproduzindo o tom roufenho de Munira el-Mahdiyya:
"Vem, meu amado..."

Muhammad Iffat levantou-se e respondeu a cantarolar:

-Aqui vou eu...

Ibrahim el-Far lançou um olhar interrogador a Ahmad Abdel Gawwad, que lhe disse:

- "Se não te envergonha, faz o que bem te aprouver."^[69] o homem levantou-se e replicou:

- Nada há de que se possa envergonhar na awwamd.

O aposento esvaziara-se. A hora pela qual tanto ansiara chegara. A jovem pousou o alaúde ao seu lado e cruzou as pernas, recobrando-as castamente com a fímbria do vestido.

O silêncio instalou-se. Os seus olhos cruzaram-se, após o que a mulher dirigiu o seu olhar para o vazio.

O silêncio tornara-se eléctrico e já não era sustentável.

Ida levantou-se inadvertidamente e ele perguntou-lhe:

- Aonde vais?

- À casa de banho - murmurou, enquanto saía pela porta. Também ele se levantou num repente e foi sentar-se no lugar dela. Pegou no alaúde e principiou a dedilhar as cordas, interrogando-se:

"Haverá aqui um terceiro aposento?... Não é necessário que o teu coração palpite desta maneira, como na noite em que o soldado inglês te empurrava à sua frente na escuridão... A noite de Umm Mariam, lembras-te? Não repises esta recordação, por demais pungente. Ei-la que volta... Como é bonita!..."

- Toca alaúde?

- Ensinas-me? - respondeu-lhe, com um sorriso.

- Basta-lhe o tamboril. É um perito!

- Ah! São tempos passados! - suspirou. - Como eram doces, aquelesl tempos! Ainda eras uma criança! Porque não te sentas?

"Repara como te toca ao de leve. Como são aprazíveis os primeiros contactos!"

- Pega no alaúde e toca para mim.

- Já cantámos, tocámos e rimos o suficiente. Esta noite compreendi mais do que alguma vez, porque o procuram sempre que passam um serão juntos!

- No entanto, ainda tens vontade de beber - prosseguiu o sayyed com um ar velhaco, sob um sorriso que dizia o seu regozijo.

A jovem assentiu a rir.

Ele então, qual um cavalo, arremessou-se para a mesa, regressando com uma garrafa meio cheia e dois copos na mão, após o que se sentou, dizendo:

- Bebamos juntos.

"A deliciosa, a pequena gluttona! Os seus olhos cintilam de malícia e deslumbramento. Pergunta-lhe se existe um terceiro aposento... E pergunta-te a ti mesmo.- 'Por uma noite apenas ou para uma longa relação?' Sobre as consequências, nada te perguntes... Ahmad Abdel Gawwad, com a grande consideração de que goza, abre os seus braços a Zannouba, a tocadora de alaúde... Uma vez, trouxe-te uma bandeja carregada de frutas... Mas a breve trecho, como recompensa pela tua beleza, serás feliz. Quanto à velhice, esta nunca fez parte dos meus atributos..." Viu a mão dela, que segurava o copo, roçar o seu joelho. Alongou, assim sendo, a sua e pousou-a suavemente sobre a dela. Mas esta, em silêncio, retirou-a e colocou-a no regaço, sem sequer olhar para ele.

Perguntou-se se valeria mesmo a pena entregar-se a requebros àquela hora tão tardia, principalmente quando o convite manava de um homem como ele e se dirigia a uma mulher como ela.

E, todavia, não descurou as regras da galanteria e da cortesia e pergun-tou-lhe num tom persuasivo:

- Não existe por acaso um terceiro aposento aqui na awwamal?

- Existe do outro lado... - disse ela, respondendo-lhe aparentemente sem perceber a alusão, enquanto com a mão lhe indicava a porta do corredor.

- Tem espaço suficiente para nós dois? - perguntou o sayyed retorcendo os bigodes com um sorriso nos lábios.

- Será sempre espaçosa o bastante para si, se quiser dormir! - retorquiu ela com um tom despido de qualquer garridice, embora dentro dos limites da boa educação.

- E tu? - perguntou-lhe atónito.

- Estou bem onde estou - contraveio no mesmo tom.

Ele deixou-se deslizar ligeiramente sobre o flanco para se encostar contra ela mas Zannouba ergueu-se e pousou o copo sobre a mesa,

depois encaminhou-se para o sofá da frente e sentou-se, assumindo um ar de gravidade e de muda queixa, de tal modo que o sayyed ficou francamente estupefacto.

O seu ardor apagou-se e sentiu-se ferido no seu orgulho.

Começou, pois, a olhar para ela com um sorriso forçado até lhe perguntar:

- O que te irritou?

Permaneceu calada durante bastante tempo, depois cruzou as mãos sobre o peito.

- Perguntei-te o que te irritou.

- Não me pergunte algo que já sabe - replicou ela num tom áspero. Subitamente, o sayyed disparou uma gargalhada sonora, para sublinhar a sua indiferença e a sua discordância. Depois levantou-se, encheu os dois copos e estendeu-lhe um, dizendo:

- Vá, força, anima-te de novo.

Zannouba pegou no copo para não faltar às boas maneiras e voltou a colocá-lo na mesa, sussurrando entre dentes um "agradeço-lhe".

Ele regressou ao seu lugar recuando e sentou-se, depois levou o copo aos lábios, bebeu-o de um trago e desatou a rir. "Poderias esperar uma semelhante surpresa?", disse de si para si. "Se pudesse voltar atrás no tempo pelo menos um quarto de hora... Zannouba... Zannouba... Nada mais senão Zannouba. Acreditarias nisso? Não te deixes derribar diante de um obstáculo. Talvez seja a coqueteria que está na moda em 1924, velho carneiro de 1900! O que mudou em mim?... Nada... É Zannouba a razão de tudo... Acaso não é assim que se chama?^[70] Sempre e inexoravelmente todo o homem se depara com uma mulher na sua vida que se lhe nega. E, já que ida, Galila e Umm Mariam correm atrás de ti, quem mais senão Zannouba - aquela barata! - para te recusar? Aguenta enquanto puderes. De qualquer modo, não é, na verdade, uma catástrofe! Ah, olha, olha... a sua perna rotunda com a pulseira no tornozelo, a sua estrutura robusta! Porque pensas que realmente te rejeitou?"

- Bebe, doçura...

- Beberei quando me apetecer - respondeu ela com uma voz educada e firme.

Olhou para ela olhos nos olhos, depois perguntou-lhe com um tom entendido:

- E quando é que te apetecerá?

A jovem franziu o sobrolho para indicar que a alusão não lhe escapara, mas não respondeu. O sayyed, sentindo-se naquela altura prestes a soçobrar, perguntou-lhe:

- Não terás pois consideração alguma pelo testemunho do meu afecto?

Zannouba baixou então a fronte para esconder o rosto dos olhos deste e, com acentos de premente súplica, disse-lhe: _

- Não quer mesmo acabar com isso?

Acometeu-o de súbito um assomo de cólera, em reacção ao sentimento de frustração que experimentava.

- Mas então o que vens aqui fazer? - perguntou estarrecido.

- Venho por causa disso - respondeu, indicando o alaúde atirado sobre o sofá não distante dele.

- Somente por causa disso?... Não há qualquer incompatibilidade entre isto e aquilo para que te convidou...

- À força? - perguntou ela melindrada.

- De forma alguma. Porém, não vejo porque deves recusar - respondeu o sayyed excruciado pela desilusão e pelo desespero.

- Talvez tenha os meus motivos! - objectou friamente.

O homem estourou então numa gargalhada estrepitosa e monótona. Depois deixou-se ganhar pela indignação e retomou com impudência:

- Talvez temas pela tua virgindade?

Ela fixou-o longamente, com severidade, e, com um tom que fremia de cólera e de vingança contentada, volveu-lhe:

- Só me dou a quem eu amo.

Mais uma vez, o sayyed esteve prestes a disparar uma gargalhada, mas conteve-se, esgotado com aqueles acessos de riso mecânicos e patéticos. Estendeu a mão para a garrafa e encheu indolentemente meio copo... mas deixou-o em cima da mesa e pôs-se a olhar para a mulher, desnortado, ignorando como sair daquela situação incómoda em que se metera... "A pequena serpente, filha de serpente, só se dá a quem ama. O que significa tudo isto, que só vai para a cama todas as noites com um homem? Demorará muito a apagar o vexame desta noite! Os senhores estão lá dentro a divertirem-se e tu, aqui, à mercê de uma tocadora de alaúde mimada!... Cobre-a de ultrajes... Enche-a de pontapés... Empurra-a com força diante de ti para o aposento...

Melhor farias se tirasses os olhos dela e te fosses embora imediatamente. Há no seu olhar algo de humilhante. Contudo, que belo pescoço tem, é de uma beleza inegável... Faz perder a cabeça e não se pode resistir..."

- Não estava à espera de tanta frieza... - e, com tal reflexão, franziu a fronte com uma expressão determinada, o rosto encolerizado, e ergueu-se encolhendo os ombros e acrescentou:

- Pensava que eras como a tua tia, uma mulher de coração e de gosto! Mas enganei-me. Só me posso recriminar a mim mesmo.

Logo depois ouviu o ruído dos lábios dela enquanto ela segredava algo entre dentes em sinal de contestação e de desaprovação. O sayyed encaminhou-se para o sítio onde jaziam as suas roupas e começou a envergá-las sem demora, de forma a vestir-se em metade do tempo que soía empregar para se aprontar.

Estava determinado e enfurecido, mas não havia tocado o fundo do desespero. Uma parte dele recusava crer no que sucedera ou era-lhe difícil aceitá-lo.

Empunhou a bengala, esperando que de um momento para o outro algo viesse desmentir o seu pensamento e corroborar as últimas esperanças do seu orgulho ferido, como, por exemplo, que Zannouba de repente entrasse num ruidoso acesso de riso, deixando tombar a máscara daquela sua aparente seriedade ou que se precipitasse para ele censurando o seu agas-tamento ou que, por fim, se colocasse à sua frente para o impedir de partir. Sim, não raro aquele cicizar entre dentes não passava de uma artimanha que prenuncia a rendição... Mas não acontecera ainda nada de similar!

Zannouba, no entanto, continuava... sentada e a olhar para o vazio, fingindo ignorá-lo, como se não o visse.

O sayyed abandonou o aposento, dirigiu-se para o corredor e de lá para a porta que conduzia à rua, deixando escapar suspiros de desânimo, de consternação e de cólera.

Atravessou a rua sombria caminhando a pé até alcançar a ponte de Zamalek, onde o ar fresco do Outono o perpassava docemente por entre as suas roupagens. Saiu dali num táxi que a toda a velocidade o levou, alheado nos vapores do álcool e nos pensamentos que lhe turvavam a mente.

Apenas recobrou consciência da realidade em seu redor na praça da

Ópera, quando o automóvel se preparava para virar rumo à praça de el-Khadra.

Foi na curva que lhe sucedeu virar a cabeça e divisar, à luz dos candeeiros, o recinto do jardim de el-Azbakiyya e ficou a olhar para este até perdê-lo de vista nos meandros da estrada. Depois cerrou os olhos, sentindo uma espinha cravada no fundo do seu coração e ouviu dentro de si, qual um gemido, uma voz, quase um grito, que, das profundezas do seu silêncio, pedia o descanso eterno para o seu querido filho. Não ousou proferir com a língua aquela prece interior, para não pronunciar o nome de Allah com uma boca ébria.

E, quando levantou as pálpebras, duas grossas lágrimas brotaram dos olhos...

[61] Compridas embarcações utilizadas no Nilo para o transporte de passageiros.

[62] Ponte que liga a margem oriental do Nilo ao bairro com o mesmo nome situado a oeste.

[63] Título do canto com que os habitantes de Medina, na Arábia Saudita, acolheram o Profeta quando este deixou Meca e se dirigiu àquela cidade.

[64] Título de uma canção egípcia.

[65] Título de uma canção.

[66] A darabukka é um tambor com a forma de um cálice, quase sempre de terracota, que tem na sua abertura mais larga, uma pele esticada de carneiro ou de peixe.

[67] Trata-se de Urabi paxá, oficial egípcio que organizou em 1881 o primeiro movimento de revolta nacional contra os Ingleses.

[68] Trata-se da revolução de 1919.

[69] Frase atribuída ao Profeta.

[70] Zannouba, na linguagem corrente de certas regiões do Egipto, significa "chinelos".

CAPÍTULO 8

Não conseguia saber do que era vítima... Um espírito maldito ou uma doença maligna?!

Adormeceu com a esperança de despertar liberto da sensação de desatino da noite que passara... Desatino da embriaguez, assim a chamava. Sim, havia na embriaguez um desvario indubitável, que adulterava os prazeres e perturbava os deleites, e sentiu que esta se transformaria em angústia quando o novo dia o surpreendesse com a sua luz.

Debaixo do jacto do chuveiro que banhava o seu corpo nu, o pensamento voou longe e o seu coração palpitou.

Ante os seus olhos agitava-se o rosto dela, aos seus ouvidos vibrava o murmúrio dos seus lábios, ecos de dor emergiam de novo no seu coração.

"Aqui estás tu qual um adolescente a repisar os teus pensamentos sôfregos, enquanto à tua volta, na rua, se inclinam diante de ti com respeito. Estas pessoas saúdam em ti a dignidade, a austeridade e a boa vizinhança.

Se soubessem que respondes aos seus cumprimentos como um autómato, com o espírito distraído, preocupado com o sonho de uma criada, de uma cantora, de uma tocadora de alaúde... de uma mulher que todas as noites expõe o seu corpo no mercado da carne... se soubessem tudo isto, reservar-te-iam, em vez de saudações, um risinho de sarcasmo e de compaixão. Se aquela serpente assentir, voltar-lhe-ei as costas com todo o desprezo e totalmente acalmado... Mas que tenho eu? O que mais espero?... É mesmo verdade que envelheceste? Não lembras o que o tempo fez de Zubaida e de Galila? Oh, são sinais ínfimos e insignificantes que só o coração consegue notar mas em que os sentidos não reparam! Vai devagar! Cuidado para não te deixares levar pela ilusão, poderias elevar-te demasiado alto e a queda seria ainda mais desastrosa. É apenas um cabelo branco! Foi este o único motivo pelo qual se negou a ti, aquela execrável tocadora de alaúde... Cospe-a tal como se cospe uma mosca que entra na boca durante um bocejo. Sabes perfeitamente que não o farás. Talvez não passe de um desejo de vingança, tão-só isto, e nada mais. Um assomo

de amor-próprio e nada mais... Não! Tem de dizer 'sim'. Depois poderás calmamente abandoná-la. Não há nada nela pelo qual valha a pena encarniçares-te.

Lembras-te das suas pernas, do seu pescoço e do fulgor dos seus olhos? Se tivesses tratado o teu orgulho com uma pitada de paciência terias obtido a felicidade e o prazer naquela mesma noite... Mas o que esconde esta angústia toda? Estou a sofrer. Oh, sim, estou a sofrer! Este vexame que se abateu sobre mim tortura-me por demais. Tento enxotá-la com desdém, mas ela desfere-me logo outro golpe que me trespassa o coração e descobre as minhas veias... Mas foge à vergonha. Não te ridicularizes. Jura-mo pelos teus filhos, por aqueles que te restam e aquele que partiu... A única mulher que te deixou e a única que tentaste reconquistar foi Haniyya. Que experiência tiraste daí? Tenta lembrar-te! Aquele pulha que seguia o cortejo nupcial, que dançava e bebia e saltava e andava de um lado para o outro dando bordoadas nos lampiões, nos ramos de rosas, nos tocadores de oboé e nos convidados... de tal modo que os gritos! cobriam os trinados de regozijo das mulheres... aquele sim é que era um homem! Aim! Sê tu também o mercenário da awwama e derruba os teus inimigos, ignorando-os e tratando-os com indiferença. Quanto mais fracos são os teus inimigos mais fortes são! Aquela perna frágil que a custo consegue dar um passo é capaz contudo de reduzir a pó as montanhas que sobressaem! Como Setembro é terrível, quando o seu calor húmido se torna asfixiante, e como os seus serões são amenos, sobretudo aqueles que são passados a bordo de uma awwamal Depois da tempestade vem a bonança. Reflecte sobre o teu caso e avalia bem em que direcção te estás a mover. O que está predestinado tem de acontecer. Andar para a frente amargo, mas recuar é terrível. Quantas vezes a viste quando se acha ainda na flor da juventude e não despertava nada, na aparente indolência em que jazia o teu coração, e passavas ao seu lado como se não existisse. O que aconteceu, assim sendo, para que desdenhes as mulheres que amaste e ames aquela que sempre desdenhaste? Ademais, não é mais bonita que Zubaida ou Galila. Se fosse uma beleza que pudesse competir com da sua tia, esta não a levaria consigo... E contudo quere-la, deseja-la com toda a tua alma. Ah! Porque é tão presunçosa? 'Só me dou a quem eu amo.' Vai-te fazer amar pelo diabo, filha de uma bruxa!... Mas estás a sofrer quase

até ao sufoco. O que pode mais aviltar um homem do que ele próprio? Tornarei à awwama? Não há sítio mais apropriado aonde deva ir se é o escândalo o que busco. À sua casa? Mas é a casa de Zubaida! Receber-te-á de braços abertos.

'Bem-vindo, bem-vindo, finalmente voltaste!', dir-te-á. E o que lhe responderás? Não é por esta razão que regressei. É a tua sobrinha que me interessa!' Que tolice! Pára de divagar. Acaso perdeste a razão? Recorre a el-Far e a Muhammad Iffat.

O sayyed Ahmad Abdel Gawwad procura um intermediário que o leve até... Zannouba! Pergunto-me se não seria preferível fazer-te uma sangria para deixar gotejar o sangue corrompido que te sujeita a tamanha humilhação!

A noite já havia tombado sobre el-Ghuriya e os comerciantes haviam cerrado as portas dos estabelecimentos quando, fechada a loja, Ahmad Abdel Gawwad avançou. Caminhava com passos vagarosos examinando a rua e as janelas.

Pelas duas janelas de Zubaida perpassava uma luz. Mas o sayyed nada sabia do que por trás sucedia. Continuou a caminhar mais um pouco, depois tornou por onde viera, até alcançar a casa de Muhammad Iffat, em el-Gammaliyya, onde os quatro amigos costumavam encontrar-se antes de rumarem juntos para o serão. O sayyed voltou-se para Muhammad Iffat dizendo-lhe:

- Ah, quão agradáveis são as noites na awwama. O meu coração ainda está repleto de nostalgia!

- Só tens de fazer um gesto, quando quiseres! - respondeu Muhammad Iffat com um sorriso de triunfo.

- É de Zubaida que tens nostalgia, velho tratante! - corrigiu Ali Abder Rahim.

- De todo - apressou-se a retorquir o sayyed com um ar sério.

- De Galila, então?

-Da awwama e... nada mais...

Nisso Muhammad Iffat perguntou-lhe com um tom astuto:

-Assim sendo, querias que fosse um serão somente reservado a nós, ou devemos convidar também as amigas de outrora?

O sayyed soltou uma gargalhada, dando a entender que estava disposto a ceder, após o que declarou:

-Vá lá, convida-as, filho da astuta. E que seja para amanhã à noite,

porque esta noite já é tarde. Mas aviso-te, nada mais farei além de saborear as alegrias da companhia e da intimidade.

Ibrahim el-Far deixou escapar:

- Hum... Hum...

Ali Abder Rahim limitou-se a dizer:

- Sou eu o responsável por aquilo que me advém. E Muhammad Iffat concluiu, num tom de mofa:

- Chama-lhe como bem entenderes, os nomes são tantos mas a coisa é só uma.

Chegou o dia seguinte. Para o sayyed foi como se descobrisse o café de Si Ali pela primeira vez. Sentira-se atraído até ali pouco antes do pôr do Sol. Sentara-se no banco por baixo da pequena lucarna e o dono acorrera a dar-lhe as boas-vindas.

- Acabo de despachar alguns assuntos meus - exclamara como a querei justificar a sua vinda ao café - e tive vontade de saborear o teu chá delicioso.

"Uma visita que parece que não se renovará facilmente. Mas calma! Poderias trair-te aos olhos das pessoas. Que vantagem haveria em tudo isto? Agradar-te-ia deveras que ela te visse por trás da persiana para caçoar da tua derrota? Não percebes o mal que causas a ti mesmo. Tens os olhos cansados rias órbitas e a tua cabeça gira de tanto olhar para cima. Ela não se deixará ver. E o pior é que está lá, por trás da persiana, a escarnecer de ti.

O que estás aqui a fazer? Queres encher os olhos com ela, confessa-o! Queres medir as proporções do seu corpo macio... contemplar o seu sorriso e o seu jeito de baixar os olhos... seguir de perto os movimentos dos seus dedos pintados com hena. Para quê tudo isto? Nunca te aconteceu nada igual com mulheres mais fascinantes, magníficas e célebres do que ela! Será que estás condenado a sofrer e rebaixar-te por algo desprezível? Não aparecerá... Podes olhar com atenção a teu bel-prazer... Atrai sobre ti os olhares das pessoas... O sayyed Ahmad Abdel Gawwad no café de SiAMi a espiolar pela lucarna.

Francamente, caíste bem baixo!! E, aliás, quem te garante que ela não revelou o teu segredo? Talvez os elementos da orquestra já estejam a par, talvez a própria Zubaida o saiba e todos os outros!! 'Pousou sobre mim a sua mão adornada com um anel de diamante e repeli-a.

Implorou-me mas não cedi. Ei-lo, é ele, o sayyed Ahmad Abdel

Gawwad que vós elevais ao céu!" Decididamente, caíste bem baixo!! No ponto mais baixo em que poderias ter caído... e onde teimas em cair ciente, melhor do que ninguém, do aviltamento e da infâmia que a tua atitude desonrosa encerra. Se os teus amigos e Zubaida e Galila conhecessem o teu segredo, o que farias?! Oh! Por certo, ninguém há que se compare a ti para disfarçar uma situação crítica com remos, porém desta vez as gargalhadas e o escárnio serão incapazes de cobrir a amarga verdade... É cruel... mas ainda mais cruel é que a desejes. Não mintas a ti mesmo. Porque aí desejas loucamente. Mas o que vejo?...", interrogou-se enquanto via uma carroça chegar e estacar defronte da casa da cantora.

Volvidos alguns instantes, a porta abriu-se e dela saiu Ayyusha, a tocadora de tamboril, arrastando pela mão Abdu, o tocador de qanun^[71]. Depois seguiu-se-lhe o resto da orquestra.

O sayyed percebeu bruscamente que a orquestra chegara àquele local para ir animar alguma festa de núpcias... e sentiu o seu coração estremecer sob palpitações violentas enquanto com uma atenção apaixonada e intensa mantinha os olhos fixos na direcção da porta. Esticou o pescoço, incauto, descurando as pessoas que estavam à sua volta, depois, por trás da porta, ecoou uma risada e surgiu o alaúde num estojo cor-de-rosa que antecedia a sua dona, a qual a rir saiu animada por um ardor impetuoso. Pousou o alaúde sobre o banco da frente do veículo e, com a ajuda de Ayyusha, subiu, acomodando-se num lugar no meio da orquestra, de tal modo que dela nada mais se podia enxergar para além das suas costas que assomavam num canto entre Ayyusha e Abdu, o cego.

O sayyed rangeu os dentes com um desejo pungente no qual se mesclava a cólera, ao passo que com os olhos acompanhava o veículo que, oscilando à direita e à esquerda, se sumia na rua deixando-lhe no coração um intenso sentimento de tristeza e de humilhação. Interrogou-se se deveria levantar-se e segui-la. Mas não se mexeu e disse tão-só: "Que insensatez foi ter vindo até aqui."

Na noite combinada dirigiu-se para a awwama em Imbaba. Não decidira ainda o que fazer, a despeito de ter por diversas vezes analisado mentalmente a questão e ter, por fim, remetido a solução dos seus problemas para a situação e a oportunidade do momento.

Ter a certeza de vê-la, de sentar-se junto dela, de se achar a sós com

ela no fim do serão era, por ora, o seu único cuidado. Em seguida apalparia de novo o terreno e levaria a cabo outra tentativa, recorrendo desta feita a toda a espécie de seduções.

Entrou na awwama ansioso e num estado tal que, se visse algo igual no rosto de qualquer outro e intuisse os motivos, teria desatado a rir e não teria poupado aquele aos seus dichotes.

Ali encontrou os amigos e Galila e Zubaida, mas da tocadora de alaúde nem vestígio!!

Foi acolhido calorosamente e, mal retirou a gubba e o fez e se sentou, estoiraram gargalhadas à sua volta e ele mergulhou naquela atmosfera alegre com toda a veemência da sua bonomia.

Conversava, chasqueava, entretinha-se aprazivelmente e divertia-se sem cuidados, tentando superar a sua angústia e ludibriar a sua inquietação.

E, porém, os seus temores não se dissipavam, entocavam-se sob a torrente de gracejos, como a dor que se esconde durante algum tempo sob o efeito de um calmante. Esperava ainda ver a porta abrir-se e, no seu limiar, surgir Zannouba, ou alguém fazer uma breve alusão à sua pessoa, que lhe explicasse porque estava ausente ou lhe afiançasse que a breve trecho ela chegaria. Mais o tempo se escoava preguiçosa e distraidamente mais a sua esperança se esmorecia, o seu ardor se esfriava e a expectativa ofuscava a alegria.

"Qual das duas coisas é, na tua opinião, a mais invulgar: a sua presença anteontem ou a sua ausência hoje? Não o perguntarei a ninguém. As aparências parecem indicar que o teu segredo se manteve inviolado. Se Zubaida estivesse a par, não teria tido o mínimo pejo em espalhá-lo aos quatro ventos e provocar todo um escândalo."

Riu muito e bebeu ainda mais, depois pediu a Zubaida que lhe cantasse: "Com a boca rio, mas choro no fundo do meu coração." Esteve, por um momento, à beira de falar à parte com Muhammad Iffat e lhe revelar o que pretendia fazer e num outro pensou em sondar a própria Zubaida, mas conteve-se e ultrapassou o seu mal-estar sem comprometer o seu segredo e a dignidade.

Quando, à meia-noite, Ali Abder Rahim se levantou para ir ter com a sua companheira em Wagh el-Birka, também ele se levantou, perante o assombro de todos, para regressar a casa. Debalde tentaram fazer-lhe mudar de ideias, ou retê-lo uma horita mais.

Abandonou a assembleia, deixando atrás de si o estupor e a desilusão dos que haviam conjecturado, pela sua vinda devidamente planeada, intenções que haviam sido defraudadas.

Em seguida chegou a sexta-feira. Um pouco antes da hora da oração, saiu para ir à mesquita de el-Hussein. Estava a percorrer a Rua de Khan Gafar quando a avistou vir do bairro de el-Watawit na rua da mesquita!. Ah!... Nunca antes o seu coração conhecera estremecimentos como os que naquele momento experimentava, os quais, quando aplacados, deram lugar a um entorpecimento que enregelou todos os expedientes da sua alma, tal modo que, numa espécie de alheamento, teve a impressão - puramente ilusória - de ter cessado de caminhar... e que o mundo, à sua volta, encerrara num silêncio sepulcral, à semelhança daqueles carros cujos motores param, interrompendo o seu ronco, mas que continuam a avançar impelidos pela força da inércia, sem o menor ruído.

Tendo voltado a si, viu-a caminhar diante de si, a uma certa distância, de imediato pôs-se a segui-la, sem reflectir. Passou diante da mesquita, e prosseguiu a sua rota, depois virou no seu encalço, seguindo-a à distância rumo ao Novo Caminho. O que pretendia? Não sabia!! Obedecia, como que cego, a um mero impulso... Nunca lhe ocorrera seguir uma mulher na rua, nem sequer no tempo da sua juventude. Começou a ser assaltado pelo embaraço e pela prudência. Depois sobreveio-lhe um pensamento, ao mesmo tempo irrisório e assustador: e se Yassin e Kamal soubessem que às escondidas ele perseguia uma mulher? Mas nada mais tinha em mente, de momento, a não ser manter a devida distância entre ele e ela, como desde que principiara a segui-la.

Os seus olhos começaram a saciar-se com o molde daquele corpo harmonioso, com uma cobiça ardente, e viu-se submerso por ondas sucessivas de desejo e dor, até a ver abandonar o caminho para se dirigir para a loja de um ourives, seu conhecido, chamado Yaqob.

O sayyed abrandou o passo para conceder a si mesmo o ensejo de reflectir sobre o que fazer, e foi então que o seu sentimento de embaraço e de prudência se tornou mais contundente: deveria dar meia volta? Ou antes passar diante da loja, sem virar a cabeça? Ou dar uma espreitadela para o seu interior e ver o que estaria a acontecer? Aproximava-se da loja muito pausadamente e faltavam ainda alguns

passos, quando lhe ocorre uma ideia audaciosa, que se apressou a pôr em prática sem a menor hesitação, fingindo desconhecer o perigo: subir o passeio e passar rente à loja na esperança de ser visto pelo proprietário e de por este ser convidado a entrar, como era hábito seu... ele aceitaria o convite!... Caminhou a passos lentos no passeio até alcançar a loja. Deitou um olhar para o seu interior, como quem olha casualmente, e cruzou o olhar de Yaqob.

- Seja bem-vindo, senhor Ahmad. Entre, por favor! - gritou-lhe o homem.

O sayyed arvorou um sorriso amistoso e entrou. Estreitaram as mãos com entusiasmo e Yaqob pediu-lhe que aceitasse um copo de sumo de alfarroba. Anuiu ao convite com muita amabilidade e instalou-se no sofá de pele, defronte da mesa sobre a qual fora colocada a balança. Apenas deu mostras de ter notado a presença de uma terceira pessoa na loja depois de sentado. Foi então que Zannouba lhe apareceu, em pé diante de Yaqob, completamente absorta dando voltas e voltas a um brinco na sua mão. Fingiu-se surpreendido e foi em semelhante atitude que os olhos de ambos se encontraram. Ela sorriu-lhe e este também lhe sorriu... Depois levou a mão ao peito em sinal de saudação, dizendo:

- Bom dia... Como está?

- Bem, que Allah o honre - respondeu Zannouba que de novo voltou a mirar o brinco.

O senhor Yaqob estava a propor a Zannouba que trocasse uma pulseira pelo brinco, mediante o pagamento de uma diferença sobre a qual não conseguiam chegar a um acordo. O sayyed aproveitou o facto de a jovem estar tão entretida para saturar os seus olhos com o perfil puro da sua face, ciente de que tal negócio e a subsequente transacção lhe podiam proporcionar o meio para interceder e oferecer amavelmente os seus préstimos. "Quem sabe... no caso de...", mas ela rompeu o dealbar de todo e qualquer impulso, embora talvez não descortinasse as suas secretas intenções e restituiu o brinco ao dono, declarando que renunciava a qualquer troca e pedindo-lhe simplesmente que reparasse a sua pulseira. Nisso saudou-o, saudando outrossim o sayyed com um aceno de cabeça e saiu da loja. Tudo se desenrolara com uma prontidão que nada parecia justificar aos olhos. O sayyed Ahmad ficou atónito, enfasiado e sentiu-se dominado por

uma sensação de cansaço e de aflição. Entreteve-se com o senhor Yaqob trocando os cumprimentos habituais até terminar de beber o sumo de alfarroba, após o que pediu licença para se retirar e partiu.

Lembrou-se - acometido por um profundo sentimento de vergonha - da oração da sexta-feira que estava à beira de perder. E todavia hesitou em apressar-se para ir à mesquita. Já não se sentia digno de orientar os seus passos directamente para a mesquita depois de tê-los colocado no trilho de uma mulher durante a hora da oração. Aquela leviandade a que havia cedido não teria tornado vãs as suas abluções? Ou, melhor, não o teria tornado indigno do se apresentar na presença do Misericordioso? Constrangido e dilacerado pela dor, renunciou portanto à oração e pôs-se a caminhar, sem destino, nas ruas durante cerca de uma hora.

Por fim, voltou para casa, pensando e repensando na falta que cometera. Contudo, mesmo num instante doloroso e pejado de remorsos como aquele, o seu espírito não fechava a porta a Zannouba! No serão, tendo chegado adiantado à casa de Muhammad Iffat para se achar a sós com ele, antes da vinda dos amigos, disse a este último:

- Queria que me fizesses um favor... que convidasses Zubaida a ir amanhã à noite à awiutama!

- Se é o que realmente queres - desatou a rir Muhammad Iffat -, que necessidade tens tu de recorrer a tantas artimanhas e subterfúgios! Se a tivesses desejado na outra noite, ter-te-ia aberto os braços e reservado uma recepção favorável. Ahmad Abdel Gawwad precisou então, um tanto atrapalhado:

- Quero que apenas a convides a ela!...

- Só ela?! És mesmo um grande egoísta ao pensares somente em ti. E elFar? E eu? Façamos, pelo contrário, um serão inesquecível, convidando igualmente Galila e Zannouba!

- Zannouba? - exclamou Ahmad Abdel Gawwad com um tom carredo de desaprovação.

- Porque não? Sempre é uma óptima recruta de reserva, a quem recorrer em caso de necessidade...

"Quanto me tem feito sofrer!... Como podes ter-te negado a mim, pequena bruxa, e porquê?"

- Não sei ainda o que pretendo fazer. A verdade é que amanhã não tenho realmente a intenção de ir!

- Pedes-me que convida Zubaida e dizes-me que amanhã não vais! contraveio Muhammad Iffat admirado. - O que significam todas estas tuas palavras?

Ahmad rebentou numa gargalhada estrondosa para disfarçar o seu enleio, depois, como que desesperado, viu-se constrangido a dizer:

- Não sejas parvo. Pedi-te que apenas convidasses Zubaida de forma a que Zannouba fique sozinha em casa!

- E Zannouba que queres, não é, filho de [\[72\]](#) Oum Ahmad!? Depois, disparou a rir:

- Para quê tanta canseira? Porque não tentaste possuí-la na primeira noite que passaste na awwama? Bastar-te-ia fazer-lhe um sinal com o dedo e teria voado para ti, ter-se-ia colado a ti sem mais se despegar!

Sorriu maquinalmente, apesar do lancinante sentimento de indignação, e depois volveu:

- Faz aquilo que te disse, é o que quero...

- "O procurador e o procurado são fracos!" [\[73\]](#) - respondeu Muhammad Iffat retorcendo os bigodes.

- E que isso fique um segredo nosso... - concluiu Ahmad Abdel Gawwad com muita seriedade.

[\[71\]](#) Instrumento musical de cordas.

[\[72\]](#) Aqui Oum significa literalmente "mãe de".

[\[73\]](#) Frase retirada do versículo 73 da surata XXII do Alcorão: "Ó homens! É-vos proposto um exemplo, então ouvi-o: 'Por certo os que invocais, além de Allah, não criarão uma mosca sequer, ainda que, para isso, se juntem. E, se a mosca lhes tirar algo, não poderão recuperado. O procurador e o procurado são fracos.'"

CAPÍTULO 9

A penumbra era espessa e a rua estava deserta quando, por volta das nove horas da noite, o sayyed bateu à porta, que se abriu, após alguns instantes, sem que ninguém aparecesse.

Depois ouviu perguntar: "Quem está aí?" e o seu coração sobressaltou-se ao ouvir a voz.

- Sou eu - respondeu com calma, entrando sem aguardar um gesto de convite. Fechou a porta atrás de si e achou-se diante de Zannouba, parada no primeiro degrau das escadas, que estendia o braço com o candeeiro. Fitou-o com um olhar assombrado e depois murmurou:

- Você!

Conservou-se por um longo momento imóvel e mudo, com um leve sorriso nos lábios que dizia a sua apreensão e a sua ansiedade. E, visto não achar nela nem hostilidade nem cólera, ganhou coragem e disse:

- É esta a tua forma de receberes um velho amigo?!

Ela virou-lhe as costas e começou a subir os degraus dizendo-lhe:

- Faça favor.

Silente seguiu-a. Deduziu do facto de ter ido pessoalmente abrir-lhe a porta que estava sozinha em casa e que o lugar de Gulgul, a criada falecida há dois anos, não fora tomado por ninguém. Seguiu-a até penetrarem no corredor, onde ela dependurou o candeeiro num prego espetado na parede junto da porta. Depois entrou sozinha na sala de estar e acendeu a grande lâmpada que pendia do tecto, o que recrudesceu a sua convicção de ter feito bem os seus cálculos. Depois, fez-lhe sinal para que se acomodasse e saiu. Ele entrou e foi sentar-se no sofá central onde outrora se habituara a instalar-se. Tirou o fez, pousou-o sobre a almofada que separava o sofá em dois e estendeu as pernas fazendo deslizar um olhar perscrutador em derredor.

Recordava-se do local como se tão-só o houvesse deixado na noite anterior-, os três sofás, as poltronas, o tapete persa, as três pequenas mesas encastoadas de madreperla: estava tudo como antes! Lembrar-se-ia quando se sentara pela derradeira vez naquele lugar? As suas memórias da sala de música e do quarto de dormir estavam certamente mais vívidas e mais nítidas, conquanto não pudesse olvidar que o seu primeiro encontro com Zubaida ocorrera naquela

mesma sala e naquele preciso lugar! Com tudo o que acontecera...
"Haveria, naquele dia, homem mais sereno e confiante do que ele?...
Mas quando tornaria a jovem? Que sentimento lhe suscitara a sua vinda? Até que ponto iria a sua arrogância? Teria pelo menos compreendido que viera unicamente por ela e não pela sua tia?.. Se também desta vez não conseguir nada, será mais conveniente pôr uma pedra sobre o assunto e dá-lo por terminado!"

Ouviu um leve roçar de pantufas. Zannouba apareceu junto da porta num vestido branco adornado de rosas vermelhas, envolta num xaile pontado a canutilho, com a cabeça descoberta e os cabelos apanhados em duas grossas tranças que lhe caíam sobre as costas.

Recebeu-a pondo-se em pé, com um sorriso, pois que podia tirar bons augúrios daquele seu trajar. Também ela o saudou sorridente e fez-lhe sinal que se sentasse, deixando-se depois cair sobre o sofá colocado no centro da parede, à sua direita.

- Seja bem-vindo. Que surpresa! - disse-lhe num tom não desprovido de espanto.

- De que género, já agora, seria esta surpresa? - perguntou o sayyed a sorrir.

- Feliz, claro está! - volveu ela, levantando as sobrancelhas com um impulso ambíguo, que não deixava perceber se falava de forma séria ou irónica.

"Já que obedecemos aos nossos passos que nos conduziram até aqui, pois bem, suportemos os requebros em todas as suas manifestações, sejam elas execrandas ou prazenteiras."

Observou o seu corpo e o seu rosto, com toda a quietude, como se quisesse desnudar tudo o que acicatara a sua paixão e desafiara a sua honra.

Reinou o silêncio, até ela erguer os olhos para ele sem articular uma palavra, mas com uma expressão interrogadora cheia de polidez, como que a querer significar: "Estamos aqui para servi-lo."

O sayyed perguntou então de forma insidiosa:

- Teremos de aguardar muito pela Sultana? Ainda não terminou de se vestir?

Fitou-o com uma expressão de assombro, baixando os olhos, após o que lhe respondeu:

- A sultana não está em casa...

- E onde pensas que ela esteja? - perguntou-lhe simulando surpresa.
- Sei tanto quanto o senhor... - replicou, meneando a cabeça, com um sorriso imperceptível nos lábios.

Deu mostras de meditar um pouco antes de responder:

- Julguei que te informava dos seus movimentos!

Ela agitou a mão como que a exprimir o seu desapontamento e disse:

- Tem uma boa opinião de nós - em seguida, rindo: - A lei marcial há muito que terminou! Se assim o quisesse, teria mais direitos do que eu para estar a par dos seus movimentos!

-Eu?!

- E porque não? Porventura não é o seu velho amigo?

- Um velho amigo e um estranho são a mesma coisa! - respondeu-lhe, fitando-a com um olhar sorridente, penetrante e loquaz. - Acaso podes dizer-me que os teus velhos amigos estão a par dos teus movimentos?

- Eu não tenho amigos, nem velhos nem novos... - redarguiu Zannouba alçando o ombro direito e mordiscando os lábios.

- Estas são palavras para os tolos - prosseguiu ele brincando com a ponta dos bigodes. - Mas quem tem dois dedos de testa não pode crer que vivas no meio de gente sensata que não faça tudo para granjear a tua amizade...

- Estas são suposições de pessoas generosas como o senhor! Mas não deixam de ser suposições edificadas no ar. E prova disto é que é um frequentador empedernido desta casa... e, no entanto, jamais se dignou conceder-me a mínima parcela da sua amizade.

Enleado, o sayyed franziu o sobrolho e, após um instante de vacilação, volveu:

-Naquela época eu era... quero dizer... algumas circunstâncias faziam com que...

Ela fez estalar os dedos e irónica rebateu:

- Quem sabe... talvez sejam circunstâncias análogas que me mantiveram afastada, meu amigo, dos outros!

Ele recostou-se na almofada do sofá com um brusco movimento teatral, em seguida, olhou para ela por sobre o seu grande nariz, meneando a cabeça como que a solicitar o auxílio de Allah contra esta e, por fim, replicou:

- Sabes que és um caso muito especial? E devo confessar que não posso fazer nada contigo!

Ela esboçou um sorriso perante aquele elogio, após o que, fingindo-se admirada, disse:

- Não compreendo nada do que quer dizer. Tenho a impressão que estamos em margens opostas. O importante é ter-me dito que vinha para se encontrar com a minha tia. Há alguma mensagem que eu deva transmi-tir-lhe ao seu regresso?

O sayyed rendeu-se a uma risada breve e, a seguir, declarou:

- Diz-lhe: Ahmad Abdel Gawwad veio fazer queixa de mim junto de você e não a encontrou.

- Fazer queixa de mim? E que fiz eu?

- Diz-lhe que vim queixar-me de tudo o que em ti achei indigno de uma mulher bela!

- Que palavras bonitas, próprias de um homem que de todas as coisas faz matéria de troça e de divertimento!

Ahmad Abdel Gawwad sentou-se completamente hirto no sofá e, com um ar sombrio, prosseguiu:

- Longe de mim a ideia de fazer de ti um objecto de irrisão ou de divertimento! A minha queixa é genuína, e tenho até a impressão de que conheces a razão desta. Mas é a coqueteria das mulheres bonitas, as mulheres bonitas têm todo o direito de se mostrarem galantes, é verdade, mas devem também ter compaixão!

- Que estranho! - respondeu ela, chupando os lábios.

- Não há nada que seja de espantar! Não te lembras do que aconteceu ontem na loja de Yaqob, o ourives? Porventura merecia uma recepção tão gélida quem se orgulha de sentir por ti um tal afecto e de te conhecer há tanto tempo? Teria desejado, por exemplo, que te dirigisses a mim para resolver o teu assunto com o ourives e teria igualmente apreciado que me tivesses dado o ensejo de colocar ao teu dispor a minha experiência ou que acedesses a ser um pouco mais transigente, permitindo que tratasse pessoalmente de todo o caso, como se a pulseira fosse minha, ou que aquela a quem pertencia fosse minha amiga!...

A jovem sorriu soerguendo as sobranceiras com um certo enleio, depois, com um tom algo ríspido, replicou:

- Estou-lhe grata...

O homem inspirou profundamente até encher o largo peito, para logo dizer com arrebatamento:

- Aqueles que são como eu não se contentam com agradecimentos. De que serve a um homem esfaimado que se lhe diga "Allah tratará de ti" recusando-lhe a ajuda de que necessita? Quem tem fome quer comida, comida apetitosa e deleitosa!

Ela cruzou os braços sobre o peito, fingindo-se estupefacta.

- O senhor está com fome? - voltou irónica. - Temos mulukhiyya e coelhos dignos do seu palato.

- Excelente! - disse-lhe a rir. - Seja! A mulukhiyya e os coelhos! Com uns copos de whisky... Contudo, em seguida, tocarás alaúde e dançarás para mim, e passaremos uma hora deitados juntos, o tempo de fazer a digestão...

Zannouba fez-lhe um sinal com a mão, como que a querer dizer: "Recua", e exclamou:

- Allah! Allah! Se lhe damos a mão, arranca-nos o braço... Nem pensar!

Ahmad juntou, então, os cinco dedos da mão direita, fazendo uma espécie de pequena boca fechada e começou a abri-la e a fechá-la suavemente, dizendo num tom judicioso:

- Minha boa menina, não desperdices o tempo precioso perdendo-te em tagarelices...

- Diga antes que não perca o meu tempo precioso junto de velhos!... retrucou ela, sacudindo a cabeça com altivez e garridice.

O sayyed acariciou o seu vasto peito com a palma da mão num gesto de desafio amigável. Mas ela encolheu os ombros rindo e disse:

- Nem que fosse...

- Nem que fosse? És mesmo uma criança! Que eu não possa mais dormir se antes não te revelar o que é justo que saibas! Traz a mulukhiyya, os coelhos, o whisky, o alaúde e a faixa da dança. Despacha-te... Despacha-te...

Ela dobrou o indicador da mão esquerda, levou-o à sobrancelha correspondente, depois fez tremer a sobrancelha direita dizendo:

- Não receia que possa aparecer a sultana e nos surpreenda?

- Não tenhas medo. A sultana esta noite... não volta!

- E quem lho disse? - perguntou ela, fitando-o com um olhar penetrante e dubitativo.

O homem percebeu o erro cometido e esteve por um instante prestes a ceder ao embaraço, mas dele emergiu com elegância dizendo:

- A sultana não tem por hábito ficar fora até esta hora a não ser por uma razão que a obrigue a ali permanecer até de manhã!

Ela começou a fixá-lo demoradamente, sem proferir uma palavra. Sacudiu a cabeça com evidente ironia e, por fim, com uma voz muito segura, replicou:

- Ah, a astúcia dos velhos! Tudo se embota neles, menos a astúcia! Tomas-me por uma distraída? Mas, pela tua vida, não o sou, sei tudo!

Ele voltou a brincar com a ponta dos bigodes, com um ar um tanto agastado, e depois perguntou:

- O que sabes?

- Tudo!

Ela hesitou um pouco, para fazer crescer o embaraço, e prosseguiu:

- Lembra-se do dia em que veio ao café de Si Ali para espreitar através da lucarna do café? Naquele dia, ficou a olhar durante tanto tempo que quase furava a parede da nossa casa com os seus olhos! E, quando saí, apanhei o carro, com a orquestra, e perguntei-me: "Achas que virá atrás dando pulos de alegria como os rapazinhos?" Mas mostrou-se mais ajuizado e aguardou por uma ocasião mais propícia!

O nosso homem meneou a cabeça numa gargalhada fragorosa, de tal modo que o seu rosto se afogueou. Depois, como que rendendo-se, suspirou:

- Ó Allah, perdoai-me!...

- Ontem, no entanto, esqueceu-se de ser sensato quando me viu frente a Klian Gafar e seguiu-me até entrar, no meu encalço, na loja de Yaqob...

- Também sabes isso, digna sobrinha de Zubaida?

- Pois é, príncipe dos amantes! Embora não imaginasse que me seguisse até dentro da loja. E, no entanto, não demorei muito a vê-lo sentado no sofá. Nem mesmo o demónio das mulheres se teria atrevido a tanto! E, quando fingiu estar surpreendido por me ver, estive quase para o amaldiçoar... Felizmente, as circunstâncias sugeriram-me que procedesse como uma pessoa educada...

- Sabes que és realmente única? - desatou a rir, batendo as mãos. Arrastada pela ebriedade do triunfo e da satisfação, Zannouba recomeçou a dizer:

- E eis que uma noite ouço a sultana dizer-me: "Prepara-te, vamos à awwama de Muhammad Iffat." Comecei a preparar-me, mas depois ouvi-a dizer-me: "Foi o sayyed Ahmad que sugeriu o convite!" Então disse para mim: "O sayyed Ahmad não propõe nada ao acaso!" Percebi a intenção e não fui com o pretexto de uma dor de cabeça!

- Pobre de mim! Caí nas garras de uma mulher sem coração! Tens mais alguma coisa a acrescentar?

- "Se soubessem o ignoto, optariam pelo presente..."^[74]

- Que palavras bonitas! Dão-te o ar de um orador, ó tu a mais perversa das criaturas de Allah! - e rindo com estrépito: - Que Allah te perdoe.

Depois, exclamou com evidente exultação:

- Mas eu também percebi a alusão, desta vez! E, na verdade, ficaste em casa. Não te mexeste nem te mantiveste escondida!

Ainda antes de acabar a frase, levantou-se, aproximou-se dela, sentou-se ao seu lado, agarrou na ponta do xaile ponteadado a canutilho e beijou-a, dizendo:

- Ó Allah, atesto que esta deliciosa criatura é mais doce do que a música do seu alaúde. A sua língua é uma chibata, o seu amor, fogo e quem dela se enamora, um mártir. A noite que se anuncia há-de ser memorável em toda a História.

- Não tentes confundir-me. Xô, xô! Volta para o teu lugar... - disse ela afastando-o com a palma da mão.

- Nada mais nos separará doravante!

Zannouba arrancou-lhe o xaile da mão com um esticão brusco e depois levantou-se, afastando-se alguns passos. Depois permaneceu imóvel, na frente deste, à distância de um braço, observando-o silente, como que a revolver na sua mente coisas importantes. Assim, disse:

- Não me perguntou ainda o que me levou a não ir à awwama no dia em que Muhammad Iffat me convidara, conforme a sua sugestão.

- O desejo de avivar ainda mais o fogo que me consome!

A jovem teve três acessos de riso descontínuos, após o que se calou um pouco e, por fim, redarguiu:

- Uma excelente ideia, mas já deu o que tinha a dar. Não é assim, príncipe dos libertinos?... A verdade conservar-se-á um segredo até me parecer bem revelá-la quando assim o entender.

- Ofereço a minha vida em troca deste segredo...

Ela esboçou pela primeira vez um sorriso límpido e um olhar meigo brilhou nos seus olhos depois de todas aquelas setas de ironia, como a bonança que sobrevêm depois da tempestade. A sua atitude comportava uma nova tática e novas intenções.

Avançou um passo para ele, alongou delicadamente as mãos em direcção aos seus bigodes e começou a torcê-los com cuidado. Depois, com um tom nunca até então ouvido, disse-lhe:

- Se é a sua vida que oferece em troca, o que ficará para mim?

O sayyed experimentou um profundo alívio de que não conheceria outro igual desde aquela noite de desfeita na awwama. Era como se conquistasse uma mulher pela primeira vez na sua vida. Afastou-lhe as mãos dos bigodes e apertou-as entre as suas palmas grossas. Depois, com ternura e gratidão, disse:

- Estou extasiado, minha doce criatura, tão extasiado que não sei descrevê-lo. Sê minha para todo o sempre, para a eternidade. Que não viva quem rejeitar um desejo teu ou um rogo teu. Faz-me um último favor... prepara o nosso serão. Esta não é uma noite como as demais. Merece ser celebrada até à alvorada!...

- Sim, esta noite, de facto, não é uma noite como as demais - respondeu ela a brincar com os dedos entre as palmas do sayyed - mas convém degustar só uma pequena parcela...

"Uma pequena parcela! Não há-de querer afastar-me, agora, depois de tanta complacência? E tu já estás por demais impaciente!"

Ele começou a acariciar-lhe as costas das mãos que mantinha estreitadas entre as suas, depois abriu as palmas e começou a contemplar, com encanto, a cor rosa da hena com que estavam pintadas. Estupefacto ouviu-a então perguntar com uma voz ridente:

- Talvez leia as mãos, sayyedna el-sheikh?

- Todos sabem do que sou capaz - sorriu ele e respondeu num gracejo. - Queres que te leia a mão?

Ela assentiu com um aceno da cabeça. Pegou na mão direita dela e principiou a examinar a palma fingindo meditar. Depois, com ar absorto, declarou:

- Vejo um homem no teu caminho, que terá um papel de relevo na tua vida.

- Numa união legítima? - perguntou a rir.

Ele ergueu as sobrancelhas observando com mais atenção a palma e,

sem que no seu rosto surgisse sequer um laivo de zombaria, replicou:

- Não, ilegítima!

- Allah me guarde! Quantos anos tem?

Olhou para ela de sob as sobrancelhas e volveu:

- Não é muito claro, mas a julgar pelas suas possibilidades, deve estar na flor da virilidade!...

- É, pelo menos, generoso? - perguntou ela sorrateira.

"Ah, dantes a generosidade não fazia parte do que te tornava caro aos corações delas."

- O seu coração desconhece a avareza.

Ela reflectiu um pouco, depois perguntou ainda:

- Agradar-lhe-á que eu continue uma criada nesta casa? "O novilho caiu, tragam as facas!..."

-Mas o que dizes? Tornar-te-ás numa grande dama!...

- E onde me fará viver?

"Nem Zubaida exigiu alguma vez semelhante coisa de ti. Falarão de ti e continuarão a falar, quem sabe por quanto tempo!..."

- Num belo apartamento...

- Um apartamento?!

Achou estranho aquele tom de desapontamento e perguntou-lhe, atónito:

- Não te agrada?

-Porventura não vê água correr?... - insistiu Zannouba apontando para a palma da mão. - Veja bem...

-Água correr!... Agradar-te-ia viver numa casa de banho?...

- Não vê o Nilo... uma awwama ou uma dahabiyyal

"Quatro ou cinco guines^[75]" por mês de uma só vez... sem contar com as outras despesas. Ah, não se encantem pelas mulheres de baixo estatuto!..."

- Porque escolhes um local tão distante da cidade?... Aproximou-se mais dele, encostando o joelho ao dele, e disse:

- O senhor não é inferior a Muhammad Iffat no que toca ao prestígio nem eu sou menos afortunada do que a sultana visto que me ama, como afirma. Poderiam ir passar as noites lá, o senhor e os seus amigos. É o meu sonho. Concretize-o, peço-lhe, faça-o por mim!...

Passou os braços em derredor da cintura dela e permaneceu em silêncio para saborear em paz os frémios que experimentava devido

ao seu toque e à sua ternura. Depois disse:

- Terás tudo aquilo que quiseses, ó minha esperança...

- Não pense que dá sem nada levar em troca! - exclamou Zannouba comprimindo as suas mãos nas faces deste como que a demonstrar a sua gratidão. - Lembre-se sempre de que é por você que deixarei esta casa, onde passei a minha vida, sem jamais voltar atrás. E lembre-se de que se lhe peço que faça de mim uma senhora é simplesmente para que a mulher que o acompanhe o seja!

Ele cingiu-lhe a cintura com o braço e apertou-a tanto que afundou o rosto dela no seu peito, depois disse:

- Percebi tudo, luz dos meus olhos. Terás tudo aquilo que desejares e ainda mais. Gosto de te ver do modo como tu própria gostas de te ver. E agora prepara o nosso serão. Quero dar início à minha existência a partir desta noite...

Zannouba agarrou os seus braços, depois sorriu-lhe como que a querer desculpar-se, e disse com brandura:

- Logo que estejamos juntos em nossa awwama sobre o Nilo...

- Não me enlouqueças - contraveio ele advertindo-a. - Julgas que podes resistir à minha fogosidade?

Zannouba recuou e, num tom suplicante e obstinado, redarguiu-lhe:

- Não na casa em que trabalhei como uma criada. Espere até estarmos juntos debaixo do tecto da nova casa. A sua e a minha casa. Então serei sua para sempre, não antes, e juro-lhe, pela sua vida que tanto prezo e pela minha que tanto preza!...

[74] Fragmento de ura hadith atribuído ao Profeta.

[75] Moeda do Egipto.

CAPÍTULO 10

"Allah queira que tudo esteja pelo melhor."

Era o que Ahmad Abdel Gawwad de si para si remoía enquanto observava Yassin que se aproximava dele, na loja...

Era uma visita inusitada e inesperada. Veio-lhe à memória a que o jovem lhe fizera naquele mesmo local muito antes quando viera para se aconselhar com ele relativamente à resolução que a sua defunta mãe tomara de tornar a casar pela quarta vez. Por certo, o filho não viera para trocar meros cumprimentos nem tão-pouco falar de um assunto banal sobre o qual poderia muito bem falar estando ele em casa. Por certo, Yassin não viera ter com ele à loja senão por causa de algo sério. Estreitou-lhe a mão, depois convidou-o a sentar-se dizendo:

- Allah queira que tudo esteja pelo melhor.

Yassin sentou-se numa cadeira próxima da poltrona do pai, atrás da secretária, virando as costas ao resto da loja onde Gamil el-Hamzawi, em pé diante da balança, pesava as mercadorias para alguns clientes. Olhou para o pai com um certo enleio, o que corroborou o pressentimento deste último.

O homem fechou um registo no qual soía transcrever as contas e endireitou-se na sua poltrona, preparando-se para enfrentar a conversa.

Via-se, à sua direita, o cofre-forte, semiaberto, e por cima da sua cabeça uma fotografia de Saad Zaghlul nas roupagens de primeiro-ministro, afixada na parede sob o velho quadro da basmala.

Não fora o acaso que ali trouxera Yassin, à loja, mas sim um plano bem architectado e urdido; pois, havia pensado que a loja seria o local mais seguro para arrostar o pai e expor-lhe o objectivo da sua visita, já que a presença de Gamil el-Hamzawi e dos clientes que se achavam de passagem era susceptível de lhe oferecer um escudo protector contra uma eventual explosão de cólera do pai. O facto era que Yassin, apesar da imunidade que lhe conferiam quer a sua idade quer os bons tratos que em geral usufruía junto do pai, temia grandemente a fúria deste último.

- Conceda-me um pouco do seu tempo valioso - disse Yassin de modo excessivamente cortês. - Não o importunaria caso não fosse

necessário.

Mas sabe que não consigo dar um passo sem recorrer aos seus pareceres luminosos e sem contar com a sua aquiescência.

No seu íntimo, o sayyed sorriu irónico ante aquela exuberante deferência e começou a observar com circunspecção aquele nédio e belo rapaz garboso, abraçando, num só relance, os bigodes na sua extremidade retorcidos, como ele costumava usar, o fato azul-escuro, a camisa de gola engomada, o laçarote azul, o enxota-moscas com o cabo de marfim e os sapatos negros e luzidios.

Yassin só retocara a sua forma habitual de vestir - quanto à presença do pai - em dois pormenores: pusera de novo a ponta do lenço de seda no bolso da casaca à altura do peito e endireitara o fez que em geral usava ligeiramente inclinado para a direita... "Diz que não pode dar um só passo sem recorrer aos teus pareceres luminosos!... Muito bem!... Mas ter-se-á deixado por eles iluminar quando se embebedava? Ou quando se entranhava nas ruelas de Wagh el-Birka que eu porém lhe havia proibido de frequentar? Ter-se-á deixado iluminar na noite em que se lançou sobre a criada, no terraço? Pois, pois! O que se dissimulará por trás deste sermão no púlpito?"

- Claro está! É o mínimo que se pode esperar de um homem razoável como tu. Mas, Allah queira que tudo esteja pelo melhor, não é?

Yassin lançou um rápido olhar atrás de si e reparou em Gamil el-Hamzawi e nos clientes que estava a atender. Depois aproximou a sua cadeira da secretária do pai e, reunindo toda a sua coragem, disse:

- Resolvi, evidentemente com o seu consentimento e o seu agrado, cumprir a outra metade da minha religião...

"É mesmo uma surpresa! Uma surpresa feliz, ao contrário do que se poderia esperar. Seja como for, era conveniente ser prudente! Só seria uma surpresa feliz mediante certas condições... Era conveniente aguardar e ouvir o nó da questão! Não haveria porventura algo que induzia a ter uma certa reserva? Oh, claro! Aquele preâmbulo com excessiva deferência e modos delico-doces, o facto de ter preferido a loja como local para falar, por razões que não podiam escapar a um espírito clarividente como o seu... Quanto ao casamento em si, já havia algum tempo que lho augurava. Queria-o quando pedira insistentemente a Muhammad Iffat que lhe devolvesse a sua filha; esperara-o quando implorava a Allah, no fim das suas orações, que o

reconduzisse para o caminho da rectidão e o levasse a encontrar uma boa esposa. Talvez até não houvesse hesitado em fazê-lo desposar outra vez caso não fosse o receio que este o colocasse em dificuldades com os seus amigos como sucedera já com Muhammad Iffat. Mas era conveniente esperar! Aliás, podia também não se verificar qualquer das suas apreensões."

- Óptima resolução, que eu aprovo plenamente. E a tua escolha recaiu sobre uma família bem precisa?

Yassin baixou por um instante os olhos, depois levantou-os declarando:

- Encontrei aquela que é feita para mim... Uma casa respeitável, que conhecemos devido a uma longa vizinhança e cujo dono estava entre os seus mais respeitáveis conhecidos...

O sayyed arqueou as sobrancelhas com um ar perplexo, sem proferir uma só palavra. Depois Yassin atalhou dizendo:

- O defunto sayyed Muhammad Ridwan!

- Não!... - deixou escapar o sayyed Ahmad antes de se controlar.

Aquela palavra fugira-lhe da boca com uma tal expressão de desgosto e de protesto indignado que compreendia que devia justificá-la com uma razão válida, de modo a dissimular a verdade dos seus sentimentos. É claro que não era difícil para ele.

- Mas a sua filha não está divorciada?! Tornou-se assim a terra tão exígua que devas tomar por esposa uma mulher que já não é virgem?!...

Esta objecção não surpreendeu Yassin. Esperava-a desde que decidira desposar Mariam. Não obstante isto, nutria a firme esperança de vencer a oposição do pai, oposição na qual não via nada mais senão um eco da sua preferência por uma virgem em detrimento de uma que já o não era, ou uma maneira sua de se manter afastado de uma mulher que lhe poderia lembrar a tragédia do falecido filho.

O jovem tinha fé na sensatez do pai e esperava, no fim, induzi-lo a ultrapassar aqueles pretextos fúteis. Contava, sobretudo, sem qualquer reserva, com a sua aquiescência, que lhe servira depois para superar a real oposição que contava encontrar por parte da esposa do pai... oposição ante a qual se detivera indeciso e confuso, de tal modo que chegara a ponderar fugir às ocultas de casa e casar a seu bel-prazer colocando todos perante o facto consumado. E tê-lo-ia seguramente

feito se não lhe fosse insuportável a ideia de despertar a ira do pai e se com um tal acto não lhe devesse custar ter de ofender os sentimentos da sua segunda mãe - ou, melhor, da sua primeira mãe - antes de ter tentado todas as vias para trazê-la para o seu lado e convencê-la do seu ponto de vista.

- Há mulheres que chegam para mim sobre esta terra, é verdade! - disse ele. - Mas o destino assim o quis... Não é o dinheiro nem o prestígio o que busco. Basta-me que seja uma mulher de boa família e de bons costumes.

Se algum motivo de consolo havia no meio de todas aquelas coisas complicadas e penosas era a justeza do seu ponto de vista, que jamais poderia ser desmentido. Era Yassin, sem tirar nem pôr. Um homem - ou um animal - que arremessava à sua frente e atrás de si as dificuldades de cada dia. Se hoje não houvesse vindo anunciar-lhe uma boa nova ou pô-lo a par de um feliz evento, não teria sido Yassin, teria por assim dizer defraudado a consideração e a opinião que o pai tinha dele. Que não corria atrás do dinheiro e do prestígio da esposa não era por certo razão de desdouro, mas, quanto aos costumes, a questão era outra. Contudo aquele burro tinha desculpa: parecia de facto - coisa aliás assaz natural - nada saber da conduta da mãe da moça que desejava ter por esposa, conduta que ele pelo contrário era o único a conhecer por dela ter beneficiado pessoalmente. E quem sabe, talvez outros já a houvessem possuído antes dele, ou depois.

Assim sendo, o que fazer? É certo que também podia suceder que a rapariga fosse uma mulher como deve ser, mas indubitavelmente nem a mãe nem o seu ambiente poderiam ser qualificados como sendo "os melhores". Infelizmente, o sayyed não podia exprimir abertamente a sua opinião - a sua opinião muito pessoal! -, não estando em condições de oferecer provas para fundamentar as suas afirmações, sobretudo porque percebia que este seria um acto que desencadearia - em quem pela primeira vez o ouvisse - lamentos e perturbação.

O pior em toda esta questão era o seu temor de fazer a menor alusão, com o risco de levar Yassin a fazer as devidas pesquisas e investigar seriamente o caso até no final das contas descobrir o quê? Os vestígios das impressões digitais do seu pai! Um escândalo sem igual! A questão era, pois, delicada e embaraçadora.

Ademais havia uma espinha afiada escondida no seu contexto - ela! -

uma velha história, ligada à pessoa de Fahmi. Poderia Yassin tê-la esquecido? Como podia desejar com tamanha indiferença uma jovem sobre a qual já o seu defunto irmão poisara os olhos? Não seria o seu comportamento repugnante? Sim, era sem dúvida, ainda que não duvidasse da lealdade do jovem para com o irmão morto. A cruel lógica da vida oferece sempre uma desculpa a pessoas do jaez do filho. O desejo é tirano, cego, impiedoso, o que sabia melhor do que ninguém!

O homem franziu o sobrolho para exprimir ao filho o seu mal-estar.

- O meu coração não acolhe de bom grado a tua escolha - disse-lhe. - Ignoro porquê. O defunto Muhammad Ridwan era, na verdade, um bom homem. Mas a paralisia impedira-o, muito antes de morrer, de seguir de perto os assuntos da sua casa. Com esta observação, não quero pensar mal de ninguém. Nada disso! Mas há coisas que se contam... e são daquelas que circulam de boca em boca, não é? Tudo o que me importa, neste momento, é que a jovem é divorciada. Porque está divorciada? Esta é uma das muitas perguntas a que é necessário saberes responder. Não é justo que deposites a tua confiança numa mulher divorciada sem antes teres estudado tudo acerca dela nos mais ínfimos detalhes. Era isto o que queria dizer-te. O mundo, além do mais, está repleto de raparigas de boas famílias.

Encorajado pela atitude do pai, que se limitara a discutir e aconselhar, Yassin voltou:

- Procurei pessoalmente, e com auxílio de outros, as devidas informações. Ficou claro que a culpa é do marido, visto que já era casado e, no entanto, ocultara-lho. Isso para não referir, por outro lado, a sua incapacidade em prover às despesas de duas casas em simultâneo ou os seus maus hábitos!

"Os seus maus hábitos! Ousa falar de maus hábitos sem corar. Este imbecil oferece-te matéria-prima para rir durante um serão inteiro!"

- Assim fizeste as devidas indagações até pôr o dedo na ferida! - disse o pai.

- É um passo bem natural... - respondeu Yassin timidamente, evitando o olhar acutilante.

- Mas não te dás conta de que esta rapariga continua ligada a recordações para nós cruéis? - insurgiu-se o homem baixando os olhos.

Yassin sentiu-se sufocar por uma densa sensação de embaraço e o seu rosto empalideceu.

- Nunca poderia deixar escapar tal coisa! - atalhou ele. - Todavia é uma ilusão que não tem fundamento. Tenho, na verdade, a certeza de que o meu defunto irmão só deu importância a toda esta questão por alguns dias e que depois a esqueceu por completo. Ousarei até afirmar que, em seguida, se alegrou com o fracasso que sofreu na sua tentativa, uma vez chegado à conclusão de que, contrariamente ao que concebera, a rapariga não quisera saber dele.

Estaria Yassin a dizer a verdade ou defendia tão-só a sua posição? Teria acolhido as confidências do defunto irmão e talvez fosse a única pessoa que podia pretender conhecer aquilo que os demais ignoravam acerca da vida íntima de Fahmi. Quem dera que aquilo que dizia fosse verdade! Oh, sim, quem dera que fosse verdade. Tê-lo-ia assim libertado daquele tormento que lhe estragava o sono sempre que lembrava o dia em que erguera obstáculos à felicidade do falecido filho, ou sempre que lhe voltava à mente a ideia de que talvez morrera com o coração atormentado ou cheio de rancor contra o seu despotismo e a sua inflexibilidade. Aquelas dores que lhe haviam dilacerado o coração... queria Yassin libertá-lo delas?

- Estás seguro daquilo que afirmas? - perguntou-lhe com uma emoção cuja intensidade o jovem não notou. - Confessou-to?

E, pela segunda vez na sua existência, Yassin viu o pai num estado de abatimento tal que não vira semelhante a não ser no dia da morte de Fahmi.

- Diz-me a verdade nua e crua! - dizia-lhe. - Toda a verdade. Interessa-me mais do que possas imaginar - desejava confessar-lhe a sua dor, mas conteve o desabafo na ponta da língua. - Toda a verdade, Yassin!

- Tenho a certeza do que digo! - respondeu Yassin sem hesitar. - Soube-o pessoalmente e ouvi-o com os meus próprios ouvidos. Não há a menor dúvida!...

Noutras circunstâncias, aquelas palavras, ainda que formuladas de modo mais eloquente, não seriam suficientes para persuadir o sayyed da sinceridade de Yassin. Mas, a bem dizer, necessitava muito de acreditar que era sincero e, de facto, julgou-o sincero e acreditou nele e o seu coração encheu-se de uma gratidão profunda e de uma paz total.

A questão do casamento, pelo menos por ora, já não fazia parte dos seus cuidados. Escudou-se num silêncio fundo e demorado, saboreando a paz que inundara o seu coração. Principiou pouco a pouco a tomar consciência da situação e a ver Yassin, que a emoção subtraíra à sua vista. Tornou então a pensar em Mariam e em Umm Mariam, no casamento de Yassin, no seu dever de pai, naquilo que podia ou não dizer.

- Seja como for - volveu ele -, gostaria que reconsiderasses mais seriamente o assunto, com mais cautela. Não te precipites. Concede-te a possibilidade de reflectires e de ponderares devidamente. Estão em jogo o teu futuro, a tua dignidade e a tua felicidade. Quanto a mim, estou disposto a escolher para ti, uma vez mais, uma mulher se me deres a tua palavra, a tua palavra de homem que não farás com que me arrependa de me empenhar pessoalmente para o teu bem! E então? O que te parece isto?

Yassin ficou mudo, pensativo, desconsolado pelo rumo incómodo delicado que a conversa estava a tomar. É certo que o pai falava com uma calma espantosa, mas já não dissimulava a sua angústia nem o seu descontentamento. E, se Yassin tivesse, depois de tudo isto, insistido em manter o seu ponto de vista, a discussão poderia ter-se precipitado para uma odiosa ruptura. Mas deveria bater em retirada com o único propósito de evitar uma tal consequência? Claro que não! Já não era uma criança! Desposaria quem bem queria e como queria, e que Allah o ajudasse a conservar o afecto do pai!

- Não pretendo causar-lhe novas preocupações - disse. - Obrigado, meu pai. A única coisa que desejo é obter o seu consentimento e o seu agrado.

O sayyed fez um gesto de impaciência com a mão e com um tom não isento de uma certa rudeza replicou:

- Recusas-te a abrir os olhos sobre a sabedoria do meu ponto de vista!

- Não se enfureça, meu pai - suplicou-lhe Yassin com fervor. - Esconjuro-lhe em nome de Allah. O seu agrado é indicador de bênção e não poderei suportar uma recusa. Deixe-me tentar a minha sorte e reze paraí que eu tenha êxito.

Ahmad Abdel Gawwad convenceu-se de que devia inclinar-se perante um facto consumado e resignou-se com desalento e desespero.

Sim, talvez Mariram - a despeito da leviandade da mãe - fosse uma rapariga honesta e uma boa esposa. Mas não restavam dúvidas de que Yassin não conseguira fazer incidir a sua escolha sobre a melhor das mulheres nem sobre a mais respeitável das casas.

A Allah tudo pertence! Longe vão os tempos em que ditava imperiosamente a sua vontade sem encontrar oposição. Yassin era hoje um homem responsável e toda a tentativa de lhe impor um ponto de vista seu teria tão-somente desencadeado insurreição. Melhor seria então render-se à evidência dos factos e invocar para ele a protecção de Allah.

O sayyed repetiu os seus conselhos e procurou novamente abrir os olhos ao filho, mas Yassin apoiou-se uma vez mais nas justificações já apresentadas e nas expressões de afecto até não haver nada mais a acrescentar... O jovem abandonou a loja persuadido de que obtivera o consentimento e o agrado do pai, mas estava bem ciente da dificuldade maior que o aguardava em casa. Sabia também que irremediavelmente teria de abandonar a casa, porque a simples perspectiva de fazer com que Mariam entrasse na família era uma espécie de loucura. Esperava, no entanto, poder deixar os seus em paz e com serenidade, sem resquícios de rancor ou de hostilidade, não sendo fácil menosprezar a mulher do seu pai ou renegar o carinho e os favores que esta lhe prodigara. Jamais imaginara que o tempo poderia levá-lo a adoptar uma atitude tão singular em relação à casa e à família. Mas a situação complicara-se de tal forma e as saídas eram tão reduzidas que não lhe restava outra escapatória que não fosse o casamento. Coisa estranha, a tática feminina, concebida de modo especial para fazê-lo ceder, não lhe escapara por certo. Uma tática tão antiga como o mundo e que se resumia em duas palavras: seduzir e depois repelir. Mas o desejo que sentia pela rapariga penetrara-lhe no sangue e precisava saciá-lo a todo o custo, conquanto mediante o casamento.

A coisa mais surpreendente em toda a questão era que da história de Mariam ele sabia tão bem como os membros da sua família todos juntos - excepto o seu pai, evidentemente.

Mas o desejo subjugava-o e nada disso podia fazer com que desistisse do seu projecto ou renunciasse a ela. Disse de si para si: "Para quê atormentar o meu coração com um passado já revoluto, sobre o qual não tenho responsabilidades? Iniciaremos juntos uma

existência nova. Aí tão-só começará a minha responsabilidade. A confiança que tenho em mim é ilimitada. Se depois ela desiludir a ideia que dela me fiz, jogá-la-ei fora como se joga um sapato velho..." Na verdade, não consultara o seu pensamento ao tomar uma decisão, mas servira-se dele para justificar o seu desejo pertinaz e indómito. Aceitava o casamento, desta vez, como uma alternativa a uma relação íntima que lhe era negada. Isso, todavia, não significava que ele escondesse más intenções em relação a este ou que o houvesse adoptado como um pretexto provisório para saciar um desejo carnal. Também era verdade que a sua alma - não obstante a volubilidade a que andava continuamente sujeita - aspirava a uma vida conjugal e a um lar estável...

Todas estas coisas haviam atravessado a sua mente enquanto tomava lugar ao lado de Kamal para a "sessão do café", à qual lhe parecia estar a participar pela derradeira vez.

Deixou deslizar, com muita amargura, o olhar entre os sofás, as esteiras variegadas e o grande lampadário que do tecto pendia.

Amina estava sentada, como era seu hábito, com as pernas cruzadas no sofá que ocupava o lugar situado entre a porta do quarto do sayyed e a sala de jantar, inclinada, apesar do calor interior, sobre o fogareiro enquanto preparava o café. Estava envolta num véu branco colocado sobre uma gallabiyya violeta que fazia ressaltar a sua magreza, e estava como que aureolada por uma calma intensa que deixava intuir um fundo de tristeza quando se entregava ao silêncio, como a água junto das margens que, ao estagnar, deixa transparecer os detritos que ocultava. Que pena e que embaraço sentia quando se aprontava a revelar o que trazia dentro de si! Uma revelação à qual não podia de modo algum se eximir. E, assim, depois de ter tomado o seu café sem sequer o saborear, disse:

- Por Allah, mãe, tenho um problema sobre o qual queria pedir-lhe um conselho.

Trocou um olhar com Kamal que indicava que este último estava já a par do assunto que estava à beira de abordar e aguardava as consequências com uma inquietação não inferior à sua.

- Bom, meu filho... - respondeu Amina.

- Resolvi casar - declarou Yassin bruscamente. Os pequenos olhos cor de mel iluminaram-se com um vivo interesse.

- É certamente uma coisa boa, aquela que decidiste fazer, meu filho - replicou ela. - Não era necessário esperar tanto...

Depois brilhou nos seus olhos uma expressão interrogadora mas, em vez de exprimir o que entendia perguntar, disse-lhe, quase que a levá-lo a confessar como se de um segredo se tratasse:

- Fala disso ao teu pai, ou então deixa que seja eu a falar-lhe. Não lhe é impossível arranjar-te uma nova esposa ainda melhor do que a primeira.

- Já falei com o pai - respondeu Yassin com uma gravidade que lhe pareceu desproporcionada à situação. - Não é necessário dar-lhe novas preocupações porque já fiz a minha escolha. O meu pai acedeu e espero poder obter igualmente o seu consentimento.

O rosto de Amina enrubesceu de confusão e alegria pela atenção que Yassin lhe reservava.

- Que Allah te abra as portas da felicidade - replicou ela. - E despacha-te, traz novas pessoas para o piso abandonado. Mas quem é a boa moça que decidiste tomar por esposa?

Trocou outro olhar com Kamal, depois respondeu a custo:

- São vizinhos que conhece...

Amina franziu as sobrancelhas como quem procura relembrar, enquanto com os olhos fitava o vazio, movendo o seu indicador como se contasse os vizinhos presentes na sua memória.

- Deixas-me atrapalhada, Yassin - disse ela. - Porque não falas para que eu possa sossegar?

- Os nossos vizinhos mais próximos!... - respondeu com um sorriso frouxo.

- Quem?! - escapou-lhe com desolação e perturbação, arregalando os olhos para ele. Este inclinou a cabeça e cerrou os lábios, cheio de melancolia. Então, com o polegar a apontar para trás, a mulher voltou a dizer com uma voz tremida:

- Aqueles? É impossível! Dás-te conta do que dizes, Yassin?! Ele fechou-se num silêncio obstinado até ela gritar:

- Ó notícia funesta... Aqueles que rejubilaram com a nossa desventura nos dias de provação?

Não pôde deixar de lhe gritar:

- Peço-lhe, em nome de Allah, não repita estas palavras. É pura fantasia. Se alguma vez me tivesse convencido por um só instante...

- Naturalmente, defende-las, mas é uma defesa que não convence ninguém. Não te canses a convencer-me do impossível. Ó meu Deus! Que necessidade te obriga a sofrer tamanha desonra? Defeitos e taras, eis o que possuem! Podes indicar-me nelas uma única virtude que justifique esta escolha iníqua? Afirmas que obtiveste o consentimento do teu pai. Mas ele nada sabe destas coisas... Diz antes que o enganaste.

- Acalme-se - suplicou Yassin. - Nada me é mais odioso do que enfurecê-la. Acalme-se e falemos calmamente.

- Como posso estar aqui a ouvir-te quando me dás uma bofetada tão violenta? Diz-me que não passa de uma simples brincadeira estúpida. Mariam? Aquela pequena despudorada acerca de quem sabes o que todos nós sabemos? Esqueceste porventura a sua história escandalosa? Esqueceste-a realmente? E quererias trazê-la para dentro de casa?!

- Na verdade, não disse tal coisa - disse com um suspiro fundo, como que para repelir do seu peito o tormento e a perturbação que sentia. - E uma história sem importância... Aquilo que me importa de veras é que olhe toda esta questão com novos olhos, sem preconceitos.

- E de que preconceitos se trataria? Tê-la-ei acusado erradamente? Dizes que o teu pai está de acordo. Mas contaste-lhe alguma coisa acerca dos seus passatempos escandalosos com os soldados ingleses? O que aconteceu aos filhos das pessoas honestas, ó meu Deus?!

- Acalme-se, falemos calmamente. Para que serve toda esta agitação?!

- Não posso ficar calma quando o que está em jogo é a dignidade - gritou com uma rispidez que outrora não lhe era usual.

Depois, com uma voz lacrimante:

- E ofendes a memória do teu bem-amado irmão.

- O meu irmão? - contraveio Yassin engolindo a saliva. - Que Allah tenha misericórdia dele e o acolha no seu paraíso! Esta questão não ofende de forma alguma a sua memória. Acredite em mim. Sei aquilo que digo melhor do que ninguém. Não perturbe o seu repouso!

- Não sou eu quem perturba o seu repouso. Quem perturba o seu repouso é, na verdade, o irmão que faz olhinhos àquela rapariga. Sabe-lo muito bem, Yassin! E não podes negá-lo... Depois, fortemente

emocionada:

- Quem sabe se já naquele tempo distante lhe fazias olhinhos!

- Mãe!

- Já não confio em nada. Como se pode ainda ter confiança em alguma coisa depois de uma tal traição? A terra tornou-se, assim, tão limitada e desolada que não consigas achar, para esposa, entre todas as mulheres, outra que não seja aquela que dilacerou o coração do teu irmão? Não lembras o desgosto que sentiu quando connosco soube do episódio do soldado inglês?

Yassin abriu os braços num gesto implorante e volveu:

- Adiemos esta conversa para outra altura. Provar-lhe-ei mais tarde que o nosso saudoso Fahmi respondeu ao chamamento de Allah com o coração desprovido de qualquer vestígio daquela rapariga. Por ora, o clima que se gerou não é propenso a que falemos...

- Nem penses que possa haver para mim um clima propenso para falar sobre isso! - gritou-lhe irada. - Não tens o menor respeito pela memória de Fahmi!...

- Se pudesse imaginar a dor que as suas palavras me causam!

- Dor? - gritou ela, no auge da cólera. - Não sofreste pelo teu irmão! Há pessoas estranhas que sofreram mais por ele do que tu!

-Mãe!

Kamal tentou intrometer-se na conversa, mas ela silenciou-o com um gesto de mão e vociferou:

- Não me chames mãe. Fui de verdade uma mãe para ti, mas nunca foste um filho para mim ou um irmão para o meu filho!

Ficar era doravante intolerável. Destarte, levantou-se, triste e atormentado, e abandonou a sala para se retirar para o seu quarto. Kamal não tardou a juntar-se-lhe, não menos triste e aflito do que ele.

- Não te avisara? - disse-lhe.

- Não ficarei nem mais um minuto nesta casa! - respondeu Yassin, cujo semblante se toldara.

- Deves desculpá-la - disse-lhe Kamal com o coração apertado. - Sabes que a minha mãe já não é como dantes. Até o pai fecha os olhos de quando em quando sobre alguns dos seus erros. É apenas um acesso de cólera que não tardará a dissipar-se. Por isso, não a responsabilizes pelas palavras proferidas. Peço-te...

- Não a considero responsável, Kamal - suspirou Yassin. - Não

esquecerei a benevolência de que deu mostras para comigo durante tantos anos por causa de uma afronta momentânea. Tem desculpa, como tu disseste. Mas como poderei encará-la, de manhã e à noite, sabendo o que pensa de mim.

Depois, após alguns instantes de silêncio carregados de tristeza:

- Não acredito que Mariam tenha dilacerado o coração do nosso defunto irmão... Um dia Fahmi pediu ao nosso pai permissão para desposá-la, mas este opôs-lhe uma clara recusa.

"O nosso bem-amado irmão tentou por todos os meios esquecer o caso e, por fim, conseguiu-o em definitivo.

"Que culpa tem, assim sendo, a rapariga em tudo isso e qual a minha culpa se quero desposá-la seis anos depois daquela história?"

- Tens toda razão e a mãe depressa se convencerá disso - responde" Kamal confiante. - Espero que a tua ameaça de não ficar nesta casa tenha sido pura e simplesmente um lapso de língua.

- Eu sou o primeiro a quem custa abandonar esta casa - prosseguiu Yassin meneando tristemente a cabeça. - Mas, mais cedo ou mais tarde, deixá-la-ei, não sendo possível fazer com que Mariam venha para aqui. Avalia tão-só nesta óptica a minha partida. Transferir-me-ei para a minha casa em Qasr esh-Shawq.

"Felizmente, o apartamento da minha mãe ainda está vago. Irei ter com o pai na loja e explicar-lhe-ei as razões da minha partida, evitando tudo o que poderia contrariá-lo. Não estou zangado. Deixarei esta casa e sentirei saudades dela do fundo do meu coração, e sentirei saudades das pessoas de quem me separo... da mãe sobretudo. Não fiques triste. Em breve, tudo se há-de compor. Não existe nenhum coração rancoroso nesta casa. E o da tua mãe é o mais disposto a perdoar..."

Dirigiu-se para o seu armário e abriu-o, e começou a observar os seus fatos e os seus acessórios. Hesitou um pouco antes de executar o que já decidira determinadamente. Depois voltou-se para Kamal e disse:

- Casarei com aquela rapariga, como o quer o destino. Mas, e Allah sabe-o bem, estou firmemente persuadido de não ter violado a memória de Fahmi. Tu, Kamal, melhor do que ninguém sabes quanto eu o amava. E como poderia ser de outro modo? Se alguém há aqui que sofrerá devido este casamento, esse alguém será eu!...

CAPÍTULO 11

Uma jovem criada conduziu Yassin à sala de estar e retirou-se.

Era a primeira vez na sua vida que fazia uma visita à casa do falecido Muhammad Ridwan.

A sala - ao estilo daquela da casa paterna - era ampla, de tecto alto, com uma machrabiyya que dava para a Rua de Bain el-Qasrain e duas janelas que davam para o beco lateral sobre o qual se abria a entrada da casa. O pavimento estava coberto de pequenos tapetes e ao longo das paredes alinhavam-se sofás e poltronas. Nas portas e nas janelas estavam penduradas cortinas de veludo cinzento puídas pelo tempo. No muro, frente à entrada, estava afixado um grande quadro negro com a basmala, ao passo que no centro da parede direita, por cima do sofá principal, estava pendurada a fotografia do falecido Muhammad Ridwan que o representava na sua meia-idade.

Yassin escolheu o primeiro sofá que encontrou no lado direito da entrada e sentou-se, observando o local com atenção, até os seus olhos pousarem no rosto de Muhammad Ridwan que parecia fitá-lo com os olhos de Mariam! Esboçou um sorriso satisfeito e começou a agitar o ar com o seu mata-moscas de marfim. Havia um problema que o apoquentava desde que resolvera ir pedir a mão de Mariam: a ausência, naquela casa, de um representante do sexo masculino, e o facto de não ter encontrado uma pessoa do sexo fraco que o representasse.

Por isso viera sozinho, qual ramo arrancado à árvore, como costumava dizer, o que, na sua qualidade de homem que herdara do seu ambiente o orgulho pela sua família, lhe provocava alguma vergonha.

Porém, tinha a certeza de que Mariam sem dúvida lhe preparara o terreno junto da mãe, já que o simples facto de anunciar uma visita sua teria dado a perceber os propósitos com que vinha e lhe teria por isso preparado um clima favorável à concretização do seu fim.

A criada reapareceu trazendo o tabuleiro do café, que pousou na sua frente sobre uma pequena mesa e, após alguns passos para trás, informou-o de que a sua grande senhora vinha já... "E a sua jovem senhora, estaria a par da sua presença? Qual seria o eco na sua alma

delicada? Levá-la-ia, com toda a sua beleza, a Qasr esh-Shawq, custasse o que custasse e contra tudo!

Quem teria imaginado em Amina tamanha capacidade de se encolerizar? Fora sempre doce como um anjo! Que Allah amaldiçoe a tristeza! Mas também o pai se enfurecera quando na loja lhe confessara que abandonava a casa. Fora, no entanto, uma cólera complacente, que traía nele emoção e tristeza. Ter-lhe-ia Amina revelado a verdadeira história de Mariam? A cólera de uma mãe que perdeu o filho é algo de medonho. Mas Kamal prometera-lhe levá-la à razão... A primeira surpresa feliz naquela atmosfera tempestuosa encontrara-a em Qasr esh-Shawq!! A morte do vendedor de fruta e o relojoeiro que se instalara no seu lugar. Todos no túmulo!"

Ouviu um acesso de tosse perto da porta e dirigiu o olhar para lá enquanto se erguia. Não tardou a ver sitt Bahiga entrar de viés, dado que a porta, conquanto escancarada, não era ampla o suficiente para permitir-lhe passar de frente. Reparou inadvertidamente nas linhas que delineavam as formas do seu corpo planturoso e não conseguiu suster a sua admiração quando viu passar sob os seus olhos as ancas da mulher, cuja parte superior atingia praticamente a metade das costas e a parte inferior descaía quase até cobrir as coxas.

Parecia um dirigível! Avançou para ele com passos lentos, tornados pesados por aqueles quintais de carne e de gordura, depois, estendeu-lhe uma mão de pele macia e branca, que saía da manga do seu amplo vestido branco, e disse:

- Seja bem-vindo. A sua presença honra e ilumina esta casa! Yassin estreitou-lhe com cortesia a mão, permaneceu em pé à espera que ela se sentasse no sofá mais próximo e então também ele se sentou... Via-a de perto pela primeira vez. Os laços que durante tantos anos a haviam mantido ligada à sua família e o facto de com o volver dos dias ela ter acabado por ganhar a seus olhos, com a idade e o respeito, uma figura de mãe, haviam-no levado a evitar observá-la cuidadosamente - como costumava fazer com as restantes mulheres - sempre que ao longe a avistava na rua. Por isso teve a impressão de fazer uma nova descoberta. Envergava um vestido que cobria o corpo todo, do pescoço aos pés. Também os pés, apesar do calor, estavam ocultos por um par de meias brancas, ao passo que as mangas do vestido cobriam os braços até aos pulsos e a cabeça e o pescoço estavam cingidos por um

véu branco cuja larga fímbria recaía à altura do peito e das costas. Aparecia como que envolta numa castidade condizente com a situação e adequada à sua idade, que devia roçar os cinquenta anos - como soubera - não obstante ostentasse uma saúde exuberante e respirasse bom humor e jovialidade de coração. Notou, ademais, que ela se apresentara com o rosto ao natural, sem maquilhagem ou adornos, apesar da sua conhecida paixão pela ousadia na indumentária e pela perfeição nos adornos, o que durante muito tempo fora, em todo o bairro, um ponto de referência para tudo aquilo que em matéria de trajar e de maquilhagem se prendia ao bom gosto feminino.

Lembrou naquela altura de que forma Amina costumava defendê-la sempre que alguém se avisava de criticar os seus excessos de vaidade e de como nos últimos anos havia ao invés mudado de atitude, atacando-a por motivos insignificantes, acusando-a de falta de pudor e de desconhecer a decência que a idade lhe exigia.

- Feliz iniciativa, Yassin afendi.

- Que Allah a honre!

Teria desejado acrescentar "mãe", mas um sentimento instintivo fez-lhe evitar que proferisse aquela palavra, principalmente porque havia notado que não o apelidara "meu filho" como seria de esperar...

- Como está a sua família? - voltou a perguntar a mulher. - O seu pai, Umm Fahmi, Khadiga, Aisha e Kamal?

- Estão todos bem - respondeu, com um sentimento de vergonha diante daquela pergunta relativa àqueles que lhe haviam abertamente declarado hostilidades sem uma razão válida. - É a si que é necessário perguntar isso.

Sem dúvida, naquele momento, ela estava a pensar na fria recepção que recebera em casa do seu pai, logo após a morte de Fahmi, e que a levara a romper todos os laços com a sua família, depois de um convívio durante toda uma vida. Que frieza, ou melhor, que surda inimizade! Tudo porque a mulher do seu pai, certo dia, declarara que o "seu sentimento" a levava a crer que Mariam e a sua mãe não haviam sido sinceras na tristeza delas ! por Fahmi! E porquê, santo Deus? Afirmara que não era possível pensar que as duas mulheres não houvessem, de uma maneira ou de outra, ou mesmo que por via da dedução, tido conhecimento, em tempo útil, da recusa que o sayyed opusera ao pedido que Fahmi fizera de tomar por esposa Mariam, e

que também era inconcebível que, cientes disso, não houvessem alimentado rancor em relação a eles! Repetira outrossim, e por mais de uma ocasião, que ouvira Mariam prantear Fahmi, aquando do seu enterro, dizendo: "Choro a tua juventude que não pudeste gozar", o que ela interpretara assim: "Choro a tua juventude a que a tua família se opôs impedindo-te de gozá-la." Sem contar com as várias calúnias que acrescentara a tudo isso sob o impulso da tristeza e da dor. Nada conseguira modificar aquele "seu sentimento" e, em breve, a sua atitude para com Mariam e a sua mãe mudara, até chegar a uma ruptura definitiva!

- Maldito seja Satanás! - exclamou Yassin, ainda presa da vergonha e do embaraço.

- Mil vezes maldito! - acrescentou Bahiga às suas palavras. - Quantas vezes me perguntei que falta pude cometer para ser tratada desta maneira por sitt Umm Fahmi. Mas volto a pedir a Allah que lhe conceda a paciência necessária... pobre infeliz!

- Allah lhe conceda todo o bem pela nobreza da sua alma e pela bondade do seu coração. É, na verdade, uma pobre infeliz e muito precisa de paciência!

- Mas que culpa tenho eu?

- Nada tem que se censurar. É tudo culpa de Satanás. Que a maldição de Allah se abata sobre ele...

A mulher meneou a cabeça como uma vítima inocente. Calou-se por um instante, depois voltou-se maquinalmente para a chávena de café que parecia esquecida sobre o tabuleiro e indicando-a disse:

- Ainda não bebeu o seu café?

Yassin levou a chávena aos lábios, bebeu até ao último trago e pousou-a sobre o tabuleiro. Tossicou ligeiramente, depois principiou a dizer:

- Atormentou-me tanto assistir ao fim da amizade entre as nossas famílias! Ainda não me consigo convencer disso! Seja como for, é necessário esquecer e confiar o caso ao tempo. Não quero reavivar lembranças dolorosas. Não é por isso que vim. Vim com outro propósito, que nada tem a ver com lembranças tristes...

A mulher sacudiu veementemente a cabeça como que para afugentar as lembranças dolorosas, após o que, qual um instrumento de música que acompanha um cantor altera o seu registo para

introduzi-lo numa nova tonalidade, esboçou um sorriso para significar que estava pronta para escutar.

- Até eu - continuou Yassin que retirou daquele sorriso um motivo de descontração - tenho uma vida a que não faltam más recordações no meu passado... É claro que estou a fazer alusão à minha primeira experiência matrimonial, em que Allah não me fez encontrar uma boa moça. Mas não quero recordar estas coisas! Vim, a bem dizer, depois de ter resolvido - confio em Allah - encetar um novo capítulo da minha existência, fazendo votos para mim, com esta decisão, de ir ao encontro do melhor bem possível... Os seus olhares cruzaram-se e pôde ler nos dela sinais evidentes de um bom acolhimento. Mas teria feito bem em aludir ao seu primeiro casamento? Teria aquela mulher ouvido alguma coisa sobre os reais motivos que haviam votado ao fracasso o seu casamento? "Por ora, não te preocupes. Os seus belos traços revelam uma extrema condescendência. Os seus belos traços! Sim, acaso não era verdade? Claro que sim! Se não fossem todos aqueles anos de permeio, seria mais bonita do que Manam... Devia ter sido, na sua mocidade passada, mais bonita do que Mariam... Não restavam dúvidas quanto a isso. Mas o que digo! É mais bonita do que Mariam, apesar da diferença de idade!... Sim, é assim mesmo!..."

- Penso que compreendeu porque estou aqui, quero dizer, já sabe que vim pedir-lhe a mão da senhora Mariam, a sua filha...

Um sorriso iluminou o rosto radioso da mulher, que foi inundado por renovada vivacidade.

- Só lhe posso dizer: seja bem-vindo - disse ela. - A família é excelente, e também o homem é excelente! No passado, a má sorte nos manteve nas mãos de um homem desprovido de moral, e hoje quem pede para desposar Mariam é um homem deveras digno de fazê-la feliz e o qual ela será digna de tornar feliz, com o auxílio de Allah. Nós somos, não obstante os mal-entendidos, uma só família desde sempre!

Yassin deixou-se enlevar pela alegria enquanto os seus dedos deslizavam para ajustar o nó do seu laçarote com toques rápidos e inconscientes. O seu belo rosto moreno enrubesceu.

- Estou-lhe grato do fundo do coração - volveu. - Allah lhe retribua estas palavras delicadas. Nós somos, como agora mesmo disse, uma só família, apesar de tudo. A senhora Mariam é uma jovem que honra todo o nosso bairro pelas suas origens e pelos seus bons costumes.

Queira Allah retribuir a sua paciência com o bem e conceder-me igualmente, através dela, toda a felicidade por tudo o que tive de sofrer.

- Ámen - sussurrou ela, erguendo-se. Em seguida, encaminhou-se em direcção à pequena mesa, bamboleando o seu corpo maciço, e, chamando Yasmina, agarrou no tabuleiro do café. Deu depois uma meia volta carregando-o entre as mãos e entregou-o à criada que sem demora havia chegado. Inopinadamente virou a cabeça para lhe dizer: "A sua companhia honra-nos" e surpreendeu-o com os olhos cravados nas suas nádegas planturosas! Yassin sentiu-se apanhado "em flagrante" e apressou-se a baixar os olhos para fazer-lhe crer que estava a fixar o chão. Mas agora era tarde demais!... Ficou enleado e principiou a interrogar-se sobre o que ela poderia ter pensado dele.

Em seguida, olhou de soslaio logo que ela regressou ao seu lugar e sobre os lábios de Bahiga assomou um leve sorriso que parecia querer dizer: "Apanhei-te!"

Amaldiçoou os seus olhos despudorados e perguntou-se o que poderia passar pela sua cabeça. É certo que se esforçava para dar a entender que não reparara em nada, mas, após aquele sorrisinho, a sua maneira de agir continuava a dizer-lhe: "Apanhei-te!"

Esquecer o erro era a melhor solução. Mas, tornar-se-ia Mariam um dia idêntica à mãe? E quando chegaria aquele dia?! A mãe possui prerrogativas que só em raras circunstâncias o tempo prodigaliza com generosidade. Que belo pedaço de mulher! A melhor forma de mudar de pensamentos e de desvanecer aquela nuvem de dúvidas era quebrar o silêncio.

- Se o meu pedido foi do seu agrado - disse -, achar-me-á a sua total disposição para falar dos detalhes importantes...

Bahiga abandonou-se a uma estrepitosa gargalhada e o seu rosto adoptou uma expressão meiga e juvenil.

- E como poderíamos não achá-lo do nosso agrado, Yassin afendi, quando é feito por alguém como você, exemplar pelas suas origens e pela sua vizinhança?

- Torna-me cativo com esta sua gentileza! - exclamou a corar.

- Digo pura e simplesmente a verdade. Allah é minha testemunha!

Depois, após uma breve pausa:

- Estão de acordo em sua casa?

Nos olhos dele lampejou um olhar duro, após o que rompeu num riso nasalado e volveu:

- Deixemos de lado os de casa e aquilo que fazem!
- Porquê, meu Deus?
- As coisas em casa não andam como deveriam!
- Não pediu conselho junto do sayyed Ahmad?
- O meu pai concorda.

A mulher bateu uma mão contra a outra e disse:

- Compreendi. Umm Fahmi?! Não é? Foi a primeira a vir-me à ideia quando começou a falar-me deste assunto. De toda a evidência discorda? Louvado seja Allah, o imutável. Decididamente a mulher do seu pai é uma mulher estranha!

Yassin encolheu os ombros com indiferença, antes de replicar:

- Isto não altera nada!

- Quantas vezes me perguntei: que falta terei eu cometido? - exclamou Bahiga com uma voz dolente. - Que afronta poderei ter-lhe feito?

- Não me agradaria que a nossa conversa desembocasse noutra da qua só obteríamos dores de cabeça. Ela que pense o que bem entender. O importante é que estou decidido a alcançar o meu fim. Só me interessa ter o seu consentimento...

- Se na sua casa não houver lugar para si, pode dispor da nossa.

- Estou-lhe grato. Possuo uma casa em Qasr esh-Shawq, bem distante do bairro todo. Quanto à do meu pai, abandonei-a há alguns dias...

- Ela expulsou-o? - bradou, batendo com a mão no peito.

- Nada disso - respondeu a rir. - Não chegámos a tanto. A questão, e o que importa, é que a minha escolha feriu-a por causa de antigos motivos que se prendem com o meu falecido irmão - nisso, dirigiu-lhe um olhar carregado de sentido. - E, ainda que não tenha encontrado na sua oposição algo que pudesse verdadeiramente justificar, julguei conveniente preparar para mim uma nova residência com vista ao casamento...

- Mas... - perguntou-lhe, arqueando as sobrancelhas e meneando a cabeça em sinal de perplexidade - porque não permaneceu entre os seus até à data das núpcias?

- Preferi afastar-me com receio de que a crise se agravasse -

respondeu com uma gargalhada resignada.

- Possa Allah ajeitar as coisas! - exclamou ela num tom sarcástico.

Levantou-se de novo, antes de completar a frase, dirigiu-se para a janela que dava para o beco lateral e abriu-a para fazer entrar a luz do fim de tarde, pois que a porta da machrabiyya se tornara insuficiente para iluminar a sala. Yassin viu-se sem querer, e a despeito das cautelas tomadas, a devorar com o olhar o tesouro valioso da mulher que quase lhe pareda uma cúpula. Viu-a apoiar o joelho sobre o sofá e depois debruçar-se sobre o peitoril da janela para prender os batentes e contemplou um espectáculo deslumbrante que lhe causou no espírito um efeito grave.

Perguntou-se, ao sentir a boca seca: "Porque não chamou a criada para abrir a janela?" Como pudera se comprazer em expor aos seus olhos - que pouco antes haviam sido apanhados "em flagrante" - aquele espectáculo de cujos efeitos estava perfeitamente ciente? Porquê... e como? Como e porquê? Ele nutria, naquilo que tocava às mulheres, sentimentos delicados e, em simultâneo, uma certa desconfiança. Destarte, a sombra de uma dúvida inclinou-se, detendo-se no limiar da sua consciência, sem nela querer penetrar ou eclipsar-se. Porém, abalado pelo carácter escabroso da situação, teve a presença de espírito de baixar os olhos.

Seria ele louco ou seria ela quem era louca, ou talvez nenhum dos dois? Se pelo menos houvesse alguém para tirá-lo daquela confusão! A mulher endireitou o busto curvado para a frente e de novo pôs os pés no chão. Em seguida, afastou-se da janela e foi sentar-se. Ele apressou-se a erguer os olhos para a basmala - antes que ela se afastasse da janela -, fingindo estar totalmente absorto na sua contemplação, e só virou a cabeça para ela quando o rangido do sofá o advertiu de que a mulher se sentara.

Naquele momento, os seus olhos cruzaram-se e observou no olhar dela um sorriso malicioso, que lhe deu a entender que nada lhe passara despercebido e como que para lhe dizer de um modo mais eloquente: "Vi-te!"

Permaneceu por uns instantes transtornado e com as ideias baralhadas, sem saber mais a que coisa se agarrar, julgando ter ultrajado a honra daquela mulher ou ter-se comprometido na sua presença. Teve a impressão de que poderia ser chamado a prestar

contas por cada gesto seu e que cada erro seu podia assumir proporções de um escândalo.

- O tempo continua quente e húmido.

A voz de Bahiga caiu calma e espontânea e revelava o seu desejo de romper o silêncio.

- Sim, é verdade - respondeu ele aliviado.

Sentiu-se outra vez sossegado, se bem que o espectáculo que contemplara à janela não tardasse a agitar-se ante os seus olhos.

Surpreendeu-se, de forma involuntária, a repisá-lo e a perder-se no seu encanto, dizendo para si que lhe teria agradado lançar mão a um semelhante tesouro numa das suas aventuras... Ah, se Mariam possuísse um corpo como aquele! Era ao que tendiam aqueles que aspiravam à felicidade. Talvez ao vê-lo assim mudo, a mulher o julgasse ainda afligido pela discussão que ela provocara relativa à sua discórdia com a esposa do seu pai. Por isso, num tom de gracejo, ela disse-lhe:

- Não se atormente. Não há nada neste mundo que valha a pena que se angustie!

Depois agitou as mãos e a cabeça - ao passo que naquele instante o corpo fremia com uma tremura peculiar - como que a incentivá-lo a dei-xar-se ir à despreocupação. Ele esboçou um sorriso complacente, murmurando "tem razão".

Contudo, fazia um grande esforço para se dominar. Sim, porque sucedera algo incrível, algo que vira tão-somente naquele movimento do corpo todo com que ela quisera falar nitidamente da despreocupação e encorajá--lo, e que fora um movimento de assinalável importância no tocante à obscenidade, à galanteria e à leviandade que fizera supor.

Tinha, de forma inadvertida, deixado escapar aquele movimento, num instante de esquecimento, que lhe fizera perder a decência e o decoro que se impusera no decorrer de toda a conversa, e desnudara, sem que disso ela se apercebesse, a sua natureza secreta. Ou ter-se-ia porventura apercebido? Não conseguia decidir-se por uma ou outra destas hipóteses, mas, em compensação, já não tinha qualquer dúvida de estar na presença de uma mulher realmente digna de ser a mãe de Mariam, a protagonista daquela antiga história!

Seja como for, recusou renunciar à sua opinião. Aquele movimento

vivo e devasso não podia emanar de uma mulher virtuosa! A sua inquietação, porém, durou um segundo para dar em seguida lugar a uma sensação de alegria lasciva e ardilosa. Começou a relembrar onde e quando vira já aquele movimento. Em Zannouba? Ou em Galila, na noite em que irrompera pela sala de estar da casa dos Shawkat para se meter com o seu pai? Ah!..., devia ser isso! Bahiga pareceu-lhe, em detrimento da idade, mais apetecível e deliciosa do que Mariam.

A sua natureza avassalou-o e sobreveio-lhe o desejo de sondar o terreno sem recuar, se possível, diante de nada! A estranheza dos seus pensamentos deu-lhe uma estranha vontade de rir e compreendeu que ia meter por um caminho intransitável, ainda por explorar. Mas não entrava nos seus hábitos repelir a ideia de uma aventura... aonde o conduziria aquele caminho? Poderia desistir de Mariam pela sua mãe? Claro que não! Nunca pensara em tal coisa! Mas imaginem um cão que acha um osso quando se dirige para a cozinha: abster-se-á?

Na verdade, eram simples pensamentos, elucubrações e suposições! Porém, tinha de aguardar! Trocaram um sorriso no silêncio que recaíra e que entre eles se arrastava. O sorriso da mulher era, pelo menos em aparência, o sorriso de um hóspede para o seu convidado, enquanto o dele assomava aos lábios titubeantes sob os sussurros de abafados acessos.

- A sua vinda iluminou a nossa casa, Yassin ofendi.

- A sua casa, minha senhora, não carece de iluminação. A senhora ilumina todo o país...

Ela riu e atirou a cabeça para trás, tartamudeando:

- Allah o honre, Yassin afendt.

Deveria encaminhar a conversa para o objectivo da sua visita ou pedir permissão para se retirar, fixando outro encontro para retomar a conversa. Mas não fez nem uma coisa nem outra. Pelo contrário, começou a lançar--lhe olhares turvos, ora fugazes, ora insistentes, mas incessantes, e um silêncio suspeito. Os olhares são mensagens que apenas sabem ler aqueles que têm dois olhos! Sem dúvida tinha de lhe comunicar os seus pensamentos tão-só através de olhares e aguardar a resposta. "Sonda bem o terreno antes de mover os teus passos... e abaixo Allenby! E tu observa este olhar de fogo e diz-me, se és sincero, que louco poderia fingir não ver nele más intenções ou julgá-lo inocente? Olha... Ei-la que ergue os olhos e os baixa como que perdida

e num estado de equívoca compreensão. Agora podes dizer que a inundação chegou a Assuão e que é inevitável abrir os escoadouros. E pedes-lhe a mão da filha? Doravante louco será quem não crê na loucura! Por ora, é a coisa mais desejável para a minha alma. Que venha o dilúvio em seguida... o teu aspecto nunca há-de inspirar desespero!"

- Mora sozinho em Qasr esh-Shawq?

- Sim.

- O meu coração está consigo...

"Uma tal frase poderia sair da boca de um demónio e... de um anjo! Quem sabe talvez Mariam esteja neste preciso momento a escutar atrás da porta..."

- Também a senhora viveu a experiência da solidão nesta casa. E algo de intolerável!...

Estendeu num repente a mão para o véu e tirou-o da cabeça e do pescoço dizendo, quase a desculpar-se:

- Não leve a mal, faz tanto calor.

A sua cabeça surgiu envolta num lenço cor de laranja e o seu pescoço brilhou.

Contemplou-o demoradamente com uma crescente perturbação, depois voltou-se para a porta como que a perguntar-se quem poderia estar escondido por trás desta...

"Acorram para auxiliar quem veio pedir a mão da filha e caiu nas garras da mãe!"

- Esteja à vontade - disse Yassin para responder às desculpas dela. - Está em sua casa e aqui não há nenhum estranho.

- Quem me dera que Mariam estivesse aqui para lhe anunciar a boa notícia!

Uma violenta palpação agitou o seu coração e instigou-o a passar ao ataque.

- E onde está ela? - perguntou.

- Em casa de uns conhecidos dela, em ed-Darb el-Ahmar.

"Adeus, minha razão!... O pretendente da tua filha deseja-te e tu também o desejás. Que Allah tenha piedade dos que pensam bem das mulheres! Na cabeça desta mulher não deve haver cérebro. Foi tua vizinha durante toda a vida e só hoje a conheces!... Uma louca... Uma adolescente de cinquenta anos!..."

- Quando voltará a senhora Mariam?

- Pouco antes da noite.

- Sinto que a minha visita se está a prolongar... - disse com um tom malicioso.

- Não, nada disso. Considere-se em sua casa. Depois, sempre com o mesmo tom, perguntou-lhe:

- Posso esperar que me retribuirá a visita?

Ela esboçou um largo sorriso, como que a dizer-lhe: "Percebo o que esconde um tal convite", depois inclinou pudicamente a cabeça, ainda que não passasse despercebido a Yassin o que podia significar aquele seu gesto. No entanto, ele não lhe deu relevo e pôs-se a descrever-lhe, enquanto ela continuava a ter a cabeça inclinada e a sorrir em silêncio, o sítio do bairro em que se localizava a sua casa e a decoração desta.

"Será que não pensa que está a causar o maior dano à filha e a cometer em relação a esta a mais hedionda das ofensas?"

- Quando me honrará com a sua visita?

- Não sei o que dizer! - balbuciou a mulher, levantando a cabeça.

- Di-lo-ei eu por si - disse ele com resolução e confiança. - Amanhã à noite. Achar-me-á à sua espera!

- Há certas coisas que temos de levar em consideração! - Considerá-las-emos juntos... em minha casa!

Levantou-se de imediato e tentou aproximar-se dela, mas a mulher, virando-se para a porta, fez-lhe um sinal com a mão que o pôs de sobreaviso. Depois, como que com o único intuito de refrear os assaltos, disse-lhe:

-Amanhã à noite!...

CAPÍTULO 12

A casa de Qasr esh-Shawq conheceu na pessoa de Bahiga uma visitante assídua. Ao anoitecer, envolvia-se na sua melaya e encaminhava-se para el-Gammaliyya e de lá rumava directamente para a casa de Haniyya... onde encontrava Yassin à sua espera na única divisão mobilada do apartamento. Entre eles, nunca mais se falara de Mariam, salvo quando um dia ela lhe disse:

- Não pude ocultar a Mariam a notícia da tua visita, porque a criada te conhece. Tive de lhe dizer que me comunicaste a tua intenção de pedir a sua mão depois de resolver as dificuldades que encontras junto dos teus!

Sentia-se muito perturbado para discutir com ela e limitou-se, por isso, a exprimir o seu consentimento e a sua aprovação...

Juntos prepararam-se para uma vida cheia de alegrias e deleites. Yassin viu a portadora daquele "tesouro" oferecida a todos os seus dese-qual cavalo fogoso, abandonou-se ele próprio a todas as loucuras. O quarto, mobilado à pressa e com parcimónia, nada tinha de local ideal para relações amorosas, mas ele não descurara dar ao local uma atmosfera agradável, apetrechando-o com vitualhas e bebidas de modo a excitar o seu gosto pela relação sexual e prosseguir os seus assaltos com aquela voracidade que não conhecia limites ou moderação. Todavia não tardou a entediar-se antes mesmo de findar a primeira na. ao termo da qual se exaurira também a força da libido, de tal modo que o remédio se transformara numa espécie de doença. Mas não ficou admirado, não! Desde o começo, não alimentara por aquela relação insólita nenhuma boa intenção nem determinara para esta quer destino duradouro.

Podia outrossim dar-se o caso de por trás da corte feita na sala de estar se conder tão-só um capricho por uma relação sexual ocasional, porém teve de admitir que a mulher se incrustava, manifestava um desejo zeloso le tê-lo só para si na esperança de que achasse nela o seu contento e renunciasse ao projecto do casamento.

Viu se compelido, assim sendo, a atender aos caprichos dela, preocupado em não estragar o seu prazer pessoal e persuadido de que só o tempo faria as coisas regressarem ao que de início eram... Como

fora rápido aquele retorno à normalidade, pelo menos para ele! Talvez mais rápido do que previra. Atendera-a, acreditando que a novidade dos seus atractivos fosse tal que lhe permitisse manter o seu poder de sedução durante semanas ou um mês. Mas enganara-se!... Quanto ao seu aspecto desejável, digamos que simplesmente lhe fizera cometer o maior erro da sua vida, já de per si constelada de dislates.

Porém por trás disso perfilava-se a sombra da velhice, como se esconde a febre por trás do rubor ilusório das faces. Aqueles quintais de carne humana balofa sob as pregas do vestido - como ele costumava dizer -tinham um aspecto totalmente diverso logo que se ofereciam nus ao olhar.

E nada há que denuncie mais as ofensas dos anos do que a carne humana!

"Só agora entendo por que motivo as mulheres adoram as roupas!", acabou por dizer a si mesmo. Não era de espantar portanto se chegara a dizer dela, enojado ao vê-la por cima de si, que era uma "doença" e tomou a firme resolução de pôr termo àquela relação.

Mariam voltou a ocupar no seu espírito - uma vez extinto aquele capricho insensato - o lugar que tivera de início. Ou melhor, não! Nunca o deixara, mas aquela paixão inesperada relegara-a para a sombra, como uma nuvem transitória dissimula a face da Lua. Que estranho! O desejo que sentia por Mariam não passava já de um mero reflexo da sua paixão eterna pelo seu sexo, mesmo se ela continuava preponderante; por outro lado, satisfazia o seu desejo ardente de fundar uma família que considerava estar na esteira de um destino inelutável e, ao mesmo tempo, querido!

Assim, armara-se de paciência - por amor ou por necessidade - à espera de que Bahiga voltasse à razão e um dia lhe dissesse: "Já nos divertimos quanto basta, vai ter com a tua esposa". Porém, não achou nela o menor eco de esperança.

Noite após noite, insistia em visitá-lo, sempre mais descomedida e apaixonada. Pareceu-lhe que cada vez mais ela se convencia, com o volver do tempo, de deter algum direito sobre ele, quase como se este se houvesse transformado no eixo da sua existência e uma propriedade sua. Por certo, Bahiga não tomava a situação de ânimo leve ou como um entretenimento. A sua natureza, por outro lado, revelou-se na sua leviandade, na sua frivolidade e debilidade, de tal modo que o

convenceu de que, tendo em conta o comportamento degenerado que tivera para com ele desde o primeiro encontro, não tinha com que se espantar.

Principiou destarte a desdenhá-la e desprezá-la. Os defeitos dela assumiram aos seus olhos impiedosos proporções descomunais até acabar por não mais suportá-la e resolver desfazer-se dela à primeira oportunidade que lhe se apresentasse, tentando evitar toda a rispidez com receio de que esta semeasse com obstáculos o caminho até Mariam. Certo dia, disse-lhe:

- Mas diz-me lá, Mariam não pergunta as razões do meu sumiço?

- Está perfeitamente ciente da oposição da tua família - disse-lhe, reconfortando-o com um sinal de cabeça.

- Confesso-te... - respondeu ele, depois de um instante de hesitação - ,...que me aconteceu falar-lhe disso por vezes sobre o terraço e que por diversas vezes lhe repeti que estava determinado a desposá-la independentemente de qualquer oposição.

- O que queres dizer? - perguntou-lhe, fitando-o com um olhar acutilante.

- Quero dizer - volveu com um ar ingénuo - que ouviu da minha boca uma tal afirmação e que mais tarde soube da visita que lhe fiz, e por isso importa que se convença de que existe uma razão válida para eu ter desaparecido!...

- Não estará pior do que se encontra sem esta convicção! - rebateu ela com uma desenvoltura que o deixou impressionado. - Nem todos os palavreados conduzem ao casamento e nem todos os pedidos de casamento se concluem inevitavelmente com uma boda! Ela sabe muito bem estas coisas...

Depois, em voz baixa:

- E não sofrerá nenhum dano irreparável se a abandonares. É uma jovem na flor da sua beleza e não lhe será impossível achar um pretendente, hoje ou amanhã!...

Era como se tentasse arranjar uma atenuante para o seu egoísmo ou deixasse entender que seria ela - e não a sua filha - a lesada ao perdê-lo. Mas as suas palavras só vieram aumentar o enfado e o aborrecimento de Yassin, de tal modo que começou a temer o pior ao relacionar-se com uma mulher que tinha mais vinte anos do que ele, apreensivo com aquilo que se diz entre a maioria das pessoas: "Ir para

a cama com as velhas faz perder o vigor aos jovens."

E, assim, as horas que passava na sua companhia tornaram-se, pelo menos para ele, cada vez mais carregadas de tensão e de desconfiança e acabou por odiá-la por completo...

Achava-se neste estado de ânimo quando um dia lhe sucedeu avistar Mariana no Novo Caminho.

Acercou-se dela sem a menor hesitação, cumprimentou-a e caminhou ao seu lado como se fosse um parente seu. Ela estava ansiosa, sorumbática. Yassin disse-lhe que havia tentado convencer o pai a conceder-lhe o seu anuimento até alcançá-lo e que estava a aprontar a sua casa em Qasr esh--Shawq para torná-la apropriada para acolhê-la. Desculpou-se pela sua longa ausência, invocando como pretexto os seus inúmeros afazeres, depois disse-lhe: "E diga à sua mãe que irei vê-la amanhã para chegar a acordo no tocante às condições do contrato matrimonial!" e prosseguiu feliz por ter agarrado isião que se lhe deparara, sem se preocupar, inebriado como estava de felicidade, com a reacção que Bahiga poderia ter a este respeito.

Na noite daquele mesmo dia, Bahiga chegou à hora habitual a Qasr esh-Shawq, mas vinha desta vez agitada e alquebrada. E, de imediato, encarou-o, vociferante, ainda antes de ter levantado o véu que recobria o seu rosto:

- Vendeste-me, com vileza e falsidade.

Deixou-se, em seguida, cair sobre a cama retirando nervosamente o véu e prosseguiu:

- Jamais a ideia que me pudesses reservar uma semelhante perfídia aflorara a minha mente. Mas és um velhaco e um traidor. Como todos os homens, de resto...

- As coisas não são como julgas: na realidade, encontrei-a por acaso...

- Mentiroso! Mentiroso! - bradou sombria. - Juro-o por aquele que foi capaz de me fazer ver em ti o que eu gostaria! E pensas que posso continuar a acreditar em ti depois do que aconteceu?

Depois, reproduzindo o seu tom com um ar de mofa:

- "Na realidade, encontrei-a por acaso!" Qual quê, espertalhaço! Admitamos que tenha sido realmente assim, porque te entretiveste então a conversar no caminho debaixo do nariz da gente que ia e

vinha? Não é desta forma que age um traidor malevolente? - depois, reproduzindo de novo o tom com ar zombeteiro: "Na realidade, encontrei-a por acaso!..."

- Dei-me de repente de caras com ela - prosseguiu ele não sem dificuldade - e a minha mão estendeu-se para cumprimentá-la! Não podia fingir ignorá-la depois da conversa que havíamos tido sobre o terraço.

- "A minha mão estendeu-se para cumprimentá-la!" - gritou-lhe ela, com o rosto descorado pelo furor. - Uma mão não se estende sozinha, que eu saiba! Deve haver alguém que dê um impulso a esta mão, não te parece? Maldita seja a mão mais o seu dono! Diz mas é que lha deste para te veres livre de mim!...

- Não podia deixar de cumprimentá-la. Sou um ser humano e eu também tenho vergonha!

- Vergonha? E onde terias esta vergonha? Esta vergonha deveria sufocar-te, traidor, filho de traidor!

Depois, após ter engolido a saliva:

- E a promessa de vir ajustar as condições do casamento, também esta se escapuliu como a tua mão?... Diz alguma coisa, senhor vergonha...

- O bairro todo já sabe - replicou ele com extraordinário sangue-frio - que deixei a casa do meu pai para desposar a tua filha. Era-me pois impossível aparentar desconhecê-lo ao conversar com ela...

- Poderias ter encontrado uma desculpa qualquer - gritou ela com rispidez - se assim o quisesses. Não és daqueles que sentem escrúpulos em mentir. Mas querias ver-te livre de mim. Esta é que é a verdade...

- Allah é testemunha das minhas boas intenções! - redarguiu ele, esqui-vando-se ao seu olhar.

Fitou-o longamente, depois disse-lhe num repto:

- Queres dizer que te deixaste arrastar na promessa que lhe fizeste contra a tua vontade?

Percebeu o perigo subjacente ao confirmar uma coisa do género e baixou os olhos, aferrando-se ao silêncio. Então, a mulher, a bufar de irritação, retrucou-lhe:

- Dás-te conta de que não passas de um mentiroso, como eu já to disse? Depois, esbravejando:

- Dás-te conta?! Dás-te conta, traidor, filho de traidor?

- Um segredo não pode ficar escondido eternamente - replicou ele após um instante de irresolução. - Imagina o que diriam as pessoas se viessem a descobrir a nossa ligação. Imagina, ainda, o que Mariam diria!

- Não passas de um porco! - respondeu-lhe, rangendo os dentes, revoltada. - Porque então não fizeste estas reflexões no dia em que estavas diante de mim a salivares como um cão? Ah! A raça dos homens! Seria uma bem fraca punição, para vocês, o fogo do Inferno!

Yassin entremostrou um sorriso e teria desatado a rir se a pusilanimida-de o não houvesse detido. Depois, com um ar meigo e afável, respondeu:

- Vivemos os dois um período maravilhoso do qual guardarei sempre uma lembrança muito bela. Deixa, por isso, de te entregares à exaltação e de chocar rancores. Aliás, Mariam sempre é a tua filha, e és a primeira a querer a sua felicidade...

- E serias tu quem a faria feliz?! - prosseguiu Bahiga sacudindo a cabeça com menosprezo. - Escutem-no, ó muros, a desgraçada não sabe com que espécie de demónio está prestes a casar. Tu não passas de um mulherengo. Que Allah a livre da desdita em que eu própria caí!

- Allah é o único capaz de emendar as coisas - continuou ele com a mansidão que se impusera desde o princípio. - Eu desejo deveras ter um lar estável e uma mulher legítima!

- Corto-me um braço se és verdadeiro! - respondeu ela com desdém. - Veremos. Não menosprezes o meu sentimento maternal. A ventura da minha filha está, para mim, antes de qualquer outra apreciação. Se não me houvesses enganado e atraído, ter-me-ia em pessoa apressado a oferecer-ta sem a menor prevenção!

Yassin perguntou-se se a cólera teria terminado, e esperava que a mulher voltasse a colocar o véu e se retirasse.

Mas continuava ali, estática. O tempo passava, com ela sentada sobre a cama e ele numa cadeira, na sua frente, sem saber como ou quando teria fim aquela estranha sessão.

Olhou para ela furtivamente e viu-a fixar o chão, com ar alheado, num estado de desamparo que despertou a sua compaixão. Iria ela de novo voltar à irresponsabilidade? Não era de afastar! E contudo - como parecia - ela matutava na posição delicada que ocupava entre ele e a sua filha e incli-nava-se face às exigências de uma semelhante

situação.

Num ímpeto, ainda antes que ele contasse com isso, Bahiga retirou a melaya do seu busto e murmurou "está calor", e arrastou-se até à cabeceira da cama, apoiando-se nela, alongou as pernas sem se afligir com os sapatos cujos saltos se mergulhavam nas pregas da coberta e afundou-se de novo num estado de alheamento. Mas, então, ainda teria algo para dizer?

- Dá-me licença que a visite amanhã? - perguntou ele com extrema delicadeza.

A mulher aparentou durante um minuto não ter ouvido o pedido, depois lançou-lhe um olhar de anátema e replicou:

- Serás bem recebido, filho da velha!

Yassin sorriu contente, sentindo os olhos dela trespassarem o seu rosto.

- Não me tomes por uma pateta! - volveu um instante mais tarde. - Mais cedo ou mais tarde já esperava um tal fim. E, se não o houvesses desencadeado de uma maneira... - depois, ao mesmo tempo com condescendência e desdém: - Seja como for!

Não acreditava nela, mas fingiu dar-lhe fé e começou a dizer-lhe que não duvidava disso e que esperava que lhe perdoasse e continuasse a prodigalizar-lhe os seus favores. Ela, porém, não cuidou nem um pouco ouvido e mudou-se - uma vez mais - para a borda da cama, pôs o pé no chão, levantou-se e começou a envolver-se na melaya, dizendo: "Adeus!" Também ele se levantou, em silêncio, precedeu-a até à porta, abriu-a, depois fez novamente o percurso até à saída e, ainda antes de se dar conta sentiu uma pancada que se abatia sobre a sua nuca no preciso momento em que a mulher passava ao seu lado para alcançar as escadas, deixando-o atrás como que atordado e com a palma da mão onde recebera a estalada. Voltou-se para ele, com a mão sobre o corrimão, e disse:

- Apanharás de outras estaladas, se viveres. O mal que me fizeste é bem mais grave do que esta. Não teria pois direito à vingança, ainda que com uma estalada, filho de um cão?!

CAPÍTULO 13

- Senhor Ahmad, não me quererá mal se lhe disser com toda a franqueza que nestes dias anda a esbanjar o seu dinheiro...

Gamil el-Hamzawi exprimiu aquele seu pensamento com um tom que unia a boa educação do funcionário à proximidade do amigo.

Apesar dos seus cinquenta e sete anos e da sua cabeça embranquecida, conservava uma compleição robusta e uma boa saúde.

O peso dos anos em nada prejudicara a energia e o seu dia decorria sempre num frenesi ininterrupto ao serviço da loja e dos clientes, como já costumava fazer desde o dia em que entrara ao serviço do primeiro patrão. Conquistara, com o decorrer do tempo, direitos invioláveis e um respeito digno do seu zelo e da sua honestidade, de tal modo que era considerado por Ahmad Adbel Gawwad como um verdadeiro amigo.

A afeição que este último lhe tinha e que ultimamente fora materializada ao ajudá-lo a fazer ingressar o filho Fuad na Faculdade de Direito instigou-o a aumentar a sua lealdade e forçou-o a declarar-lhe abertamente o seu parecer, caso necessário, para acautelar perdas ou realizar benefício. Ahmad, contudo, respondeu-lhe num tom tranquilo, fazendo menção à boa marcha que animava o comércio:

-Tudo vai às mil maravilhas, graças a Allah...

- Que Allah faça prosperar a sua fortuna e o abençoe - exclamou Gamil el-Hamzawi a sorrir - mas não me cansarei de repetir que, se além da profissão tivesse tido identicamente a inteligência de um autêntico negociante, hoje estaria entre os ricos mais eminentes... .

Ahmad esboçou um sorriso feliz e encolheu os ombros com impassibilidade.

Ganhara muito dinheiro e desbaratara outro tanto. Como poderia ter-se privado dos deleites que retirava da vida? Nem por um dia só perdera a consciência do justo equilíbrio entre os seus proventos e os seus gastos. E aquilo que lhe remanesca permitia-lhe enfrentar largamente o essencial!

Aisha casara e outro tanto fizera Khadiga. Kamal estava perto do termo dos seus estudos. O que tinha pois a recear se se abandonava às alegrias da vida?

O reparo de el-Hamzawi, porém, relativo à sua liberalidade, nada tinha de excessivo. Na realidade, ele parecia, nos últimos tempos, muito distante do comedimento e do equilíbrio nas despesas.

Os seus gastos iam em vários sentidos: os presentes engoliam montantes avultados; a awwama custava-lhe os olhos da cara e a sua favorita exigia-lhe autênticos sacrifícios. Em resumo, Zannouba impelia-o cruelmente a gastar e ele, por seu lado, pagava sem opor uma resistência notável. Não fora assim no passado. É certo que também nesse tempo pudera delapidar quanto queria e profusamente! Contudo, nenhuma mulher conseguira fazê-lo ultrapassar os limites da moderação ou obrigá-lo a deitar dinheiro pelas janelas. No passado, tinha consciência da sua força e não se preocupava em contentar todos os caprichos da sua favorita ou caçoava diante da ideia, se esta considerava bom fazer-se rogada, de se agir de tal forma, com toda a sobrançeria da sua varonilidade. Mas, na actualidade, o anseio com que perseguia a sua amada fazia-lhe baixar a cabeça e nada era excessivamente dispendioso para ela.

Era como se não tivesse outra aspiração nesta vida senão preservar a afeição e atrair o seu coração.

E que carinho soberbo era o de Zannouba e que coração insubmisso lhe mostrava!! Na verdade, o sayyed estava perfeitamente ciente da situação em que se encontrava e vivia-a com mágoa e dor. Recordava-lhe os dias de mocidade com nostalgia e angústia, conquanto nem a si mesmo quisesse confessar que doravante haviam desaparecido para sempre. Mas não moveu um dedo para contrariar deveras esta inevitável contestação e aliás teria sido incapaz! Assim sendo, virou-se para Gamil el-Hamzawi e, com uma expressão sarcástica, respondeu-lhe:

- Talvez seja injusto da tua parte considerar-me um negociante!... - depois com abdicação:

- ...Allah é que é rico...

Apareceu um grupo de fregueses e el-Hamzawi foi atendê-los. Ahmad recolhera-se já em si mesmo quando viu chegar uma pessoa que encheu a porta com a sua corpulência e se dirigiu para ele com passos altivos. Era uma surpresa e, de imediato, lembrou que os seus olhos não haviam tido o ensejo de ver aquela pessoa desde há quatro anos ou mais. Depois, levantou-se para recebê-la, levado tão-só pelo

sentimento de civilidade, dizendo:

- Seja bem-vinda, prezada vizinha...

Umm Mariam estendeu-lhe a mão envolta na fímbria da melaya, dizendo:

- É uma honra voltar a vê-lo, sayyed Ahmad.

Instou-a a que se sentasse e ela acomodou-se na mesma cadeira onde já se sentara certo dia já antigo. Também ele se sentou e abandonou-se a perguntas intermináveis... Não a vira desde o dia em que viera encontrá-lo na loja, um ano após a morte de Fahmi, para tentar levá-lo devagar a tornar de novo a sua casa.

Pasmara, naquele dia, ante a afoiteza a mulher - não se refizera ainda da sua tristeza, havia-a recebido com severidade e dela se despedira com frieza.

O que a impelia a vir hoje? Observou-a cuidadosamente da cabeça aos pés e achou-a idêntica ao que fora: em gordura e em garbo.

Brotava dela uma fragrância generosa e os seus olhos fulgiam por baixo do véu. Mas a maquilhagem não conseguia encobrir a progressão inexorável do tempo.

Os indícios da velhice eram já aparentes nos papos que tinha por baixo dos olhos, o que lhe lembrou Galila e Zubaida. Com quanto fervor aquelas mulheres se lançavam na briga pela vida e pela juventude!... Quanto a Amina, esta cedera depressa à mágoa e ao estiolamento!...

Bahiga aproximou a cadeira da secretária, depois disse em voz baixa:

- Queira desculpar-me por esta visita, senhor Ahmad, mas a necessidade tem as suas leis.

- Seja bem-vinda - respondeu Ahmad prontamente, dando-se um ar circunspecto e ponderado. - A sua visita é para nós uma honra e uma graça.

- Agradeço-lhe - volveu ela com um sorriso e com um tom de voz que expressava reconhecimento. - Allah seja louvado, encontro-o bem e de boa saúde!...

Ele agradeceu-lhe por seu turno, desejou-lhe uma boa saúde e ela agra-deceu-lhe o agradecimento e os desejos, que ela renovou. Depois calou-se por alguns instantes e disse com um ar desassossegado:

- Vim por causa de uma questão importante. Disseram-me que o

informaram em tempo útil e que deu o seu assentimento. Quero referir-me ao pedido que Yassin afendi fez de tomar por esposa a minha filha Mariam. É verdade aquilo que me foi dito? É disso que vim certificar-me...

Ahmad Abdel Gawwad baixou os olhos com receio de que a mulher visse o furor que se ateara nele enquanto escutava as suas palavras. Não se deixara ludibriar pelo seu modo de fingir estar interessada em obter a sua anuência. Que tentasse mas é com outros que, à diferença dele, desconheciam aquilo de que era capaz.

Quanto a ele, sabia com exactidão que, quer aprovasse quer se opusesse, era para ela o mesmo. Não terá ela percebido claramente por que móbil o sayyed não estava ao lado do filho no dia em que este último se lhe apresentara? Viera com certeza para levá-lo a expressar o seu assentimento e possivelmente com outro intento que não demoraria a perceber.

Levantou para ela dois olhos indiferentes e disse:

- Yassin falou-me do seu desejo e pedi que fosse bem-sucedido. Mariam era e ainda é nossa filha...

- Allah lhe dê vida duradoura, senhor Ahmad. Este parentesco honrar-nos-á entre as pessoas...

- Estou-lhe grato pela consideração em que me tem...

- E tenho a alegria de lhe manifestar - continuou ela com arroubamento - que não dei o meu consentimento sem antes estar certa do seu!

"Despudorada! Talvez já o houvesse dado antes mesmo de ver Yassin!"

- Renovo-lhe os meus agradecimentos, sitt Umm Mariam.

- Por isso, a primeira coisa que disse a Yassin afendi foi: "Deixe-me que antes de mais confirme a aprovação do seu pai, já que tudo pode ser pouca monta, salvo a sua discordância!"

"Allah!... Allah!... Mal acabou de roubar a mula e já está a tentar burlar o proprietário."

- Não admira que do seu coração saiam palavras tão nobres!

- O senhor Ahmad é o nosso homem - prosseguiu ela com uma excitação triunfante. - O melhor de entre aqueles de que o nosso bairro se orgulha!

Ardil de mulheres! Coqueteria de mulheres! Como estava saturado

quer de uma coisa quer de outra! Mas não saberia porventura que ele rastejava no fundo suplicando a compaixão de uma tocadora de alaúde da qual até um bêbedo se desinteressaria?!

- Que Allah me perdoe!... - disse ele rejeitando o louvor.

Bahiga alteou ligeiramente a voz num tom consternado, a tal ponto que ele apreendeu que pudesse chegar aos ouvidos dos clientes que estavam na outra ponta da loja, pelo que lhe fez um meneio com a cabeça, pondo-a de sobreaviso.

- Quão triste foi para mim quando Yassin me disse ter abandonado a casa do pai!...

- Na realidade, a sua conduta abespinhou-me - apressou-se a responder-lhe num tom soturno. - Fiquei surpreso por ter cometido uma semelhante tolice. Melhor seria se se orientasse junto de mim antes de mais nada. Mas quis levar os seus pertences para Qasr esh-Shawq e depois veio pedir-me desculpas! Uma infantilidade escusada, sítt Umm Mariam. Admoestei-o sem cuidar da suposta discórdia com Amina. Era um pretexto disparatado com que tentou legitimar um disparate ainda mais estúpido!

- Foi o que também eu lhe disse, pela sua vida! Mas o diabo é hábil em artifícios! Disse-lhe ainda: "Sitt Amina é perdoável. Que Allah lhe dê força para aguentar a provação que lhe impôs..." E, seja como for, um homem como o senhor Ahmad faz com que se espere o perdão...

Fez um breve gesto com a mão, como que a dizer: "Não falemos mais nisso!", mas ela insistiu num tom sedutor:

- Mas não ficarei contente se antes não tiver dado o seu perdão e não tiver declarado a sua satisfação.

Ufa. Quem lhe dera poder exprimir-lhe abertamente o desprazer que experimentava por causa de todos eles, por causa dela, da sua filha e daquele grande palerma...

- Yassin continua a ser meu filho. Que Allah o conduza no caminho da rectidão...

Ela lançou levemente a cabeça para trás e manteve-a naquela postura por alguns instantes, o tempo de provar o deleite do sucesso e do contentamento colhidos. Depois, recomeçou a dizer com uma entoação delicada:

- Que Allah o bendiga, senhor Ahmad. Ao vir encontrar-me consigo, disse para mim: "Acaso irá defraudar as minhas expectativas e

mandar-me embora de mãos vazias, ou tratará a sua velha vizinha como costumava fazer no passado?" Mas, louvado seja Allah, sabe sempre mostrar-se digno do bem que se espera do senhor. Que Allah lhe dê longa vida, saúde e força!

"Achas que está a zombar de ti? E tem toda a razão para isso. És um pai malogrado que viu falecer o melhor dos seus filhos, ao passo que o segundo decepcionou todas as suas esperanças e o terceiro só faz o que lhe dá na real gana. Tudo isto mau grado meu, raça de desaforados..."

- Não sei como lhe agradecer...

- Seja o que porque eu possa ter dito acerca do senhor, ficará sempre aquém daquilo que merece - retorquiu ela baixando a cabeça. - Quantas vezes lho confessei no passado...

"Ah, aquele passado!... Fecha esta porta, pela vida daquele idiota pelo qual vieste registar o direito de propriedade!..." Colou a palma da mão sobre o peito em sinal de gratidão e ela voltou a falar com uma entoação sonhadora:

- Ora, não lhe testemunhei eu já um carinho de que nenhum outro homem teve a honra antes ou depois do senhor?

"Lá chegou ela! Como pude não me dar conta desde o princípio? Não veio nem pelo Yassin nem pela Mariam, mas por mim mesmo, ou melhor, por ela! Nela, nela principalmente, o tempo não alterou nada, afora a tua juventude. Mas calma! Podes acaso fazer reviver um passado que já se esmoreceu?"

Deixou que as palavras delas caíssem sem comentá-las, limitando-se a um sorriso de reconhecimento. Ela, por seu turno, arvorou um sorriso rasgado que lhe descobriu os dentes através dos orifícios do véu e com um acento de reprovação, disse-lhe:

-Até parece que não se lembra de nada...

-Já não tenho a cabeça toda para me lembrar... - respondeu ele, desejoso de justificar a sua indiferença, sem ferir contudo a susceptibilidade da mulher.

- Afundou-se em demasia na mágoa - sussurrou ela num tom de compaixão. - A vida não foi feita para carregar uma coisa do género e não se pode aceitá-la. E o senhor... queira desculpar o que lhe digo... é um homem acostumado à boa vida. Se assim já a tristeza faz sentir o seu peso num homem normal um quilate, ela faz-se sentir vinte e quatro quilates num homem como o senhor!

"Eis um sermão todo ele a favor do pregador. Quem me dera que Yassin sentisse tanta repugnância quanto eu sinto! Mas porque sinto nojo de ti? É incontestavelmente mais obediente do que Zannouba e incomparavelmente menos dispendiosa. Até parece mesmo que o meu coração se enamorou do sofrimento."

- Como poderia rir um coração torturado? - disse ele com artimanha e fingendo ao mesmo tempo uma precisão de piedade.

- Ria e o seu coração rirá - apressou-se ela a dizer com entusiasmo, como se tivesse lóbrgado um lampejo de esperança. - Não espere que ele ria desacompanhado. É de excluir por completo que o faça sozinho depois de tanto tempo ter estado subjugado pela desolação. Regresse à vida de outrora e vol-tar-lhe-á a sua alegria por ora adormentada. Ponha-se em busca dos gozos da sua mocidade e dos que então lhe eram queridos. Quem pode afiançar que não há corações que se esmorecem por causa do senhor e se mantiveram fiéis a despeito de terem sido durante tanto tempo negligenciados?

O seu coração extasiou-se, contra a sua vontade, e ele perdeu-se. Era assim que se devia falar, na verdade, a Ahmad Abdel Gawwad com aquelas palavras, que lhe eram derramadas nos ouvidos ao som do retinir dos copos, nas noitadas de deleite. "Onde estava a tocadora de alaúde para que ouvisse aquele panegírico que lhe teria quiçá baixado a crista? Mas aquela que to fez é alguém por quem sentes asco!"

- Aquela época desapareceu... - disse ele com uma voz falha de qualquer sinal de prazer.

- Mas, pelo Deus de el-Hussein - repostou a mulher atirando o torso para trás com ar de condenação -, ainda é jovem!... - depois, sorrindo com acanhamento: - Um dromedário que tem o aspecto da Lua!... O seu passado não se desvaneceu e não se desvanecerá jamais. Não se avelhente precocemente. Ou melhor, deixe que os outros assim o deliberem e quiçá os outros o vejam com olhos diversos daqueles com que se vê...

- Fique sossegada, sitt Umm Mariam, eu não me deixarei sucumbir de tristeza - replicou ele com amabilidade num tom que indicava com donaire o seu desejo de pôr termo à conversa. - Pelo contrário, recreio-me da minha dor de mil maneiras...

- E isto basta para distrair um homem como o senhor? - acrescentou ela com menos entusiasmo do que anteriormente.

- A minha alma não aspira a outra coisa para além disso... -
respondeu com ar contente.

A tranquilidade da mulher pareceu atarantar-se, não obstante aparentasse estar animada, dizendo:

- Dou graças a Allah por o ter achado na quietação de espírito e na calma em que me apraz vê-lo.

Não tinham nada mais para dizer um ao outro. Ela levantou-se estendendo-lhe a mão envolta na fímbria da melaya e saudaram-se. Depois disse, preparando-se para partir:

- Fique bem...

E partiu, desviando dele dois olhos nos quais nenhum artifício serviria para encapotar a decepção que os obscurecia...

CAPÍTULO 14

O suwares^[76] enfiou pela Rua de el-Husseiniyya. Os dois cavalos macilentos começaram o seu trote no asfalto de el-Abbasiyya sob as vergastadas do chicote do condutor.

Kamal estava sentado na parte da frente do veículo, na ponta do comprido banco transversal, atrás do condutor. Bastava-lhe virar a cabeça para avistar, sem muito esforço, a Rua de el-Abbasiyya estender-se ante os seus olhos numa tal amplidão a que não estava afeito no seu velho bairro e numa tal extensão que lhe parecia interminável, regular e lisa, flanqueada por sumptuosas vivendas com pátios espaçosos, alguns dos quais adornados de jardins viçosos.

Nutria por el-Abbasiyya uma grande admiração e tinha por ela um carinho e um respeito quase religiosos.

Admirava o asseio que ali se enxergava em toda a parte, a magnífica arquitectura dos edifícios e a serenidade tranquilizadora que imperava entre as vivendas, todas elas particularidades de que o seu velho e buliçoso bairro era desprovido. Quanto à afeição e ao apreço, deviam-se ao facto de esta ser a pátria do seu coração, residência do seu amor e sítio em que se erguia o palácio da sua amada.

Já havia quatro anos que a frequentava continuamente, com o coração em alerta e os sentimentos em permanente alvoroço, conhecia cada um dos seus recessos. Para onde quer que voltasse o olhar, oferecia-se-lhe uma imagem que lhe era familiar, qual o rosto de um velho amigo.

Cada pormenor, cada paisagem, as suas vias e uma grande quantidade da sua população estavam ligados no seu espírito a ideias, sentimentos e quimeras imaginárias que se haviam tornado, no seu todo, a essência da sua vida e a teia dos seus sonhos. Para onde quer que voltasse o olhar, havia algo que convidava o seu coração a prosternar-se.

Tirou do bolso uma carta que recebera pelo correio no dia anterior. Fora-lhe enviada por Hussein Shaddad para avisá-lo do seu regresso - com os dois amigos Hassan Salim e Ismael Latif - das férias de Verão e o convidava a encontrá-los a todos em sua casa, para onde o estava a conduzir naquele instante o swares...

Fixou a carta com olhos devaneadores, cheios de gratidão, de enternecimento e de veneração, não só por aquele que a enviara ser o irmão da sua amada, mas também porque pensava que o papel da carta permanecera em algum canto da casa antes de Hussein lhe escrever e que, assim sendo, não era impossível que os belos olhos de Aida tivessem incidido nela, nas suas andanças, ou que os seus dedos a tivessem tocado por uma razão ou outra ou mesmo maquinalmente. Bastava-lhe até pensar apenas que a carta se achara no mesmo lugar em que a sua amada Aida se albergara, em corpo e espírito, para que a sua alma a fizesse aparecer qual um símbolo sacrossanto pelo qual o seu espírito suspirava e o seu coração se abrasava.

Recomeçara a ler a carta pela décima vez quando os seus olhos se detiveram na frase: "Chegámos ao Cairo no primeiro dia de Outubro à noite", o que significava que havia já quatro dias que ela dignificava a capital com] a sua presença, sem que ele o soubesse...

Como pudera nada saber? Como fizera para não se aperceber da sua presença, por um pressentimento ou por uma secreta intuição dos sentidos ou do espírito? Como pudera a solidão em que se afundara durante todo o Verão ainda estender a sua sombra opressiva sobre aqueles quatro dias abençoados? Ter-se-ia porventura debilitado a sua sensibilidade sob o jugo daquela constante tristeza? Seja como for, o seu coração subia agora às alturas e a sua alma elevava-se num céu de cântico e felicidade! Via agora o mundo do alto de um cimo, a partir do qual as suas formas lhe apareciam numa auréola de diafanidade e de claridade, quase como espectros no mundo dos anjos! Agora o encantamento da existência, do júbilo e da emoção acalorava o seu ser...

Agora - ou melhor, naquele preciso instante - a sombra da dor que nele escoltava a letícia do amor como o eco acompanha a voz adejava sobre a sua cabeça.

Já noutras circunstâncias, no passado, um swares o havia conduzido naquela mesma estrada, quando o seu coração, estéril, não havia ainda sido tocado pelo amor. Que sentimentos, esperanças, medos ou expectativas aí descobria então? Não guardava daquela existência vivida antes de conhecer o amor senão indistintas lembranças e quanto mais dava ao amor o valor que merecia mais este a repudiava e sentia compaixão por ela sempre que dele se assenhoreava a mágoa,

exumando do limbo do seu pensamento onde, por se impor a ela com tamanha pujança, este último a havia quase banido. Destarte, pôs-se a datar a sua vida a partir do dia em que se enamorara e dizia: "Isto aconteceu antes do meu amor, 'a.a.', e aquilo deu-se depois do meu amor, 'd.a.', por Aida."

A viatura parou em el-Wailiyya. Voltou a colocar a carta no bolso e desceu, dirigindo-se para a Rua de es-Sarayát, com os olhos fixos no primeiro palácio à direita, no fim do deserto de el-Abbasiyya.

Visto de fora, com os seus dois pisos, o palácio parecia uma edificação colossal. A frontaria começava na Rua de es-Sarayát e terminava, na sua parte exterior, com um espaçoso jardim com árvores altas cujas extremidades excediam uma parede cinzenta, de altura mediana, que cercava palácio e jardim e desenhava um vasto rectângulo que se estendia desde o deserto, pelo qual estava rodeado a sul e a leste. A imagem daquela casa imprimira-se-lhe na alma. O seu ar sumptuoso cativava-o e as marcas da sua magnificência fascinavam-no. Via na sua grandiosidade um justo tributo prestado ao seu proprietário. Os seus olhos resvalavam pelas janelas cerradas e pelas demais com as cortinas puxadas, e entrevia naquele recato e naquela privacidade um símbolo da respeitabilidade, da discrição, do seu carácter inatingível e do mistério do objecto do seu amor, valores confirmados pelo jardim amplo e profundo e pelo deserto, que se sumia no horizonte.

Aqui e ali aparecia uma palmeira esguia ou uma hera que subia pela parede ou fontes de jasmim que transbordavam sobre o cimo do muro, de tal modo que o seu coração foi atravessado por reminiscências entrelaçadas, quais frutas sobre a cabeça, que falavam baixinho de paixões, de padecimentos e de adoração e se transformaram na sombra do objecto do seu amor, a respiração da sua alma e o reflexo do seu rosto, espalhando em seu todo - e porque sabia que Paris fora a terra de exílio para os habitantes do palácio - um ambiente de beleza e de sonho que estava em concordância com a elevação, a santidade, a altivez e a aspiração em conhecer o incógnito que satisfazia o seu amor.

Viu, ao aproximar-se da entrada do palácio, o porteiro, o cozinheiro e o motorista, sentados num banco não distante do portão, como era costume destes no final da tarde. Quando chegou junto deles, o

porteiro levan-tou-se e disse-lhe:

- Hussein bey espera-o no pavilhão.

Entrou e foi espantado por um olor no qual se mesclavam o jasmim, o cravo e as rosas, cujos vasos haviam sido colocados em ordem sobre os lados das escadas que levavam à grande varanda que se divisava a pouca distância do portão, depois virou à direita em direcção a uma aleia lateral que separava o palácio do muro envolvente e que corria no meio até aos confins do jardim, um pouco mais além da varanda posterior do palácio.

Não era fácil, para o seu coração que batia com força, andar naquele enorme santuário, nem conseguia pisar aquele chão em que ela pousara antes os seus passos. Pouco faltava para, tomado pelo respeito por aquele local, se deter ou desejar estender a mão e tocar o muro para dele colher bênçãos, como quando a alongava noutros tempos em direcção do sepulcro de el-Hussein, antes de saber que este não passava de um símbolo. Em que parte do palácio estaria agora a repousar a sua amada? O que teria ele feito se o houvesse fitado com aqueles seus olhos deslumbrantes? Ah, se a tivesse encontrado no pavilhão, os seus olhos teriam sido devidamente gratificados por tanta espera, desejo e insónia!

Abarcou o jardim com um olhar global até ao muro do fundo, para além do qual se desdobrava o deserto.

No sol que cintilava por cima do palácio em direcção ao caminho recortavam-se os cimos das árvores e das palmeiras, lançando manchas de sombra sobre as portadas de jasmim que cobriam em todo o lado os muros e nos círculos, nos quadrados de flores e rosas cercados de mosaicos.

Depois dirigiu-se para o caminho mediano que conduzia a um pavilhão erguido no centro do jardim, sob o qual enxergou ao longe Hussein Shaddad na companhia das suas visitas, Hassan Salim e Ismael Latif, sentadas em cadeiras de bambu à volta de uma mesa de madeira de forma circular sobre a qual estavam dispersos copos em torno de uma garrafa de água. Ouviu um clamor de boas-vindas lançado por Hussein para avisá-lo que tinham notado a sua chegada. Os três amigos ergueram-se sem detença para acolhê-lo e este abraçou-os um por um, após uma separação que durara todo o Verão.

- Fico feliz por ver-te de boa saúde...

- Sentimos muito a tua falta...
- Como estão bronzeados... Agora já não há diferença entre vocês dois e Ismael...
- Direi mesmo mais, entre nós agora pareces um europeu entre pessoas de cor...
- Em breve, tudo voltará ao que era...
- Estávamos a perguntar-nos porque é que o sol do Cairo não nos escurece a pele...
- Também é verdade que só se atreve a expor-se ao sol do Cairo quem tem vontade de apanhar um golpe de sol!
- Mas qual é o segredo deste bronzeado que alcançaram?
- Lembro-me de que tivemos uma explicação numa das nossas aulas; sim, talvez em química. Estudamos o sol em diferentes disciplinas, como em geografia astronómica, em química, em ciências da natureza, mas em qual dessas tivemos uma explanação para o bronzeado estival? É um tanto tarde para perguntá-lo, agora que terminamos os nossos estudos secundários!
- É melhor por isso que nos fales do Cairo...
- Ou então caber-te-ia especialmente falar de Rass el-Barr e a Hassan e Ismael falarem de Alexandria. Tenham calma, teremos todo o tempo para falar...

O pavilhão não passava de um guarda-sol de madeira, redondo, içado sobre um espesso fuste no solo arenoso cercado por vasos de rosas e tinha, por única mobília, a mesa e as cadeiras de bambu.

Sentaram-se em semicírculo em torno da mesa, face ao jardim, com os rostos que respiravam satisfação. Pareciam felizes por voltarem a encontrar-se, depois de o Verão os ter separado, tirando Hassan Salim e Ismael Latif que costumavam passar as férias em Alexandria.

Puseram-se a rir pelas razões mais insignificantes, por vezes devido a uma simples troca de olhares como que trazendo recordações de gracejos passados. Os três amigos envergavam camisas de seda e calças cinzentas. Apenas Kamal, ao contrário do seu hábito de vaguear no seu bairro envergando meramente um casaco por cima da sua gallabiyya, exibia um leve fato cinzento-plúmbeo, pois que considerava ter de dar à sua viagem a el-Abbasiyya um carácter formal.

Tudo em seu derredor tinha algo a dizer ao seu coração e sobressaltava-o nos recessos do seu ser. Aquele pavilhão sob o qual

recebera a mensagem do amor. Aquele jardim que se tornara o único depositário do seu segredo e aqueles amigos que amava em nome da amizade e que amava uma segunda vez por estarem relacionados com a existência do seu amor. Tudo falava ao seu amor e ao seu coração. Interrogava-se: "Quando virá Aida? Será possível que esta reunião finde sem que os meus olhos perdidos de desejo nela se pousem?" Em jeito de compensação, punha-se a contemplar demoradamente Hussein Shaddad, sempre que isso lhe era praticável. Não o observava meramente como amigo, porque o facto de ser irmão da sua adorada acabara por lhe conceder uma sorte de magia e de mistério. Não só o amava, mas sofria o seu encantamento, deificava-o e por ele era atordado.

Com os seus olhos negros, a sua estatura airoso, os seus cabelos suaves e de um negro intenso e os seus ares ao mesmo tempo despretensiosos e soberbos, Hussein manifestava uma grande similitude com a sua irmã e não diferia em nenhum lineamento essencial, salvo no nariz grosso e arqueado e na pele branca velada pelo moreno do Verão. E, visto que Kamal, Hussein e Ismael constavam entre os estudantes que haviam obtido o exame de bacharelato naquele ano - com o pormenor porém de os dois primeiros terem dezassete anos e o último vinte e um -, puseram-se a falar acerca do exame e do futuro e dos vários problemas a eles inerentes.

Ismael Latif foi o primeiro a falar. Tinha por hábito, quando falava, esticar o pescoço, para contrabalançar a sua baixa estatura e a sua complexão frágil - pelo menos, quando confrontado com os seus três amigos.

Era, no entanto, entroncado e musculado, e o olhar penetrante e sardónico dos seus olhos estreitos, o seu nariz pontiagudo, as suas sobranceiras bastas e os seus lábios largos e grossos eram suficientes para fazer pensar quem tivesse ideia de atacá-lo.

- Este ano, o nosso resultado é cem por cento - disse. - É a primeira vez que nos acontece algo assim. Pelo menos, naquilo que me diz respeito. Deverei começar o meu último ano de faculdade, como Hassan que entrou comigo na escola de Fuad no mesmo dia e no mesmo ano. Ao ver o meu nome no jornal entre os estudantes aprovados, o meu pai perguntou-me com uma expressão sarcástica:

"Achas que Allah me deixará viver o tempo necessário para que eu te veja um dia na posse do diploma?"

- Não estás assim tão atrasado para que se justifique o desespero do teu pai...

Ao que Ismael retorquiu, irónico:

-Tens razão. Ter levado dois anos para cada ano não é tanto assim...

Depois, voltando-se para Hassan Salim:

- Quanto a ti, presumo que já estás a pensar no que fazer após a licenciatura.

Hassan Salim estava no último ano da Faculdade de Direito.

Compreendeu que Ismael Latif o convidava a revelar os seus desígnios uma vez terminados os estudos. Mas Hussein Shaddad antecipou-se a Ismael na resposta, declarando:

- Não tem com que se inquietar. Achará imediatamente um emprego na magistratura ou no corpo diplomático!

Hassan Salim abandonou a sua calma repleta de sobranceira e o seu belo semblante de feições delicadas carregou-se com uma expressão que o mostrava preparado para a luta.

- E em nome de quê deveria eu confiar na tua opinião? - perguntou-lhe com ar de repto.

Tinha orgulho no seu zelo nos estudos e na sua inteligência e queria que todos admitissem quer um quer a outra, embora ninguém duvidasse destes. Por outro lado, ninguém olvidava que era filho de Salim bey Sabri, conselheiro junto do tribunal de apelação, e que ter um tal pai constituía um privilégio em muito superior à inteligência e ao zelo.

Mas Hussein Shaddad evitou qualquer reparo que pudesse desencadear a sua fúria e disse:

- A confiança de que falas está na tua superioridade...

Ismael Latif não lhe deu o prazer de saborear o elogio de Hussein.

- Mas há também o teu pai - disse - e, ao que sei, é, de longe, bem mais importante do que a tua superioridade!...

Mas Hassan reagiu à investida com um imprevisto sangue-frio, quer porque estava farto da combatividade de Ismael, de quem se não separara nem por um só dia, ou quase, ao longo de todas as férias de Verão em Alexandria, quer porque principiava a ver nele um arruaceiro "profissional" cujas palavras não convinha levar sempre a

sério. A relação de amizade deles não deixava de conhecer momentos de fortuitos despiques que faziam a vez de altercações, sem nunca afectar, porém, a solidez da ligação deles.

- E, quanto a ti - perguntou Hassan Salim olhando com um ar sarcástico para Ismael -, diz-me: o que te valeram os conselhos dos teus galopins?

Ismael rebentou num acesso de riso que revelava os seus dentes afilados e amarelecidos pelo tabaco, de que fora um dos primeiros consumidores entre os alunos do secundário, e disse:

- Nada de extraordinário. Não me aceitaram nem em medicina nem em engenharia porque não tinha a média exigida. Só me restava optar entre o comércio e a agricultura, e escolhi o primeiro...

Kamal notou, pasmado, que o seu amigo não referira a escola superior de professores, como se quase fosse desnecessário considerá-la. Mas viu no facto de lhe ter concedido a sua preferência, apesar de lhe ser possível ins-crever-se na Faculdade de Direito, escola de prestígio, um exemplo que o consolava da sua tristeza e da sua solidão.

Hussein Shaddad deixou-se ir a uma das suas doces gargalhadas que nele reavivavam a beleza da boca e dos lábios, e disse:

- Ah, se tivesses preferido agricultura! Imaginem o Ismael no meio de um campo, a passar a sua vida entre os camponeses!...

- Não haveria mal algum - replicou Ismael com um tom contente - se aquele campo se situasse na Rua Imad ed-Din...^[77]

Perante aquelas palavras, Kamal olhou para Hussein Shaddad e pergun-tou-lhe:

-Etu?

Hussein afastou o olhar na distância, e reflectiu antes de responder e portanto deu azo a Kamal de observá-lo atentamente.

A que ponto o seduzia a ideia de que era irmão de Aida! Ou o pensamento que entre ambos existia a mesma proximidade e a mesma intimidade que no passado existira entre ele, Khadiga e Aisha!

Era uma ideia que dificilmente conseguia aceitar. Contudo, acompanha-va-a, falava-lhe, ficava a sós com ela, tocava-a. Tocava-a? Até partilhava a sua mesa!... Como seria o seu modo de comer? Faria estalar a língua? Comería mulukhiyya e foul medamiss, por exemplo: como imaginar isto também! O importante é que se tratava do seu irmão e que ele, Kamal, tocava aquela mão que tocara a mão dela.

Quem lhe dera poder respirar o perfume das suas vestes que, sem dúvida, era análogo ao das da sua irmã!

- A Faculdade de Direito, temporariamente... - replicou Hussein Shaddad.

Não era crível que fizesse amizade com Fuad Gamil el-Hamzawi? Porque não? Não restava mais dúvida alguma de que a Faculdade de Direito era deveras uma escola ilustre visto que Hussein nela se preparava para ingressar. Seria ousado tentar convencer as pessoas sobre o valor de um ideal moral...

- Não sabia que se podia entrar numa escola "temporariamente!" - replicou Ismael Latif com sarcasmo.

- Para mim, todas as escolas são idênticas - retorquiu Hussein Shaddad com um ar grave. - Nada há que me atraia mais numa do que noutra. A bem dizer, quero estudar para cultivar-me, mas não ambiciono trabalhar. Não acharei em nenhuma das nossas escolas aquilo que desejo. Um saber não orientado para o trabalho. Todavia, não tendo encontrado em minha casa ninguém que compartilhasse a minha opinião, ví-me obrigado a adoptar a deles, numa certa medida. Quando lhes perguntei qual a escola que julgavam adequada para mim, o meu pai respondeu-me: "Que outra havia de ser além da de direito?" Nisso eu disse: "Que seja então o direito!"

- Temporariamente - acrescentou Ismael Latif, imitando o seu tom e os seus gestos.

Foi uma gargalhada geral. Depois, Hussein Shaddad tornou a dizer:

- Sim, temporariamente, ó desordeiro! E nem sequer é improvável, se as coisas correrem como espero, que interrompa os meus estudos aqui para continuar na França, nem que seja sob o pretexto de seguir os meus estudos de direito nos seus institutos. Lá poderei alcançar livremente todas as fontes da cultura... e poderei pensar, ver, escutar...

- Provar, tocar e cheirar!... - continuou Ismael Latif, imitando, mais uma vez, o seu tom e os seus gestos, como que a rematar o pensamento que, desconfiava que não houvesse sido expresso até ao fim.

Após uma suspensão por causa do riso que estalara, Hussein Shaddad tornou a dizer:

- No entanto, podes estar certo de que aquilo que eu pretendo tu nernj sequer sonhas!

Kamal acreditou, com todo o coração, nas suas palavras, não porque o estimasse em demasia para pensar que mentisse, mas porque estava persuadido de que a vida que ele desejava gozar na França era realmente a "única" capaz de cativar as almas. Ismael estava longe de entender esta verdade simples, nem ele nem os que como ele não acreditavam em nada mais que não fossem cifras e aparências.

Quantas vezes Hussein exaltara os seus sonhos! E aquele era tão-só um entre os mais grandiosos e entre os mais belos. Um sonho rico em frutos do espírito e do pensamento, do ouvido e da visão! "Quantas vezes me perseguiu no sono e depois quando estava desperto. E eis que após tanta aspiração e após tão longas buscas, nos encontramos, ele e eu, a ingressar na escola superior de professores!

- Estás mesmo seguro daquilo que dizes quando afirmas que não queres trabalhar? - perguntou ele a Hussein.

- Não pretendo, com efeito, ser um especulador da bolsa como o meu pai - replicou Hussein Shaddad com os olhos negros e belos, extraviados num sonho que perseguia - porque não me apetece uma existência que tenha por essência o trabalho incessante nem como alvo possuir dinheiro aos montes. Não tenho qualquer propósito de encontrar um emprego, porque isso significa passar a ser escravo para ganhar a vida. Eu já tenho o suficiente. Quero viver a minha vida como um turista. Quero ler, ver, escutar, reflectir e deslocar-me da montanha para o planalto e do planalto para a montanha.

Hassan Salim, que durante todo o tempo em que ele falara o havia observado com um olhar de menosprezo que conseguia disfarçar com a pose tocrática de quem mantém as suas distâncias, argumentou dizendo:

- Nem sempre se trabalha para ganhar a vida. Eu, por exemplo, não tenho qualquer precisão de garantir o indispensável para viver e no entanto, hei-de, sem dúvida alguma, ter um emprego importante. E, aliás, o homem tem de trabalhar. Um trabalho honrado é um desígnio digno de ser perseguido por si mesmo.

- Isto é verdade - respondeu Ismael Latif associando-se às palavras de Hassan. - A magistratura e a diplomacia são cargos que os mais ricos entre os ricos ambicionam.

Depois, virando-se para Hussein Shaddad:

- Porque não escolhes um destes cargos já que estão ao teu alcance?

- A diplomacia - interveio Kamal dirigindo-se outra vez para Hussein -seria adequada para te oferecer uma actividade nobre e turística ao mesmo tempo!

- Mas trata-se de uma porta muito estreita! - rebateu Hassan Salim com um tom significativo.

- Não há qualquer dúvida de que a diplomacia tem extraordinários privilégios - volveu Hussein Shaddad. - Ela é, na maior parte das vezes, um cargo honorário e nisto não se oporia muito ao meu anseio de não ser um escravo do trabalho, e é também um modo de fazer turismo e ter tempo livre, o que me daria a ocasião de ter aquela vida dedicada ao espírito e à beleza que me aprazeria. Mas não creio poder ter acesso a esta. Não porque seja uma porta muito estreita, como disse Hassan, mas porque tenho sérias dúvidas de continuar até à conclusão dos meus estudos regulares...

- Tenho a nítida sensação - exclamou Ismael Latif rindo com malícia -que tu desejas partir para a França por motivos que pouco têm a ver com a cultura. Contudo, fazes bem...

Hussein Shaddad riu, meneando a cabeça, como que a querer fazer um gesto de negação, após o que disse:

- Nada disso. És por demais tendencioso. A minha antipatia pelo ensino escolar prende-se a outras razões. Em primeiro lugar, não estou interessado em estudar direito. Em segundo lugar, não há nenhuma escola capaz de me dar as noções que gostaria de ter em certas áreas e em certas artes, como o teatro, a pintura, a música e a filosofia. Não há escola que não te atulhe a cabeça de poeira para que possas encontrar, admitindo que nela exista, algum bocado de bom metal. Em Paris, podes assistir a aulas sobre diferentes artes e ramos do conhecimento, não tens de te sujeitar a uma regra ou a exames, e espera-te, além do mais, uma existência sublime e cativante...

Depois, voltou a falar em voz baixa, como que para si mesmo:

- E talvez case lá para tornar a minha vida uma eterna viagem entre a realidade e o sonho!

Hassan Salim não parecia seguir a conversa com um interesse sério.

Quanto a Ismael Latif, levantou as bastas sobrancelhas, deixando que os seus olhos exprimissem a ironia e o escárnio que lhe revolviam o peito.

Somente Kamal pareceu comovido, entusiasmado. Também ele

acalentava as mesmas esperanças, com algumas diferenças, é certo, mas basicamente idênticas.

Viajar ou casar na França não lhe interessava, mas quem lhe teria dado aqueles conhecimentos que dispensavam regras ou exames? Eram indubitavelmente mais vantajosos do que toda a poeira com que lhe enchiam a cabeça na escola superior de professores para conseguir no final apenas bocados de bom metal.

Paris?! Tomara-se um sonho maravilhoso desde que soubera que havia acolhido em seu seio a sua adorada em muito terna idade, e que, além do mais, exercia sobre Hussein uma fascinação constante e encantava a sua imaginação com as mais diversas promessas. Como serenar a angústia das esperanças?

- Penso que a escola mais apropriada no Egipto para a realização de, pelo menos, uma pequena parte do teu desejo é a escola superior de professores! - voltou com cautela e depois de um instante de indecisão.

Ismael Latif voltou-se para ele e disse-lhe num tom alarmado:

- E tu, o que escolheste? Não me digas que foi a escola superior de professores! Meu Deus! Tinha esquecido que tu também tens uma obsessão muito parecida à de Hussein!

Kamal exibiu um sorriso rasgado que revelou a mobilidade do seu gran-' de nariz e respondeu:

- Foi precisamente por isso que nela me inscrevi!...

Hussein Shaddad observou-o, pensativo, depois a sorrir voltou:

- Sem dúvida, as tuas inclinações culturais devem ter-te dado muitos problemas antes de fazeres a tua escolha...

- És em grande parte responsável se estas suas inclinações nele se arreigaram - redarguiu-lhe Ismael Latif num tom de acusação. - Na realidade, falas muito, mas lêes pouco, enquanto este infeliz leva as coisas a sério e lê até quase ficar cego. Observa pois como a tua má influência sobre ele o levou a optar pela escola superior de professores!

- Estás seguro de encontrares o que procuras na escola superior de professores? - tornou a dizer Hussein sem dar muito relevo à observação intempestiva de Ismael.

Transportado pela alegria de, pela primeira vez, ouvir uma voz que o interrogava sobre a sua escola sem uma sombra de menosprezo e de condenação, Kamal respondeu com paixão:

- Aquilo que quero é aprender inglês, que me servirá posteriormente como um meio eficaz para entrar no mundo infinito do conhecimento, Ademais, oferece, julgo eu, a possibilidade de estudar a história, a pedagogia, a psicologia...

Hussein Shadad refletiu um pouco, depois disse:

- Conheci muitos professores com os quais tive de privar durante as minhas lições particulares e, por certo, não eram um bom exemplo de homens de cultura. Mas talvez seja o velho sistema escolar o real culpado por tudo isso...

- Contentar-me-ei com ele como um meio - respondeu Kamal com inalterado entusiasmo. - A verdadeira cultura depende do homem, não da escola!

- Tens o intuito de te tornar professor? - perguntou-lhe Hassan Salim. Conquanto Hassan lhe houvesse feito aquela pergunta de uma forma cortês, Kamal não ficou de todo convencido da sua sinceridade, já que observar as boas maneiras era um traço notável do carácter daquele que só lhe aparecia em caso de necessidade absoluta ou quando era provocado. Era uma consequência natural do seu bom senso por um lado e da sua nobre educação aristocrática, por outro. Por isso, não foi fácil para Kamal saber se a pergunta do seu amigo estava realmente isenta de toda a reprovação ou de menosprezo. Pelo que, encolhendo os ombros, respondeu:

- Não há escapatória, já que estou firmemente determinado em aprender aquilo que quero aprender!

Ismael Latif mirava Kamal pelo canto do olho... a cabeça, o nariz, o pescoço comprido e a estatura esguia... como que a imaginar o efeito que citaria aquela fisionomia nos alunos em geral e sobre os mais velhacos em especial, e não pôde deixar de sussurrar:

- Por minha vida, seria um desastre!

Mas Hussein Shaddad voltou a falar com uma condescendência que revelava a sua simpatia por Kamal, dizendo:

- O emprego em si é urna coisa secundária para aqueles que têm em vista metas elevadas. E, ademais, não o esqueçamos, o escol dos impulsionadores do despertar do Egipto formou-se na escola...

A discussão sobre a temática da escola terminou ali e o silêncio voltou a dominar.

Kamal tentou deixar-se atrair pelo encantamento tranquilizador do

jardim, mas a conversa sobreexcitara-o e agora precisava de se aquietar. Ao mover o seu olhar, viu a garrafa de água gelada na mesa, e veio-lhe à mente um antigo pensamento que já noutras ocasiões o tornara feliz em situações análogas àquela em que agora se encontrava: encher um copo e bebê-lo porque talvez, ao pousar nele os lábios, lambesse um dos rebordos onde ela apoiara os seus lábios para beber. Aproximou-se por isso da mesa, despejou para si um copo de água da garrafa e bebeu-o. Depois, voltou a sentar-se, concentrando-se em si mesmo, como que à espera - se o acaso o auxiliasse e ele atingisse o seu alvo - que uma qualquer transformação, uma força mágica, que até então lhe era desconhecida, saísse do seu ser, uma exultação divina que o extasiasse e o transportasse para as ditosas veredas dos céus. Mas... sim! Por fim contentou-se com as delícias da aventura e da alegria que lhe davam esperança.

Depois, angustiado, recomeçou a perguntar-se: "Quando virá ela?... Terá de crescer a estes três meses de separação também esta hora repleta de expectativa e de promessa?"

Os seus olhos detiveram-se de novo na garrafa. Lembrou-se de uma antiga conversa entre ele e Ismael Latif acerca daquela garrafa, ou melhor dizendo, acerca da água gelada, já que não se oferecia outra bebida em casa dos Shaddad!

Ismael aludira, ao abordar aquele argumento, à drástica austeridade com que se administrava todo o palácio, desde o terraço à arrecadação, perguntando-se: "Não será isso um tipo de avareza?"

Mas Kamal recusara ver a família da sua adorada apodada de ignomínia e tomou a defesa desta contra aquela acusação alegando, a título de prova, o faustoso modo de viver, a criadagem numerosa e os dois automóveis, o Minerva e o Fiat, de que Hussein dispunha quase sempre: "Como acusá-la de avareza?" Ao que Ismael havia redarguido - e, na verdade, não lhe faltavam nunca maledicências - que a avareza se revela de formas diversas: que sendo Shaddad bey milionário, na verdadeira acepção da palavra, deveria ter-se sentido compelido a rodear-se de todas as marcas de prestígio e, ao contrário, contentara-se com o que no seu meio era tido como sendo coisas fundamentais; que a regra aplicada naquela família, e da qual ninguém se eximia, era de nunca ser permitido gastar um único milésimo despropositado ou sem um motivo justo; que os seus criados eram mal pagos e mal

nutridos e que, se ocorria a algum deles quebrar um prato, descontavam-lho do salário; que mesmo Hussein Shaddad, único varão da família, não recebia dinheiro para as pequenas despesas como, pelo contrário, acontecia com os jovens como ele, para que não se acostumassem a gastos inúteis; que, se era certo que lhe oferecia a cada festa uma determinada quantidade de acções ou títulos, não lhe dava contudo nem mais uma piastra... e, por fim, que as visitas do querido descendente não tinham direito a nada mais além da... água gelada!...

Não seria aquilo avareza, ainda que fosse uma avareza aristocrática?! Kamal lembrou aquela conversa enquanto observava a garrafa e perguntou-se mais uma vez, como já havia reiteradamente feito no passado, e com estupefacção, se era crível que a família da sua adorada pudesse ter um qualquer pecado. Recusou no seu íntimo acreditar nisso, como quem considera a perfeição a salvo da menor imperfeição!

Pareceu-lhe, não obstante isso, que um indefinido sentimento de satisfação estava ali, que o solicitava sussurrando-lhe ao ouvido: "Não temas,.. esta imperfeição, admitindo que se trate de uma, não será uma daquelas que a abaixarão, ainda que pouco, até perto de ti ou te alçarão, ainda que pouco, até ela?"

E, se bem que continuasse a nutrir uma postura de reserva e de incerteza em relação às palavras de Ismael, surpreendeu-se a repensar involuntariamente aquele "vício" da avareza para dividir este em duas classes: uma efectivamente desprezável e uma outra que não é senão uma sábia política para assegurar à vida económica os alicerces válidos da ordem e do rigor.

Era, por isso, de todo excessivo apelidá-la de avareza ou considerá-la um vício, tanto mais se ela não impedia de erguer palácios, de adquirir automóveis e de se circundar de todas as marcas de luxo e de opulência. Totalmente excessivo se ela procedia de almas nobres, que desconheciam tudo da torpeza e da infâmia!

A mão de Ismael Latif, que o segurava pelo braço dando-lhe sacudidelas, arrancou-o aos seus pensamentos, e ouviu-o dizer, virado para Hassan Salim:

- Atenção, o delegado do Wafd vai responder-te!

Deu-se conta de súbito que haviam encetado a falar de política no

momento em que se distraía e alheara naqueles seus pensamentos.

A política... que assunto de conversa árduo e agradável em simultâneo! Ismael tinha-o chamado de "o delegado do Wafd", e talvez estivesse a ironizar. Que zombasse como bem lhe aprouvesse. A sua ligação ao Wafd era para ele uma convicção que herdara de Fahmi e restava associada, no seu coração, ao martírio e ao sacrifício do irmão.

Relanceou Hassan Salim e disse a sorrir:

- Tu, o amigo que tem olhos para a grandeza unicamente, o que pensas de Saad?

Hassan Salim não deu mostras de estar interessado pelo discurso acerca da grandeza.

Kamal não esperava dele outra coisa. Quantas vezes com ele tivera de lutar para conseguir compreender o seu ponto de vista obtuso e desabrido - sem dúvida, semelhante ao do seu pai, conselheiro no tribunal de apelação - relativamente a Saad Zaghlul, que ele próprio endeusara pelo amor e pela veneração que por ele nutria.

Mas, para Hassan Salim, Saad Zaghlul não passava de um "bonifrate do povo", e costumava repetir diversas vezes este epíteto com uma aversão e um desdém revoltantes, que rompia a sua habitual reserva feita de boas maneiras e de amáveis expressões, e continuava a desferir setadas de sarcasmo contra a política do líder querido para Kamal e contra a sua lendária qualidade retórica, sublinhando, ao mesmo tempo, o prestígio de Adli, de Tharwat, de Muhammad Mahmoud e de outros constitucionais liberais que para Kamal não passavam de "traidores" ou de "Ingleses com fez"!...

- Estávamos a falar das negociações que apenas duraram três dias e foram suspensas! - respondeu-lhe Hassan Salim com toda a serenidade.

- Esta foi uma atitude deveras patriótica digna de Saad - exclamou Kamal com entusiasmo. - Reivindicou os nossos direitos nacionais, recusou ceder às negociações, depois cessou as conversações, no momento em que era indispensável fazê-lo, pronunciando aquelas suas palavras destinadas a ficarem para a eternidade: "Fizeram-nos vir aqui para que nos suicidássemos. Mas recusámos o suicídio. É só isso!"

- Se tivesse aceitado suicidar-se - objectou Ismael Latif, que encontrava na política argumento para o cinismo -, teria coroado a sua

existência e asseguraria ao país o maior dos serviços possíveis!

Hassan Salim esperou que Ismael e Hussein terminassem de rir e recomeçou a dizer:

- Para Saad, o patriotismo limita-se a ser uma espécie de retórica que seduz o povo. "Fizeram-nos vir aqui para que nos suicidássemos etc... etc..." Palavras, meras palavras! Mas há homens que trabalham, sem falarem, e que garantiram à pátria o único serviço de que beneficiou na sua história recente...

No coração de Kamal ardeu a cólera e, caso não fosse pelo respeito que sentia por Hassan em virtude da sua personalidade e da sua idade, teria rebentado. Ver como um "jovem" do seu jaez podia seguir o pai - um homem, ao fim e ao cabo, da velha guarda - nos seus desvios políticos deixava-o atónito!

- Deprecias a palavra, como se nada representasse! Na verdade, as mais altas façanhas que a história da humanidade alguma vez produziu estão ligadas, no final das contas, às palavras. Uma grande palavra contém a esperança, a força e a verdade! Agimos na vida à luz das palavras. Saad, ademais, não é apenas um fazedor de palavras. O seu registo está cravejado de acções concretas e tomadas de posição!!

Hussein Shaddad passou os dedos finos entre os cabelos negros e replicou:

- Estou de acordo contigo naquilo que disseste acerca do valor das palavras, independentemente de Saad!...

Sem prestar atenção à intervenção de Hussein Shaddad, Hassan tornou a dizer, voltando-se para Kamal:

- As nações vivem e desenvolvem-se graças às virtudes da intel da sabedoria política e da força braçal e não devido a discursos e fanfarronices de circo gratuitas...

Ismael Latif olhou para Hussein Shaddad e perguntou-lhe com uma expressão de pilhéria:

- Não achas que aquele que se esfalfa a falar da reforma deste país semelhante àquele que sopra num odre furado?

Kamal voltou-se para Ismael para, de forma indirecta, exprimir a Hassan aquilo que hesitava dizer-lhe cara a cara e, para aliviar um pouco a sua cólera, contrapôs:

- Ao que sei, não estás absolutamente interessado na política. Mas as tuas piadas por vezes reflectem o comportamento de uma "minoria"

não representativa dos Egípcios, como se fosses o porta-voz desta. Mostras como desesperam que a pátria se reerga. Mas é o desespero do menosprezo presunção, não o do ideal e do extremismo. E, se a política não fosse a base das suas ambições, desinteressar-se-iam dela, tal como tu o fazes!

Hussein Shaddad soltou outra das suas gargalhadas simpáticas, esticou a mão em direcção ao braço de Kamal e apertou-lho dizendo:

- És um polemista ferrenho, não se pode negar! E admiro o teu entusiasmo ainda que não partilhe a convicção que nele pões. E aliás eu sou neutral, como bem o sabes. Não alinho nem do lado dos wafdistas nem do lado dos constitucionais, não que isto me deixe indiferente, como ocorre com Ismael Latif, mas porque acho que a política adultera o pensamento e o coração. É necessário que nos desliguemos dela para que a vida nos surja como um espaço ilimitado de sabedoria, beleza e tolerância, e não como um universo de litígios e maquinações...

Aliviou-o ouvir aquelas palavras proferidas por Hussein e o seu acesso de cólera desvaneceu-se.

Que este partilhasse da sua opinião enchia-o de satisfação, bem como teria aceite o facto de que pudesse se opor.

E, ainda que sentisse que aquele seu arrazoadado sobre a sua neutralidade não passasse, para ele, de uma forma de justificar a debilidade do seu patriotismo, não lhe guardou rancor nem lhe atribuiu a culpa, mas concedeu-lhe o perdão, a indulgência e a compreensão.

- A vida é tudo isto junto - disse, conformando-se com aquilo que ele já dissera. - Luta, intriga, sabedoria e beleza! Sempre que se descure um destes aspectos, qualquer que seja, perde-se a ocasião de melhor co preendê-la e a possibilidade de agir sobre ela para dirigi-la rumo a caminho melhor. Não desprezes nunca a política, porque a política é metade da vida, ou a vida inteira se se considerar que a sabedoria e a beleza estão acima da própria vida,...

- No tocante à política - acrescentou Hussein Shaddad como que pa se escusar -, confesso-te com a maior das franquezas que não tenho qu quer confiança em todos aqueles homens...

- O que te leva a não confiar em Saad? - perguntou-lhe Kamal como que a procurar cair nas suas boas graças.

- Ou melhor, permite-me perguntar-te que coisa poderia impelir-me a depositá-la nele!... Saad e Adli... Adli e Saad... é tudo uma fantochada. Tirando o facto de Saad e Adli serem iguais, para mim, no plano político, assim não os julgo na qualidade de homens. Não posso olvidar em Adli a nobreza das origens, a enorme cultura e o grande prestígio. Quanto a Saad... não te abespines..., não passa de um azahrita da velha guarda!...

Ah! O quanto lhe feria a alma que, por vezes, Hussein deixasse manifestar o seu desdém pelo povo! Estrangulado pela tristeza, tinha naqueles instantes a sensação de que ele o desprezava, por ele próprio e - coisa ainda mais terrível - em nome de toda a sua família. Sim, ele deixava por demais perceber, quando enfrentava com ele aquele assunto, que falava de um povo em tudo estranho "a ambos", mas fazia-o por erro de apreciação ou por condescendência? Curiosamente, aquela postura de Hussein irritava-o menos do ponto de vista do seu alcance geral do que o entristecia do ponto de vista do que para ele significava, sem ferir nem a sua susceptibilidade de classe nem a sua sensibilidade patriótica...

Tais sentimentos eram, no entanto, desarmados diante de uma amabilidade radiosa que expressava franqueza e generosidade e refluía na presença de um amor que nem as opiniões nem os eventos podiam atingir. Em oposição a estes estavam os sentimentos que nutria em relação à atitude que Hussein Shaddad adoptava para com ele, atitude que - não obstante a amizade deles - tocava na sua consciência patriótica. Nem a polidez da linguagem que o amigo empregava nem a reserva com que manifestava os seus sentimentos jogavam sempre a seu favor. Ao contrário, talvez Kamal reconhecesse nele uma "sabedoria" que duplicava a responsabilidade e confirmava o seu radicalismo aristocrático contra o povo.

- Será que tenho de te recordar - disse Hussein - que a grandeza não se mede pelo turbante nem pelo fez e que nada tem a ver com a pobreza ou a riqueza! Parece-me que a política nos leva, por vezes, a discutir as evidências...

- Aquilo que me agrada nos wafdistas do género de Kamal - interveio Ismael Latif - é o seu violento fanatismo!

Depois, fazendo o seu olhar vaguear sobre os presentes: - Aquilo que todavia não me apraz neles... é uma vez mais o seu violento fanatismo!

- Tens muita sorte - disse Hussein Shaddad a rir - porque, seja qual for a tua opinião em política, ninguém te há-de pôr entraves no caminho...

Ao ouvir estas palavras, Hassan Salim perguntou a Hussein Shaddad:

- Dizes que te colocas acima da política, mas continuarias a fazê-lo caso se tratasse assim do antigo quédiva?

Os olhares centraram-se todos em Hussein com uma expressão de amigável provocação devido à notória ligação do pai, Shaddad bey, à causa do antigo quédiva que lhe havia valido vários anos de exílio. Mas Hussein respondeu, sem se preocupar:

- Estas questões não me aquecem nem me arrefecem. O meu pai foi e continua a ser um apoiante do quédiva. Mas não sou obrigado a partilhar das suas opiniões.

- O teu pai foi também um dos que gritavam "Allah está lá, Abba regressará"? - perguntou-lhe Ismael Latif com uma ponta de secreta astúcia nos olhos estreitos e pequenos.

- Ouço esta expressão pela primeira vez agora mesmo da tua boca! respondeu Hussein Shaddad a rir. - A única verdade é que entre o meu pai e o quédiva existem tão-somente laços de amizade e de fidelidade. Por outro lado, como bem o sabem, não há hoje um único partido que esteja na disposição de pedir o regresso do quédiva...

- Tanto o homem quanto o seu tempo fazem doravante parte da história - declarou Hassan Salim. - O presente pode resumir-se em duas palavras: Saad não admite que haja quem tome a palavra em nome do país, para além dele, conquanto fosse o melhor e o mais sensato dos homens!

Logo que Kamal sofreu aquele golpe, respondeu-lhe:

- O presente resume-se numa só palavra: não há ninguém no Egipto que fale em seu nome para além de Saad e o facto de o povo se reagrupar à sua volta pode, e no final das contas irá, levá-lo à concretização das nossas esperanças...

Cruzou os braços sobre o peito e esticou as pernas de tal modo que a ponta dos sapatos tocou no pé da mesa. Preparava-se para prosseguir o seu discurso quando foram surpreendidos por uma voz próxima, que vinha de trás deles e perguntava:

- Budur, não queres saudar os teus velhos amigos?

Não conseguiu pronunciar uma só palavra. O seu coração estremeceu precipitadamente, agitando o peito com um tremor que, após um receio momentâneo, lhe provocou um aperto pungente. Ainda mais célere que o fulgor de um relâmpago, invadiu-o uma alegria imperiosa e esteve quase para cerrar os olhos devido à forte comoção que sentia. Depois apercebeu--se de que cada pensamento que fazia sobressaltar a sua alma voejava já para o céu.

Levantou-se com os seus amigos mal estes se levantaram, voltou-se com eles para trás e viu Aida, a um passo de distância do pavilhão, em pé, agarrando pela mão a irmã mais nova, Budur, de três anos, observando-os com olhos plácidos e sorridentes... Ei-la, finalmente, depois de uma espera de três meses ou mais... Eis "o original" daquela "imagem" que preencherão seu espírito e cada fibra do seu corpo, acompanhando-o na insónia e no sono.

Estava ali, imóvel ante os seus olhos, para confirmar que a dor infinita, como a alegria inenarrável, a insónia que corrói o ser e o sonho que ascende ao céu... todos eles eram coisas que ele talvez devesse, apesar de tudo, a um ser humano frágil cujos pés imprimiam as suas pegadas no chão do jardim! Olhou para ela e o encanto da sua imagem alastrou-se por todos os seus sentidos, até lhe fazer perder a consciência do tempo, do lugar, dos demais e de si mesmo. Tornou-se como que simples espírito que adejava no éter indo ao encontro do seu ídolo... E, todavia, a sua forma de apreendê-la como era não se prendia tanto aos sentidos como ao espírito, e surgia-lhe portanto num transporte arrebatador, num recesso de júbilo e no alto de uma majestade sublime, no preciso instante em que a visão se atenuava ou desaparecia por completo, como se a força da emoção espiritual se apropriasse de toda a sua vitalidade e os seus sentidos e as suas faculdades mentais, inte-lectivas e próprias à observação se precipitassem numa modorra que quase lhe fazia roçar o nada. Assim sendo, ela ajustava-se mais à sua memória do que aos seus sentidos: se a tinha na sua frente, não via praticamente nada, mas ressurgia posteriormente na sua memória quando estava distante, com a sua silhueta esguia, o rosto cheio e trigueiro, os cabelos de um negro intenso, cortados "à la garçon" que compunha na sua testa uma franja que parecia dentes de um pente, os olhos serenos e plácidos no fundo dos quais brilhava um ar que tinha a quietação, a brandura e a

solenidade do alvorecer. Esta imagem encontrava-a somente na memória e não nos seus sentidos, como uma melodia maravilhosa em que nos perdemos e da qual logo em seguida nada mais relembramos, e que mais tarde felizmente volta a aflorar, sem que o saibamos, nos primeiros instantes do despertar ou num momento de desamparo, ecoando nas partes mais profundas do ser num canto reencontrado. Irá ela alterar os seus modos habituais e estender a mão para cumprimentá-lo para que ele possa tocá-la, pelo menos, uma vez na sua vida? Assim interrogavam-se nele os sonhos e as expectativas. Mas Aida saudou-os com um sorriso e um meneio de cabeça, perguntando, com aquela sua voz que tornava insignificantes as melodias que ele mais amava:

- Como estão todos?

As vozes rivalizavam ao responder ao seu cumprimento e lhe agradecer e se congratularem pelo seu regresso. Ela mergulhou então os dedos delicados entre os cabelos de Budur e disse-lhe:

- Vai apertar a mão dos teus amigos!

Budur dobrou os lábios para dentro da boca e mordeu-os enquanto fazia circular timidamente os olhos sobre eles até pousá-los em Kamal. Este sorriu-lhe e ela respondeu com um sorriso. Hussein Shaddad, que estava a Shaddad, que estava a par do afecto que existia entre a menina e Kamal, exclamou:

- Apenas sorri a quem gosta!

- Gostas mesmo dele? - em seguida, Aida empurrou-a para ele. - Então anda. vai cumprimentá-lo... Kamal estendeu-lhe as mãos com o semblante ruborescido pela alegria e ela avançou para ele; levou-a ao seu peito e começou a beijar as suas bochechas com uma viva ternura e uma grande emoção. Estava feliz e vaidoso com aquele amor. Aquela que estreitava entre os braços não era senão uma parte do corpo da família e, estreitando-a, estreitava o todo. Poderia, alguma vez, existir uma união entre o adorador e o ídolo senão através de um expediente como aquele? E, ademais, fascinava-o a perturbadora parecença entre a menina e a sua irmã. Era como se o delicado ser que agora repousava sobre o seu coração fosse Aida em pessoa, num estádio da sua vida passada. Um dia esta tivera a mesma idade, a mesma altura, a mesma bondade. Meditava, pois, desfrutava daquele amor inocente! Por ora, só tinha de ficar feliz por estreitar um corpo que também ela

estreitava... por beijar uma bochecha sobre a qual também ela pousava os lábios... e deixar-se transportar pelo sonho, pondo de lado o pensamento e o coração. Sabia bem porque amava Budur, Hussein e o palácio com o seu jardim e a sua criadagem. Ali amava todas as coisas em homenagem a Aida! O que, pelo contrário, desconhecia era se Aida o amava!... Aida deixou o seu olhar correr de Hassan Salim a Ismael Latif, após o que os indagou:

- Como acharam Alexandria?

- Uma maravilha! - exclamou Hassan.

- O que é que vos atrai continuamente a Rass el-Barr? - perguntou entremetentes Ismael.

- Passamos em Alexandria o Verão, por diversas vezes - respondeu ela com uma voz doce e cálida. - Porém, é em Rass el-Barr que nos agrada passar as férias. Lá existe uma quietude, uma simplicidade e uma intimidade que só se encontra em casa!

- Infelizmente, o sossego não nos agrada... - disse Ismael a rir. Quanta felicidade lhe trazia aquela cena... aquela conversa... aquela voz.

"Pensa bem, acaso não será isto a felicidade? Uma borboleta ligeira como a brisa madrugadora, trajada de cores alegres e que tenta aspirar o néctar das flores... sou eu. Se este estado pudesse manter-se para todo o sempre!"

- Foi uma estadia deliciosa - tornou de novo Aida. - Hussein não vos contou?

- Ora... - protestou Hussein num tom reprovador. - Eles é que estavam a debater política!

Ela voltou-se para Kamal e disse:

- Há uma pessoa aqui que só gosta de falar de política...

"Dos seus olhos, um olhar que se dá a ti como uma misericórdia... A sua pureza espelha uma alma angelical. Eu despertei, como desperta um girassol diante dos seus raios. Ah, se este estado pudesse perdurar para todo o sempre!..."

- Sim, mas hoje não fui eu quem provocou a discussão...

- Mas soubeste aproveitar o ensejo... - retorquiu ela a sorrir.

Também ele sorriu, rendendo-se, e ela voltou os seus olhos para Budur, bradando:

- Fazes, por acaso, tenção de adormeceres nos seus braços? Vem, já

o cumprimentaste quanto baste!...

Dominada pela confusão, Budur afundou a cabeça no peito de Kamal, o qual se pôs a afagar-lhe as costas com meiguice. Aida ameaçou-a ao dizer:

- Tudo bem, deixar-te-ei aqui e regressarei sozinha...

Budur ergueu a cabeça e estendeu os braços para a irmã, balbuciando:

- Não.

Kamal beijou-a e colocou-a no chão e a menina precipitou-se para Aida agarrando a sua mão. Aida envolveu-os de um só relance, depois fez um aceno de cumprimento com a mão e partiu por onde viera.

Cada qual tornou ao seu lugar e ao acaso encetou de novo a discussão.

Era assim que ocorriam as visitas de Aida ao pavilhão do jardim. Uma surpresa feliz e breve, mas ele parecia satisfeito e sentia que a paciência que se impusera durante todos os meses do Verão não fora vã.

"Por que motivo as pessoas não se matam para preservar a felicidade como, pelo contrário, fazem para fugir à infelicidade? Não é necessário viajar, como almejava Hussein, para encontrar o que pode contentar os sentidos, a mente e o espírito, porque tudo isso pode ser oferecido de uma vez só, num só instante fugidio, sem te arredares um palmo do sítio em que te achas! Onde é que um simples ser humano pode atingir a força para realizar tudo isto? Onde está o fogo da política, a febre da polémica, a sobreexcitação da querela, a luta de classes?... Tudo se desvaneceu, eclipsado sob um olhar dos teus olhos, ó minha adorada!...

O que é sonho e o que, pelo contrário, é real e em qual destas duas coisas estou eu agora a flutuar?"

- Em breve começará o campeonato de futebol...

- O passado campeonato foi dominado pela equipa local, el-Ahli. Parecia não ter rivais!

- O Olympic do Cairo foi vencido por el-Ahli, conquanto na sua equipa jogassem campeões excepcionais...

Kamal pôs-se a defender o Olympic - do mesmo modo que defendera Saad - repostando às investidas que Hassan Salim lhe dirigia directamente.

Todos os quatro jogavam à bola, com um talento e estilos distintos. Ismael era o mais espantoso de todos, de tal forma que parecia um profissional no meio de um grupo de amadores, ao passo que Hussein Shaddad era o mais fraco. Kamal e Hassan eram, ao invés, de nível intermédio. A contenda entre Hassan e Kamal assumiu tons acalorados. O primeiro imputava a derrota do Olympic do Cairo ao infortúnio, o segundo à superioridade dos novos jogadores adquiridos pelo el-Ahli. A altercação prosseguiu sem que nenhum dos dois recuasse na sua posição. Kamal interrogou-se porque se achava sempre no campo adverso ao de Hassan Salim: ele, pelo Wafd, o outro, pelos liberais, o Olympic do Cairo contra o Zamalik, Higazi contra Mukhtar^[78]. Até no cinema passava-se o mesmo: ele preferia Charlie Chaplin e o outro, Max Linder!

Despediu-se dos amigos pouco antes do pôr do Sol e, enquanto andava ao longo da via lateral que levava à porta exterior, ouviu uma voz clamar: - Lá está ele, anda!...

Levantou a cabeça como que fascinado e divisou Aida numa das janelas do primeiro piso, que segurava Budur sentada à sua frente sobre a balaustrada e que lhe fazia sinal para olhar para ele, apontando o dedo na direcção deste.

Parou sob a janela, com a cabeça atirada para trás, e mirou com uma expressão ridente a petiza que agitava a mãozinha e lançava, de quando em quando, um relance sobre o semblante cujos formato e lineamentos continuavam a ser o acme de todas as suas esperanças, na vida e depois da vida, enquanto o seu coração latejava, como que embevecido, contra as costelas. Budur agitou, de novo, a mão na sua direcção e Aida perguntou-lhe:

- Queres ir ter com ele? A petiza abanou a cabeça assertivamente e Aida riu-se com aquela aspiração que não se materializaria.

No entretanto, estimulado por aquele seu riso ininterrupto, Kamal contemplava o rosto, mergulhando em pensamento no negrume profundo dos seus olhos e no ponto em que as sobrancelhas se juntavam... dentro de si, seguia o eco daquele seu riso generoso e as modulações da sua voz quente, até quase ficar sem fôlego sob o peso da emoção e do desejo.

E, porque a situação lhe impunha falar, perguntou à sua adorada, voltando-se para a petiza:

- Lembraste-te de mim enquanto estiveste de férias?
- Pergunta-lho - respondeu Aida, inclinando ligeiramente a cabeça para trás. - Aquilo que entre vocês dois existe não me diz respeito!
Depois, prosseguindo ainda antes que ele pudesse abrir a boca:
- E tu, lembraste-te dela?
"Ah, a situação era idêntica àquela em que se deparara sobre o terraço entre Mariam e Fahmi!"
- Nunca a esqueci nem por um dia! - respondeu com ardor. Naquele instante, uma voz chamou do interior do palácio. Aida endireitou-se, tomou Budur entre os seus braços e, em seguida, comentando as palavras de Kamal enquanto se aprontava a partir, disse:
- Que amor magnífico!
E desapareceu atrás da janela...

[76] O termo suwares é a deformação egípcia do nome do alemão Schwartz que tinha fundado no Cairo a companhia de transportes homónima. Os suwares eram, por assim dizer, os antepassados do eléctrico no Egipto. As carruagens eram puxadas por mulas e a linha ia do velho Cairo até à Cidadela.

[77] Rua do Cairo famosa pelos seus múltiplos teatros, cinemas e outros locais de diversão.

[78] Higazi e Mukhtar são ambos cantores egípcios.

CAPÍTULO 15

Actualmente, a "sessão do café" juntava, dos seus habituais frequentadores, apenas Amina e Kamal, ainda que este último tivesse agora o costume de deixá-la ao fim da tarde para a sua saída diária, de modo que Amina ficava sozinha ou instava Umm Hanafi a fazer-lhe companhia até à hora de ir para a cama. Yassin havia deixado atrás de si um vazio e, embora Amina tentasse constantemente não se lembrar dele, Kamal experimentava face àquela sua ausência tamanha tristeza que consumia as mais deleitáveis sensações que ele extraía da "sessão do café".

Se o café fora, em tempos idos, a bebida daquela reunião em que os rapazes se encontravam para conversar, hoje tornara-se, para a mãe, o único recreio. Assim, sem se dar conta, excedia-se nele sem qualquer moderação, como se confeccioná-lo e bebê-lo se houvesse transformado no único remédio para a sua solidão. Acontecia-lhe esvaziar cinco, seis e, por vezes, dez chávenas consecutivas.

Kamal observava com aflição estes seus descomedimentos e punha-a de sobreaviso contra os efeitos que daí lhe podiam advir. Mas ela respondia-lhe com um sorriso, como que a dizer-lhe: "E o que hei-de fazer se não beber?", para logo alegar, num tom seguro e plácido: "O café não faz mal à saúde."

Estavam sentados um defronte do outro, ela no sofá apoiado à parede que separava o quarto de dormir da sala de jantar e ele no sofá colocado entre o seu quarto de dormir e a sala de estudo. Amina estava dobrada sobre o braseiro com a cafeteira semiafundada nas brasas e Kamal mantinha-se calado e com o olhar distante.

- Em que estás ainda a pensar? - perguntou-lhe de súbito. - Até parece que estás continuamente a pensar em alguma coisa importante.

- A mente acha sempre com que se distrair!

Amina ergueu para ele os seus pequenos olhos cor de mel com a expressão de alguém que quer perguntar algo, depois disse com um certo acanhamento:

- Houve um tempo em que nunca atinávamos com ocasiões suficientes para falar!

É verdade! Aquele tempo era remoto... o tempo das lições de

religião, das histórias acerca dos profetas e dos demónios... o tempo em que se grudava a ela num frenesim. Aquele tempo era passado... Do que falavam hoje? Salvo dois dedos de conversa inútil, não tinham rigorosamente nada a dizer um ao outro. Kamal sorriu como que para se escusar de uma só vez pelos silêncios anteriores e por aqueles que haveriam de vir, pelo que disse:

- Falamos sempre que achamos um assunto para a conversa.

- Todos os motivos servem para quem deseja falar - volveu ela com brandura. - Mas pareces constantemente distante ou quase.

Em seguida, após ter matutado:

- Lês muito. Quer durante as férias quer durante o ano escolar. Não te vi nem por um só dia acordares-te um intervalo para descansares. Temo que te canses mais do que o necessário...

- Os dias são muito longos - contestou Kamal num tom que acusava nele um certo tédio por aquela sorte de inquirição. - Ler durante horas e ; horas nunca esgotou ninguém. É simplesmente uma forma de diversão e, além do mais, útil...

Depois de ter um tanto titubeado, ela prosseguiu:

- Receio que seja por causa da leitura que tens um ar tão taciturno e ausente...

"De todo, não é por causa da leitura! A leitura é um abrigo contra o cansaço. Tomara que pudesses saber isso! É outra coisa que constantemente mantém o meu espírito ocupado e que me persegue até quando leio. Algo de incurável contra o qual nem tu nem os demais poderão fazer algo. A doença de um coração que adora perdidamente e desconhece o que anda à procura com tanta dor!"

- A leitura é como o café, não faz mal! - respondeu ele com astúcia. - Não lhe agrada que eu me torne "sábio" como o avô?

Alegria e orgulho submergiram o rosto crispado e descorado de Amina.

- Sim, desejo-o de todo o coração - replicou - mas agradar-me-ia também ver-te alegre...

- Mas eu estou contente, como quer - respondeu-lhe a sorrir. - Não se deixe enganar por simples suposições.

Notava que a atenção com que o seguia se amplificara, no decorrer dos últimos anos, num modo excessivo e mais do que ele desejaria, e que a sua ligação, o desvelo que por ele tinha, o temor por tudo o que

lhe poderia fazer mal - ou melhor, por aquilo que ela imaginava que pudesse fazer-lhe mal - haviam-se tornado nela uma inquietação tão obsessiva que o oprimia e instigava a resguardar a sua liberdade e a sua dignidade.

Ele, porém, percebia bem quais as causas daquela mudança, encetada logo após a morte de Fahmi e a provação que sofrera com a sua perda, e que se conservara sempre dentro dos limites da brandura e do respeito quando se tratara de defender a sua liberdade.

- Agrada-me ouvir-te dizer aquilo que corresponde à verdade e à sinceridade. Só desejo a tua felicidade. Hoje em Sayyedna el-Hussein fiz uma prece por ti com a esperança de que Allah a queira atender!

- Ámen...

Observou-a que retirava a cafeteira para encher a chávena pela quarta vez. As comissuras da sua boca distenderam-se sob um leve sorriso. Recordava como a visita ao túmulo de el-Hussein representara para ela um sonho quase impossível. Hoje, ao invés, fazia uma breve visita sempre que ia ao cemitério ou até

es-Sukkariyya. Mas que preço tremendo tivera de pagar em troca daquela liberdade irrisória!

Também ele tem os seus sonhos irrealizáveis. Que preço terá de pagar para que se concretizem? Por mais elevado que seja, confrontado com o seu propósito, qualquer preço tornar-se-á irrisório.

- A visita a el-Hussein traz recordações inolvidáveis - tornou a dizer Kamal com uma gargalhada lacónica.

Amina tacteou a sua clavícula e jovial acrescentou:

- E marcas indeléveis...

- Hoje já não está enclausurada em casa como, ao invés, sucedia no passado - disse Kamal com um certo entusiasmo. - Tornou-se num direito seu visitar Khadiga, Aisha e Sayyedna el-Hussein quando quiser. Imagine o sentimento de frustração que assaltaria o seu espírito caso o pai não lhe houvesse franqueado as portas da liberdade!

Amina ergueu os olhos para ele, confusa ou envergonhada, como se o facto de ouvir lembrar-lhe uma prerrogativa que tão-só alcançara após a morte de um filho lhe pesasse cruelmente. Em seguida, inclinou a cabeça, entregando-se a uma tristeza silente, como que a querer dizer: "Quem dera que tivesse permanecido como estava e houvesse

conservado o meu filho!" Mas, por recear fazer-lhe pena e perturbá-lo, renunciou a manifestar-lhe o que a atormentava e limitou-se a declarar, quase para legitimar a liberdade de que usufruía:

- Sair, de quando em vez, não é uma recreação que se possa gozar. Se vou visitar el-Hussein, é para rezar por ti e, se vou a casa das tuas irmãs, é para me certificar de que estão bem e resolver alguns problemas, os quais não sei quem, além de mim, poderia solucionar!

Perguntou logo o que pretendia dizer ao falar de "alguns problemas" e, sabendo que, naquele preciso dia, fora a es-Sukkariyya, interrogou-a:

- Há algo de novo em es-Sukkariyya?

- Está tudo como sempre! - suspirou ela. Ele abanou a cabeça, amargurado, e arrematou com um sorriso:

- Khadiga nasceu para brigar...

- A sogra contou-me - prosseguiu Amina, cabisbaixa - que cada disputa com ela é um risco cujas consequências são imprevisíveis...

- Seja como for, parece que a sogra dela também desatina um tanto!

- Tem a atenuante da idade, mas e a tua irmã?

- Mas diga-me, está do seu lado ou preferiu colocar-se contra ela?

Rebentou numa gargalhada carregada de alusões. De novo, Amina suspirou e tornou a dizer:

- A tua irmã tem um temperamento arrebatado. Não se pode sequer dar-lhe um conselho desinteressado que logo se abespinha. Pobre de mim se me mostro afável com a sogra por consideração pela sua idade e pela sua posição! Pergunta-me logo com os olhos injectados de sangue: "Estás do meu lado ou contra mim?..." Não há poder nem força senão em Allah! Do meu lado ou contra mim! Porventura estamos em guerra, meu filho? O mais estranho é que, por vezes, é a sogra quem não tem razão, mas, ao encarniçar-se de modo a agravar as coisas, é ela que acaba por passar por quem está do lado de quem não tem razão!...

Era de excluir, por completo, que algo pudesse tornar, aos olhos de Kamal, Khadiga execrável. Para ele, continuava a ser a sua segunda mãe, uma nascente de ternura inexaurível. Quão longe estava Aisha, a bela, a despreocupada, que se transformara numa Shawkat até à ponta dos cabelos!

- E o que mais aconteceu?

- Desta vez, contrariamente ao hábito, a briga principiou com o marido. Entrei no apartamento quando estavam já a querelar-se de forma violenta, a tal ponto que, atónita, me interroguei sobre o que teria exasperado umi homem tão meigo.

"Interpus-me entre ambos para fazer as pazes e soube, em seguida, a razão de tudo isso.

"Khadiga decidira limpar o pó do apartamento, mas eram já nove horas e ele ainda dormia. Tudo fizera para despertá-lo até que este acordara rabugento e fora dominado por um súbito acesso de teimosia, recusando sair da cama.

"A mãe, que ouvira gritar, acudira ao quarto e eis a discussão! Apenas acabara aquela, surgiu outra por causa de Ahmad, que regressara a casa, vindo da rua, com a sua gallabiyya completamente enlameada; deu-lhe umas palmadas e exigiu que se lavasse novamente. O garoto chamou em seu auxílio o pai e o homem interveio para defendê-lo com diligência... A segunda desavença no meio da manhã!"

- E o que fez? - perguntou Kamal a rir.

- Tentei tudo o que pude, mas não saí incólume. Deu-me uma descompostura, censurando-me ter-me mantido imparcial, dizendo-me: "Devias aliar-te a mim, como a mãe dele se lhe aliou!"

Depois, suspirando pela terceira vez:

- Disse a Khadiga: "Não te lembras de como me vias na presença do teu pai?" Ao que ela retrucou com dureza: "Achas que existem outros homens iguais ao meu pai sobre esta terra?"

Perante a sua imaginação, de súbito tomou forma a figura de Abdel Hamid bey Shaddad e da sua esposa, a senhora Saniyya, enquanto caminhavam lado a lado, indo da varanda ao automóvel Minerva que aguardava frente à entrada do palácio, não como o amo e a sua serva humilde, mas como dois amigos da mesma condição, que conversavam livremente, e ela segurava-o pelo braço, até que, chegados à porta do veículo, o bey se arredou para que ela entrasse primeiro!... "Conseguirias imaginar os teus pais protagonistas de uma tal situação? Que ideia hilariante! Caminham solene e majestosamente, dignos da adorada que geraram."

E, conquanto a senhora Saniyya não fosse, de facto, mais jovem do que Amina, usava um casaco comprido de um corte requintadíssimo,

sinal de bom gosto, garbo e afectação. Caminhava solenemente com o rosto descoberto, um rosto bonito, sim, mas incomparavelmente menos belo do que aquele angelical da filha e espalhava em seu redor um perfume intenso e uma fascinação cativante.

Kamal teria desejado saber como conversavam e como chegavam a acordo, isto se deveras ocorriam disputas, e como se desenrolavam as suas discussões, ainda que fosse movido apenas por um desejo apaixonado de conhecer as vidas que estavam intimamente ligadas à vida da sua adorada por estreitíssimos laços de parentesco e relações quotidianas. "Lembras-te de como os observavas com os olhos que os adoradores levantam para os grandes sacerdotes e guardiães?"

- Se Khadiga tivesse pelo menos herdado parte do seu temperamento -disse-lhe com calma - teria uma vida feliz assegurada...

Um sorriso de alegria alumiou o semblante de Amina.

Uma alegria que, todavia, colidiu em breve contra a amarga verdade de que o seu temperamento não fora capaz, apesar da doçura de que dera mostras, de lhe garantir uma felicidade duradoura. Depois, com aquele sorriso que não desamparava os seus lábios para disfarçar os pensamentos sombrios que a agitavam e que não queria que ele lesse, replicou:

- Somente Allah é o nosso guia, e tomara que Ele atenuasse igualmente o teu temperamento, para que estejas entre os que amam o seu próximo e por ele são amados.

- Como é que me acha? - ousou perguntar-lhe.

- Como já o disse e talvez ainda melhor... - respondeu-lhe com convicção. "Mas como poderia ser-te concedido seres amado por um anjo? Evoca de novo a sua imagem feliz e reflecte um pouco. Podes concebê-la insone e derribada devido a um amor ou uma paixão? Como semelhante coisa é impensável! Ela está além do amor, já que o amor é uma imperfeição que só por intermédio da pessoa amada chega à perfeição. Paciência. Não atormentes mais o teu coração. Limita-te a amar. Contenta-te com a sua visão que inunda o teu espírito com raios de luz e com as cadências melodiosas da sua voz que fazem estremecer o teu ser e o extasiam. Da minha adorada jorra uma luz através da qual as criaturas parecem metamorfoseadas: o jasmim e a hera trocam confidências após um longo silêncio e os minaretes e as cúpulas

ressaem no firmamento sobre a tapeçaria do lusco-fusco. Cada sinal do velho bairro fala da sabedoria das gerações. A orquestra do universo faz eco ao rumorejo das baratas. A ternura transborda dos peitos. As quelhas e as ruelas adornam-se com elegância. Os pássaros da felicidade chilreiam por cima dos túmulos. O mundo das coisas perde-se no silêncio das meditações. Sobre a esteira onde pões os teus pés aparece um arco--íris. Este é o mundo da minha adorada!"

- Ao ir a el-Hussein, passei por el-Azhar e deparei-me com uma grande manifestação na qual se vociferavam palavras que relembavam o passado. Alguma coisa se está a passar, meu filho?

- Os Ingleses não se querem retirar pacificamente! - respondeu Kamal.

- Os Ingleses... sempre os Ingleses! - exclamou ela com um tom seco e uma expressão lampejante de cólera nos seus olhos. - Quando se abaterá sobre eles a vingança de Allah, o Todo-Justo?

Houvera um tempo em que alimentara um ódio semelhante contra Saad em pessoa. Mas ele acabara por persuadi-la de que não era oportuno detestar uma pessoa que Fahmi amara!

- O que queres dizer, Kamal? - tornou ela a dizer com evidente aflição. - Voltaremos aos dias de agonia?

- Só Allah conhece o ignoto! - respondeu com amargor.

Foi assaltada por uma angústia que se manifestou com crispações ao longo do seu rosto descorado e disse:

- Ó Allah, poupai-nos ao sofrimento. Abandonemo-los à cólera do Onnipotente, é a melhor coisa que podemos fazer, mas atirarmo-nos de moto próprio numa situação arriscada é pura e simplesmente loucura. Allah nos proteja!

- Acalme-se. A morte é uma coisa inevitável. As pessoas morrem por um motivo ou por outro e também sem motivo algum!

- Não nego que tenhas razão - disse Amina, confusa - mas a tua maneira de falar não me agrada!

- E como queria que eu falasse?

- Queria - replicou ela com uma voz emocionada - que admitisses claramente que expor-se ao perigo de morte é uma acção sacrílega.

- Admito-o... - replicou Kamal para detê-la, dissimulando um sorriso. Lançou-lhe um olhar de desconfiança e pediu-lhe implorante:

- E que o digas com o coração, não com a língua...

- É com o coração que falo...

"Quão abissal é a disparidade entre a realidade e o ideal! Persegues com ardor o ideal mais elevado que existe em qualquer religião, política, pensamento e amor. As mães, elas, só pensam no nosso bem-estar. Qual é a mãe que aceitaria de bom grado sepultar um filho todos os cinco anos?... A vida ideal exige contudo vítimas imoladas e mártires... O corpo, a mente e o espírito, eis as vítimas que lhe devemos apresentar.

Fahmi sacrificou uma vida repleta de esperanças a uma morte gloriosa. Estarás, porventura, também disposto a arrostar a morte como ele a arrostou? O teu coração não balança ao fazer a sua escolha, ainda que corra o risco de rasgar o coração desta mãe desafortunada. Uma morte que esgota uma ferida e liga mil outras. Que amor!... Sim, mas não o que entre mim e Budur existe, e tu bem o sabes. O amor maravilhoso, na realidade, é aquele que sinto por ti. É um acto de fé para com este mundo, contra os pessimistas que não acreditam nisso. Este amor ensinou-me que a morte não é a coisa mais aterradora que se deva recear ou a vida a coisa mais agradável que se possa almejar, e que a vida está semeada com tantos obstáculos e aversões que fazem desejar a morte... mas também com carinho e fluxos que fazem almejar a eternidade. Como são doces os convites que ela te faz, com uma voz que não é nem aguda nem grave, que não consegues descrever, mas que se assemelha a um "fá" da escala musical, emanado de um violino.

O seu timbre tem a pureza da luz e a sua cor, caso imagines uma cor para ela, tem o azul do céu profundo, de uma fé quente que implora para o céu..."

CAPÍTULO 16

- Na próxima quinta-feira, oficializarei o contrato de casamento, contando com o apoio de Allah...
- Que Allah te dê êxito!
- O êxito favorecer-me-á tão-somente se o meu pai aprovar o que estou a fazer...
- Mas está feliz contigo, Allah seja louvado...
- A cerimónia confinar-se-á aos convidados... Não se deparará com nada que o descontente.
- Bem, bem!
- Agradar-me-ia se nela também estivesse a minha mãe, mas...
- Deixa estar! O fundamental é que a noite decorra tranquilamente...
- Pensei em tudo, é claro. Conheço-o melhor do que ninguém! O dia será dedicado simplesmente à redacção do contrato e ao consumo das bebidas...
- Bem, que Allah te conduza na via da probidade...
- Incumbi Kamal de levar à sua mãe os meus cumprimentos e de lhe rogar da minha parte que não me prive das suas preces, tal como sempre o fez antes, e que ponha uma pedra sobre o passado...
- Naturalmente... naturalmente!
- Queria de novo ouvi-lo dizer que está contente comigo...
- Estou, e peço a Allah que te conceda êxito e felicidade. Ele atende quem pede...

Destarte, as coisas tinham-se voltado contra a vontade do sayyed Ahmad. Viu-se obrigado a aprovar estes acontecimentos de modo a evitar que se desfizessem os liames que o uniam ao filho, mas, na realidade, o seu coração era por demais fraco para se opor com firmeza a Yassin, quanto mais para romper de forma irreversível com ele. Acordou, assim sendo, entregar com a sua própria mão o seu filho à filha de Bahiga e abençoar em pessoa a união que admitiria a velha amiga no seio da sua família! Ademais, não aceitou a intromissão de Amina quando esta manifestou o desejo de que os "irmãos de Fahmi" se abstivessem de tomar parte no casamento de Yassin com Mariam. "É uma ideia tonta!", retorquira-lhe ele num tom categórico. "Há quem case com a viúva do próprio irmão, e mesmo assim preserve

incólumes o amor e a lealdade que alimentava por aquele. Mariam, além do mais, não era esposa de Fahmi e nem sequer sua noiva. Esta é uma história antiga sobre a qual já passaram seis anos. Não nego que ele tenha feito uma má escolha, mas tem boas intenções e também é um touro que não lesa ninguém mais a não ser ele. Poderia ter-se aliado a uma família melhor do que esta. Casar com uma moça divorciada, ora... Mas Allah é poderoso! Pior para ele!"

Amina calou-se como se se rendesse às evidências. Com efeito, ainda que tivesse conseguido, durante os tempos sombrios, um certo arrojo que lhe permitira exteriorizar a sua opinião perante o sayyed, não tinha, todavia, forças bastantes para lhe repostar ou se lhe opor.

Logo, quando Khadiga veio ter com ela para lhe informar que Yassin a tinha convidado para o seu casamento mas que fazia tenção de não participar neste com a escusa de se encontrar adoentada, Amina redarguiu-lhe que discordava e aconselhou-a a aceder ao convite do irmão.

Chegou a quinta-feira. O sayyed Ahmad Abdel Gawwad dirigiu-se para a casa do falecido Muhammad Ridwan, onde encontrou, para o receber, Yassin e Kamal, que o antecederam.

Pouco depois, juntaram-se-lhes Ibrahim e Khalil Shawkat, escoltados de Khadiga e Aisha.

Da família de Mariam estavam presentes umas raras mulheres, pelo que o sayyed se aquietou diante do pensamento de que o dia iria decorrer em paz. Enquanto se encaminhava para a sala de estar, observou detalhes da casa que lhe eram familiares e nos quais já reparara em circunstâncias muito diversas.

As recordações do passado assaltaram-no, reanimando nele toda a casta de dissabores e de pesares que, silentes, escarneciam o seu recente papel de pai venerável do noivo que estava na iminência de representar. No seu íntimo, pôs-se a execrar Yassin, que sem o saber o tinha arrastado com ele para aquela situação crítica. Porém, a realidade dos factos fê-lo retornar a si e levou-o a ter esperanças e até a dizer de si para si: "Allah pode muito bem gerar uma filha diferente da mãe e fazer com que Yassin ache em Mariam uma esposa conveniente, digna em todos os aspectos, que o há-de preservar da leviandade da mãe." Por fim, rogou a Allah que lhe desse protecção!...

Yassin vestira-se com aprumo e estava manifestamente feliz, não

obstante a aparência modesta da festa organizada para a sua boda. O que o alegrava, em especial, era que nenhum dos seus irmãos deixara de se apresentar, pois que tinha receado que algum deles, sob influência da mãe, não viesse!...

Acaso teria renunciado a Mariam por consideração por estes? Nunca! Amava-a e, visto que só lhe seria entregue após o casamento, achou que era forçoso desposá-la. E porque não? As repreensões do seu pai ou da mulher deste eram imerecidas e não tinha de se atormentar com as possíveis consequências.

Além do mais, Mariam era a primeira mulher que ele ambicionara desposar plenamente e após atilada ponderação.

Estava, portanto, assaz optimista no tocante ao seu casamento, e esperava ter uma existência conjugal estável e duradoura. Não seria assim?... Claro que sim! Sentia que seria um bom marido e Mariam uma boa mulher. Também Ridwan encontraria, no futuro, um lar ditoso no qual cresceria e se tornaria adulto. Ridwan já transitara por diversas mãos e era chegado o momento de ter uma certa estabilidade.

Em condições diferentes, não teria hesitado em celebrar as suas bodas como convinha, com toda a sorte de faustos e divertimentos. Não era nem velho nem pobre, nem tão-pouco se incluía no meio dos que "alegam" abominar os belos serões, para se satisfazer com aquela festa privada e silenciosa que mais se assemelhava a um ritual fúnebre. Mas paciência! A necessidade tem as suas leis, e que aquela temperança fosse consagrada à memória de Fahmi!

O encontro de Mariam com Khadiga e Aisha - após um afastamento que durara anos - foi comovedor, apesar do comedimento e da confusão patentes. Trocaram beijos e felicitações, conversaram largamente, pulando de um assunto para outro, mas evitando, na medida do possível, qualquer menção ao passado. Os primeiros instantes foram os mais delicados. Cada uma aguardava, ansiosa, uma evocação ao passado que poderia atizar ressentimentos e amarguras, como, por exemplo, uma fortuita pergunta acerca dos móveis que as tinham levado a quebrar todo o convívio e que transtornara a atmosfera que entre elas existira. Mas aqueles momentos transcorreram em paz. Mariam conduziu de maneira engenhosa a conversa para as vestes de Khadiga e a elegância que Aisha mantivera, não obstante as suas três gestações. Em seguida, Mariam e a sua mãe

inquiriram as jovens sobre a mãe destas. Responderam que se achava bem e ninguém se aventurou a acrescentar uma única letra. Aisha olhou para a sua amiga de outrora com olhos cheios de afeição e carinho e o coração de alguém sequioso do amor dos outros. Se não fosse aquele sentimento de desassossego, teria orientado a conversa para as recordações do passado e delas teria rido com agrado. Quanto a Khadiga, esta começou a mirá-la às ocultas, com olhos interrogadores; conquanto não mais tivesse pensado em Mariam durante anos, a nova do seu enlace com Yassin levava-a a lançar acerbos reparos, e relembrou a Aisha o incidente com o inglês, interrogando-se o que teria tornado Yassin cego e surdo!... Porém, o sentimento poderoso que Khadiga tinha pela família e que se sobrepunha a qualquer outro traço do seu temperamento demovera-a de fazer a menor alusão diante da família Shawkat, o que incluía o seu marido, a ponto de pôr de sobreaviso a mãe dizendo-lhe: "Quer nos agrade quer não, Mariam vai fazer parte da nossa família!..." Não era de estranhar, assim sendo, que, mesmo após ter dado à luz Abdel Munim e Ahmad, Khadiga insistisse em encarar os Shawkat, de certo modo, como sendo "estranhos"...

À noite, o mazouri^[79] encarregue da celebração da boda chegou e o casamento foi oficializado. As bebidas foram servidas e um trinado único ressoou no ar. Yassin recebeu as congratulações e as felicitações, ao passo que a esposa era convidada a apresentar-se ante o seu "grande sayyed" e a família do seu esposo. Rodeada pela mãe, por Khadiga e Aisha, Mariam abeirou-se e beijou a mão de Ahmad e apertou a dos demais. Então, o sayyed deu-lhe o presente de casamento: um bracelete de ouro com pequenas gemas de diamantes e esmeraldas encastoadas.

A reunião familiar prolongou-se bastante. Por volta das nove horas, os convidados principiaram a retirar-se a pouco e pouco. Depois, chegou a caleche que transportou os esposos até a casa de Yassin em Qasr esh-Shawq, onde no terceiro andar o apartamento fora preparado para acolher a esposa. Todos julgaram que o pano tinha caído sobre o casamento de Yassin com o seu quinhão de bem e o seu quinhão de mal.

Contudo, apenas tinham passado duas semanas desde o dia das bodas quando a casa do falecido Muhammad Ridwan assistiu a outra

festa devido a um novo casamento que se revelou para todos um enorme espanto, tanto em casa do sayyed Ahmad como em es-Sukkariyya ou ainda em Qasr esh-Shawq e mesmo no bairro inteiro de Bain el-Qasrain! De improviso, e sem informar ninguém, Bahiga desposou Bayyumi, o vendedor de xaropes!

As pessoas foram colhidas de surpresa por este enlace e foi como se todos, pela primeira vez, se dessem conta de que a loja de Bayyumi, o vendedor de xaropes, se localizava na esquina do beco para o qual dava acesso a entrada dos Ridwan, mesmo por baixo de uma das suas vetustas mach-rabiyyas. Puseram-se a meditar sobre aquela coincidência. Estavam no direito de ficar espantados! A mulher era a viúva de um homem que em vida fora conhecido pela sua bondade e pela sua piedade e era tida como uma das "senhoras" respeitáveis do bairro, apesar da sua paixão pela maquilhagem, isto para não mencionar o facto de ter já chegado aos cinquenta anos. O marido, pelo contrário, pertencia à gente comum. Envergava a gallabiyya e vendia, numa minúscula loja, alfarrobas e tamarindos. Não tinha mais de quarenta anos e era casado, contando já vinte anos de casamento, ao longo dos quais fora pai de nove crianças, rapazes e raparigas. Tudo isto deu, de imediato, azo a comentários e mexericos! O especial interesse das pessoas recaía - sem a menor discricção - nos preliminares do casamento que ninguém percebera, em quando e como tinham principiado e de que maneira, em seguida, tinham amadurecido até desembocar no matrimónio!! Quem dos dois teria dado o primeiro passo e quem, ao invés, tivera de dar a sua anuência?

Amm Hassanein, o barbeiro, cuja loja se situava do outro lado da rua que conduzia à Fonte de Bain el-Qasrain, declarou ter notado, repetidas vezes, na senhora Bahiga que se detinha defronte da loja de Bayyumi para beber sumo de alfarroba e talvez para trocar igualmente algumas palavras, sem que isso o levasse - visto ser bem-intencionado! - a pensar mal!...

Abu Sari, o grelhador de sementes, que sempre encerrava a sua loja mais tarde que os demais, chegou a afirmar: "Allah me perdoe! Vi, por diversas vezes, pessoas entrarem no meio da noite em sua casa!"

Ele, todavia, não suspeitara de que entre estas pudesse achar-se Bayyumi!

Darwish, o vendedor de fowl^[80], e el-Fouli, o leiteiro, também

teceram os seus comentários.

E, embora todos eles dessem mostras de lastimar o pai de família e reprovar com acrimónia o homem sem lei que ousara desposar uma mulher da idade da sua mãe, no fundo das suas almas, invejavam-no, devido à boa fortuna que encontrara e estavam cheios de animosidade pelo facto de Bayyumi se ter elevado superior à condição que era a deles mediante aquela sua astúcia "inoportuna".

A pouco e pouco, as conversas começaram a tentar adivinhar o montante da possível "herança" que teria achado naquela casa e os prováveis montes de dinheiro líquido e de jóias!...

Em casa do sayyed, em es-Sukkariyya e mesmo em Qasr esh-Shawq, a notícia teve o efeito de um violento terramoto. Assim, todos clamaram: "Que vergonha!..."

O sayyed foi acometido por um assomo de fúria tamanha que apavorou a família inteira, de tal modo que todos evitaram dirigir-lhe a palavra ao longo de vários dias sucessivos.

Acaso Bayyumi, o vendedor de xaropes, não teria igualmente direito a reivindicar doravante um parentesco com ele? Maldito seja Yassin e as suas paixões! Bayyumi transformara-se no seu "sogro", escarnecendo todos.

Ao saber da noticia, Khadiga bradou: "Que desgraça", pelo que, ao se virar para Aisha, disse:

- Quem poderá agora condenar a mãe? O seu coração nunca a engana.

Yassin protestou - na presença do pai - que aquilo ocorrera à sua revelia e à revelia da esposa que fora tomada por um indizível desagrado. Mas o que podia fazer?

O escândalo não se esgotou ali. Logo que a primeira esposa de Bayyumi soube da boa novidade, ficou enfurecida, saiu de casa como uma endemoninhada, empurrando na sua frente os filhos, e veio confrontar Bayyumi na sua loja.

Originou-se uma violenta disputa com arremessos de palavras, pancadas com as mãos, com os pés, gritos e imprecações ante os olhos e os ouvidos das crianças, que desataram a chorar baixinho e a pedir auxílio aos transeuntes, de tal maneira que defronte da loja se avolumou uma turba de fregueses, de comerciantes, de mulheres e de crianças.

Os cônjuges foram apartados e a mulher foi arrastada para o meio da rua. Quedou-se por baixo da machrabiyya de Bahiga com as vestes e a melaya rasgadas, os cabelos desgrenhados e o nariz sanguinolento. Ergueu a cabeça na direcção das janelas cerradas e fez estalar a sua língua qual um látego e os seus golpes pareciam projecteis carregados de veneno.

Pior que tudo foi quando, ao abandonar a rua, ela se encaminhou para a loja do sayyed Ahmad, na qualidade de pai do genro do seu esposo, e, patética e a choramingar, lhe suplicou que usasse da sua influência para persuadir o marido a voltar atrás. O sayyed Ahmad escutou-a abafando a fúria e a angústia que aquele facto lhe provocava e fez-lhe compreender, com a maior das delicadezas possíveis, que nada podia, contrariamente ao que ela cria, até que, farto desta e tomado pela cólera, a afastou da loja.

Contudo, apesar da raiva, ele pensou muito, entre a incerteza e a perplexidade, sobre o que teria movido Bahiga àquele estranho casamento. Pois sabia bem que se no seu coração ela deveras aspirava a possuir Bayyumi, o vendedor de xaropes, ter-lhe-ia sido simples satisfazer esta sua vontade sem forçosamente se expor a si mesma e à sua família a toda aquela amofinação, ao se ligar a ele.

Porque se aventurara a cometer uma tal idiotice, sem pensar na mulher e nos filhos daquele homem e sem se preocupar com os sentimentos da filha e da nova família, como se tivesse sido atingida, de repente, por um acesso de demência?...

Era talvez o sentido pungente da velhice que a levava a procurar abrigo no casamento e mesmo a imolar grande parte daquilo que possuía, para correr atrás de uma ventura que apenas a juventude passageira teria podido lhe devolver?

Nisto cogitava, infeliz e desconsolado, quando lembrou o vexame que sofrera diante de Zannouba, a tocadora de alaúde, que se recusara a con-ceder-lhe um só olhar de cortesia, enquanto não a havia conduzido para a awwama.

Aquela humilhação abalara a confiança que tinha em si e levava-o, apesar da aparente placidez, a olhar com mágoa para a vida que, já há algum tempo, lhe apresentava um rosto carregado. Seja como for, Bahiga não desfrutou muito do seu casamento!!

No fim da terceira semana, queixou-se de uma purulência na perna.

Mais tarde, descobriu que sofria de diabetes e foi transferida para Qasr el-Aini^[81]. Durante dias, circularam notícias sobre a gravidade do seu estado, até que chegou a sua hora também...

^[79]Encarregado da celebração e do registo do contrato matrimonial.

^[80]Favas

^[81]Qasr el-Aini é o maior hospital do Cairo, situado na margem oriental do Nilo, por trás do bairro de es-Sayyeda Zainab, frente à extremidade setentrional da ilha de Rouda.

CAPÍTULO 17

Kamal parou defronte do palácio da família Shaddad, transportando debaixo do braço uma pequena mala.

Envergava um elegante fato cinzento, sapatos pretos e reluzentes e um fez que se mantinha entesado sobre a sua grande cabeça...

Parecia alto e magro. O seu pescoço, que se erguia acima do colarinho da camisa, segurava com desenvoltura o peso da grande cabeça e do enorme nariz.

O ar estava morno, só se agitavam as brisas frescas que anunciavam a aproximação de Dezembro. No céu, moviam-se nuvens dispersas de uma alvura resplandecente que, de quando em vez, obscureciam o sol matinal.

Kamal parou à espera, com os olhos voltados para a garagem, até ver sair o Fiat conduzido por Hussein Shaddad. Depois de ter virado na rua de es-Sarayat, o carro imobilizou-se diante dele. Hussein pôs a cabeça de fora e perguntou-lhe:

- Ainda não chegaram?

Buzinou três vezes, para, em seguida, continuar a dizer, abrindo a porta:

- Anda, senta-te ao meu lado.

Mas Kamal limitou-se a colocar a mala no interior do automóvel, murmurando: "É preciso ter paciência", enquanto do lado do jardim lhe chegava a voz de Budur.

Virou a cabeça para aquela direcção e viu-a aproximar-se, a correr, seguida por Aida... Sim, a adorada avançava majestosa na sua aparência deslumbrante com vestido curto cinzento da moda, cuja parte superior estava oculta por uma jaqueta de seda azul-marinho que deixava os braços dourados a descoberto. O nimbo dos cabelos negros roçagava a nuca e as faces, ondeando segundo a cadência das suas passadas. Quanto às riscas da sua franja parecida com a seda, cobriam a sua testa, qual dentes de um pente.

Este nimbo de cabelos emoldurava um rosto em lua cheia, de uma formosura requintada e angelical, como se fosse um embaixador do país dos sonhos felizes.

Kamal permaneceu estático, como que subjugado por um fluido

magnético, num estado entre a vigília e o sono, sem nada mais conservar da sua percepção do mundo que um sentimento de gratidão a que se misturava a agitação. Ela avançava, soberba e leve, semelhante à suave melodia encarnada, e de todo o seu corpo manava um perfume parisiense que submergiu a alma de Kamal. Mal os olhos deles se cruzaram, no olhar e nos lábios de Aida um pequeno sorriso brilhou, ao mesmo tempo caloroso, manso e aristocrático, ao qual respondeu com um sorriso confuso e inclinando a cabeça. Naquele momento, Hussein dirigiu a palavra a Aida e disse:

- Tu e Budur, sentem-se no banco de trás...

Kamal recuou um passo, abriu a porta de trás do carro e ficou imóvel em pé, qual um serviçal, recebendo em troca um sorriso e um agradecimento em francês. Assim permaneceu até Budur e a sua adorada terem entrado, após o que fechou a porta e entrou no automóvel ao lado de Hussein, que tocou de novo a buzina, olhando na direcção do palácio. Não passou muito tempo até que chegasse o porteiro com um pequeno cesto que poisou perto da mala de Kamal, entre este último e Hussein, que a sorrir e apontando com o dedo para o cesto e a mala, disse:

- Que graça teria dar uma voltinha sem mantimentos?!

O automóvel arrancou de supetão e partiu rumo à Rua de el-Abbassiyya. Voltando-se para Kamal, Hussein Shaddad disse:

- Fiquei a saber muitas coisas acerca de ti. E hoje terei a possibilidade de obter novas informações relativas ao teu apetite. Quer-me parecer que, não obstante a tua magreza, és um bom garfo. Ou estou enganado?

Kamal, feliz e jovial mais do que homem algum poderia ambicionar, volveu num sorriso:

- Espera e logo verás por ti mesmo...

Estavam juntos, no mesmo carro, ele e a sua adorada. Uma situação que tão-só nos sonhos podia suceder.

As esperanças segredavam-lhe: "Se estivesses sentado no banco de trás e ela no da frente, poderias saciar os teus olhos com a sua visão, durante todo o trajecto, sem censuras... Não sejas demasiado sôfrego e mal-agradecido, prosterna-te antes com louvor e gratidão. Liberta a tua mente de todos estes pensamentos, purga a tua alma do alvoroço das paixões e vive com plena consciência o presente instante. Acaso

não vale mais do que a vida?"

- Não pude convidar Hassan e Ismael para esta nossa pequena excursão!

Kamal olhou para ele com uma expressão interrogativa, sem proferir uma palavra, enquanto o coração lhe palpitava de alegria e acanhamento em simultâneo, por aquela prerrogativa que a ele tão-só fora reservada! No entanto Hussein recomeçou a dizer, num tom de justificação:

- O carro, como vêes, não pode conter todos...

- É claro - replicou Kamal com uma voz imperceptível. O outro prosseguiu, sorrindo:

- E, aliás, se tivesse de escolher, teria escolhido alguém como tu. Ninguém pode duvidar de que temos as mesmas inclinações nesta vida, não é?

Com o rosto reluzente de uma alegria que lhe alagava o coração, Kamal aquiesceu:

- Claro...

Para acrescentar logo a seguir, numa gargalhada:

- Só que eu contento-me com uma viagem espiritual, enquanto tu ao que parece só hás-de ficar satisfeito quando conseguires aliar à viagem espiritual aquela outra à volta do mundo...

- Não te excita a ideia de viajar por todos os cantos do nosso vasto mundo?

Kamal reflectiu um momento e respondeu:

- Julgo ter uma natureza, na sua essência, sedentária. Tenho quase a impressão de que o pensamento de viajar me atemoriza... Quero dizer, o movimento e o tumulto, não a observação e a descoberta de outras coisas. Agradar-me-ia se o mundo pudesse girar em torno de mim aqui onde estou!

Hussein rebentou numa gargalhada deleitosa e espontânea, e disse:

- Ora, mantém-te dentro de um balão imóvel, se assim preferires, e olha a terra que gira por baixo de ti!

Kamal escutou com real prazer a gargalhada suave e genuína de Hussein. Voltou-lhe à memória a imagem de Hassan Salim e pôs-se a comparar as duas espécies de aristocracia: uma caracterizada pela gentileza e a franqueza; a outra, pela frieza e por um sentimento de superioridade. Ambas, no entanto, esplêndidas. Kamal recomeçou a

dizer:

- Felizmente, as viagens espirituais não exigem impreterivelmente deslocções...

Hussein arqueou as sobrancelhas com uma expressão de dúvida, mas absteve-se de continuar a repisar no seu argumento e disse divertido:

- O que importa é estarmos a fazer juntos esta pequena excursão e as nossas inclinações terem afinidades nesta vida...

Nisso foi surpreendido nas suas costas pela voz doce de Aida que dizia:

- Em conclusão, Hussein ama-te como Budur!

Aquela frase fragrante de amor e angelicamente melodiosa penetrou-lhe no coração e fê-lo pairar, embevecido e em êxtase, como uma melodia encantadora que, de súbito, se solta das notas de um canto, inopinada, insólita e impensável e que deixa quem a ouve suspenso entre a razão e a demência... "O teu ídolo diverte-se com as expressões de amor e arroja-as para cima de ti, sem saber que está a atirar magnésio sobre um coração já incendiado. Reaviva o seu eco para que possas evocar de novo os cantos de amor entoados pelos seus lábios. O amor é um refrão antigo que ressurge com renovada maravilha na harmonia criadora de uma voz. Ó meu Deus, sou aniquilado por este excesso de felicidade!" Comentando as palavras da irmã, Hussein acrescentou:

- Aida traduz os meus pensamentos na sua linguagem feminina.

O carro virou rumo a es-Sakakini e, em seguida, para a Rua Rainha Nazli e a Rua Fuad. Daí dirigiu-se para Zamalek, a uma velocidade que Kamal considerava doida.

- O céu está carregado de nuvens, mas para nós seriam necessárias muitas mais para termos a certeza de passar um dia ameno aos pés das Pirâmides...

A voz magnífica da jovem elevou-se de novo dirigindo-se, pelo menos em aparência, a Budur:

- Espera que tenhamos chegado às Pirâmides e aí poderás sentar-te ao lado dele durante o tempo que quiseses...

Hussein perguntou-lhe a rir:

- O que é que Budur quer?

- Quer sentar-se ao lado do teu amigo.

"O teu amigo"! Porque não diz ela Kamal^[82]? Talvez não lhe agrade o sentido deste nome que aquele que o carrega não pretende encarnar?" Hussein voltou-se para Kamal, dizendo:

- Ontem o meu pai ouviu-a perguntar-me: "Uncle Kamal^[83] virá connosco às Pirâmides?" e, por isso, perguntou-me quem era este Kamal e, quando lho expliquei, perguntou a Budur: "Gostarias de casar com uncle Kamal?" e ela respondeu, com toda a simplicidade: "Sim!"

Kamal voltou-se para trás, mas a menina deslocou-se e encostou-se contra o ombro da irmã. Ele relanceou outra vez aquele rosto deslumbrante, depois virou a cabeça e disse num tom esperançado:

- Esperemos que quando for crescida não se esqueça das suas palavras! Quando o carro alcançou o caminho de el-Giza, Hussein redobrou de velocidade.

O motor rugiu e o silêncio apoderou-se deles.

Kamal aproveitou para melhor se recolher em si mesmo e saborear a felicidade que experimentava. No dia anterior, tinha-se falado dele em família e o senhor da casa escolhera-o para esposo da pequena... "O trinados de flores e de felicidade. Guarda no teu coração cada palavra proferida... Inebria-te com a fragrância parisiense e enche os teus ouvidos com o arrulhar da pomba e o gemido da gazela. Talvez te hás-de recordar delas nas noites de insónia... as palavras da amada carecem da sabedoria dos filósofos e da fineza dos literatos: como podem então agitar-te até ao mais fundo de ti e fazer irromper de ti as nascentes da felicidade?... É isto que torna a felicidade um segredo no qual se perdem as mentes e os intelectos... O vós que vos afadigais a correr atrás da felicidade, eu encontrei-a! Encontrei-a numa palavra desprovida de sentido e numa língua desconhecida e obscura, encontrei-a no silêncio e mesmo no nada! O meu Deus... Quão majestosas são estas árvores que se erguem de ambos os lados do caminho, abraçando-se no alto e formando por cima dele um céu verde-escuro... E este Nilo, que enquanto corre é enriquecido, pelo sol policromo, com um manto de pérolas.

Quando é que viste este caminho pela última vez? Numa excursão às Pirâmides, quando frequentava o terceiro ano e sempre jurei a mim mesmo que ali voltaria sozinho. Atrás de ti agora está sentada aquela que te inspira uma visão nova das coisas e as aformoseia,

metamorfoseando até o antigo curso da existência do bairro. Acaso podes desejar mais do que isto?

Sim, que o automóvel continue a viajar eternamente na circunstância em que nos achamos agora! Meu Deus, será este o dilema que te dominava quando te interrogavas acerca do que esperas deste amor?

Caiu sobre ti a revelação do momento, reputada impossível, por isso desfruta o instante que te é concedido.

Eis as Pirâmides que ao longe se perfilam minúsculas e aos pés das quais, pelo contrário, em breve, estarás qual uma formiga junto do tronco de uma árvore majestosa..."

- Vamos visitar o túmulo do nosso primeiro antepassado!

- Para ler a Al-Fatiha em caracteres hieroglíficos - acrescentou Kamal, rindo.

- Uma nação que só deixou aos seus descendentes túmulos e cadáveres! - replicou Hussein, gracejando. Depois, apontando para as Pirâmides: - Olha que trabalho deitado ao ar...

- Isto é que é a eternidade!... - exclamou Kamal com arrebatamento.

- Ora! Estás sempre pronto a tomar a defesa! O teu patriotismo roça a obsessão, nisso concordamos. Se fosse possível, antes preferiria estar na França do que no Egipto...

Kamal respondeu, encobrindo a sua mágoa por trás de um sorriso complacente:

- Lá encontrarás os Franceses que são o povo mais patriótico que existe à face da terra!

- É verdade, o patriotismo é uma doença universal. Mas tal como a França é agrada-me e o que amo nos Franceses são aquelas qualidades que nada têm a ver com o patriotismo.

Aquela afirmação foi triste e desagradável para Kamal, mas não suscitou nele animosidade, porque procedia de Hussein Shaddad... Ismael Latif exasperava-o, por vezes, com a sua leviandade... e Hassan Salim irritava-o com a sua sobrançaria... mas Hussein gozava da sua benevolência em todas as circunstâncias...

O carro deteve-se não longe da base da Pirâmide maior, estacionando no extremo de uma longa fila de carros vazios. Aqui e ali surgia uma turba abundante que se espalhava em pequenos grupos. Havia quem partia sobre um burro ou um camelo ou escalava a

Pirâmide, que se ergue no centro qual um gigante lendário. Do outro lado, a um nível inferior, estendia-se a cidade, os cimos das árvores, o tracejado das águas e os terraços das casas. Onde poderia situar-se Bain el-Qasrain no meio de tudo isso? Onde ficaria a velha casa e a mãe que dava de beber às galinhas sob a pérgula de jasmim?"

- Deixemos tudo no carro para podermos andar à vontade.

Saíram todos do carro e caminharam em fila indiana, desde Aida, seguida de Hussein, que Budur seguia, e, por fim, Kamal, que segurava na mão da sua pequena amiga. Circularam em redor da Pirâmide maior, observando-a sob todos os ângulos, e depois penetraram no deserto. A areia tolhia-lhes os passos e travava-lhes o impulso, porém soprava uma leve brisa revigorante; por vezes, o sol aparecia e desaparecia, e massas de nuvens expandiam-se no horizonte, desenhando na tela celeste imagens espontâneas com que brincava a brisa a seu bel-prazer. Hussein, respirando a pleno pulmões, exclamou:

- Lindo... lindo...

Aida pronunciou algumas palavras em francês. Kamal, graças às escassas noções que possuía da língua, compreendeu que traduzia as palavras do irmão. Expressar-se noutra língua era algo habitual para ela, o que por um lado, esbatia o fanatismo de Kamal pela língua materna e, por outro, o subjugava a uma expressão de beleza feminina.

- É deveras lindo, louvado seja Allah, o Glorioso!

- Vês sempre, atrás de todas as coisas, ou Allah ou Saad Zaghlul! - disse Hussein a rir.

- No que se refere ao primeiro, penso que concordas comigo!

- Mas o facto de estares sempre a mencioná-lo confere-te um ar muito religioso, como se fosses algum teólogo.

Depois, num tom condescendente:

- Não é de estranhar, visto que vens do bairro da religião!

Não encerrava aquela frase um certo escárnio? E Aida, partilhá-lo-ia? Que opinião ambos teriam acerca do velho bairro? Com que olhos el-Abbasiyya olhava para Bain el-Qasrain e en-Nahhasin? "Ora, tens vergonha? Calma, Hussein não dá a impressão de nutrir praticamente nenhum interesse pela religião e parece que a tua adorada ainda menos se preocupa com isso. Acaso não disse ela, certo dia, que seguia lições de religião cristã no Instituto 'La Mère de Dieu'^[84], que assistia

às missas e cantava os cânticos?...

Mas é muçulmana! Muçulmana, embora não conheça muito sobre o Islão. O que pensas disso?

Amo-a, amo-a a ponto de idolatrá-la, e amo o seu jeito de ser religiosa, com todo o pesar que isso me acarreta. Confesso-o e peço perdão ao meu Deus!"

Hussein indicou com a mão a beleza e a grandiosidade de tudo o que os envolvia, após o que disse:

- Eis o que me cativa verdadeiramente. Quanto a ti, não passas de um exaltado pelo patriotismo! Compara esta natureza magnífica às manifestações, a Saad, a Adli e aos camiões pejados de soldados!

- A natureza e a política são ambas magníficas - replicou Kamal, a sorrir. Num repente, Hussein, como se recordasse por associação de ideias algo relevante, exclamou:

- Quase esquecia, mas o teu líder demitiu-se!

Kamal sorriu com amargura e não replicou, enquanto o outro, um tanto a querer espicaçá-lo, prosseguiu:

- Demitiu-se, após ter perdido o Sudão e a Constituição!

Com uma serenidade que se não estaria à espera dele outras circunstâncias, Kamal respondeu:

- O assassinio de Sir Lee Stack^[85] foi um golpe contra o ministério de Saad...

- Deixa-me que te repita as palavras de Hassan Salim: "Este acto de hostilidade é a demonstração do ódio que alguns, entre os quais os culpados pela morte, nutrem pelos Ingleses. E Saad Zaghlul é o principal responsável pelo exacerbar deste ódio!"

Kamal sufocou a cólera que nele suscitara a alusão à "opinião" de Hassan Salim e, com a serenidade que era devida à presença da sua adorada, retorquiu:

- Esta é a opinião dos Ingleses! Nunca leste os artigos do el-Ahram^[86]? Realmente, não é estranho que os constitucionais liberais a tentem espalhar. Fomentar a hostilidade contra os Ingleses é um mérito para Saad...

Nisso, Aida interveio, perguntando com um olhar de reprovação e de advertência a que se misturava um sorriso cativante:

- Mas, enfim, trata-se de uma excursão ou de um debate político? Kamal apontou Hussein e disse, com um tom de escusa:

- O culpado, que trouxe o assunto à baila, está aqui ao teu lado...
- Julguei apropriado manifestar os meus pêsames pela demissão do Líder, nada mais! - justificou-se Hussein rindo e passando os dedos delgados por entre os cabelos de seda. Depois, com um ar grave, perguntou:

- Não participaste nas gigantescas manifestações que aconteceram no vosso bairro na época da revolução?

- Ainda não tinha atingido a maioridade!

Ao que Hussein replicou, com um tom não isento de um subtil sarcasmo:

- Seja como for, pode-se considerar o episódio da loja de basbusa ^[87] como uma participação na revolução!

Todos eles riram, e até Budur se lhes associou, por imitação, e deles saiu um som como que procedente de um quarteto composto por duas trombetas, um violino e uma flauta.

Após uma breve pausa de silêncio, Aida tornou a dizer, para socorrer Kamal:

- Basta-lhe ter perdido ali o irmão!...

- É verdade! Perdemos o melhor da nossa família... - suspirou Kamal, movido pelo sentimento de orgulho que lhe perpassava o coração, quase a pedir uma maior compreensão por parte deles.

- Estudava Direito, não é? - voltou a perguntar Aida com interesse. - Quantos anos teria ele hoje?

- Vinte e cinco anos... - depois, com um tom entristecido: - Era um génio, na verdadeira acepção da palavra...

Hussein replicou, fazendo estalar os dedos:

- Era!... Isto é o nacionalismo! Como podes ainda acreditar nisso?

- Todos morreremos - replicou Kamal a sorrir. - Mas há morte e morte!

Hussein fez de novo estalar os dedos, sem comentar, como se não tivesse entendido a significação das palavras de Kamal. O que o levava a falar de política? Não tinha mais com que se alegrar agora. As pessoas tinham olvidado combater contra os Ingleses distraídas pela animosidade dos partidos. Para o diabo tudo isto! Quem respira o ar do paraíso não deve estar atormentado por inquietações terrenas, pelo menos por ora... "Estás a caminhar ao lado de Aida, no deserto das Pirâmides. Pensa nesta realidade maravilhosa e clama-a para que os

construtores das Pirâmides te ouçam. O ídolo e o seu adorador caminham lado a lado sobre a areia. O amante, pela violência da paixão, é quase arrebatado no ar, enquanto o amado se distrai a contar as pedras. Se a doença do amor fosse contagiosa, não te preocuparias com as suas dores... O vento levanta a orla do seu vestido, insinua-se na auréola dos seus cabelos e penetra no fundo do seu peito... Como a brisa é feliz!

Sobre as Pirâmides, as almas dos enamorados abençoam a caravana, admiram o objecto do culto e compadecem-se com o adorador, e redizem com a língua do tempo: 'Nada é mais poderoso do que a morte, tirando o amor.'

Vê-la a escassos palmos de ti, embora ela seja, na verdade, igual ao horizonte: imaginas que pertence à terra, enquanto desaparece no ponto mais alto do firmamento...

A que ponto tinhas a esperança de poder tocar na sua mão durante este passeio, mas parece que deixarás este mundo sem te deleitares com o contacto da sua pele. Porque não tens a coragem de te atirares aos pés dela e beijá-los? Porque não agarras numa mão-cheia desta areia pisada para dela fazeres um talismã que te proteja da dor das noites insones a pensares nela? Tudo demonstra que não é possível ter outra proximidade com o ídolo adorado a não ser através dos cânticos ou da loucura. Canta, pois, ou então enlouquecerás..."

Sentiu a mão da menina puxar a sua e olhou para ela. Budur estendeu-lhe as mãozinhas pedindo-lhe que a tomasse nos seus braços e Kamal inclinou-se para levantá-la, mas Aida objectou:

- Não! A fadiga começa a fazer-se sentir, repousemos um pouco... Sentaram-se conforme a mesma disposição com que avançavam, sobre um rochedo, por cima da encosta que conduzia à Esfinge.

Hussein estendeu as pernas, afundou os calcanhares na areia, enquanto Kamal se sentava, de pernas cruzadas, puxando para junto de si Budur.

Entrementes, Aida, sentada à esquerda do irmão, pegava no seu pente e punha-se a pentear os cabelos, passando a ponta dos dedos pelas madeixas. O olhar de Hussein incidiu fortuitamente sobre o fez de Kamal e perguntou-lhe, com um tom de condenação:

- Porque usas o fez num passeio como este? Kamal retirou o fez e pousou-o no colo.

- Não estou habituado a sair sem ele... - retorquiu.
- És uma bela amostra de um homem conservador! - replicou

Hussein a rir.

Kamal interrogou-se se tais palavras queriam exprimir um elogio ou uma crítica.

Teria desejado pedir-lhe esclarecimentos, mas Aida inclinou-se ligeiramente para a frente, virando-se para ele para observar a sua cabeça. Esqueceu o que tinha pensado fazer e concentrou a sua atenção na sua cabeça, com alguma inquietação. A sua cabeça aparecia agora descoberta e revelava o seu volume, descobrindo os cabelos escorridos e desleixados, e eis que os seus lindos olhos o fitavam. Que efeito teriam sobre estes?

- Porque não deixas crescer o cabelo? - perguntou-lhe com uma voz melódica.

Uma pergunta que ele nunca poderia ter esperado. A cabeça de Fuad Gamil el-Hamzawi era igual, bem como a dos seus colegas, no antigo bairro. Yassin só fora visto a deixar crescer o cabelo e o bigode quando se empregara.

Como podia ele imaginar encontrar-se todas as manhãs com o pai, à mesa do pequeno-almoço, com o cabelo bem penteado?

- Porque haveria eu de deixá-lo crescer?
 - Não achas que te ficaria melhor? - perguntou Hussein, pensativo.
 - É-me completamente indiferente...
 - Parece que nasceste para ser professor - replicou a rir Hussein.
- "Estaria a elogiá-lo ou a criticá-lo? Seja como for, deixa que a tua cabeça desfrute desta atenção celestial!"

- Fui feito para ser estudante...

- Boa resposta... - em seguida, alteou a voz e perguntou: - Ainda não me falaste da Escola Superior de Professores de uma maneira exaustiva. O que achas dela, agora que já passaram sensivelmente dois meses?

- Espero que seja um bom trampolim para o universo que tenho em mente. Agora estou a tentar conhecer, com o auxílio dos meus professores de inglês, o sentido de palavras complexas como "cultura", "filosofia" e "pensamento"...

- Mas trata-se da cultura humanística, a que todos nós aspiramos...
- Sim, mas ao que parece, é um oceano em que nos perdemos -

contrapôs Kamal atarantado. - Devemos conhecer os seus confins, saber com maior clareza aquilo que queremos. É um autêntico problema...

Nos belos olhos de Hussein agitou-se um clarão de interesse, enquanto dizia:

- Para mim, não considero que isto seja um problema. Leio contos e dramas franceses, pedindo a ajuda de Aida para perceber melhor os textos complicados, e ouço igualmente com ela excertos escolhidos da música ocidental, alguns dos quais ela toca com maestria ao piano. Recentemente, li um livro que resumia a filosofia grega de uma maneira simples e corrente.

Se desejo viajar é para a mente e para o corpo. No que te diz respeito, pelo contrário, ao que me consta também queres escrever. E isto exige que conheças os limites e os objectivos...

- O pior em tudo isso é que não sei exactamente o que escrever!

- Queres ser escritor? - perguntou-lhe Aida, sorridente.

- Talvez!... - respondeu ele, enquanto era submergido por uma vaga de felicidade difícil de se encontrar entre os homens.

- Poeta ou romancista?... - e, inclinando-se para a frente para melhor o observar, acrescentou:

- Deixa que seja o sentido da fisiognomonia que possuo a decidi-lo.

"Esgotei a minha poesia a dialogar às ocultas com a tua sombra. A poesia é a tua língua sacra, não poderei torná-la num ofício. Os meus prantos secaram a sua nascente nas trevas da noite. Quanto me alegra e quanto me entristece ser objecto dos teus olhares! Vivo sob o teu olhar tal como pode viver a terra debaixo do olho do sol..."

- Poeta, sim, és um poeta...

- A sério? E como sabes?

Ela endireitou-se e um sorriso imperceptível escapou-se-lhe, qual o rumorejar das esperanças.

- A fisiognomonia é um conjunto de intuições. Como será possível explicá-la?

- Estás a brincar! - disse Hussein a rir. Mas Aida protestou:

- De forma alguma! Se ser poeta não te agrada, não o sejas!...

"A natureza criou a abelha rainha, fazendo do jardim a sua morada, do néctar das flores a sua bebida, do mel a sua saliva e como recompensa para o homem que circula em redor do seu trono... uma

ferroada... Mas ela disse: 'De forma alguma!'

- Já leste algum romance francês? - tornou a dizer Aida.

- Alguma coisa traduzida de Michel Zévaco. Como sabes, não leio francês...

- Não serás um escritor enquanto não aprenderes francês - acrescentou Aida com ardor. - Lê Balzac, George Sand, Madame de Staël e Loti e posteriormente escreve um romance.

- Um romance? - respondeu Kamal num lamento. - Trata-se de um género marginal. Sonho com uma obra marcante...

- Na Europa, o romance é um trabalho importante - replicou Hussein num tom grave. - Alguns escritores dedicam-se unicamente a este género literário que faz deles seres imortais. Não estou a propugnar por algo que não sou, mas o meu professor de francês asseverou-me que assim é.

Kamal meneou a sua grande cabeça, não convencido, e Hussein prosseguiu dizendo:

- Cuidado, não irrites Aida. É uma leitora entusiasta de romances franceses. Ou melhor, sente-se como se fosse uma das suas heroínas!

Kamal inclinou-se levemente para a frente e alongou o seu olhar para ela, para aí ler o efeito das palavras de Hussein, aproveitando o ensejo para saciar os seus olhos com a figura encantadora de Aida. Por conseguinte, perguntou:

- Como assim?

- O romance envolve-a de uma maneira estranha e enche a sua cabeça de uma vida imaginária. Certa vez, surpreendi-a a devanear na frente do espelho. Perguntei-lhe o que tinha e ela respondeu-me: "Era assim que caminhava Afrodite à beira-mar em Alexandria!"

Aida, com um trejeito sorridente, replicou-lhe:

- Não acredites nele. Vive ainda mais absorto na imaginação do que eu, mas tem sempre de me caluniar...

"Afrodite?... E quem seria esta Afrodite, ó minha adorada? Aflige-me, por amor da tua perfeição, saber que te imaginas sob feições diversas das tuas!"

- Não te preocupes com isso - disse ele com sinceridade. - Os heróis de el-Manfaluti e de Rider Haggard açambarcam a minha imaginação!...

Hussein rebentou numa enorme gargalhada e exclamou:

- Que lindo seria se todos nós estivéssemos reunidos num livro! Para quê permanecer na terra já que estamos tão ávidos de fantasia? Cabe-te a ti realizar este sonho. Eu não sou escritor e não quero tornar-me num, mas tu és capaz, se o quiseres, de nos reunir num só livro.

"Aida num livro do qual serias o autor? Será prece, sofismo ou desvario?!"

- E eu?

A voz de Budur elevou-se inopinada, como um protesto, e os três desataram a rir.

- E não te esqueças de escrever também um trecho para Budur! - disse Hussein num tom de advertência.

Kamal, apertando meigamente a pequena entre os braços, respondeu:

- Estarás na primeira página.

- O que escreverás acerca de nós? - perguntou Aida, enquanto volvia o seu olhar para o horizonte.

Não sabia o que dizer. Procurou ocultar o seu embaraço com uma risada sufocada, mas Hussein respondeu no seu lugar:

- Aquilo que os escritores escrevem. Uma história apaixonante e violenta que acaba com a morte ou o suicídio!

"Eles arremessam com pontapés de um para o outro o teu coração, à laia de gracejo..."

- Espero que este seja só o final do herói! - interveio Aida a rir. "O herói seria incapaz de imaginar a sua amada mortal!"

- É mesmo forçoso que termine com a morte ou o suicídio? - perguntou Kamal.

- E o fim natural para uma história passional e violenta! - respondeu Hussein a rir.

Para fugir à dor ou preservar a felicidade, a morte parecia uma coisa almejada.

- Tudo isso é deveras triste! - replicou num tom irónico. Hussein recomeçou a dizer:

- Não o sabias? Parece que ainda não tiveste a experiência da paixão!... "Há um momento na nossa vida de todos dias em que chorar tem o efeito da anestesia numa operação cirúrgica."

- O que me importa - acrescentou Hussein - é que guardes igualmente para mim um lugar no teu livro, mesmo se me achasse

longe deste país..,

Kamal fitou-o longamente, após o que disse:

- A ideia de partir nunca te abandona, não é?

O tom de Hussein Shaddad tornou-se de súbito sério.

- Quero viver, quero viajar à minha maneira de uma ponta à outra, para cima e para baixo... E depois que venha a morte...

"E se esta chegasse antes de tudo isso? Poderia acontecer? O que é esta tristeza que quase te mata? Esqueceste por acaso Fahmi? A vida nem sempre se mede em comprimento e largura. A tua vida foi um relampejar, mas foi inteira. Se assim não fosse, para que serviriam a virtude e a eternidade? Mas estás triste por outra razão. É como se fosse difícil para ti admitir que a distância não é uma coisa relevante para o teu amigo, tão ansioso de partir. Como será o teu mundo depois dele? Como será se a sua partida te tornar inacessível o palácio amado? Quão ilusório é o sorriso de hoje! Ela agora está junto de ti, a sua voz penetra nos teus ouvidos e o seu perfume nas tuas narinas. Poderás deter a corrida do tempo? Viverás o resto da vida a rodear em torno do seu palácio qual um desatinado?"

- Se queres a minha opinião, adia a tua partida enquanto não tiveres acabado os estudos...

- Isto é o que o meu pai lhe disse repetidas vezes... - aprovou Aida com entusiasmo.

- É a voz da razão...

Mas Hussein retrucou com um tom irónico:

- Será mesmo fundamental memorizar o direito civil e o romano para melhor apreciar a beleza do mundo em que vivo?

Aida voltou-se de novo para Kamal dizendo-lhe:

- O meu pai repreende-o muitas vezes por causa de todos estes sonhos. Desejaria vê-lo juiz ou tê-lo a trabalhar consigo, no mundo das finanças...

- A magistratura... as finanças!... Nunca me tornarei juiz. Ainda que obtivesse a licenciatura e pensasse seriamente em achar um emprego, dedicar-me-ia de preferência à carreira diplomática. Quanto ao dinheiro, ainda quer mais? Já somos mais ricos do que é possível ser.

"Como é estranho ser mais rico do que é possível ser! Outrora sonhavas ser comerciante como o teu pai e ter um cofre-forte igual ao seu. Agora a riqueza já não entra nos teus sonhos. Não desejas ser livre

de qualquer liame para te consagrares à aventura espiritual? O que há de mais miserável do que uma vida consumida na busca da subsistência?"

- Ninguém na minha família compreende as minhas aspirações. Consideram-me um menino mimado. Certo dia, o meu tio materno disse--me com sarcasmo: "Não se podia esperar nada melhor para o único herdeiro varão da família!" Tudo isso porquê? Porque não venero a riqueza e lhe prefiro a vida? Percebes? A nossa família acredita que toda a actividade que não produza um acréscimo de riqueza é mera frivolidade. Cobiçam os títulos honoríficos como se fossem o paraíso perdido. Sabes porque amam o quediva? Quantas vezes me disse a minha mãe: "Se o Nosso Afendi^[88] tivesse permanecido no trono, há muito que o teu pai se teria tornado paxá!" O dinheiro, que eles tanto amam, torna-se de escasso valor e é deitado pelas janelas quando se trata de receber um príncipe quando este nos dá a honra da sua visita... Depois, rindo:

- Não te esqueças de mencionar estes pormenores estranhos se algum dia te dedicares à urdidura do livro que te sugeri.

Ainda não acabara de falar quando Aida se apressou a dizer, dirigindo-se a Kamal:

- Espero que não te deixes influenciar, na tua obra, pelo juízo deste irmão mal-agradecido que desta maneira denigre a nossa família!

- Allah não queira que a tua família seja denegrida pela minha mão!
- exclamou Kamal num tom obsequioso. - Mas, tirando isto, não há nada de infamante naquilo que ele disse...

Aida riu satisfeita, ao passo que nos lábios de Hussein se delineava um sorriso de indulgência, não obstante as suas sobrancelhas que se haviam erguido com uma expressão de pasmo... A sensação que Kamal retirou do discurso de Hussein foi que este último não fora inteiramente sincero no seu ataque à sua família.

Sim, não duvidava dele quando afiançava não ser escravo do dinheiro e preferir-lhe a vida: esta disposição de espírito do amigo que Kamal recusava atribuir tão-só à abundância do dinheiro, mas que preferia ligar antes à vastidão do horizonte daquele, porque a riqueza não impedia que muitos idolatrassem o dinheiro. No entanto, teve a impressão de que aquelas alusões ao quediva, aos títulos nobiliárquicos e às recepções de príncipes haviam sido na realidade

feitas com uma espécie de contentamento para consigo mesmo, emolduradas por expressões de um ressentimento crítico. Destarte, nem tudo eram louvores ou censuras, mas era como se Hussein tivesse orgulho no seu coração de coisas que o seu pensamento condenava. Ou talvez ironizasse de facto acerca de tudo isso, mas não tinha o menor pejo em torná-lo visível diante de alguém que, por certo, ficaria emocionado e deslumbrado por muito que com ele concordasse na sua crítica.

- Qual de nós será o herói do teu livro: eu, Aida ou Budur? - perguntou Hussein com uma serenidade risonha.

- Eu! - gritou Budur e Kamal, estreitando-a contra si, disse-lhe:

-Estamos de acordo.

Em seguida, respondeu a Hussein:

- Isto permanecerá um segredo, até que o livro venha a lume!

- E que título escolherás para este livro?

- "A Volta ao Mundo de Hussein!"

Os três desataram a rir, porquanto aquele título lhes evocava o espectáculo que se estava a representar no Majestic com o título "A Volta ao Mundo do Bárbaro".

- Já foste ao teatro? - perguntou-lhe Hussein a este respeito.

- Não. Por ora, basta-me o cinema...

- Não é permitido ao autor do nosso livro sair após às nove da noite! - disse Hussein a Aida.

- Seja como for - objectou Aida num tom sarcástico -, é preferível àqueles a quem é permitido dar a volta ao mundo!

Nisso, Aida voltou-se para Kamal e perguntou-lhe com uma suavidade própria para, de antemão, atraí-lo para o seu lado:

- Será deveras censurável que um pai espere que o seu filho cresça seguindo o seu exemplo de actividade e de respeitabilidade? Será censurável na vida correr atrás do dinheiro, ou da dignidade, dos títulos honoríficos e dos mais altos valores?

"Fica onde estás, ó minha adorada! O dinheiro, a dignidade, os títulos, os altos valores hão-de precipitar-se ao teu encontro e virão beijar as pegadas dos teus pés. Como responder quando na resposta que exigis que eu dê está o meu suicídio? Pobre do meu coração, que deseja o que não pode desejar!"

- Não há nada de censurável em tudo isto, seguramente... - depois,

após uma breve interrupção:

- Desde que esteja em conformidade com a índole da pessoa!

Aida continuou:

- E com a índole de quem tal não estaria em conformidade? O estranho é que Hussein não abdica desta vida de luxo para aspirar a coisas mais elevadas. Nada disso, meu senhor! Sonha simplesmente em viver sem trabalhar. Uma vida de prazer e de ócio. Tudo isso não é estranho?

- Não é assim que vivem os príncipes que vocês tanto idolatram? - perguntou Hussein, rindo zombador.

- É porque não podem aspirar a uma existência mais elevada do que aquela que vivem. O que tens a ver com eles, tu que não passas de um mandrião!

Hussein voltou-se para Kamal e, com uma voz não desprovida de um laivo de agastamento, disse-lhe:

- A regra que se observa na nossa família é a de trabalhar para aumentar a riqueza e consolidar a amizade com pessoas influentes, manobrando com subtileza no intento de obter o título de bey, após o que se redobram os esforços para aumentar ainda mais a riqueza e estreitar a amizade com a fina-flor da nossa elite até alcançar o título de paxá. Por fim, tem por objectivo último da sua existência o de granjear a simpatia dos príncipes e com isso se dar por satisfeito, visto que o título de príncipe não se adquire nem por meio do trabalho nem por meio da astúcia.

"Sabes quanto nos custou a última visita do príncipe? Dezenas de milhares de guine^[89] gastas para comprar mobílias novas e obras de arte valiosas provenientes de Paris!"

- Aquele dinheiro não foi gasto para granjear a simpatia do príncipe nesta qualidade - reagiu Aida - mas porque era o irmão do quédiva. A razão da nossa cortesia foi a fidelidade e a amizade, não o desejo de granjear a sua simpatia ou de o adular. Trata-se de uma demonstração de honra que nenhuma pessoa com bom senso poderia contestar.

- Mas o pai - redarguiu Hussein com teimosia - continua a fortalecer as suas relações com Adli, Tharwat, Rushdi e outros, relativamente aos quais o quédiva poderia ter algumas desconfianças!... Não quer isto conformar-se à máxima que diz: "O fim justifica os meios"?

- Hussein - gritou Aida com uma voz jamais ouvida, uma voz cheia

de ressentimento pelo orgulho, pela indignação e pela censura, como se quisesse avisar o irmão que não era justo proferir tais palavras ou pelo menos fazê-lo abertamente na presença de um "estranho". Kamal corou de vergonha e dor e aquele ar de felicidade, ao qual se tinha entregado por um instante desde que se sentira parte daquela família amada, desvaneceu-se quase de súbito. Aida tinha, a cabeça erguida e os lábios cerrados. Dos seus olhos emanava uma expressão de indignação, ainda que nenhuma marca aparecesse na sua fronte. Estava, em suma, irritada! Mas como convém a uma verdadeira rainha. Kamal nunca até então a tinha visto exasperada e nem supunha que o pudesse ficar. Confuso e alvoroçado, observou o rosto dela e sentiu-se invadido por um sentimento de opressão tal que teria desejado adiantar algum pretexto para pôr termo à discussão. Mas ao cabo de uns instantes, voltou a si e principiou a saborear a fascinação daquela régia transformação no semblante angelical de Aida e a experimentar aquela labareda de orgulho, aquela aragem de soberba e aquele céu de tormenta!

- A amizade do pai com aqueles que acabaste de nomear -
recomeçou Aida como que a querer ser ouvida por Kamal - data de há muito, bem antes de o quédida ter sido destituído.

Sinceramente desejoso de desfazer aquela nuvem, Kamal perguntou a Hussein com uma expressão zombeteira:

- Se esta é a tua opinião, como podes desprezar Saad por ter sido um azharista^[90]?

Hussein disparou uma das suas gargalhadas genuínas e replicou:

- Odeio a bajulação feita aos poderosos, mas isto não significa que reverencie o vulgo... Amo a beleza e desprezo a fealdade. É lastimável que a beleza se encontre raramente entre o povo!

Aida intrometeu-se na conversa e, com uma voz plácida, disse:

- O que queres dizer quando falas em bajular os poderosos? É uma conduta censurável em quem não faz parte deles. Mas julgo que também nós estamos entre os poderosos e, se tentamos entrar nas boas graças destes é porque também eles agem do mesmo modo conosco...

Kamal quis responder no lugar de Hussein, asseverando com convicção:

- É uma verdade inquestionável...

Logo a seguir, Hussein ergueu-se e disse:

- Já permanecemos sentados tempo que chegue. Recomeçemos a caminhar.

Levantaram-se e prosseguiram o caminho em direcção à Esfinge, sob o céu manchado de sombras, em cujo horizonte se acastelavam nuvens que quase se entrelaçavam e velavam o sol com uma cortina diáfana que se revestia de uma cor branca resplandecente e irradiava limpidez e beleza.

No caminho, encontraram grupos de estudantes e de europeus, homens e mulheres. Hussein, voltando-se para Aida, como que para de forma indirecta se reconciliar com ela, disse-lhe:

- As mulheres europeias miram o teu vestido com interesse! Estás contente?

Os lábios desta abriram-se num sorriso de espanto mesclado de satisfação e, num tom que denunciava a sólida confiança que tinha em si, ergueu a cabeça com uma suave arrogância e respondeu:

- É natural!...

Hussein riu e o rosto de Kamal arvorou um sorriso. Depois, o primeiro disse ao segundo:

- Em todo o nosso bairro, Aida é considerada uma referência no que toca à elegância parisiense...

- É natural... - respondeu Kamal, continuando a sorrir.

Aida recompensou-o com uma doce e ténue risadinha, semelhante ao arrulhar da pomba, que arrancou do seu coração a leve sombra que aquela singular briga aristocrática nele tinha deixado...

"Sábio é aquele que sabe previamente onde há-de pousar o pé. Terás pois consciência da distância que te separa destes anjos. A adorada que te observa do cimo das nuvens olha de alto a baixo até os seus parentes próximos. O que há de surpreendente nisso? Por certo não necessitava de ter parentes ou família. E talvez deles se sirva para fazerem as funções de mediadores entre ela e os seus adoradores. Admira-la na sua doçura e na sua fúria, na sua modéstia e no seu orgulho, no seu bom humor e na sua ira, na sua complacência e na sua exaltação. Todos estes são atributos seus. Dessedenta com amor o teu coração sequioso. Observa-la, a areia dificulta o seu andar, elanguesce a sua ligeireza e os seus passos alongam-se. O seu busto ondeia qual ramo inebriado pela brisa leve, mas oferece à vista uma imagem nova

da graça do seu andar solene e majestoso, comparável à formosura que lhe é habitual quando caminha sobre os mosaicos do jardim.

Se te voltasses para trás, verias a marca dos seus pés ligeiros impressa na areia, ficarias a saber que ela fixa sinais de um caminho ignoto pelos quais se guiam aqueles que se dirigem para os mesmos cumes da existência e para o fulgor da felicidade.

Nas visitas que costumavas fazer antes a este deserto, o teu dia transcorria a brincar e a pular, alheio ao lisonjeiro perfume das ideias, porque a semente do teu coração ainda não tinha desabrochado... Quanto ao dia de hoje, este tem folhas humedecidas pelo orvalho do desejo, que reluzem alegria e destilam dor. E, se te subtraíram a serenidade que a ignorância te dava, obtiveste em troca um suplício celestial... a vida do coração e o hino da luz..."

- Tenho fome... - queixou-se Budur.

- É tempo de regressar, o que acham? - acrescentou Hussein. - Seja como for, temos muito caminho a percorrer. Quem ainda não tem fome agora acabará por ter!

Assim que alcançaram o automóvel, Hussein tirou para fora a mala e o cesto cheio de provisões e pousou-os sobre a carroçaria. Mal levantou a tampa do cesto, Aida propôs que comessem num degrau da Pirâmide. Dirigiram-se para esta e subiram para um dos degraus da base, no meio do qual colocaram a mala e o cesto. Sentaram-se no rebordo, deixando que os pés pendessem. Kamal estendeu um jornal que tinha na mala e ali dispôs os alimentos que trouxera: dois frangos, batatas, queijo, bananas e laranjas. Depois seguiu, com o olhar, as mãos de Hussein, que tirava do cesto a comida "dos anjos": sandes requintadas, quatro copos e uma garrafa térmica... Se bem que a sua comida fosse mais substancial, pareceu-lhe todavia - pelo menos, segundo ele - desprovida da marca da distinção. Foi tomado pela angústia e pela vergonha. Hussein perguntou-lhe - observando os dois frangos com um certo interesse - se por acaso tinha trazido consigo talheres. Kamal tirou da mala facas e garfos, e começou a cortar em pedaços os frangos. Aida tirou então a tampa da garrafa térmica e pôs-se a encher os quatro copos, vertendo um líquido amarelo como o ouro.

Kamal não se pôde conter e, maravilhado, perguntou:

- O que é isto?

Aida riu e não respondeu. Foi Hussein quem, piscando o olho à irmã, respondeu muito simplesmente:

- Cerveja!

- Cerveja? - gritou Kamal aterrado. Hussein acrescentou, num tom de provocação, apontando para as sandes:

- Carne de porco!

- Estás a brincar comigo! Não acredito nisso.

- Acredita e come, mal-agradecido! Trouxemos-te o que de melhor há para comer e o que de mais delicioso há para beber!

Os olhos de Kamal exprimiram toda a sua estupefacção e o seu desgosto. A língua fez-se-lhe num nó e não soube o que dizer. O que mais o perturbava era que aqueles alimentos e aquelas bebidas tinham sido confeccionados em casa e, por conseguinte, os de casa estavam a par e tinham dado a sua bênção.

- Nunca provaste nada disto antes?

- É uma pergunta que não carece de resposta!

- Então provarás pela primeira vez e o mérito será nosso!

- É impossível!

- Porquê?

- Porquê?! Eis uma pergunta que também não merece resposta...

Hussein, Aida e Budur ergueram os copos e beberam alguns goles, depois pousaram-nos no degrau. Os dois primeiros olharam para Kamal, sorridentes, como que a dizerem-lhe: "Vês, não aconteceu nada!"

Em seguida, Hussein disse:

- A religião! Um copo de cerveja não embriaga e a carne de porco é realmente deliciosa e muito nutritiva. Não vejo de que espécie de sabedoria pode ser detentora a religião em matéria de comida!

Ao ouvir aquelas palavras, o coração de Kamal oprimiu-se. Todavia, continuou a ser amável e objectou num tom de censura:

- Hussein, não blasfemes!

Pela primeira vez desde que se encetara a refeição, Aida falou:

- Não faças mau juízo de nós. Bebemos cerveja para abrir o apetite, não por outro motivo, e o facto de que mesmo Budur bebe connosco talvez te convença das nossas boas intenções. Quanto à carne de porco, é efectivamente muito saborosa. Prova-a, não sejas hanbalista^[91]. Não te faltarão ocasiões para obedeceres à religião em coisas mais

importantes do que estas...

Embora as suas palavras fossem substancialmente iguais às de Hussein, fizeram descer, sobre o seu coração dolorido, consolo e paz. Por outro lado, desejoso como estava de não perturbar a serenidade deles nem ferir os sentimentos deles, sorriu com educada complacência e continuou a comer declarando:

- Deixem-me comer os alimentos a que estou habituado e dêem-me a honra de partilhá-los comigo.

Hussein riu. Depois, voltando-se para Kamal mas indicando a sua irmã, disse:

- Acordámos, em casa, não partilhar a tua comida caso tu não partilhasses a nossa de igual modo. Mas tenho a impressão de que fizemos mal os nossos cálculos a teu respeito, por isso, declaro-me liberto do ajuste assumido e penso que também Aida fará o mesmo.

Kamal olhou para ela esperançado e esta disse a sorrir:

- Se me prometeres não pensar mal de nós!

- Abaixo quem pense mal de vocês... - concluiu Kamal feliz.

Comeram com gosto, sobretudo Hussein e Aida. Depois, encorajado por estes, Kamal imitou-os. Ofereceu comida a Budur que se contentou com uma sandes e um pequeno pedaço de peito de frango para a seguir começar a comer fruta. Kamal não pôde resistir ao desejo de olhar disfarçadamente Hussein e Aida enquanto comiam, para observar os modos destes. Hussein devorava a comida sem a menor preocupação, como se estivesse só sem contudo perder os seus modos distintos que, para Kamal, representavam a imagem da sua cara aristocracia na livre expressão da sua natureza! Aida, pelo contrário, revelava na sua natureza angélica um novo estilo de delicadeza, de elegância e de educação, quer ao cortar a carne quer ao pegar com a ponta dos dedos na sandes quer ao mexer a boca para mastigar. Tudo isto sucedia sem a menor presunção ou constrangimento.

Na verdade, aguardara por aquele instante com ansiedade e repulsa ao mesmo tempo, como se duvidasse que ela pudesse comer como o resto dos seres humanos. E, embora agora o seu conhecimento do género de comida com que ela se alimentava perturbasse a sua consciência religiosa, achou, no entanto, na sua "singularidade" e na sua anormalidade em relação aos tipos de alimento habituais nas pessoas que lhe eram familiares uma afinidade que o aproximava dela

cada vez mais. E isto foi um bálsamo para a sua imaginação desnorteada e perplexa. Nele alternavam dois sentimentos antagônicos: em primeiro lugar, a angústia por vê-la cumprir aquela função que a associava ao ser humano e ao animal, e, em seguida, uma espécie de consolo ocorreu nele ao verificar que aquela mesma função a aproximava dele, ainda que parcamente.

Todavia, a sua alma continuou a interrogar-se se ela também satisfazia as demais funções naturais. Não foi capaz de responder nem de forma negativa nem de forma afirmativa e, por fim, desistiu de tal, sentindo uma impressão jamais conhecida antes que continha um mudo protesto contra as leis da natureza!

- Admiro os teus sentimentos religiosos e o teu idealismo moral!

Kamal olhou para ele desconfiado, mas Hussein insistiu:

- Estou a ser sincero, não estou a brincar.

Kamal sorriu timidamente e apontou para o que sobejara das sandes e da cerveja, dizendo:

- No entanto, os vossos festejos durante o mês do Ramadão ultrapassam toda a descrição: lampadários acesos, o Alcorão recitado no hall, os muezzins^[92] que apelam para a oração no salamlifá^[93].

- Com efeito, o meu pai celebra as noites do Ramadão com a maior das pompas seguindo as tradições que o meu avô seguia. Além do mais tanto ele como a mãe jejuam regularmente.

- Também eu - acrescentou Aida num sorriso.

Hussein, num tom sério mas velado de ironia, prosseguiu:

- Aida jejua apenas um dia em todo o mês e, mesmo assim, nem sequer resiste até ao pôr do Sol!

- E Hussein come quatro vezes ao dia durante o mês do Ramadão: as três refeições habituais para além do Sabur^[94] - vingou-se Aida.

Hussein levantou com um gesto brusco a cabeça para evitar que ao rir a comida lhe caísse da boca e exclamou:

- Não é estranho que saibamos tão pouca coisa acerca da nossa religião?! O pai e a mãe não têm grandes conhecimentos e a nossa governanta era grega. Aida conhece mais o Cristianismo e os seus rituais do que conhece o Islão. Comparados contigo, somos ímpios...

Depois, dirigindo-se a Aida:

- Kamal estuda o Alcorão e a Sirab^[95]

Com um tom que exprimia uma certa surpresa, Aida exclamou:

- A sério? Muito bem! Mas, peço-te, não fiques com uma opinião de mim pior do que eu mereço. Sei de cor mais de uma surata...

- Fantástico! - murmurou Kamal como num sonho. - Realmente fantástico! Qual, por exemplo?

Aida parou de comer como que para relembrar algo. depois disse sorrindo:

- Quis dizer que sabia de cor algumas suratas, não sei agora quantas guardei na memória... - depois, alteando de súbito o tom de voz, como quem a custo recorda alguma coisa: - Lembro-me, por exemplo, da surata em que se diz que Deus é uno, etc. [\[96\]](#)

Kamal sorriu e ofereceu-lhe um bocado do peito de frango. Aida pegou nele e agradeceu, embora confessasse ter comido mais do que era usual.

- Se as pessoas comessem normalmente como o fazem durante as excursões, a elegância desapareceria do mundo.

- As nossas mulheres, na verdade, não se preocupam muito com a linha - observou Kamal, após alguma hesitação.

- A mãe também pensa assim - replicou Hussein partilhando o seu ponto de vista - mas Aida julga-se parisiense...

"Que Allah perdoe a indiferença da minha adorada. A que ponto abalou a tua alma de crente, como já o tinham feito certa vez as insinuações de dúvida em que embatias durante as tuas leituras. Mas acaso poderás acolher a leviandade da tua adorada com a mesma animosidade e as mesmas reservas com que acolheste aquelas dúvidas? Claro que não! A tua alma sente por ela um amor orgulhoso, ama nela até os defeitos... Os seus defeitos? Ela não tem defeitos! E ainda que se mostre superficial em relação à religião e viole claramente as proibições... Seriam defeitos se os notasses noutra pessoa que não fosse ela! O que mais receio é que de hoje em diante nenhuma outra mulher possa parecer-me bela se não descurar a religião ao ponto de desafiá-la... Estás angustiado? Diz mas é que tudo isto é maravilhoso como a Esfinge e que Allah te perdoe a ti e a ela! Quanto se assemelha o teu amor à Esfinge e esta a ele! Ambos são enigma e eternidade!"

Aida despejou o resto da garrafa térmica no quarto copo, depois disse a Kamal, tentando-o:

- Não mudaste de opinião? É apenas uma bebida fresca.

Ele esboçou um sorriso de desculpa e de agradecimento. No mesmo instante, Hussein agarrou no copo e levou-o aos lábios, dizendo:

- Beberei eu no lugar de Kamal... - depois, suspirando: - Temos de terminar, se assim não for, morreremos por comer em excesso.

Acabaram de comer e, visto que tinham sobrado três sandes e meio frango, Kamal pensou em distribuí-los pelas crianças que por ali vagueavam, mas, vendo que Aida voltava a pôr as sandes com os copos e a garrafa térmica no cesto, só pôde colocar similarmente os seus restos na mala, enquanto voltavam à sua mente as palavras de Ismael Latif sobre o espírito de poupança da família Shaddad!

Nesse entretanto, Hussein pulou para o chão dizendo: - Temos uma bela surpresa para ti. Trouxemos connosco o fonógrafo e alguns discos que nos vão auxiliar na digestão, são discos europeus escolhidos entre os que são queridos a Aida, e outros egípcios, como "Adivinha, Adivinha", "Após o Calar da Noite" e "Passa por Aqui." O que achas desta surpresa?

[82] Em árabe, Kamal significa "perfeição".

[83] Do inglês. Termo carinhoso usado pelas crianças referindo-se a uma figura masculina que lhes é querida.

[84] Em francês no texto.

[85] Em Julho de 1924, a segunda negociação entre o Wafd e a Inglaterra tinha fracassado, sobretudo por causa do Sudão, cuja soberania a Inglaterra contestava ao Egipto. A 19 de Novembro do mesmo ano, Sir Lee Stack, comandante em chefe do exército egípcio (sírdar) e governador do Sudão, é assassinado no Cairo. A Inglaterra, que vê neste crime um elo directo com o problema sudanês, exige reparação e faz disso um pretexto para ordenar a evacuação das tropas egípcias do Sudão. Saad Zaghlul demite-se.

[86] Literalmente: as pirâmides. Nome de um dos mais antigos e conceituados jornais diários do Egipto.

[87] Doce preparado com sêmola, manteiga, açúcar, nozes e coberto de coco ralado.

[88] Era desta forma que os Egípcios designavam o quediwa Abbas Paxá Hilmi II.

[89] Moeda do Egipto.

[90] Formado pela Universidade de Al-Azhar, no Cairo.

[91] Seguidor do Hanbalismo, doutrina fundada por Ahmad Ibn Hanbal (m. 855). Uma das quatro escolas de direito canónico muçulmano. O Hanbalismo considera que a tradição, a seguir ao Alcorão, é a única fonte da lei, opondo-se a qualquer inovação, no mais estrito conservantismo.

[92] Plural de tñuezzin. A pessoa que do alto dos minaretes chama os Muçulmanos às orações

[93] Naquela época, sala de recepção, nas casas opulentas, reservada aos convidados do sexo masculino.

[94] Trata-se de uma refeição leve servida antes da alvorada durante o mês do jejum dos Muçulmanos (Ramadão).

[95] Biografia do profeta Muhammad.

[96] Alusão à surata n.º 112 do Alcorão (chamada Al-lkhlās, i.e., "o monoteísmo puro"), que é o capítulo mais pequeno do Livro.

CAPÍTULO 18

Estava-se no meio de Dezembro. Contudo, a temperatura era apenas um pouco mais fresca do que de costume, embora o mês tivesse principiado com uma tempestade de vento, chuva e frio intenso.

Kamal aproximava-se do palácio dos Shaddad com um passo calmo e animado, transportando debaixo do braço esquerdo o sobretudo dobrado. A sua aparência elegante mostrava de forma evidente - particularmente com a tendência para o bom tempo - que o sobretudo indicava mais o avivar de um toque de elegância e de distinção do que uma medida para se precaver contra uma eventual mudança de tempo.

O sol do fim da manhã cintilava e ele pensou que muito provavelmente a reunião dos amigos se realizaria no pavilhão do jardim - não na sala de estar, onde se juntavam nos dias frios - e que lhe seria possível ver Aida, que, de facto, só podia encontrar no jardim.

Mas, se o Inverno o impedia de aí a encontrar, não o privava de a ver à janela que dava para o caminho transversal do jardim ou no balcão que dominava a entrada do palácio. Aqui ou ali, no momento de entrar ou de sair, via-a de quando em quando com os cotovelos apoiados sobre o parapeito da janela, ou com a palma da mão sob o queixo. Então erguia os olhos para ela, inclinando em seguida a cabeça como um fiel adorador, e a jovem respondia por vezes aos cumprimentos com um sorriso meigo cujo resplendor alumia os seus sonhos, quer estivesse acordado quer dormisse.

Tendo a esperança de a vêr, ao entrar no palácio, lançou um olhar disfarçado em direcção ao balcão, depois, quando percorria o pequeno caminho, para a janela, mas não a achou nem aqui nem ali. Então, voltou-se - com a esperança de a enxergar no jardim - para o pavilhão, onde se deparou com Hussein, sentado ao invés do que lhe era habitual, sozinho. Apertaram as mãos e o coração de Kamal derramou alegria pela amizade que transmitia à sua alma a visão daquele belo rosto, familiar ao seu espírito e à sua mente, e ouviu-o dizer, enquanto o recebia, com o seu tom genuíno e jovial:

- Seja bem-vindo, moallim^[97]. O fez e o sobretudo! Da próxima vez, não te esqueças da cafia^[98] e da bengala! Seja bem-vindo!

Kamal tirou o fez e pousou-o sobre a mesa, atirou o sobretudo para

a cadeira e perguntou:

- Onde estão Ismael e Hassan?

- Ismael foi para o interior com o pai. Não o verás hoje. Quanto Hassan, telefonou-me esta manhã para me dizer que se atrasaria uma hora ou talvez mais para copiar algumas lições... Sabes que ele é um estudante exemplar, como tu, e está determinado em conseguir a licenciatura ano...

Sentaram-se nas duas cadeiras, um em frente do outro, voltando as costas ao palácio. O facto de estarem a sós fazia com que Kamal aguardasse por uma conversa pacata, sem o menor incidente, uma conversa descontraída e propícia a serenar reflexões mas desprovida, ao mesmo tempo, daquela animosidade rude e deliciosa que Hassan Salim provocava e das observações sarcásticas e lancinantes que Ismael Latif arremetia continuamente.

- Ao contrário de vocês dois - prosseguiu Hussein -, eu sou um péssimo estudante. É claro que sigo as lições, pondo nelas toda a concentração de que sou capaz, mas não consigo estudar os meus livros escolares. Disseram-me muitas vezes: "O estudo de Direito exige uma grande inteligência." Seria mais justo dizer que requer imbecilidade e paciência. Hassan Salim é um estudante aplicado como todos aqueles que se movem por ambição. Inúmeras vezes me perguntei o que o compele a trabalhar e a permanecer acordado para além das suas forças. Se quisesse, poderia contentar-se - como todos os filhos dos conselheiros, como ele - em trabalhar o bastante para garantir o êxito, confiando na influência do seu pai, que chega para lhe assegurar o emprego a que aspira. Não encontro outra justificação para tal que não seja o orgulho que lhe faz desejar superar os outros e o impele nesta direcção sem lhe dar tréguas. Não é assim? O que pensas?

- Hassan é um rapaz merecedor de admiração por causa da sua índole e da sua inteligência - replicou Kamal com toda a boa-fé.

- Certa vez, ouvi o meu pai afirmar que Salim bey Sabri, o pai Hassan, é um conselheiro pouco vulgar e justo, salvo nas questões políticas...

Esta opinião encontrou correspondência na alma de Kamal, que já tinha percebido antes a filiação de Salim bey Sabri aos liberais constitucionistas; Por isso retorquiu irónico:

- Aquilo quer dizer que é um brilhante jurista, mas incapaz de

desempenhar as funções de um juiz.

- Esquecia-me de que estava a falar com um wafdistas - respondeu Hussein, soltando uma gargalhada.

Kamal encolheu os ombros e replicou:

- Mas o teu pai não o é! Imagina Salim bey Sabri a presidir o caso do julgamento de Abder Rahman Fahmi e de en-Nuqrash^[99]!

A sua opinião sobre Salim bey Sabri teria colhido a aprovação por parte de Hussein? Via-se claramente nos belos olhos que não estavam afeitos a mentir ou encobrir hipocrisia. Talvez se devesse à rivalidade que de costume reina - conquanto caracterizada pela cortesia e pelas boas maneiras - entre pares. Shaddad bey era um milionário e um homem de finanças que gozava de grande estima e consideração, para além do laço que há muito o unia ao quédida Abbas.

Salim bey Sabri era, pelo contrário, conselheiro no mais alto órgão da magistratura, num país de tal modo fascinado pelos cargos públicos que os considerava sagrados.

Era, pois, forçoso que o alto cargo e a imensa fortuna pudessem por vezes olharem-se de viés.

Hussein fazia resvalar sobre o jardim que se estendia diante da sua vista olhares tranquilos nos quais se mesclava uma espécie de tristeza.

Os ramos das palmeiras estavam desnudados e as roseiras sem flores, a fresca verdura surgia amarelecida e o sorriso das flores ausentara-se das faces das corolas. Perante a progressão do Inverno, o jardim parecia entranhar-se cada vez mais na tristeza.

- Olha o que o Inverno fez - disse Hussein apontando na sua frente. - Esta é a última vez que nos sentaremos no jardim. No entanto, aprecias o Inverno...

Era verdade, gostava do Inverno, mas amava Aida mais do que o Inverno, o Verão, o Outono e a Primavera juntos e não teria perdoado o Inverno por o privar dos encontros sob o prazenteiro pavilhão.

Porém, respondeu numa anuência:

- O Inverno é uma estação bela e breve. No frio, nas nuvens e nas neblinas, há uma vitalidade à qual o coração é sensível...

- Penso que aqueles que gostam do Inverno são, usualmente, dinâmicos e aplicados, como tu e Hassan Salim.

Kamal ficou feliz com o elogio, mas, como queria que lhe fosse reconhecido um valor superior ao de Hassan Salim, voltou:

- Mas aos meus deveres escolares apenas dedico a metade da minha actividade. A verdade é que a vida da mente é muito mais vasta do que a escola. Hussein meneou a cabeça num sinal de assentimento e acrescentou:

- Não penso que exista uma escola capaz de te compensar pelo muito pelo muito tempo que devotas ao trabalho diário. Ainda que não aprove este teu empenho exagerado, por vezes, também eu te invejo... Diz-me, o que andas agora a ler?

Kamal alegrou-se com aquele tema que era, a seguir a Aida, a coisa que mais amava e respondeu:

- Posso dizer-te que a partir de agora as minhas leituras estão a principiar a seguir uma certa ordem. Já não se trata de uma leitura livre, alternada, como antes sucedia, entre os romances traduzidos e as colectâneas poéticas até aos artigos da crítica. Comecei a procurar a minha via com uma certa nitidez. Ultimamente, propus-me consagrar duas horas, todas as noites, à leitura na biblioteca, onde consulto a Enciclopédia em busca dos significados de palavras ambíguas e mágicas como "literatura", "filosofia", "pensamento" e "cultura", ao mesmo tempo que registo os títulos dos livros à medida que os leio. É deveras um mundo extraordinário, em que a alma mergulha com entusiasmo e uma curiosidade aguçada!

Hussein escutava-o com atenção e interesse, deixando as costas repousarem no espaldar da cadeira de bambu, com as mãos enfiadas nos bolsos do seu casaco azul à inglesa. Nos seus lábios, tinha frequentemente um sorriso de cumplicidade verdadeira e franca:

- Muito bem! No passado, acontecia-te por vezes perguntares-me o que convinha ler. Hoje, chegou o meu turno de to pedir. Está bem nítido para ti o caminho que pretendes seguir?

- A pouco e pouco, predomina em mim a sensação de que me dirijo para a filosofia!

Hussein arqueou as sobrancelhas com ar interrogativo e disse a sorrir:

- A filosofia? É uma palavra provocatória. Atreve-te a pronunciá-la na presença de Ismael. Pensava que te dedicarias à literatura.

- E não se pode reprovar-te. A literatura é um prazer nobre, mas não satisfaz o meu coração. Antes de mais, é a verdade que procuro: o que é Allah? O que é o homem? O que é a alma? O que é a matéria? E a

filosofia é a disciplina que reúne todas estas questões numa unidade lógica e clara, como aprendi ultimamente. É isto o que desejo conhecer de todo o coração. Isto é que é a verdadeira viagem; em comparação com ela, a tua volta ao mundo parece uma procura secundária. Pensa que me será possível achar respostas satisfatórias para todas estas perguntas!...

O desejo e a excitação iluminaram o semblante de Hussein, que disse:

- É realmente extraordinário! Não demorarei a acompanhar-te neste mundo mágico. Na verdade, li alguns capítulos sobre a filosofia grega, ainda que não tenha descoberto nada de notável. Não sou tão entusiasta como tu. Pelo contrário, colho uma flor aqui e outra ali e prossigo na via do meio. Mas deixa que te exprima agora o meu receio que a filosofia possa cortar os teus laços com a literatura. A ti, na verdade, não te chega ler, queres também pensar e escrever: não te será possível... pelo menos, assim creio... seres um filósofo e um escritor ao mesmo tempo!...

- Não romperei com a literatura. O amor pela verdade não está em oposição com o gosto pela beleza. Mas o trabalho é uma coisa e o descanso, outra. Decidi fazer da filosofia o meu trabalho e da literatura o meu lazer.

- Assim, eximir-te-ás à promessa que fizeste de escreveres uma história acerca de todos nós! - disse Hussein, depois de uma gargalhada inesperada.

Kamal não pôde coibir o seu próprio riso e replicou:

- Mas espero um dia escrever sobre o "homem" e isto abarcará todos!

- Não estou tão interessado no "homem" como nas nossas pessoas. Espera que eu me vá queixar a Aida!

Ao ouvir aquele nome, o seu coração estremeceu de esperança, de ternura e de desejo e sentiu-se como se o seu espírito fosse invadido por uma melodia vertiginosa e alterada...

Acaso pensaria seriamente Hussein que fosse uma coisa que lhe merecesse a censura de Aida? Quão ignorante era Hussein! Como pudera escapar-lhe que não existia nenhum sentimento que experimentasse, ou pensamento que meditasse ou desejo ao qual aspirasse cujos horizontes não estivessem banhados pela beleza e pelo

espírito de Aida!

- Espera tu! Os dias que virão hão-de provar-te que não esquecerei a minha promessa enquanto for vivo.

Depois, após um instante, disse-lhe num tom sério:

- E tu, porque não pensas em tornares-te escritor? Todas as condições presentes e futuras parecem ser propícias para que te dediques de modo exclusivo a esta arte!

Hussein encolheu os ombros com indiferença:

- Escrever para que outros leiam? E porque não escrevem os outros para mim?

- Qual das duas coisas é mais importante?

- Não me perguntes qual das duas coisas é mais importante, mas pergunta-me qual o estado mais feliz. Considero o trabalho uma maldição da humanidade, não porque eu seja preguiçoso, mas porque o trabalho é um desperdício de tempo, uma prisão para o indivíduo e um obstáculo à vida. A vida feliz é o ócio feliz.

Kamal fitou-o com um olhar que demonstrava que não levava a sério o seu discurso, após o que disse:

- Não sei o que seria da vida do homem sem trabalho. Uma hora de um total ócio é muito mais penosa do que um ano inteiro de trabalho...

- Que infelicidade! A genuinidade do teu discurso confirma esta infelicidade. Achas que eu posso aguentar uma total ociosidade? Não, infelizmente! Continuo a preencher o meu tempo entre o útil e o nocivo, mas espero um dia poder conviver felizmente com o ócio absoluto...

Kamal estava prestes a replicar às palavras do amigo quando lhes che-u uma voz que atrás deles perguntava:

- Do que estão a falar? Uma voz, ou mais precisamente, uma melodia suave que mal ecoou aos seus ouvidos fez vibrar as cordas do seu coração, como uma resposta do mais fundo da alma, semelhante a um concerto de instrumentos afinados numa mesma tonalidade.

A sua alma, mal se libertara das arremetidas do pensamento, foi inundada por uma sensação de vazio absoluto.

"Será este o ócio com que Hussein sonha. Este precisamente e nenhum outro? Mas trata-se de pura felicidade..."

Kamal voltou-se para trás e viu Aida a alguns passos de distância aproximar-se, precedida por Budur, e ambas se detiveram diante

deles. Envergava um vestido da cor do cominho e um casaco de lã azul com botões dourados. A sua pele morena reverberava a profundidade do céu translúcido e a pureza da água filtrada.

Budur precipitou-se para o jovem, que a tomou nos braços e a estreitou contra o peito, como se quisesse esconder, ao abraçá-la, a paixão que nele ardia.

Naquele momento, avançou apressado um criado que estacou na frente de Hussein, dizendo num tom reverente:

- Chamam-no ao telefone!

Hussein escusou-se e ergueu-se, dirigindo-se para a sala de estar, seguido pelo criado. Kamal achou-se destarte a sós com ela - a presença de Budur não podia alterar o significado daquela situação - pela primeira vez na sua vida!

Interrogou-se inquieto: "Achas que é melhor ficar ou partir?" Mas ela adiantou-se dois passos até ficar por baixo da cobertura do pavilhão, detendo-se do outro lado da mesa, na sua frente.

Ele convidou-a a sentar-se com um aceno de mão, mas Aida abanou a cabeça em sinal de recusa, sorrindo.

Kamal levantou-se e, erguendo Budur para sentá-la em cima da mesa, hesitou acariciar-lhe a cabeça com uma certa confusão, fazendo todos os esforços para reprimir os seus sentimentos e vencer a sua emoção. Decorreu um intervalo de silêncio durante o qual não se ouviu senão o agitar dos ramos, o sussurro das folhas secas que em redor se disseminavam e o chilrear de um pássaro.

O espaço que conseguia abarcar com o olhar: a terra, o céu, as árvores, o muro distante que separava o jardim do deserto, a franja da sua adorada e a luz extraordinária que fulgurava no negro dos seus olhos... tudo isso lhe parecia uma visão maravilhosa, que pertencia a um sonho feliz.

Não sabia ainda com exactidão se o que se manifestava aos seus olhos era uma realidade ou uma visão que vinha afagar a memória quando a voz harmoniosa freuiu, dirigindo-se a Budur, no que se assemelhava a uma advertência:

- Não o aborreças, Budur!

Como resposta, ele estreitou Budur contra o peito e disse:

- Se isso fosse aborrecimento, quão amável seria para mim! - e olhou para ela com olhos acesos de desejo e saciou-se com a sua visão ao

abrigo, desta vez, de olhares indiscretos, dedicando-lhe toda a sua atenção para apreender os seus segredos e fixar as suas feições na imaginação... Estava ainda extasiado pelo encantamento daquela visão ao ponto de parecer desatento ou alheado quando de súbito Aida lhe perguntou:

- Porque olhas para mim assim?

Ele voltou a si, com manifestos sinais de embaraço nos olhos.

- Queres dizer alguma coisa? - voltou a dizer Aida, sorridente.

Se queria dizer alguma coisa? Mas nem sequer sabia o que queria.

Não, não o sabia...

- Leste isto nos meus olhos? - perguntou-lhe Kamal por seu turno.

- Sim - replicou ela, descerrando os lábios num sorriso insondável.

- O que leste aí?

- É o que queria saber - prosseguiu Aida arqueando as sobrancelhas com um ar estupefacto.

Revelar-lhe-ia por fim o seu segredo oculto, dizendo apenas "amo-te" e aconteça o que acontecer? Mas que benefício haveria em semelhante revelação? O que aconteceria se a confissão pusesse termo à amizade e ao afecto que entre eles existia, como era previsível, para sempre?!

Enquanto reflectia, observou o seu olhar, que brilhava nos seus belos olhos, um olhar plácido, muito seguro de si e afoito, em nada beliscado pelo enleio ou pela timidez. Um olhar que parecia pousar sobre ele de cima, embora estivesse ao mesmo nível que o seu. Mas naquele olhar não achou o menor repouso e a sua perplexidade aumentou. O que haveria por detrás?

Por aquilo que podia ver, um sentimento de indiferença ou talvez uma atitude divertida, como se se tratasse de um adulto a olhar para uma criança. E não faltava sequer uma certa altivez que a mera diferença de idade não explicava, já que tinha só dois anos a mais que ele.

Acaso não seria aquele mesmo olhar que o severo palácio poderia ter lançado desde a Rua de es-Sarayyat sobre a velha casa de Bain el-Qasrain? Como pudera nunca o ter notado anteriormente nos seus olhos? Talvez porque, antes de então, não estivera a sós com ele ou nunca lho fora permitido, antes de então, deleitar a sua vista diante daqueles olhos.

E isso provocou-lhe uma dor e uma tristeza tais que o seu devaneio se | esmoreceu praticamente. Budur levantou os braços a pedir que pegasse | nela. Este sentou-a nos seus joelhos e ouviu Aida exclamar:

- Que estranho! Como pode Budur amar-te tanto? Kamal fixou-a nos olhos e respondeu:

- Porque eu tenho os mesmos sentimentos e até mais.

- É uma lei a que se não pode fugir? - perguntou ela com um ar céptico.

- O provérbio corrente diz: "O coração fala ao coração."

Aida pôs-se a tamborilar na mesa com os dedos e perguntou:

- Tomemos uma bela rapariga amada por muitos. Deveria amá-los a todos também? Mostra-me como se aplica o teu princípio neste caso.

A magia do diálogo tinha-lhe feito olvidar tudo, mesmo as suas mágoas. Por isso, respondeu:

- Deveria amar aquele que é mais sincero no seu amor por ela.

- E como distingui-lo dos demais?

"Ah, se esta conversa pudesse durar até à eternidade!"

- Repito-te o provérbio que diz: "O coração fala ao coração."

Aida soltou uma breve gargalhada, semelhante ao vibrar de uma corda, para depois retorquir num tom de repto:

- Se aquilo que dizes fosse verdade, nenhum amante sincero seria desiludido no seu amor! Não é?

As palavras de Aida atingiram-no, como as verdades da vida costumam atingir quem se baseia tão-só na lógica. Se a lógica de Kamal fosse infalível, deveria ser o mais feliz dos homens pelo facto de amar e de ser amado. Mas quão longe disso estava ele!

A verdade era que a sua grande história de amor não estivera isenta de instantes de esperança, que haviam iluminado as trevas do seu coração com uma felicidade ilusória, na sequência de um doce sorriso concedido pela amada, de uma palavra fugaz passível de muitas interpretações, de um sonho feliz seguido de uma nota de reflexões e de insónia ou da calma evocação de provérbios cujo valor apreciava, como "o coração fala ao coração". Agarrava-se à ilusão com a tenacidade de um desesperado até que a realidade o fizesse voltar a si.

Mas eis que agora recebia aquela frase terminante e irónica, como um remédio amargo com que curar de futuro as esperanças falaciosas e graças ao qual se dava conta da exacta situação em que se

encontrava. E, como não respondera à pergunta com que o desafiara, a sua adorada, que era igualmente o seu algoz, gritou com um ar triunfante:

- Venci!

O silêncio reinou de novo e voltaram a ouvir o sussurro dos ramos, o rumor das folhas amareladas e o chilrear do pássaro.

Mas, desta, vez Kamal percebeu-os com um sentido menos aguçado e o coração desiludido.

Reparou que os olhos dela o scrutavam com injustificada insistência.

O seu olhar era mais destemido e seguro e traía ironia. Ou seja, ela não tinha de facto o ar de uma mulher receosa do homem.

O jovem sentiu um baque no coração e um calafrio. Perguntou-se se fora o destino a querer que ele ficasse a sós com ela para destruir os seus sonhos de um só golpe! Ela notou o seu temor e riu divertida.

Depois, num tom de mofa e apontando para a cabeça de Kamal, disse:

- Não me parece que começaste a deixar crescer o cabelo.

- Não - respondeu ele asperamente.

- Não te agrada?

- Não, de todo! - insistiu com uma expressão agastada.

- Dissemos-te que ficarias mais bonito.

- Um homem deve ser, a todo o custo, bonito?

- Claro, a beleza é amável, quer nos homens quer nas mulheres!

Kamal esteve prestes a repetir alguma das suas frases feitas, do género:

"A beleza do homem está nos seus costumes" e outras análogas...

Mas algo de instintivo sugeriu-lhe que estas palavras, pelo facto de virem de alguém que tinha a sua aparência, teriam tão-só encontrado na sua adorada derisão e escárnio. Procurou, portanto, encobrir com uma gargalhada contrafeita a mágoa que tinha no coração e disse:

- Não sou da mesma opinião...

- Talvez odeies a beleza como odeias a cerveja e a carne de porco?

Riu de novo para melhor lutar contra o desespero e a dor. Mas Aida começou a dizer:

- Os cabelos são um adorno natural de que a tua cabeça, penso, tem necessidade. Não achas que tens uma cabeça demasiado grande?

"O homem das duas cabeças!" Esquecera aquela velha alcunha? Que

desgraça!

- É assim mesmo!

- E porquê?

- Pergunta-lho, eu não sei - respondeu Kamal meneando a cabeça em sinal de negação.

Aida riu subtilmente, após o que se seguiu uma pausa de silêncio...

"A tua adorada é bela, sedutora, encantadora, mas despótica como deve ser. Saboreia até ao fundo a sua crueza e aprende a conhecer os mil rostos do sofrimento." Aparentemente não tinha piedade dele. Os seus olhos continuavam a erguer-se sobre o seu rosto e a fitá-lo, até se deter sobre... sim, sobre o seu nariz!

Naquele instante, Kamal sentiu um arrepio que saía do fundo de si até aos cabelos, baixou o olhar e aguardou aterrado...

Ouviu-a rir, então levantou os olhos e perguntou-lhe:

- O que te faz rir?

- Recordei-me de alguns trechos cómicos que li numa obra célebre do teatro francês. Leste "Cyrano de Bergerac"?

"O momento mais adequado para desprezar a dor é aquele em que o sofrimento excede os limites.

- Não tentes usar de rodeios - respondeu Kamal com serenidade e indiferença. - Sei que o meu nariz é maior que a minha cabeça, mas peço-te que não me perguntes outra vez porquê. Se quiseres, pergunta-lho directamente.

De repente, Budur levantou a mão e agarrou no seu nariz. Então, Aida riu estrepitosamente, atirando a cabeça para trás, e também ele não pôde refrear o riso.

Depois, voltando-se para Budur, para esconder o seu embaraço, perguntou:

- E tu, Budur, tens medo do meu nariz?

Chegou-lhes a voz de Hussein enquanto descia as escadas da varanda. Aida mudou, de súbito, o tom de voz e disse a Kamal, com uma entoação feita de prece e advertência:

- Não leves a mal as minhas brincadeiras.

Hussein voltou ao pavilhão e, de novo, sentou-se na sua cadeira, convidando Kamal a fazer o mesmo.

Este último, após uma certa hesitação, imitou-o pousando Budur sobre os seus joelhos. Não passou muito tempo para que Aida pegasse

em Budur e os saudasse, lançando a Kamal, no instante de partir, uma olhadela expressiva, como se quisesse reiterar-lhe o pedido de não ficar aborrecido.

Kamal não tinha qualquer vontade de travar conversa com Hussein e limitou-se a prestar atenção ou, pelo menos, a fingir que prestava atenção, participando de tempos a tempos com uma pergunta, uma exclamação, um sinal de anuência ou de discordância apenas no intuito de confirmar presença e nada mais. Por sorte, Hussein retomara um velho assunto que não lhe exigia uma atenção maior que aquela que era capaz de dar, isto é, o seu desejo de partir para a França e a resistência do pai que o jovem esperava vencer rapidamente.

Mas aquilo que ocupava o coração e a mente de Kamal era o novo ângulo sob o qual lhe surgira Aida nos escassos minutos que haviam passado juntos a sós, ou quase.

Aquela atitude de menosprezo, de derisão e de crueldade! Sim, crueldade! Ela começara a gracejar com ele sem a menor compaixão, descarregando sobre ele todo o seu sarcasmo, como faz um caricaturista cujo lápis se detém num detalhe do homem para extrair uma imagem caricatural, singular pela virulência e, ao mesmo tempo, pela veracidade. Recordava, atônito, aquela atitude e, embora a dor se propagasse na sua alma como o veneno no sangue alastrando aí uma sombra opressiva de desespero e desalento, não conseguia ter qualquer sentimento de indignação, de cólera ou de desdém em relação a ela. Não seria também aquela uma nova qualidade que lhe pertencia? Por certo, seria assim. E era estranha, como a sua paixão por usar uma língua estrangeira, beber cerveja ou comer carne de porco. Como tudo o resto, também esta era imputável ao seu ser: e eram todas peculiaridades de que ela, com toda a razão, poderia igualmente se vangloriar, não obstante pudessem ser consideradas um defeito, uma infâmia ou uma malvadez caso fossem encontradas em qualquer outra pessoa. Não se lhe podia, pois, atribuir a culpa se alguma destas suas qualidades lhe provocara dor no coração e desespero na alma, visto que a falha a ele era imputável e não a ela. Teria sido, por acaso, Aida que lhe aumentara a cabeça ou lhe alargara o nariz? Ou teria com as suas caçadas ofendido a verdade e a realidade? Nada disso. Para ela não havia pois qualquer razão de censura e para ele era legítimo ter de sofrer.

Convinha-lhe aceitar a dor com a resignação dos místicos, como o crente aceita o destino e crê piamente que é justo, ainda que possa ser difícil e venha de um ídolo perfeito, do qual atributo algum e vontade alguma podem dar azo a dúvidas... Assim, saíra da breve e árdua experiência que o desnorteara poucos minutos antes. Achava-se no auge da dor e do sofrimento sem que isso prejudicasse porém a intensidade do seu amor ou o magnetismo que a sua amada sobre ele exercia.

Adquirira agora a experiência de uma nova dor: a de ter de se dar por feliz com um juízo severo que o declarava indigno do seu amor, assim como aprendera anteriormente - sempre por causa do amor - a dor da separação, da indiferença, do adeus, da incerteza e do desespero. Ou ainda como quando conhecera uma dor aceitável ou uma dor gradual ou uma dor inexorável, não obstante as oblações de gemidos e de prantos depositadas aos pés delas. Era como se o seu amor tivesse acabado por desentranhar e compreender todas as expressões do sofrimento. Todavia, apesar daquele latejar de dor difusa em todo o seu ser devido às mágoas acumuladas, ele estava a conhecer-se e a compreender as coisas.

'Não é apenas Allah, o espírito ou a matéria que convém que conheças. O que é o amor?... O que é o ódio?... O que é o belo e o feio?... O que é a mulher?... O que é o homem?...

Também deves conhecer todas estas coisas. O último degrau da perdição toca os primeiros graus da salvação! Recorda ao rires ou sorri ao recordares que chegaras a pensar desvendar-lhe o teu segredo! Recorda entre lágrimas o corcunda de Notre Dame que amedrontou a sua bela, enquanto se inclinava sobre ela para a consolar, e não suscitou o menor sentimento de compaixão nela a não ser no momento de exalar o derradeiro suspiro! 'Não leves a mal as minhas brincadeiras.' E ainda te nega o conforto do desespero. Que a adorada revele a sua verdadeira natureza e sairemos do inferno da perplexidade e encontraremos a paz no túmulo do desespero.

Quem dera que o desespero arrancasse do meu coração as raízes do amor! Mas, seja como for, este é um refúgio contra as falsas ilusões!"

Hussein voltou-se para ele para lhe perguntar o motivo do seu silêncio, mas pareceu-lhe avistar uma pessoa que chegava, por isso virou a cabeça e gritou:

- Ali está, finalmente chegou Hassan Salim. Que horas são?
Kamal voltou-se para trás e viu Hassan, que vinha em direcção ao pavilhão.

[97] Jogo de palavras a partir do termo moallim, que significa aquele que ensina, mas também pode ser, no Cairo, um chefe de bairro cujos principais atributos são o sobretudo, fez, a cafia e a bengala.

[98] Lenço que pertence ao vestuário masculino e que se usa à volta do pescoço.

[99] Neste princípio dos anos vinte, os assassinatos políticos abundam no Egipto. A Inglaterra tira proveito disso, para enfraquecer o Wafd. detendo os seus líderes depois de os ter acusado de estarem envolvidos. Destarte, Abder Rahman Fahmi bey, secretário-geral do Wafd no Cairo, foi deferido em Julho de 1920 perante a corte marcial britânica. Acusado de ter urdido conluio para assassinar o sultão, é condenado à morte. Mahmud Fahmi en-Nuqrashi, outro membro influente do Wafd, é igualmente detido alguns anos mais tarde e acusado de ter pardo no assassinato do Sirdar.

CAPÍTULO 19

Hassan e Kamal deixaram o palácio dos Shaddad por volta da uma. Diante da porta do palácio, Kamal teria desejado despedir-se do amigo, mas este disse-lhe num tom de súplica:

- Porque não me acompanhas um pouco?

Kamal aceitou de bom grado a proposta e avançaram pela Rua de es-Sarayát um ao lado do outro: Kamal, com a sua alta figura, e Hassan cuja cabeça apenas chegava ao ombro do amigo.

Kamal não pôde deixar de se interrogar, sobretudo porque não era aquele o momento mais adequado para caminhar sem rumo.

De súbito, Hassan voltou-se para ele e perguntou-lhe:

- De que é que estavam a falar?

- Das coisas mais diversas - respondeu Kamal com uma expressão ainda mais interrogativa - como sempre: política, cultura, etc.

Foi com verdadeiro espanto que ouviu o outro dizer com uma voz tranquila e pacata:

- Quero dizer, tu e Aida.

Tomado pelo receio, permaneceu alguns segundos sem proferir uma palavra, para, após se ter controlado, perguntar:

- Como é que sabes, visto que não estavas connosco?

Sem mostrar qualquer alteração na expressão do rosto, Hassan replicou:

- Cheguei enquanto estavam a falar e achei que não devia ir ter com vocês durante algum tempo para não vos interromper.

"Ter-se-ia comportado de igual modo na mesma situação?" A angústia de Kamal aumentou e ele sentiu-se agitado pelo sentimento de se estar a encaminhar para uma discussão excitante e inquietante.

- Não sei o que te levou a agir desta maneira. Se te tivesse visto, não te deixaria fazer tal...

- A cortesia tem as suas regras! Admito ser demasiado susceptível sob este ponto de vista...

"A cortesia aristocrática! Em que ponto te encontras na tua diligência em te conformares a esta?"

- Não te ofendas se te dizer abertamente que estás a ser mais escrupuloso do que é necessário.

Hassan esboçou um leve sorriso que não permaneceu por muito tempo nos seus lábios, depois pareceu estar à espera de algo, até não mais poder e tornar a perguntar:

- E de que estavam a falar afinal?

"Como poderia conciliar-se com as boas maneiras esta sua inquirição?". Durante alguns segundos, pensou dirigir este reparo ao amigo, mas tentou escolher com cuidado a fórmula que melhor se ajustasse ao respeito que por ele tinha - respeito mais pela sua pessoa do que pela sua idade - e disse:

- O caso é muito simples e não merece todo este teu interesse. Mas chego a perguntar-me até que ponto sou obrigado a responder-te!

- Peço-te que não me acuses de indiscrição - apressou-se a dizer Hassan num tom de desculpa - ou de querer meter o nariz nos teus assuntos. Tenho razões que justificam esta pergunta. Contar-te-ei alguns factos que nunca tive ocasião de te contar antes. Contudo, estava persuadido, com base na amizade que entre nós existe, de que a minha pergunta não te iria indispor. Peço-te que não me interpretes mal!

A tensão diminuiu e ele sentiu-se feliz por ouvir palavras tão delicadas próprias de Hassan Salim, a pessoa que ele sempre olhara como um modelo de aristocracia, de nobreza e de orgulho, isso para além do facto de estar mais desejoso do que o amigo de ir até ao cerne de uma conversa que dizia respeito à sua adorada. Se a pergunta tivesse vindo de Ismael Latif, não teria sido indispensável toda aquela troca de palavras acerca do que é adequado e do que o não é. Ter-lhe-ia provavelmente referido tudo e teriam rido juntos. Mas Hassan Salim não se desprendia nunca da sua reserva e não confundia a amizade com a familiaridade. Nenhum mal havia, por isso, em lhe cobrar o preço!

- Agradeço-te a boa opinião que tens de mim - disse Kamal - e acredita que, se fosse algo que merecesse ser referido, não to esconderia. Falámos um pouco de questões do dia-a-dia. É só. Todavia, já que despertaste em mim a curiosidade, ser-me-á permitido perguntar-te, simplesmente para saber, as razões que justificam este teu interesse particular? Não insistirei, claro está, pelo que estou pronto a retirar a pergunta caso esta não seja do teu agrado.

Com a calma e a ponderação que lhe eram habituais, Hassan Salim

respondeu:

- Falar-te-ei disso. Mas peço-te que aguardes um pouco. Quer parecer-me que não pretendes informar-me sobre tudo o que disseram. É um direito teu, sem dúvida! Não vejo aí qualquer falha aos deveres da amizade. Queria, contudo, chamar a tua atenção para o facto de muitos se equivocarem sobre as palavras de Aida e de lhes atribuírem uma explicação que nada tem a ver com a realidade, infligindo-se, destarte, tormentos justificados!

"Fazes com que eu compreenda aonde queres chegar com este teu discurso. Percebem-se no ar sombrios presságios que não hão-de tardar a transformar-se numa tormenta e que hão-de despedaçar o teu coração, se ainda existe algo de são que não tenha sido já despedaçado! Enganas-te, meu amigo. Não te dás conta de que é tão-só a timidez que me impede de te mencionar aquilo que sucedeu?! Que eu seja fustigado pelos relâmpagos se te deixar ficar tranquilo!"

- Não percebi nada do que disseste!

- Os lábios de Aida oferecem facilmente palavras muito doces - respondeu Hassan, alteando um pouco a voz - e aquele que a escuta julga que têm um determinado significado ou que escondem algum sentimento, ao passo que é um mero discurso de cortesia que dirige a todo aquele que com ela fale em particular ou em público. E quantos se enganaram!

"Finalmente tirou os nabos da púcara! O teu amigo está afectado pelo mesmo mal que te consumiu! Mas quem pensa ele que é para pretender conhecer os segredos dos corações?! A que ponto me exaspera!"

- Pareces seguro daquilo que afirmas - replicou Kamal com um sorriso, fingindo-se indiferente.

- Conheço Aida tal como na verdade é. Somos vizinhos de longa data.

"Não se brada em público o nome que se receia pronunciar em segredo! Este jovem soberbo pronuncia-o com negligência, como se fosse o nome de um qualquer no meio de milhões de outras pessoas!"

Aquela desfaçatez rebaixava-o alguns graus no seu coração mas elevava-o outros tantos na sua imaginação, e a frase "somos vizinhos de longa data" cravara-se-lhe qual punhal no coração, trespassando-o com a mesma tristeza nostálgica que deve experimentar um

estrangeiro. Com um tom polido, embora não isento de uma subtil ironia, replicou:

- Não será possível que também tu estejas equivocado como os demais?

- Eu não sou como os demais! - replicou Hassan seguro de si e com uma expressão arrogante.

Como o exasperava a sobrançaria, a superioridade física e a confiança que o amigo nutria em relação a si mesmo! Era aquele o filho dilecto do ilustre conselheiro sobre cuja aptidão em julgar questões políticas circulavam tantas dúvidas!

Hassan deixou escapar um "eh!" como se fosse o remate de uma gargalhada, de que não aparecia vestígio no seu semblante e com que pretendia transitar de um tom de voz altivo a um mais amável.

- É uma rapariga excelente, sem defeitos, ainda que, por vezes, a sua forma de se apresentar, de falar e de conviver com os outros possa levantar suspeitas!

- A sua forma de se apresentar e de ser está acima de qualquer suspeita! - apressou-se a asseverar Kamal, com ardor.

Hassan inclinou a cabeça em sinal de gratidão, como se quisesse dizer: "Disseste bem", para depois declarar:

- E isto que é legítimo que um olhar arguto e recto veja. Mas há coisas que atordoam o espírito de qualquer um. Citar-te-ei alguns exemplos para ser claro. Alguns julgam de forma negativa o facto de Aida frequentar, no jardim, os amigos do irmão Hussein, indiferente aos usos praticados no Oriente. Outros interrogam-se sobre a sua maneira de falar com este ou de ser gentil com aquele, e outros ainda imaginam que, por trás das suas brincadeiras agradáveis, que lhe sobrevêm naturalmente, se esconde um segredo perigoso. Compreendes aquilo que quero dizer?!

- Claro - respondeu Kamal com o mesmo fervor anterior. - Mas receio que exageras nas suspeitas. No que me diz respeito, nunca tive dúvidas acerca de qualquer uma das suas atitudes; as suas palavras e as suas brincadeiras sempre se me afiguraram inocentes. Por outro lado, Aida não recebeu uma verdadeira educação oriental para que dela se possa exigir que siga as tradições ou censurá-la se as não respeita. E julgo que também os outros pensam o mesmo...

Hassan meneou a cabeça, como se tivesse desejado poder acreditar

na opinião que Kamal exprimira acerca dos "outros". Este, porém, não tentou comentar aquela muda observação. Estava feliz por defender a sua adorada e tudo aquilo que pensava sobre a pureza e a inocência dela. Sim, feliz com a oportunidade que se lhe apresentara de manifestar claramente a sua convicção mas todavia não fora sincero no seu fervor, não porque a considerasse de forma divergente do que proclamara - persuadira-se há muito de que a sua adorada estava deveras acima de qualquer suspeita - mas porque estava triste ao ver desvanecerem-se os sonhos felizes fundados sobre suposições da existência de um "segredo" por trás das brincadeiras e das subtis alusões da amada. Hassan fizera dissipar por completo aqueles sonhos que tinham já recebido um violento golpe aquando da conversa tida sob o pavilhão. Se bem que o seu coração ferido às ocultas se esforçasse por se agarrar a um ténue fio de esperança, mostrou estar de acordo com a opinião de Hassan Salim, para disfarçar a sua posição, para encobrir a sua derrota e desfrutar da pretensão que o outro tinha de ser o "único" a conhecer quem, de facto, era a sua adorada!...

- Não me surpreende que tu me compreendas - tornou a dizer Hassan. - És um jovem atilado. A verdade, como te disse, é que Aida está inocente mas... perdoa-me se te explico um traço do seu temperamento, que talvez te parecerá estranho mas que foi, em grande parte, responsável pela má interpretação de muitos. Refiro-me àquele seu desejo de ser "a rapariga dos sonhos" de todos os jovens que com ela se cruzem! Não esqueças que é um desejo inocente. E posso testemunhar que nunca encontrei uma rapariga tão ciosa da sua honra. Mas é uma leitora apaixonada de romances franceses e só vive em função das suas heroínas, que enchem a sua cabeça de fantasias!

Kamal sorriu sereno, como que a querer significar por meio do seu sorriso que aquilo que ouvia do amigo não constituía novidade para ele. Depois, movido pelo desejo de agastá-lo, disse:

- Já sei todas estas coisas. Certo dia, falámos deste assunto, eu, Hussein e ela.

Finalmente conseguira fazê-lo sair daquela sua reserva aristocrática! Os traços do rosto de Hassan manifestavam pasmo.

- Quando aconteceu isso? - perguntou-lhe, perturbado. - Não me lembro de ter participado nesta conversa! Foi dito na presença de Aida

que ela só pensa em ser "a rapariga dos sonhos" de todos os jovens?

Kamal observou a mudança que nele sobreviera, com um olhar triunfante e satisfeito. Todavia, por receio de se comprometer em demasia, disse com cautela:

- Não foi a bem dizer falado, mas fizeram-se frequentes alusões, durante a conversa que houve, sobre a sua paixão pelos romances franceses e o seu espírito romântico.

Hassan recuperou a calma e o equilíbrio. Permaneceu em silêncio bastante tempo, como se se esforçasse por reunir as ideias que Kamal conseguira momentaneamente confundir. Pareceu vacilar durante alguns instantes, ao ponto de Kamal julgar que ele desejaria conhecer todos os detalhes da conversa que houvera entre ele, Hussein e Aida. Quando tinha acontecido?... O que teria levado a enfrentar questões tão delicadas? E o que fora dito em particular?

O seu orgulho, no entanto, impedia-o de perguntar. Por fim, disse:

- Tu próprio atestas o fundamento da minha opinião, mas, infelizmente, muitos outros não compreenderam o comportamento de Aida de forma tão profunda como tu o compreendeste. Não compreenderam uma importante verdade que é o facto de ela amar o amor que uma pessoa por ela tem, não a pessoa em si!...

"Se este idiota soubesse em que ponto estão as coisas, não padeceria este tormento escusado! Não sabe que eu não aspiro sequer a que ela ame o amor que eu tenho por ela? Olha para a minha cabeça, para o meu nariz e aquieta-te!"

- Assim sendo, ela amaria o amor que uma pessoa por ela tem e não a pessoa em si! - replicou ele com um acento não isento de sarcasmo. - Que bela filosofia!

- É verdade e sei-o por experiência.

- Mas não podes garantir que seja verdade em todos os casos.

- Claro que posso e de olhos fechados.

Kamal tentou vencer a sua tristeza e perguntou, mostrando-se estarrecido:

- Podes afirmar com segurança que ela não ama esta ou aquela pessoa?

- Posso afirmar - declarou Hassan com firmeza e tranquilidade - que ela jamais amou algum daqueles que, por vezes, imaginaram ser por ela amados!

"Só duas pessoas poderiam falar com tanta convicção: um crente ou um imbecil. Mas ele não é imbecil. Como é que a dor tornou a insinuar-se dentro de mim quando não há nada de novo naquilo que ouvi? A verdade é que hoje adicionei, como sofrimento, todas as mágoas de um ano de amor."

- Mas não podes afirmar que ela não ame ninguém em absoluto?

- Não afirmei isto.

Observou-o com ar de quem olha para um vidente, após o que perguntou:

- Sabes se ama alguém?

Hassan baixou a cabeça assertivamente e disse:

- Convidei-te para dar dois passos comigo para te falar disso! O coração afundou-se-lhe no peito como na tentativa de se esquivar à dor, enquanto era submerso por uma vaga de sofrimento. Antes sofria porque que julgava impossível que pudesse amá-lo. Mas agora o seu torturador vinha dizer-lhe que ela amava, de facto, alguém...

"Assim, a minha adorada ama! O seu coração angélico obedece às leis do desejo, da nostalgia, da esperança, da ânsia. E todos estes sentimentos dirigem-se a uma determinada pessoa!"

É certo que, por vezes, a sua mente - o seu coração jamais - admitiu esta possibilidade, como admitia a morte, isto é, como uma ideia abstracta, não como uma realidade fria e entranhada no corpo da amada ou no seu próprio corpo.

Por isso, aquela notícia espantou-o, era como se tomasse forma pela primeira vez, ao mesmo tempo, na existência e no pensamento.

"Medita sobre estas verdades todas e reconhece que no mundo existem sofrimentos em que nunca pensaste, não obstante a tua profunda experiência da dor."

- Disse-to, desde o início - tornou a dizer Hassan -, que tinha boas razões para ter esta conversa contigo, senão jamais me teria permitido intrometer-me nos teus assuntos!

"Que o fogo sagrado o devore e o consuma até ao último grão de cinza!"

- Estou certo disso. Sou todo ouvidos!

Hassan esboçou um sorriso rasgado que quase revelava a sua hesitação ao proferir as palavras decisivas. Kamal resistiu um pouco mais, mas depois solicitou-lhe que falasse, embora o seu coração

intuísse a penosa verdade.

- Disseste saber quem ela ama. Hassan venceu a sua indecisão e respondeu:

- Sim. Existe entre mim e ela algo que me dá o direito de asseverar o que disse.

"Oh, céus! Aida ama!... As cordas do teu coração contraem-se para tanger um cântico fúnebre. O coração de Aida sentirá por este ditoso jovem aquilo que eu sinto por ela? Se isso for realmente possível, melhor seria que o mundo se desmoronasse...

O teu amigo não é mentiroso. Quem é nobre e belo não pode mentir. A única esperança que te sobeja é que o seu amor seja de um género distinto do teu. E, já que esta desgraça era inevitável, é consolador que tenha sido Hassan o escolhido e também é consolador que a tristeza e o ciúme não te impeçam de olhar para a verdade tal como ela é, ou seja, que o teu rival é este homem rico, fascinante, excepcional!"

- Dir-se-ia - voltou ele, como quem prime no gatilho de uma pistola sabendo que está carregada - que estás seguro de que ela ama, desta vez, a pessoa e não o amor que esta pessoa por ela tem!

Escapou-lhe de novo um "eh" que exprimia segurança, após o que lhe lançou uma olhadela veloz para verificar até que ponto acreditava nas suas palavras e disse:

- A conversa que tivemos, eu e Aida, não é dada a ambiguidades.

"Que género de conversa? Daria em troca toda a minha vida para conhecer uma única palavra. Conhecer toda a verdade e beber todo o sofrimento até ao âmago... Achas que ouviu a voz melodiosa enquanto lhe dizia 'amo-te'? Tê-lo-á dito em francês ou em árabe? Com um tamanho sofrimento, acender-se-ia um fogo."

- Felicitações! - disse ele, aparentemente calmo. - Parece-me que são dignos um do outro!...

- Obrigado...

- Todavia, pergunto-me o que te levou a revelar-me este segredo valioso.

- Quando os surpreendi a falar sozinhos - respondeu Hassan arqueando as sobrancelhas -, receei que tu te deixasses enganar por alguma palavra, como sucedeu a muitos. Então, decidi explicar-te em que ponto estavam as coisas, visto que me desagradaria que te enganasses!

Kamal tartamudeou um "obrigado", comovido com tamanha nobreza, com a sensibilidade do afortunado jovem que Aida amava, e do amigo que para lhe evitar o desprazer de um engano o tinha aniquilado ao lhe revelar a verdade.

"Não haveria porventura ilusões ditadas pelo ciúme entre os motivos que o haviam levado a revelar-lhe o seu segredo? Não tinha olhos para enxergar a sua cabeça e o seu nariz?"

- Ela e a sua mãe visitam-me frequentemente - prosseguiu Hassan - e assim temos a possibilidade de falar.

- A sós?

A pergunta escapara-lhe sem querer. Permaneceu confuso e arrependido e corou, enquanto o outro respondia com simplicidade:

- Por vezes...

Como lhe teria agradado vê-la naquele papel - no papel de enamorada -, no qual jamais conseguiria imaginá-la! Como se acenderia, nos olhos sombrios com que o olhava de cima, a luz da paixão e da ternura? Visão capaz de atear a razão com uma centelha de verdade sagrada e de matar o coração de um só golpe.

E, por causa dela, tornava-se legítima a maldição eterna da crueldade.

"A tua alma debate-se irrequieta, qual pássaro na gaiola que desejaria fugir. O mundo é um ponto de encontro de ruínas que faz com que se deseje abandoná-lo. Mas, ainda que soubesses com toda a certeza que os seus lábios se encontraram num beijo doce como as rosas, restar-te-ia a embriaguez da liberdade absoluta na voragem da loucura..."

Movido por um desejo suicida que não conseguia combater e que não compreendia, perguntou:

- Como podes, então, consentir que ela frequente os amigos de Hussein?

Hassan demorou um pouco antes de responder:

- Talvez não esteja inteiramente satisfeito, mas não acho que seja qualquer coisa de condenável desde que o faça sob os olhares do irmão e de todos e em virtude da sua educação europeia. Não te escondo que, por vezes, pensei em manifestar-lhe a minha discordância, mas não queria que me acusasse de ser ciumento. Como lhe agradaria provocar o meu ciúme!... Conheces as artimanhas femininas, e devo confessar-

te que as não acho, na verdade, divertidas...

"Nada de estranho se a prova que a Terra gira em torno de si mesma e em torno do Sol derrubou muitos mitos e fez muitas cabeças andar à roda."

- Como se quisesse irritar-te!

- Mas - rebateu Hassan com tom seguro - sempre sou capaz de levá-la a curvar-se ante a minha vontade, se assim o quiser!

Esta frase e o tom com que fora proferida espantaram-no. Teria desejado espancá-lo, caso tivesse achado uma só razão - e bem capaz disso teria sido - e fazê-lo rebolar na terra. Observou-o da cabeça aos pés e a diferença de altura entre eles pareceu-lhe maior do que, na realidade, era. Porque não poderia ela amar alguém mais jovem do que ela? O seu coração teve a certeza de ter perdido o mundo. Hassan convidou-o a almoçar em sua casa. Mas ele declinou o convite, agradecendo, após o que estreitaram as mãos e separaram-se.

Voltou para casa de ânimo abatido e com o coração no auge do desespero. Teria desejado permanecer sozinho para evocar os acontecimentos do dia e neles meditar, de modo a esclarecer todas as suas significações. A vida parecia-lhe como que revestida de um sudário. Mas acaso não sabia já desde o começo que aquele era um amor sem esperança? De que novidade ressoavam os acontecimentos do dia? Seja como for, que lhe servisse de consolação o facto de os outros só falarem de amor, ao passo que ele amava com todo o seu coração! Ninguém, para além dele, era capaz de amar com aquele amor que iluminava o seu espírito. Este era a sua prerrogativa e a sua superioridade. Não renunciaria ao seu sonho antigo de conquistar a sua adorada no céu. No céu, onde não existem falsas discriminações, nem cabeças grandes nem mesmo narizes enormes.

"No céu, Aida será somente minha, em virtude das leis celestes..."

CAPÍTULO 20

Era como se já não existisse.

Ignorara-o de uma maneira que só poderia ser intencional. Fora a primeira coisa de que se dera conta na manhã da sexta-feira seguinte, uma semana após a conversa com Hassan Salim, na Rua de es-Sarayat, durante o encontro com os amigos, sob o pavilhão do jardim no palácio dos Shaddad. Estavam a conversar quando se lhes juntou Aida, acompanhada, como sempre, por Budur, e entreteve-se brevemente com eles, falando com um e brincando com outro, sem nunca, no entanto, prendá-lo com um olhar.

Nos primeiros instantes, pensou que a sua vez chegaria, mas teve de aguardar muito. Percebeu, então, que os olhos dela não desejavam cruzar os dele ou queriam particularmente evitá-los.

Abandonou, por isso, a sua atitude passiva e conformada e interrompeu-a com um fugaz reparo para impeli-la a dirigir-lhe a palavra. Mas Aida persistiu em falar, fingindo sempre ignorá-lo.

E, se bem que nenhum dos presentes se apercebesse daquelas suas infrutíferas tentativas, porque estavam por demais absortos pela conversa que lhes era grata, não deixou de sentir com grande mágoa a estalada que foi forçado a receber sem sequer entender o seu motivo. Preferiu, contudo, não acreditar naquilo que no seu espírito estava a tomar forma e, escondendo de si as dúvidas que o assaltavam, começou com extrema preocupação a espiar os momentos oportunos para, de novo, tentar a sua sorte. Entretanto, Budur tentou soltar-se da mão de Aida fazendo-lhe sinais com a que tinha livre, Kamal avançou para a pegar nos seus braços, mas Aida puxou-a para si dizendo-lhe: "Está na hora de irmos embora." Depois cumprimentou todos e partiu!

Ah! Que diabo queria aquilo tudo significar? Que Aida estava zangada com ele e que viera deliberadamente até eles para lhe manifestar a sua cólera? Mas porque estaria abespinhada com ele? Que falta teria ele cometido? Em que descortesia, pequena ou grande, ou em que erro caíra ele? Por meio de que confusão caçoava da sua lógica e fazia desmoronar as suas certezas?

No entanto, com receio de ser atraído pela tristeza, recuperou com determinação o domínio de si mesmo. Sabia reprimir-se na

perfeição. Manteve, portanto, normalmente o seu papel usual, escondendo dos olhos dos amigos o resultado do golpe letal que acabara de receber.

Uma vez terminada a reunião, disse de si para si que melhor seria olhar de frente a realidade, por mais penosa que fosse, e reconhecer que Aida - pelo menos, naquele dia - o privara do favor da sua amizade...

No seu coração enamorado, havia um gravador electrónico muito sensível que registava cada murmúrio, cada pensamento ou gesto da sua amada. Aí, lia até as intenções e previa o futuro longínquo. Qualquer que pudesse ser o móbil de toda aquela história ou mesmo que não houvesse alguma como certas doenças cuja etiologia permanece obscura à medicina, ele sentia-se, num caso e noutro, qual folha arrancada por um violento tempo a uma árvore frondosa e atirada para um monte de detritos. Surpreendeu-se a evocar em pensamento Hassan Salim. Não tinha acaso concluído a conversa que haviam tido com as palavras: "Sempre sou capaz de levá-la a curvar-se ante a minha vontade, se assim o quiser!"?!...

Contudo, ela viera, hoje, como era seu hábito. Estava atormentado que ela o tinha ignorado e não porque o tinha privado da sua presença. Aliás, ele e Hassan haviam-se despedido como bons amigos, num ambiente tranquilo e não havia por isso razão para pensar que Hassan lhe tivesse solicitado que o ignorasse.

Ela, por outro lado, não era do género de dobrar-se perante uma orden independentemente de que lado procedesse! Por seu turno, não fizera nada de mal! Então, Deus dos céus, por que obscura razão o tratava daquela maneira?! O encontro no pavilhão - entre ele e ela -, não obstante a sua crueldade, a ironia fustigante com que arremetera contra a sua cabeça, o seu nariz e a sua dignidade, não estava desprovido de uma certa afeição e de requebros igualmente, e depois terminara com uma espécie de pedido de desculpa por parte dela.

Talvez tivesse desferido um golpe fatal à sua esperança naquele amor. Mas, de qualquer modo, era já um amor sem esperança. Quanto ao encontro de hoje, tinha havido aquele seu modo de aparentar que o ignorava, a recusa, o silêncio, a morte. De qualquer forma, quer a amada desse mostras de indiferença quer de crueldade, sempre era melhor do que passar ao lado do seu adorador sem se dignar olhá-lo

sequer, como se este não existisse! Que infelicidade! Outra mágoa juntava-se à infindável lista de sofrimentos que pesavam sobre o seu peito. Um novo tributo pago ao amor - e quão pesados são os seus tributos! - com o qual pagava o preço da luz que o iluminava e o consumia em simultâneo.

O peito encheu-se-lhe de cólera. Estava muito ressentido por ter achado tão-só um desprezo gélido e arrogante em troca do seu incomensurável amor. Sentia a sua alma trespassada ao constatar que daquela sua fúria não brotava nada mais a não ser amor e fidelidade e que não podia alterar aquela estalada senão com súplicas e preces. Mas, se o acusador injusto tivesse sido outro, mesmo que se tivesse tratado de Hussein Shaddad em pessoa, tê-lo-ia cortado em pedaços, sem a menor hesitação. Mas, porque era a sua adorada, os estilhaços da sua cólera ressoavam nele e a sua animosidade derramava-se num único alvo: a sua própria pessoa! O desejo de vingança instigou-o a castigar o culpado - que era ele - condoenando-o à recusa do mundo, e sentiu inrromper dentro de si um renitente sentimento de tristeza que lhe prescrevia que a evitasse para todo o sempre! Recebera com satisfação a amizade dela, conquanto a tivesse considerado acima dos seus sonhos e aspirações, não obstante a força do seu amor superasse os confins do céu e da terra. Tinha, por outro lado, aceite desesperar do seu amor mantendo-se apagado, no tumulto das esperanças, num doce sorriso ou numa palavra acalentadora, mesmo que estes fossem o sorriso ou a palavra de despedida. Mas o facto de o ter ignorado entristecera-o, espantara-o, fizera-lhe perder a cabeça, para depois o apartar do mundo inteiro; e talvez lhe fosse oferecida a oportunidade de experimentar aquilo que um morto sente, admitindo que este possa ter sentimentos. Os pensamentos não lhe deram tréguas por um instante sequer, ao longo do dia, durante toda a semana passada longe do palácio dos Shaddad. A sua consciência estunava-se constantemente ao repisar a decepção sofrida, quando se achava em casa, de manhã, sentado à mesa a comer junto do pai; na rua, a caminhar entre sensações transtornadas, na Escola Superior de Professores, onde assistia às aulas com espírito ausente; quando lia à noite, com uma atenção alheada; quando implorava ao sono para que o acolhesse no seu reino, para depois recomençar, ao descerrar os olhos, já de manhã cedo, vendo-se, de repente, face aos mesmos pensamentos, comose

estivessem de atalaia, no limiar da vigília, à sua espera, ou como se estes fossem aqueles que o arrancavam do sono, sôfregos, impacientes, para, de novo, o devorarem!...

Na sexta-feira, dirigiu-se para o palácio do amor e do tormento. Chegou aí um pouco antes da hora habitual do encontro. porque esperava tão impacientemente por aquele dia? O que esperava obter? Ansiava, talvez encontrar uma pulsação fraca para se dar a ilusão de que o cadáver da esperança ainda vivia? Esperava, talvez, um milagre que tornasse disponível o seu ídolo de forma inesperada e sem qualquer razão, como de forma inesperada e sem qualquer razão lhe retirara as suas graças? Ou queria espezinhar ainda mais o fogo do inferno para alcançar quanto antes o quedo frio das cinzas? Encaminhou-se pela vereda das recordações até alcançar o jardim, onde de repente, avistou Aida sentada numa cadeira, tendo Budur na sua frente, no rebordo da mesa.

Não havia mais ninguém no pavilhão!

Estacou e pensou retroceder antes que ela se voltasse e o visse, mas repeliu aquele pensamento com desafio e desprezo.

Prosseguiu, por isso, na direcção do pavilhão movido por uma irresistível vontade de enfrentar a tortura que o aguardava e descobrir o mistério que destruíra a sua tranquilidade e a sua paz...

Aquela doce e bela criatura, aquela alma translúcida, encoberta por roupagens de mulher, saberia o que fizera dele com a sua frieza?

Poderia a sua consciência continuar dormir descansadamente caso ele se queixasse do que padecia? Quão semelhante era ao despotismo do Sol sobre a Terra, condenada a girar em redor daquele conforme uma órbita predeterminada, sem poder jamais se aproximar para nele se fundir nem se distanciar para o esquecer para a eternidade!

Ah, se, pelo menos, lhe tivesse devolvido a graça de um sorriso com o qual sarar todos os seus sofrimentos! Aproximava-se dela fazendo com os pés um ruído deliberado, com a esperança de que se apercebesse da sua presença. Ela voltou a cabeça na sua direcção com um ar interrogativo, sem deixar vislumbrar qualquer emoção nos traços do seu semblante. Ele deteve-se a dois passos de distância, inclinando a cabeça com uma expressão humilde.

- Bom dia - disse ele sorridente.

Ela baixou levemente a cabeça, mas não disse nada, depois começou

a olhar na sua frente.

Não restava a menor dúvida de que a esperança doravante era tão-só um frio cadáver.

Teve quase a impressão de que ela lhe fosse gritar: "Vai para longe de mim com essa tua cabeça e esse teu nariz, para que não me toldem a luz do Sol!"

Mas Budur cumprimentou-o, agitando a mãozinha. Ele pousou o olhar sobre o seu lindo rostinho resplandecente e moveu-se na direcção dela, tentando esconder a sua derrota com o afecto inocente da menina, que se lhe agarrou ao braço. Já Kamal inclinava a cabeça sobre ela e lhe ia dar um beijo de carinho e de gratidão na bochecha quando, de súbito, a voz que já no passado lhe abrira as sendas da música divinal troou com rispidez:

- Não a beijes, por favor. O beijo é um cumprimento nada higiénico! Escapou-lhe uma gargalhada perplexa, sem saber nem como nem porquê, depois o seu rosto empalideceu e, após um longo minuto de silêncio amedrontado, disse num tom de desapontamento:

- Por aquilo que recordo, não é o primeiro beijo que lhe dou!

Aida encolheu os ombros, como que para dizer: "E daí? A verdade disso não altera nada."

"Ah, irei eu ao encontro de outra semana de sofrimento sem poder proferir uma palavra de defesa?"

- Permito-me perguntar qual o segredo que se esconde por trás desta estranha mudança. Perguntei-me isso durante toda a semana que passou sem conseguir resposta!

Nada nela mostrava que tivesse ouvido as palavras e, por conseguinte, não se dignou responder-lhe. Ele recomeçou depois a dizer, com uma voz que traía perplexidade e dor:

- Aquilo que realmente me entristece é que estou inocente. Não cometi nada pelo qual mereça ser punido.

Mas Aida permanecia obstinada no seu silêncio. Kamal temia que pudesse surgir Hussein antes de tê-la levado a falar.

- Mas um velho amigo como eu - tornou a dizer num tom de queixume e de súplica ao mesmo tempo - merece, pelo menos, que se lhe diga francamente que falta cometeu!

Voltou-se levemente para ele lançando-lhe um olhar turvo como o céu que ameaça chover e rompeu num tom enfurecido:

- Não ostentes uma falsa inocência!

"Deus do céu, será possível que alguém peque sem se dar conta?"

Com uma voz com acentos despedaçados, respondeu, enquanto acariciava como um autómato as mãos de Budur, que, por seu turno, tentava puxá-lo para si, sem minimamente se dar conta de tudo o que sucedia:

- Os meus pressentimentos revelaram-se justos infelizmente! O meu coração já mo dissera mas recusara-me a acreditar nele. Julgas que sou culpado. E de que falta me acusas? Diz-mo, esconjuro-te! Não esperes que seja eu a tomar a iniciativa de confessar, pela simples razão de que não cometi nada que deva confessar. Por mais que escave nos recessos da minha alma, da minha vida e da minha história, nada encontro, nem uma intenção, nem uma palavra, nem um acto directo contra ti com o propósito de te fazer mal. E surpreende-me que não consideres tudo isso como uma verdade demonstrada!

- Não sou daquelas que se deixam impressionar por quem faz teatro -disse ela, com menosprezo. - Pergunta antes a ti próprio o que disseste acerca de mim.

- O que disse sobre ti? - perguntou ele com inquietação. - E a quem o teria eu dito? Juro-te...

- Não sei o que fazer com as tuas juras - interrompeu Aida, exasperada. - Guarda-as para ti. Quem difama as pessoas não é de confiança nem mesmo quando jura. Aquilo que importa, porém, é que te lembres daquilo que a meu respeito disseste!...

Atirou o sobretudo para cima de uma cadeira como que se preparando a travar combate, afastando-se de um passo de Budur, para subtrair-se à sua tentativa inocente de chamar a atenção. Depois, com um ardor vibrante de sinceridade, disse-lhe:

- Não pronunciei uma só palavra a teu respeito de que me possa agora envergonhar repetir aos teus ouvidos. Em toda a minha vida, não proferi acerca de ti uma só palavra malevolente. Se tu soubesses a que ponto seria incapaz disso! Mas, se "alguém" te mencionou sobre mim algo que te encolerizou, este não passa de um abjecto caluniador, indigno da tua confiança. E estou disposto a enfrentá-lo na tua presença, para que vejas por ti mesma quão enganada estás. Aliás, quais seriam as tuas imperfeições para que eu pudesse falar delas? Como me julgaste mal!

- Obrigada por tais elogios que não mereço - replicou ela, com ironia. - Não penso estar isenta de imperfeições. Pelo menos, não tive uma educação oriental digna deste nome!

Aquela derradeira frase chamou a atenção de Kamal. Lembrava ter sido ele a pronunciá-la na conversa com Hassan Salim no desígnio de dissipar as dúvidas relativas à sua adorada. Seria possível que Hassan a tivesse mencionado de um modo propenso a levantar suspeitas sobre as suas boas intenções? O nobre Hassan Salim? Seria possível que o tivesse feito de facto? Como girava a sua cabeça!

- O que queres dizer? - perguntou ele, com uma expressão de estupefacção e de desgosto nos olhos.

- Confesso-te que fui eu quem proferiu aquela frase. Pede, no entanto, a Hassan Salim que te diga, conquanto devesse ser ele a dizê-lo de per si, se porventura a não proferi para enaltecer os teus méritos!

- Os meus méritos? - perguntou ela, fitando-o com um olhar gélido. - É por acaso também um dos meus méritos o meu desejo de ser "a rapariga dos sonhos" de todo o jovem?

- Foi ele quem disse isso sobre ti, não eu - exclamou Kamal com enfado e cólera. - Porque não esperas que chegue para que eu possa confrontá-lo na tua presença?!

Mas ela prosseguiu o seu interrogatório, com amargura e ironia, dizendo:

- E também faria parte destes méritos a afabilidade com que te tratei?

- A afabilidade com que me trataste? - replicou ele desesperado, incapaz de se defender diante daquela avalanche de acusações.

- Onde? Quando?

- Aqui mesmo no pavilhão! Esqueceste-o? Negas tê-lo feito acreditar nisso?!

O seu tom sarcástico ao dizer-lhe: "Esqueceste-o?" feriu-o bastante e compreendeu, naquele mesmo instante, que Hassan Salim - que estupidez! - devia ter alimentado tais suspeitas relativas ao encontro no pavilhão que tivera de as comunicar à amada ou então o acusar para saber a verdade pela própria Aida... Insidiosos expedientes de que ele acabara por se tornar a vítima!

- Nego-o. Nego-o com todas as minhas forças e ciente da verdade - disse ele com tristeza e ressentimento.

- Estou desiludido por ter tido boa opinião de Hassan!
- Será sempre bem estimado - replicou ela com orgulho, como que se a sua última frase lhe fosse dirigida.

Sentiu-se sufocar. Tinha a impressão de que a Esfinge tinha levantado a gigantesca pata de granito imóvel há milhares de anos e a abatera sobre ele, esmagando-o e fazendo-o desaparecer para sempre.

- Se foi Hassan quem referiu aquelas mentiras - disse Kamal com uma voz vibrante -, então é um desprezível mentiroso e foi ele quem me caluniou e não eu a ti.

Nos seus belos olhos relampeou uma expressão dura e perguntou com severidade:

- Negarias ter criticado diante dele o facto de eu frequentar os amigos de Hussein?

"Assim é desta maneira que a nobreza aristocrática adultera o que foi dito?"

- Não, isso não aconteceu - respondeu com uma emoção veemente. - Allah sabe que não o disse para te criticar. O facto é que ele afirmou ter altas pretensões. Disse... Disse que o amas! E disse que, se assim o quisesse, te impediria de nos frequentares! Eu não queria...

- Estás a desatinar - interrompeu-o Aida com um tom de desprezo, enquanto se endireitava diante dele com altivez, de tal modo que fez ondear a negra cabeleira com o movimento da cabeça.

- Não me importa aquilo que de mim se diz. Sou superior a estas coisas. Julgo não ter outra culpa exceptuando a de conceder a minha amizade sem fazer distinção das pessoas!...

Dizendo aquelas palavras, pôs Budur no chão, pegou-a pela mão e, virando as costas, abandonou o pavilhão. Então, suplicante, ele gritou-lhe:

- Espera um pouco, peço-te, para que...

Mas ela já se tinha afastado e a sua voz ressoara mais do que devia, tanto que lhe pareceu que todo o jardim tinha ouvido e que as árvores, o pavilhão e as cadeiras se tinham posto a fitá-lo com olhares sarcásticos sem vida. Fechou a boca e apoiou-se com uma palma da mão sobre o rebordo da mesa, dobrando a sua elevada estatura sob o peso da dor. Mas não permaneceu muito tempo sozinho. Pouco depois, surgiu Hussein Shaddad, com o semblante radioso como sempre, que o cumprimentou com um gesto franco e amical, e

sentaram-se um ao lado do outro em duas cadeiras. Dali a pouco, juntou-se-lhes igualmente Ismael Latif e, por último, chegou Hassan Salim, que avançava com passos vagarosos e um andar solene. Kamal interrogou-se assombrado: Acaso Hassan os teria avistado ao longe como os vira da última vez? E quando - e como - virá a ter conhecimento da desagradável altercação que se dera entre eles?" A cólera e o ciúme golpearam-no no peito, qual um apêndice inflamado, mas tinha jurado a si mesmo que não daria este gosto à malvadez dos seus inimigos e que se não prestaria a ser objecto de escarnecimento ou de equívoca comiseração e nem teria permitido que ninguém lesse no seu rosto um único indício do que o agitava.

Abandonou-se, assim, à conversa, rindo das observações de Ismael Latif, comentando longamente a constituição do partido da União^[100] e a saída dos adversários de Saad Zaghlul e do Wafd e o papel que em tudo isso desempenhara Nashat paxá.

Em suma, representou o seu papel da melhor forma, até a reunião acabar sem histórias.

Kamal, Ismael e Hassan abandonaram o palácio dos Shaddad por volta do meio-dia. Então, como lhe era impossível aguentar por mais tempo, Kamal voltou-se para Hassan e disse-lhe:

- Gostaria de conversar um pouco contigo...

- Por favor... - respondeu Hassan com serenidade.

- A sós!... - retorquiu Kamal, lançando um olhar a Ismael como que para se escusar.

Ismael teria desejado afastar-se, mas Hassan deteve-o com um gesto da mão dizendo:

- Não escondo nada ao Ismael...

Aquela artimanha enfureceu-o e pressentiu desígnios duvidosos.

- Então, que nos ouça - disse indiferente. - Eu também não tenho nada a esconder...

Aguardou um pouco até se terem afastado do palácio dos Shaddad e, em seguida, disse:

- Hoje, antes de terem chegado, encontrei-me por acaso com Aida no pavião. Estávamos sozinhos e tivemos uma conversa estranha, na sequência da qual compreendi que lhe tinhas comunicado parte da conversa que havíamos tido na Rua de es-Sarayat... lembras-te?... mas de tal modo alterada e distorcida que a levou a acreditar que a ataquei

com termos injustos e ultrajantes.

Hassan repetiu baixinho as palavras "alterada e distorcida", depois repostou com frieza, olhando-o de cima a baixo como que a querer lhe relembrar que estava a falar com "Hassan Salim" e não com outro qualquer:

- Farias bem se te controlasses um pouco na escolha das palavras.

- Foi o que fiz! - respondeu Kamal irritado. - As palavras de Aida, na verdade, não me deixaram sombra de dúvida de que quiseste semear a discórdia entre mim e ela!

Hassan empalideceu de cólera, mas não se rendeu e, num tom ainda mais frio, retrucou:

- Lamento ter por demais sobrestimado a tua capacidade de compreensão e de apreciação dos factos.

Depois, num tom mordaz:

- Queres-me dizer o que eu teria lucrado com esta tua alegada discórdia? A verdade é que te enfureces sem ponderação e sem sensatez...

- És sobretudo tu quem se deixa ir a uma conduta indigna! - gritou Kamal ainda mais exasperado.

Nisso, Ismael interveio dizendo:

- Sugiro que adiem esta discussão para outra altura, quando tiverem um maior domínio dos nervos!

- A questão é bastante clara para que possa ser discutida - insistiu Kamal. - E ele sabe-o tão bem quanto eu!

- Conta - recomeçou a dizer Ismael - aquilo que entre ti e ela sucedeu no pavilhão. Talvez possamos...

- Não admito qualquer forma de julgamento - contrapôs Hassan, com orgulho.

- Seja como for, disse-lhe a verdade - acresceu Kamal, embora soubesse que não dizia a verdade. - Assim saberá quem de nós dois foi sincero!

- Então deixemos que confronte as palavras do filho de um comerciante com as do filho de um conselheiro! - bradou Hassan que empalidecera de cólera.

Kamal arremeteu contra ele com os punhos cerrados, mas Ismael, que era o mais robusto dos três conquanto fosse o menos corpulento, pôs-se de permeio entre eles e disse num tom categórico:

- Isso eu não admito. Ambos são amigos, um e outro são filhos de pais merecedores de todo o respeito. Acabem com esta parvoíce de crianças.

Kamal ficou num completo alvoroço, furioso, caminhando durante todo o percurso com passadas curtas e agressivas enquanto sentia ferver em si a mágoa.

Fora apunhalado no coração e na dignidade, no que dizia respeito àquela que ele adorava e ao seu pai. O que lhe restava no mundo?

E Hassan, por quem ele tinha uma consideração que por mais nenhum outro companheiro sentia e cuja polidez admirava como nenhum outro, como pudera num só momento revelar-se tão caluniador, intriguista e difamador? A bem dizer, apesar do ressentimento que sentia em relação a este, não conseguia acreditar decididamente e com certeza na acusação que sobre ele fora lançada. Não cessava de ruminar em toda aquela situação, perguntando-se se, por detrás daquela circunstância pungente, não se esconderiam obscuras razões.

Seria possível que Hassan tivesse distorcido as suas palavras ou que talvez Aida as tivesse mal interpretado ou exagerado ao tecer conjecturas e suposições ou ao se abandonar num gesto por demais impaciente à fúria? Mas o confronto entre o filho do comerciante e o filho do conselheiro havia-o precipitado num inferno de raiva e consternação, pelo que todas as tentativas de justificar Hassan se revelavam infrutíferas. Em seguida, à hora habitual do encontro costumeiro, dirigiu-se ao palácio dos Shaddad mas aí não encontrou Hassan, que se escusava por ter sido retido por um imprevisto.

Logo depois da reunião, Ismael Latif informou-o de que Hassan lastimava muito o que lhe escapara num momento de fúria relativamente ao "filho de um comerciante e ao filho de um conselheiro", embora estivesse persuadido, por outro lado, de que ele, Kamal, lhe havia feito uma grave afronta com as suas conjecturas extravagantes, esperando, porém, que um tal episódio fortuito não lesasse os laços de amizade que os ligava, e que ele, Hassan, o havia encarregado de lhe dizer tudo isto de viva voz.

Depois, recebeu uma carta dele no mesmo estilo, na qual lhe reiterava o pedido de não mais tornar à questão quando se encontrassem e de a colocar debaixo de um véu de esquecimento, e

concluía com as seguintes palavras: "Lembra-te de todos os agravos que me fizeste e dos que te fiz. Fazendo as contas, convencer-te-ás, como eu, de que ambos temos culpas e, logo, a nenhum dos dois é permitido rejeitar as desculpas do outro!"

Kamal, num primeiro momento, ficou satisfeito com o tom da carta, mas não pôde deixar de constatar que havia um certo antagonismo entre o bem conhecido orgulho de Hassan e aquelas desculpas tão delicadas e inesperadas. Sim, inesperadas! Forque nunca teria imaginado que chegasse ao ponto de se desculpar, por um qualquer motivo! O que o teria feito mudar? A amizade unicamente não podia ter este efeito extraordinário sobre o orgulho do seu amigo. Talvez Hassan pensasse mais em resgatar destarte a reputação imaculada do que a sua amizade.

Talvez não desejasse também que aquela ruptura corresse o bairro até alcançar os ouvidos de Hussein Shaddad e este vislumbasse o motivo do envolvimento da irmã na discussão ou pudesse ofender-se, por seu turno, ao vir a saber o que havia sido dito acerca do filho de um comerciante - porquanto também ele era filho de comerciante - e o filho de um conselheiro!

Cada uma destas razões poderia ter grande peso e ser mais conforme à lógica, no caso de Hassan, do que uma desculpa com que se queria unicamente salvar a amizade.

Ao fim e ao cabo, nada disso tinha a menor importância: Hassan podia fazer as pazes ou colocar-se contra ele. Aquilo que lhe importava realmente saber era se Aida tinha decidido não mais se deixar ver. Já não fazia uma pequena visita durante os encontros deles, já não se punha à janela e não aparecia ao balcão. Referira-lhe as palavras de Hassan sobre o facto de que, assim o tivesse ele desejado, lhe proibiria frequentar fosse quem fosse, porque estava certo - sabendo quão altiva era - que teria continuado impassível a descer até junto deles, no pavilhão, e assim não seria desapossado da sua vista.

Mas, apesar de tudo, ela não mais se deixava avistar, havia como que abruptamente sumido em cada canto do palácio, do bairro ou mesmo do mundo inteiro. Não aguentava mais. Seria possível que aquele afastamento devesse perdurar para sempre?...

Desejava que o propósito de Aida fosse puni-lo durante algum tempo e depois perdoá-lo ou, pelo menos, que Hussein Shaddad lhe

revelasse uma qualquer razão para aquele seu desaparecimento dissipando os seus temores... Ter-lhe-ia agradado muito tanto um como o outro, e aguardou demoradamente mas em vão. Todas as vezes que visitava o palácio, avançava com os olhos irrequietos e quase fora das órbitas, entre o desespero e a esperança.

Procurava-a neste estado de alma, com olhares furtivos, ora em direcção ao balcão da entrada ora da janela da pequena via lateral para, em seguida, olhar pelo canto do olho, enquanto se encaminhava para o pavilhão ou para a sala do salamlik, para o balcão que dava para o jardim. E instalava-se no meio dos amigos para fantasiar longamente o acontecimento tão ambicionado e ditoso que jamais se verificava e assim a reunião findava e ele afastava-se para, de novo, lançar olhares furtivos, desconsolados e cansados, em direcção à janela e aos balcões, em particular à janela da via lateral, que, muitas vezes, lhe aparecia nos seus sonhos de olhos abertos qual magnífica cornija para a imagem da sua adorada; e, por fim, decidia-se a partir, prostrado pela decepção e supliciado pela angústia.

A pouco e pouco, o seu desespero aumentara de tal forma que estivera na iminência de perguntar a Hussein Shaddad a causa do sumiço de Aida mas não se atreveu. As tradições do antigo bairro de que estava embebido a isso obstaram e ele não proferiu uma palavra. No entanto, continuou a interrogar-se, subjugado pela comoção, se Hussein estaria ou não a par das circunstâncias que tinham levado a que a sua adorada se eclipsasse. Quanto a Hassan Salim, não abordara mais, de facto, o "passado" e nada deixava transparecer que levasse a crer que com tal se afligia. Mas não restavam dúvidas de que este via, em todos os encontros que os faziam ficar um ao lado do outro, uma prova tangível da derrota de Kamal. E como este último sofria perante aquele pensamento! Atormentava-se, sentia o sofrimento atravessá-lo até à medula, percebia que o delírio nele se insinuava até ao cérebro. Mas a sua tortura mais penosa era o tormento da separação, a amargura da desdita, a angústia do desespero.

E o pior era aquele seu sentimento de ser humilhado, excluído do paraíso do prazer, privado das melodias e das feições resplandescentes da sua adorada. Assim, com a alma que pranteava de amargura e de tristeza, ia repetindo para si mesmo: "Quão longe estás tu dos que são felizes, ó ser disforme!..."

Que significado tem a existência se ela se porfia em não aparecer? Onde poderiam os seus olhos descortinar a luz? E o seu coração o calor? E onde desfrutaria a sua alma da alegria? Que a sua amada ressurgisse custasse o que custasse; que ressurgisse para amar quem bem lhe aprouvesse, Hassan ou outro qualquer; que ressurgisse e escarnecesse da sua cabeça e do seu nariz o quanto quisesse, para se divertir e gracejar. A vontade que tinha de contemplar o seu rosto e de ouvir a sua voz ultrapassava todos os limites do desejo concedido à alma.

Sobre quem pousar hoje um olhar afectuoso, capaz de fazer desaparecer do peito a fuligem da tristeza e da solidão, e de alegrar um coração que perdeu a luz como quem perde a visão?

Que ressurgisse e o ignorasse porque, conquanto perdesse a felicidade do seu acolhimento benevolente, não teria por certo perdido a felicidade de vê-la e de ver o mundo, a seguir, através do prisma da sua luz radiosa. Caso contrário, a vida não passaria de uma sucessão de momentos de dor agitados por sobressaltos de desvario: talvez porque também ela, ao sair da sua vida, lembrasse a imagem de uma coluna vertebral que, ao desamparar o corpo humano, o reduz, após um equilíbrio recíproco e perfeição, a um semicadáver falante.

A dor e o estremecimento esgotavam a sua paciência. Não conseguia suportar por mais tempo aquela espera extenuante e, quando chegava a sexta-feira, dirigia-se, na companhia dos amigos, a el-Abbassiyya e circulava em redor do palácio, mantendo-se afastado, na expectativa de vê-la à janela ou no balcão ou de surpreendê-la num dos seus passeios convicta de estar ao abrigo do seu olhar.

Mas a espera em Bain el-Qasrain só fazia aumentar o desespero, apesar daquele seu vaguear desvairado em torno do santuário da sua adorada, qual conjunto de dinamites que anda à roda de uma estaca de fogos-de-artifício. Não a viu, mas viu por mais de uma ocasião um criado sair à rua e voltar a entrar no palácio e seguia-o com um olhar indagador e abismado, como se se perguntasse por que razão tinham preferido aquele ser concedendo-lhe o privilégio de fruir da proximidade do seu ídolo, de com ela conviver e contemplá-la em todos os seus aspectos, estendida na cama ou entretida a cantar ou a divertir-se. Todas aquelas oportunidades eram acordadas a um homem que vivia no recinto do santuário e que, no entanto, não era

capaz de se entregar à adoração!... Durante uma das suas visitas, viu Abdel Hamid bey Shaddad e a sua amável esposa saírem do palácio para entrarem no Minerva que os aguardava defronte da entrada. Viu as duas únicas pessoas no mundo que tinham a ventura de ver Aida manter-se numa atitude de respeito e veneração e que se lhe dirigiam, por vezes, num tom imperioso face ao qual ela só podia obedecer!

E aquela santa mãe que a carregara no ventre durante nove meses, porque não restavam dúvidas de que também Aida havia sido um feto e mais tarde uma recém-nascida, como aquelas criaturas que ele contemplara longamente nas camas de Aisha e de Khadiga... ninguém melhor do que aquela mãe feliz e santa para conhecer a pequena infância da sua adorada!

As mágoas acompanhá-lo-iam ao longo de todo o período em que permaneceria no labirinto da vida ou, pelo menos, os seus vestígios jamais desapareceriam.

Como apagar as recordações das noites de Janeiro, compridas e insones, quando afundava os olhos cheios de lágrimas na almofada? Estendeu o braço para o Deus dos céus suplicando do fundo do coração: "Ó Allah, ordena a este amor que se transforme em fria cinza como antes ordenaste ao fogo de Abraão: 'Sê fresco e doce'[\[101\]](#)?!" Como desejava que o amor tivesse no ser um sítio perfeitamente conhecido e determinado para poder amputá-lo tal como numa cirurgia se amputa um membro que não tem cura! Quando gritava o nome da sua amada para ouvir ressoar o seu eco no silêncio do aposento sossegado, com o coração derribado, como se fosse outro a gritá-lo e não ele? Quando dentro de si fazia entoar a voz dela relembrando através do pensamento e do coração as ocasiões em que o chamara pelo nome, para reviver no seu íntimo o sonho da felicidade perdida? Quando percorria com os olhos as páginas do seu diário para se certificar de que tudo o que acontecera era real e não uma ilusão forjada pela imaginação?...

Pela primeira vez, após tantos anos, tornou a olhar para aquela parte do passado vivido antes de conhecer o amor com uma nostalgia ardente, como um prisioneiro olha para as recordações da sua liberdade perdida.

É certo que não conseguia imaginar ninguém nas suas circunstâncias a não ser um prisioneiro.

Mas as grades do calabouço pareciam-lhe mais fáceis de quebrar e mais maleáveis do que os grilhões invisíveis do amor que se apossavam de todos os sentimentos do coração, dos pensamentos do espírito e dos nervos do corpo, sem jamais dar sinal de se romper ou se dissolver.

Um dia surpreendeu-se a interrogar-se se também Fahmi havia padecido dores idênticas às que ele estava a sofrer.

As lembranças do defunto irmão acariciaram-no qual melodia dócil e triste. Suspirou do mais fundo do coração e lembrou como um dia lhe fora contada a aventura amorosa de Mariam com Julian.

Tinha-se afundado imprudente e incautamente um punhal envenenado no coração do seu irmão.

Começou a relembrar o semblante de Fahmi. Voltou a ver a sua serenidade que então o tinha enganado, imaginou as crispações de dor que deviam ter lavrado aquele seu belo rosto quando ficava a sós consigo mesmo, os monólogos tristes nos quais sem dúvida mergulhara, como hoje sucedia com ele, acompanhados de gemidos e suspiros. Experimentou uma pontada no coração e pôs-se a dizer que Fahmi devia ter seguramente sofrido mais do que quando a bala se lhe havia cravado no peito!

Facto espantoso, por último, Kamal descobriu na vida política uma forma ampliada da sua própria existência.

Ao ler as notícias nos jornais, era como se lesse episódios da experiência vivida em Bain el-Qasrain ou em el-Abbasiyya. Saad Zaghlul, por exemplo, parecia-se com ele, quase prisioneiro e alvo de maquinações afrontosas, de ataques injustos, exposto à perfídia e ao engano dos amigos. Ambos, ele e Saad, suportavam mágoas inenarráveis no meio de indivíduos nobres pelo nascimento mas ignóbeis pelas acções por eles perpetradas. Identificava-se com a pessoa do líder na sua desgraça e com a pátria na sua agonia. Enfrentava a situação política e a sua situação pessoal com idêntico sentimento, idêntica revolta. Era como se fizesse referência a si próprio quando de Saad Zaghlul se afirmava: "Acaso merecerá uma semelhante injustiça um homem tão leal?" e parecia aludir a Hassan Salim quando dizia acerca de Ziwer^[102]: "Atraíçoou a confiança e cometeu uma hediondez para se assenhorear do poder", e assim parecia falar de Aida quando do Egipto dizia: "Voltou as costas ao

homem que lhe era fiel e que se empenhava em pugnar pelos seus direitos."

[100] Na sequência da exortação de Hassan Nachat Paxá, chefe do gabinete do rei, este partido foi formado em Janeiro de 1925 por um grupo de notáveis. Os princípios deste novo partido assentavam na 'fidelidade ao trono'. A sua política, portanto, opunha-se ao Wafd, que era acusado de trair o rei.

[101] Alcorão, XXI, versículo 69.

[102] Trata-se de Ahmed Ziwer Paxá, encarregue pelo rei Fuad de formar o novo ministério após a demissão de Saad Zaghlul. Este ministério ataca durante um certo tempo o regime liberal: o Parlamento é dissolvido, a Constituição é violada, o partido Wafd é afastado do poder. Para este partido, aliás, é o período mais difícil da sua história (alguns parlamentares wafdis-tassão detidos, as reuniões são proibidas, etc.)

CAPÍTULO 21

A casa dos Shawkat em es-Sukkariyya não era das que gozavam de paz e sossego e isso não porque os três andares fossem habitados unicamente pelos membros da família dos Shawkat mas sobretudo por causa de Khadiga.

A velha mãe instalara-se no rés-do-chão, ao passo que Khalil e Aisha com os seus filhos Naima, Otman e Muhammad ocupavam o andar de cima.

Mas a algazarra ocasionada por todos eles não era nada quando confrontada com o escarcéu que provocava Khadiga sozinha: o que era produzido por ela própria e aqueloutro que era produzido pelos demais por culpa desta.

Na verdade, deram-se algumas transformações na disposição da casa de maneira a reduzir ao mínimo as possibilidades de balbúrdia, nomeadamente o facto de Khadiga ter tornado o seu lar e a sua cozinha independentes, de ter utilizado o terraço para aí criar os seus animais domésticos e aí possuir, num cantinho, uma pequena horta, à semelhança da sua velha casa, após ter expulsado a sogra bem como os animais desta... tudo isso poderia ter concorrido para reduzir a algazarra mas, no entanto, assim não acontecera ou talvez tivesse servido para alguma coisa mas nunca ninguém disso se apercebera. Contudo, naquele dia, a disposição de Khadiga parecia ser de acabrunhamento: a jovem perdera toda a determinação e, ao que parecia, não escondia a causa disso.

Aisha e Khalil, na verdade, dela se tinham acercado, no seu apartamento, para tentar atenuar a crise - sim, porque de uma crise se tratava! - que a tinha atingido.

Sentados no salão, os dois irmãos defronte das duas irmãs, sobre dois sofás ao lado um do outro. Tinham semblantes circunspectos. Khadiga estava exasperada. Trocaram olhares expressivos mas nenhum se decidia a começar a falar da razão daquela reunião, até Khadiga dizer, num tom de queixume e, em simultâneo, de ressentimento:

- Discussões destas ocorrem em todas as famílias. Assim vai o mundo desde que Allah o criou. Mas isto não significa que devamos

divulgar às pessoas as desgraças que nos afligem, especialmente na presença daquelas

às quais não convém dar azo a falar de forma inoportuna. Mas o que querem! Ela encarregou-se pessoalmente disso ao pretender transformar as questões domésticas em escândalos do domínio público. Ó Allah, ajuda-nos!

Ibrahim agitou-se no seu sobretudo como que para se endireitar no seu lugar, após o que soltou uma pequena gargalhada cujo significado preciso ninguém pôde estabelecer.

Khadiga olhou para ele desconfiada e disse-lhe:

- O que queres dizer com este teu "eh...eh"? Não há nada no mundo que prezes?

Deixou-se ir, com um ar desesperado, e, voltando-se para Khalil e Aisha, tornou a dizer:

- Acham mesmo bem que ela tenha ido ter com o meu pai à loja para fazer queixa de mim? Será legítimo envolver os homens, sobretudo um como o meu pai, em discussões de mulheres? Nunca devia ter sabido nada de tudo isso. Ter-se-á enfurecido, sem dúvida, quer com a visita quer com a queixa e, não fosse ele ser uma pessoa de bem, ter-lho-ia dito sem rodeios... Mas ela insistiu até lhe ter sido prometido que viria. Que conduta abominável! O meu pai não foi feito para estes disparates, não é do feitio dele. Apoia este modo de agir, Si Khalil?

- A minha mãe errou - replicou Khalil, zangado e enfadado. - Disse-lho pessoalmente mas acabou por descarregar sobre mim a sua ira. Por outro lado, é uma senhora de idade e tu bem sabes que as pessoas da sua idade têm de ser tratadas com paciência e prudência, como se faz com as crianças, tomara...

- Tomara... tomara! - interrompeu-o Ibrahim. - Quantas vezes repetiste este "tomara" até te estrangulares. A tua mãe, como disseste, é uma pessoa de idade. Mas deparou-se com uma nora que não perdoa!

- Allah!... Allah!... [\[103\]](#) - exclamou Khadiga com ênfase, a face ruborizada e o nariz dilatado devido à tensão. - Só te falta repetir na presença do meu pai semelhantes calúnias!

- O pai não está aqui connosco, por ora - replicou Ibrahim desculpan-do-se com um gesto de mão. - E, se vier, não será para me ouvir. Estou todavia a dizer uma verdade que todos conhecem e que tu

própria não podes negar. Não suportas a minha mãe. Nem tão-pouco a sombra dela. Allah nos guarde! Porquê tudo isto, minha querida? Com um pouco de paciência e um pouco de cautela, poderias tê-la cativado. Mas é mais fácil obter a Lua do que a tua brandura. Podes negar uma única palavra daquilo que eu disse?!

Olhou quer para Khalil quer para Aisha, para tomá-los como testemunhas daquela "injustiça" chocante. Pareciam indecisos entre a verdade e a segurança pessoal, até que Aisha murmurou, num desassossego imenso:

- Si Ibrahim quer dizer que deverias dar menos importância ao que se escapa da sua boca e deixar passar...

- É assim - insistiu Khalil, aquiescendo com a cabeça satisfeito como quem no último momento alcança a saída de socorro -, a minha mãe enfurece-se com facilidade, mas debes-lhe o respeito que se deve à tua mãe; com um pouco mais de paciência, pouparias aos teus nervos a mágoa de tanta disputas...

- Seria mais correcto dizer que é ela quem não me suporta - vociferou Khadiga - e quem não suporta a minha sombra! Arruinou os meus nervos! Não há uma só vez quando nos encontramos que ela não me faz ouvir, de maneira subentendida ou declarada, uma palavra que me faça ferver o sangue nas veias e me envenena a existência. E é-me exigida paciência! Como se fosse feita de gelo. Não me bastam Abdel Munim e Ahmad, que consomem toda a minha paciência e a minha condescendência? Ó gente, digam-me, onde acharei eu alguma vez alguém que me faça justiça?

- Talvez - replicou Ibrahim sorrindo e com um tom sarcástico - possas achar na pessoa do teu pai quem te faça justiça!

- Estás contente com a minha desgraça! - exclamou a jovem. - Percebo tudo muito bem, mas, apesar de tudo, Allah existe!

- Allah existe! - replicou Ibrahim com uma voz arrastada que indicava resignação e, ao mesmo tempo, desafio.

- Acalma-te - disse Khalil com um gesto carinhoso -, assim poderás enfrentar o teu pai com uma alma serena!

Mas como poderia ter a alma serena? A velha vingara-se dela de uma maneira exemplar. Dentro em breve, teria de defrontar o pai, com a respiração suspensa, numa posição em nada invejável. Naquele momento, chegaram gritos de Abdel Munim e de Ahmad, atrás da

porta do quarto destes, que se seguiram logo depois do choro de Ahmad.

Ela levantou-se num rompante, apesar da sua obesidade, e, dirigindo-se para o aposento, empurrou a porta e entrou, gritando por seu turno:

- O que é que isto significa? Não lhes proibi mais de mil vezes de brigarem? Quem começou há-de ver-se comigo!...

- Coitada! - exclamou Ibrahim mal a viu desaparecer por trás da porta. - Parece que existe uma grande inimizade entre ela e uma existência pacífica. Logo cedo pela manhã, inicia uma batalha que dura o dia todo e que SÓ termina quando vai para a cama. Tudo deve ser subordinado à sua vontade e à sua razão. A criada, a comida, a bebida, os móveis, as galinhas, Abdel Munim, Ahmad... eu... todos nós devemos-nos submeter ao conceito que ela tem de organização. Faz-me pena. Asseguro-lhes que na minha casa poderia haver a melhor e a mais impecável organização... sem toda esta obsessão.

- Que Allah a ampare - exclamou Khalil, a sorrir.

- E que me ampare juntamente com ela! - acrescentou Ibrahim meneando a cabeça e também ele sorrindo.

Depois, retirou do bolso do seu sobretudo negro o maço de cigarros e levantou-se dirigindo-se para o irmão para lhe oferecer um.

Convidou Aisha a tirar um cigarro, mas esta recusou a rir e, fazendo sinal em direcção à porta atrás da qual Khadiga desaparecera, disse:

- Deixe que esta hora passe em paz...

Ibrahim voltou ao seu lugar enquanto acendia um cigarro e disse:

- Um tribunal. Atrás da porta, neste momento, está a estabelecer-se um tribunal! Mas tratará aqueles dois pobres acusados com clemência, apesar de tudo.

Khadiga regressou enquanto dizia:

- Como querem que saboreie um pouco de sossego nesta casa? Como e quando?

Sentou-se, suspirando, depois, voltando-se para Aísha, disse:

- Dei uma olhadela pela machrabiyya e vi a lama deixada pela chuva de ontem que recobre todos os recantos do bairro. Diz-me, em nome de Allah, como é que o nosso pai há-de fazer o caminho?... Para quê toda esta teimosia?

- E o céu? - perguntou Aisha. - Como está agora?

- Negro como o alcatrão! Há-de reduzir o caminho a lagos e rios antes da noite. Mas achas que isto teria levado a tua sogra a adiar, ainda que por um só dia, uma brincadeira de mau gosto que já há algum tempo tramava? Qual quê! Foi até à loja incomodá-lo, não obstante lhe seja muito extenuante caminhar, e só o deixou quando este lhe prometeu que viria. Se alguém a ouviu na loja queixar-se de mim num tempo tão ruim, ter-me-á tomado por Rayya ou Sakina^[104].

Todos se riram, aproveitando o ensejo que lhes permitia descarregar a tensão acumulada.

- E pensas ser inferior a Rayya ou Sakina? - perguntou Ibrahim. Ouviu-se bater à porta. A criada foi abrir e apareceu o semblante da jovem Suwaidan, que olhou na direcção de Khadiga, cheia de medo, e disse:

- O nosso respeitável sayyed chegou...

E, de repente, desapareceu. Khadiga levantou-se, pálida, e, com uma voz sumida, disse:

- Não nos deixem sozinhos...

- Estaremos ao teu lado até ao fim, sitt Khadiga - respondeu Khalíl a rir.

- Fiquem perto de mim... - replicou ela com um tom que denotava prece e súplica e abandonou o apartamento, ao passo que Aisha espreitava para o espelho para se certificar de que o seu rosto não ostentava qualquer vestígio de maquilhagem.

O sayyed Ahmad Abdel Gawwad estava sentado num sofá, no fundo do antigo salão, mesmo por baixo de um grande retrato do defunto senhor Shawkat, e a sogra estava sentada numa cadeira próxima, envolta num espesso sobretudo que não conseguia encobrir a magreza do seu corpo franzino e corcovado. O rosto cavado e sulcado por profundas rugas e a pele mirrada nada mais conservavam do esplendor pretérito, salvo um ténue indício nos dentes de ouro que exhibia.

Aquela sala não era nova para o sayyed Ahmad e o facto de ser antiga não lhe diminuía o luxo faustoso. Se as cortinas estavam descoloridas e o veludo de algumas cadeiras e sofás coçado e esfiapado nos seus braços e nos encostos, o tapete persa que aí se achava tinha, porém, preservado a sua magnificência ou tinha talvez adquirido maior valor. A atmosfera, para além disso, tinha uma suave fragrância

de incenso, pelo qual a velha era louca.

A mulher, que se conservava apoiada no guarda-chuva, disse:

- Tinha dito para mim mesma: caso o sayyed Ahmad não venha como me prometeu, deixará de ser o meu filho e eu deixarei de ser a sua mãe...

- Allah não queira! - replicou o sayyed a sorrir. - Estou às suas ordens. Sou o seu filho e Khadiga, a sua filha!

- Todos vocês são meus filhos! - acrescentou ela, alongando os lábios. - A senhora Amina é a minha filha querida e tu és o melhor dos homens. Khadiga, contudo - e assim falando olhou para ele esbugalhando os olhos -, não herdou uma só das qualidades dos seus pais benevolentes... - depois meneando a cabeça: - Que Allah a ajude!...

- Estou surpreso - respondeu o sayyed num tom de desculpa. - Como pôde exasperar-se a este ponto? Toda esta questão foi uma grande surpresa para mim, não posso aceitá-lo de modo algum. Mas porque não me conta o que ela fez?

- É uma história antiga - replicou a mulher, carrancuda. - Mantínhamos escondidas todas estas coisas para atender às preces da sua mãe, que não tinha mais jeito de corrigi-la. Mas, direi apenas uma palavra quando aqui estiver a sua filha também, e quero dizer-lhe na cara aquilo que tenho para dizer, senhor Ahmad, como lho prometi na loja...

Naquele momento, entraram todos: em primeiro lugar, Ibrahim, seguido de Khalil, depois, Aisha e, atrás, Khadiga. Um a um apertaram a mão do sayyed até chegar a vez de Khadiga que se inclinou com exemplar cortesia e lhe beijou a mão.

Nisso, a velha não conseguiu dominar-se e disse estupefacta:

- Meu Deus, o que é toda esta farsa? Mas és mesmo tu, Khadiga? Não se deixe enganar pelas aparências, senhor Ahmad...

- Porque não deixa que o nosso pai descanse! - interveio Khalil, repreendendo a sua mãe. - Não é de todo necessário designar um tribunal!

- Porque vieste? - perguntou-lhe a mãe, que alteara a voz. - O que vieram fazer? Deixem-na aqui sozinha e ide em paz.

- Acalme-se e pense em rezar a Allah - disse Ibrahim com ternura.

- Faça-o melhor do que tu, imbecil! Se fosses um homem de

verdade, não me terias colocado na necessidade de convocar este excelente senhor. O que vieste fazer? Não deverias estar a roncar, mergulhado no sono, como é teu costume?

Khadiga sentiu o seu coração ser invadido por um certo alívio face a um semelhante princípio. Esperava que durasse bastante tempo, para que o seu caso passasse para segundo lugar. Mas, com uma voz estrondosa, barrando o caminho à contenda esperada, o sayyed disse-lhe:

- O que é isto que ouvi a teu respeito, Khadiga? Será mesmo verdade que não és uma filha bem-educada e submissa à tua mãe... peço perdão a Allah... à mãe de todos nós?

Khadiga perdeu todas as esperanças, baixou os olhos e mexeu os lábios num sussurro impenetrável, abanando a cabeça como que para contestar, mas a mãe fez a todos um sinal com a mão para que prestassem atenção, depois começou a dizer:

- Esta é uma história antiga. Não me é possível neste encontro contá-la aqui nos seus pormenores. Desde o primeiro dia em que entrou nesta casa, começou a brigar comigo sem uma razão legítima e a falar comigo com a língua mais petulante que alguma vez conheci. Não me agrada repetir-lhe tudo o que ouvi ao longo de cinco anos ou talvez mais. Ouvi muitas e muitas coisas e bem feias! Criticou a minha administração da casa e desacreditou a minha cozinha... algum dia poderia imaginar tal, senhor Ahmad?... e continuou a fazê-lo até se separar de mim, fazendo casa à parte, dividindo em duas esta que sempre fora uma só casa.

"Chegou até a impedir a criada Suwaidan de entrar no seu apartamento simplesmente porque é a minha criada e arrumou para si uma criada pessoal.

"E o terraço, que é bastante grande, meu senhor, fez com que se me tornasse incómodo e inviável, de tal modo que tive de desalojar as minhas galinhas e levá-las para o pátio! O que mais deverei dizer, meu filho? Julgo que o pouco que disse é suficiente. Mas o que importa isso? Disse para mim mesma: seja como for, o que lá vai, lá vai. Tudo suportei e tive paciência. Acreditei que, depois daquela separação, deixaria de haver motivos de desavença. Mas pensa que acertei no alvo? Qual quê!..."

Interrompeu-se porque tinha de tossir, e continuou a tossir de tal

maneira que as veias jugulares incharam enquanto Khadiga olhava de esguelha para ela, pedindo a Allah, no seu íntimo, que a levasse antes de terminar de falar.

Mas a tosse amainou, ela engoliu a saliva, recitou a fórmula "Confesso que não há Deus a não ser Allah", depois levantou para o sayyed dois olhos lacrimosos e, com uma voz roufenha, perguntou-lhe:

- Acaso o senhor Ahmad desdenharia chamar-me "mãe"?

- Que Allah me guarde, mãe! - replicou o nosso homem, esforçando-se por mostrar uma reserva digna, não obstante Ibrahím e Khalil tivessem principiado a sorrir-lhe.

- Allah o proteja, senhor Ahmad! Mas a sua filha desdenha-o e chama-me "senhora". Digo-lhe repetidamente: "Chama-me 'mãe'". E ela responde-me: "E assim sendo como deverei chamar aquela que mora em Bain el--Qasrain?" Eu digo-lhe então: "Eu sou mãe e mãe é também a tua mãe." Mas ela replica: "Só tenho uma mãe, e que Allah a guarde." Veja bem, meu senhor! E acontece-me isto a mim! Logo eu que a fiz nascer com as minhas próprias mãos!

O sayyed Ahmad lançou um olhar furibundo a Khadiga e perguntou-lhe exasperado:

- Tudo isto é verdade, Khadiga? Fala...

Khadiga parecia ter perdido a fala, dominada pela cólera e pelo medo. E, como se não bastasse, desesperava agora do bom êxito daquela conversa. O instinto de autodefesa induziu-a portanto a recorrer a todas as formas de súplica e de vitimação e, com voz débil, respondeu:

- Sou vítima de uma injustiça. Todos aqui sabem que sou vítima de uma injustiça. Juro-lhe, por Allah, pai, que aqui sou oprimida...

O sayyed Ahmad estava espantado com o que ouvia. E, embora se tivesse dado conta desde o início do estado de "decrepitude" já avançado em que a mulher se encontrava e não lhe tivesse escapado a comicidade da situação, cujos efeitos se liam distintamente nos semblantes de Ibrahim e de Khalil, decidiu ostentar gravidade e austeridade para comprazer a velha e intimidar Khadiga.

Continuava, por outro lado, estarecido com tudo o que viera a desvendar sobre a obstinação de Khadiga e a rudeza do seu temperamento, de que nunca se dera conta anteriormente.

Seria assim desde quando estava em sua casa? E Amina saberia algo

sobre ela que ele desconhecia? Teria descoberto da sua filha, como já sucedera com Yassin, após tantos anos, uma imagem nova, contrária à que fizera dela?!

- Exijo saber a verdade! Quero saber a tua verdade. Aquela de que a nossa mãe fala é outra mulher, diversa da que conheço. Qual das duas é verdadeira?

A velha juntou as pontas dos dedos e agitou a mão^[105] para pedir tempo, instando o sayyed a que a escutasse até ao fim. Depois, prosseguiu e volveu:

- Aconteceu-me dizer-lhe: "Trouxe-te, eu própria com as minhas duas mãos, para fora do ventre da tua mãe!" e ela, com um tom ruim de quem nunca sentiu o mesmo antes, respondeu-me: "Então é um autêntico milagre se escapei à morte!"

Ibrahim e Khalil desataram a rir, enquanto Aisha inclinava a cabeça para ocultar um sorriso.

Então a velha, voltando-se para os filhos, disse:

- Riam, riam da vossa mãe!

No entanto, o sayyed permaneceu carrancudo, embora no seu interior estivesse a rir.

Seriam por acaso ambas as filhas feitas da mesma substância que ele? Não seria algo que merecia ser relatado aos amigos Ibrahim el-Far, Ali I Abder Rahím e Muhammad Iffat?

- Não e não! - disse a Khadiga com aspereza. - Saberei de que modo te castigar por isso, com uma punição exemplar!

- Quanto à discussão de ontem - prosseguiu a velha, encorajada por aquelas palavras -, essa teve origem no facto de Ibrahim ter convidado alguns amigos para um banquete durante o qual ela serviu, entre outros pratos, a sharkasiyya^[106]. À noite, Ibrahim, Khalil e Aisha desceram com ela para junto de mim para fazer serão. Estávamos a falar acerca do banquete, claro, quando Ibrahim referiu os elogios à sharkasiyya tecidos pelos convidados. Sitt Khadiga sentia-se lisonjeada. Mas, não contente com isso, começou a declarar que a sharkasiyya sempre fora o prato tradicional da casa do seu pai. Então, fiz-lhe reparar em toda a boa fé: "Foi Zainab, a primeira esposa de Yassin, quem em primeiro lugar introduziu a sharkasiyya em vossa casa, e deves forçosamente ter aprendido a confeccioná-la com ela."

"Juro-lhe, senhor Ahmad, que falava com toda a boa-fé e não

pretendia prejudicar ninguém. Mas, Allah a ajude, meu caro, ela ficou furiosa e esbravejou na minha cara: "Pensa que conhece melhor do que nós a nossa própria casa?" Respondi-lhe: "Conheço a tua casa há muito tempo, antes mesmo de teres nascido" Então, pôs-se a vociferar: "Tem ciúmes de mim! Não pode suportar que me seja atribuído qualquer mérito! Nem sequer se: trata de como se prepara a sharkasiyya. Em nossa casa, comia-se sharkasiyya antes de Zainab ter nascido. E, além do mais, é vergonhoso que com a sua idade se diga mentiras!" Juro-lhe, senhor Ahmad, que foi precisamente isto que ela me atirou à cara na presença de todos. Quem de nós duas é mentirosa, em nome de Allah e pela sua boa oração?

- Assim foi desmascarada diante de todos! - replicou o sayyed enraive-eido e dominado pela raiva. - Deus do céu e da terra! Esta não é a minha filha...

- Foi por isso que mandou vir o pai?! - disse Khalil à mãe com manifesto enfado. - E parece-lhe correcto importuná-lo e fazer-lhe perder tempo por causa de uma discussão de crianças acerca da sharkasiyya? Isto é demais, mãe!

A mulher encarou-o, sombria, e gritou-lhe:

- Caluda! Desaparece da minha vista. Não sou mentirosa e não há ser algum no mundo que me possa acusar de mentir, porque sei aquilo que afirmo. Quando se trata da verdade, não há nada com que se envergonhar. A sharkasiyya era um prato ignorado na casa do sayyed antes de Zainab fazer parte dela. Isto não denigre e não avilta ninguém. É pura e simplesmente a verdade. Está aqui o senhor Ahmad. Ele que o diga se estou a mentir. Os tajins que se preparam em sua casa são proverbiais e a eles se seguem, no que toca à qualidade, os recheados de arroz. Mas a sharkasiyya nunca foi oferecida à sua mesa antes da chegada de Zainab. Fale pois, senhor Ahmad. O senhor é o único juiz...

O sayyed Ahmad esforçara-se por reprimir a sua vontade de rir durante toda aquela tirada. Mas depois, com um tom inflamado, principiou a dizer:

- Quem dera que a sua falta se limitasse a proferir mentiras e avançar falsos pretextos. Quis acrescer-lhe ainda a má educação!... E porque estás demasiado longe de mim que te sentes encorajada a ter esta má conduta? Julgavas que já não teria mão em ti?! Mas a minha

mão chega aonde deve chegar, sem a menor hesitação. É realmente desagradável que um pai tenha de descobrir que a sua filha precisa de ser educada e castigada, apesar de já ser adulta, de ser uma mulher feita, com marido e filhos... Estou furioso contigo - prosseguiu ele, agitando a mão - e juro por Allah que me dói ver o teu rosto na minha frente...

Khadiga desatou a chorar de forma inesperada. Tratava-se de um choro em consequência de uma afeição sincera mas que, ao mesmo tempo, era simulado. Não tinha outro jeito de se defender. Depois, com uma voz emocionada e trespessada pelo pranto, voltou:

- Sou vítima de uma injustiça. Juro por Allah que sou tratada de forma iníqua. Mal me vê, agride-me com palavras ríspidas e não perde uma ocasião para me dizer: "Se não fosse eu, terias permanecido solteira toda a tua vida" sem eu lhe ter feito algum mal, e todos são disso testemunhas.

Aquele gesto teatral, sincero e simultaneamente falso não deixou indiferentes as almas dos presentes. Khalil Shawkat franziu a testa, exasperado, enquanto Ibrahim Shawkat baixou a cabeça e o próprio sayyed, apesar de não deixar vislumbrar qualquer modificação na sua aparência externa, sentiu o seu coração confranger-se ao ouvir, como antes no passado, aquelas palavras relativas ao facto de permanecer solteira.

A velha, pelo contrário, pôs-se a observar Khadiga, por baixo das suas sobrelanceiras brancas, com olhares penetrantes, como se quisesse dizer: "Declama o teu papel, espertalhona, não conseguirás, no entanto, enganar-me" e, logo que se deu conta da simpatia que soprava a favor da farsante rompeu num tom de provocação:

- Ora, aqui está a sua irmã Aisha, estão a vê-la? Pois esconjuro-te, Aisha, em nome do que de mais caro tens e do nobre Alcorão, que testemunhes acerca do que ouviste e viste. É verdade ou não que a tua irmã me contradisse na frente de todos? Exagerei por acaso ou excedi-me ao descrever a discussão que se gerou acerca da sharkasiyya? Fala, minha filha, fala. Hoje, a tua irmã acusa-me de ser injusta depois de ontem me ter chamado mentirosa. Fala para que o sayyed saiba quem é injusto e quem é agressivo... Aisha ficou apavorada ao ver-se inesperadamente envolvida na voragem do conflito, depois de ter pensado que teria continuado na sua atitude de espectadora até ao

fim; apercebeu-se do perigo que a envolvia de todas as bandas e voltou os seus belos olhos umas vezes para o esposo, outras para o cunhado como que para pedir auxílio. Nisso, Ibrahim tentou interceder, mas o sayyed Ahmad mostrou-se mais lesto do que ele ao tomar a palavra e ao se dirigir a Aisha, dizendo:

- A nossa mãe solicita o teu testemunho, Aisha. Tens de falar.

Aisha ficou tão transtornada que empalideceu. Sentiu que desfalecia. Contudo, os seus lábios moveram-se tão-somente para engolir a saliva, e cerrou os olhos esquivando-se ao olhar do pai, determinada a continuar calada.

- Nunca ouvi antes - atalhou Khalil - que uma mulher pudesse ser chamada a testemunhar contra a sua própria irmã!

- E eu nunca ouvi - vociferou a mãe - filhos que falassem contra a própria mãe, como estão a fazer.

Depois, voltando-se para o sayyed:

- Apesar disso, o seu silêncio basta-me. O silêncio de Aisha é um depoimento a meu favor, senhor Ahmad...

Aisha acreditou naquele instante que o seu tormento tinha terminado, todavia, de repente, ouviu Khadiga dizer-lhe, enxugando os olhos e implorante:

- Fala, Aisha! Ouviste-me ultrajá-la?

Amaldiçoou a irmã, no seu íntimo, do fundo do coração. A sua cabeça dourada tinha sobressaltos nervosos.

- Finalmente chegou a consolação! - exclamou a velha. - É ela mesma quem te pede que testemunhes. Já não tens desculpas, meu tesouro! Meu Deus, se tivesse sido deveras injusta, como Khadiga afirma, porque teria sido também em relação a Aisha? Como podem as coisas correr bem entre mim e ela, por que razão, meu Deus, por que razão?

Ibrahim Shawkat levantou-se do lugar onde estava sentado e foi sentar-se ao lado do sayyed para lhe dizer:

- Pai, lamento que tenha sido importunado com isto e que o tenham feito perder desnecessariamente o seu tempo precioso. Ponhamos de parte todas as acusações e todos os testemunhos, coloquemos uma pedra sobre o passado e olhemos para aquilo que mais importa e que mais útil é. A sua presença aqui, entre nós, deve ser para nós portadora de bem e de bênçãos. Restabelecamos a paz entre a minha

mãe e a minha mulher e que cada uma nos dê a sua palavra de tentar respeitá-la e mantê-la para sempre...

O sayyed Ahmad ouviu, aliviado, aquela proposição, mas, meneando a cabeça em sinal de objecção, replicou com astúcia:

- Não, não aceitarei celebrar um acordo de paz, porque a paz apenas pode ser ajustada entre pares. E aqui as partes em jogo são a nossa mãe por um lado, e a nossa filha, por outro, e a filha não é análoga à mãe. Por conseguinte, que Khadiga comece por pedir desculpas à mãe por aquilo que aconteceu para que a mãe possa perdoar, se assim o entender. Mais tarde, discutiremos a reconciliação.

A velha esboçou um bonito sorriso e as rugas do seu rosto agruparam-se maciças, enquanto observava num primeiro momento Khadiga com olhos desconfiados para depois os assestar no sayyed sem no entanto articular uma palavra.

- Parece que a minha sugestão não encontrou o acolhimento ambicionado - principiou de novo a dizer o sayyed.

- Tem sempre a palavra acertada - respondeu a velha com gratidão. - Que Allah abençoe a sua boca e lhe dê longa vida.

O sayyed fez um gesto a Khadiga, que se levantou de imediato e dele se aproximou, num estado de aviltamento que jamais experimentara antes daquele momento, até estar diante dele.

- Beija a mão da tua mãe - disse-lhe com determinação e díz-lhe: queira perdoar-me, mãe.

Céus! Nunca, nem mesmo num pesadelo, poderia ter imaginado uma semelhante situação. Mas fora o seu pai - o seu pai adorado - que assim deliberara. Sim, assim o deliberara aquele cuja decisão ela jamais poderia recusar.

Que se cumprisse pois a vontade de Allah! Khadiga dirigiu-se para a velha, inclinou-se diante desta, agarrou na mão que esta última lhe estendia - sim, que lhe estendia sem relutância, pelo menos aparentemente - e beijou-a, experimentando uma impressão de náusea, de desgosto e uma aflição lancinante. Após o que, resmoneou:

- Perdoe-me, mãe!

- Perdoo-te, Khadiga - retorquiu a velha, fitando-a longamente, dominada pela alegria. - Perdoo-te em consideração pelo teu pai e porque aceito o teu arrependimento...

Depois, deixou escapar uma gargalhada infantil e voltou a falar num

tom de exortação:

- Doravante nada de discussões sobre a sharkasiyya. Não te basta ter superado todos na confeição dos tajins e dos recheados de arroz?

- Allah seja louvado pela paz restabelecida! - exclamou o sayyed com exultação.

Depois, levantou os olhos para Khadiga:

-Mãe, sempre, e não "senhora"... Esta é a tua mãe bem como a outra, nem mais nem menos...

Após o que, com uma voz baixinha e amargurada:

- Aonde foste buscar o temperamento que encontrei em ti, Khadiga? Ninguém que tenha crescido na minha casa deveria ter um tal feitio! Talvez tenhas esquecido a tua mãe e toda a gentileza e a afabilidade de que é provida? Esqueceste que qualquer erro teu leva a que eu faça má figura e seja desacreditado? Juro-te por Allah que fiquei estupefacto ao escutar as palavras da tua mãe, e assim permanecerei ainda por muito tempo...

[103] Expressão irónica que quer dizer: "Que bom, que bom!"

[104] Duas irmãs tristemente célebres em Alexandria pelos crimes que perpetraram contra mulheres ricas para lhes roubar as jóias. Este tema foi inúmeras vezes explorado por diversos autores e pelo cinema.

[105] Gesto muito usado no Egipto, para pedir ao interlocutor que tenha paciência. Com as pontas dos dedos reunidos, "captura-se" por assim dizer a calma deste último. Aliás, o gesto é, por vezes, acompanhado pela fórmula.- "prolonga a tua paciência", ou seja, tem paciência.

[106] Frango com arroz. Prato de origem circassiana.

CAPÍTULO 22

Logo depois de o sayyed Ahmad Abdel Gawwad se ter ido embora, o pequeno grupo subiu as escadas, para regressar cada qual ao seu lar.

À cabeça da fila avançava Khadiga, com um semblante sombrio ao qual assomava o produto amarelado da fúria e do ressentimento.

Os demais percebiam que a tranquilidade estava ainda muito remota dos corações e receavam que aquele silêncio de Khadiga estivesse a engendrar algo de pouco tranquilizador. Por conseguinte, Khalil e Aisha acompanharam Khadiga e Ibrahim até ao interior do apartamento destes, embora atendendo, à algazarra que faziam Naima, Otman e Muhammad, tivessem preferido voltar costas de imediato e regressar a casa.

Reunidos novamente na sala, Khalil, para tentear o pulso, voltou-se para o irmão e disse-lhe:

- A tua intervenção final foi decisiva e deu resultados excelentes.

- Trouxe a reconciliação, não é? - interveio Khadiga pela primeira vez, com um tom abespinhado. - Foi o motivo do vexame que tive de suportar e que no passado jamais sofrera, até hoje.

- Mas nada tem de vexante - exclamou Ibrahim, com uma expressão reprovadora - o facto de beijares a mão da minha mãe ou de lhe pedires desculpa...

- Para ti, trata-se de uma mãe - retrucou com indiferença - mas para mim é uma inimiga. Não lhe teria chamado "mãe" se não fosse uma ordem do meu pai. Será "mãe" unicamente por ordem do meu pai!

Ibrahim recostou-se no sofá, suspirando com desespero, enquanto Aisha continuava inquieta, não sabendo que efeito teria tido na alma da irmã a sua recusa em testemunhar e estava ainda mais inquieta porque Khadiga evitava olhar para ela.

Resolveu, portanto, dirigir a palavra de forma a levá-la a expressar os seus verdadeiros sentimentos e, com carinho, disse-lhe:

- O facto nada tem de vexante, visto que se reconciliaram. Só deves agora pensar no fim feliz...

Khadiga retesou o seu busto e desferiu-lhe um olhar assanhado. Depois, disse com indignação:

- Não fales comigo, Aisha. És a última pessoa no mundo que teria o

direito de me dirigir a palavra...

Aisha ficou estupefacta e, deixando o seu olhar correr entre Ibrahim Khalil, exclamou:

- Eu? Allah me guarde! Por que motivo?

- Porque me atraíste - repostou Khadiga com uma voz glacial e sibilante como uma bala - e, com o teu silêncio, testemunhaste contra mim! Porque preferiste contentar a outra a apoiares a tua irmã. Isto é uma traição autêntica!...

- És um caso estranho, Khadiga!... Todos sabem que fiquei calada para teu interesse!

- Se querias realmente o meu interesse - replicou no mesmo tom ou talvez ainda mais ríspido -, terias testemunhado a meu favor, quer disseses a verdade quer mentisses, pouco importava! Mas preferiste aquela que te dá de comer, colocando-a à frente da tua própria irmã. Não me fales, não me dirijas nem mais uma palavra. Temos uma mãe e é com ela que devemos falar.

Na manhã do dia seguinte, Khadiga foi visitar a mãe, embora as ruas estivessem enlameadas e cheias de poças de água estagnada.

Dirigiu-se logo para o forno e a mãe levantou-se para acolhê-la, com calor e alegria. Depois encontrou Umm Hanafi entre exclamações de boas-vindas, mas, como retribuiu o cumprimento com palavras tão sucintas, a mãe começou a observá-la com um olhar indagador.

- Vim vê-la para que me diga o que pensa de Aisha - disse Khadiga, sem preâmbulos. - Não posso suportar mais o que fez...

O rosto de Amina foi atravessado por um sentimento de desassossego matizado de dor.

- Mas, o que aconteceu, que Allah nos proteja do mal? - disse-lhe, convidando-a com um gesto de cabeça a sair na sua frente. - O teu pai contou-me o que aconteceu em es-Sukkariyya. Mas onde entra Aisha em todo este assunto?

Depois, enquanto subiam as escadas:

- Meu Deus, Khadiga! Pedi-te sempre que fosses paciente. A tua sogra é idosa. Deverias ter em conta a sua idade. O simples facto de ter ido até à loja com um tempo como o de ontem é a prova da sua fragilidade mental. Mas o que podemos nós fazer? Como o teu pai se enfureceu! Não podia acreditar que pudesse sair da tua boca uma palavra indigna. Mas o que fez com que te irritasses com Aisha? Foi

porque se manteve calada, não é? Só podia ficar calada...

Sentaram-se na sala - a da sessão do café - lado a lado, num sofá, e Khadiga disse com uma expressão de advertência:

- Mãe, espero que não se coloque do lado deles. Meu Deus, porque não acho um único defensor sobre esta terra?

- Não digas isso - interveio a mãe, com um sorriso de reprovação. - Não debes pensar isso, minha filha. Mas diz-me, o que te fez Aisha?

- Todo o mal possível - replicou ela, batendo o ar com a mão como que para esbofetear um inimigo.

- Testemunhou contra mim, infligindo-me a mais humilhante das derrotas.

- O que disse ela?

- Não disse nada.

- Allah seja louvado!

- A desgraça adveio do facto de nada ter dito...

- E o que poderia ter dito? - perguntou Amina, sorrindo com ternura.

- Poderia ter testemunhado que eu não fiz nada de mal àquela senhora - replicou despeitada e com rispidez, como se a pergunta da mãe lhe parecesse inadmissível. - Porque não? Se o tivesse feito, não teria ido além dos seus deveres de irmã. Poderia, pelo menos, dizer que nada ouvira. A verdade é que preferiu aquela mulher. Deixou-me sozinha e abandonou--me à mercê daquela mulher maléfica e perversa. Jamais esquecerei o que Aisha fez, enquanto viver!

- Não me assustes, Khadiga! - respondeu Amina com um estremecimento e desalentada. - Tudo deveria estar esquecido desde esta manhã.

-Esquecido?... Não dormi uma hora sequer esta noite. Fiquei acordada. Era como se tivesse um fogo no interior da cabeça. Teria suportado qualquer calamidade caso não fosse provocada por Aisha! A minha irmã aceitou juntar-se ao partido do diabo! Então, há-de ser como ela o quis! Tinha uma sogra. Agora tenho duas! Pelo céu, eu sempre encobri Aisha! Se tivesse sido uma traidora como ela, teria contado ao meu pai a que ponto a sua existência está cheia de indecências. Quer fazer-lhe crer que é um anjo com nobres sentimentos e que eu, ao invés, sou um demónio maldito. Não, sou mil vezes melhor do que ela. Tenho uma dignidade que desconhece a

poeira ou o lodo. E, se não tivesse sido pelo meu pai - aqui o seu tom tornou-se mais rude -, nenhum poder sobre a terra me teria levado a beijar a mão da minha inimiga ou a chamar-lhe "mãe"!

Amina bateu-lhe no ombro com a mão, dizendo-lhe:

- Estás encolerizada, como sempre. Acalma-te agora. Ficarás comigo, almoçaremos juntas. Depois, falaremos com calma.

- Estou na plena posse das minhas faculdades mentais e sei o que afirmo. Gostaria de perguntar ao pai qual das duas é a melhor: aquela que cuida ininterruptamente da sua casa ou aquela que frequenta a casa dos vizinhos, dedicando-se ao canto e permitindo que a filha dance?

- Não vale a pena perguntar o que o teu pai pensa sobre isso - disse Amina com tristeza, depois de ter dado um profundo suspiro. - Todavia, Aisha é uma mulher casada e a última palavra acerca do seu comportamento cabe ao marido, visto que lhe permite visitar os vizinhos e sabe que canta no meio de amigos que a admiram e lhe enaltecem a voz. Que temos nós a ver com isso? Santo Deus, Khadiga! Chamas a isto indecências? Irritas-te realmente porque Naima dança? Tem apenas seis anos. Dança só para brincar. O facto é que estás agastada, e basta! Que Allah te perdoe!...

- Não retiro nem uma palavra daquilo que disse - replicou Khadiga com teimosia. - E, se lhe agrada que a sua filha cante para os vizinhos e a filha dela dance, agradar-lhe-á também que fume como os homens? Pois

é, agora está surpreendida! Repito-lhe que Aisha fuma. O tabaco tornou-se para ela actualmente uma necessidade, da qual não se consegui libertar. É o marido que lhe traz os maços dizendo-lhe apenas: "In, meu tesouro, o teu maço!" Vi-a com os meus próprios olhos inspirar o fumo e fazê-lo sair pela boca e pelo nariz. Pelo nariz, ouviu bem? Já não mo esconde, como de início fazia. Chegou até a incitar-me a fumar, certo dia, com o pretexto de que acalma os nervos. Aqui tem Aisha. O que diz? E o que dirá o pai?

O silêncio reinou. Amina parecia estar sobre brasas. Resolveu, todavia continuar a conservar a atitude despreocupada que se impusera.

- Fumar - respondeu - é um mau hábito, mesmo para os homens. O teu pai nunca fumou. O que pensar então quando são as mulheres que

fumam? Mas, por outro lado, o que se pode dizer quando é o marido em pessoa quem lhe pede que assim aja e para aí a encaminha? O que podemos fazer, Khadiga? Ela pertence ao marido e não a nós. No melhor dos casos, podemos dar-lhs alguns conselhos, se é que ainda servem para alguma coisa...

Khadiga pôs-se a observar a mãe numa atitude de silêncio que traía irresolução, antes de dizer:

- O seu marido apaparica-a de um modo indigno. Arruinou-a e arrastou-a com ele para todos os seus vícios. Mas não é o fumo a sua pior extravagância. Ele bebe álcool em casa sem a menor vergonha. Em sua casa, há sempre uma garrafa, como se fosse uma necessidade vital. Há-de também fazer com que ela apanhe o vício do álcool como já o fez com o tabaco. Porque não? A velha sabe que o apartamento do filho é uma taberna autêntica, mas pouco se importa com isso. Há-de levá-la a beber. Posso até garantir que já o fez, porque uma vez aconteceu-me sentir o seu hálito, um hálito esquisito, na verdade, e deixei-a pouco à vontade com as minhas perguntas insistentes, embora negasse tudo. Asseguro-lhe que tinha bebido e que se está a habituar, como fez com o tabaco...

- Tudo menos isso, meu Deus! - gritou Amina com desespero. - Tem piedade de ti e de nós, teme Allah, Khadiga!

- Eu temo Allah. Ele é minha testemunha. Não fumo, não tenho um hálito suspeito! E não permito que o vinho penetre no meu apartamento!

"Não sabe que o outro imbecil tentou também adquirir aquela maldita garrafa? Mas fiquei à sua espera no caminho e disse-lhe apenas isso: 'Não fico debaixo do mesmo tecto que uma garrafa de vinho.' Perante a minha determinação, retrocedeu e começou a manter uma garrafa junto do irmão, na casa da senhora que ontem me atraincoou. Sempre que grito, amaldiçoando o álcool e quem o bebe, ele responde-me... Allah lhe corte aquela língua: 'Aonde foste buscar tanto hanbalismo? Repara um pouco no teu pai, é um homem brincalhão que se entrega à pândega, e diz-me se o vinho e o alaúde escasseiam nos serões em que toma parte!' Ouviu o que se diz acerca do meu pai na casa dos Shawkat?"

Os olhos de Amina velaram-se com uma expressão de tristeza e de angústia. Cerrava e abria com veemência a mão, inquieta e

preocupada. Depois, com uma voz trespassada pelo lamento e pela consternação, disse:

- Misericórdia, meu Deus! Não fomos feitos para tais coisas. A Ti pertencem o perdão e a compaixão! Que desgraça são os homens para as mulheres! Mas não ficarei calada. Não é justo que permaneça calada. Acertarei severamente contas com Aisha. Mas não acredito naquilo que dizes sobre ela. É o mal que dela pensas que te levou a imaginar coisas infundadas a seu respeito. A minha filha é pura e permanecerá pura mesmo se o marido se transformou num nefando diabo. Falarei com ela com toda a franqueza. Falarei com o próprio si Khalil, se for necessário. Que beba quanto lhe aprouver, até que Allah o resgate... Quanto à minha filha, que Allah a defenda do diabo.

Pela primeira vez, uma aragem de consolação soprou sobre a alma de Khadiga. Observando com olhos satisfeitos a comoção da mãe, persuadiu-se de que Aisha dentro em breve sentiria e compreenderia quanto mal lhe causara com a sua perfídia e pouco lhe importava, na verdade, ter empolado a realidade dos factos e ter em muito exagerado na descrição do apartamento da irmã ao se referir a este como se de uma taberna se tratasse, embora soubesse lindamente que tanto Ibrahim como Khalil não tocavam no vinho a não ser em raras ocasiões e com moderação, sem nunca chegarem ao ponto de se embriagarem. Mas estava agastada e furibunda. Quanto ao que fora dito acerca do pai, isto é, que era um homem brincalhão que se entregava à pândega, etc.... repetira-o à mãe com um tom de condenação tal que disso não restava a menor dúvida conquanto ela própria não estivesse nada convencida.

A verdade era que perante a concordância que, a tal propósito, reunia Ibrahim, Khalil e a velha mãe destes, ela vira-se compelida, há já algum tempo, a ter por verídico tudo quanto se dizia; tanto mais que estes últimos lhe haviam revelado o que sabiam a respeito do pai sem prevenção nem censura, mas louvando-lhe, pelo contrário, a longanimidade e apontando-o como o paradigma mais distinto do bom gosto entre os homens da sua época. De princípio, enfrentara aquela concordância com uma teimosia inabalável, depois, a pouco e pouco, nela se insinuara a incerteza embora a não manifestasse. Achava muito difícil ligar aquelas novas características com a personalidade digna e majestosa em que acreditara ao longo de toda a

sua vida. Aquela dúvida, todavia, não lhe diminuía a importância e o prestígio, pois até alcançara uma consideração mais elevada aos seus olhos devido àqueles atributos de bom gosto e de longanimidade que lhe tinham sido associados. Não ficou satisfeita com a vitória saboreada e, com um tom provocador, recomeçou a dizer:

- Não sou a única que Aisha traiçou, também a traiu a si...

Fez uma pausa de silêncio, para dar tempo às suas palavras de agirem em profundidade. Depois prosseguiu, dizendo:

- Ela encontra-se com Yassin e Mariam em Qasr esh-Shawq.

- O que é que disseste? - gritou Amina, fitando-a com uma expressão aterrada.

- É a triste verdade! - replicou ela, consciente de ter atingido o acme do triunfo. - Yassin e Mariam vieram muitas vezes ter connosco. Ora vinham ver Aisha ora vinham-me ver. Digo a verdade, fui forçada a acolhê-los. Não podia deixar de o fazer por respeito a Yassin, mas era um acolhimento que se devia tão-só à boa educação. Yassin convidou-me a ir a casa deles, Qasr esh-Shawq. Mas é inútil que lhe diga que não fui. As visitas repetiram-se, sem, no entanto, fazerem com que voltasse atrás na minha resolução, de tal forma que Mariam me disse: "Porque não apareces em nossa casa. Há já muito que somos duas irmãs, não é?" Sempre tentei alegar todas as desculpas imagináveis e ela tentou de tudo para me atrair até à sua casa. Queixou-se na minha frente do modo como Yassin a trata, do seu comportamento incorrecto e do facto de a deixar sozinha. Talvez quisesse comover-me, mas não lhe abri o meu coração...

"Com Aisha é o inverso. Recebe-a ao som de boas-vindas e com beijos. O pior é que lhe retribui as visitas. Uma vez, fez-se acompanhar por Si Khalil e, outra vez, foi na companhia dos filhos, Naima, Otman e Muhammad. Parece muito feliz devido à amizade reatada com Mariam. Chamei-a à atenção, avisando-a de que talvez estivesse a ultrapassar os limites naquele seu modo de proceder, no entanto, ela respondeu-me: O único lamento que se possa fazer a Mariam é a recusa que um dia lhe impusemos de se tornar noiva do nosso irmão querido e saudoso. Que justiça houve em tudo isso?' Então objectei-lhe: 'Esqueceste-te por acaso da história do soldado inglês?' E ela contraveio: 'Devemos apenas recordar que se trata da esposa do nosso irmão mais velho.' Ouviu, porventura, mãe, algo do género antes?

Amina deixou-se invadir pela tristeza. Baixou a cabeça e refugiou-se no silêncio. Khadiga olhou para ela demoradamente e, depois, retomou:

- Aqui tem Aisha, sem tirar nem pôr! A Aisha que ontem testemunhou contra mim, humilhando-me na presença de uma velha caquética.

Amina soltou um suspiro profundo e observou Khadiga com olhos lânguidos.

- Aisha é uma eterna criança - replicou com uma voz débil - que recusa ser sensata ou ponderada. Permanecerá assim toda a sua vida. O que mais poderei eu dizer? Não quero nem posso. Acaso será indiferente à memória de Fahmi? Não posso crer nisso. Não podia controlar os seus sentimentos para com aquela mulher, em consideração por mim? Mas não me calarei no que se refere a isso. Dir-lhe-ei que me ofendeu, que estou revoltada e triste, e depois verei a importância que atribui às minhas palavras...

Khadiga pegou numa madeixa de cabelos do topo da sua cabeça e disse:

- Que mos cortem se alguma vez se há-de emendar! Vive num mundo distinto do nosso. Não tenho prevenções contra ela, Allah bem o sabe! Desde o dia em que se casou, nunca mais tive uma discussão com ela. É verdade, repreendi-a por mais de uma ocasião devido à sua negligência em relação aos filhos, à sua subserviência vergonhosa em relação à sogra e outras coisas de que lhe falei na altura. Mas nunca fui para além do conselho ou da reprimenda sincera. Esta é a primeira vez que estou irritada com ela e que lhe declaro guerra...

- Deixa que seja eu a tratar disto, Khadiga - disse-lhe a mãe, esperançosa mas com o rosto crispado. - Quanto a ti, não quero que alguma discórdia te separe dela. Os vossos corações não podem ser divididos enquanto viverem debaixo do mesmo tecto. Não te esqueças de que são irmãs e que és também a irmã mais velha. Tens um bom coração, graças a Allah, e está cheio de afecto pela tua família. Quando as adversidades se amontoam, é no teu coração complacente que encontro a minha consolação. Por mais erros que Aisha possa cometer, continua a ser a tua irmã. Não te esqueças disso!

- Perdoo-lhe tudo - exclamou ela comovida - excepto o seu testemunho contra mim!

- Não testemunhou contra ti. Teve simplesmente medo de te abespilhar ou de excitar a sogra. E, por isso, refugiou-se no silêncio. Como tu sabes, ela detesta ter de irritar seja quem for, ainda que não raro a sua irreflexão enfureça muita gente. Não quis prejudicar-te. Não escaves em demasia na sua conduta. Amanhã irei ter com ela para acertar as minhas contas. Mas trarei a paz para ambas e não ouses impedir-me...

Pela primeira vez nos olhos de Khadiga leu-se uma tal expressão inquieta e apiedada que a levou a baixar a cabeça para a esconder da mãe. Ao cabo de um silêncio curto, recomeçou a dizer com uma voz débil:

- Virá amanhã?

- Sim, a situação não permite a mais pequena demora. -Acusar-me-á de ter espalhado os seus segredos... - replicou Khadiga como se estivesse a falar consigo mesma.

- E se assim fosse?...

Mas, percebeu que a filha estava muito preocupada e agitada, pelo que acrescentou:

- Todavia sei muito bem o que devo dizer e o que não devo dizer.

- Assim está melhor - concluiu Khadiga com alívio. - Pois não penso que ela possa reconhecer as minhas boas intenções ou o meu desejo de melhorar a sua situação!...

CAPÍTULO 23

-Ah!...

Aquela exclamação escapou-se-lhe num repente, cheia de fervor e de agitação, ao ver Aida sair pela porta do palácio.

Encontrava-se, como todas as tardes era hábito seu, no passeio de el-Abbasiyya, a observar de longe a casa, e acalentando como única esperança vê-la a um balcão ou à janela.

Kamal envergava um elegante fato cinzento, como que a secundar aquela aragem que os derradeiros dias de Março banhavam com profusão, doçura e letícia, para além do facto de que ele se habituara a aparecer cada vez mais elegante à medida que o seu desespero e a sua desolação aumentavam.

Os seus olhos não mais a tinham visto desde o dia em que tinham brigado no pavilhão.

E, todavia, a vida não lhe deixava outra alternativa senão a de todos os dias. à tarde, ir para el-Abbasiyya, onde girava em torno do palácio à distântia, com uma assiduidade que não conhecia resignação, para sarar a sua alma por meio de sonhos, contentando-se momentaneamente com a contemplação do santuário do seu ídolo e recordações repisadas. A dor, nos primeiros dias de afastamento, enlouquecera-o, tornando-o presa do delírio e das obsessões.

Se aquela situação devesse subsistir para todo o sempre, ter-lhe-ia sido decerto fatídica. No entanto, com o desespero, ao qual há muito se afizera, conseguiu sair daquela fase perigosa da sua vida.

A dor entocara-se nos recessos do seu ser, e aí achara um esconderijo, onde desenvolvia as suas funções, sem comprometer todas as demais funções vitais, como se se tratasse de um órgão genuíno do seu corpo ou de uca fundamental da sua alma; ou talvez uma doença aguda e flogística, que de tal modo se tornara crónica que perdera os seus sintomas mais agudos e virulentos e se estabilizara.

E, contudo, não estava verdadeiramente consolado. E como poderia consolar-se do amor, a revelação mais grandiosa que a vida lhe concedera?

Mas acreditava com convicção na eternidade do amor. Deveria tão-só ter paciência, como convém a um homem destinado a carregar uma

doença até ao derradeiro dia da sua existência...

Assim, quando a tinha avistado sair do palácio, da sua boca tinha-se-lhe escapado, inadvertido, aquele "ah!". Os seus olhos seguiram à distância a passada graciosa e sinuosa que há tanto tempo ansiava rever. A sua alma começou a bailar, arrebatada por uma paixão que destilava desejo e êxtase. A sua adorada virou à direita e encaminhou-se ao longo da Rua de es-Sarayat. No seu íntimo, desencadeou-se uma revolta brusca que apagou de um golpe a derrota que há quase três meses sofria dia após dia. O coração sugeriu-lhe que lançasse as suas mágoas aos pés de Aida e se entregasse ao destino. Dirigiu-se, por conseguinte, sem tergiversar, para a rua de es-Sarayat. No passado evitara falar-lhe, com receio de perdê-la. Hoje não havia nada de que ter medo. Por outro lado, o sofrimento que tivera de suportar durante os últimos três meses não lhe permitia dar-se ao luxo de hesitar ou recuar.

Ela não tardou a aperceber-se dos seus passos que se aproximavam. Voltou-se para trás e viu-o, não longe dela, mas virou a cabeça com indiferença e prosseguiu o seu trajecto. Kamal não esperava por certo um acolhimento mais amável, contudo, disse com um tom de repreensão:

- É desta maneira que os velhos amigos se encontram?

Como resposta, Aida acelerou o passo, sem se dignar dar-lhe a mais ínfima atenção. Também ele alongou o passo, extraíndo coragem do seu sofrimento.

- Não finjas que me ignoras - disse-lhe, tendo-a praticamente alcançado. - É algo intolerável. E seria escusado, se pelo menos fosses justa.

O que ele mais receava era que ela insistisse em ignorá-lo, até ter atingido o local para onde se dirigia. Mas a voz melodiosa volveu-se para ele:

- Peço-te, afasta-te de mim e deixa-me caminhar em paz...

- Caminharás em paz - respondeu ele ao mesmo tempo com obstinação e súplica - mas depois de termos acertado as contas...

- Nada sei destas contas - replicou ela com uma voz que ecoou intensa e clara no silêncio daquela rua aristocrática que surgia quase vazia - e não quero saber. Espero que queiras comportar-te como um cavalheiro!

- Prometo-te que me comportarei de um modo que até um cavalheiro consideraria exemplar - prosseguiu ele com fervor e angústia - e só poderei assim proceder, pois és tu quem me inspira uma tal conduta.

- Quero pedir-te que me deixes sossegada - replicou Aida sem sequer olhar para ele. - É isto que quero...

- Não posso. Não poderei fazê-lo antes de te ouvir declarar a minha inocência relativamente a todas as acusações injustas pelas quais me puniste, sem ouvir a minha defesa...

- Eu castiguei-te?...

Por um breve instante, ele cessara de falar, para saborear o encanto daquela situação. Dignara-se a falar com ele... e a afrouxar os seus passos alegres.

Pouco importava a razão, quer ela fizesse por querer escutá-lo quer houvesse há muito decidido protelar de maneira a livrar-se dele antes de chegar ao seu destino.

Aquilo não teria mudado em nada a realidade maravilhosa que estava a viver: estavam a caminhar lado a lado na Rua de es-Sarayyat, rodeados pelas árvores ondeantes daquela rua, espiados, do cima dos muros dos palácios, pelos olhares bonançosos dos narcisos e das corolas desabrochadas dos jasmims, num remanso profundo, em que o seu coração esbraseado aspirava participar.

- Castigaste-me - disse-lhe - da pior das formas, ao desapareceres durante três meses, enquanto eu sofria, padecendo as penas de que injustamente sou acusado...

- É melhor não voltar a este assunto...

- Pelo contrário! Devemos impreterivelmente falar dele - replicou Kamal com uma voz carregada de alvoroço e de súplica. - Estou determinado a fazê-lo e peço-te que me ouças, em nome do sofrimento que padecei e que já não consigo suportar...

- Que culpa tenho eu disso? - perguntou Aida com placidez.

- Quero saber se continuas a pensar que te ofendi. Tenho a certeza de que jamais te poderia prejudicar. E, se recordares o carinho que sempre tive por ti, em todos os anos passados, convencer-te-ás daquilo que afirmo, sem a menor dificuldade. Deixa-me que te explique em que ponto estão as coisas com toda a franqueza. Foi Hassan Salim quem me pediu que me encontrasse com ele, logo após a conversa que

tinha havido entre nós no pavilhão.

- Peço-te, não falemos disso - interrompeu-o, como que a suplicá-lo.
-É já passado...

A última frase soou aos seus ouvidos como um lamento fúnebre aos ouvidos de um morto, admitindo que um morto possa ouvir! E, impelido pela emoção que transparecia na sua voz ferida por um golpe grave, qual nota que desce uma oitava, respondeu-lhe:

-Já passado... Sei que já passou. Mas quero que termine bem. Não quero que te vás embora a pensar que sou um traidor ou um difamador. Estou inocente e aflige-me constatar que pensas mal de uma pessoa que por ti tem o máximo respeito e a máxima estima e jamais falaria de ti sem se desfazer em elogios...

A jovem olhou para ele deslocando ligeiramente a cabeça para o outro lado, como que para lhe dizer, com uma expressão sarcástica: "Donde te vem tamanha eloquência?", para depois acrescentar com uma espécie de ternura:

- Parece mesmo que houve um mal-entendido completamente involuntário. Mas o passado é o passado...

- Não, não é assim! - prosseguiu ele com fervor e esperança. - Vejo que ainda tens algumas dúvidas dentro de ti...

- De todo! Não nego ter-te julgado mal durante algum tempo - admitiu Aida. - Mas só descobri a verdade mais tarde...

O coração de Kamal foi como que erguido por uma vaga de felicidade sobre a crista da qual pareceu oscilar, arrebatado pelo inebriamento.

- Quando soubeste isso? - perguntou-lhe.

- Há pouco...

Olhou para ela com gratidão e foi acometido por uma sensação de agonia na qual é suave abandonar-se a algumas lágrimas, depois disse:

- Soubeste que estava inocente?

- Sim.

"Hassan Salim terá reencontrado um devido respeito?"

- E como é que soubeste a verdade?...

- Soube-a. Não é isso que importa? - replicou ela com um tom expedito, onde transparecia o desejo de pôr termo ao interrogatório.

Kamal evitou insistir, com receio de a indispor. Todavia, atravessou seu pensamento uma ideia que ofuscou o seu coração com um véu de

tristeza, pelo que, com uma expressão de censura, lhe disse:

- E não obstante isto, continuaste a manter-te inflexivelmente escondida! Não te preocupaste em comunicar-me o teu perdão, nem tão-pouco com um gesto ou com uma palavra, ao passo que pensaste em todas as maneiras de manifestar a tua cólera! Mas a tua justificação é evidente e eu aceito-a...

- De que justificação falas?

- Do facto de não conheceres o sofrimento - respondeu ele com uma voz desconsolada. - E peço sinceramente a Allah que não a conheças nunca...

- Nunca teria pensado - replicou ela como que para se escusar - que aquelas acusações pudessem ter a menor importância para ti.

- Que Allah te perdoe! Feriram-me mais do que possas imaginar, muito, mas mesmo muito triste constatar que a ruptura entre nós fosse algo já tão acentuado. Não se limitou ao facto de tu fingires desconhecer a... a simpatia que por ti nutro, mas chegou ao extremo de me imputares acusações injustas. Reconsidera um pouco qual era a tua posição e qual a minha! Devo confessar-te, porém, que não foi a acusação ultrajante o motivo dos piores sofrimentos que padeci...

- Então padeceste de mais do que um tipo de sofrimento? - prosseguiu ela sorridente.

Aquele sorriso deu-lhe ânimo, quase como se fosse uma criança que se abandona à corrente dos sentimentos, e assim, com alegria e emoção, continuou:

- E isso mesmo! A acusação foi, na verdade, a causa da pena mais leve por mim experimentada, ao passo que a mais dura foi o teu desaparecimento. Cada hora que passou, de há três meses ao dia de hoje, teve o seu lote de sofrimentos. Vivi como um louco. Por isso, peço sinceramente a Allah que não te ponha à prova com a dor. A minha prece é a prece de um homem que já foi posto à prova! Eu tenho a experiência do sofrimento. E que experiência! Esta dura provação persuadiu-me de que, se algum dia devesse desaparecer da minha vista, seria mais acertado para mim encontrar outra vida! Cada coisa surgia-me como uma interminável, uma horrível maldição... Não faças pouco de mim. Espero sempre algo do género da tua parte. A dor maior foi aquela que atormentou o meu coração quando me vi alvo de escárnio. Não consigo imaginar como um anjo eleito, como tu, pode

fazer pouco do tormento de outra pessoa e é indiferente ao facto de ser a origem dele. Mas o que se há-de fazer? Estou condenado, há muito, a amar-te com toda a minha alma...

Reinou um silêncio unicamente interrompido pelas respirações hesitantes de ambos. Ela olhava em frente e, por isso, não viu os seus olhos. Mas Kamal achou no silêncio de Aida um certo consolo, porque o silêncio é, de que maneira for, menos cruel que uma palavra indiferente. Saboreou-o antecipadamente como um triunfo.

"Imagina a sua voz a chegar perto de ti, delicada e suave, para te expressar sentimentos idênticos! És um louco! Porque lhe revelaste o segredo do teu coração?" Não passava de um saltador ansioso por saltar mais alto para se libertar para além do espaço! Mas que força poderia tê-lo refreado, agora?...

- Não me lembres coisas que não me agrada ouvir. Não preciso disso, pois, não esquecerei a minha cabeça porque a carrego dia e noite, e não esquecerei o meu nariz porque o vejo com frequência ao longo do dia. Mas tenho algo que outros não possuem. O meu amor não tem igual. Dele estou orgulhoso, embora se note que o não aprecias. Foi assim desde que pela primeira vez te vi no jardim. Nunca te apercebeste disso?... Não pensei declará-lo antes, porque receava que a minha confissão pudesse quebrar a amizade que nos unia e expulsar-me do paraíso. Não era fácil, para mim, arriscar a minha felicidade. Mas, agora que fui expulso do paraíso, o que poderia temer?

O seu segredo resvalou ao longo da sua língua como uma hemorragia E que se não pode estancar. Não via outros seres diante de si a não ser a sua figura maravilhosa, como se a rua, as árvores, os palácios tivessem desaparecidos por trás de uma nuvem que tudo abarcava, deixando, no entanto, uma ténue fresta na qual a silente adorada se recortava com a sua aparência airoso, a sua coroa de cabelos negros e o seu perfil delicado envolto em mistérios; uma nuvem que ora se obnubilava à sombra dos muros entre pálidos reflexos ora se alumia - ao passar por uma travessa lateral - e resplandia sob os raios de luz do Sol que se punha... Teria de bom grado continuado a falar até de manhã!

- Disse-te que nunca tinha pensado declarar-me anteriormente? Contudo, exagerei. A verdade é que estive na iminência de to exprimir

no dia em que nos encontramos no pavilhão, quando Hussein foi chamado ao telefone. Estava para to dizer, mas apressaste-te a zombar da minha cabeça e do meu nariz e eu fiquei - e aqui teve um riso lacónico - como aquele orador que mal abre a boca é logo atingido por um arremesso de pedras por parte da assistência.

Aida mantinha-se tranquila e calada, como condizia com ela. Um anjo que pertence a outro universo não gosta de falar a linguagem dos seres humanos nem se interessa pelas suas questões. Não teria sido para ele mais digno se tivesse conservado o seu segredo?...

Mais digno? O orgulho para com o ídolo é uma impiedade! Confrontar o assassino com a sua vítima é uma forma de sabedoria.

"Lembras-te do sonho feliz de que certa manhã despertaste e que depois recordaste? O sonho vem ao acordar engolido pelo esquecimento, ao passo que as lágrimas, ou melhor, a lembrança destas permanece qual símbolo imortal."

- Aquilo que disse - volveu ela de súbito -, disse-o a brincar. Aliás, naquele dia pedi que te não zangasses...

"Esta sensação terna merece ser saboreada, como a feliz alegria que segue uma dor de dentes e as suas lancinantes pontadas!"

As melodias escondidas na sua alma fundiram-se umas nas outras e delas jorrou um cântico gracioso enquanto as feições da adorada se transformavam em notas de uma ária celestial transcrita naquela face angelical.

- Não deverias pedir-me nada, porque, como já to disse, amo-te...

Aida virou-se para ele com uma graça instintiva e olhou-o de soslaio, com um sorriso, mas depois apressou-se a desviar o olhar antes que ele pudesse ler o que aí se ocultava. Que olhar seria aquele?... De satisfação?... De emoção?... De ternura? De doce condescendência?... De delicada ironia?... abarcado todo o seu rosto ou ter-se-ia limitado à cabeça e ao nariz?... Ouviu-a dizer num repente:

- Só te posso agradecer e pedir que me desculpes por te ter magoado, ainda que não tivesse a intenção. És nobre e terno.

Foi tentado em atirar-se para os braços daquelas quimeras felizes, mas ela tornou a dizer, numa voz baixinha:

- Agora deixa-me que te pergunte: o que se acha atrás de tudo isso? Era a voz da sua adorada aquela que ouvia ou o eco da sua própria voz?

A mesma frase, palavra por palavra, adejava em alguma parte no firmamento de Bain el-Qasrain, acompanhada pelos seus suspiros. Chegara, pois, o momento de lhe dar uma resposta?...

- O que se acha por trás do amor? - perguntou ele, confuso.

"Ela sorri! O que quererá significar aquele sorriso? Mas acaso ambicionas outra coisa para além de um simples sorriso!"

- Confessar é um princípio, não um fim - começou outra vez a dizer Aida. - Pergunto-me: o que é que pretendes?...

- Quero... quero que me permitas amar-te - respondeu ele com a mesma confusão.

Aida não pôde deixar de rir. Depois, perguntou:

- É mesmo isso, o que queres? E o que farias se não to permitisse?

- Nesse caso, amar-te-ia de igual modo - replicou suspirando, e ela volveu a gracejar, o que o aterrorizou:

- Então por que razão pedes permissão?

É verdade. Quão ridículos são os erros da língua! Aquilo que mais temia naquele instante era voltar a cair por terra derrubado por um só golpe, como por um só golpe levantara voo.

- Confundes-me - ouviu-a dizer. - E tenho a impressão de que também tu estás confuso...

- Estou... confuso? - replicou ele com apreensão. - Pode ser. Mas amo-te. O que haverá por trás disso? Por vezes, tenho a sensação de aspirar a coisas que a terra não é capaz de sustentar. E, todavia, ainda que medite sobre isto, não consigo estabelecer-me um objectivo. Diz-me tu o que tudo isto significa. Gostaria que fosses tu a falar e eu a escutar-te. Haverá maneira de me tirares da minha confusão?

- Não tenho nada daquilo que me pedes - respondeu a sorrir. - Deverias ser tu a falar e eu a escutar. Acaso não és um filósofo?

- Estás a brincar comigo!... - replicou Kamal, emudecendo de seguida e corando.

- De forma alguma! - exclamou ela prontamente. - Só não esperava uma conversa como esta quando saí de casa. Surpreendeste-me! Seja como for, estou-te agradecida e fico satisfeita e ninguém poderia esquecer os teus sentimentos tão ternos e amáveis. Que alguém possa gracejar é de todo impensável...

Uma melodia sedutora e uma suave confiança. Mas não sabia se o seu ídolo falava seriamente ou se estava a brincar. Ter-se-iam aberto

as portas da esperança ou ter-se-iam fechado com a mesma ligeireza que a brisa? Perguntara-lhe o que queria e ele não lhe respondera porque não sabia o que queria.

Mas o que teria a perder se tivesse respondido que ansiava unir-se a ela, fundindo o espírito de ambos para bater à porta do mistério com um amplexo ou um beijo? Não seria o que deveria ter retorquido? Junto ao cruzamento que terminava a Rua de es-Sarayyat, Aida parou e, com delicadeza mas num tom enérgico, disse:

-Aqui!...

Também ele parou, fitando-a surpreendido. "Aqui' significa que temos de nos separar aqui. A frase 'amo-te' não fora pois suficientemente explícita?"

- Nem pensar! - respondeu Kamal de forma incauta sem reflectir. Depois, como quem tivesse de repente um lampejo de intuição, gritou.-

- O que está por trás do amor? Não era esta a tua pergunta? Pois, eis a resposta: que não nos separemos!...

- Mas agora temos de nos separar!... - respondeu Aida com uma calma sorridente.

- Sem ressentimento e sem desdém? - perguntou ele com fervor.

- Sem nada disso...

- Voltarás a ir ter ao pavilhão?

- Se as circunstâncias assim o permitirem...

- No passado, as circunstâncias permitiam-no - replicou ele com aflição.

- O passado não é o presente...

Aquela resposta magoou-o vivamente. Por isso, disse:

- Parece-me compreender que não voltarás.

- Voltarei ao pavilhão sempre que as circunstâncias o permitirem - acrescentou ela, como que para o avisar que era necessário separarem-se.

- Por ora, adeus.

E destarte falando, partiu, dirigindo-se para a rua da escola, Ele permaneceu imóvel a olhá-la como que enfeitiçado. Na esquina da rua, Aida voltou-se para ele e dirigiu-lhe um olhar sorridente, antes de desaparecer. O que dissera e o que ouvira? Dentro em breve, meditaria sobre isto, depois de se ter dominado. Mas quando é que voltaria a si?

Agora estava a caminhar sozinho. Sozinho? E as palpitações do seu coração e as setas ardentes da sua alma e os ecos daquela voz ainda vibrante? E, todavia, sentia-se sozinho, à mercê de uma força que o agitava nos recessos do seu coração. Uma fragrância de jasmim aflorou ao seu nariz, deliciosa e extasiante. Mas qual seria a sua essência? Quão semelhante era ela no seu encanto, no poder de fascinar e no seu carácter inenarrável. Talvez o segredo de uma oferecesse a chave para desvendar o segredo da outra. Mas não teria resolvido o enigma enquanto o seu espírito não tivesse vencido a dúvida...

CAPÍTULO 24

- Esta é, infelizmente - suspirou Hussein Shaddad -, a reunião da despedida!

Kamal pareceu contrariado ao ouvir pronunciar a palavra "despedida" e lançou uma olhadela a Hussein para ver se o seu rosto exprimia efectivamente o descontentamento encerrado nas suas palavras. Não obstante isto, havia mais de uma semana que sentia a aproximação daquela despedida, porque a chegada de Junho anunciava geralmente a partida dos amigos para Rass el-Barr ou para Alexandria. Alguns dias mais e o jardim, o pavilhão e os amigos teriam sumido do seu horizonte. Quanto à sua adorada, julgara bom desaparecer ainda antes de ter sido forçada a partir e continuara desaparecida conquanto se tivessem reconciliado no desfecho daquela conversa que entre eles houvera na rua de es-Sarayat. Seria possível que o dia da despedida decorresse sem uma visita? Valeria assim tão pouco para ela a sua amizade, que lhe negava um simples olhar antes de uma ausência de três meses?

- Porque disseste "infelizmente"? - perguntou Kamal a sorrir.

- Teria desejado que também vocês partissem comigo para Rass el-Barr. Que bom que seria e que férias maravilhosas!

Teriam sido maravilhosas, sem dúvida alguma! O seu pensamento assegurava lhe que lá a sua adorada não poderia continuar a esconder-se!

- Que Allah te ajude! - disse-lhe Ismael Latif. - Como fazes para suportar a canícula do Verão aqui? Ainda não começou e repara só no calor que hoje faz!

Estava muito quente, embora os derradeiros raios de sol tivessem já desaparecido para além do jardim e do deserto que por detrás dele se estendia. Contudo, Kamal disse com serenidade:

- Não há nada na vida que seja intolerável.

Um momento depois era ele quem ria da sua resposta e se interrogava como fizera para responder daquela forma e até que ponto era possível considerar as afirmações pessoais como sendo manifestações autênticas do que dentro de nós existe! Olhou em seu redor e viu pessoas incontestavelmente felizes, que pareciam afrontar

o calor com camisas de manga curta e calças cinzentas. Apenas ele envergava um fato branco, ainda que ligeiro, e um fez que colocara em cima da mesa.

- Eis diante de vós, meus senhores, o produto de um êxito fulgurante!- exclamou de súbito Ismael Latif, aludindo aos resultados dos exames. - Hassan Salim obteve a licenciatura; Kamal Ahmad Abdel Gawwad transitou de ano; Hussein Shaddad transitou de ano; Ismael Latif transitou de ano.

- Se te tivesses limitado a mencionar o último resultado - objectou Kamal, rindo -, teríamos ficado a saber dos outros por mera dedução!

- Ambos conseguimos o mesmo objectivo - replicou Ismael Latif encolhendo os ombros num gesto quebrado. - Tu, após esforços e canseiras durante um ano inteiro, e eu, após ter marrado apenas durante um mês!

- Esta é a prova de que és culto por natureza!

- Não te aconteceu afirmar, num dos teus discursos frívolos, que Bernard Shaw tinha sido o aluno mais medíocre da sua época? - perguntou Ismael com uma expressão irónica.

- Agora estou mais do que certo - prosseguiu Kamal, rindo - que temos um émulo de Shaw, pelo menos no fracasso!...

Ao ouvir aquelas palavras, Hussein Shaddad interveio para dizer:

- Tenho de lhes dar uma notícia, antes que nos percamos em tagarelices...

Tendo constatado que as suas palavras não tinham despertado grande interesse, levantou-se inesperadamente, para depois comunicar, num tom não falho de uma certa teatralidade:

- Deixem-me que lhes anuncie uma notícia singular e alegre - após o que, olhando para Hassan Salim, tornou a dizer: - Não é assim? - depois, voltando o olhar mais uma vez para Kamal e Ismael: - Ontem foi oficialmente celebrado o noivado do professor Hassan Salim com a minha irmã Aida...

Ante aquela notícia arremessada ali, de chofre, Kamal sentiu-se como se sentiria um homem ao se achar debaixo das rodas de um eléctrico depois de ter tido a mais perfeita confiança na sua saúde e na sua segurança. O seu coração desatou a latejar com violência e a vibrar como a queda de um avião arremessado para algum vácuo no ar. Houve, dentro de si, além do mais um tal bramido de terror que as

suas costelas se fenderam ao tentar impedi-lo de vir à superfície. Mais tarde, admirou-se sobretudo com o modo como conseguira controlar os seus sentimentos e responder a Hussein Shaddad com um sorriso de felicitações. Talvez fosse a luta que o seu espírito travava contra o seu desfalecimento que lhe impedia - ainda que tão-só naquele instante - de tomar consciência da catástrofe. Ismael Latif foi o primeiro a falar. Começou por dirigir o olhar para Hussein Shaddad, em seguida para Hassan Salim, que, como era seu hábito, parecia sereno e circunspecto, embora desta vez estivesse ligeiramente alterado, devido a uma mistura de vergonha ou de embaraço. Depois, exclamou:

- A sério? Que notícia alegre! Alegre e inesperada. Alegre, inesperada e desleal! Mas mais tarde falarei da deslealdade e contentar-me-ei, por ora, em apresentar as minhas felicitações mais sinceras!...

Levantou-se e estreitou a mão de Hussein e de Hassan. Também Kamal se levantou de repente para os felicitar. Apesar do sorriso que ostentava, era arrastado pela velocidade dos acontecimentos e pela estranheza daquelas palavras, e parecia-lhe encontrar-se num sonho estranho, debaixo de uma chuva diluviana enquanto olhava em seu redor à procura de um refugio.

- Realmente é uma alegre notícia - disse, enquanto apertava a mão dos dois jovens. - Sinceras felicidades...

A reunião retomou o seu curso normal. Kamal, malgrado seu, lançou um olhar clandestino a Hassan Salim e viu-o tranquilo e circunspecto. Temia achá-lo altivo e arrogante - pelo menos, assim o imaginava - e foi dominado por um fugaz sentimento de conforto. Procurava agarrar-se com toda a força de que era capaz para esconder dos olhares atentos dos presentes a ferida que lhe sangrava no coração e não queria de forma alguma ser vítima do sarcasmo, do gracejo e do desprezo de alguém.

"Resiste, minha alma, e prometo-te que voltaremos a ocupar-nos de tudo isso de seguida. Sofreremos juntos até morrermos. Pensaremos em tudo até enlouquecer. Como é delicioso este encontro no silêncio da noite, onde olho algum nos vê e ouvido algum nos ouve, onde é lícito sofrer, delirar e chorar sem que alguém nos despreze ou nos dirija censuras... Há o velho poço, destapa-o e grita para o seu interior

invocando os demónios e con-fessando-te às lágrimas colhidas nas entranhas da terra dos olhos dos aflitos. Não te entregues. Fica vigilante! O mundo parece, aos teus olhos, vermelho como a boca do Inferno."

- Calma aí! - voltou a dizer Ismael Latif, adoptando a postura de um orador. - Temos contas pendentes com vocês. Como é que tudo isto aconteceu sem que tivéssemos sido informados no devido tempo? Ou deixemos de lado este pormenor, por ora. No entanto, temos de perguntar: como pôde o noivado ter sido celebrado sem que nele estivéssemos presentes?

- Não houve qualquer cerimónia - replicou Hussein Shaddad, defendendo a sua posição. - Nem pomposa nem modesta. Só estavam presentes os parentes mais próximos. O nosso encontro fica para o dia da boda. Esperamos que até lá estejam bem. E, ademais, lembrem-se de que não serão meros convidados, mas os verdadeiros anfitriões...

"O dia da boda. Dir-se-ia o título de uma melodia fúnebre, onde o caixão de um coração será acompanhado à sua última morada coberto de flores e saudado pelos trinados agudos de mulheres. E, em nome do amor, a filha adoptiva de Paris ouvirá muito emocionada um sheikh com turbante recitar a primeira surata do Alcorão. Mas também foi em nome da soberba que o diabo abandonou o paraíso!"

- A desculpa está aceite e confiamos na promessa - respondeu Kamal com um sorriso.

- Esta é que é uma eloquência digna de el-Azhar - estourou Ismael Latif protestando. - Mal se antevê um banquete no horizonte, esquece todos os motivos de crítica e celebra o perdão e o elogio! Tudo por um bocado apetitoso! Na verdade, és um escritor ou um filósofo ou todos os demais mendigos da espécie deles... Felizmente, não partilho nada com semelhante gente!

Depois, prosseguindo a arenga e apontando o dedo para Hussein Shaddad e Hassan Salim:

- São duas raposas. Após um longo silêncio, um súbito anúncio de noivado. É mesmo verdade, professor Hassan, que sois o esperado sucessor de Tharwat paxá...

- O próprio Hussein soube disse só alguns dias antes - respondeu Hassan Salim com um sorriso que parecia querer desculpar-se.

- Um noivado unilateral como a Declaração de 28 de Fevereiro^[107]?

"A nação, inerte, rejeitou-a com altivez, mas depois fora-lhe imposta. E disso se tinham visto os resultados."

Kamal abandonou-se a uma gargalhada, enquanto Ismael começava a dizer, piscando o olho a Hassan Salim:

- "Usem, no modo de agir"... não me recordo o quê... "discrição!" É o que deve ter dito Omar ibn el-Khattab, ou talvez Omar ibn Abi Rabia ou Omar Afandi^[108]. Só Allah o sabe...

- Habitualmente - disse Kamal de repente -, estas coisas amadurecem em silêncio. Não obstante isto, reconheço que o professor Hassan, ao falar certa vez comigo, aludiu a algo do género!

Ismael escrutou-o com uma expressão duvidosa, enquanto Hassan o observou com olhos esbugalhados. Depois disse, como que a querer rectificar o sentido daquelas suas palavras:

- Foi um discurso a modos de divagação!

Kamal perguntou-se, estupefacto, como pudera ter-lhe escapado uma semelhante afirmação.

Era falsa, ou quase falsa, na melhor das hipóteses. Como podia pretender - com aquele comportamento estranho - fazer crer a Hassan que estava a par das suas intenções e que não estava surpreendido ou que não se preocupara com isso? Que disparate!

- Eu, no entanto - disse então Ismael Latif a Hassan, fitando-o com um olhar de censura -, não tive a sorte de ouvir sequer uma destas divagações!

- Posso assegurar-te - replicou Hassan com um ar sério - de que, se Kamal encontrou na conversa que tive com ele alguma coisa que considerou alusiva ao noivado, fê-lo recorrendo à sua imaginação e não ao que as minhas palavras pretendiam dizer.

- Ismael é um velho amigo teu - disse Hussein Shaddad dirigindo-se a Hassan Salim, após ter dado uma sonora risada. - E quer fazer-te entender que, ainda que o tenhas precedido de três anos na obtenção da licenciatura, isso não é motivo para que lhe escondas os teus segredos ou privileges outros!

- Não duvido da sua velha amizade - rebateu Ismael sorrindo, como que a esconder o seu desapontamento. - Estou só a chamá-lo à ordem, para que não cometa a mesma negligência no dia do casamento!

- Somos amigos de ambos - prosseguiu Kamal com um pequeno riso. - Se o esposo nos descura, a esposa não nos descurará...

Falava para provar a si mesmo que estava vivo. Mas era um vivo que sofria e como sofria, na verdade!

Acaso teria imaginado que um dia o seu amor teria um desfecho diferente daquele?

Não! No entanto, crer que a morte é um destino inelutável não impede de sentir terror no instante em que esta se apresenta!

Uma dor devoradora, irracional, impiedosa. Quem dera que tivesse podido indagar a fundo para descobrir em que recesso do seu ser se escondia ou qual o micróbio que estava na sua origem! Contudo, nos intervalos dos seus assaltos, reinava o aborrecimento, a apatia...

- E para quando o casamento?

Ismael fazia perguntas relativas àquilo que passava pela mente de Kamal quase como se fosse um emissário dos pensamentos deste último, sem, no entanto, ter a obrigação de se entrincheirar no silêncio. Por isso, Kamal disse:

- Sim! Isto é muito importante. Assim não seremos apanhados de surpresa. Quando se celebrará o casamento?

- Para quê tanta pressa? - perguntou a rir Hussein Shaddad.

- Deixem que o futuro esposo goze os últimos dias da sua vida de solteiro...

- É necessário, em primeiro lugar, saber se permanecerei no Egipto, pelo menos! - replicou Hassan com a calma usual.

- Será admitido ou na magistratura ou no corpo diplomático - acrescentou Hussein Shaddad, comentando.

"Hussein parece feliz com o noivado! E posso afirmar que o odiei, ainda que por um momento fugaz. Como se também ele estivesse entre os que I me traíram. Mas será que alguém me traiu? Tenho as ideias confusas. Esta noite, no entanto, aguarda-me uma grande solidão..."

- Por qual destes dois cargos irá a sua preferência, professor Hassan? "Que escolha aquilo que lhe agrada. A magistratura... o corpo diplomático... o Sudão... a Síria, se possível."

- A magistratura é fatigante! Prefiro o corpo diplomático.

- Melhor seria fazer com que o teu pai perceba isto, para que faça tudo seja possível para que entres no corpo diplomático... Também esta frase lhe escapara? Acertara, porém, no alvo, nisto não restavam dúvidas.

Devia controlar-se, senão achar-se-ia envolvido num conflito aberto

com , Hassan. Tinha, além do mais, de ter em consideração os sentimentos de Hussein Shaddad já que doravante formavam uma só família.

Quão lancinante era aquela pontada de dor!...

- Estes são os teus últimos dias connosco, Hassan - disse Ismael abanando a cabeça, manifestando o desgosto que experimentava. - Depois de uma amizade que durou toda uma vida! Que triste fim!

"Imbecil! Julgas que a tristeza pode aflorar um coração que se revigora no oásis da adorada."

- Com efeito, é um triste fim, Ismael,...

"Um chorrilho de mentiras. Como quando o felicitaste. Nisso, pelo menos, o filho do comerciante e o filho do conselheiro são iguais!"

- Isto quer dizer - perguntou Kamal - que passarás toda a tua vida fora do país?

- É aquilo que esperamos. Voltaremos ao Egipto muito raramente...

- Que vida estranha - exclamou Ismael maravilhado. - Nunca pensaste nas dificuldades que os teus filhos encontrarão?

"Oh, coração! Será lícito aviltar assim o significado das palavras? Aquele ser desprezível considera que a adorada pode ficar grávida, ter desejos, que o seu ventre pode crescer, tornar-se rotundo, amadurecer e parir uma criança!

Lembras-te de Khadiga e de Aisha, nos seus últimos meses? Mas dá pafl nos tornar descrentes! Porque não juntar-me à sociedade da Palma Negra? Mais vale o assassinato do que a descrença, e também é mais eficaz. Achar-te-ás certo dia na jaula dos acusados e no assento do tribunal de Salim bey Sabri, o pai do teu amigo diplomata e sogro da tua adorada; tal como compareceram diante dele - o traidor! -, esta semana, os assassinos de Sirdar^[109]."

- Querias que os Estados cortassem as suas relações diplomáticas para permitir aos filhos dos diplomatas crescerem nos seus respectivos países? -] disse Hussein Shaddad entre um acesso de riso.

"Pelo contrário! Cortassem... as cabeças! Abdel Hamid Enayet... el-Kharrat... Mahmud Rashid... Ali Ibrahim... Raghib Hassan... Shafiq Mansur... Mahmud Ismael... e Kamal Ahmad Abdel Gawwad: condenados ao enforcamento^[110]. Juiz autóctone: Salim bey Sabri. Juiz inglês: Mister Kershaw. Não! A resposta está no assassinio. Podes escolher entre matar ou ser morto!..."

Ismael voltou-se para Hussein para lhe dizer:

- A partida da tua irmã levará o teu pai a ser ainda mais firme na recusa da viagem que pretendes fazer.

- A solução do meu problema avança e aproxima-se a passos firmes - replicou Hussein Shaddad seguro daquilo que afirmava.

"Aida e Hussein na Europa! Num só instante, um homem perde a amada e o amigo. A tua alma procura a sua adorada mas não a encontra. A tua mente anda em busca do seu companheiro mas não acha vestígios dele. Vives somente no antigo bairro, abandonado, como o eco de um desejo que vagueia há gerações. Olha para os sofrimentos que te aguardam. É agora que colhes os frutos dos sonhos que semeaste no teu jovem coração inexperiente. Pede a Allah que as lágrimas se tornem um remédio para as tuas mágoas e suspenda o teu corpo à corda de uma força ou o coloque à cabeça de uma força destrutiva com a qual possas acometer os teus inimigos. Amanhã, acharás o seu espírito vazio como achaste ontem o túmulo de el-Hussein. Os leais foram todos mortos, ao passo que os filhos dos traidores são embaixadores."

- No Egipto, ficaremos apenas eu e Kamal - disse Ismael Latif, como que falando consigo mesmo. - Kamal, no entanto, não é o tipo a quem se possa confiar, porque o seu principal amigo, antes ou depois ou a par de Hussein, é o livro...

- A partida não romperá os laços que existem entre nós - replicou Hussein com segurança e confiança.

Apesar da apatia em que estava imerso, o coração de Kamal teve um sobressalto.

- Mas o coração diz-me - replicou ele - que não suportarás permanecer no estrangeiro para todo o sempre.

- Isso é mais que provável. Mas a minha partida será útil pelos livros que te mandarei. Continuaremos as nossas conversas através das cartas e dos livros...

Assim falava Hussein, como se a sua partida estivesse já marcada. Aquele amigo cujo encontro lhe trazia uma felicidade encantadora e em companhia do qual o próprio silêncio era agradável... Mas consolar-se-ia porque a perda da adorada lhe ensinaria a desprezar a desventura, por maior que pudesse ser, tal como, consumido de tristeza pela morte de Fahmi, o seu coração tinha dado pouca

importância até ao desaparecimento da sua querida avó. Deveria, contudo, lembrar sempre que aquilo era uma despedida para encher os seus olhos com as rosas e as flores, ébrios com a frescura destas, indiferentes a qualquer sofrimento que pudesse fazer perder o juízo. Mas havia um problema para o qual era necessário encontrar uma resposta: como poderia um simples mortal aspirar a ter relações íntimas com o objecto da sua adoração ou como poderia este último rebai-xar-se de forma a tratar com familiaridade um simples mortal? Se não encontrasse uma resposta aceitável para esta interrogação, seria forçado a prosseguir o seu caminho com os grilhões nos pés e um nó no pescoço. O amor é um fardo com duas pegadas distantes uma da outra, que foi feito para ser carregado pelos dois. Como poderia, pois, carregá-lo sozinho?...

A conversa avançava e abordava assuntos diferentes. Kamal seguia-a com os olhos, com meneios de cabeça e palavras, para provar que a sentença não o exterminara ainda.

Mas depositava as suas esperanças no facto de o comboio da vida continuar a sua marcha e de ter, de qualquer modo, à sua espera a estação da morte no fim da viagem.

"É já a hora do pôr do Sol... a hora da penumbra e da quietude... Ama-la como amas a alba. Aida e o sofrimento são duas palavras para exprimir um só significado. Por isso, deves a partir de hoje amar o sofrimento e extasiar-te na presença do fracasso, enquanto a conversa segue uma rota livre, sem se interromper, e os amigos riem e se observam como se nenhum deles tivesse experimentado o amor... Hussein, a gargalhada da rebeldia e da agressividade; Hassan, a gargalhada da discrição e da altivez. Hussein não quer falar de outra coisa para além de Rass el-Barr... Prometo-te que um dia irei em peregrinação, lá, e perguntarei onde estão as areias calcadas pelos pés da minha adorada, para beijá-las e prostrar-me em adoração. Os outros dois estão a enaltecer "St. Stephen" e falam de vagas altas como montanhas, A sério? Imagina um cadáver trazido até a costa por vagas, corrompido em todos os seus traços de beleza e de nobreza pelo mar hostil, e reconhece, após tudo isso, que o tédio flagela todos os seres e que talvez a felicidade esteja escondida por trás do limiar da morte..."

A conversa prosseguiu até chegar a altura de se separarem. Saudaram-se todos com efusão. Kamal estreitou a mão de Hussein e

Hussein estreitou a de Kamal. Depois partiu dizendo: - Adeus... até Outubro!

Naquela mesma situação, no ano passado e nos anos anteriores, ele perguntava-se com ânsia: quando voltarão os amigos? Agora, já não. Desejos e expectativas já não estavam ligados ao regresso de alguém. Ficariam ardentes, quer viessem quer não viessem em Outubro, quer regressassem quer não regressassem os amigos. Não culparia mais os meses de Verão pela separação que o mantinha longe de Aida. O abismo que os apartava era mais profundo que o tempo. Antes, tratava o tempo doseando paciência e esperança, mas, hoje, combatia contra um inimigo incógnito e uma força invulgar e tenebrosa, para a qual desconhecia talismãs ou exorcismos... Só lhe restavam o silêncio e a desventura, até que Allah lhe aplicasse uma morte já ocorrida! O seu amor aparecia-lhe suspenso sobre a sua cabeça como o destino: atraía-o para si e mantinha-o amarrado com fios de sofrimento e de dores medonhas, inevitável e poderoso como um fenómeno cósmico, e viu-se observá-lo com olhos cheios de respeito e de tristeza. Os três amigos separaram-se na frente do palácio dos Shaddad. Hassan Salim encaminhou-se em direcção à Rua de es-Sarayyat, ao passo que Kamal e Ismael se dirigiram para el-Husseiniyya, seguindo o percurso que lhes era habitual ao fim do qual cada um costumava seguir o seu caminho: Ismael para Ghamra e Kamal para o velho bairro. Mal se acharam a sós, Ismael rebentou numa fragorosa e longa gargalhada. Kamal perguntou-lhe o que o fizera rir e ele respondeu com malícia:

- Ainda não te apercebeste de que foste tu uma das principais razões para que tenham antecipado o anúncio do noivado?

- Eu? - deixou escapar Kamal, enquanto os seus olhos se esbugalhavam atónitos com a surpresa.

- Sim, tu! - respondeu Ismael com indiferença. - Hassan não via com bons olhos a tua amizade com Aida. Isto parece-me evidente, embora ele nunca me tenha falado disso. É muito orgulhoso, como bem sabes, mas eu sei como obter aquilo que quero. Garanto-te que não suportava a vossa amizade. Lembra-te daquilo que aconteceu entre vocês naquele dia? Ao que parece, ele ter-lhe-á pedido que rareasse os seus encontros com os amigos e parece que ela lhe terá recordado que não tinha o mínimo direito de exigir tais pretensões. E assim deu o grande passo para ter este direito!

- Mas eu não era o seu único amigo! - exclamou Kamal, enquanto as batidas do seu coração pareciam quase encobrir a sua voz. - Aida era amiga de todos nós.

- Mas escolhera-te a ti - replicou Ismael com sarcasmo - para despertar a sua atenção! Talvez tivesse achado na tua amizade um ardor que não encontrara nos outros. Seja como for, não tem por hábito enfrentar as coisas de improviso. Há muito que decidira conquistar Hassan e, por fim, colheu os frutos da sua perseverança!

"Conquistar Hassan?" "Os frutos da sua perseverança?" A que ponto aquelas duas expressões se assemelhavam a uma afirmação insípida como "o sol nasce a oeste".

- Como pensas mal das pessoas! - rebateu, enquanto o coração suspirava dominado pela dor. - Ela não é como tu a imaginas.

- Talvez se tenha tratado de um conjunto de circunstâncias - continuou Ismael, sem se aperceber dos sentimentos do amigo -, talvez haja atrás disso a patinha de Hassan. Seja como for, os resultados viraram a seu favor!

- A seu favor! - exclamou Kamal exasperado. - Mas no que estás a pensar? Meu Deus, estás a falar dela como se o seu noivado com Hassan fosse uma vitória para ela e não tanto para ele!

- Ao que parece, não estás convencido de que os espécimes como Hassan são raros - replicou Ismael, fitando-o com um olhar esquisito. - Possui um nome, uma posição social, um futuro. Ao passo que espécimes como Aida existem imensos, mais do que possas imaginar. Será possível que a valorizas mais do que ela merece? A família de Hassan aceitou que a tornasse por esposa devido à fortuna enorme do seu pai, pelo menos, ao que julgo. De facto, ela é uma rapariga... Em seguida, após uma certa hesitação:

- ... não é certamente uma grande beldade!...

"Ou é louco ou então és tu o louco!" Uma semelhante dor já o tinha perpassado no passado, no dia em que lera um artigo insultuoso no qual o autor atacava o regime de casamento no Islão. Que Allah amaldiçoe todos os infiéis!

- Porque é que, nesse caso, tem tantos admiradores à sua volta? - perfumou Kamal com um tom calmo, para melhor esconder a sua dor.

Ismael atirou para a frente o maxilar inferior e levantou o queixo com um trejeito de menosprezo, dizendo:

- Talvez estejas a referir-te a mim com as palavras que acabaste de pronunciar? Não nego que seja simpática e que tenha uma elegância ímpar e, além do mais, o seu estilo europeu confere-lhe fascínio e encanto. Mas, tirando isso, é morena, é franzina e não possui nada que se possa desejar!

Vem comigo até Ghamra e verás exemplares de formosura que ultrapassara a sua, quer no seu todo enquanto mulher quer no mais ínfimo pormenor. Ali, na tez clara, nos seios túmidos e no traseiro possante, avistarás a verdadeira graciosidade. Aquilo é que é beleza, se é a beleza o que procuras.. Não, ela não possui nada que se possa desejar!...

"Como se ela fosse algo para se desejar, à maneira de Qamar e de Mariam! Seios túrgidos e um traseiro robusto... Seria como descrever a alma com os atributos do corpo! Ah, que dor atroz! Está destinado que tu esvazies, hoje, o cálice da dor até à embriaguez. Se devem continuar a abater-se sobre ti golpes mortais, melhor será que recebas a morte de braços abertos..."

Continuaram juntos até el-Husseiniyya, onde se separaram e cada qual seguiu o seu caminho.

[107] Trata-se da célebre declaração de 28 de Fevereiro de 1922 por meio da qual a Inglaterra, por uma decisão unilateral, punha fim ao seu protectorado de direito, ainda que não de facto, sobre o Egipto. Era pois uma declaração de "independência" cujo carácter incompleto (o problema do Sudão, por exemplo, não estava resolvido) a tornava inaceitável aos olhos do partido Wafd.

[108] Omar ibn al-Khattab, (586-644), foi o segundo dos califas muçulmanos; Omar ibn Abi Rabia (644-712/744) foi um poeta árabe que se dedicava essencialmente à lírica amorosa; Omar Afandi é o nome de uma conhecida empresa na área do comércio, no Egipto.

[109] Trata-se de Sir Lee Stack, governador-geral do Sudão e sirdar (ou seja, comandante---chefe) do exército egípcio, assassinado no Cairo 19 de Novembro de 1924,

[110] Nomes dos presumíveis assassinos do sirdar, condenados à morte a 7 de Janeiro de 1925. Oito deles serão condenados ao enforcamento e para sete destes a sentença será realmente aplicada.

CAPÍTULO 25

Por mais que passassem os anos, ele conservava sempre por aquela rua a mesma ternura! Enquanto lançava uma olhadela furtiva sobre o que o rodeava, disse de si para si:

- Se o meu amor pela mulher que o meu coração escolheu fosse idêntico à ternura que nutro por esta rua, ter-me-ia poupado a muitas canseiras. Que estranha é a rua, deveras! Assemelha-se a um labirinto: mal se prolonga por alguns metros e logo se desvia para a direita ou para a esquerda e, onde quer que te encontres, vês diante de ti uma esquina que esconde atrás um qualquer mistério. A exiguidade confere-lhe um ar despretensioso e íntimo, torna-a numa espécie de animal doméstico. Aquele que possui uma loja do lado direito pode apertar a mão a quem ali está defronte no lado esquerdo. Grossas telas de cânhamo, colocadas sobre as lojas como tectos, sustêm os raios abrasadores do sol e espalham no ambiente humedecido uma fresca penumbra. Nos bancos e nas estantes, estão alinhados sacos de hena verde, de pimentos vermelhos, de pimenta-preta, garrafas de água de rosas e perimes, papéis multicolores e pequenas balanças. Mais acima, pendem velas todos os tamanhos e cores semelhantes a espantalhos, numa atmosfera densa de odores de essências e de especiarias, quase exalações de um anti-sonho perdido, do qual se perdeu o momento inicial... Quanto às grandes melayas, aos véus negros e aos arus^[111] de ouro, aos olhos pintados a khôl às ancas pesadas... é ao Provedor de todos os bens que eu peço ajuda para que me faça resistir a todas estas coisas!...

Passear a sonhar por entre os fantasmas de um belo sonho é um exercício amável, mas lamento que possa arruinar a vista e o coração. Contar mulheres, aqui, seria impossível. Abençoado seja o local que as junta, deixando-me como única salvação a possibilidade de gritar do fundo do meu coração: 'Ó Yassin, destruição da tua casa!' E uma voz responde-me:

Monta uma loja em et-Tarbia e estabelece-te aqui! Repara no teu pai: é comerciante... é um homem independente... nos seus divertimentos gasta o quádruplo do teu salário... Monta-a, e tem confiança, ainda que para isso tenhas de vender o apartamento de el-

Ghuriyya e a loja de el-Hamzawi! De manhã, virias como um sultão livre de toda a obrigação e sem ter de responder a um chefe que te aterroriza. Sentar-te-ias por trás da balança, entre o vaivém das mulheres: 'Bom-dia, si Yassiri, 'Allah lhe dê saúde, Si Yassin'. Mal de mim se deixar partir uma mulher respeitada sem revê-la ou prostituta sem marcar um encontro!... Como é doce e cruel este sonho para alguém que está destinado a permanecer, toda a vida, contínuo na eso de en-Nahhasin! A paixão do amor é uma doença que tem como sintoma uma fome insaciável e um coração arrojado. Que Allah tenha piedade da sua criatura, que tem os desejos de um califa e o poder de um contínuo na escola! A esperança desmoronou e a mentira é vã. Quando a levaste Qasr esh-Shawq, a esperança prometia-te uma vida serena e tranquila. Que Allah amaldiçoe o tédio que na alma se alastra qual o fel da doença se mistura à saliva!

Corri atrás dela um ano inteiro e, em poucas semanas, fiquei farto dela. Se isso não é uma lástima, o que mais poderá ser? A tua casa terá sido, por certo, a primeira a suspirar com lamentações durante a lua-de-mel! Pergunta ao teu coração: onde está Mariam?!... Onde está a beleza que te supliciou?.. Responder-te-á com uma gargalhada, como que para se compadecer de ti, e dir-te-á: 'Comemos e estamos saciados e, ao menor odor de comida, ficamos enjoados.'

Todavia, ela é astuta, é difícil brincar com ela e nada lhe escapa. É uma digna filha da sua mãe!

Mas, como se costuma dizer, 'Lembrem-se das virtudes dos seus próprios mortos!' A tua mãe porventura era melhor do que a dela? O importante é que não é como Zainab. É fácil enganá-la, mas quão enfadonha é quando se encoleriza! Não é do género disposto a fechar os olhos nem tu és do género que facilmente se satisfaz. Ainda está longe o dia em que uma mulher possa satisfazer a tua fome insaciável ou o teu coração manter-se extinto. Não obstante isto, tiveste a ilusão de conseguir ter uma vida matrimonial feliz! Quão admirável é o teu pai e quão miserável és tu pelo contrário! Não poderias esforçar-te por te tornares igual a ele, já que a tua única saída é ser como ele? Meu Deus, o que vejo? Mas será efectivamente uma mulher? Quantos quintais pesará ela?! Meu Deus, nunca antes vi tamanha corpulência nem uma grandiosidade destas! Como fazer para possuir aquela mercadoria toda?! Faço votos que, se alguma vez me acontecer ter

entre as mãos uma mulher daquela dimensão, fá-la-ei dormir no meio do quarto nua, e darei sete voltas em seu redor como que dominado pelo êxtase:

- Tu!...

A voz chegou-lhe vinda de trás, fazendo-o sobressaltar. Desprendeu, de súbito, o olhar daquela mulher descomunal, voltou-se na direcção de onde a voz proviera e viu uma mulher jovem com um casaco branco comprido.

- Zannouba!... - gritou, sem conseguir conter-se.

Saudaram-se com entusiasmo, enquanto ela ria. Mas ele exortou-a a que caminhasse ao seu lado, para não atrair os olhares dos outros. Caminhavam juntos, abrindo uma passagem por entre a multidão. Assim se encontravam após uma longa separação!

Recordara-se dela muito casualmente, imerso como estava nos seus diferentes afazeres. Achou-a bela, como no dia em que a deixara, ou talvez ainda mais bela do que nesse tempo. E, além do mais, o que significava este seu novo modo de trajar que substituíra a grande melayá? Invadiu-o uma onda de vigor e de alegria.

- Como estás? - perguntou-lhe Zannouba.

- Bem. E tu?

- Como vês...

- Muito bem, graças a Allah. Mudaste a tua forma de vestir. Não te reconheci logo. Ainda não esqueci o teu modo de andar envolta na grande melaya...

- Mas tu não mudaste. Não envelheceste realmente. Estás apenas um pouco mais anafado...

- Agora estás diferente! Tornaste-te numa europeia!... Depois, sorrindo e com uma expressão circunspecta:

- Mas o teu traseiro é dos que se acham unicamente aqui, em el-B - Ghuriiyya!

- Essa tua linguagem!

- Metes-me medo! Pediste arrependimento a Allah ou casaste-te?

- Nada é impossível a Allah...

- Que te tenhas arrependido, desmente-o este casaco branco, embora, no tocante ao casamento, não seja de excluir que um dia a ele te possa levar a falta de juízo!

- Alto aí! Estou praticamente casada!...

Desatou a rir - estavam a dobrar em direcção a el-Muski - dizendo: - Tal como eu...

- Mas tu estás deveras casado. Não é?

- Como soubeste?... - depois, como que para se emendar: - Como pude esquecer que vocês acabam sempre por saber tudo!

E, mais uma vez, soltou uma gargalhada expressiva. Então, ela sorriu com um ar misterioso e replicou:

- Queres aludir à casa da Sultana?

- Ou à do meu pai. Não continuam a estimar-se?

- Quase!

- Para ti cada coisa, agora, é um quase! Também eu estou quase casado. Quero dizer que estou casado, mas ando à procura de uma companheira.

Ela enxotou com a mão uma mosca que se pousara no seu rosto. A pulseira de ouro que trazia no pulso tilintou.

- Eu tenho um companheiro - acrescentou Zannouba - mas procuro um marido!

- Tens um companheiro? E quem é o feliz filho de...

- Poupa-me às tuas injúrias! - interrompeu-o, pondo-o de sobreaviso com um gesto de mão. - É um homem com uma certa posição!

- Com uma certa posição? - repetiu ele olhando para ela com um ar escarnecedor. - Oh! Zannouba!... Merecias uma cabeçada...

- Lembras-te de quando nos encontrámos pela última vez?

- Ora, vejamos! O meu filho Kichvan tem agora seis anos. Por isso encontrámo-nos, pela última vez, há cerca de sete anos!

- Como o tempo passou!

- Mas, enquanto há vida, não se deve nunca desesperar de nos encontrar nesta existência...

- E nem de nos separar...

- Até parece que, junto com a grande melaya, também te desfizeste da tua fidelidade!

Olhou para ele, carrancuda, e disse:

- E serias tu, agora, ó touro, a falar de fidelidade!

Vê-la desfazer-se de qualquer cerimónia alegrou-o e espicaçou as suas esperanças.

- Só Allah sabe como estou feliz por te rever - disse. - Pensei milhentas vezes em ti. Mas o que queres, o mundo é assim feito!...

- O mundo das mulheres, não é?
- O mundo da morte - replicou, fingindo-se emocionado - e o das canseiras...
- Não me parece que padeças muito de canseiras! A tua saúde faria inveja às mulas...
- Mas uns olhos encantadores não deveriam ser invejosos.
- Receias por ti? Como se fosses alto e robusto como Abdel Halim el-Masri^[112].

Empertigado, soltou uma gargalhada. Calou-se um pouco; depois, com um tom de voz circunspecto, recomeçou a dizer:

- Para onde ias?
- Porque achas que uma mulher vai a et-Tarbia? Ou julgas que toda a gente é igual a ti e que só pensa em se roçar nas mulheres?
- Sou vítima de injustiça, juro-o por Allah!
- Vítima de injustiça! Quando te avistei, estavas a devorar com os olhos uma mulher gorda como um portão...
- De forma alguma! Estava desatento, inquieto, não estava a reparar no que olhava...
- Tu! Se alguém procurasse por ti, bastaria dar-lhe um só conselho: "Procure a mulher mais gorda de et-Tarbia, e acha-lo-á forçosamente atrás dela, colado ao seu traseiro qual carraça colada a um cão."
- A tua língua, minha cara senhora, torna-se de dia para dia mais comprida!
- Castiga antes a tua...
- Deixemos estas coisas. Falemos de questões mais importantes. Aonde ias agora?

- Fazer algumas compras. Depois volto para casa.
Yassin calou-se por alguns instantes, como que hesitante. Em seguida, disse:

- O que me dirias se passássemos uns momentos juntos?
Zannouba fitou-o com aqueles dois grandes olhos negros e inteligentes que ele voltava a encontrar e replicou:
- Quem está atrás de mim é um homem ciumento!
- Num sítio agradável - prosseguiu ele, mostrando que não ouvira a sua objecção - apenas para beber dois copitos!...
- Acabo de te dizer que quem está atrás de mim é um homem ciumento! - retorquiu ela alteando a voz.

- O "Tout Va Bien^[113]": o que me dizes? - continuou Yassin sem ligar ao que ela dizia. - É um sítio bonito, e civilizado além do mais... vou chamar aquele táxi...

Escapou-lhe um gesto de discordância e, num tom ressentido que contradizia a expressão do rosto, perguntou:

- À força?

Depois, olhou para o relógio que trazia ao pulso. Este novo movimento estava prestes a fazê-lo rir e, com o ar de quem impõe condições, ela disse:

- Desde que eu não me atrase. Agora são dezoito, devo estar em casa antes das vinte...

Durante o trajecto do táxi, ele perguntou-se se alguém, entre et-Tarbia e el-Muski, teria podido vê-lo. Mas encolheu os ombros, com indiferença, enquanto colocava o fez, que deslizara sobre a sobancelha direita, para trás, com o cabo de marfim do enxotamoscas.

O que tinha a recear? Mariam estava sozinha e não tinha ao seu lado um monstro do jaez de Muhammad Iffat, que arruinara o primeiro lar que para si constituíra. Quanto ao seu pai, era um homem de tacto e sabia bem que ele já não era aquela criança exuberante à qual infligira um castigo exemplar no pátio da velha casa.

No jardim do "Tout Va Bien", sentaram-se a uma mesa, um à frente do outro. O restaurante estava cheio de homens e mulheres. Uma pianola mecânica soltava as suas melodias monótonas, enquanto de um canto longínquo, transportado pela brisa ligeira da tarde, chegava um cheiro delicioso de carne grelhada. Pelo embaraço dela, Yassin intuiu que se achava num local público pela primeira vez, e foi invadido por uma alegria de um profissional nestas andanças.

Depois, convenceu-se, num segundo momento, de que aquilo que experimentava não era um simples desejo passageiro, mas uma real nostalgia. Os dias que havia passado com ela pareciam, de repente, os mais felizes de todos os que vivera. Pediu uma garrafa de conhaque, em seguida, carne grelhada e a água da vida começou a circular nas suas bochechas. Retirou o fez, descobrindo os cabelos negros, separados por um risco, como o cabelo do seu pai. Mal Zannouba viu isto, aflorou aos seus lábios um leve sorriso, tão leve que Yassin não intuiu, naturalmente, o que podia ocultar. Era a primeira vez que se

sentava na companhia de uma mulher numa taberna diferente das de Wagh el-Birka, e era a primeira aventura após o seu segundo casamento, exceptuando uma única escapadela em Da Abdel-Khaliq. E talvez fosse igualmente a primeira vez que bebia conhaque "bom" fora de casa, já que não consumia um bom conhaque senão em casa com as garrafas que trazia para o seu consumo "legal", como costumava dizer. Encheram dois copos com orgulho e satisfação. Depois, ergueu o seu e disse:

- À saúde de Zannouba Martell!

- Bebo Dewars^[114] na companhia do bey! - replicou ela com um amável orgulho.

- Deixemo-lo! - disse ele bufando. - Allah nos ajude a expulsá-lo para o nevoeiro daqueles que foram...

- Depois de ti!...

- Veremos. Sempre que emborcamos um copo, abrem-se-nos as portas e os problemas resolvem-se...

Conscientes do pouco tempo de que dispunham, apressaram-se a beber. Os dois copos enchiam-se e esvaziavam-se de um só trago. Foi assim que o conhaque começou a cantar nos estômagos deles com a sua língua de fogo e o mercúrio da alegria se prontificou a subir no termómetro das veias. Os tufos de folhas verdes que se debruçavam dos vasos dispostos atrás do recinto de madeira do jardim sorriam-lhes festivos e a pianola encontra neles ouvidos tolerantes. Os seus olhos sonhadores e tumultuosos cruzaram-se por mais que uma vez com olhares íntimos e afectuosos, enquanto o ambiente do pôr do Sol deslizava sobre silenciosas ondas musicais e cada coisa parecia boa e bela.

- Sabes o que estava para te dizer quando te surpreendi hoje enquanto olhavas para aquela mulher como um possuído?

- Desculpa, o que dizias?... Mas esvazia antes o teu copo para que eu o encha...

- Estava prestes a gritar-te: filho de um cão... - prosseguiu Zannouba, tirando carne assada.

- E porque não o fizeste, filha de uma rameira? - perguntou ele com uma estrondosa gargalhada.

- Tenho por hábito insultar unicamente as pessoas que me são queridas. E, para mim, tu, naquele instante, não passavas de um

estranho... ou eras como que um estranho!

- E agora como me consideras?

- O filho de sessenta cães...

- Que bom! As injúrias, por vezes, embriagam mais do que o vinho!

Os jornais de amanhã hão-de falar desta noite abençoada...

- Porquê? Allah nos proteja do mal! Tens a intenção de cometer um crime?

- Meu Deus, tem piedade de mim e dela...

- Ainda não me falaste da tua nova esposa! - disse ela então, com um certo interesse.

- Tem razões para estar triste, coitada! - replicou Yassin acariciando os bigodes. - Perdeu a mãe este ano...

- Allah te dê longa vida... Era rica?

- Deixou uma casa, aquela que é adjacente à nossa, ou melhor, adjacente à casa do meu pai. Mas, em simultâneo, deixou um herdeiro que a divide com a minha mulher, isto é, o marido!

- A tua mulher deve ser muito bonita. Sabes escolher muito bem...

- Sim, tem a sua beleza - replicou ele com prudência - mas não pode ser comparada à tua beleza...

- Ora! Quem pode acreditar em ti?

- Alguma vez fui mentiroso?

- Tu? Por vezes, chego até a perguntar-me se deveras te chamas Yassin...

- Bebamos também este copo, então...

- Queres embebedar-me para que acredite em ti?

- Se te dissesse que te desejo e sinto saudades tuas, duvidarias da minha sinceridade? Olha nos meus olhos e sente o meu pulso...

- Serias capaz de dizer estas mesmas palavras a qualquer mulher que encontrases...

- Como quando se diz-, "Quem tem fome tudo come." Mas a mulukbiyam, por exemplo, ocupa um lugar especial.

- Um homem que realmente ame uma mulher não hesita em casar com ela...

- Enganas-te - replicou Yassin depois de bufar. - Tenho vontade de subir para cima desta mesa e de gritar em voz alta: "Aquele de vocês que ame uma mulher não deve casar com ela." Sim, porque não existe outra coisa no mundo que mate o amor como o casamento. Acredita

em mim! Tenho experiência: casei uma primeira vez e, depois, mais uma vez e não me escapa a verdade do que estou a afirmar...

- Talvez ainda não tenhas encontrado aquela que foi feita para ti...

- Aquela que foi feita para mim? E como seria esta mulher, e de que maneira a posso encontrar? Onde se esconde esta mulher que não enfada?

Zannouba soltou uma gargalhada forçada:

- Parece que o teu único desejo é o de ser um touro no meio de um recinto de vacas!

Contente, ele fez estalar os dedos e respondeu:

- Allah! Allah! Quem é que me chamava "touro" no passado?... O meu pai... que Allah lhe conceda um bom serão! Como desejaria ser como ele. Coube-lhe em sorte uma mulher que é um modelo de submissão e de compreensão e vive como bem lhe apraz, sem achar inquietações na sua vida, feliz no casamento, feliz no amor... Isto era o que eu queria...

- Quantos anos tem ele?

- Julgo que tem 55 anos, porém, é mais robusto do que muitos jovens.

- Não existe pujança que resista diante dos anos. Que Allah lhe conceda, vigor e saúde!...

- O meu pai é uma exceção. É amado pelas mulheres mais amadas. Não te aconteceu vê-lo nestes últimos tempos em vossa casa?

- Deixei a casa há alguns meses - replicou ela a rir, enquanto atirava um osso à gata que miava junto dos seus pés. - Agora, tenho uma casa para mim e na qual sou uma verdadeira senhora!

- A sério? Pensava que estavas a brincar. E abandonaste também a orquestra?

- Sim, abandonei-a. Estás a falar com uma senhora na verdadeira acepção da palavra...

Riu de forma retumbante e com manifesta alegria, após o que disse:

- Então bebe e deixa-me beber e que Allah seja benevolente connosco! Havia uma sedução na alma e tudo à volta deles estava repleto de sedução. Mas qual das duas era a voz e qual das duas o eco?

O mais surpreendente de tudo isto era que também os corpos inanimados ganhavam vida. Os vasos de flores vacilavam sussurrando, os pequenos ângulos dialogavam, o céu contemplava a terra com os

olhos ensonados das estrelas e falava. Entre ele e a sua companheira, lampejavam furtivas trocas de mensagens que desvelavam recônditos pensamentos e desejos, numa atmosfera aureolada de clarões visíveis e invisíveis que enfeitiçavam o coração e ofuscavam os olhos. Havia em derredor algo que excitava as pessoas sentadas às mesas e só as deixava quando interrompiam o silêncio repentinos acessos de riso. Os rostos, as palavras, os movimentos, tudo dava vontade de rir de forma despreocupada. O tempo passava como um cometa. Os portadores dos germes da prodigalidade transmitiam-nos de mesa em mesa com semblantes graves, ao passo que, ao longe, as melodias da pianola chegavam, quase cobertas pelo estampido das rodas do eléctrico...

Os rapazes nos passeios e os colectores das beatas espalhavam à volta um alarido semelhante ao zunido das moscas. Os exércitos da noite acompanhavam-no já debaixo dos tectos e tomavam as suas posições.

"Dir-se-ia que estás à espera de que o criado te venha perguntar: 'Se o senhor se sente bêbado, tem para onde ir?', ainda que estejas farto de tudo e não só disso, mas também de coisas mais importantes. Ah, se Mariam pudesse prosternar-se aos teus pés suspirando: 'Deixa-me apenas um quarto onde eu possa permanecer diante de ti submissa e enche os restantes com todas as mulheres que desejas', ou se o director da escola te desse uma leve palmada todas as manhãs dizendo-te: 'Como está o teu pai, meu filho?', ou se o governo se decidisse a abrir uma nova rua mesmo em frente da loja de el-Hamzawi e do apartamento de el-Ghuriyya, ou se Zannouba te dissesse: 'Amanhã, deixarei a casa do meu companheiro e sujeitar-me-ei às tuas paixões!' Se isso sucedesse, reunir-se-iam as pessoas, depois da oração da sexta-feira, para trocar beijos de felicidade, mas, por esta noite, a ponderação sugere que te acomodes no sofá e que Zannouba dance nua na tua mente. Assim, os teus olhos poderão apascentar-se no seu ventre e descobrir o sinal de beleza que domina o seu umbigo." Como está o sinal tão querido? - perguntou, indicando, comum sorriso, a sua barriga.

- Beija a tua mão... - replicou ela a rir.

Yassin lançou uma olhadela em volta do sítio e disse:

- Vês esta gente? Não há nenhum deles que não seja um fornicador e filho de um fornicador. Assim são todos os bêbados...

- Muito honrados! Quanto a mim, tenho o cérebro que por pouco não esguicha para fora...

- Espero que esguiche para fora a parte em que se aloja o teu companheiro...

- Ah, se ele soubesse o que se está a passar entre nós! Bater-te-ia com a ponta do seu bigode.

- Será por acaso um shami^[116], um daqueles com bigodes enormes e...

- Shamí?

Depois ela pôs-se a cantar com uma voz apenas inteligível:

"Barhum, ó Barhum.^[117]

- Chiu! Não atraias sobre nós os olhares...

- Quais olhares, cego! Não vês que já não há quase ninguém?

- O vinho é louco... - bufou, alisando o ventre.

- Louca é a tua mãe...

- A tua voz está mais alta do que seria necessário. Levanta-te, vamos embora.

- Para onde?

- Tens mais idade do que eu^[118]! Deixemo-nos conduzir pelos nossos pés...

- Porquê, quem se deixa guiar pelos pés vai seguro?

- De qualquer modo, sempre são de maior confiança que um cérebro desvairado...

- Pensa um pouco em...

- Devemos realizar as nossas coisas sem pensar - interrompeu-a Yassin enquanto se levantava, titubeando -, já que pensar antes de amanhã de manhã será para nós algo completamente impensável. Levanta-te, vamos embora...

^[111]Literalmente significa "esposa, mulher, boneca". Trata-se de uma espécie de pequeno ,c de ouro ou de metal dourado, usado entre os olhos e muitas vezes sobre o nariz, no infaioi do qual passa um pequeno cordão que segura o véu da mulher, unindo-o a uma tira de tecido colocado sobre a cabeça dela, para segurá-lo.

^[112]Célebre lutador de então.

^[113]Em francês no texto.

[\[114\]](#) Marca de whisky.

[\[115\]](#) Um dos pratos mais populares do Egito. Este legume, que dá origem a uma sopa geralmente confeccionada com carnes de coelho e borrego, entre outras, quando cozinhado, torna-se viscoso.

[\[116\]](#) Outrora habitante da região de Sham que actualmente corresponde à Síria, Jordânia, Líbano, Israel e Palestina.

[\[117\]](#) Canção de origem sírio-libanesa.

[\[118\]](#) Expressão largamente usada no Egito e que significa: "disseste o que eu estava mesmo prestes a dizer".

CAPÍTULO 26

As casas tinham as portas e as janelas cerradas. As ruas estavam desertas. Havia tão-só, aqui e ali, uma leve aragem e a claridade de uma lâmpada que balançava no seu sono. Quanto ao silêncio, tinha todo o espaço para si, para os envolver ao desdobrar as suas asas.

"Para que servem os albergues se os seus donos te recebem olhando-te de soslaio, como se fosses uma doença infecciosa que se deve evitar a todo o custo? Oh, estás, por certo, a desprezar aqueles que te repelem, mas, entretanto, ficarás sem um abrigo! O sono já une os amantes e tu continuarás a vagabundear até quando? Eis um cocheiro que levanta a cabeça pesada de sono e te lança um olhar de convite. Meu Deus, tem compaixão daquele que persegue uma mulher às tantas da noite, interrogando-se: 'Para onde?...'"

- Para onde vais?

- Para onde quiser - respondeu o cocheiro, com um sorriso.

- Não é a ti que faço a minha pergunta - replicou-lhe Yassin.

- Seja como for, estou às suas ordens... - respondeu o homem.

- Não mo perguntes a mim - interveio então Zannouba. - Pergunta-o a ti mesmo. Porque não pensaste nisso antes de te embebedares?

- O Nilo! - disse o cocheiro, encorajado por eles terem parado diante da carroça. - É o local mais apropriado. Querem que os leve até às margens do Nilo?

- És um cocheiro ou um marinheiro? - perguntou Yassin indisposto.

- O que faremos nas margens do Nilo, a esta hora da noite?

- Lá, a luz é fraca e o local é ermo - acrescentou o cocheiro, como que a incentivá-los.

- O ambiente propício para os ladrões!

- Que má notícia! Tenho as orelhas, o pescoço e os pulsos cheios de ouro - disse Zannouba amedrontada.

- O mundo ainda é seguro - replicou o cocheiro encolhendo os ombros. - Vou para lá todas as noites com pessoas como vocês, e voltamos sãos e salvos...

- Não fale mais do Nilo - atalhou Zannouba num tom seco. - Só de ouvir esse nome, todo o meu corpo estremece [\[119\]](#).

- Allah mantenha todo o mal afastado do seu corpo.

- É comigo que tens de falar - vociferou Yassin ao cocheiro, depois de ter tomado o seu lugar na carroça ao lado de Zannouba. - O que tens a ver com o seu corpo?

- Sou o seu humilde servo, bey.

- Tudo é complicado esta noite.

- Com a ajuda de Allah, todas as dificuldades se hão-de resolver. Se é um albergue que querem, vamos lá.

- Já discutimos com três donos de albergue. Três ou quatro, Zannouba. Tentemos outra coisa qualquer...

- Mas, então, demos um saltito até ao Nilo...

- E o meu ouro, velhaco?... - replicou Zannouba, encolerizada.

- Dou-me conta disso, mas não há outro lugar... - interveio Yassin, estendendo as pernas sobre o banco de trás.

- No que toca ao lugar que pretendem - propôs o cocheiro -, têm a carroça à vossa disposição...

- Acaso juraste desonrar-me? - gritou Zannouba.

- Tens razão, tens razão - respondeu Yassin, torcendo o seu bigode - E, além do mais, a carroça não é o sítio apropriado. E não me limitarei, com a minha idade, a entregar-me a brincadeiras de crianças. Ó cocheiro...

O homem aproximou o ouvido e Yassin gritou com um tom imperioso:

- Para Qasr esh-Shawq! Toe... toe... toe... toe... toe...

"Imerges nas trevas e como companhia só tens as estrelas. No horizonte está a angústia que te faz sinal, mas, de súbito, torna a cair no mar do oblívio, como uma recordação indócil. Isto porque a vontade se desvanece a pouco e pouco num copo de vinho. De repente, a tua companheira de divertimento pergunta-te a gaguejar: Aonde queres ir? A Qasr esh-Shawq?' E tu respondes-lhe: A casa que herdei da minha mãe. O destino quis que aí vivesse para o amor e que a legasse ao amor após a sua morte: Abrira os braços a Umm Mariam e à filha com o coração palpitante de desejo... mas esta noite agarrar-se-á à mulher dos teus serões passados."

- E a tua mulher, bêbado?

- Está mergulhada no sono. Não tenhas medo. Tens contigo um homem que não tem medo de nada. Colhe as pérolas das estrelas para com elas ornamentar a tua fronte e canta ao meu ouvido, para mim

tão-só: "Ó mãe deixa que eu ame esta noite..."

- E onde passarei o resto da noite?
- Acompanhar-te-ei até onde bem entenderes.
- Não terás forças para acompanhar uma palha sequer!
- Paris é aqui, no Baixo Egito...
- Se, pelo menos, não tivesse medo dele!
- De quem?

- Quem mo dirá? - respondeu Zannouba com uma voz apagada, atirando a cabeça para trás. - Esqueci...

Sobre el-Gamaliyya tombara uma escuridão profunda. Até o café fecha ra as suas portas. A carroça estacou diante da entrada de Qasr esh-Shawq. Yassin desceu soltando um arroteio, seguido de Zannouba apoiada a seu braço. Caminharam juntos, com um passo circunspecto, não sem titubear porém, seguidos pelos acessos de tosse do cocheiro e pelo ruído dos sapatos do guarda que, por curiosidade, se aproximara da carroça no momento em que virava. Ela disse-lhe:

- Esta rua está cheia de cascas. E ele respondeu:

- Mas a casa é sossegada - e disse-lhe também: - Não faças caso. Em vão tentou ela relembrar-lhe que a sua mulher estava no apartamento que eles tentavam alcançar. E, além do mais, tentava recordar-lho rindo de forma néscia na escuridão. Por duas vezes, esteve na iminência de cair nos degraus enquanto subia as escadas, até se acharem diante do apartamento, dominados pela angústia. O terror da situação suscitou nas suas mentes turvadas um repentino rasgo de consciência... Mas, depois, ele girou a chave na fechadura e empurrou a porta com extrema delicadeza. Procurou na escuridão o ouvido de Zannouba até o encontrar. Então, inclinou-se para ela e sussurrou-lhe que descalçasse os sapatos. Ele agiu de igual modo, depois precedeu-a de um passo, disse-lhe que pusesse a mão no seu ombro e encaminhou-se para a sala, frente à entrada. Depois empurrou a porta e enfiou-se por entre esta, com Zannouba que o seguia. Ambos soltaram um suspiro de alívio e Yassin fechou a porta e conduziu Zannouba até ao sofá, onde se sentaram um ao lado do outro.

- Está demasiado escuro aqui dentro - disse ela, oprimida. - Não gosto da escuridão!

- Habituar-te-ás rapidamente...
- A minha cabeça começa a andar à roda!

- Só agora?

Levantou-se num repente, sem prestar atenção à resposta que ela lhe dera, enquanto murmurava, dominado pelo pânico:

- Não fechei a porta exterior à chave...

E, dizendo isso, estendeu a mão para tirar o fez.

- Esqueci também o fez! - gritou. - Mas onde o terei eu esquecido: na caleche ou no "Tout Va Bien"?

- O teu fez que vá para o diabo! Vai mas é fechar a porta, tratante!

Uma vez mais, Yassin introduziu-se furtivamente na antecâmara, após o que deslizou até à porta exterior, que fechou à chave com muita cautela. Estava prestes a regressar quando lhe perpassou a mente uma ideia aliciante. Dirigiu-se para a consola, estendendo a mão tacteante na sua frente para evitar embater na cadeira da mesa de jantar, depois voltou à sala, trazendo na mão uma meia garrafa de conhaque.

- Trouxe-te um remédio para todas as coisas... - exclamou, pousando a garrafa no regaço de Zannouba.

- Álcool? - replicou ela apalpando a garrafa com as mãos. - Chega de beber! Queres que transbordemos?!

- Um trago para recobrar fôlego, depois de tanto esforço! Bebeu ao ponto de acreditar que podia fazer qualquer coisa e que a loucura é uma situação agradável. O mar de bebedeira tinha com efeito desencadeado as suas vagas e ele via-se transportado na crista das ondas agora precipitado para depois ser sugado num vórtice sem fundo. Dos ângulos aposento, erguiam-se línguas que falavam na escuridão, loquazes e insípidas, acompanhadas por turbulentas gargalhadas numa vozearia de mercado, misturadas com cantigas mal afinadas. A garrafa caiu por terra e fez barulho como que para avisar alguém. Mas ele tinha ante si uma façanha a levar a cabo, ainda que, para isso, devesse suar sete camisas. Que tivera ou não tempo, pouco lhe importava, o tempo nada significava para ele... A escuridão principiou a mover-se e atenuar-se, apesar das suas pálpebra cerradas. E, como costuma despertar quem teve um sonho feliz, estendendo a mão para colher as delícias de um novo dia, Yassin despertou ao som de uma voz e de um movimento. Abriu os olhos e notou uma luz e uma sombra que bailavam ao longo das paredes. Virou-se e viu, ao lado à porta, Mariam, com um candeeiro na mão, que exibia um semblante sombrio e olhos que chispavam de furor.

Houve longas e estranhas trocas de olhares entre os dois amantes estendidos no sofá e a mulher que se mantinha em pé junto à porta, cheios de embaraço naqueles e impregnados de uma cólera ardente nesta. O silêncio tornou-se insuportável. Zannouba manifestou a sua angústia tentando abrir a boca para falar, mas não proferiu uma só palavra. Depois foi de súbito dominada por uma gargalhada tão irrefreável que teve de cobrir o rosto com as mãos.

- Pára de rir! - gritou-lhe Yassin num tom grave. - Esta é uma casa respeitável!

Pareceu que Mariam queria dizer alguma coisa, mas a língua não a ajudava ou talvez lhe fosse impossível falar dada a cólera que incubava.

- Encontrei esta mulher num estado de embriaguez pavoroso - disse-lhe Yassin, não sabendo o que inventar - e trouxe-a para aqui, enquanto não voltava a si...

Zannouba não ficou calada e, ao invés, replicou severamente: .

- Ele é que está bêbado, como pode ver. Trouxe-me para aqui à força! Mariam esboçou um movimento brusco, como que a querer arremessar o candeeiro sobre os rostos de ambos. Yassin pôs-se diante dela com a sua estatura imponente e olhou-a, pronto a saltar. Mariam recuou de repente, impressionada por aquele gesto temerário, e pousou o candeeiro na mesa, rangendo os dentes de raiva. Por fim, conseguiu falar, pela primeira vez, e a sua voz era seca, trémula, perpassada de rancor e de ira, e disse:

- Na minha casa! Na minha casa? Até dentro de casa, criminoso! Filho de diabos!

A sua voz rebentou qual trovão, que o investia com os insultos e os adjectivos da pior espécie. Gritou e vociferou a tal ponto que a voz quase que atravessava as paredes. Chamou os inquilinos e os vizinhos, jurando que o envergonharia na presença dos que dormiam e que ela queria acordar para que fossem testemunhas: Yassin tentava de todas as maneiras calá-la, agitando as mãos, fulminando-a com o olhar, gritando-lhe quase que rugindo, mas todas as ameaças se revelaram inúteis. Então, furioso, ele ergueu-se e avançou para ela com um passo largo, para alcançá-la o mais rapidamente possível, embora com receio de perder o equilíbrio e, quando a apanhou, tapou-lhe a boca com a mão. Mariam arranhou-o no rosto como uma gata desesperada e

assentou-lhe um pontapé no ventre. Yassin recuou, titubeante, com o rosto ensombrado pelo rancor e pela dor. Depois caiu de bruços, como desmorona uma casa abatida. Zannouba soltou um grito rasgado. Mariam precipitou-se para esta e, enquanto com uma mão lhe puxava os cabelos, afundava-lhe as unhas da outra no peito e começou a cuspir-lhe no rosto, insultando-a e cobrindo-a de cuspidelas.

Entretanto, Yassin levantou-se, depois, inclinou-se e sacudiu a cabeça com gestos violentos, quase que a querer expulsar o vinho. Dirigiu-se para o sofá e agarrou Mariam pelos ombros, com violência, enquanto ainda estava sentada sobre a sua adversária.

Mariam soltou um grito e fugiu para longe dele, mas ele voltou a apanhá-la, acicatado pela cólera, batendo-lhe de forma continuada até a mesa de jantar os separar. Aí, ela pegou o chinelo e atirou-o atingindo o peito dele. Ele correu em direcção a ela e começaram a andar em redor desta ao passo que ele gritava.- Desaparece da minha vista! Estás divorciada!... Divorciada!

Ouviu-se então uma mão que batia à porta e a voz da vizinha do segundo andar que chamava:

- Sitt Mariam... Sitt Mariam. Yassin desatou a correr anelante.

Mariam, pelo contrário, abriu a porta e principiou logo a dizer, com uma voz tão alta que conseguia preencher as escadas:

- Venha, venha dar uma olhadela dentro do quarto e diga-me se alguma vez viu coisa semelhante! Uma prostituta dentro da minha casa, que se embriaga e faz balbúrdia. Venha ver!

- Acalme-se, sitt Mariam! - respondeu-lhe a vizinha tomada pela confusão. - Desça comigo até que amanheça!

- Vai com ela - gritou Yassin com indiferença. - Não tens qualquer direito de permanecer na minha casa.

- Adúltero, celerado! - gritou-lhe Mariam na face. - Trazes uma puta para dentro de casa!

- A puta és tu - prosseguiu Yassin, batendo na parede com o punho. - Tu e a tua mãe!

- Insultas a minha mãe quando já se encontra entre as mãos de Allah!

- Sim, és uma puta! Tenho plena consciência disso. Esqueceste os soldados ingleses? Sim, a culpa é minha, pois não dei ouvidos aos conselhos da gente de bem.

- Sou a tua senhora e a coroa da tua cabeça. Sou mais respeitável do que a tua família e a tua mãe. Interroga-te um pouco o que poderá ser um homem que desposa uma mulher, embora saiba que é uma puta, como tu o dizes! Não será ele porventura um desprezível rufião? - apontou para a sala. - Casa com esta. É o tipo adequado à tua natureza imunda...

- Mais uma palavra e o teu sangue correrá no sítio onde estás... Mas Mariam recomeçou a gritar de forma desabrida e a cuspir investidas até a vizinha se interpor entre ambos para os apartar, caso fosse necessário, e pôs-se a dar-lhe pequenas palmadas nas costas, suplicando-lhe que fosse com ela para casa até que amanhecesse.

- Pega nas tuas coisas e vai-te embora - gritou-lhe Yassin sentindo-se nos limites do desespero. - Desaparece! Já não és a minha mulher e eu não te conheço. Agora vou para o quarto, e aí de ti se te encontro aqui quando dele voltar - saiu precipitadamente da sala, batendo com violência a porta nas suas costas, de tal modo que as paredes estremeceram. Depois arremessou-se sobre o sofá enquanto enxugava o suor da testa.

- Tenho medo... - murmurou Zannouba.

- Cala-te. Do que é que tens medo? - respondeu ele com um ar rude. Depois, em voz alta: - Estou livre... estou livre...

- Mas o que me passou pela cabeça para me levar a inclinar-me diante dos teus desejos e vir para aqui contigo? - disse ela, como que falando consigo própria.

- Cala-te! O que está feito feito está! E não estou nada descontente... Ufa...

As vozes chegavam-lhe através da porta fechada, o que significava que mais do que uma vizinha rodeara a sua mulher enfurecida.

Depois, ouviu a voz de Mariam, que, com um tom choramingueiro, dizia:

- Já ouviram antes uma coisa deste género? Uma rameira, daquelas que calcorreiam as ruas, na minha casa? Acordei com o rebuliço deles, enquanto riam e cantavam. Juro que estavam ali a cantar sem a mínima vergonha, depois de se terem embriagado. Digam-me, acaso isto é uma casa ou um bordel?

Então, ouviu-se a voz de uma mulher que dizia:

- E vai pegar nas suas roupas e abandonar a sua casa? Esta casa é

sua, Sitt Mariam. Não é justo que a deixe. Que seja a outra a desaparecer...

- Já não é a minha casa - gritou Mariam - visto que o respeitável senhor aqui presente já me divorciou.

- Não se apercebia daquilo que estava a fazer - gritou outra. - Venha connosco agora e adiemos a conversa para amanhã de manhã. Apesar da situação, Yassin afendi é um homem bom e de boa família. Que Allah amaldiçoe o diabo! Venha, pobre filha, não fique triste...

- Nada há a dizer e nada há a fazer! - lançou Mariam. - Que aquele celerado, filho de uma celerada, não veja mais a luz do dia!...

Depois, ouviram-se passos que, a pouco e pouco, se afastaram e vozes cada vez mais incompreensíveis. Por fim, ouviu-se o ruído da porta quei fechava. Por isso, Yassin suspirou longamente e estendeu-se de costas...

[\[119\]](#) Naquela época acontecia por vezes atirarem para as águas do Nilo as mulheres adúlteras.

CAPÍTULO 27

Quando abriu os olhos, a luz do dia já tinha inundado o aposento. Sentiu na cabeça um peso nunca até então experimentado, embora não fosse a primeira vez que despertava depois de uma noite de bebedeira. Com um movimento de cabeça involuntário, os seus olhos caíram sobre Zannouba, que dormia ao seu lado profundamente. Foi então que, num repente, os acontecimentos da noite anterior desfilaram perante a sua memória e enfeixaram-se numa só imagem: Zannouba na cama de Mariam. E Mariam?! Em casa dos vizinhos. E o escândalo? Em toda a parte. Que salto enorme para o abismo da baixeza! De que serviam agora a cólera e o arrependimento? O que acontecera, acontecera. Tudo talvez possa ser mudado, excepto o passado. Acordá-la? Mas porquê? Que durma sossegada até estar saciada. Que fique onde está. Não deve deixar a casa enquanto não ficar escuro. Quanto a ele, devia a todo o custo recuperar parte das suas forças para enfrentar o dia difícil que o aguardava.

Saiu de sob a leve coberta, deixou-se deslizar e pôs os pés no chão. Depois, saiu da cama pesadamente, com os cabelos desgrenhados, as pálpebras inchadas e os olhos vermelhos.

Uma vez na antecâmara, bocejou de uma forma tão sonora que parecia um mugido e depois suspirou, olhando na direcção da porta da sala aberta. Então, fechou os olhos, queixando-se do peso que sentia na cabeça, e dirigiu-se para a casa de banho. Aguardava-o realmente um dia difícil. Mariam estava em casa dos vizinhos e a outra estava ali a ocupar a cama e, além do mais, o romper de um ovo dia surpreendera-o antes de ter tido tempo de apagar todos os vestídeos da sua malfeitoria. Que loucura! Deveria tê-la mandado embora, sem que nada daquilo transpirasse, antes de se deitar. Mas como não o fizera? Que espécie de cegueira o atingira? E de que forma a levava da sala para o quarto de dormir? Não se conseguia recordar de nada. Não lembrava sequer como e quando cedera ao sono... Em suma, dentro em breve, abater-se-ia sobre ele um escândalo imenso, incomensurável! Uma noite insignificante, mas carregada de vergonha, como a sua cabeça estava a abarrotar com preocupações e dores. Mas não havia nada de surpreendente nisso. Aquele

apartamento era, há muito, habitado pelos demónios do escândalo... O legado de uma mãe - Allah lhe perdoe! A mãe voara para o Criador mas o filho ficara, para ser a patranha das pessoas e a anedota dos inquilinos e dos vizinhos. Amanhã, as vozes voariam velozes, até Bain el-Qasrain. Nervos a postos, portanto!...

"Tocas o fundo de um abismo de depravação e de baixeza. Quem dera que esta água fria com que te estás a lavar pudesse purificar o teu espírito das más recordações! Quem sabe, talvez, se te puseres à janela, vejas à" porta uma multidão à espera que desça a mulher que expulsou a tua esposa, ocupando o seu lugar. Não! Não lhe permitirás que saia, aconteça o que acontecer. Quanto a Mariam, repudiaste-a. Repudiada sem querer, enquanto a mãe ainda está fresca no seu túmulo! O que dirão de ti as pessoas, ó sacrílego?"

Yassin sentiu uma forte necessidade de uma chávena de café, para espreitar um pouco. Saiu por isso do banho e foi à cozinha. Enquanto passava no corredor, viu a consola da antecâmara e lembrou-se da garrafa de conhaque que se entornara na sala; no espaço de um segundo, perguntou-se o que seria feito do tapete. Mas lembrou-se logo a seguir, e com um dizer mesclado de ironia, que os móveis do apartamento não eram seus e se tinham rapidamente juntado à sua dona.

Alguns minutos mais tarde, com uma chávena de café meio cheia na mão, dirigiu-se para o quarto de dormir, onde encontrou Zannouba, sentada nas cobertas, que se espreguiçava e bocejava.

- Espero que tenhamos um bom dia - disse, voltando-se para ele. - Se tivermos sorte, iremos tomar o pequeno-almoço na esquadra!

Sorveu um trago de café, observando-a por cima da chávena. Depois, disse-lhe:

- Tem confiança em Allah!

Ela agitou a mão, fazendo tilintar as pulseiras que tinha nos pulsos, e respondeu:

- És tu a causa de tudo o que aconteceu...

Ele sentou-se na borda da cama perto das suas pernas estendidas, e replicou enfadado:

- Começamos com o tribunal! Disse-te que tivesses confiança em Allah! Levemente com os calcanhares, ela bateu-lhe ao longo da espinha dorsal.

- Foste a ruína da minha casa - disse-lhe ela entre lamentos. - Só Allah sabe o que me espera!...

Yassin cruzou uma perna sobre o joelho de tal forma que a gallabiyya se retirou da outra, aparecendo, esta última, polposa e coberta por uma floresta de pêlos negros como o carvão.

- O teu companheiro? - disse-lhe. - Mas chega em má hora! O que queres tu que seja comparado ao repúdio da minha mulher? Foste antes tu quem arruinou a minha casa. Foi a minha casa que foi devastada...

- Maldita noite!... - disse Zannouba, como que falando para si mesma. - Não distinguia a cabeça dos pés! Tenho ainda tanta confusão na minha cabeça. Mas a culpa é minha. Não deveria ter-te dado ouvidos desde o começo...

Pareceu-lhe que estava feliz, apesar de se queixar, ou talvez fingisse apenas queixar-se. Não conhecera em el-Azbakiyya mulheres que se vangloriavam de cada cruel discussão que surgia por causa delas? Mas não se deixou soçobrar.

A situação tornara-se tão desesperada que o levava a evitar a fadiga de pensar num remédio. Só lhe restou, por isso, soltar uma bela gargalhada, dizendo:

- A pior desventura é aquela que nos induz a rir. Ri, pois. Destruíste o meu lar e nele estás instalada. Levanta-te, arranja-te e prepara-te para uma longa estadia, até à chegada da noite. Só deixarás esta casa quando ficar escuro...

- Que notícia infeliz! Assim sou uma prisioneira! Mas onde está a tua mulher?

- Já não tenho mulher.

- Onde está ela?

- No tribunal legal, se aquilo em que estou a pensar for verdade.

- Receio que se vire contra mim quando eu me for embora...

- Estás com medo? Que Allah tenha piedade de nós! Todo o horror da outra noite não te tirou nada da tua esperteza e da tua perfídia, digna sobrinha da tua tia Zubaida!

A jovem soltou uma longa gargalhada. Parecia reconhecer a acusação que lhe fora dirigida, com um certo orgulho, no entanto.

Estendeu depois a mão para a chávena de café que agarrou sorveu um pouco e restitui-lha, perguntando:

- E em seguida?

- Como vês, não sei mais do que tu. Mas irrita-me ter sido apanhado em flagrante diante das pessoas, como aconteceu na noite passada...

- Não penses nisso - replicou Zannouba, encolhendo os ombros com indiferença. - Não há nenhum homem que não esconda sob a barba mais vergonha que a terra inteira pode conter.

- No entanto, o escândalo continua a ser o escândalo. Imagina: briga, lamento e repúdio ao despontar da alvorada! Não só! Imagina ainda os vizinhos que acorrem arquejantes ao meu apartamento para ver o que sucede e assistem a toda a cena com os seus olhos.

- Foi ela quem começou! - replicou ela sombria. Yassin não conseguiu suster uma risada sarcástica, mas Zannouba recomeçou a dizer com resolução:

- Poderia ter resolvido as coisas de forma sensata se tivesse um pouco de cabeça. A gente estranha, que se acha a passar na rua, é tolerante com os bêbados que peguilham. Foi ela quem motivou o repúdio. No fundo, o que lhe disseste?...Putá, filha de puta. E outra coisa sobre os soldados ingleses, não é?

Disto só agora ele recordava, enquanto a observava com olhos enfurecidos, interrogando-se como poderiam aquelas palavras ter-se-lhe fixado na memória.

- Estava furioso - murmurou, embaraçado. - Não sabia aquilo que estava a dizer!

- Tretas!

- Tretas para ti!...

- Os soldados ingleses?... Onde desentranhaste esta mulher, no bar Finish [\[120\]](#)?

- Peço perdão a Allah. É filha de boa gente e uma vizinha de toda uma vida, que a cólera seja mil vezes amaldiçoada.

- Se não fosse a cólera, os segredos não viriam ao de cima...

- Basta, peço-te, pela vida da tua tia!

- Fala-me dos soldados ingleses, e terás de mim tudo o que quiseses, até ao último cabelo.

- Disse-te que foi a cólera que me levou a dizer certas coisas, e basta... - replicou ele com uma voz exasperada.

- O quê, estás a defendê-la agora? - prosseguiu Zannouba depois de ter dado um suspiro sarcástico. - Vai buscá-la de novo, então...

- Antes morrer do que fazer tal coisa!

- Que seja como tu o dizes...

Assim falando, pulou da cama, dirigiu-se para o espelho, pegou no pente de Mariam e começou a pentear-se à pressa, enquanto perguntava:

- O que poderei fazer caso o meu homem rompa a relação que mantém comigo?

- Despede-te dele. Quanto à minha casa, sabes que estará sempre aberta para ti...

- Não sabes aquilo que dizes - respondeu-lhe ela com um tom desolado, voltando o olhar para ele. - Estávamos a pensar seriamente no casamento.

- No casamento! E ainda teimas em pensar no casamento depois de tudo o que viste na noite passada?

- Não me compreendes - insistiu ela com astúcia. - Já não suporto esta vida pecaminosa que levo e por trás da qual nada existe além da perdição. Alguém como eu, se casasse, apreciaria a vida conjugal melhor do que qualquer outra!

"Quem achas que é o pateta da situação? Numa orquestra, dar-lhe-iam no máximo o lugar de tocadora de alaúde. E levar a vida de cortesã, após os trinta anos - e ela tê-los-á em breve, os trinta anos! - só traz ruína. Por isso, o casamento é a única esperança que lhe resta. Talvez pense em ti quando fala em casamento?... Que deliciosa diaba! Não nego que a quero. Desejo-a com todas as minhas forças. E o meu escândalo está pronto a testemunhá-lo..."

- Ama-lo?

- Se o amasse - replicou irada -, não me encontraria aqui, pois, como uma prisioneira num cárcere!...

Embora duvidasse da sua sinceridade, sentiu o seu peito fremir de ternura. Ainda que talvez o seu coração não soubesse o que fosse a fidelidade, manifestava-lhe uma preferência da qual não podia duvidar.

- Não poderia fazer outra coisa por ti, Zannouba. Por ti, cometi uma loucura sem ter em consideração as consequências. És minha, e eu sou teu, para todo o sempre...

Reinou o silêncio. Parecia que estava ansiosa por ouvir outra coisa, mas ele não proferiu qualquer palavra. Por isso, disse:

- Devo romper todos os meus laços com aquele homem? Não sou daquelas que podem frequentar dois homens...

- Quem é?

- Um comerciante do bairro da Cidadela, que se chama Muhammad el-Qulali...

- Casado?

- Sim, e com filhos. Mas é rico...

- Prometeu casar contigo?

- Desperta em mim esse desejo, mas estou hesitante, porque as suas condições e o facto de ser um homem casado e pai de família são susceptíveis de levantar dificuldades...

Suportava a sua manha por causa da beleza dos seus olhos.

- Porque não recomeçamos como antes? Não sou pobre, de qualquer modo...

- Não me interessa o teu dinheiro. É que não suporto mais levar uma vida pecaminosa!

- O que se pode fazer, então?

- É aquilo que me pergunto...

- Fala abertamente.

- Falei o suficiente.

Que ataque inesperado! À primeira vista, parecia cómico, mas ele desejava-a e não podia, por isso, responder com um ataque do mesmo teor.

- Não te posso esconder que comecei a ter uma ideia negativa do casamento - disse ele, após uma pausa de silêncio.

- Tal como eu tenho da minha vida de pecado...

- Não era assim ontem!

-Tinha à mão um marido. Mas hoje!...

- Com um pouco de condescendência, poderemos encontrar-nos. Só há uma coisa que não deves esquecer, independentemente do tempo que dure a nossa relação: não te deixarei nunca...

- Os teus antecedentes são testemunha da tua sinceridade - gritou ela, enraivecida.

- O homem não aprende sem pagar a sua quota-parte - respondeu ele com um tom sério para melhor encobrir a sua posição débil.

- As palavras já não me enganam. Ai de mim! Homens!

"E de vocês, as mulheres, não existe um 'ai de mim'! Ó digna

sobrinha da tua tia Zubaida, perdoo-te! Chegaste embriagada no meio da noite e, de manhã, dizes não suportar mais a tua vida de pecado... Mas o que lhe terá passado pela cabeça? Talvez tenha dito de si para si: 'Já que a segunda esposa era uma puta, porque não poderei ser eu a terceira esposa?' Mas tem calma, Yassin. Talvez tenhas esquecido os problemas que te aguardam lá fora? Deixa que os problemas esperem por ti, mas não percas Zannouba devido a uma palavra inoportuna, como perdeste Mariam. Mariam? Agora, meu irmão, expiei a minha falta."

- O laço que nos uniu não deve nunca ser quebrado - disse ele com calma.

- Que se rompa ou continue dependerá unicamente de ti.

- Temos de nos encontrar frequentemente e pensar muito...

- No que me toca, não preciso de pensar outra vez!

- Então, ou terei de te convencer do meu ponto de vista ou convencer-me-ás do teu.

- Não me deixarei convencer pelo teu...

E deixou o quarto escondendo-lhe um sorriso. Observava-a enquanto se afastava, com um olhar cheio de estupor. Tudo parecia estranho agora. Mas onde estaria Mariam? Sozinha, de qualquer modo. Quanto a ele, não teria mais nem sossego nem paz. Amanhã, em Baín el-Qasrain, teria de responder a perguntas concretas, e o mesmo teria de fazer depois de amanhã, numa qualquer sala do tribunal legal...

Nos últimos tempos, a vida deles havia-se transformado numa contínua briga, de tal modo que Mariam lhe dissera sem meias palavras: "Detesto-te e detesto a tua existência."

"Não fui feito para ser feliz no casamento. Terá sido assim a vida do meu avô? Dizem que na família sou eu quem mais se lhe assemelha. E, apesar disso tudo, este diabrete quer casar comigo..."

[120] Bar muito conhecido na época, ponto de encontro dos soldados ingleses.

CAPÍTULO 28

O Sol estava a pôr-se quando o sayyed Ahmad Abdel Gawwad atravessou a ponte de madeira que conduzia à awwama.

Tocou à campainha. A porta abriu-se depois de algum tempo e foi Zannouba quem surgiu num vestido de seda branca, cuja transparência revelava a beleza harmoniosa do seu corpo. Viu-o e gritou:

- Bem-vindo... sê bem-vindo. Diz-me, o que fizeste ontem? Imaginei-te a chegar, tocar em vão à campainha, esperar um certo tempo e depois partir., - riu. - E aquilo que tu muitas vezes imaginavas. Diz-me, o que fizes-te?

Apesar da elegância do seu aspecto e o perfume que dele emanava, a o rosto sombrio e os seus olhos pareciam vítreos, com pupilas que reflectiam indignação.

- Onde estiveste tu ontem? - perguntou-lhe ele.

Guiou-o até à sala de estar e ele seguiu-a até ao centro do aposento, e duas janelas abertas para o Nilo, mas sem se sentar.

Ela, ao invés, tomou o seu lugar num sofá, arrumado entre as duas janelas, fingindo calma, segurança e espontaneidade nos seus sorrisos, por isso, respondeu:

- Ontem saí, como bem o sabes, para fazer compras. A certa altura, dei de caras, na rua, com Yasmina, a cantora. Convidou-me a ir com ela e, uma vez em casa, não quis de forma alguma que me fosse embora e insistiu muito até me forçar a passar a noite em sua casa. Não a via desde o dia em me mudei para esta awwama. Se a tivesses ouvido enquanto me cenrava a minha infidelidade, e me fazia perguntas acerca do homem que conseguia fazer com que me esquecesse das minhas colegas e das minhas vizinhas!

"Estaria a ser sincera ou a mentir? As mágoas de ontem e de hoje tê-lo-iam deveras afligido sem uma justa causa? Não ganhava um tostão nem perdia um só sem uma justa causa. Como poderia suportar aquelas dores atrozes para nada? Mundo pérfido!... Mas estava disposto a beijar a terra se aquilo que dizia aquela diaba se verificasse ser verdade. Tinha de ter provas, ainda que perdesse o que de vida lhe restava. Chegara o momento de rà razão? Com calma!..."

- Quando é que voltaste para a awwama?

Ela levantou a perna à altura do sofá e pôs-se a observar a pantufa cor-de-rosa com um pompom branco e os dedos pintados com hena.

- Porque não te sentas em primeiro lugar - replicou - e não retiras o fez para me fazeres ver a risca do teu cabelo? Voltei, meu senhor, de manhã.

- Mentirosa!

Aquela palavra saiu-lhe da boca qual bala, cheia de cólera e desespero. Depois, recomeçou a dizer com veemência, antes que ela abrisse a boca:

- Mentirosa! Não voltaste nem de manhã nem à tarde. Vim aqui duas vezes ao longo do dia e não te encontrei...

Zannouba emudeceu por alguns instantes, depois, num tom entre a resignação e o enfado, respondeu:

- A verdade é que voltei pouco tempo antes do pôr do Sol, há cerca de uma hora. Não haveria razão para inventar mentiras se não tivesse notado nos teus olhos uma indignação sem motivo algum, que tentei dissipar.

"Na verdade, Yasmina insistiu para que fizesse as compras com ela de manhã e, quando soube que não vivia mais com a minha tia, propôs-me que entrasse na sua orquestra com a condição de substituí-la em algumas festividades.

"É claro que não aceitei, sabendo antecipadamente que não te agradaria que eu passasse o serão fora com a orquestra.

"Em suma, entretive-me com ela porque sabia que não virias aqui antes das nove da noite. É o que tenho para dizer. E agora senta-te e sossega..."

"Será uma história inteiramente inventada ou será verdade? Se os amigos te vissem nesta situação? Como o destino é cínico contigo! Mas estou disposto a perdoar o dobro disto por uma migalha de serenidade. Ora, pões-te a mendigar serenidade quando nunca antes pediste esmola! É desta forma que te rebaixas perante a tocadora de alaúde; outrora servia-te, trazia-te fruta durante os teus encontros galantes e retirava-se em silêncio e com muito tacto. Tens de escolher: ou a serenidade ou o devorador fogo do inferno."

- Yasmina, a cantora, não vive certamente nas montanhas de Waq^[121] Perguntar-lhe-ei se toda esta história é verdadeira...

- Pergunta-lho pois, se quiseses... - respondeu ela agitando a mão em sinal de irritação e de desdém.

- Perguntar-lho-ei esta noite mesmo - replicou ele com obstinação, esmagado de súbito por um abalo dos nervos já demasiado tensos. - Vou agora mesmo ter com ela... Realizei todos os teus desejos, agora, deves respeitar os meus direitos, todos...

- Vai com calma - lançou Zannouba, com aspereza, como que contagiada por aquele seu ataque de fúria. - Não cuspas no meu rosto semelhantes acusações. Até agora fui paciente contigo, mas tudo tem um limite! Sou um ser humano, feita de carne e sangue. Tem cuidado e acalma-te!...

- É com este tom que ousas agora falar comigo? - perguntou ele com estupefacção.

- Sim, enquanto fizeres o mesmo...

- Mas eu tenho o direito - gritou, comprimindo o punho sobre o pomo da bengala. - Fui eu quem fez de ti uma senhora e te garante um nível de vida que a própria Zubaida te inveja!...

Aquelas palavras fizeram-na sair de si e transformar-se numa leoa enfurecida.

- Allah fez de mim uma senhora, não tu - gritou. - E esta vida de que falas só a aceitei após as tuas súplicas insistentes. Esqueceste-o? Não sou uma prisioneira nem uma serva tua. Um interrogatório! Mas o que pensas de mim? Que talvez me compraste com o teu dinheiro? Se a minha vida não te agrada, que cada um siga o seu próprio caminho...

"Deus do céu! É assim que as unhas delicadas se transformam em garras? Se tivesse dúvidas sobre a noite passada, já não há nada mais a pensar face a este tom insolente. Tiveste o infortúnio de te dares com uma da raça das rebeldes. Bebe esta dor até ao fundo do cálice e sorve a humilhação até não se aplacar. O que respondo agora? Grita-lhe no rosto, com a voz mais alta que puderes: 'Volta para o caminho de que te tinha tirado.' Grita-lho, sim, grita-lho! O que to impede? Maldito seja aquilo que to impede. A traição do coração é pior do que mil outras traições. Deve ser esta a humilhação dos corações de que ouviste falar e que era objecto das setadas do teu sarcasmo. Ah, como me odiaria se devesse amá-la!..."

- Mas, então, estás a mandar-me embora?

- Se viver contigo significa manteres-me fechada aqui como uma

escrava e atirares-me acusações sempre que te passa pela cabeça fazê-lo - começou a dizer Zannouba com o mesmo tom seco e irritado de antes -, então é melhor tanto para mim como para ti pôr fim a esta história...

Desprende o olhar dele. Com insólita calma, ou perturbação, dir-se-ia, ele pôs-se a contemplar-lhe a face e a pele lisa do pescoço.

"A maior felicidade que peço a Allah que me conceda é dar-me a força de deixá-la sem sofrer. Dizes isto porque estás em cólera. Mas poderás suportar a ideia, depois, de voltar a este local e não achar vestígio algum da sua presença?"

- Não tinha muitas ilusões sobre a nobreza do teu coração. Mas não imaginava que serias ingrata a este ponto!

- Querias que fosse um calhau, sem sensibilidade e sem dignidade! "És ainda pior, mas não o sabes!"

- Queria que fosses uma pessoa que dá à gratidão e à amizade o seu justo valor...

- Fiz por ti mais do que podes imaginar - replicou ela alterando o tom de cólera para acentos de desdém e de queixume. - Aceitei abandonar a minha família e o meu trabalho, para estar onde bem te aprovesse. Mantive até escondido dentro de mim todo o motivo de queixa para não perturbar a tua serenidade. Nem sequer quis dizer-te claramente que há

"alguém" que está pronto a dar-me uma vida melhor do que esta, mas não lhe dei ouvidos!

"Outras complicações que não tinhas previsto?"

- O que queres dizer? - perguntou-lhe como um ferido. Zannouba fingiu interessar-se pela pulseira de ouro que fazia girar à volta do braço esquerdo e respondeu:

- Um homem respeitável quer casar comigo. Pedi-mo com insistência, incansavelmente.

"O calor e a humanidade sufocam-te, mas a 'irritação' abriu a boca para te engolir. Quão feliz é aquele barqueiro ali que dobra a vela diante da janela!..."

- Quem é?

- Alguém que não conheces. Chama-lhe como bem entenderes!

Deu um passo para trás. Sentou-se num divã colocado entre dois sofás e entrelaçou as mãos sobre o pomo da bengala.

- Quando é que te viu? - perguntou. - Como é que soubeste do seu desejo de te desposar?

- Via-me muitas vezes quando eu vivia com a minha tia e, nos últimos tempos, procurou falar comigo sempre que me encontrava na rua. Mas ignorei-o sempre. Então, contactou uma amiga minha para que me fizesse chegar o seu desejo. Tudo isto aqui!...

"Quantas histórias contas! Ontem, quando te encontrei, uma única dor comprimia o meu coração. Não fazia ideia, então, de todas estas outras dores e tribulações... Desiste dela se conseguires, abandona-a, porque só a abandonando acharás a paz. As pessoas enganam-se ao pensar que a morte é a pior coisa que as possa atingir."

- Quero que me digas sinceramente se pretendes aceitar aquela proposta. Ela deixou cair o braço com um movimento nervoso e dirigiu o seu olhar para ele com um certo orgulho. Assim, com um tom determinado, respondeu-lhe:

- Disse-te já que sempre o ignorei. Deverias perceber aquilo que pretendo dizer...

"Não deves deitar-te, esta noite, angustiado como estás por pensamentos letais, para que não se repita a noitada de ontem. Desembaraça a tua alma de suspeitas."

- Diz-me com franqueza: veio alguém encontrar-te aqui, na awwama?

- Alguém? Quem seria esse alguém a que pareces querer aludir? A esta awwama não veio ninguém para além de ti...

- Zannouba, sou capaz de ficar a saber de tudo, não me escondas nada, conta-me de forma sincera todas as coisas, pequenas ou grandes, e perdoar-te-ei, independentemente de como as coisas possam estar...

- Se insistes em duvidar da minha sinceridade - replicou protestando e dominada pela cólera -, é melhor que nos separemos...

"Lembras-te da mosca que viste agonizar na teia de aranha?"

- Tudo bem, deixa-me que te faça outra pergunta agora: que homem se encontrou contigo ontem?

- Já te disse onde estava ontem...

- Por que me fazes sofrer - prosseguiu, suspirando contra a sua vontade - quando nunca desejei outra coisa senão a tua felicidade?

Zannouba bateu uma mão na outra, como se estivesse farta das suas

suspeitas, depois disse:

- Porque não queres compreender-me?... Por ti, renunciei a tudo o que me é querido!

"Como é doce esta música! A desgraça pode vir de um coração arrancado, como quem se abandona a uma canção triste e lamentosa com o coração ébrio de felicidade e de júbilo."

- Chamo Allah como testemunha de tudo o que disse. E agora, com franqueza, diz-me: quem é aquele homem?

- O que te importa ele? Disse-te, não o conheces. Um comerciante de outro bairro, mas que frequentava, de quando em quando, o café de Si Ali.

- O seu nome...

- Abdel Tawwab Yassin. Conhece-lo?

"Aluguei esta awwama para passar bom tempo. Lembras os teus momentos felizes? Ó tempo para sempre volvido, conservas uma recordação de Ahmad Abdel Gawwad que não se preocupava com nada? Zubaida... Galila... Bahiga... Pede-lhes que te falem dele. Sem dúvida alguma, aquele é bem diferente deste homem desorientado e com cabelos brancos nas têmporas..."

- O demónio do tormento é o mais habilidoso de todos os demónios.

- Não, é o da desconfiança, porque cria a partir do nada.

Começou a bater no chão com a ponta da bengala. Depois disse, com uma voz profunda:

- Não quero viver cego, não! Ninguém me levará jamais a calcar a minha virilidade e a minha dignidade. Em suma, não posso digerir o facto de teres dormido fora ontem à noite...

- Cá estamos nós outra vez!

- Sim, haverá uma terceira e uma quarta vez! Não és uma criança. És uma mulher feita e capaz de raciocinar. E hoje falas-me daquele homem! Deixaste-te realmente enganar pela sua promessa de casar contigo?

- Sei que não me engana - respondeu com assomo de orgulho. - Disso é prova o facto de me ter prometido que não me tocará antes de o casamento ser celebrado...

- Quer mesmo este casamento?

Franziu as sobrancelhas com exasperação; depois, com um tom surpreso, respondeu:

- Não ouviste aquilo que disse? Faz-me espécie hoje ver-te assim tão lento. Seja como for, neste momento, não és tu próprio. Põe de parte toda esta perturbação na qual te embalas sem qualquer razão, é o que deves fazer! E escuta-me uma vez por todas: sempre ignorei aquele homem e o meu desejo de casar, por respeito a ti...

Teria desejado conhecer a idade daquele, mas não soube como formular a pergunta. A juventude e a velhice... Eram coisas que anteriormente não levava em consideração.

- Não será porventura um daqueles fedelhos que fazem promessas ser reflectir? - perguntou-lhe, depois de ter hesitado um pouco.

- Não é uma criança. Já tem trinta anos!

"Vinte e cinco anos a menos do que tu! Ficar atrás dos outros é sempre odioso, mas não quando se trata da idade. E, além do mais, este ciúme insano mata-nos sem vergonha!"

- Sempre o ignorei - recomeçou a dizer Zannouba - não obstante ele me promettesse a vida a que eu aspiraria!

"Ai, malandra! Zubaida fez mal em não aprender tantas coisas junto de ti!..."

- A sério?...

- Deixa-me dizer-te a verdade: não suporto mais esta existência.

"Recorda de novo a mosca e a aranha."

- A sério?

- Sim, desejaria ter uma vida tranquila, adornada pelo carisma da legalidade. Acaso será uma ideia louca?

"Vim pedir-lhe explicações. E, pelo contrário, qual é a sua atitude? É ela quem me expulsa. Onde te vem tamanha tolerância? Envergonha-te de ti mesmo ao longo dos dias que te restam a viver. Mas, consegues compreender aonde ela quer chegar com estas suas manobras? Quão maravilhosas são as ondas que marulham ao pôr do Sol!"

E porque tardava em responder, Zannouba tornou a dizer com calma: - Isto não deveria irritar-te. Afinal, és um homem pio e não podes impedir uma mulher de ter a união legítima a que ela aspira. Não me agrada ser uma sela sobre a qual todos podem montar. Não sou igual à minha tia. Tenho um coração que crê e teme Allah. Estou sinceramente decidida a abandonar o pecado...

Aquelas suas últimas palavras foram recebidas com estupefacção e confusão. Começou a observá-la com uma espécie de rancor

camuflado sob um sorriso estereotipado, para, em seguida, dizer:

- Nunca me falaste disso antes. Até anteontem estávamos bem assim!

- Não sabia como revelar-te o que tinha dentro de mim...

"Está a afastar-se de ti a uma velocidade assombrosa e diabólica. Que desilusão! Estou disposto a esquecer a noite nefasta de ontem... as minhas dúvidas e a minha dor... com a condição de que ela pare com esta farsa subtil e perversa..."

- Vivemos felizes e em harmonia. Já não significa nada para ti que continuemos juntos?

- Sim, ainda significa. Mas quero que se torne algo ainda melhor. Uma união legítima não será melhor do que uma relação extraconjugal?

O sayyed contraiu o lábio inferior, esboçando um sorriso inexpressivo.

- No que me toca - respondeu em voz baixa -, a coisa é bem diferente...

- Como assim?

- Sou casado. O meu filho é casado, bem como as minhas filhas. A questão, como vês, é muito delicada... - depois, com uma expressão apreensiva: - Mas não estávamos a viver em perfeita felicidade?

- Não disse que te divorciasses da tua esposa e te livrasses dos teus filhos - replicou ela enfadada. - Há muitos que desposam mais de uma mulher.

- Na minha... situação, o casamento não é uma coisa simples - prosseguiu com apreensão - e não é sequer algo que possa passar despercebido na vida de um homem!...

- Todos sabem que tens uma amante - replicou Zannouba, rindo com sarcasmo. - Com isso, não tens de te preocupar. Então, porque ficas inquieto com o que poderão dizer sobre um casamento legítimo se realmente queres casar?...

- São poucos os que conhecem os meus segredos - rebateu o sayyed. - Os meus familiares são os últimos a ter dúvidas acerca da minha fidelidade...

Ela ergueu as sobrancelhas pintadas com desaprovação e depois disse:

- Isso é o que tu julgas. Mas a verdade só Allah a conhece. Qual é o

segredo que pode ser mantido quando línguas bifurcadas nos perseguem sem tréguas?

Depois, corrigindo o tiro, mas com um ar zangado, e sem lhe dar tempo de responder:

- Mas acaso devo supor que me julgas indigna de ter a honra de levar o teu nome?

"Allah me perdoe! Marido de Zannouba, a tocadora de alaúde... objecto de troça das pessoas!"

- Não queria dizer isso, Zannouba.

- Os teus verdadeiros sentimentos não me hão-de escapar por muito tempo - replicou ela com ressentimento. - Se não for hoje, conhecê-los-ei amanhã. Se casar comigo é para ti uma desonra, então adeus...

"Vens com a intenção de expulsar alguém e é esta pessoa quem te expulsa! Já não és tu quem lhe pergunta onde estava, mas ela quem te coloca perante uma escolha: casares com ela ou ires embora. O que vais fazer? Sempre aquele coração traidor. Arrancar-te os ossos da carne ser-te-ia mais fácil do que deixar esta tocadora de alaúde. Não é triste ser afligido por um amor tão cego numa idade tão avançada?"

- É esta a estima que gozo junto de ti? - perguntou ele num tom de censura.

- Não tenho a menor estima por quem me tem horror, como se eu fosse uma cuspidela infecta!

- És-me mais querida do que a minha própria vida... - respondeu com uma calma entristecida.

- Já ouvi tantas vezes essas palavras...

- Mas sou sincero e verdadeiro...

- Seria a altura de demonstrá-lo com actos!

O sayyed baixou os olhos com inquietação e desespero. Não sabia como aceitar e não tinha sequer a força de recusar. Havia, por outro lado, aquele seu desejo ardente de tê-la só para si, que o seduzia e lhe emaranhava as ideias.

- Concede-me um pouco de tempo, para que possa pôr as coisas em ordem - respondeu com um fio de voz.

- Se me quisesses realmente bem - replicou Zannouba com calma, escondendo um sorriso malicioso -, não admitirias demoras.

- Não é disso que se trata - prosseguiu o sayyed. - Fazia alusão a outros assuntos meus.

Agitou a mão, como que para aclarar o que dissera, embora não soubesse exactamente o que queria aquele seu gesto significar.

- Se é assim que as coisas estão - replicou Zannouba com um sorriso.
- Estou à tua disposição.

Experimentou um leve alívio, semelhante ao que sente um pugilista, já prestes a cair, quando é surpreendido pelo som do gongo que anuncia o fim de um assalto. A sua alma foi invadida pelo desejo de se desfazer do tormento que o prostrava e de encontrar alívio para a angústia que o atormentava. E destarte, estendeu-lhe a mão e disse:

- Anda, senta-te ao meu lado...

Mas ela abandonou-se com resolução no sofá e replicou:

- Quando Deus o permitir...

[\[121\]](#) Com este nome, os geógrafos árabes designam dois grupos distintos de ilhas, uma a leste da China, outra no oceano Índico. Expressão aqui utilizada para referir algo de muito longínquo.

CAPÍTULO 29

Abandonou a awwama, mergulhando na escuridão, e caminhou ao longo do Nilo, por uma rua deserta, na direcção da ponte de Zamalik.

O vento soprava docemente e aplacou os pensamentos ardentes que rodopiavam dentro da sua cabeça, enquanto os ramos entrelaçados das árvores enormes produziam um leve frémito de folhas donde se soltava um rumor semelhante a um sussurro. Na escuridão, aquelas árvores pareciam quase dunas ou nuvens negras. Ali, via-as, cada vez que levantava a cabeça, prementes, como as preocupações que lhe oprimiam o peito.

"Aqueles luzes que brilham nas janelas das awwamas vêm talvez de casas livres de toda a preocupação? Mas nenhuma outra preocupação é semelhante à tua. Aquele que morre não é como aquele que se suicida. E tu, não há dúvidas, escolheste suicidar-te."

Continuou a caminhar. Nada lhe era mais agradável do que caminhar, para descontrair e esclarecer as ideias, antes de se juntar aos "irmãos". Ali, tomá-los-ia à parte e informá-los-ia sobre os seus tormentos. Não se lançaria naquela aventura antes de os ter consultado, embora previsse o que eles lhe diriam. Seja como for, desvelar-lhes-ia tudo, custasse o que custasse.

Sentia uma necessidade premente de se lhes confiar, semelhante ao grito de ajuda de um afogado baloiçado pela violência das ondas. Não escondia de si que considerava o seu casamento com Zannouba como algo previsto, e não renegava o seu vil sentimento ao desejá-la e ter muito carinho por ela, mas não via como a coisa se poderia resolver mediante um casamento oficial, nem de que maneira teria levado a boa nova à sua esposa, aos filhos e demais.

Embora tivesse desejado continuar a caminhar o mais tempo possível, começou a avançar com rapidez e grandes passadas, batendo com a bengala no solo polvoroso, como se tivesse pressa em alcançar uma meta... conquanto não tivesse alguma! Recusara-se-lhe e repelira-o! Como podiam escapar-lhe à sua argúcia de homem experiente tais expedientes?... Pois, o fraco cai na armadilha tendo consciência desta!

Não obstante tivesse sentido um certo alívio com o apressar do passo e o contacto com o ar fresco, estava ainda desorientado e

afundado num estado de agitação. Os pensamentos continuavam a martelar-lhe dentro da cabeça de uma forma confusa, a tal ponto que já não conseguia suportar a sua situação. Parecia-lhe que enlouquecia. Tinha de tomar imediatamente uma decisão e resolver a questão, ainda que ao preço da sua ruína.

Naquela escuridão, podia falar a si mesmo sem hesitação ou vergonha. Os ramos densos escondiam-lhe o céu e os seus pensamentos espalhavam-se ao longo dos vastos campos, à sua direita, enquanto as águas do Nilo, que escorriam à sua esquerda, engoliam os seus sentimentos. Mas fica atento à luz! Deveria velar para não ser envolto por um halo de luz e ver-se constrangido a fugir como um carro do circo, trazendo atrás de si as crianças e os curiosos. Quanto à sua fama, à sua dignidade e ao respeito de que gozava... que Allah pensasse nisso!

Tivera sempre uma dupla personalidade: com uma vivia junto dos irmãos e dos amigos, com a outra mostrava-se aos da sua família e às pessoas. Era esta última que lhe garantia dignidade e respeito e lhe conferia uma posição com que ninguém poderia jamais sonhar. E era contra esta última que os seus caprichos conspiravam, ameaçando destruí-lo para sempre.

Distinguiu a ponte com os seus candeeiros de luz deslumbrante e perguntou-se: aonde ir?... Mas, tendo ainda necessidade de solidão e de escuridão, passou diante da ponte e tomou a rua para el-Ghiza.

"Yassin! Só recordar o nome apavora-te, a tua fronte queima de vergonha, porquê? Será ele o primeiro a compreender-te e a ser tolerante contigo, ou insultar-te-á e zombará de ti? Quantas vezes ralhaste com ele e o corrigiste, embora ele não tenha caído tão baixo como tu? Kamal? Deverás doravante ao encontrá-lo esconder-te por trás de uma espessa máscara, se não queres que leia na tua face a culpa com que estás maculado? E Khadiga e Aisha? Ficarão cabisbaixas na casa dos Shawkat: Zannouba, a esposa do vosso pai. Um casamento que somente os debochados poderão aplaudir. O teu coração alberga todo o tipo de transgressões. Escolhe para elas um teatro diferente do teu mundo. Não existe um reino de trevas distante da porta das pessoas onde consumir em paz as tuas malfetorias? Amanhã, não esqueças de dar uma olhadela à teia de aranha para ver o que sobrou da mosca. Escuta o coaxar das rãs e o canto dos grilos.

Como são felizes estes insectos! Sê tu também um insecto para seres feliz sem restrição. À face da terra, porém, não poderás ser outra coisa senão 'o sayyed' Ahmad. Passa esta noite por todos os teus familiares: a tua esposa... Kamal... Yassin...; Khadiga... Aisha... E, depois, se tiveres coragem para isso, diz-lhes aquilo que pretendes fazer. E, se ainda tiveres coragem, estipula pois o contrato do casamento.

Haniyya! Lembras-te de como a repudiaste embora a amasses tanto? Nunca amaste tanto uma mulher. Mas, infelizmente, parece que na velhice perdemos sempre a razão! Bebe esta noite, bebe até que te carreguem às costas. Porquê tanta vontade de beber? Parece que não bebes desde o Ano do Elefante^[122]. Os sofrimentos que tiveste de engolir este ano chegariam para apagar os benefícios da felicidade de que gozaste em toda a tua vida."

Deu uma bastonada no chão, depois deteve-se. Estava farto da escuridão, do silêncio, da rua infestada de insectos e das árvores. O seu coração estava já com os "irmãos". Não era daqueles que podem ficar muito tempo a sós consigo mesmo. Era somente um membro de uma assembleia e parte de um todo. Era lá que necessariamente os problemas se resolviam! Girou sobre si mesmo para voltar para a ponte mas, naquele mesmo instante, o seu corpo teve um inesperado sobressalto, que revelou a sua cólera e o seu desgosto. Com uma voz alienada, rasgada pelo gemer, pela dor e pela raiva, disse de si para si: "Passa uma noite inteira fora... num local que desconheces... e ainda estás disposto a casar com ela!"

Uma sensação pesada de desprezo por si mesmo esmagou-lhe o peito e o coração.

"Yasmina?... Que raça cínica! E, ao invés, aposto que passou a noite entre os braços daquele homem que só a deixou na tarde do dia seguinte. Ficou com ele, na sua casa, porque sabia por demais quais são os meus horários. O que significa isto? Que o amor lhe fez perder a noção do tempo: é só o que significa, pelo inferno da vida do Além! A não ser que te tenhas tornado para ela tão indiferente e que ela não faça caso da tua cólera! Como é que, então, te entretiveste a falar com ela, mostrando-te tão conciliante, espécie de exaltado? E como ousas dar uma volta com a promessa de casar com ela, vergonha desta e da outra vida? Dir-se-ia que tens a cabeça já demasiado transtornada pelas preocupações para não te dares conta dos chifres que te saem!

Aqueles mesmos chifres com que te preparas para coroar a cabeça dos teus familiares, para que carreguem a vergonha de geração em geração. O que poderão dizer as pessoas acerca destes chifres que te saem da tua cabeça ilustre? Nem a raiva nem o desgosto nem o sangue nem as lágrimas poderão chegar para resgatar a tua condescendência e a tua fraqueza. Quem sabe como se ri de ti, agora, deitada na cama, dentro na aurwama. Talvez ainda não se tenha lavado do suor do seu homem, que há-de rir de ti, mais cedo ou mais tarde. Não é bom que surja um novo dia enquanto em algum canto ainda há alguém que ri de ti! Reconhece o teu fracasso e confessa-o à mesa junto dos teus irmãos, para ouvir as zombarias deles...

'Perdoem-lhe, tornou-se velho e voltou a ser criança... perdoem-lhe, porque experimentou todas as coisas menos o prazer dos chifres.'

Zubaida dirá, por certo: 'Recusou ser um sayyed na minha casa e aceitou ser um rufião na casa da minha tocadora de alaúde.'

E Galila: 'Já não és o meu irmão e nem sequer a minha irmã!'

Que esta rua assustadora, esta escuridão qual breu e estas árvores seculares me vejam correr na obscuridade, chorando como uma criança desiludida. Não me deitarei senão após ter devolvido a afronta àquela tirana! E assim rejeitou-te! Porquê? Porque se teria cansado do pecado! Daquele pecado de que se não lavara ainda! Diz que está farta de ti, e chega. A que ponto a dor é terrível! Mas mereci-a e é como um acto de culto, como sucede a quem bate a cabeça contra um muro até a despedaçar para expiar um pecado! O sheikh Metwalli Abdes Samad pensa conhecer muitas coisas, mas quão ingénuo é!"

Passou uma vez mais pela ponte de Zamalik na direcção de Imbaba. Apressou o passo com resolução e teimosia, decidido a livrar-se da afronta sofrida. À medida que a dor crescia, ele acelerava o passo e batia no solo com a bengala, como se caminhasse sobre três pernas.

Mal enxergou a awwama com a janela iluminada, o seu furor aumentou, a despeito da confiança em si que reencontrara, do sentimento da sua virilidade e da sua dignidade e não obstante se tinha sossegado completamente depois de ter tomado uma decisão firme. Desceu demoradamente as escadas, atravessou a pequena ponte de madeira, depois, bateu à porta com a ponta da bengala e continuou a fazê-lo com mais força até ouvir uma voz perguntar-lhe com enfado:

- Quem é que está a bater?

- Sou eu... - respondeu com uma voz forte.

A porta abriu-se sobre o rosto estupefacto da jovem que o deixou entrar, murmurando:

- Espero que esteja tudo bem.

Ele dirigiu-se de imediato para a sala de estar e parou no meio, depois, voltou-se e ficou a observá-la enquanto ela se aproximava com uma expressão interrogativa até estacar na sua frente, escrutando, com um ar preocupado, o seu rosto sombrio.

- Nada de grave, espero! - exclamou ela. - A que se deve este regresso?

- Graças a Allah, nada de grave, como rapidamente verás - replicou com uma calma aterradora.

Zannouba pôs-se a observá-lo lançando-lhe uma olhadela interrogativa, mas ele prosseguiu dizendo:

- Vim para dizer-te que não dês muita importância a tudo o que aconteceu entre nós há pouco. Foi tudo uma brincadeira estúpida.

Sentiu-se desiludida e os ombros descaíram-lhe. O seu rosto exprimia desapontamento e rancor.

- Uma brincadeira estúpida! - gritou. - E assim não fazes mais distinção alguma entre uma brincadeira estúpida e uma palavra de honra com que te empenhaste?

- Farias bem em manter-te nos limites da educação que me deves quando falas comigo - replicou ele, enquanto o seu rosto se tornava ainda mais sombrio. - Mulheres da tua espécie, na minha casa, ganham a vida como criadas...

- E regressaste para me fazer ouvir este género de coisas? - gritou Zannouba, esbugalhando os olhos para ele. - Porque não mo disseste antes? Porque me fizeste promessas, me suplicaste e tentaste conquistar o meu afecto? Pensas que estas palavras me assustam? Não tenho tempo a perder com brincadeiras estúpidas.

Ele fez-lhe um gesto com a mão, furioso, calando-a, depois, gritou:

- Vim para dizer-te que desposar alguém como tu seria vergonhoso, desprezível para a minha dignidade! E, por isso, a promessa de te desposar é para ser considerada como nada mais do que uma brincadeira grosseira, ardilosamente architectada por alguém que percebe das coisas. E quero ainda dizer-te que, já que te passa pela cabeça tais ideias, já não és digna da minha companhia... não me

agrada frequentar pessoas que desatinam...

Escutava-o enquanto jorros de raiva se soltavam das suas pupilas e, todavia, não se deixou levar pela cólera, como ao invés ele teria desejado. Talvez ao vê-lo tão encolerizado tivesse provocado uma profunda sensação de medo e tivesse outrossim avaliado as consequências de uma reacção precipitada da sua parte.

Assim sendo, num tom mais leve do que anteriormente, replicou:

- Não casarei contigo à força. Revelei-te simplesmente o que tinha em mente deixando-te a escolha. És livre de dar o dito por não dito relativamente à promessa que fizeste, se quiseres. Mas não há qualquer razão para me insultares e me humilhares. Cada qual pode tranquilamente seguir o seu caminho...

"E tudo isto que ela consegue fazer para te possuir? Não te sentirias mais feliz se ela te tivesse cravado as unhas na carne? Vamos! Tira a cólera da tua dor!"

- Cada qual seguirá o seu caminho, claro. Mas, antes que me vá, quis dizer-te com muita franqueza aquilo que penso de ti. Não nego que te cerquei com todo o meu ser, talvez porque, por vez, nos encantamos com a imundície. Por isso, abandonei aqueles que eras feliz de servir para te dar um nível de vida tão elevado. Não me espanto, portanto, se não recebo de ti o amor e a estima que aqueles me prestavam, porque uma pessoa imunda só aprecia quem a si se assemelha. Mas chegou o momento de me livrar de ti e de regressar ao meu antigo ambiente...

O rosto da mulher foi atravessado pela aflição, a aflição cujo medo impede de desafogar o seu coração em alvoroço, e, com a voz trémula, balbuciou:

-Adeus! Vai-te embora pois e deixa-me em paz...

- E pensar que caí tão baixo e me humilhei de tal forma... - replicou ele com rancor, tentando sufocar as suas mágoas.

Agora era ele que estava a ultrapassar os limites. E, por isso, interrompeu-o gritando:

- Pára. Chega. Poupa o insecto imundo. Contudo, tem cuidado. Recorda como lhe beijavas as mãos enquanto os teus olhos brilhavam com devota ternura. Rebaixaste-te e humilhaste-te... A verdade é que já estás velho. Aceitei-te apesar de seres tão velho e agora recebo a recompensa...

- Cala-te, filha de um cão - gritou com raiva, erguendo a bengala.

Cala-te, ser inferior. Arruma os teus vestidos e desampara a awwama...

- Ouve bem aquilo que te vou dizer - gritou, por sua vez, a mulher de cabeça erguida. - Mais uma palavra e encherei a awwama, o Nilo e a aia com gritos até fazer vir toda a esquadra da polícia! Ouviste? Eu não estou para brincadeiras. Sou Zannouba, só tenho contas a prestar a Allah! Vai-te embora tu. Esta awwama é minha. O contrato de arrendamento está em meu nome. Parte, por isso, em paz, senão partirás, em breve, no meio de uma multidão de gente...

Ficou um tanto hesitante, olhando para ela com desprezo e desdém. Mas renunciou a medir forças para evitar um escândalo. Depois, cuspiu no chão e saiu, com passos largos e decididos.

[\[122\]](#) Ou seja, há muito tempo. Com efeito, o Ano do Elefante corresponde ao ano de 570 d.C, ano em que Ibraha, o Abissínio, governador cristão do lémen, resolve destruir a Kaaba, em Meca, com o propósito de atrair à maior Igreja na região que ele fundara os árabes pagãos que naquele local adoravam os seus ídolos. Avançou para Meca com o seu enorme exército à cabeça do qual ia um elefante que às portas da Kaaba estacou e não avançou mais.

CAPÍTULO 30

Foi reunir-se de imediato com os "irmãos" e encontrou Muhammad Iffat, Ali Abder Rahim e Ibrahim el-Far na companhia de outras pessoas.

Como era seu hábito e excedendo até os seus hábitos, desta vez bebeu até se embriagar. Riu muito e fez rir bastante, depois, por volta das derradeiras horas da noite, voltou para casa e dormiu profundamente. Com o romper da manhã, enfrentou um dia tranquilo, com a mente liberta de qualquer pensamento, pelo menos, naquele primeiro momento; e, sempre que a imaginação lhe propunha uma visão do seu passado próximo ou longínquo, repelia-a com determinação, à exceção de uma só que emergia na sua memória propositadamente, e era a última cena há pouco vivida, na qual estava inscrita a sua vitória sobre a mulher e sobre si próprio em simultâneo.

Do que ele se persuadia cada vez mais, dizendo de si para si: "Está tudo terminado, graças a Allah! Terei de ser muito prudente nos próximos dias."

O dia começou, assim, calmamente desde o seu romper e ele foi relembrando em pensamento a sua incontestável vitória e com ela se alegrou.

Contudo, num abrir e fechar de olhos, invadiu-o um sentimento de moleza e de apatia, consequência inevitável - pelo menos, assim o explicava para si próprio - da extenuante tensão nervosa com que enfrentara os últimos dois dias, para não falar dos meses anteriores, ainda que de maneira diferente.

A verdade era que a relação com Zannouba lhe apareceu naquele momento como um drama em que desempenhara o papel do derrotado do começo até ao fim. Não lhe era fácil admitir a primeira derrota sofrida na sua longa existência passada entre um amor e outro.

Aquele acontecimento deixara uma marca indelével no seu coração e no seu pensamento. E revoltava sempre que atravessava a sua mente a ideia de que a juventude tinha doravante terminado, retirando conforto à beleza e à vitalidade de que ainda estava adornada a sua idade. Aliás, obstinava-se a sustentar a explicação que tinha já o dia antes gritado no rosto daquela mulher, que ela não o amava porque

uma pessoa imunda aprecia somente o que é imundo!... Como desejava durante todo o dia encontrar e sen-tar-se na companhia dos "irmãos"! Já estava próxima a hora do encontro deles quando esgotou a paciência e se precipitou para a casa de Muhammad Iffat, em el-Gamaliyya, e se entreteve com ele antes de os restantes chegarem.

- Livrei-me dela... - disse-lhe de supetão.

- De Zannouba? - perguntou Muhammad Iffat. Assentiu com a cabeça, e o outro perguntou a sorrir:

- Tão depressa?

Deu uma breve gargalhada sarcástica, depois respondeu:

- Acreditarias se te dissesse que me pediu tanto que a desposasse que não a aguentei mais?

Ambos rebentaram numa breve gargalhada sarcástica, depois respondeu:

- A própria Zubaida nunca pensou numa coisa semelhante! Que estranho! No entanto, penso que tem uma qualquer justificação. Aparicaste-a mais do que ela poderia sonhar e, por isso, esticou por demais a corda...

- Que louca... - murmurou o sayyed Ahmad com desprezo.

Muhammad Iffat riu mais uma vez.

- Talvez morresse de amor por ti? - prosseguiu. "Que golpe para o teu coração! Ri até sofreres..."

- Disse que é louca, e basta...

- Mas o que fizeste?

- Disse-lhe sem meias palavras que me iria embora definitivamente e, de facto, deixei-a...

- E como é que ela o tomou?

- Num primeiro momento, insultou-me, depois ameaçou-me e, por fim, mandou-me para o diabo. Por isso, deixei-a. Estava como que doida. Foi um erro desde o começo.

- Sim - replicou Muhammad Iffat abanando a cabeça, com convicção, - Não há nenhum de nós que a não tenha levado para a cama. Mas nenhum jamais pensou sequer em manter uma relação com ela...

"Tens o hábito de girar e de correr no meio dos leões e, depois, bates em retirada diante de um ratinho. Esconde a tua vergonha, esconde-a também das pessoas mais próximas de ti e dá graças a Deus por tudo

ter terminado...". Mas havia uma coisa que ainda não acabara, na verdade: Zannouba não abandonava o seu pensamento. E ele não tardou a admitir, alguns dias depois, que o acto de pensar continuamente nela não era devido ao acaso mas derivava, pelo contrário, de uma dor que chocava no fundo do seu coração e que aumentava e se propagava cada vez mais; e reconheceu, outrossim, que aquela dor não se devia tão-somente ao ressentimento pela sua dignidade vilipendiada mas também à aflição e à saudade, e aparecia quase um sentimento tirânico prestes a destruir, para se aplacar, a pessoa que afligia. E, todavia, continuava a estar orgulhoso da vitória há pouco conseguida, e aspirava a subjugar, num prazo mais ou menos curto, conforme as circunstâncias, os seus sentimentos pérfidos e despóticos. Mas, por ora, a paz abandonara-o. Passava o tempo a pensar, a remoer mágoas, a torturar-se com visões e recordações.

Por sua vez, a prostração levava-o a pensar confiar a Muhammad Iffat as mágoas que o afligiam.

Ou melhor, certa vez chegou a pensar em recorrer à própria Zubaida em pessoa.

Mas eram momentos de fraqueza, quais acessos de febre, depois voltava a si, abanando a cabeça, espantado e confuso. Aquela crise afectiva conferia ao seu habitual comportamento uma espécie de dureza que ele tentava contrariar recorrendo à sua natural tolerância e à força de nervos. Os raros momentos em que se traía, só os conseguiam notar os seus amigos e conhecidos, habituados como estavam a vê-lo constantemente conciliante e cheio de cortesia.

Os seus familiares, no entanto, não se davam conta de nada, porque continuava a comportar-se com eles como sempre fizera. Aquilo que realmente mudara nele tocava ao sentimento que tinha desde então inspirado a sua conduta.

Se, de começo, fora pura e simplesmente fingimento, havia depois mudado, com o passar do tempo, numa verdadeira rudeza de que só ele conhecia o alcance e de cujos assaltos também ele era vítima, se não o principal alvo, não só pelos encontros a que era forçado a ir, mas também pela humilhação com que se deparava, como ainda pelo lento mas resolutivo desenrolar da sua desventura, da sua infelicidade e do irreparável declínio da sua juventude.

Consolava-se, apesar de tudo, dizendo de si para si: "Não me

incomodarei; não me rebaixarei mais. Que venham pois para me torturar o espírito os pensamentos e os sentimentos que desnorteiam o coração... Resistirei e manter-me-ei inabalável. Só Allah, Piedoso e Misericordioso, saberá da minha dor." Mas depois de súbito perguntou-se:

"Achas que terá ficado na awwama ou partido? E se ainda está lá, terá ainda à sua disposição parte do dinheiro que lhe deixei para que não dependesse de ninguém? Estará aquele maldito já com ela?..."

Continuou a colocar-se perguntas por muito tempo, sentindo de cada vez uma laceração que lhe penetrava na carne e nos ossos e o deixava prostrado. Não encontrava quietude a não ser quando lhe sucedia recordar a última cena que se dera na awwama, quando lhe fizera crer - e ele próprio se iludia que assim fosse - que a abandonava e a desprezava.

Mas acontecia-lhe reviver as cenas que haviam assinalado a sua humilhação e a sua fraqueza e também haviam constelado o seu coração com instantes de inesquecível felicidade. A imaginação dava corpo, destarte, a outras cenas e, numa delas, viu-se num encontro com Zannouba: discutiam, cada um avançava o seu argumento e trocavam censuras, mas, depois, (obrepunha-se a paz da reconciliação e do amplexo... Um sonho que, muitas vezes, lhe aparecia com as inúmeras facetas da infelicidade e da felicidade no repressivo mundo do seu subconsciente: porque não ir em pessoa ver o que acontecera à awwama e aos seus ocupantes? Estava escuro. Podia, por isso, mover-se sem que ninguém o visse. Deslizou na escuridão qual ladrão. Passou diante da awwama e viu uma luz que coava pelas pressianas das janelas. Mas não sabia se era ela ou outro inquilino quem acendera aquela luz. Todavia, algo lhe dizia que era a luz de Zannouba e de mais ninguém. Teve a impressão, enquanto observava atentamente cada recanto da awwama, de ver transparecer a alma daquela que a habitava, que lhe bastava, para vê-la, bater à porta para que, como em tempos volvidos, bons ou maus, esta se abrisse ante o rosto dela. Mas o que teria feito se se achasse cara à cara com aquele homem?

Na verdade, ela estava lá, muito próxima, mas tão longínqua! Quem sabe, talvez a pequena ponte lhe fosse vedada para todo o sempre. Talvez tivesse já sonhado, alguma vez, encontrar-se numa situação como aquela Dissera-lhe: vai-te embora!, e dissera-lho sinceramente, e

ele partira para o seu caminho, como se jamais o tivesse encontrado e como se não existisse mais! Se o ser humano é capaz de ser tão duro, como poderia esperar pedir piedade ou perdão!

Voltou não uma mas várias vezes, até que dirigir-se à awwama, na calada da noite, se tornasse num hábito que cumpria antes de ir ter com os amigos já reunidos.

Não dava a impressão de querer fazer algo de considerável; parecia, antes, satisfeito por sentir por ela um amor estéril e insensato.

Certa noite, estava prestes a partir quando a porta se abriu e dela emergiu uma sombra que não pôde distinguir por estar escuro como breu. O seu coração pulsou de medo e esperança, depois atravessou à pressa a rua e parou junto de uma árvore com os olhos esbugalhados na escuridão. A sombra atravessou a ponte de madeira e desceu na rua, dirigindo-se para a ponte de Zamalik. Notou que se tratava de uma mulher... O coração dizia-lhe que era Zannouba!... Perseguiu-a mantendo a devida distância, sem saber tomo terminaria aquela noite. Que fosse ela ou outra, o que queria ele?

Concentrou toda a sua atenção naquela sombra e continuou a segui-la. Quando alcançou a ponte e foi acometida pela luz dos candeeiros, o pressentimento do seu coração verificou-se acertado e teve a confirmação de que se tratava de Zannouba.

Estava, todavia, envolta na grande melaya que não envergara mais durante todo o tempo que durara a relação deles. Isto surpreendeu-o e perguntou-se o que poderia significar.

Pensou - mas quão inúmeros eram os seus pensamentos - que deveria significar alguma coisa.

Viu-a dirigir-se para a estação de eléctricos de el-Ghiza e ficar à espera.

Ele avançou na direcção oposta, do lado dos campos, ultrapassou-a, depois atravessou de novo e estacou no apeadeiro, mantendo-se a uma distância respeitável para que a jovem não reparasse nele. O eléctrico chegou e a jovem subiu. Nisso, o sayyed apressou-se a também ele subir e instalou-se na extremidade oposta, perto da saída, para observar quem descia.

A cada paragem, olhava para a rua, pouco preocupado doravante em ser descoberto, já que, caso isso sucedesse, a mulher já não podia pensar que ele estava a observá-la às escondidas à frente da awwama.

Zannouba desceu na praça de el-Ataba el-Khadra. Também ele desceu e viu-a encaminhar para el-Muski. Seguiu-a ao longe, abençoando a escuridão que envolvia a rua. Teria, pois, reatado relações com a tia? Ou ia até ao seu novo sayyed!

No entanto, era estranho: o que a levaria a ir ter com ele se podia dispor de uma awwama onde podia receber os amantes? A mulher aventurou-se até dentro de el-Hussein e ele fez mais atenção para não a perder de vista entre a multidão de melayas. Aquela perseguição não parecia ter um objectivo bem definido. O sayyed era impelido por uma dolorosa, profunda, mas ao mesmo tempo, irreprimível necessidade de ver...

Zannouba passou diante da mesquita e virou em direcção ao bairro de Watawit, onde havia poucos transeuntes mas vários mendigos acorados aqui e ali nas ruas; depois, dirigiu-se para el-Gamaliyya até deslizar para Qasr esh-Shawq.

Seguiu-a receando chocar com Yassin ou ser visto por este da janela e decidiu, caso o tivesse encontrado, fingir que estava a vir encontrar-se com seu amigo Ghanim Hamidu, dono do lagar e vizinho de Yassin em Qasr esh-Shawq. De repente, viu-a rumar na direcção da primeira ruela, aquela ela em que só havia a casa de Yassin. O seu coração estremeceu no peito e as pernas tornaram-se-lhe pesadas.

Conhecia as pessoas que ocupavam o primeiro e o segundo andares: tratava-se de duas famílias que não tinham qualquer ligação com Zannouba.

O seu olhar vagueou ansioso e perturbado. Estava a aproximar-se - sem, facto, avaliar as consequências - da esquina da ruela para, depois, ir directamente para a entrada, onde lhe chegou ao ouvido o barulho dos passos de Zannouba enquanto subia as escadas, olhou para cima e aproximou ouvido para captar o ruído dos passos: ouviu-a passar diante da primeira porta, depois da segunda e, por fim, ouviu-a bater à porta de Yassin!... O sayyed permaneceu imóvel onde se encontrava. Respirava afanosamente. A sua cabeça começou a andar à roda, sentiu as forças diminuírem julgou cair de um momento para o outro. Depois, soltou um profundo suspiro e afastou-se, regressando por onde viera, toldado por uma densa nuvem de pensamentos e uma confusão de ideias que lhe fizeram perder noção do caminho. Então o homem era Yassin! Zannouba saberia que ele era o pai de Yassin?

Tentou infundir um pouco de tranquilidade na sua alma, como se empurrasse uma grande rolha no gargalo estreito de uma garrafa, dizendo, de si para si, que nunca pronunciara o nome do seu filho na frente dela. E, aliás, era impensável que Yassin conhecesse o seu segredo. Recordava, além do mais, que, alguns dias antes, fora vê-lo para o informar que se divorciara de Mariam. Quando nisso pensava, parecia ter o rosto de um culpado dominado pela confusão, mas patenteava uma inocência e uma sinceridade indubitáveis. Por isso, podia pensar tudo, menos que Yassin pudesse traí-lo de propósito. Por outro lado, onde poderia ter sabido que o pai tinha, ou havia tido, uma relação com uma mulher qualquer deste mundo? Que ficasse, pois, sossegado a este propósito! E, quando ainda Zannouba soubesse do seu parentesco com Yassin - ou viesse a sabê-lo mais tarde -, jamais teria ousado revelar a Yassin um segredo capaz de causar um corte radical na relação deles...

Prosseguiu o caminho adiando o encontro com os amigos para se dar o tempo de voltar a si e de se dominar. Continuou, pois, na direcção de el-Ataba, não obstante se sentisse farto e cansado...

"Quiseste saber. Pois agora já sabes. Não teria sido melhor se não tivesses metido o nariz em todos estes assuntos, limitando-te a ter paciência? Seja como for, agradece a Allah que as circunstâncias não te tenham feito encontrar cara à cara com Yassin no meio do escândalo... Então era Yassin aquele homem! Quando o terá conhecido? E onde? Quantas vezes o teria traído com ele, às escondidas?... Estas são perguntas às quais não tentarás dar uma resposta. Podes supor, se quiseres, o pior. Não mudará nada... Será que a conheceu antes ou depois de se ter divorciado de Mariam? Ou terá sido aquela diaba o móbil do divórcio? Estas são perguntas para as quais jamais obterás uma resposta nem tentarás dá-la. Até neste caso, podes levantar as piores hipóteses para aliviar a tua dor de cabeça... Portanto, era Yassin aquele homem! Disse-te que se divorciou de Mariam por ela ser malcriada! Semelhantes palavras poderiam servir como pretexto para se divorciar de Zainab se não fosse ele mesmo a descobrir os segredos alheios no devido momento e lugar. Cedo ou tarde, saberás a verdade. Mas o que te importa ela? Tens a cabeça desorientada e o coração aflito. Ou estás, por acaso, com ciúmes de Yassin? Não, não é uma questão de ciúmes, Contrariamente ao que pensas, tens de te consolar.

Se deves ser morto por alguém, é melhor que seja o teu próprio filho a fazê-lo. Yassin é uma parte de ti. Uma parte de ti foi derrotada, a outra venceu. És o vencido e o vencedor. Mas Yassin inverteu o sentido da batalha. Bebias um cálice mesclado de dor e derrota e agora este tornou-se um cálice de dor e derrota mesclado de vitória e consolação. Doravante, não experimentarás mais dor por causa de Zannouba. Pediste demasiado a ti mesmo! Empenhaste-te em não subestimar o factor tempo, doravante! Quem dera que tu pudesses lançar a mesma exortação a Yassin para que não seja apanhado de improviso quando chegar a sua vez. És feliz. Nada tens a lamentar. Deves somente enfrentar a vida adoptando uma linha de conduta diferente, com um coração novo e uma mente diferentes. Passa o testemunho a Yassin. Dominarás a vertigem e tudo passará, como se jamais nada tivesse acontecido. Doravante não deverás mais permitir a ti mesmo falar dos acontecimentos destes últimos dias quando estás à mesa com os amigos, como costumavas fazer. Estes dias terríveis devem ter-te ensinado que convém manteres escondido dentro de ti muitas coisas... Ah, como desejo beber!..."

Nos dias que se seguiram Sayyed Ahmad deu mostras de ser mais forte do que os acontecimentos de que fora espectador e vítima, e prosseguiu, assim sendo, em frente o seu caminho. Teve notícias do divórcio de Yassin, de como se tinham passado realmente as coisas, da boca do sayyed Mi Abder Rahim, que, por sua vez, o soubera de Ghanim Hamidu e de outros, ainda que os narradores ignorassem quem na verdade fosse a mulher cujas peripécias com o marido tinham levado este último a repudiá-la... O sayyed sorriu, depois riu longamente de tudo isso.

Estava a ir para a casa de Muhammad Iffat, uma noite, quando sentiu um peso incómodo no cima das costas e na cabeça que o fez respirar a custo. Aquele tipo de mal-estar não era novo. Já nos dias anteriores tinha tido várias vezes dor de cabeça, mas nunca foram tão violentas como agora. Por isso, quando contou a Muhammad Iffat como se sentia, este último aconselhou-lhe um copo de sumo de limão gelado. Passou o serão com os amigos, mas, no dia seguinte, levantou-se num estado ainda pior do que o da véspera.

Tomado pela inquietação, pensou em consultar o médico, o que, na verdade, fazia unicamente em caso de extrema necessidade.

CAPÍTULO 31

As coisas mudam conforme as circunstâncias, como as palavras que, a pouco e pouco, adquirem novas acepções.

O palácio dos Shaddad não precisava de nada de novo para adquirir maior esplendor aos olhos de Kamal, contudo, naquela noite de Dezembro, parecia revestido de uma vida nova.

Tinham sido dispostas luzes por toda a parte até ficar inundado. Cada recanto e cada pedaço de muro estavam como que adornados com pérolas cintilantes.

Lâmpadas eléctricas multicolores brilhavam por cima das cabeças, do alto do terraço até ao chão, ao longo da fachada, e um cenário semelhante reflectiam o grande muro e o portão monumental. Até em cima das árvores do jardim parecia que as flores e os frutos se tinham transformado em pequenas lâmpadas vermelhas, verdes e brancas. E também saíam de todas as janelas, de maneira que cada coisa parecia portadora de alegria. Quando, ao chegar, Kamal se achou diante daquele espectáculo, teve a certeza de estar no reino da luz pela primeira vez na sua vida.

Os passeios frente à entrada estavam apinhados de crianças e a própria entrada fora como que atapetada com uma camada de areia de um amarelo-vivo como ouro. O portão estava escancarado e também estava completamente aberta a porta do salamlik, no interior do qual brilhava um grande candeeiro suspenso no tecto da sala, preparada na perfeição para receber os convidados.

Entrementes, o espaçoso balcão superior enchera-se de uma multidão de esplendorosas jovens com agradáveis vestidos de noite. Shaddad bey, na companhia de alguns homens da família, encontrava-se junto da entrada do salamlik para acolher os convidados. O balcão do salamlik estava ocupado completamente pelos membros de uma esplêndida orquestra cujas melodias chegavam até onde principiava o deserto...

Kamal abraçou com um rápido olhar toda a cena. Depois, perguntou-se: achas que também Aida se encontrará no balcão superior, entre as raparigas que aí se exibiam? Teria reparado nele, enquanto avançava com outros convidados, com a sua elevada

estatura, impecável no seu fato, com o sobretudo no braço, reconhecível pela grande cabeça e o lendário nariz?

Transpôs a porta não sem sentir um certo embaraço, mas não se dirigia directamente para o salamlik, como, pelo contrário, os outros faziam; virou simplesmente para a sua antiga "senda" que levava ao jardim, como tinha sugerido Hussein Shaddad, para que os amigos pudessem ficar juntos máximo de tempo possível no amado pavilhão. Parecia-lhe que imergia num mar de luzes. As portas da frente e de trás do salamlik estavam abertas, a sala estava cheia de luzes e cheia de convidados.

Também o balcão de cima estava repleto de lindas mulheres.

No pavilhão, encontrou apenas Ismael Latif, num elegante fato negro, que conferia ao seu aspecto agressivo uma nota de gentileza nunca vista antes. Ismael relanceou Kamal e depois disse:

- Magnífico! Mas porque trouxeste o sobretudo? Hussein ficou aqui comigo um quarto de hora, mas só voltará quando tiver terminado de receber os hóspedes. Quanto a Hassan, vi-o há alguns minutos. Tenho a impressão de que não nos poderá honrar com a sua companhia, como quereríamos. É o seu dia e tem outras coisas em mente que cuidar de nós, Hussein tinha pensado convidar alguns colegas para vir ter aqui connosco, mas opus-me decididamente. Teve de se contentar em convidá-los para a nossa mesa. Teremos uma mesa toda para nós. É esta a coisa mais importante que tinha para te dizer esta noite...

"Há outra coisa mais importante. Continuarei a espantar-me durante muito tempo por ter aceite este convite. Porque o aceitei? Para fazer crer que me é completamente indiferente, ou porque me tornei um fervoroso apaixonado por aventuras perigosas?"

- É uma boa coisa... Mas porque não vamos dar um salto até ao grande hall para ver os convidados?

- Mesmo se lá fôssemos, ficarias desiludido - exclamou Ismael Latif com um ar de desprezo. - O hall da frente é exclusivamente destinada aos paxás e aos bey. Os jovens familiares e amigos, pelo contrário, estão na sala de trás. Mas isto não te interessa. Terias preferido que nós todos corrêsemos antes para os aposentos superiores, onde deambulam ondulantes os mais soberbos exemplares de beleza...

"Só tenho uma no meu coração, a beleza suprema, que nunca mais vi desde o dia da confissão... Arrancou-me o segredo que eu albergava

zelosamente e partiu..."

- Não te escondo que morro de vontade de ver as grandes personalidades. Hussein disse-me que o pai convidou muitos daqueles sobre os quais lemos nos jornais...

Ismael rebentou numa sonora risada, depois disse:

- Estás à espera de ver alguma ilustre personalidade, com quatro olhos e seis pernas? São pessoas como tu e eu, e, além do mais, começam a ficar velhas e têm um aspecto não muito agradável. Compreendo por que motivo as queres ver... deve ser uma consequência do teu interesse excessivo pela política...

"Convir-me-ia não me interessar por nada mais neste mundo. Não me pertence e nem eu lhe pertenço. E, de resto, o meu interesse pelas grandes figuras deriva, na realidade, da minha mania das grandezas. Desejo tornar-me grande, não o nego. Tens em ti as capacidades promissoras da figura física de um Sócrates e as mágoas de um Beethoven. Esta tua ambição deve-la a ela, que te privou da luz, partindo para longe. Amanhã não acharás vestígio dela em todo o Egito. Ó insensato delírio da dor, tens algo de inebriante!..."

- Hussein tinha-me dito - continuou prolongando impacientemente o olhar- que nesta festa haveria homens de todos os partidos...

- E verdade. Ontem, Saad convidou os liberais e os nacionalistas à célebre recepção do chá no clube Saadi^[123], e hoje Shaddad bey convida-os a todos ao casamento da filha. Entre os teus amigos wafdistas avistei Fath Allah Barakat e Hamad el-Basil. Entre os demais, vieram Tharwat, Ismael Sidqi e Abdel Aziz Fahmi. Shaddad bey vê longe... e tem razão! A era do nosso ofendi terminou. O povo gritava com toda a força dos pulmões: "Allah é imortal... Abbas voltará!" A verdade é que a sua partida não tem retorno. Shaddad bey deu mostras de ser uma pessoa sábia que pensa no futuro. É verdade que tem de ir à Suíça de quando em vez, para prestar homenagem a uma falsa obediência ao quediva, por pura precaução, mas depois, regressa e prossegue o seu caminho segundo planos preestabelecidos...

"O teu coração detesta uma semelhante sabedoria. A situação delicada que Saad enfrentou no passado próximo atesta que a pátria fervilha de tais sábios. Não será também Shaddad bey um destes? O pai da tua adorada?

Reflecte! Ela própria desceu do alto do céu para se unir a um ser

humano, para que o teu coração se estilhaçasse de tal forma que não podes reunir os pedaços dispersos..."

- E achas que uma festa como esta prosseguirá sem um cantor ou uma cantora?

- Os Shaddad - replicou Ismael num tom irónico - são meio parisienses. Olham com algum desdém a nossa maneira tradicional de celebrar o casamento. Não suportam que uma cantora possa animar a festa deles e não apreciam nenhum dos nossos cantores. Lembra-te do que Hussein nos disse certa vez a propósito da orquestra que esta noite vejo pela primeira vez da minha vida. Toca todos os domingos à noite no Groppi^[124] e, após o jantar de hoje, instalar-se-á no hall para divertir as figuras importantes. Não penses mais nisso. Fica sabendo que a flor na lapela, esta noite, serão o jantar e o champanhe!...

"Onde estão Galila, Sabir, o casamento de Aisha e de Khadiga? Quanta diferença entre o ambiente de hoje e o de então! Como era feliz naqueles dias! Esta noite, a orquestra acompanha o teu sonho até ao túmulo. Lembras o que viste pelo buraco da fechadura?... Como me entristece que as deusa virem pó!..."

- Isto pouco importa. O que me desagrada, na verdade, e me há-de desagradar por muito tempo é o facto de não termos podido ver de perto as figuras importantes. Queria ter ouvido aquilo que diziam e isto por dois motivos importantes: em primeiro lugar, para compreender a situação política como é realmente e compreender se aí existirá a possibilidade de esperar por um retorno à Constituição e à actividade parlamentar após a formação da coligação^[125]; em segundo lugar, para ouvir estas pessoas falarem, com as palavras de todos os dias, numa ocasião feliz como esta. Não achas que deve ser maravilhoso escutar Tharwat paxá, por exemplo, enquanto cavaqueia e graceja?

- Tive por mais de uma vez o ensejo de me achar - replicou Ismael Latif simulando indiferença, embora aquela sua atitude deixasse transparecer uma certa fanfarronice - na presença dos amigos do meu pai, como Salim bey, o pai de Hassan, ou Shaddad bey. Posso afiançar-te que não encontrarás nada neles que mereça todo esse interesse da tua parte!

"Mas então ao que se deveria a diferença entre o filho do conselheiro e o filho do comerciante? Como explicar que a sorte do segundo tenha

sido a de adorar o ídolo ao passo que o primeiro a desposa? E aquele casamento não era a prova que aquela gente era feita de uma matéria distinta da do comum dos mortais? Deves também admitir, no entanto, que não sabes como fala o teu pai quando se acha no meio dos seus amigos e pares!...

- Seja como for, Salim bey não faz parte das ilustres personalidades a que me refiro!...

Perante esta última observação, Ismael sorriu, sem fazer comentários.

"Escuta aquelas gargalhadas que vêm do interior, carregadas de alegria, e aquelas outras que chegam do balcão de cima, impregnadas do encantador perfume da feminilidade, e, entre umas e outras, uma harmonia semelhante à do som dos instrumentos que chega de longe e que o ouvido percebe ora como uma unidade ora como um grupo de notas esparsas... Depois, o todo - risos e sons - torna-se cornijas de flores e, no meio, o teu coração aflito, sufocado pela tristeza, com o ar de um cartão de condolências num ramo de rosas..."

Hussein Shaddad não tardou a juntar-se-lhes exultante, com a sua figura airosa e o semblante radioso, pavoneando-se na sua sobrecasaca. Ao se aproximar, abriu muito os braços e Kamal fez outro tanto e abraçaram-se calorosamente.

Dali a pouco, juntou-se-lhes Hassan Salim com traje de cerimónia, que casava lindamente a sua natural altivez com um porte civil e distinto, ainda que, perto de Hussein, parecesse menos esbelto. Estreitaram-se a mão com igual calor, depois, Kamal manifestou-lhe as mais vibrantes felicitações.◆

Foi naquele momento que Ismael Latif declarou, com a sua habitual franqueza, que nada, na maior parte dos casos, distinguia de um cinismo perverso:

- Kamal está triste por não ter tido a oportunidade de se encontrar com Tharwat paxá e os seus amigos!

- Que espere pelo menos até publicar as suas obras tão aguardadas - objectou Hassan Salim com uma estranha vontade de gracejar que acabara por levar a melhor sobre a sua habitual reserva - e só então será um deles! Hussein Shaddad, no entanto, protestou dizendo:

- O que tens? Como podes estar tão sério? Olhem, tudo o que quero é que passemos juntos esta noite, gozando de toda a nossa habitual

liberdade...

Antes que Hussein se tivesse sentado, Hassan Salim escusou-se perante eles e partiu... Parecia, em todos os aspectos, uma borboleta naquela sua agitação de um lugar para o outro. Hussein estendeu as pernas e pôs-se a dizer:

- Amanhã partirão para Bruxelas. Partirão para a Europa antes de mim. Mas também eu não ficarei por muito tempo aqui. Em breve, divertir-me-ei andando numa roda-viva entre Paris e Bruxelas...

"Tu, pelo contrário, entre en-Nahhasin e el-Ghuriyya! Sem amor e sem amigo. Esta é a recompensa para quem aspira ao céu. Volverás o olhar, perdido, pelos quatro cantos da cidade, mas os teus olhos não acharão cura para as aflições do desejo. Enche os pulmões com este ar impregnado com a respiração do teu ídolo. Amanhã prantearás sobre ti mesmo!"

- Tenho um pressentimento de que um dia me juntarei a ti.

- E como? - perguntaram Hussein e Ismael numa só voz. "Que, pelo menos, a tua mentira seja tão grande como a tua dor..."

- Eu e o meu pai decidimos, de comum acordo, que, uma vez terminados os estudos, partirei em missão para o estrangeiro, às minhas custas...

- Oxalá este sonho se realize! - exclamou com alegria Hussein. Ismael, por seu lado, limitou-se a dizer, rindo à socapa:

- Receio mesmo achar-me completamente sozinho daqui a alguns anos.

Os instrumentos da orquestra confluíram todos harmoniosamente num movimento amplo e veloz que revelou aquilo que cada um deles calava de tonalidades e intensidade, e era como se todos estivessem empenhados na áspera competição de velocidade cuja meta estava já ali, visível e ao alcance da mão; graças àquelas duas qualidades de cada instrumento, a melodia alcançou a máxima intensidade que deixa pressentir a aproximação do final. Se bem que imersa na tristeza, a consciência de Kamal deixou-se arrebatada por aquelas notas vibrantes e o jovem deixou-se envolver pelas suas recorrências de tal modo que o seu sangue começou a pulsar nas veias e a sua respiração se tornou arquejante. Foi inundado por uma súbita ternura e sentiu-se exaltado por uma volúpia serena que mudou a sua tristeza numa ebriedade banhada de lágrimas. No momento do final, soltou um profundo

suspiro e saboreou os ecos de melodia que ainda ressoavam nele com uma excitação forte e intensa.

Foi naquele instante fugaz que se perguntou se porventura aqueles seus sentimentos, igualmente afogueados e no seu acme, estariam destinados a um fim como aquele, e se o amor, tal como aquela melodia e como todas as demais coisas, podia ter, ele também, um fim.

Relembrou algumas situações por ele vividas em instantes raros e pareceram-lhe tão desfocadas que davam a impressão de que de Aida ficara tão-só o nome...

"Lembras-te daqueles instantes?" Meneava a cabeça, confuso, de perguntava-se: "Tudo está realmente terminado?"

Mas apenas se lhe apresentava uma imagem, ou um pensamento lhe sulcava a mente ou recordava um episódio, desentranhava-se do torpor para se deixar levar pela paixão de mãos e pés atados. "Tenta, se se apresentar a ti ainda um daqueles instantes, agarrá-lo com todas as tuas forças para o não deixares fugir, para que o sofrimento encontre em ti uma morada eterna. Procura pois viver até ao fundo a eternidade do amor."

- A festa começou com a recitação de uma surata, em jeito de bênção! - disse Hussein Shaddad sorrindo.

- O Alcorão? Que estranho! Até a linda parisiense não pode casar sem recorrer ao mazoun e ao Alcorão! Este casamento ficará associado, na mente, ao Alcorão e ao champanhe...

- Porque não nos contas como irá decorrer a festa?

- A todo o instante, celebrar-se-á o casamento - respondeu Hussein apontando com a mão na direcção de casa -, dentro de uma hora, os convidados estarão todos à mesa... Depois estará tudo acabado. Aida passará a sua última noite aqui e, pela manhã, partirá para Alexandria, onde, depois de amanhã, apanhará o barco para a Europa...

"Há coisas que não verás e que todavia mereceriam - realmente! - serem esculpidas na tua memória para servirem de viático à tua dor devoradora, como a visão do seu nome gracioso que vem escrito na certidão; a pose do seu rosto, fixo, à espera da fórmula abençoada; o esplendor do sorriso que ilumina a sua boca no momento do anúncio do casamento celebrado e, por fim, a cena em que os dois esposos vão ao encontro um do outro. Até a tua dor exige algum alimento!"

- E quem celebrará o casamento, um mazoun?

- Claro!...

Assim replicou Hussein. Ismael, pelo contrário, desatou a rir com fragor e disse:

- Não, um padre!

"Que pergunta estúpida eu fiz! Porque não lhe perguntei também se passariam a noite juntos? Não é triste constatar que a vedar o caminho da tua vida esteja um homem tão insignificante como este mazoun? Não passa de um desprezível verme aquele que se alimenta dos cadáveres dos grandes entre os grandes. Como será o teu funeral quando chegar a tua hora? Algo de imponente, que encherá a rua, ou um escasso grupo de pessoas que rapidamente se dispersará?"

A casa foi invadida por um inesperado silêncio e, sem música ou trina-

dos, pelo menos por agora, pareceu transformar-se e tornar-se apenas um feixe de luzes.

Kamal teve medo e sentiu-se deprimido.

"Quem sabe onde estará agora? Naquele aposento ou naqueloutro?"

Ressou um longo trinado estridulo que evocou de novo nele velhas recordações.

Era um daqueles trinados que aprendera a reconhecer há muito tempo e que nada tinham a ver com Paris.

Depois, elevaram-se outros trinados, quais foguetes. Como se assemelhava a uma qualquer casa do Cairo, naquela noite, o palácio dos Shaddad!...

O seu coração pôs-se a palpitar ao compasso dos trinados até arquejar. Depois, ouviu Ismael felicitar Hussein e fez o mesmo. Teria desejado estar sozinho naquele momento, mas, pensando que teria dias e noites para se isolar, consolou-se e prometeu à sua dor uma inesgotável escolta.

A orquestra começou a atacar um trecho que ele conhecia muito bem:

"Perdão, ó mais bela de todas as belas!" O jovem recorreu então à sua extraordinária capacidade de fazer frente à dificuldade e de suportar, ainda que cada gota do seu sangue pulsasse dentro das suas veias para dizer que tudo estava acabado, que a sua história acabava ali, que a realidade inteira acabara, e até os seus sonhos - embora transcendessem a vida - tinham acabado, e que ele se achava a

enfrentar rochas cortantes em cada lado e nada mais...

- Uma palavra, depois um trinado... e cada um de nós entrará num mundo novo - acrescentou Hussein, com um ar meditabundo. - Um dia ou outro, tocará a todos.

- Pelo que me toca - declarou Ismael Latif -, adiarei o mais possível um tal dia!

- A todos? Mas, se deve ser assim, ou o céu ou nada! Nunca me entregarei a uma eventualidade do género...

Pareciam não ter ligado ao que Kamal tinha dito, ou talvez não o tivessem levado a sério. Ismael, todavia, começou outra vez a dizer:

- Não casarei enquanto não me tiver convencido de que o casamento é uma necessidade a que se não pode fugir...

Chegou um núbio que trazia copos cheios de xarope, seguido de perto por outro com uma bandeja carregada de esplêndidas caixas com doces. Cada caixa era de cristal, montada sobre quatro pés dourados e o vidro azul-marinho era embelezado com motivos de prata, enquanto em toda a sua volta passava uma fila de seda verde com um nó em forma de meia-lua onde estavam inscritas as primeiras duas letras dos nomes dos esposos: "A" e "H".

Pegando na sua caixa, Kamal sentiu uma sensação de alívio. Talvez aquela fosse a primeira sensação de alívio que experimentava em todo aquele dia. Aquela caixa esplêndida representava a promessa de que a sua adorada deixaria atrás de si um vestígio tão eterno quanto o seu amor e que aquele vestígio duraria até ele próprio permanecer sobre a terra, qual sinal de um passado maravilhoso, de um sonho feliz, de um divino encanto e de uma horrível desilusão.

Depois, sentiu-se como que invadido pela sensação de ser vítima de uma atroz agressão, urdida contra ele pelo destino, pelas leis hereditárias, pelas classes sociais, por Aida e por Hassan Salim e por uma força oculta e insondável que não queria nomear...

Viu a sua pessoa miserável, sozinha ante aquelas forças coligadas, com a sua ferida sangrenta, sem a possibilidade de um remédio qualquer. E para responder àquela agressão, não achou outra coisa em si mesmo senão uma revolta reprimida que, pelo contrário, teria desejado gritar aos quatro ventos; as circunstâncias, porém, constrangiam-no a fingir-se feliz, a congratular-se com aquelas forças tirânicas que se tinham encarniçado contra pondo-o de parte nos

confins da humanidade feliz. Concebeu, contra todas aquelas forças, um rancor indestrutível e decidiu, por ora, adiar para tempos vindouros o problema de como modelá-lo e contra quem o dirigir, Assim, após aquele trinado decisivo, sentiu que nunca mais enfrentaria a vida como uma coisa fácil, não se contentaria mais com as aparências, não teria mais para com estas a indulgência das almas generosas e serenas; e sentiu também que a sua via seria árdua, penosa, tortuosa, semeada de ardis, humilhações e dores. Mas não pensou minimamente desistir. Aceitou a guerra e recusou a reconciliação; admoestou e ameaçou, mas deixou ao destino a escolha do adversário contra o qual teria de combater e das armas para o fazer.

- Não apontes o casamento com o dedo - replicou Hussein Shaddad, engolindo a saliva com o xarope. - Eu julgo que, se tiveres o ensejo de partir, como dizes, encontrarás uma mulher que te agrade...

"Como se já não a tivesse achado aqui, aquela que te agradaria. Encontra outra pátria onde o sexo fraco se não assuste ante cabeças estranhas ou narizes grandes. O céu ou a morte!"

- É aquilo que penso... - respondeu ele, meneando a cabeça com uma expressão convencida.

- Sa bes o que significa desposar uma europeia? - acrescentou Ismael com um ar escarnecedor. - Digo-to numa só palavra: "conquistar" uma mulher da mais baixa condição, que aceitará submeter-se a um homem que ela considera, no seu íntimo, um vulgar escravo.

"Já tiveste a sorte de sofrer uma tal escravidão na tua querida pátria, não naquela Europa que não verás nunca!"

- Estás a exagerar - objectou Hussein com desaprovação.

- Então olha um pouco como nos tratam os professores ingleses.

- Os Europeus, nos seus países, comportam-se de modo diferente do de aqui entre nós - respondeu Hussein com um ímpeto mais parecido com um desejo.

- Onde acharás aquela força invencível com que destruir a injustiça e os tiranos? Ó Deus do universo, onde está a tua justiça divina?

Todos eles foram convidados a tomar lugar à mesa. Os três amigos passaram para o salamlik e, dali, para uma sala lateral contígua ao salão posterior, onde encontraram um pequeno bufete preparado para não menos que dez pessoas.

Juntou-se-lhes um grupo de jovens: alguns eram parentes dos

Shaddad, outros simples companheiros de escola. Não obstante estivessem em número inferior ao previsto para o bufete, motivo pelo qual Hussein deu graças a Allah do fundo do coração, precipitaram-se sobre a comida com um impulso felino, de tal modo que na sala reinou uma atmosfera febril de competição de velocidade. Tinham de circular continuamente para provar os diferentes pratos dispostos de uma ponta a outra da mesa com um pequeno ramo de rosas por entre uma variedade e outra de comida.

Hussein fez sinal ao criado e este trouxe as garrafas de whisky e soda.

- Confesso - exclamou Ismael Latif - que já extraí um bom augúrio daquele sinal ainda antes de conhecer o seu sentido.

Hussein encostou os lábios ao ouvido de Kamal e disse-lhe suplicando:

- Só um copo, por mim...

A sua alma dizia-lhe: bebe! Mas não pelo desejo de beber, coisa que ele ignorava, mas sim por um desejo de revolta. A sua fé, todavia, foi mais forte que a tristeza e a revolta que sentia dentro de si.

- Disto? Não, obrigado! - exclamou a. sorrir.

- Não tens o direito de fazer isso - declarou Ismael Latif, levantando um copo cheio até aos bordos. - Até um beato se permite apanhar uma bebedeira no meio de uma festa de casamento!

Kamal continuou impassivelmente a provar os deliciosos pratos, observando, entre um pedaço e outro, os convidados, todos eles empenhados a comer e a beber, ou associando-se à conversa deles e partilhando as suas risadas.

"A felicidade do homem deve ser directamente proporcional à frequência das suas presenças num festim de núpcias. Mas os dos paxás serão iguais aos nossos? Enchamo-nos com as suas comidas e façamos um inquérito sobre eles! O champanhe! Esta é uma boa oportunidade para experimentar o champanhe... o champanhe dos Shaddad. O que disseram? Por que motivo o professor Kamal não se resolve a beber? Porventura terá o estômago tão cheio que já não consegue pôr nada mais lá? A verdade é que como com inigualável apetite, como se a tristeza não tivesse efeito algum nos nervos do meu estômago, ou aí produzisse um efeito contrário... Não comia assim desde que Fahmi foi sepultado. Digam a Ismael que parecie comer e

de beber, caso contrário, estourará. A morte de el-Manfaluti, de Sayyed Darwish e a perda do Sudão foram evento que revestiram de luto a nossa época, mas a coligação e este festim pertencem às boas notícias destes nossos dias. Devoramos três perus e ainda há um quarto intacto... É aquele ali... Meu Deus, está a apontar para o meu nariz e todos se torcem de riso. Não leves a mal. Estão bêbados! Ris com eles ostentando indiferença e hilaridade. Mas o meu coração ferve de raiva. Se puderes conquistar o mundo, conquista-o. Quanto aos vestígios desta noite festiva, ser-te-á difícil libertar-te deles para sempre. Olha, o nome de Fuad el-Hamzawi circula de boca em boca por causa da sua superioridade e da sua excepcional inteligência que estão a falar! Sentes que sofres devido ao ciúme? Falar dele seria, de um certo modo, um pretexto para te impores à admiração..."

- Foi um aluno estudioso desde criança.

- Conhece-lo?

- O pai trabalha na loja do pai de Kamal - respondeu Hussein Shaddad em seu lugar.

"Há um alívio no meu coração. Que Allah amaldiçoe os corações..."

- O seu pai foi sempre um homem honesto e trabalhador.

- Qual é a actividade comercial do teu pai?

"Lembra como outrora o título de 'comerciante' representava para ti como que um halo de orgulho até te terem falado do filho de um comerciante e do filho de um conselheiro..."

- Grossista em drogaria...

"A mentira é um expediente mesquinho de salvação. Observa-os bem para ver o que se esconde sob a máscara dos seus rostos. Mas quem destes homens, nesta casa, iguala o teu pai em beleza e vigor?"

Tendo abandonado as mesas, a maior parte retomou o seu lugar no hall, enquanto outros desciam ao jardim para esticar as pernas dando dois passos.

Foi um momento de calma indolente. Depois, os convidados começaram a despedir-se, enquanto os familiares subiam ao segundo andar para felicitar os esposos. A orquestra juntou-se-lhes num abrir e fechar de olhos, para tocar diante daquela assembleia as magníficas melodias do seu repertório. Kamal enfiou o sobretudo, recolheu a esplêndida caixa de doces, deu o braço a Ismael e deixou o palácio dos Shaddad.

- São onze horas - disse Ismael, lançando ao amigo uma olhadela de bêbado. - O que me dirias se dêssemos uma volta pela Rua de es-Sarayat, enquanto eu desperto um pouco?

Kamal acolheu de bom grado aquela boa proposta, achando, no facto de caminhar e de matar o tempo, uma ocasião há muito esperada.

Dirigiram-se juntos para a mesma rua em que uma vez caminhara ao lado de Aida, confessando-lhe o seu amor e revelando as suas mágoas. Como podia a visão daquela rua, com os seus palácios majestosos e silenciosos, as árvores altas em dupla fila que miravam o céu com a calma de uma alma serena e a grandeza de uma suprema imaginação, abandonar alguma vez o seu espírito?

"Da mesma maneira que uma árvore batida pela tempestade que o vento faz perder folhas e frutos, o teu coração não cessará de tremer, de ter palpitações de saudade, emoção e dor sempre que os pés calcarem o chão ou dele evocarem a imagem. E, mesmo sé um dia esta tenha visto consumir-se a tua derrota ao longo da sua superfície, conservará sempre para ti a recordação de um sonho desvanecido, de uma esperança perdida, de uma felicidade imaginada apenas... mas também de uma existência irresistível, cheia de sensações, preferível, na pior das hipóteses, à estagnação do nada, ao vazio da solidão, ao sono da paixão. O que mais pensas encontrar no futuro, para alimentar o teu coração, a não ser os locais que miravas com os olhos do sonho e nomes para os quais apuravas o ouvido do desejo?"

- Na tua opinião, o que estará a acontecer, neste momento, no andar de cima? - perguntou Kamal.

- A orquestra deve estar a tocar melodias estrangeiras - respondeu Ismael com uma voz sonora que perturbou o silêncio opressor. - Os esposos devem estar no dossel, a distribuir sorrisos, rodeados pelos Shaddad e pelos Salim. Já vi várias vezes uma reunião como aquela...

"Aida com vestido de noiva! Que espectáculo! Alguma vez viste coisa semelhante, mesmo em sonho?"

- E quanto tempo durará a festa?

- Mais uma horita, no máximo, para deixarem os esposos irem para a cama, tendo eles que partir para Alexandria de manhã bem cedo... Mas quando é que se dormiu na noite de núpcias? - recomeçou Ismael a dizer com uma expressão interrogativa.

E, assim falando, soltou uma gargalhada sonora e ruidosa. Depois deu um arrote e cuspiu os vapores do álcool, bufando e franzindo a testa, e depois, com o rosto descontraído, acrescentou:

- Que Allah não te condene ao sono dos amantes. Não, meu caro, não têm tempo para fazer uma sesta. Não te deixes enganar pelos modos reservados de Hassan Salim. Há-de saltitar e correr como um puro-sangue até à alvorada, garanto-te...

"Prova esta nova tonalidade da dor que te é vertida gota a gota. É a quintessência da dor, ou antes, a dor em absoluto. Mas consola-te por teres sido o único no mundo a conhecer um sofrimento tal que o Inferno não te há-de aquecer nem arrefecer se é teu destino que um dia os zabaniyyam te carreguem e te façam dançar sobre línguas de fogo. Sofres! Não por teres perdido o único objecto do teu amor - porque nunca desejaste possuí-la - mas porque, depois de uma vida sublime, vivida para além das nuvens, ela desceu do seu céu para se agitar no lodo... porque lhe agradou que as suas faces fossem beijadas... que alguém a fizesse sangrar... que o seu corpo se prostituísse... Quão intensa é a minha aflição e como é lancinante esta minha dor!"

- É verdade aquilo que se conta acerca da primeira noite das núpcias?

- Por Allah, não sabes ainda estas coisas? - gritou Ismael. "Como se pode julgar sagrada a profanação?"

- Não, naturalmente, não as desconheço. Até há pouco tempo atrás, não sabia nada. Mas há coisas que gostaria de ouvir outra vez...

- Há momentos em que me pareces um estúpido, um idiota - replicou Ismael, rindo.

- Diz-me: deixar-te-ia indiferente se uma coisa semelhante fosse feita a uma pessoa que veneras?

Ismael expeliu outro arrote e aquela maldita baforada de álcool chegou às narinas de Kamal. Depois, respondeu:

- Ninguém, neste mundo, merece veneração...

- A tua filha, por exemplo, se tivesses uma?

- Nem a minha filha nem a minha mãe. E nós, como é que viemos mundo? É esta a lei da natureza...

"Nós! A verdade ofusca os olhos. Então fecha-os. Atrás do véu da santidade, diante do qual te mantiveste prosternado durante toda a

tua vida, eles divertem-se como crianças. Mas porque é que tudo parece vazio. A mãe... o pai... Aida... como o jazigo de el-Hussein... a profissão de comerciante... a aristocracia de Shaddad bey. Ah, que dor!"

- Como é horrorosa a lei da natureza!

Ismael arrotou pela terceira vez e disse, esboçando um ténue sorriso:

- A verdade é que o teu coração está a sofrer. Ouço-o cantar como faz a nova cantora Umm Kulthum: "Por ele daria a minha vida, seja ele ou infiel ao meu amor."

- O que queres dizer? - replicou Kamal com uma expressão confusa

- Quero dizer que amas Aida! - prosseguiu Ismael, esforçando-se parecer mais bêbado do que estava.

"Meu Deus! Como é que veio à luz aquilo que eu mantinha oculto?"

- Estás bêbado.

- É a verdade e todos a conhecem!

- O que estás tu a dizer? - vociferou Kamal, esbugalhando os olhos para Ismael por entre a escuridão.

- Estou a dizer que é a verdade e que todos a conhecem...

- Todos? Quem seriam estes todos? Quem teceu esta difamação contra mim

- Aida!

- Aida?

- Foi Aida quem tornou público o teu segredo...

- Aida? Não posso acreditar nisso. Estás bêbado.

- Sim, estou bêbado. Mas também é exacto que esta é a verdade. Um apanágio do homem alcoolizado é o de não mentir nunca.

Depois, após uma pequena gargalhada que denunciava a sua ternura:

- Isto enfureceu-te, não é? Aida, como aliás já sabes, é urna jovem cândida... Quantas vezes lançou recatadamente olhares sobre os teus olhos enamorados sem que disso te apercebesses! Não para caçoar mas porque se compraz em se mostrar galante com aqueles que dela se enamoram. Num primeiro tempo, informou Hassan e este, na verdade, espicçou-me e aguilhoou-me por mais de uma ocasião para que eu te observasse, e, mais tarde, divulgou o segredo a Hussein. Também sei que mesmo a senhora Saniyya ouviu falar do

"galanteador", como já te alcunham por aí. E não é impossível que a criada tenha ouvido aquilo que os patrões iam comentando pelo palácio a teu respeito. Isto quer dizer que todos conhecem a história do galanteador...

Kamal sentiu que desfalecia. Tinha a sensação de que a sua dignidade fora selvaticamente sopeada pelos pés num movimento ininterrupto.

Cerrou os lábios com uma tristeza amarga. Era assim que os segredos mais íntimos eram semeados no vento?

- Não leves a mal - prosseguiu Ismael. - Foi uma brincadeira inofensiva, levada a cabo por pessoas que te querem bem. Mesmo Aida, ao espalhar o teu segredo, fê-lo tão-só para se vangloriar.

- Está enganada, está enganada!

- Queres negar o teu amor - retrucou Ismael a rir - é uma loucura. É como queres negar o sol a meio do dia!...

Kamal entrincheirou-se num mutismo pejado de desconsolo e de desamparo.

- E Hussein... o que disse ele? - perguntou de súbito.

- Hussein? - respondeu Ismael em voz alta. - É teu amigo de verdade. Por mais de uma ocasião, disse que não estava satisfeito com a conduta leviana da irmã e fez-lho notar, pondo em evidência as tuas qualidades.

Kamal soltou um suspiro de alívio.

Se perdera todas as esperanças no amor, pelo menos restava-lhe a amizade. Ah, como poderia voltar a transpor a soleira do palácio dos Shaddad após aquela noite?

Com um ar circunspecto, como que para encorajar o amigo a enfrentar a situação, Ismael voltou a dizer:

- Aida já era considerada a noiva de Hassan vários anos antes de fazerem a comunicação oficial. E, ademais, é mais velha do que tu. Sentimentos iguais a estes, de resto, esquecem-se após uma noite de sono. Portanto, não faças caso e não fiques triste.

"Sentimentos iguais a estes esquecem-se!"

- Ria de mim ao salientar o meu amor? - perguntou ele com notório interesse.

- De modo algum! Já te disse que Aida adora falar dos seus apaixonados!

"Assim, a tua adorada foi um deus impiedoso e cínico que se regozijava ao escarnecer dos seus adoradores! Lembras-te do dia em que se encarniçou contra a tua cabeça e o teu nariz? Como é comparável à lei da natureza na sua crueldade e no seu carácter inexorável! Como pôde, depois de tudo isso, precipitar-se de forma entusiástica ao encontro da noite de núpcias, como uma jovem qualquer? Na tua mãe, pelo contrário, o pudor é uma qualidade, como se ela tivesse consciência da sua imperfeição!"

Tinham-se entranhado em demasia na rua; deram, por conseguinte, meia volta e começaram a regressar em silêncio, como se estivessem saturados com aquela conversa angustiante.

Dali há pouco, Ismael rompeu a entoar com uma voz rouca. "Como és maravilhosa, ó obra-prima!", mas o outro continuava taciturno, ou melhor, parecia não prestar a menor atenção àquela canção.

Sentia tanta vergonha! Tornara-se em objecto de chacota. Ouvia os Shaddad, os seus amigos e os criados trocarem piscadelas de olho imperceptíveis nas suas costas. Não merecia um tratamento tão inumano. Era aquela a recompensa pelo amor e pela adoração?

Quão cruel era a adorada e quão medonho era o sofrimento!

Talvez fosse de uma circunstância análoga à sua que Nero quisera vingar-se no momento em que cantava enquanto Roma ardia.

"Sê um líder conquistador, com o busto hirto na garupa de um corcel; ou um líder levado em triunfo, ou uma estátua de aço levantada sobre uma coluna, ou um feiticeiro que a seu bel-prazer toma múltiplas formas, ou um anjo que se torna livre para além das nuvens, ou um eremita que se afasta num recanto do deserto, ou um perigoso facínora que aterroriza as pessoas de bem, ou um palhaço que recreia a gente que quer rir, ou um suicida que extermina a multidão. Se Fuad el-Hamzawi conhecesse a tua história, dir-te-ia, camuflando o seu menosprezo sob o lustro da sua boa educação de sempre: "A culpa é só tua. Foste tu quem nos abandonou por causa daquela gente!"

Desprezaste Qamar e Nargis, sentes agora que sabor tem o abandono dos deuses." O céu ou nada mais: tal será a resposta. Que case, como quis, e parta para Bruxelas ou Paris. Espera que ela envelheça e veja o seu corpo viçoso fenecer. Não encontrará um amor igual ao meu. Não te esqueças nunca desta rua, porque foi aqui que conheceste o inebriamento de esperanças mais tarde defraudadas e que devoraste

em seguida os bocados amargos do desespero... Não pertenço mais a este planeta. Forasteiro, sim, sou um forasteiro e devo viver a existência dos forasteiros."

Ao passarem defronte do palácio dos Shaddad, no caminho de regresso, depararam-se com os trabalhadores empenhados em desmontar dos muros e das árvores os letreiros ornamentais e os fios com as lâmpadas eléctricas.

A grande casa foi desapossada de qualquer vestígio do casamento que tinha ocorrido e afundou-se nas trevas, com excepção de alguns quartos cujas janelas e cujos balcões continuavam acesos.

A festa terminara. A multidão dos convidados tinha-se dispersado. Da forma como surgia naquele instante, também o sítio parecia declarar que todas as coisas têm um fim.

Kamal estava a voltar para casa e trazia na mão a caixa de doces como uma criança é distraída com chocolates para evitar que chore.

Continuaram a caminhar com passos vagarosos, até alcançarem as primeiras casas de el-Husseiniyya, onde trocaram um aperto de mãos e se separaram...

Kamal tinha apenas percorrido uns metros da rua de el-Husseiniyya quando estacou e, depois, deu meia volta e encaminhou-se na direcção de el-Abbasiyya, que parecia despovoada e mergulhada no sono.

Acelerou o passo para o palácio dos Shaddad e, mal chegou junto da mansão, virou à direita, rumo ao deserto que a circundava, e aí se adentrou até atingir um local que se situava por detrás do muro traseiro do jardim, donde era possível enxergar o palácio ao longe.

A obscuridade era espessa e completa e oferecia, com os seus véus, toda a segurança a quem ali se quisesse postar de atalaia. Submerso naquela vastidão desprovida de qualquer outra presença, sentiu frio pela primeira vez desde que a noite começara e apertou o sobretudo à volta do corpo esbelto e esguio.

Atrás do muro alto, a massa descomunal e sombria do palácio pareceu-lhe uma enorme cidadela. Os seus olhos vaguearam à procura de algo que lhe era querido até pousarem numa janela cerrada, na extremidade da ala direita, no segundo piso, da qual filtrava uma luz através das persianas.

Era o quarto conjugal, o único quarto em que se estava acordado naquele ângulo do palácio. Tinha sido até ao dia precedente o quarto

de Aida e de Budur, mas, naquela noite, fora arranjado de forma a testemunhar um dos espectáculos mais insólitos determinados pelo destino. Observou-o demoradamente, de início com uma nostalgia lancinante, qual pássaro com as asas quebradas que contempla o ninho sobre uma árvore, depois com uma tristeza intensa, como se estivesse, em imaginação, a presenciar ao seu enterro.

O que estaria a acontecer por detrás daquela janela?... Quem dera poder trepar àquela árvore, acolá no jardim, e poder ver!...

Estava pronto a dar em troca de um único olhar através daquela janela todo o tempo que lhe restava de vida até ao derradeiro segundo. Seria acaso coisa de pouca monta observar o seu ídolo na intimidade da sua primeira noite de núpcias? Em que postura se achariam eles e de que maneira se contemplariam nos olhos? De que falaria? Em que ponta da terra se esconderia, naquele momento, a soberba de Aida? Ardia de vontade de ver, de registar cada palavra que proferiam, cada gesto e cada sinal que se vislumbravam nos traços dos seus rostos.

Mas sobretudo os pensamentos íntimos, as sugestões da alma, as efusões do amor e os excessos do instinto... Tudo, ainda que fosse repugnante e terrífico, penoso e pungente. Só então teria também renunciado a viver, sem o menor pesar!

Continuou no seu posto enquanto o tempo passava. Não se mexia, a luz continuava acesa e a imaginação consumia interrogações ininterruptas. O que teria feito caso se tivesse encontrado no lugar de Hassan Salim?

A vertigem da confusão que o atormentava impediu-o de responder. A adoração de nada teria servido numa noite como aquela!

Todas as inquietações de outra ordem não se prendiam com Aida naquele momento e Hassan Salim, por seu turno, não pertencia àquele género de homens que se deixam fascinar por sentimentos de veneração. Agastava-se assim no meio do deserto, quando além eram trocados beijos de gente normal por entre suspiros gotejantes de transpiração, na entrega de um amplexo conspurcado de sangue sob uma camisa de noite retirada para deixar ver um corpo efémero, como efémeros eram o mundo, as suas esperanças vãs e os seus sonhos à deriva...

"Chora enquanto puderes a queda das divindades. Deixa esta

tragédia submergir o teu coração. Mas como poderá se apagar aquele sentimento fascinante e maravilhoso que o iluminara durante quatro anos? Não era uma ilusão, nem o eco de uma ilusão. Era a própria existência. Se as circunstâncias subjugar os corpos, que força poderá ferir a alma? Que continue a ser o teu ídolo, que o amor seja o teu sofrimento e o teu prazer, a tua confusão a tua distração, até ao dia em que te apresentares ante o teu Criador e lhe pedires a chave de todos estes mistérios que baralharam o teu espírito!" Ah, pudesse ele ver o que sucedia para além daquela janela! Pudesse ele desvendar o último segredo da sua existência!...

De vez em quando o, frio mordia-o e chamava-o à realidade e ao tempo que estava a desbaratar no encalço daquele sonho improfícuo. Mas para quê se apressar a regressar?... Acaso esperava seriamente que o sono viesse bater às suas pálpebras naquela noite?

[123] Na sessão de 11 de Dezembro de 1925, Saad tinha convidado os membros dos referidos partidos com o propósito de estreitar a unidade nacional.

[124] Célebre salão de chá no Cairo.

[125] A 25 de Outubro de 1925, durante um encontro organizado no Cairo, o partido Wafd afastado da Câmara e os liberais, forçados a deixar o ministério sob o mandato de Ziwet, unem-se contra a autocracia de Fuad na base de um retorno ao ideal nacional: independência e regime liberal. A eles se junta o Partido Nacional. A coligação é, pois, tripartida.

[126] Anjos que atiram os danados para o Inferno. Alcorão, XCVI, versículo 18.

CAPÍTULO 32

A caleche imobilizou-se defronte da loja do sayyed Ahmad Abdel Gawwad, as rodas sujas com a lama que recobria a Rua de en-Nahhasin e com a água lodacentas contida nos buracos.

Enrolado numa gubba de lã, dela apeou-se o sayyed Muhammad Iffat, que se dirigiu prontamente para a loja.

- Vim ter contigo de caleche - declarou-lhe a sorrir - mas mais seguro teria sido se viesse de barco...

A chuva que durante um dia e meio caíra escalavrara a terra e alagara os bairros e as ruelas e, conquanto já não chovesse, o céu surgia maçador e dissimulava a sua figura azulada debaixo de um manto sombrio de nuvens que obnubilavam a terra com um véu crepuscular como se fosse a advertência de uma noite pejada de densidade.

Ahmad Abdel Gawwad recebeu o amigo com entusiasmo e pediu-lhe que se sentasse.

Tão logo este se instalou convenientemente na sua cadeira, ao lado da secretária, abriu a boca, como que para confessar o segredo da sua vinda, dizendo:

- Não fiques surpreendido por me veres aqui com um tempo semelhante, ainda que nos encontrássemos mais tarde para a nossa reunião de costume. Tinha só vontade de estar contigo um pouco, em privado!

Muhammad Iffat riu, como que para legitimar o tom enigmático das suas palavras, e também o sayyed riu, embora o seu sorriso mais se assemelhasse a uma interrogação.

Gamil el-Hamzawi, com a cabeça aconchegada numa kufiyya^[127] que o envolvia até ao queixo, foi até à porta e chamou o empregado do café Qalawun para que este trouxesse café, e, de seguida, voltou a sentar-se dado que nada tinha para fazer devido à chuva e ao frio. Quanto ao sayyed Ahmad, havia algo que lhe dizia que aquela visita devia encobrir um motivo preciso: as circunstâncias deixavam presumir algo de inadiável; e a tudo isto se juntavam as crises psicológicas e os distúrbios dos derradeiros dias que o tinham predisposto para um desassossego oposto à sua conduta usual.

Escondeu, contudo, a sua agitação sob um sorriso encantador, após o que volveu:

- Pouco antes da tua chegada, tinha voltado a matutar no serão de ontem e revi o episódio em que el-Far dançava! Que Allah o amaldiçoe!

- Todos nós somos seus aprendizes! - retorqui Muhammad Iffat com um sorriso. - No que a isso diz respeito, deixa-me que te relate o diz-que-diz-que que Ali Abder Rahim faz correr sobre ti. Diz acreditar que as tuas enxaquecas das semanas passadas são meros indícios da privação de mulheres na tua existência desde há um tempo a esta parte!

- Privação de mulheres na minha existência! E haverá outra razão para as dores de cabeça que não seja as mulheres?

O empregado trouxe os copos de água e os cafés num tabuleiro amarelo, que colocou no canto da secretária entre os dois homens, e logo após se volatilizou. Muhammad Iffat sorveu alguma água e voltou a dizer:

- Beber água fresca no Inverno é uma delícia! O que achas? Mas para quê colocar semelhante pergunta a um homem como tu, enamorado pelo Inverno, que, todas as manhãs, toma duche de água fria até mesmo nestes dias de Fevereiro? E agora, diz-me: ficaste contente com a notícia de que o Congresso Nacional se reuniu em casa de Muhammad Mahmoud? Vivemos e vemos novamente Saad, Adli e Tharwat alinhados numa frente única^[128]!

- Deus, na sua sabedoria, previu também o arrependimento! - rumorejou entre dentes o sayyed.

- Eu cá não tenho confiança nestes cães!

- Nem eu! Mas o que queres tu fazer? O rei Fuad conseguiu desorientar todos e é muito triste verificar que a batalha já não é entre nós? Ingleses^[129]!

Continuaram a bebericar os seus cafés num silêncio que, se algo deixava ressumbrar, era o facto de indiciar não haver já azo para as trivialidades da praxe e de Muhammad Iffat não ter mais razão alguma para as prolongar.

Endireitou-se, portanto, na sua cadeira e, num tom circunspecto, perguntou ao sayyed:

- Tens tido notícias de Yassin?

Ao ouvir aquelas palavras, os grandes olhos do sayyed foram atravessados por uma centelha de apreensão a que se mesclava uma certa inquietação. O seu coração foi tomado por um latejar tremendo.

- Está tudo bem - replicou. - Vem visitar-me de quando em quando. A última vez que o vi foi... na segunda-feira passada. Porquê, há alguma coisa de novo? Pressuponho que se trate de Mariam... não é? Foi-se embora sem deixar morada... Soube ultimamente que Bayyumi, o vendedor de xaropes, comprou igualmente a sua fracção na casa materna que lhe pertencia...

- Não se trata de Mariam - atalhou abruptamente Muhammad Iffat alardeando um sorriso. - Talvez já ele nem pense sequer nela! Mas falemos abertamente, trata-se de um novo casamento!

O seu coração sobressaltou-se uma vez mais, como que esmagado pelo medo, e disse:

- Um novo casamento?... Mas não fez referência a isso nas nossas conversas!

- Mas já está efectivamente casado há um mês ou mais - voltou Muhammad Iffat, que abanava a cabeça com desgosto. - Soube-o através de Ghanim Hamidu há menos de uma hora. Pensava que estivesse informado sobre isso!

- Atreveu-se a tanto! - disse como se falasse consigo mesmo, com a mão direita que esfregava os bigodes. - Não posso acreditar nisso! Como pôde escondê-lo de mim?

- A situação impõe discrição! Ouve-me bem! Preferi revelar-te a verdade antes que pudesses ser informado de forma desagradável sem tal esperares. Porém, não dramatizes mais do que é necessário. Para começar, é escusado ceder à irritação. Já não tens energia para tanto... Pensa no teu recente acesso de cansaço e poupa-te!

- Mais um escândalo? - disse o sayyed com uma expressão desesperada. - O coração já mo afiançava. Diz-me do que se trata, sayyed Muhammad...

Muhammad Iffat meneou outra vez a cabeça, com um ar torturado e numa voz grave prosseguiu:

- Peço-te, mantém-te fiel à imagem que temos de ti. Casou com... Zannouba, a tocadora de alaúde!

- Zannouba!

Trocaram um olhar carregado de alusões. O semblante de Ahmad

expressava um ténue embaraço ao passo que as feições do seu amigo se crispavam com preocupação. Mas a questão do casamento em si mesmo foi em breve posta de parte e outros cuidados tomaram o seu lugar.

- Achas que Zannouba sabe que é meu filho? - perguntou o sayyed Ahmad numa voz ofegante.

- Não tenho a menor dúvida! - replicou Muhammad Iffat. - Mas também tenho a convicção de que nada lhe contou para fazê-lo mais facilmente cair na cilada. Mereceria as nossas congratulações por ter sido tão bem-sucedida!

- Não pensas que mo ocultou porque conhecia a minha história com ela? - perguntou-lhe ainda Ahmad Abdel Gawwad com a mesma voz ofegante de antes.

- Não, nisso não acredito: se o soubesse, nunca se teria arriscado a desposá-la! Yassin é um jovem estouvado, sem dúvida alguma, mas não é um miserável! Se to escondeu, fê-lo tão-só porque não teve coragem de te contar que casou com uma tocadora de alaúde. Desgraçados são os pais que geram filhos desmiolados! Devo confessar-te que me causou um grande desgosto. Mas suplico-te outra vez: não te deixes levar pela cólera! Pior para ele! Não tens culpa. Não tens nada de que te possas censurar.

Ahmad Abdel Gawwad soltou um suspiro profundo e, em seguida pediu ao amigo:

- Conta-me quais foram os comentários de Ghanim Hamidu a respeito deste facto.

Muhammad Iffat esboçou um gesto com a mão, como que a querer dizer: "Que importância tem isso?", e replicou:

- Perguntou-me: "Como pode o sayyed Ahmad tolerar tudo isto? E eu respondi-lhe que ainda estavas às escuras e ele, aparentando um ar aflito, replicou: "Vê que abismo há entre o pai e o filho! Que Allah o ampare!"

- É, por conseguinte, este o fruto da educação que lhe inculquei? - disse Ahmad com uma voz chorosa. - Estou completamente desconcertado, sayyed Muhammad. A desgraça é que eles começam a esquivar-se à nossa autoridade no preciso momento em que para os seus interesses verdadeiros mais a reclamariam. Julgam-se crescidos e, por isso, responsáveis, mas fazem um mau uso desta pretensa

responsabilidade e não nos dão atenção quando procuramos dirigi-los para o bom caminho! Não nascemos homens, tornamo-nos! O que esteve na origem desta infâmia? Que boi!.., Uma mulher que qualquer um poderia possuir... O que o terá impelido a desposá-la? É por mim que tenho de chorar. Não há poder nem força senão em Allah!

Muhammad Iffat pousou carinhosamente a mão no ombro do amigo e disse:

- Fizemos aquilo que era nossa obrigação. É um problema dele agora. Com efeito, ninguém poderá apresentar-se para te arremessar culpas.

Nisso, sobreveio a voz pesarosa de Gamíl el-Hamzawi que lhes dizia:

- Nenhuma pessoa honesta jamais poderá repreendê-lo por algo semelhante, senhor Ahmad. Ainda direi mais. Penso que nem todas as esperanças de consertar o erro estejam perdidas. Aconselhe-o, senhor Ahmad...

- Parece uma criança submissa quando se acha diante de ti. Seja como for, mais cedo ou mais tarde, há-de divorciar-se dela e então... como se costuma dizer: a melhor acção é aquela que é praticada quanto antes!

- E se já estiver grávida? - perguntou o sayyed com um ar inquiridor. A voz de Gamil el-Hamzawí fez-se de novo ouvir, jugulada pela emoção e pelo alarme:

- Allah não queira!

Parecia, todavia, que Muhammad Iffat tinha algo mais a acrescentar. Pousando sobre o seu amigo um olhar assaz receoso, tornou a falar:

- Tenho infelizmente ainda de te dizer que vendeu a loja que possuía em el-Hamzawi para mobilar mais uma vez o seu apartamento!

Ahmad olhou para ele com os olhos que saíam das órbitas, depois, franziu o sobrolho e esbravejou subjugado pela cólera:

- Como se eu não existisse!... Também nisso julgou poder proceder sem os meus conselhos!...

Depois, batendo uma mão contra a outra:

- Pois é, muito se riu ela dele. Encontrou o pato! Um burro sem dono sob as roupagens de um afendi...

- Uma infantilidade! - acrescentou Muhammad Iffat com uma viva emoção. - Não pensou nem no seu pai nem no seu filho! Mas o que

adianta a cólera?

- Penso que tenho de enfrentá-lo, agarrando-o pelos cornos, sejam quais forem as consequências - rebentou Ahmad Abdel Gawwad.

Muhammad Iffat estendeu os braços como que para afastar uma desgraça e, implorante, disse:

- Quando o teu filho crescer, torna-o teu irmão! A tua única obrigação é aconselhá-lo. Quanto ao resto, cabe a Allah decidir!

Muhammad Iffat baixou o olhar, absorto, e pareceu vacilar durante alguns instantes, mas voltou a dizer:

- Há outro problema que me preocupa, como aliás também a ti: Ridwan! Os dois homens trocaram um olhar demorado. Em seguida, Muhammad Iffat acrescentou:

- O pequeno fará sete anos dentro de alguns meses: receio que Yassin o queira levar consigo e que ele cresça sob o mesmo tecto que Zannouba. É uma catástrofe que é indispensável evitar! Não te acho capaz de aceitar uma semelhante possibilidade! Por isso, persuade-o a conservar a criança connosco longe desta história e esperemos que Allah nos ofereça uma solução...

Ahmad Abdel Gawwad não acalentava a mínima intenção de consentir que o neto continuasse com a família da mãe para além do prazo do período de tutela sancionado por lei. Por outro lado, era-lhe difícil propor que ficasse consigo, na sua própria casa, para não colocar sobre as costas de Amina um fardo por demais penoso que a idade não lhe permitiria suportar. Por isso, limitou-se a responder com triste resignação:

- Com efeito, não é desejável que Ridwan cresça debaixo do mesmo tecto que Zannouba... Concordo contigo...

- A avó é doida por ele! - exclamou Muhammad Iffat, com um suspiro de alívio. - E, mesmo admitindo que no futuro considerações prementes o forcem a mudar-se para a casa da mãe, aí achará incontestavelmente uma atmosfera salutar. O esposo da mãe já tem quarenta anos, ou talvez mais, e Allah não lhe deu descendência...

- Preferiria, no entanto, que permanecesse na tua casa - interrompeu-o Ahmad Abdel Gawwad num tom de súplica.

- Claro... Claro! Falava apenas de uma possibilidade muito remota e peço a Allah que não tenhamos de enfrentá-la. Por ora, só me resta pedir-te que converses com ele e que o trates com bons modos para

conseguires convencê-lo a deixar Ridwan comigo.

Ao ouvir aquelas palavras, a voz pacificadora de el-Hamzawi elevou-se de novo para dizer:

- O sayyed Ahmad é o mais avisado dos homens! Acaso não sabe que Yassin é já um homem feito? Que, como todos os homens, é livre de agir como bem lhe aprouver e de dispor dos seus bens? Tais factos não podem escapar ao sayyed. Ele tem meramente o dever de dar o seu conselho! Allah fará o resto.

Ahmad Abdel Gawwad passou o resto do dia afundado na meditação e na melancolia, repetindo para si mesmo:

"Numa palavra, o meu filho Yassin é uma decepção. E não há nada do que um filho que nos decepçiona. O seu destino, ai de mim!, é demais evidente. Não é forçoso ser-se um vidente para o conceber. Irá simplesmente de mal a pior, que Allah seja clemente!"

Gamil el-Hamzawi pediu-lhe que adiasse para o dia seguinte a conversa com Yassin e, mais por desespero do que pela sua capacidade de acatar semelhante conselho, aceitou a sugestão do seu empregado.

Na tarde do dia seguinte, mandou dizer ao filho que queria vê-lo.

Yassin, como um filho obediente e humilde, respondeu ao convite com diligência.

Na verdade, jamais rompera os laços com a família e a velha casa, apesar da intensa nostalgia que sentia, continuava a ser o único lugar onde não tivera coragem de regressar. Contudo, nunca se encontrava com o pai, com Khadiga ou Aisha sem enviar por eles uma saudação genuína à esposa do seu pai. É certo que o seu coração conservava bem viva a lembrança da cólera de Amina e trazia ainda estampadas as marcas daquilo que apelidava "a sua inflexibilidade para com ele", mas recusava outrossim esquecer por um instante que fosse, que para além dela, não conheceria outra mãe.

Continuava a visitar as irmãs e, por vezes, encontrava Kamal no café Ahmad Abduh e convidava-o até à sua casa, onde o jovem tinha conhecido antes Mariam e agora Zannouba. Quanto ao pai, ia ter com ele à loja pelo menos uma vez por semana.

Foi aí que Yassin pôde descobrir outro aspecto do temperamento do pai, com que este último conseguia fascinar aqueles que o frequentavam.

Entre ambos, nasceu destarte uma amizade profunda e uma afeição

sólida, alimentadas, por um lado, pelos laços de sangue e, por outro, pela alegria do filho ao descortinar o autêntico rosto do pai.

Mas, ao sondar com cuidado a face do pai, naquele dia, Yassin aí topou certos traços que lhe evocavam a máscara de outrora, aquela que tantas vezes o enchera de pavor.

Não parou para se interrogar sobre quais os motivos daquela transformação, porque estava persuadido de que, mais cedo ou mais tarde, iria saber o seu segredo. Não desconfiava sequer que tivesse chegado o momento de defrontar a tormenta de que estava à espera desde o dia em que se atirara no seu empreendimento.

- Muito me amargura ser alvo de tamanha indiferença - vociferou-lhe na cara o sayyed. - Por que obscura razão é necessário que eu seja informado sobre a vida do meu filho por outras pessoas?

Yassin baixou a cabeça sem proferir uma palavra. Aquela falsa ostentação de repesa confusão desencadeou a fúria do pai.

- Retira essa máscara! - bradou o sayyed. - Estou farto desse fingimento. E começa a falar. Sabes, certamente, ao que me refiro!

- Não tive coragem de o avisar - respondeu Yassin entre dentes.

- É desta maneira que nos comportamos quando queremos encobrir um erro ou um escândalo!

Orientado pelo instinto, Yassin absteve-se de qualquer forma de contestação e, com uma resignação dócil, replicou:

- Sim.

- Se realmente é esta a tua convicção - replicou confuso - então porque é que agiste dessa forma?

Mais uma vez, Yassin procurou asilo no silêncio.

O pai teve a sensação de que, com aquele mutismo, ele pretendia dizer:

"Sabia que era uma acção ignominiosa, mas abandonei-me à voz do amor!"

E isso lembrou-lhe o que pessoalmente lhe sucedera diante daquela mulher.

"Que vergonha! Tu, pelo menos, lavaste o teu aviltamento com um ímpeto de cólera exemplar! E mesmo isso não te impediu de andar a correr atrás dela! Quanto a este boi, não passa de um grande miserável!"

- Um escândalo a que te sujeitaste sem te preocupares com as

consequências, para que todos nós não tivéssemos de suportar o agravo!

- Todos vós? - gritou Yassin com um ar cândido. - Allah não queira...

- Não te faças de inocente - insurgiu-se o sayyed com um novo assomo de exasperação. - Sabes muito bem que, quando se trata de satisfazer os teus desejos, é-te completamente indiferente o que possa lesar o bom nome do teu pai, dos teus irmãos e das tuas irmãs! Trouxeste para casa uma tocadora de alaúde para que ela, num primeiro instante, e, mais tarde, a sua posteridade conspurquem o nosso nome! Não acredito que pudesses desconhecer todas estas coisas antes que eu tas lembrasse.

Mas não recuas diante de nada para saciar os teus instintos! A respeitabilidade da família nada vale nas tuas mãos! E tu próprio estás inexoravelmente a ruir aos bocados até que, dentro em breve, não sobeje de ti senão destroços imundos!

Yassin baixou a cabeça e fechou-se em si mesmo.

Tudo, nele, parecia admitir o erro e a capitulação.

- Ao que vejo, todo este escândalo custou-te tão-só um pouco de comédia, e basta. Quanto a mim, ver-me-ei amanhã com um neto que tem por mãe Zannouba e por tia Zubaida. Um parentesco, por assim dizer, um tanto invulgar entre o sayyed Ahmad, comerciante de renome, e Zubaida, a cantora que tem a reputação que nós sabemos. É como se estivéssemos a purgar pecados que nos são desconhecidos! Quando penso no teu futuro, fico com pele de galinha! Já te disse que te estás a despenhar e que, deste modo, irás de mal a pior. Diz-me, o que fizeste à loja em el-Hamzawi?

Yassin levantou para o pai um olhar derrotado e assarapantado. Vacilou um pouco e, em seguida, respondeu:

- Precisava urgentemente de dinheiro - depois baixou os olhos. - Numa situação diferente, teria recorrido a si, mas o caso era delicado.

- Raça de hipócrita! - exclamou o sayyed enraivecido. - Não tens vergonha? Aposto que nem por um minuto sequer viste alguma coisa de inconveniente e de execrável naquilo que fizeste! Conheço-te bem! E sei também de que forma pensas. Não tentes pois ludibriar-me. Só tenho uma coisa para te dizer, ainda que saiba de antemão que contigo é como se falasse para as paredes: estás a laborar para o teu próprio descalabro e aguarda-te um desfecho ruim...

Yassin refugiou-se mais uma vez no silêncio fingindo-se torturado.

"Boi asqueroso! Tudo bem, é uma mulher sedutora e hábil naquilo que faz. Mas porque o terá levado a desposá-la? Pensava que me tinha pedido que casasse com ela por causa da minha idade avançada. Mas enredou esta espécie de boi por mais jovem que seja!"

Diante desta constatação, sentiu algum lenitivo e consolo.

"Tinha já tudo planeado. Casar a todo o custo, era o que ela queria. Mas preferiu um outro que não eu. E tinha logo de ser este pateta a cair."

- Repudia-a!... Fá-lo antes que se torne mãe e nos cubra para sempre de desonra!

Yassin hesitou um pouco, depois, tartamudeou:

- Seria um crime da minha parte repudiá-la sem culpa!...

- Filho de um cão!... Ofereceste uma chalaça excepcional para desfrutarem durante o serão que me aguarda... Hás-de repudiá-la de qualquer modo, mais cedo ou mais tarde. Por isso, fá-lo antes que tenha uma criança, porque nesse dia, o teu problema será também o nosso...

Yassin soltou um suspiro profundo com o qual se escusou de responder. O pai pôs-se a olhar para ele com uma expressão desconcertada...

"Fahmi morreu, Kamal parece fraco ou demente e de Yassin nada há que esperar. O mais triste é que é ele o teu preferido. Confia em Allah. Onde estaríamos, agora, meu Deus, se eu tivesse cometido o desvario de desposá-la?"

- Por quanto é que vendeste a loja?

- Duzentos guines...

- Valia trezentos. Encontra-se num local excelente, imbecil. A quem vendeste?

- A Tulun, o adeleiro.

- Parabéns... Parabéns! E gastaste tudo na mobília nova?

- Não, sobraram-me cem guines.

- Fizeste bem - retorquiu o pai sarcástico. - Um recém-casado precisa sempre de ter dinheiro líquido.

Depois, com um tom grave e amargurado:

- Ouve o que te digo, Yassin. Sou o teu pai. Sê prudente e muda de vida. Também tu és pai. Não pensas no teu filho e no seu futuro?

- Ser-lhe-á dado tudo o que lhe é merecido, em cada mês, até ao último centavo! - replicou Yassin num impulso, como que a querer desculpar-se.

- E julgas que se trata de uma questão de dinheiro? É do seu futuro que te falo e dos outros filhos que poderão vir ao mundo!

- Allah cria e providencia - contrapôs Yassin com toda a serenidade.

- Sim, Allah cria e providencia - gritou o sayyed assanhado - mas tu, meu filho, tu... dilapidas! Diz-me...

Endireitou-se na sua cadeira e, fixando o jovem com um olhar intenso, voltou a dizer:

- Ridwan em breve terá sete anos. O que pretendes fazer com ele? Tens a intenção de tomá-lo contigo para que cresça entre os braços da tua esposa?

O semblante de Yassin inflamou-se de confusão e disse por seu turno:

- O que devo então fazer? Ainda não pensei no assunto.

O sayyed abanou a cabeça com uma angústia escarninha e respondeu:

- Que Allah te poupe as torturas da meditação! Tens algum tempo a desperdiçar para fazê-lo? Deixa-me reflectir no teu lugar. Deixa-me que te diga que Ridwan deve ficar sob a tutela do seu avô.

Yassin ficou pensativo por um instante, depois, baixou a cabeça em sinal de consentimento.

- Como quiser, meu pai! - respondeu-lhe num tom pacificador. - E no seu interesse, sem dúvida...

- Parece-me que também no teu - replicou o pai com sarcasmo - porque, assim, não terás de atarantar o teu espírito com questões tão insignificantes! Yassin limitou-se a sorrir, com ar de quem quer dizer: "Tenho a certeza de que está a brincar, e é melhor assim!"

- Pensei que me seria mais difícil convencer-te a renunciar a ele!

- Foi a confiança que tenho na sua opinião que me levou a dar de imediato o meu assentimento.

- Tens realmente confiança na minha opinião? - perguntou o sayyed com um desapontamento irónico. - Como é que nunca recorreste a ela para outras coisas?

Depois, com um sorriso velado de desprazer:

- Vamos! Já chega desta farsa. Que Allah guie os teus passos! Afinal,

são coisas que te dizem respeito. Falarei esta noite com Muhammad Iffat, pelo menos daquilo que toca à tutela da criança. Com a condição, porém, de que tu providencias a todas as suas necessidades! Julgo que Iassim ele aceitará...

Ao ouvir aquelas palavras, Yassin levantou-se, cumprimentou o pai e encaminhou-se para a saída. Mas mal dera dois passos quando a voz estrondosa do sayyed o alcançou, perguntando-lhe:

- Não amas o teu filho, como todo o pai?

Yassin parou e deu meia volta na sua direcção, e com um gesto de negação, respondeu-lhe:

- Será necessário prová-lo, pai? É o que de mais precioso tenho no mundo!

O sayyed arqueou as sobrancelhas e, meneando a cabeça com uma expressão enigmática, concluiu:

- Vai, e adeus!

[127] Grande lenço quadrado em seda que os homens costumam usar na cabeça.

[128] A 19 de Fevereiro de 1926, os três partidos coligados estreitam a união estabelecida a 25 de Outubro de 1925. A eles se juntam vários grupos constituídos, sindicatos, etc, que se reúnem em Congresso Nacional para exigir o retorno à Constituição de 1923.

[129] Alusão às reiteradas tentativas do rei Fuad no sentido de destabilizar o regime liberal.

CAPÍTULO 33

Uma hora antes de sair para a oração de sexta-feira, Ahmad Abdel Gawwad convocou Kamal ao seu quarto. Deveria tratar-se de algo sério se convocava um membro da sua família. O facto é que uma grande perturbação agitava o seu espírito no momento em que se preparava para fazer perguntas ao seu filho acerca do que tanto o atormentava.

Durante o serão, vários amigos tinham-lhe colocado debaixo dos olhos um artigo que saíra no semanário el-Balagh^[130], com a assinatura do jovem escritor Kamal Ahmad Abdel Gawwad. E, se bem que nenhum deles tivesse lido o artigo, salvo o título que dizia "A origem do homem" e a assinatura que correspondia ao nome do jovem escritor "Kamal Ahmad Abdel Gawwad", todos tinham achado aí pretexto para comentar, elogiar e brincar com o sayyed.

De tal forma que este tinha deveras pensado em incumbir o sheikh Metwalli Abdes Samad de arranjar um talismã para o jovem.

Muhammad Iffat tinha-lhe dito:

- O nome do teu filho escrito ao lado dos maiores escritores, na mesma revista. Alegra-te e pede a Allah que lhe reserve, como já fez com eles, um futuro brilhante.

E Ali Abder Rahim tinha acrescentado:

- Ouvi dizer por uma pessoa fidedigna que o saudoso el-Manfaluti conseguiu comprar um terreno unicamente com os rendimentos que se deviam à sua escrita. Espera, pois, o melhor.

Outros tinham-lhe falado da profissão de escritor, explicando-lhe como muitos deles tinham achado favor junto de governantes e líderes, citando como exemplo Shawqi^[131], Hafez^[132] e el-Manfaluti^[133].

Por sua vez, Ibrahim el-Far tinha-o espicaçado dizendo-lhe:

- Glória Àquele que conseguiu fazer sair um sábio das costelas de um ignorante!

O sayyed limitara-se a lançar um olhar apressado ao título do artigo depois, à assinatura "do jovem escritor", antes de pousar a revista sobre a gubba que tinha retirado devido ao calor sufocante de Julho e à febre do whisky, esperando, para lê-la, achar-se a sós no seu quarto

ou na loja, após o que prosseguira o serão com o coração animado e a alma exaltada por um sonho altivo. Tinha começado, pela primeira vez, a reconsiderar o sentimento de secreta amargura que sentia perante a escolha de Kamal pela escola superior de professores e dissera para si que "o rapaz", apesar da sua opção infeliz, tornar-se-ia provavelmente "alguém".

Começara, portanto, a sonhar sobre tudo o que lhe fora dito acerca do ofício da "escrita", do favor que a estes reservavam os grandes homens da quinta de el-Manfaluti.

Talvez não fosse professor para sempre... Sim, quem podia saber? Talvez se abrisse a via para uma existência que ele jamais poderia ter concebido para ele.

No dia seguinte de manhã, logo após a oração e o pequeno-almoço, instalara-se no sofá, abrira a revista com enorme curiosidade e começara ler o artigo em voz alta, para apreender cada cambiante. Mas nada percebera. Lia artigos de política e compreendia tudo sem a menor dificuldade, mas aquilo tinha feito a sua cabeça andar à roda, tinha-o alvoroçado. Reencetara a leitura com cuidado e dera-se conta de que era um ensaio dedicado a um cientista chamado Darwin, às suas investigações laboriosas referentes a duas ilhas longínquas, a comparações enfadonhas entre diferentes animais até que o seu olhar se imobilizara aturdido sobre uma estranha declaração com a qual se afirmava que o homem derivava de um animal e, pior, que ele evoluíra gradualmente a partir de uma espécie de macaco!

Voltara a reler, abalado, aquele trecho desconcertante e ficara sem folego diante da verdade sombria que uma criatura do seu sangue podia, da maneira mais categórica, afirmar que o homem descende do animal!

Fora dominado por uma aguda desilusão e perguntara-se desnorteado se estas seriam as coisas perniciosas que se ensinavam às crianças nas escolas públicas.

Fora por essa razão que mandara chamar Kamal...

Kamal não se fez aguardar, muito longe de imaginar aquilo que se passava na cabeça do seu pai.

Tinha-o chamado alguns dias antes, para o congratular pela sua passagem para o terceiro ano e, por isso, tirou bons presságios daquela nova convocação.

Chegou pálido e emagrecido, como tinha por hábito apresentar algum tempo a esta parte, o que na família era atribuído ao esforço intenso por ele levado a cabo ao se avizinharem os exames, desconhecendo por completo que aquele estiolamento era da dor e do sofrimento que tivera de suportar naqueles cinco últimos anos, prisioneiro de um sentimento despótico e infernal que estava prestes a aniquilá-lo.

O sayyed fez-lhe sinal para se sentar e Kamal acomodou-se na extremidade do sofá, cortesmente voltado para o pai.

Nesse interim, reparou na sua mãe sentada na frente do armário, entretida a arrumar e remendar as roupas.

O sayyed lançou o semanário el-Balagh sobre o espaço vazio do sofá e o separava do filho e perguntou, ostentando serenidade:

- Há um artigo teu nesta revista, não é?

O olhar de Kamal foi atraído pela capa da revista; olhou para ela com assombro onde transparecia uma certa surpresa.

Desde quando o seu pai revelava tamanho interesse pelas revistas literárias?

Acontecera-lhe publicar, no jornal es-Sabah^[134], "meditações" em prosa e verso livre que continham considerações filosóficas rudimentares e anotações sentimentais, mas nunca tinham caído debaixo do olhar do pai. Ninguém na família tinha disso conhecimento, além de Yassin, ao qual queria lê-los e que o escutava com atenção e desabafava:

- Eis o resultado dos meus primeiros ensinamentos! Fui eu quem te incutiu o gosto pela poesia e pelos contos! Muito bem, professor! Mas esta é uma filosofia muito profunda. Aonde a foste buscar?

Outras vezes, dizia-lhe ainda num tom sardónico:

- Pergunto-me quem poderá ser a mulher bonita que te pôde inspirar tão suave queixume! Um dia, meu caro professor, aprenderás que, com mulheres bonitas, apenas servem as chineladas.

Mas eis que hoje era o seu pai em pessoa que tinha sob os olhos o mais arrojado dos seus escritos, aquele artigo sobre o qual tanto meditara e que desencadeara uma luta terrível no seu coração e na sua razão, durante a qual correria o risco de viver o seu derradeiro tormento. Como pudera verificar-se aquele incidente desagradável? Poderia encontrar outra explicação a não ser da parte dos amigos

wafdistas do pai, que estavam sempre à cata de jornais e revistas que respeitavam as suas tendências? Poderia de forma razoável esperar sair incólume do beco em que se achava? Despegou o olhar da revista, tentou jugular a sua própria perturbação sem, no entanto, o conseguir e respondeu:

- É exacto. Tive a ideia de tratar uma tal questão para fortalecer os meus conhecimentos e para me instigar a prosseguir os estudos.

- Se é para isto, foi uma excelente ideia - replicou o sayyed Ahmad conservando sempre a calma que se impusera. - Escrever em jornais foi desde sempre um meio para gozar o prestígio e o favor dos grandes homens! Mas o principal é o assunto de que o escritor trata! O que pretendeste dizer com este artigo? Toma, lê-mo e explica-mo porque não consigo perceber aonde queres chegar... Desgraçado de mim! Este artigo, na verdade, não foi feito para ser lido em voz alta. Muito menos, para os ouvidos do meu pai!"

- É um artigo extenso, pai. Não o leu já? Tento explicar uma teoria científica...

O nosso homem lançou ao filho um olhar terrível comparável ao de um animal prestes a saltar sobre a sua presa. "É isto que hoje apelidam de ciência? Queira então Allah atirar para o diabo as ciências mais os cientistas!"

- E o que dizes acerca desta teoria? Aí achei, na verdade, asserções um tanto excêntricas, como quando se afirma que o homem descende de animais ou algo parecido. É assim?

Algum tempo atrás, Kamal travara um combate implacável contra si mesmo, contra a sua fé e o seu Deus. Dele, saíra com a alma e o corpo esvaziados de todas as certezas. Era hoje chamado a levar a cabo de novo um combate, mas contra o seu pai. Todavia, se tinha disputado a primeira parte dominado pelo suplício e delirante de febre, enfrentava a segunda parte com os tremores do medo. Allah pode talvez protelar o seu castigo, mas o seu pai era do género de punir de imediato...

- É o que sustenta esta teoria!

- E acerca de Adão - perguntou o sayyed alteando a voz e com inquietação -, o pai da raça humana, que Allah criou a partir do barro e no qual insuflou algum do seu espírito... o que diz esta teoria?

Kamal tinha já tantas vezes colocado a si mesmo esta pergunta, não menos inquieto do que o pai. Naquela noite, não pregara olho, às

voltas na sua cama, interrogando-se acerca de Adão, o Criador e o Alcorão.

Dissera para si e repetira uma e dez vezes: "Ou o Alcorão é verídico em tudo aquilo que afirma ou deixa de ser o Alcorão! Ataca-me, meu pai, porque não sabe aquilo que padeci! Se o sofrimento não se me tivesse tornado familiar, a morte, naquela noite, ter-me-ia desferido um golpe certo!"

- Darwin, o autor desta teoria - respondeu Kamal com um fio de voz - não fala de sayyedn^[135] Adão...

- O teu Darwin é um herege! - contraveio o sayyed com um brado de cólera. - Caiu na teia do demónio! Se o homem descende do macaco ou de outro animal, isso quer dizer que Adão nunca foi o pai da espécie humana. E é pura e simplesmente heresia! Uma despuddorada desfaçatez em relação a Allah e à Sua Grandeza. Conheço os coptas e os judeus da Rua de es-Sagha, e todos eles acreditam em Adão! Todas as religiões acreditam Adão. A que seita pertence pois este Darwin?! É um herege e aquilo que declara é uma blasfémia! Referir as suas palavras é sinal de ignorância! Diz-me, acaso trata-se de algum professor teu?

Nada poderia ser mais indicado para fazer rir Kamal caso tivesse disposição para tal. Mas demasiadas mágoas o oprimiam: a mágoa do amor defraudado, a mágoa da dúvida, a mágoa da sua fé moribunda.

A terrível hesitação entre a fé e a ciência consumia-o. Mas como poderia um homem racional renegar a ciência?

- Darwin é um cientista inglês que morreu há muito - respondeu ele com uma voz abafada.

Ao ouvir aquelas palavras, Amina deixou escapar com uma voz trémula:

- Que Allah amaldiçoe todos os ingleses!

Lançaram uma breve olhadela na direcção de Amina e notaram que tinha posto de lado roupas e agulhas e que seguia a conversa destes. Mas despegaram bruscamente os olhos dela e o pai recomeçou a dizer:

- E diz-me lá, foi na escola que estudaste estas teorias? Kamal agarrou-se àquela corda de salvação que inopinada se lhe oferecia e respondeu, recorrendo a uma mentira:

- Sim...

- Estranho! E também tu irás ensinar esta teoria aos teus alunos,

mais o ou mais tarde?

- De forma alguma! Ensinarei questões literárias que não têm qualquer relação com as teorias científicas!...

O sayyed bateu uma mão contra a outra. Naquele momento, teria desejado ter sobre a ciência pelo menos uma onça do poder que tinha sobre a sua família!

- Porque então vos foi ensinada? - vociferou exasperado. - Para inocular a heresia nos vossos corações?

- Deus não queira que alguém possa atentar contra a nossa fé... - replicou Kamal num tom de protesto.

O sayyed observou o filho com um olhar desconfiado.

- Sim, mas tu disseminaste a blasfémia com o teu artigo!

- Allah me perdoe! - replicou Kamal com apreensão. - Apenas pretendia explicar esta teoria para que o leitor a compreenda, não para que nela acredite! Que jamais opiniões e falsidades possam dominar o coração de crente!

- Não encontre nada mais sobre que escrever senão esta teoria criminosa?

Por que motivo escrevera aquele artigo? Tinha hesitado muito antes de a enviar para a revista. Mas era como se tivesse desejado anunciar publicamente a morte da sua fé. No decorrer dos últimos dois anos, esta mantivera-se forte diante das tempestades de incertezas que nele se tinham desencadeado a partir de el-Maari e el-Khayyam^[136], mas, mais tarde, achara-se como que esmagada sob o punho de ferro da ciência. Fora um golpe fatídico! É exacto que ia repetindo para si: "Não sou um herege, continuo a acreditar em Allah." Mas e a religião? Onde estava a religião? Sumira-se! Tal tomo se sumira a cabeça de el-Hussein, bem como Aida e a confiança que depositava em si mesmo!

- Pode ser que tenha errado - disse ele com uma voz triste. - A desculpa que poderei ter é que estava a estudar aquela teoria...

- Isto não é uma desculpa. Deves emendar o erro cometido!

Que homem extraordinário! Tinha a pretensão de levá-lo a atacar a ciência para defender uma lenda ultrapassada. É certo que já tinha sofrido imenso, mas nunca teria aceite reabrir o seu coração às lendas e às superstições de que o tinha purificado para sempre.

"Estou farto de sofrimentos e de bajulações. Não mais serei a vítima de ilusões e quimeras. A luz, é a luz que quero! O nosso pai Adão? Não

tenho pai. Que o meu pai seja um macaco, se é o que a verdade demanda! Este animal é preferível a muitos seres humanos! Se tivesse realmente pertencido à estirpe dos profetas, Aida não me teria assim supliciado com atroz ironia!"

- E como posso emendar o meu erro?

- Possuis uma verdade de que ninguém pode duvidar - disse o sayyed ao mesmo tempo com simplicidade e frieza. - Ela atesta que Allah criou Adão do pó e que Adão é o pai do género humano! É bastante fácil para ti, senão para que te serviria a tua cultura?

Ao ouvir aquelas palavras, Amina interveio e disse:

- Nada é mais fácil do que demonstrar o erro de quem se opõe às palavras do Misericordioso. Diz àquele herege inglês: no seu precioso Livro, assim se exprime Allah: "Adão é o pai do género humano." O teu avô era um daqueles homens que conhecem de cor o Livro de Allah e tu tens a obrigação de seguir a sua via. Há uns tempos atrás, alegrava-me ante o pensamento de tu desejares tornar-te, como ele, um sábio nas ciências religiosas.

O rosto do sayyed teve uma contracção de enfado e repreendeu a mulher dizendo:

- O que sabes tu do Livro de Allah e da ciência? Deixa de lado o seu avô e olha antes para o que está na tua frente...

- Queria, meu senhor - respondeu ela com timidez - que fosse como o seu avô, um daqueles homens sábios nas ciências religiosas que difundem no mundo a luz de Allah...

- Claro! Mas ele começou a difundir as trevas! - gritou enfurecido o nosso homem.

- Allah o salve, meu senhor - arriscou-se a dizer Amina com preocupação. - Mas talvez não o tenha percebido bem...

O sayyed olhou para ela com severidade. Tinha afrouxado a rédea na sua maneira de tratá-la e que resultados tinha obtido? Kamal propagava a ideia de que o homem procede do macaco e a sua mulher tinha mesmo ousado contradizê-lo, com a insinuação de que ele não percebera o seu filho!

- Deixa-me falar! - gritou-lhe. - E pára de me interromper! Não te intrometas em assuntos que não compreendes. Cuida do teu trabalho. Que Allah te amaldiçoe!

Depois, voltando-se para Kamal com um semblante entristecido:

- Do que estás pois à espera? Farás ou não aquilo que te disse?

"Tens em casa um carcereiro que jamais os homens livres conheceram igual nos outros países. Mas, conquanto o temas, também o amas. E jamais o teu coração se decidirá a fazer-lhe uma afronta. Habitua-te a sofrer, porque escolheste uma vida de luta..."

- Como posso responder a uma semelhante teoria? Se a minha discussão se devesse limitar a citar o Alcorão, não obteria grandes resultados. Todos sabem o que eu sei e nele acreditam! Quanto a discuti-la de um ponto de vista científico, é antes uma tarefa dos cientistas especializados na questão, não minha.

- Então porque escreves sobre um assunto que extrapola a tua competência?

"A observação era em si mesma válida. Que pecado, no entanto, que não achasse a coragem de confessar ao pai que ele acreditava naquela teoria enquanto verdade científica e que, por conseguinte, se podia basear nesta para formular uma filosofia global da existência para além do âmbito restrito da ciência!"

Kamal não respondeu à sua última pergunta e o sayyed pensou que o seu silêncio fosse um reconhecimento do erro cometido. Mas aquilo entristeceu-o e exasperou-o ainda mais.

Afastar-se da verdade num campo como aquele era de uma gravidade extrema e carregado de consequências. Ademais, era um campo sobre o qual ele não tinha a mínima autoridade. Indubitavelmente, achava-se perante um jovem tresmalhado, totalmente impotente como já uma vez diante de Yassin, que se subtraíra à sua autoridade. Estaria a suceder-lhe também a ele aquilo que estava a suceder aos pais daquela época estranha? As notícias que chegavam até ele acerca dos jovens de "hoje" pareciam quase coisa de fábula: havia os alunos que se habituavam a fumar, outros que zombavam da dignidade dos seus professores, outros ainda que se revoltavam contra os pais. É certo que o seu prestígio se mantivera incólume, mas... que balanço fazia daquela longa existência feita de rigidez e firmeza?

Por um lado, havia Yassin, que se abeirava cada vez mais do abismo e arriscava autodestruir-se; por outro lado, havia Kamal, que discutia, contestava e tentava escapar-lhe de novo...

- Ouve-me com atenção. Não quero ser mau contigo... És um rapaz

educado e obediente. Quanto ao objecto da discussão, só te posso dar um conselho meu e te recordar que jamais alguém desdenhou os meus conselhos de forma impune!

Depois, após uma breve interrupção:

- Basta-te perguntá-lo a Yassin. Ele poderá testemunhar. Também ao nosso querido Fahmi eu tinha recomendado, na época, que se não expusesse à morte... Se tivesse vivido, hoje seria um homem prudente!

Ao ouvir aquelas palavras, Amina disse com uma voz semelhante a um lamento:

- Os Ingleses mataram-no. Ou matam ou se tornam hereges!

Mas o sayyed voltou ao seu discurso dizendo:

- Se nos teus estudos te deparares com coisas incompatíveis com a religião, mas que tens de estudar para passar nos exames, não acredites nelas!

E tenta, para começar, não as publicar nos jornais. Caso contrário... terás de prestar contas. Diante da ciência deves manter a mesma atitude que assumimos em relação à ocupação inglesa: contestar a sua legitimidade mesmo quando nos é imposta à força!

A voz afável e viva de Amina intrometeu-se uma vez mais dizendo:

- E dedica a tua vida a desmascarar as mentiras desta ciência e a espalhar a luz de Allah!

- Aquilo que eu disse é mais do que suficiente - gritou-lhe o sayyed. - Não precisamos das tuas opiniões!

Amina voltou para o seu labor. O sayyed continuou a olhar para ela, um ar intimidador. Depois seguro, de que não mais teria ousado intrometer-se, virou-se para Kamal e disse-lhe:

- Compreendeste?

- Não tenha dúvidas, meu pai - respondeu com um tom convincente. Se doravante quisesse escrever, bastar-lhe-ia voltar-se para a revista "O Semanário Político^[137], que nunca cairia nas mãos do pai, conhecido wafdista.

Quanto à sua mãe, bem podia prometer-lhe dedicar a sua vida a difundir a luz de Allah. Pois, afinal, não seria Ele a luz da verdade? Certamente!

Libertado da religião, estaria mais próximo de Allah do que se estivesse subjugado por esta.

"A verdadeira religião é a ciência que é a chave dos mistérios e da

grandiosidade do universo. Se os profetas pudessem ressuscitar hoje, escolheriam esta como a sua mensagem!"

Era assim que despertava do sonho da fábula para arrostar a verdade nua e crua, deixando nas suas costas aquela tempestade - durante a qual tinha tentado combater contra a ignorância até à última gota de sangue - que passara por entre um passado de trevas e um futuro de luz. Era lá que se abriam os caminhos que conduziam a Allah, os trilhos da ciência, do bem e do belo. E graças a estes despedir-se-ia de um passado de falaciosos, de falsas esperanças e de sofrimentos intensos...

[130] Órgão do partido Wafd de Saad Zaghlul.

[131] Trata-se de Ahmad Shawqi (1868-1932), conhecido por Príncipe dos Poetas.

[132] Hafez Ibrahim (falecido em 1932), um dos maiores poetas e escritores do Egito, cuja arte poética se caracterizava pela introdução de temas modernos na poesia e por um peculiar interesse pelas questões sociais. Traduziu para árabe *Les Misérables* de Victor Hugo.

[133] Mustafa Lutfi el-Manfaluti (1876-1924), romancista, novelista e ensaísta, é um dos maio-Hestilistas do renascimento árabe.

[134] Pequeno jornal político e literário secundário em relação aos grandes jornais diários.

[135] Literalmente, " O nosso senhor".

[136] Abu Al-Ala el-Maari, poeta cego sírio (falecido em 1058) e Ornar el-Khayyam, sábio e poeta persa (falecido em 1132) que em comum têm uma filosofia pessimista da existência, lesclada de irreligiosidade.

[137] Semanário dos liberais constitucionalistas dirigido por Hussein Haikal.

CAPÍTULO 34

Logo que chegou perto do palácio dos Shaddad, começou a observar com cuidado e atenção tudo aquilo em que incidiam os seus olhos e, no momento de transpor a soleira, tornou-se ainda mais circunspecto ao examinar as coisas em seu redor. Ainda lhe era difícil convencer-se de que aquela sua visita assinará o desfecho da sua história com aquela casa, com aqueles que nela habitavam e com as lembranças que lhes estavam associadas.

Como poderia assim não ser logo que Hussein conseguira arrancar ao pai a permissão de partir para a França?

Com os olhos esbugalhados e com todo o seu ser, Kamal contemplou a via lateral que conduzia ao jardim, depois, a janela que dava para aquele, onde a sombra de Aida, elegante e pura, o envolvia num olhar doce e vazio, semelhante ao das estrelas, com um sorriso terno que não lhe era destinado, como o canto do rouxinol que se embevece com a sua graciosidade sem se preocupar com quem o escuta.

Depois, atraiu o seu olhar o jardim que se estendia desde a parte traseira do palácio até ao muro espesso que dominava o deserto, com os esteios cobertos de jasmim, os tufos das palmeiras, os roseirais e, por último, o velho pavilhão, à sombra do qual ele experimentara a doçura inebriante do amor e da amizade.

Foi então que lhe atravessou a mente o provérbio inglês que diz: "Não coloques todos os ovos no mesmo cesto."

Sorriu lamentavelmente porque, embora há muito o conhecesse, não soubera retirar a devida lição, logo ele que, quer por distração quer por estupidez, ou fatalidade, tinha, tanto no amor como na amizade, posto todo o seu coração naquela casa.

Já tinha perdido o amor, mas o amigo ainda continuava lá e fazia as malas, preparando-se a partir!...

"No dia seguinte, achar-se-ia sem amor e sem amigo! De que modo poderia consolar-se com a perda daqueles locais: o palácio, o jardim, o deserto, tomados juntos ou um a um, agora que se tinham gravado no seu coração, como se tinham imprimido na sua memória e aí permaneciam os nomes de Hussein e de Aida que agora lhe eram familiares e queriam ser recordados? Como poderia, ele que um dia,

por causa da sua paixão ardente por aquela casa, se acusara de idolatria de livre vontade ser separado ou contentar-se com a sua visão ao longe qual um transeunte qualquer?"

Hussein Shaddad e Ismael Latif estavam sentados em duas cadeiras frente a frente, à volta da mesa redonda na qual estava pousada a habitua garrafa de água no meio de três copos. Ambos vestiam, como costumavam no Verão, uma camisa de colarinho aberto e calças de flanela branca.

Viram-no chegar, oferecendo cada um a imagem do contraste de fisionomia: Hussein com o seu belo rosto claro, Ismael com a sua face angulosa onde brilhava um olhar mordaz.

Kamal dirigiu-se de imediato para eles, vestido com o seu fato branco, e segurando na mão o fez cuja borla oscilava daqui para ali.

Estreitaram as mãos, depois, sentou-se virando as costas àquela casa que primeiro lhe tinha voltado as costas! Ismael, sem grande delonga, virou-se para Kamal e, com um pequeno riso cheio de alusões, disse-lhe:

- A partir de hoje, teremos de encontrar um novo sítio onde nos encontrarmos...

Kamal limitou-se a sorrir. Quão feliz era Ismael com a sua ironia impermeável à dor! Só lhe restavam este e Fuad el-Hamzawi como únicos companheiros! Dois amigos que lhe teriam acalentado o coração sem, todavia, a este se unirem mas que ele fazia por encontrar para fugir à solidão! Porque aquele era o seu destino e tinha de aceitá-lo!

- Ver-nos-emos nos cafés ou nas ruas visto que Hussein decidiu abandonar-nos...

Hussein franziu o sobrolho em sinal de desagrado, o desagrado de quem alcançou um sonho que lhe era caro e que, por educação, se entristece com uma separação que, de facto, não o comove.

- Preparo-me para sair do Egipto com o coração aflito porque vos deixo - disse-lhes. - A amizade é um sentimento sagrado, que eu respeito do fundo do meu coração. O amigo é um alter-ego que reflecte a nossa imagem, eco dos nossos sentimentos e dos nossos pensamentos. Pouco importa se discordarmos em muitas coisas desde que permaneçamos de acordo na essência. Jamais olvidarei a nossa amizade. As cartas que trocaremos manter-nos-ão unidos até que

voltemos a nos encontrar de novo...

"Que belas palavras! Um grande conforto para o meu coração ferido e desamparado! Como se não lhe bastasse todo o mal infligido pela tua irmã. Assim, deixa-me sozinho, sem um verdadeiro amigo. Amanhã aquele de nós dois que ficar há-de languescer até morrer devido a esta tocante comunhão de almas!"

- Quando nos voltaremos a ver? - perguntou Kamal com um aperto do coração. - Sabes bem que não esqueci a tua grande ambição de ser um eterno viajante. Quem me garante que não partes para sempre?

- É verdade - concordou Ismael. - Algo me diz que o pássaro não tornará mais ao ninho!

Hussein entregou-se a uma gargalhada momentânea que deixou luzir a sua felicidade. Depois, disse:

- Consegui obter o consentimento do meu pai depois de lhe ter prometido que prosseguiria os meus estudos de Direito. Não sei, por outro lado, até que ponto poderei manter a minha promessa. Entre mim e o Direito, não há simpatia... Tenho também a impressão de que não poderei suportar frequentar as aulas normais. Quero fazer aquilo que me apetece: assistir a conferências sobre a história da arte, a poesia, o romance... visitar os museus, as salas de concerto, namoriscar... em suma, entregar-me à louca alegria. Que faculdade me poderia oferecer tudo isto ao mesmo tempo? E, aliás, como já vos disse, prefiro a escuta passiva ao estudo e à leitura. Quero deixar aos demais o cuidado de me explicarem o mundo! Durante a minha estadia lá, escutarei para depois me lançar, com os sentidos e a consciência iluminados, à conquista dos bastiões, dos rios, dos bares, dos cafés e das salas de baile, enviando-vos, uns atrás dos outros, os meus relatos atinentes a cada uma destas experiências únicas!

"Parece que está a descrever o paraíso que eu bani da minha fé! Mas é um paraíso negativo, que tira sem nada dar em troca. Eu tenho outros ideais. Ele, todavia, não está, de facto, pronto para ter saudades do seu primeiro berço por causa desta vida de sonho que o acolhe no seu seio mórbido".

Quase que fazendo eco dos seus pensamentos, Ismael respondeu:

- Não, tu não voltarás nunca mais para junto de nós. Adeus, Hussein! No entanto, partilhamos mais ou menos o mesmo ideal. Tirando a história da arte, os museus, a música, a poesia, a conquista

dos bastiões... e tudo o resto, somos todos uma mesma pessoa! Digo-to pela última vez, não voltarás nunca mais para junto de nós...

Kamal fitou-o com ar interrogativo, como que a solicitar uma resposta ao que fora dito por Ismael, e ele respondeu:

- Mas o que estás tu a dizer! Voltarei amiúde. O Egipto estará no centro de viagens incessantes, para rever a família e os amigos.

Depois, dirigindo-se a Kamal:

- Aguardarei a tua vinda à Europa com uma impaciência que já agora me parece estar a sentir!

Quem sabe, talvez a mentira se tornasse um dia realidade e um dia sulcasse horizontes longínquos! Havia algo, no entanto, que lhe dizia que Hussein um dia regressaria e que a profunda amizade que era a deles não se dispersaria ao vento.

O seu coração, que nunca o enganara, acreditava nisso da mesma maneira que acreditava que as raízes do amor, ai infelicidade!, não podem ser erradicadas do coração!

- Viaja e faz aquilo que te agrada - disse com um tom de esperança - e, no final, regressa ao Egipto para aí fundar o teu lar donde poderás, claro está, sair sempre que tiveres o desejo de visitar algum país!

- Se tu fosses realmente uma pessoa de bem - interveio Ismael sustentando também ele aquele ponto de vista -, deverias acatar de bom grado uma solução como esta, que concilia, aliás, os teus e os nossos desejos!

Hussein baixou a cabeça e, com um ar convencido, replicou:

- Julgo que, ao fim e ao cabo, será esta a solução que adoptarei.

Kamal escutava-o e enchia os olhos com o seu olhar. Agradava-lhe sobretudo contemplar aqueles olhos tão parecidos com os de Aida tal como era fascinado pelos seus gestos que uniam a graça majestosa à bonomia da sua alma transparente de tal forma que parecia materializar-se diante dele em algo de visível e palpável. Se aquele ser amado devesse eclipsar-se, o que ficaria da doçura da amizade e das recordações do amor? Aquela amizade que, graças a ele, tinha aprendido a saborear qual comunhão de almas, uma felicidade soberana, e aquele amor que lhe linha dado, através da irmã, uma alegria celeste e um sofrimento infernal? Hussein voltou a falar, indicando ora um ora o outro:

- No meu regresso, tu serás contabilista no Ministério das Finanças

e tu professor! E não é de excluir que já estarão bem casados! É incrível, não lhes parece?

- Consegues realmente imaginar-nos nas roupagens de funcionários? - desatou a rir Ismael. - Imagina Kamal na pele de professor!

Depois, dirigindo a palavra a Kamal:

- Deverias engordar um pouco antes de te apresentares aos teus alunos. Estás prestes a encontrar-te diante de uma geração de pequenos diabos ao pé dos quais pareceremos anjinhos! E, além disso, ver-te-ás forçado, impertinente wafdist, a castigar, em virtude da tua função, aqueles que fizerem greve para acatar as directivas do próprio Wafd.

A observação de Ismael distraiu-o dos seus pensamentos. Perguntou-se, por isso, como faria para enfrentar os alunos com aquela cabeça e aquele nariz que carregava sempre consigo.

Experimentou uma sensação de despeito e de amargura e teve a impressão, embora se perguntasse se lhe seria possível ser tão severo com outros como era consigo mesmo, que, à maneira dos professores um pouco bizarros que tinha conhecido no decorrer da sua vida escolar, se comportaria com os seus alunos com punho de ferro para melhor proteger a sua pessoa ameaçada!

- Não penso que continuarei a ser professor durante toda a vida - replicou inopinadamente.

Nos olhos de Hussein, acendeu-se um olhar sonhador:

- Suponho que passarás do ensino para o jornalismo, não é?

Surpreendeu-se a pensar no seu futuro. Voltou-lhe ao pensamento aquele livro universal que tinha tantas vezes sonhado escrever. Mas o que restava do tema inicial? Os profetas já não eram profetas! Já não havia paraíso! Nem inferno! A ciência do homem não se reduzia a nada mais que um ramo da ciência animal! Acontecia-lhe procurar outras coisas...

- Agradar-me-ia tanto - respondeu com a mesma veia de improviso - poder um dia criar uma revista para a difusão do pensamento moderno!

- Não, é a política que hoje se vende melhor! - contraveio Ismael Latif com o ar de quem faz uma prédica e dispensa conselhos. - Ninguém te impedirá, se o quiseres, de reservar uma rubrica ao

pensamento na última página! Neste país, há sempre um lugar para um jovem escritor wafdistas que saiba fustigar...

Hussein deixou escapar uma sonora gargalhada.

- O nosso amigo não tem ar de ser um político positivamente empenhado. A sua família já pagou um preço alto! Quanto ao pensamento, tem diante de si um campo muito vasto... - depois, voltou-se para Kamal:

- Tens muitas coisas para dizer. A tua revolta ateia foi um abalo cósmico que me apanhou de surpresa!...

"Como o deixara feliz aquela nova expressão na qual ele via uma homenagem à sua revolta e uma carícia ao seu orgulho!"

- O que há de mais belo para o homem - disse a corar - do que dedicar a sua vida à verdade, ao bem e ao belo?

Ismael saudou cada um daqueles três valores com um assobio e replicou zombeteiro:

- Escutem e tomem nota!

- Hussein, pelo contrário, respondeu-lhe com um ar sério:

- Estou contigo! Só me satisfaço com o saber e o bem-estar!

- A parada é muito mais do que isso - contraveio Kamal com fé e entusiasmo. - Trata-se de uma luta pela verdade que tem por alvo o bem de toda a humanidade! Sem isso, a vida não teria nenhum sentido para mim...

Ismael bateu uma mão contra a outra. Vendo-o agir deste modo, Kamal pensou no seu pai.

- Nesse caso - exclamou Ismael -, é melhor não ter nenhum! Quanta canseira e quantas penas tiveste de suportar antes de te libertares da religião! Não me cansei como tu que pelo contrário fizeste. Preciso de dizer que a religião nunca foi o centro das minhas preocupações! Tomar-me-ias por um filósofo conhecido? Contento-me com o viver uma vida que não precisa de definições. Aquilo que eu busco naturalmente tu o alcanças ao preço de uma luta amarga. Que Allah me perdoe, é verdade, ainda não o alcançaste, porque continuas a acreditar, ainda que depois de teres professado o ateísmo - na verdade, no bem e no belo, ao ponto de queres consagrar a estes a tua vida! Mas não é isto aquilo que prega a religião? Como podes renegar o essencial para acreditares no acessório?

"Não leves a mal, o teu amigo está a brincar. Mas podem os valores

nos quais acredita parecer tão facilmente irrisórios? Admitamos que pudesses escolher entre Aida e uma vida dedicada aos ideais: qual dos dois escolherias?... Mas Aida ficará para mim sempre acima de qualquer ideal..."

Foi Hussein quem respondeu no lugar de Kamal, porque este continuava mudo.

- O crente trai pela fé o seu amor àqueles valores, enquanto o livre-pensador os ama por si mesmos.

"O meu Deus, quando te verei outra vez, meu querido Hussein?"

Ismael soltou uma gargalhada na qual transpareceu a sua vontade de transferir o discurso para outra vertente e perguntou a Kamal:

- Diz-me, ainda continuas a rezar? Tens intenção de jejuar durante o próximo Ramadão?

"Implora a Allah por ela, esta era a felicidade que eu experimentava na oração, e as noites deste palácio eram o que de mais feliz havia no Ramadão..."

- Não, já não rezo, e não observarei o jejum!

- E irás contar à tua volta que deixaste de jejuar?

- É claro que não! - respondeu a rir.

- Por isso, preferes ser hipócrita.

- Não - rebateu Kamal amargurado -, mas nada me força a dar um desgosto aos que amo.

- E tu achas - prosseguiu Ismael sarcástico - que com um tal coração poderás algum dia enfrentar a sociedade com o que ela não gosta?

"Kalila e Dimnah!^[138]" A alegria daquela inspiração pareceu dissipar a sua amargura. "Meu Deus, ter-lhe-ia vindo com a intenção do livro que ainda não tomara forma na sua mente?"

- Dirigir-se aos leitores é uma coisa, dirigir-se às pessoas simples como os meus pais é outra!

Ismael virou-se para Hussein e exclamou:

- Tens diante de ti um filósofo com as raízes fixas na ignorância!

"Será sempre fácil achar amigos para te divertires e te distraíres. Mas não encontrarás nenhum disposto a dialogar com a tua alma! Limita-te, por isso, a calar ou, se quiseres, a ficar completamente sozinho, como os loucos!"

O silêncio reinou por alguns instantes.

O jardim também estava silencioso. Nem um fio de vento... Somente

as rosas, os cravos e as violetas pareciam contentes com o calor.

O sol tinha-se retirado, lançando um último raio sobre o cimo do muro, a leste...

Ismael voltou-se para Hussein e, quebrando o silêncio, perguntou-lhe:

- Achas que terás oportunidade de fazer uma visita a Hassan Salim e à senhora Aida?

"Meu Deus! É o meu coração que bate ou há algum dilúvio debaixo do meu peito?"

- Assim que me tiver instalado em Paris, deverei inevitavelmente pensar em fazer uma pequena visita aos arredores de Bruxelas...

Depois, com um sorriso:

- A este propósito, recebemos uma carta de Aida na semana passada. Parece que já começou a ter os primeiros desejos!...

"A dor e a vida estarão assim feitas uma para a outra? Neste momento, não passo de uma dor vestida de ser humano. Aida com o ventre arredondado? Também ela sujeita à expulsão? É um drama ou uma comédia da vida? Não! A única alegria da Vida é a morte! Ah, se eu pudesse conhecer a essência desta dor que me dilacera...!"

- Os seus filhos serão estrangeiros! - respondeu Ismael Latif.

- Ficou acordado que os mandarão para o Egipto assim que deixarem de ser crianças.

"Pensas que também eles, um dia, se sentarão no meio dos teus alunos? Perguntar-te-ás onde é que já viste aqueles olhos e o teu coração, palpitando, responder-te-á que sempre estiveram dentro de ti. E, caso o pequeno se ria da tua cabeça e do teu nariz, terás coragem de o castigar? O esquecimento, será que tu também não passas de uma quimera?..."

- Alongou-se muito a falar da sua nova existência - continuou Hussein. - Assim, escondeu tão pouco a felicidade que sente que as raras palavras de nostalgia para a família tinham mais ar de fórmulas de cortesia!

"Coisa perfeitamente normal! É para uma tal vida nos países de sonho que ela foi criada. Que tenha, pois, descido até aqui para se ligar à raça dos humanos foi uma ironia do destino que quis brincar com muitas coisas que tu consideras sagradas. Achas que não terá tido sequer uma só palavra para os velhos amigos na sua carta? Mas quem

te diz que ainda se lembre?"

O silêncio reinou de novo. O crepúsculo baixava um manto de sombra tranquila. Um milhafre voava no horizonte. Ao longe, ladrrou um cão...

Ismael agarrou a garrafa para despejar para si um copo. Hussein pôs-se a assobiar. Kamal observava-o pelo canto do olho, com um olhar tranquilo mas com o coração em pedaços.

- Este ano, faz um calor insuportável! - vociferou Ismael, enxugando os lábios com um lenço de seda bordado; depois, soltou um arroteo e voltou a pôr o lenço no bolso das calças.

"E a separação das pessoas queridas, não achas que ainda é mais insuportável?"

- Quando partirás para o mar?

- No final de Junho - respondeu Ismael com ar satisfeito.

- Quanto a nós, partimos amanhã para Rass el-Barr, onde ficarei com eles durante uma semana - precisou Hussein. - Depois, partirei para Alexandria, com o meu pai, e, de lá, embarcarei a trinta de Junho.

"E será o fim de uma fase da vida... e talvez o fim de um coração!" Hussein fixou longamente Kamal antes de lhe dizer, a rir:

- Deixamo-vos numa situação melhor do que a da União e da Coligação. Oxalá a notícia da independência chegue a Paris antes de nós.

Ao ouvir aquelas palavras, Ismael gritou apontando para Kamal:

- O teu amigo não está satisfeito com esta Coligação! Não engoliu o facto de Saad andar de mãos dadas com os traidores. E muito menos engolfou que ele tenha evitado o confronto com os Ingleses ao deixar o ministério ao seu velho amigo Adli! Como vês, é ainda mais intolerante do que o seu venerado chefe!

"A trégua entre os partidos e a aliança com os traidores é outro sapo que tens de engolir! O que é que, neste mundo, ainda não frustrou as tuas esperanças?"

Apesar de tudo, desatou a rir estrepitosamente e exclamou:

- Mas o que estás tu a dizer? Esta Coligação queria que acolhêssemos um delegado do partido liberal!

Os três desataram a rir... Naquele mesmo instante, coaxou uma rã que se escondeu no meio das ervas. Uma aragem veio anunciar o crepúsculo. Docemente, o mundo à sua volta libertava-se de todos os

rumores e de toda a agitação.

A reunião chegava ao seu termo.

Kamal sentiu-se mortificado e começou a pousar o seu olhar sobre cada coisa para gravá-la devidamente na sua memória e no seu coração. Fora aí que a centelha do amor faiscara e fora ainda naquele lugar que a voz do anjo tinha proferido as palavras: "Ó Kamal!" E, naquele mesmo lugar, tinha ocorrido a conversa pungente relativa à sua cabeça e ao seu nariz e a adorada questionara-o abertamente sobre as insinuações de que tinha sido acusado. Em cada recanto daquele sítio, jaziam tantos sentimentos, sensações e emoções que, se a mão do absurdo os pudesse agarrar, faria o deserto florescer!

"Enche os teus olhos com cada coisa e guarda na tua memória esta data, porque muitos acontecimentos acabariam por não ser nunca se este não fosse um dia, um mês ou um ano de referência. Recorramos ao Sol e a Lua como pontos fixos de referência contra a linha recta do tempo, de modo a poder dobrá-la e fazer regressar as recordações perdidas. Mas nunca nada volta! Só te resta desfazer-te em lágrimas ou seguir avante sorrindo."

Ismael Latif levantou-se e disse:

- É hora de partirmos...

Kamal deixou-o abraçar primeiro o amigo, depois, quando chegou o seu turno, atirou-se para os seus braços e deram um amplexo demorado. Por fim, depôs-lhe um beijo na face e Hussein devolveu-lho. Generoso e suave, quase não humano, o perfume dos Shaddad, personificado no seu amigo, encheu as suas narinas. Penetrou-se com este até ao inebriamento e manteve-se por um longo momento silente de modo a dominar os seus sentimentos. Mas, quando chegou o instante de falar, foi com uma voz vacilante que disse:

- Adeus, até ao nosso encontro, mesmo que este seja daqui a muito tempo.

[138] Célebre colectânea de fábulas onde os homens falam pela boca dos animais. Segundo certas fontes, foi traduzida do persa para o árabe por Abdallah Ibn Al-Muqaffa. por volta de 750 d.C.

CAPÍTULO 35

- Não está mais ninguém para além dos criados!
- É porque ainda há uma réstia de dia. Geralmente, os clientes começam a acorrer noite dentro. Porquê, desagrada-te que não haja ninguém?

- Não, pelo contrário! O facto de não estar aqui ninguém antes estimula-me a ficar. Sobretudo porque é a primeira vez.

As tabernas aqui têm vantagens incalculáveis. Entre outras, têm a de nos encontrarmos num sítio onde só se aventuram os amantes dos prazeres proibidos. Podes estar certo de que nenhum predicador ou desmancha-prazeres nos virá importunar. E, se devesse aparecer alguém respeitável, como o teu pai ou o teu tutor, seria mais condenável do que tu, e seria ele quem pais interesse teria em te ignorar, ou melhor, em te evitar, se possível...

- Já por si só, o nome da rua seria um escândalo para ele!

- Sim, mas inspira mais confiança do que qualquer outra rua! Se fôssemos a uma taberna nas ruas de el-Alfi ou Imad ed-Din ou mesmo de Muhammad Ali, ninguém poderia afiançar-nos de que não seríamos avistados por algum pai, por um irmão, um tio ou um ricalhaço qualquer! Mas aqui, em Wagh el-'irka, não metem nunca os pés, pelo menos, assim o espero.

- O teu raciocínio não tem a menor falha, mas não me sinto tranquilo.

- Deves ter paciência. É o primeiro passo que conta, e é sempre difícil. Mas verás: o álcool é a chave da emancipação. Por isso, prometo-te que, quando abandonarmos este local, o mundo te parecerá mais doce e mais agradável do que até hoje o viste...

- Diz-me, que género de álcool têm, e qual é o melhor para principiar?

- O conhaque, por si só, é forte, mas, se o associares à cerveja, andarás de pernas para o ar! O whisky tem um gosto razoável e provoca um efeito positivo. A aguardente de passas de uva, pelo contrário...

- Deve ser melhor! Nunca ouviste cantar Salih: "Deu-me de beber o xarope de passas de uva?"

Quantas vezes te disse que não há em ti nenhum defeito para além àquele de viveres fora da realidade? Aguardente de passa de uva é o pior, malgrado o que pensa Salih. Tem um sabor a anis que me revolta o estômago. E não me interrompas constantemente...

- Desculpa!

- Há também a cerveja. Mas é sobretudo uma bebida que cai bem quando o calor aperta, e nós, graças a Allah, estamos em Setembro. O que mais há? Ah, sim, o vinho! Mas é capaz de matar uma vaca!

- Ou seja... parece que iremos optar pelo whisky.

- Muito bem! Há muito que ouvi dizer que tem classe. Talvez, dentro em breve, convenhas comigo que as tuas tendências para a pândega superam aquelas que manifestas ter pela verdade, pelo bem, pela beleza, pelo patriotismo, pelo humanismo e por todas as outras patranhas com que envenenas o teu coração inutilmente...

Chamou o empregado e pediu dois whiskies.

- Será sensato limitarmo-nos a um só copo por hoje.

- Pode ser, claro está, mas não viemos aqui à procura de sensatez. Aprenderás por ti mesmo que a loucura é muito mais deleitável do que a sensatez, tal como viver é muito mais importante do que ler e cogitar. Grava isto na tua mente neste dia de hoje e não esqueças aquele a quem o deves.

- Não me agrada ter um grão na asa... Tenho medo...

- Tens de te controlar...

- O importante, para mim, é encontrar a coragem de caminhar na supradita via sem irresoluções e entrar quando for necessário...

- Só tens de beber até ao momento em que te aperceberes que entra não te aquece nem arrefece...

- Tudo bem. Espero não me arrepender, mais tarde, daquilo que estamos a fazer...

- Arrependeres-te? Quantas vezes procurei arrastar-te e sempre recusaste alegando como pretexto o temor a Deus e à religião! Mas ulteriormente vangloriaste-te de não mais acreditares na religião e eu voltei à carga, mas para minha grande estupefacção, disseste que renunciavas a esta em nome da moral! Devo, porém, reconhecer que tens demonstrado ser congruente ao fim e ao cabo!

Sim, talvez, mas após todo um período de angústia e de hesitação entre el-Maari e el-Khayyam, entre a austeridade e o prazer!... A sua

natureza tinha, numa fase inicial, feito com que se curvasse ante a primeira parte do dilema, porque, ainda que esta anunciasse uma vida difícil, estava contudo em concordância com a tradição na qual crescera. Mas, depois, de repente, vira-se como que despenhar-se no nada, como se uma voz secreta lhe houvesse murmurado ao ouvido: "Já não há religião, já não há Aida, já não há esperança. Resta-te unicamente a morte."

Estava naquele estado quando, por meio daquele amigo, tinha cedido ao apelo de el-Khayyam. Cedera, é verdade, mas sem abandonar os seu grandes princípios. Tinha, por assim dizer, dilatado as noções do bem até abri-las a todos os prazeres da vida, dizendo de si para si: "A fé na verdade, na beleza e na humanidade é a forma mais elevada do bem. É por este motivo que Avicena, ao terminar cada um dos seus dias dedicados ao pensamento, tratava-se invariavelmente com vinho e mulheres."

Seja como for, tinha tão-só aquela vida tentadora para se acautelar da morte.

- Concordo contigo mas fica a saber que não renunciei aos meus princípios.

- Estou ciente disso, sei que nunca renunciarás às tuas quimeras. De tanto se acreditar nas coisas, acaba-se por fazer delas uma verdade mais genuína do que a própria verdade. Não acarreta qualquer inconveniente que leias ou escrevas, haverá até quem te leia. Faz, no entanto, da escrita um meio para alcançares a notoriedade e a opulência. Mas não a tomes nunca de forma austera. Tens sido um crente implacável. Mas, agora, és também um ateu implacável. Estás sempre inflamado, angustiado como se carregasses nos ombros todo o destino da humanidade. A vida é muito mais simples. Conseguirás um lugar na administração pública que te satisfaça e te dê um bom nível de vida, gozares de coração aberto as alegrias da existência, conservares uma certa medida de força e de espírito belicoso quando é necessário... eis o que te pode garantir consideração e êxito. E se, além disso, esta vida for também conforme à religião, então tanto melhor! Caso assim não seja, tanto pior!

"A vida é por demais profunda e por demais vasta para ser encerrada numa coisa só, ainda que esta fosse a própria felicidade! Procurei asilo no prazer, mas a minha mira continuará sempre a ser a

escalada dos cimos. Aida partiu, é verdade, mas tenho de criar outra Aida com todos os valores que esta simbolizava. E, se isso não for praticável, que eu morra sem o menor arrependimento!"

- Nunca te interessaste pelos valores transcendentais da existência?

- O quê? Já tenho tanto com que pensar na vida em si mesma, talvez até na minha! Em nossa casa, não são nem crentes nem descrentes. E assim sou eu igualmente!

"Este amigo é-te tão imprescindível como o descanso. Tem uma aparência tão invulgar como tu. Está ligado à recordação de Aida. Faz parte do teu coração. É um frequentador habitual destas ruas movimentadas. Um gigante, caso seja provocado. Pode não estar presente nas ocasiões alegres, mas estará na adversidade. Todavia, não tem lugar para o teu espírito. O amigo do espírito e da mente está além-mar... Fuad el-Hamzawi é inteligente, mas não tem a mínima filosofia. É um pragmático. Até mesmo no seu modo de considerar a beleza. Tudo aquilo que ele procura através da literatura é um estilo que lhe servirá mais tarde para preparar arengas! Quem me trará a aparência e a alma de Hussein?"

O empregado voltou com dois grandes copos de base poligonal que pousou em cima da mesa, depois, abriu a garrafa de soda e despejou-a nos copos. O ouro do whisky transformou-se numa cor de platina revestida de pérolas. Depois, antes de se retirar, pôs na mesa os pratos de salada, queijo, azeitonas e mortadela. Kamal fez escorregar o seu olhar dos copos para Ismael e este último, sorrindo, disse-lhe:

- Faz como eu, começa por engolir um grande gole, à tua saúde...

Ele, contudo, limitou-se a um pequeno trago, em cujo sabor se demorou para o experimentar, depois, ficou à espera do resultado... Mas não sentindo, contrariamente ao que esperara, a sua consciência abandoná-lo.

entornou um grande sorvo e devorou um naco de queijo para alterar o estranho paladar que sentia na boca.

- Não me pedes que me despache?

- A precipitação é coisa do diabo! O mais importante é que saias daqui num estado que te permita ir directamente ao teu alvo!

E qual era o seu alvo? Uma daquelas mulheres que, em circunstâncias normais, teria suscitado nele repugnância e asco? Poderia o álcool suavizar a amargura da depravação? Outrora,

combatia o instinto com o amparo da fé e de Aida. Mas, agora, o instinto tinha campo livre. E, ademais, havia outra coisa que o impelia para aquela aventura. O desejo de desvendar a mulher, aquela criatura intangível, a cujo sexo, quer lhe agradasse quer não, a própria Aida pertencia. Talvez encontrasse remédio para a insônia e para as lágrimas que em segredo derramava, envolto nos recessos da noite, e libertação para aquele sofrimento mortal que desde então acreditara tão-só poder debelar pelo desespero ou pela insânia. Agora, poderia afirmar ter saído da cela da resignação para esboçar os primeiros passos no cantinho da emancipação, quer fosse pelo álcool quer pelo vício ou pelo pecado.

Emborcou outro sorvo, aguardou e, depois, sorriu. Tudo nele, naquele momento, celebrava o nascimento de uma nova sensação inchada de ardor e de excitação, à qual se entregou como que transportado por uma suave melodia. Ismael, que o observava com uma atenção crescente, disse-lhe com um sorriso:

- Onde está Hussein para que possa também ele ver esta cena?
- Onde está Hussein, onde?
- Escrever-lhe-ei pessoalmente. Já respondeste à sua última carta?
- Sim, com uma tão breve quanto a dele.

Com ele só falava em detalhe de si mesmo, a ele só revelava o mais ínfimo recesso da sua mente. Onde estava aquela felicidade que ele só sabia lhe dar na condição de amigo? Mas era melhor não falar do segredo da sua carta para não provocar os ciúmes do seu educador...

- A carta que me enviou também era breve, se se excluir o assunto que tu bem conheces e de que não gostas!...

- O pensamento! - depois, a rir: - Mas que necessidade tem de semelhante coisa, ele que herdará uma fortuna que dava para encher o oceano? Qual é o segredo da sua paixão por estas imbecilidades? O snobismo? O orgulho? Ou ambas as coisas?

"Chegou a vez de Hussein, agora é ele que deve apanhar. O que dirá ele nas minhas costas?..."

- Ao contrário daquilo que julgas, não há nada de inconciliável entre o pensamento e a riqueza. O pensamento, na Grécia Antiga, floresceu precisamente graças às pessoas aristocráticas que não tinham que pensar na sua subsistência e que podiam, com toda a liberdade, dedicar-se à ciência...

- A tua saúde, ó Aristóteles...

Esvaziou o copo e esperou. Depois, perguntou-se se já tinha estado, alguma vez, numa situação daquela natureza. A chama da paixão alastrava na corrente sanguínea, arrastando, na sua passagem, os resíduos dos tormentos que aí se amontoavam. A bolha da alma libertava-se da soldadura que mantinha confinadas as suas tristezas e as aves dos prazeres voejavam para fora cantando ao vento. Havia então ali o eco de uma melodia voluptuosa, a recordação de uma esperança promissora e a sombra de uma alegria passageira... o álcool parecia-lhe uma linfa, toda ela felicidade!

- O que dirias de outro copo?

- Estava mesmo a pensar nisso!

Ismael rebentou numa gargalhada sonora e fez um aceno com a mão ao empregado. Depois, disse satisfeito:

- Estás sempre pronto a mostrar gratidão...

O empregado trouxe os dois copos e a mezza^[139]. Entrementes, estando uns de fez, outros em cabelo e outros ainda de turbante, os clientes principiaram a confluir. Os empregados a todos recebiam, enxugando as mesas com panos. A noite tinha chegado. As lâmpadas já estavam acesas. Fixos nas paredes, os espelhos reluziam e reenviavam a imagem das garrafas de Dewars e de Johnny Walker. Da rua vinham risadas vibrantes como os chamamentos para a oração, ainda, que nada mais suscitasse a não ser desejos de desregramento. Olhares prazenteiros e de complacente desaprovação pousaram-se com bonomia sobre os jovens sentados à mesa.

Depois, entrou um vendedor de gambás do Alto Egipto, logo seguido por uma vendedora de jasmims com dois incisivos de ouro, um engraxador, um aprendiz de charcutaria que, a julgar pela recepção que lhe fizeram os clientes, devia também ser um alcoviteiro e, por fim, um quiromante indiano.

Aqui e ali só se ouviam os "à tua saúde" e os "ah ah ah". Kamal lançou um olhar para um espelho suspenso mesmo à sua frente, à altura da cabeça, e viu o seu rosto esbraseado, os seus olhos cintilantes e animados.

Em segundo plano, reflectia-se a imagem de um velho que levava o copo aos lábios, enxugava a boca movendo o focinho como um coelho, depois, emborcava de um trago o líquido antes de declarar ao seu

vizinho de mesa, com voz estrondosa:

- Enxugar a boca com whisky é uma tradição que herdei do meu avô, morto de tão dissoluto!

Despegando os olhos do espelho, Kamal confidenciou, por seu turno, a Ismael:

- Pertença a uma família extremamente conservadora. Sou o primeiro a tocar no álcool...

Ismael encolheu os ombros e replicou:

- Porque exprimes juízos sobre coisas de que nada sabes? Sabes, por acaso, o que fez o teu pai na sua juventude? O meu toma um copito ao almoço e outro ao jantar. Mas fora de casa não bebe... pelo menos, é o que diz na presença da minha mãe!

"O néctar do deus da felicidade infiltra-se no interior do reino do espírito.

Esta estranha transformação, que sobreveio no espaço de escassos segundos, a humanidade não conseguirá explicá-la durante gerações e gerações. Referir-se-lhe usando a palavra 'magia' esta adquire um significado novo e surpreendente. A coisa mais estranha é que não me é de todo desconhecida e talvez já a tenha experimentado uma vez no meu espírito Mas quando e onde? É uma música interior que tem o arco por alma e em comparação com a qual qualquer outra música é aquilo que a casca da maçã é em relação à polpa. Qual é, pois, o mistério deste líquido cor de ouro que realizou este milagre em poucos instantes? Talvez tenha purificado o leito do rio da vida das suas escórias e dos seus sedimentos já que esta, rompendo os diques, veio ao de cima como no primeiro dia: liberdade absoluta e embriaguez pura! Este é o sentimento natural do impulso da vida uma vez liberto dos laços do corpo, dos entraves da sociedade, do fardo da história e dos temores do futuro. Uma música divina, pura, que exala a volúpia de que emana. Uma música como esta já ouvi dentro de mim. Mas quando e como e onde? Ah!... Agora lembro... Esta música é o amor! O dia em que ela disse: 'O Kamal!' inebriou-te, ainda que não soubesse o que fosse a embriaguez. Doravante podes afirmar que és um bêbado e que, durante anos, te arrastaste, tumultuoso pelas ruas avinhadas do amor, cobertas de flores e de murtas. Sim, foi antes que a cristalina gota de orvalho se transformasse em lama. O álcool é a essência do amor despido dos seus ouropéis de mágoas. Ama, pois, e conhecerás a

embriaguez, ou embriaga-te e conhecerás o amor!"

- A vida é bela apesar dos teus queixumes...

- Hum, ah! É principalmente tu quem geme...

"O guerreiro estampou na face do seu adversário um beijo sincero e a paz desceu sobre a terra. O rouxinol cantou sobre o ramo viçoso, aos quatro cantos do mundo, e eis a festa dos amantes. A pomba do amor abandonou o Cairo para Bruxelas passando por Paris e foi recebida com ternura e no meio de cânticos de exultação. O sábio mergulhou a sua pena na tinta do seu coração e consignou por escrito uma revelação, vinda do céu. Depois, o homem vivido debruçou-se sobre a sua própria senilidade acometido por recordações de uma lágrima que fez resvalar no seu peito uma Primavera mantida escondida. Mas aquela pequena franja de cabelo cor das asas de um corvo que lhe caía sobre a testa é uma kaba^[140] para a qual caminham os peregrinos que se inebriam nas tabernas do êxtase."

- Um livro, um copo, uma mulher bonita... e atirem-me ao mar se quiserem!

- Ah, ah, o livro estragará o copo, a mulher e o mar!

- Temos uma diferente concepção do prazer. Tu pensas que o prazer é divertimento, frivolidade. Para mim, é seriedade absoluta. Esta embriaguez que te enfeitiça o espírito é o segredo, o desígnio supremo da existência.

O álcool não passa do alegre emissário, a imagem sensível e inteligível. E, como o pássaro pressagiu a invenção do avião e o peixe a do submarino, é legítimo que o álcool seja o precursor da felicidade humana. Toda a questão se resume nestes termos: como fazer da vida um inebriamento de cada instante sem recorrer ao álcool?

"A resposta não está na contenda, nem na actividade construtiva, nem no homicídio, nem no esforço incessante. Estas coisas não passam de meios, não são fins. Só teremos acesso à felicidade quando cessarmos de nos valer de todos estes meios para podermos ser capazes de viver uma vida intelectual e espiritual de absoluta translucidez, antes que nenhum outro ouropel possa turvar a sua diafanidade. Este é o género de felicidade de que o álcool nos oferece o paradigma. Cada acto nosso é um meio para a poder alcançar, mas ela não passa de um meio para obter sabe-se lá que outra coisa..."

- Que Allah destrua o teu lar!

- Porque dizes isso?

- Esperava que a embriaguez te tivesse tornado num interlocutor com o qual nos podemos recrear. Pareces, pelo contrário, um doente que ingeriu álcool apenas para ficar pior. Estás a pensar falar de quê após o terceiro copo?

- Não beberei mais. Estou feliz agora. E sou capaz de convidar qualquer mulher que me agrade...

- Não podes aguardar mais um pouco?

- Nem mais um minuto...

Caminhava confiante e determinado, segurando o amigo pelo braço, como que arrastado pelo caudal de gente que embatia contra outro fluxo vindo em sentido contrário, numa rua sinuosa e demasiado exígua para tamanha turbamulta.

As cabeças voltavam-se ora para a direita ora para a esquerda. Dos dois lados da rua, em pé ou sentadas, as prostitutas, com as suas faces lambuzadas com uma espessa camada de maquilhagem, os olhos muito esgazeados, estavam à cata de alguém para atrair com contínuas piscadelas. Ao cabo de poucos segundos, havia sempre alguém que se desprendia da torrente para alcançar alguma destas que, de súbito, desaparecia com ele após ter posto de lado aquele seu olhar de sedução para deixar, no seu lugar, aqueloutro da seriedade e do trabalho.

As lâmpadas suspensas nas portas das casas e dos cafés alumiam a rua com raios coruscantes por cima dos quais se formavam pequenas nuvens de fumo que subiam do incenso dos braseiros, do tabaco das pipas turcas e dos narguilés. Quanto às vozes, cruzavam-se e fundiam-se num vórtice rumoroso ao qual se sobrepunham risadas e gritos, rangidos de portas e de janelas, langorosas árias de um piano e de um acordeão, palmas em compasso, berros de polícias, grunhidos e assoadelas, acessos de tosse dos fumadores de haxixe, agonias de bêbados, pedidos de ajuda que se não sabia donde procediam, estrépito de bastões, cânticos solitários e cânticos a várias vozes. E, acima de tudo isto, era o firmamento, que parecia roçar os terraços dos tugúrios, que contemplava a terra com olhos imóveis.

Ali, cada beldade podia ser comprada. Entregava a sua beleza e os seus mistérios por dez guines, nem mais. Quem poderia acreditar nisso antes de o ter visto?

- Olha - disse ele para Ismael -, Haroun er-Rashid^[141] pavoneia-se por entre o seu harém!

- Não encontre nenhuma serva a teu gosto, ó príncipe dos crentes? - perguntou-lhe Ismael a rir.

Kamal apontou para uma casa.

- Estava ali - disse ele - em pé, diante daquela porta que está vazia. Onde se terá sumido?

- Está lá dentro com algum cliente, ó príncipe dos clientes! Se o nosso mestre quiser esperar que um dos seus vassalos tenha acabado de satisfazer os seus desejos...

- E tu já encontraste quem te convenha?

- Já estou há muito habituado a esta rua e às suas gentes. Mas só irei aonde o dever me chama depois de te ter deixado nos braços da tua companheira! O que mais te agradou nela? Há aqui outras muito mais bonitas!

"Ela era morena e não o ocultava sob nenhuma maquilhagem... Havia algo na sua voz que me recordava de longe aquela música eterna... Poderia o olhar encontrar uma semelhança entre a carnação do enforcado e o azul do céu."

- Conhece-la?

- Aqui tratam-na por Warda, mas o seu nome verdadeiro é Ayyusha. "Ayyusha... Warda... Ah! Se pudéssemos mudar de essência como se muda de nome! Também em Aida há alguma coisa de semelhante à justa posição Ayyusha-Warda, na religião e também em Abdel Hamid bey Shaddad, e até nas grandes esperanças. Ai de mim! Mas o álcool eleva-te ao trono dos deuses e vês estas contradições soçobram submersas pelas ondas de uma farsa hilarante, digna de compaixão."

Sentiu o cotovelo de Ismael sacudi-lo no flanco enquanto dizia:

- É a tua vez - e olhou na direcção da porta, onde viu um homem sair de casa a toda a pressa e a mulher regressar ao lugar em que costumava ficar na atitude em que a tinha visto da primeira vez. Avizinhou-se dela com um passo seguro e ela acolheu-o com um sorriso.

Depois entrou, seguido pela mulher que cantarolava:

- Baixa a cortina para me pôr ao abrigo...

Achou-se diante de uma escada estreita, cujos degraus começou a subir com o coração a latejar com veemência, até que chegou a um

corredor que conduzia a uma salinha. Atrás dele, ouvia a voz da mulher que lhe dizia de quando em quando: "À direita", "À esquerda", "Aquela porta entreaberta".

Era um pequeno quarto atapetado com tapeçarias multicolores, com uma cama, uma cómoda, um armário, uma cadeira de madeira, uma bacia e um jarro.

Estacou no meio do aposento, com ar embaraçado, os olhos presos nela. A mulher foi fechar a porta, depois, a janela, donde saía um ruído de tambor acompanhado por uma flauta e aplausos.

No entretanto, o semblante de Kamal tornara-se sério, grave, quase hostil. De tal forma que ela se interrogou, a rir, o que estaria ele a planear contra ela. A mulher estacou na sua frente e começou a examiná-lo da cabeça aos pés. Mas, no momento em que os seus olhos sobrevoavam a cabeça e o nariz, assaltou-o a angústia e, para vencê-la, aproximou-se dela abrindo os seus dois grandes braços.

Com um gesto brusco, ela fez-lhe sinal para ter paciência dizendo: "espera" e ele ficou imóvel onde se achava. Todavia, firmemente determinado a superar qualquer obstáculo, com um sorriso que revelava a sua ingenuidade, disse-lhe:

- Chamo-me Kamal...

- Prazer!... - respondeu ela olhando para ele com um ar surpreendido.

- Chama-me! Diz: "Ó Kamal!"

- Porque deveria eu chamar-te se estás aqui plantado na minha frente como uma desgraça? - replicou a mulher ainda mais espantada.

"Que Allah me proteja! Achas que está a escarnecer de ti?"

Cada vez mais determinado a salvar a situação, Kamal contraveio:

- Disseste-me que esperasse. Mas esperar o quê?

- Nisso tens razão.

E, falando assim, começou a despir-se, meneando-se de um modo acrobático, para depois saltar para a cama, que gemeu sob o seu peso, e estender-se de costas acariciando o ventre com a ponta dos dedos finos pintados com hena. Kamal arregalou os olhos com desapontamento. Não estava à espera daquela acrobacia inopinada e deu-se conta de que não estavam no mesmo comprimento de onda. Que abismo entre o prazer e o trabalho! No espaço de um segundo, tinha destruído aquilo que a sua imaginação erigira no decorrer de

longos anos. Sentia na boca, misturado à saliva, o gosto amargo do ressentimento. E, contudo, o seu desejo de descobrir não se atenuara de facto. Esforçando-se por vencer a sua perturbação, lançou um olhar sobre aquela carne desnudada e pareceu, por um instante, não acreditar nos seus olhos. Dominado por sensações de repulsa e de mal-estar, olhou mais intensamente aquela carne até sentir uma espécie de terror. Aquela é que era a verdade ou teria escolhido mal o seu modelo? Mas, por mais errada que pudesse ter sido a escolha, em que medida alterava o cerne da questão?

"E julgamo-nos enamorados da verdade! Como têm sido injustos com a tua cabeça e o teu nariz!"

Foi tomado por um desejo de fugir. Estava a pontos de ceder quando se perguntou inopinadamente por que razão o homem anterior não fugira. E além do mais, o que diria a Ismael quando dali a pouco se juntasse a ele?

Não, não fugiria àquela provação...

- Porque ficas parado aí como uma estátua?

"É uma voz como aquela que te fazia estremecer o coração. Os ouvidos não enganam, mas a ignorância sim, a ignorância é traiçoeira. Hás-de rir muito de ti mesmo, mas como um vencedor, não como um covarde. Imagina que a vida é uma tragédia e que, por isso, deves desempenhar o teu papel."

- Tens a intenção de aí ficar até amanhã de manhã?

- Apaguemos a luz... - sugeriu ele com surpreendente calma.

- Com a condição de que eu te veja primeiro - replicou ela num tom seco e desconfiado, endireitando-se de um pulo na cama.

- Porquê? - perguntou Kamal com decepção.

- Para me certificar de que estás de boa saúde!...

Numa cena que lhe pareceu o cúmulo da comicidade, despiu-se e submeteu-se ao controlo sanitário. Depois, sobreveio a densa escuridão no quarto...

Quando voltou para a rua, era um coração esgotado e cheio de tristeza que lhe batia no peito. Pareceu-lhe que tanto ele como todo o restante universo sofriam uma cruel dissolução cujo fim ansiava ver. Reparou em Ismael, que avançava para ele satisfeito, zombeteiro, exausto e que lhe perguntava:

- E então, como vai a filosofia?

Mas Kamal agarrou-o pelo braço e arrastou-o consigo perguntando-lhe num tom grave:

- As mulheres são todas iguais?

E, porque o jovem olhava para ele, surpreso, Kamal expressou-lhe, em poucas palavras, as suas dúvidas e as suas apreensões. Ao que Ismael respondeu com um sorriso:

- Mais ou menos, são todas iguais, embora a aparência mude! Tens um ar tão ridículo que fazes dó. Devo concluir, ao ver-te assim, que não voltarás a pôr os pés neste bairro?

- Mas o que estás a dizer? Voltarei mais vezes do que possas julgar. Anda, vamos beber um copo - depois como se falasse consigo mesmo:

- A beleza... a beleza! O que será a beleza?

Naquele momento, a sua alma sentia uma ânsia pela purificação, pelo isolamento e pela meditação. Relembrou, em pensamento, a vida que tinha vivido no sofrimento, à sombra da sua adorada. Parecia continuar persuadido da crueldade da verdade. O que podia fazer: renunciar a esta por princípio? Caminhava meditabundo em direcção à taberna, sem quase prestar atenção à tagarelice de Ismael.

"Se a verdade é árdua, a mentira é repelente. Não, a verdade não é árdua, porém são dolorosas, como no parto, as emoções que se sentem ao sair da ignorância. Corre atrás da verdade, persegue-a até ficar sem fôlego. Aceita a dor para que te possas criar de novo. Ser-te-á necessária toda uma vida para que compreendas deveras este conceito. Uma vida de contínuas tensões entrecortada por instantes de ebriedade..."

[139] Refere-se a um conjunto de diferentes aperitivos salgados: azeitonas, pepinos e limões macerados em vinagre, pedacinhos de queijo, amendoins, etc, servidos em pequenos pratos que acompanham as bebidas alcoólicas.

[140] Kaba é uma construção que é reverenciada pelos Muçulmanos, na mesquita sagrada de Al Masjid Al-Haram em Meca, e é considerada pelos seguidores do islão como o lugar mais sagrado do mundo, localizada nas coordenadas 21°25'21,15"N e 39°49'34,1"E.

[141] Trata-se do quinto califa abássida (766-809).

CAPÍTULO 36

Naquela noite, porém, Kamal chegou sozinho à ruela. Aí, fora meio bêbado, cantarolando baixinho, seguro de si, abrindo tranquilamente caminho por entre a tumultuosa torrente de transeuntes.

Se bem que não tivesse encontrado Warda na frente da porta, não hesitou como fizera na primeira vez que se tinha aventurado naquela ruela e, sem ficar à espera, dirigiu-se de imediato para a casa onde entrou sem ser convidado, e subiu as escadas até ao corredor.

Prolongou o seu olhar para a porta fechada e reparou numa luz que saía pelo buraco da fechadura, depois, encaminhou-se para uma sala de espera que, felizmente, estava vazia e sentou-se numa cadeira de madeira, estendendo as pernas descontraídas. Dali a escassos minutos, ouviu o chiar da porta que se abria e teve um sobressalto, prestes a levantar-se.

O outro homem, como conseguiu perceber pelo ruído dos passos, deixara o quarto e encaminhara-se para as escadas.

Esperou mais alguns minutos ainda, depois, levantou-se e atravessou o corredor. Franqueou a porta do quarto aberta e reparou em Warda, que estava a fazer a cama, Ao vê-lo, a mulher sorriu e pediu que voltasse a sentar-se, sorrindo confiante, a confiança para com o cliente que superou com êxito o período de experiência. Tinha passado apenas um minuto quando ouviu um ruído de passos que subiam as escadas. Seguiu-os com o coração na garganta, horrorizado ante o pensamento que deveria aguentar a espera na companhia de outro cliente. O recém-chegado, porém, foi de imediato para o quarto de Warda e Kamal ouviu lindamente a mulher dirigir-se ao cliente num tom delicado:

- Tenho já um cliente à minha espera. Instala-te na sala de espera e aguarda pela tua vez...

Depois, alteou a voz e chamou-o dizendo-lhe:

- Anda! Kamal levantou-se, deixou a sala de espera e dirigiu-se com um passo determinado pelo corredor onde se encontrou cara a cara com Yassin! Os olhos deles cruzaram-se e tiveram um instante de confusão. Kamal baixou de súbito os olhos ardendo de vergonha, dominado pelo enleio e pela perturbação. Estava a pontos de fugir,

mas Yassin deteve-o rebentando numa gargalhada estrondosa que ressoou de uma extremidade a outra do corredor. Kamal levantou os olhos para ele e viu-o com os braços muito abertos enquanto, com alegria, exclamava:

- Ó noite de festa! Ó dia principesco!

E soltou outra gargalhada. Kamal ficou a olhar para ele atónito e ao vê-lo tão sinceramente divertido, tranquilizou-se e os seus lábios esboçaram um sorriso titubeante. Depois, retomou confiança, embora continuasse a sentir vergonha.

- Esta é uma noite feliz - voltou a dizer Yassin num tom declamatório, - Hoje, quinta-feira, 30 de Outubro de 1926, é realmente uma noite feliz. Doravante, deveremos celebrá-la todos os anos, porque ela viu dois irmãos que descobriram de que essência ambos são constituídos. Hoje, comprovou-se que o último da família avança, carregando o estandarte das suas nobres tradições, no mundo dos prazeres!

Entretanto, Warda chegou e, dirigindo-se a Yassin, perguntou:

- Um amigo teu?

- Não, é meu irmão. Filho do meu pai e de... Não, simplesmente de meu pai! Dás-te conta de que és a favorita da família, ó filha de ninguém?

- Parabéns! - murmurou Warda. Depois voltou-se para Kamal dizendo-lhe:

- As regras da boa educação querem que deixes a vez ao teu irmão mais velho, meu menino!...

Yassin deixou escapar uma enorme gargalhada e gritou:

- As regras da boa educação! E onde aprendeste as regras da cobrição? Imagina um irmão que espera o outro à porta!... Ah... ah...

Warda lançou-lhe um olhar de advertência dizendo:

- Podes rir com essa tua voz que mete medo, até que se ouça na polícia, bêbado! Mas tens desculpa já que o teu irmãozinho vem ter comigo sempre a cambalear!

Yassin voltou-se para Kamal e, pousando sobre ele um olhar de assombro e de admiração, acrescentou:

- Também aprendeste isso! Meu Deus, somos realmente bons rapazes! Vá, abre a boca e deixa-me cheirar! Mas de que serviria? Um bêbado não julga outro bêbado. A propósito, o que me podes dizer

sobre esta sensatez que aprendeste da vida e não nos livros?

Depois, apontando para Warda:

- Uma visita clandestina a esta pequena prostituta vale muito mais do que a leitura de uma dezena de livros proibidos, não é? Assim, meu caro Kamal, atiras-te à garrafa? Possas tu ter milhares de dias felizes como este! Somos amigos desde sempre. Fui eu quem primeiro...

- Por amor de Deus!... Deverei eu ficar aqui à espera do nascer do Sol?

Yassin deu um empurrão a Kamal dizendo-lhe:

- Entra tu. Ficarei à espera...

Mas Kamal recuou alguns passos, meneando a cabeça numa recusa obstinada. Depois, abriu a boca pela primeira vez e disse:

- Não! Esta noite não.

E, assim falando, enfiou a mão no bolso e dele tirou meio riyal^[142] que deu depois à mulher.

- E viva a magnanimidade! - gritou Yassin com admiração. - Mas não te deixarei partir sozinho...

Cumprimentou Warda com uma leve palmada nas costas e, tomando Kamal sob o braço, partiram ambos, deixando a casa.

- Esta noite, temos de festejar. Vamos sentar-nos um pouco em algum bar. Habitualmente, vou para a Rua Muhammad Ali com um grupo de funcionários e outras pessoas. Mas o lugar não é muito indicado para ti, para além de ser muito afastado. Escolhamos um lugar mais próximo para que possamos regressar cedo. É que, como tu, também eu tenho de regressar cedo depois do meu último casamento. Mas onde é que te embebedaste, meu grande herói?...

- No Finish... - murmurou Kamal corando de vergonha.

- Estupendo! Vamos, voltemos lá! Aproveita o mais que puderes o tempo que te resta. Amanhã, quando fores um professor, aquele bairro, com as suas casas e as suas tabernas, será um tabu para ti - depois, rindo:

- Imagina o que seria dares de cara com um aluno teu! Mas há outros sítios onde te divertires, e farás muitos progressos...

Encaminharam-se em silêncio para o Finish.

Felizmente, os laços entre Yassin e Kamal não tinham de facto enfraquecido depois de Yassin ter abandonado a velha casa.

Não havia qualquer cerimónia entre ambos, já que Yassin, dado o

seu temperamento, não acordava a menor importância aos direitos que lhe eram devidos pela posição que tinha no interior da família. Por outro lado, o facto de frequentar de perto o irmão, de ver com os seus olhos o seu modo de viver e de ouvir aquilo que dele se dizia convencera Kamal que aquele tinha no sangue a paixão pelas mulheres e o gosto pelas aventuras galantes. Mas, não obstante isso, fora apanhado de surpresa ao encontrá-lo na casa de Warda, muito mais estupefacto pelo facto de nunca ter conseguido imaginá-lo embriagado ou a palmilhar as ruas. O efeito da surpresa começou a esvanecer-se lentamente e o seu tormento a deixá-lo para dar lugar a uma sensação de calma e serenidade.

Encontraram o Finish apinhado de gente. Yassin propôs que se sentassem fora e, para se isolarem o mais possível da massa dos clientes, escolheu uma mesa na extremidade do passeio, à esquina da rua.

Sentaram-se frente a frente, com um sorriso nos lábios.

- Bebeste muito?

- Dois copos - respondeu Kamal depois de um instante de hesitação.

- Sem dúvida, o nosso encontro inesperado afugentou os seus efeitos! Mas, no que me diz respeito, bebo pouco, sete ou oito copos...

- Caramba! E dizes que não és um grande bebedor?

- Não fiques espantado como um parvinho. Já não és nenhum! - E pensar que, há dois meses, não sabia que sabor tinha...

- Dois meses! - suspirou Yassin com um tom de censura. - Bem me parece que te valorizei mais do que mereces!...

Desataram a rir. Depois, Yassin pediu dois copos e continuou a perguntar:

- Quando conheceste Warda?

- Conheci Warda e o whisky na mesma noite!

- Que experiência tens das mulheres para além desta?

- Nenhuma...

Yassin inclinou-se para o irmão e, olhando-o de soslaio, com o sobrolho franzido e sorrindo, quase a querer dizer: "Não me tomes por ingénuo replicou:

- Deixa-te de idiotices! Houve já uma vez em que presenciei pequenas intrigas com a filha de Abu Sari, o grelhador de pevides. Esqueceste aquelas piscadelas de olho ou aqueles sinais rápidos que

lhes fazias com a mão? Estas coisas não escapam a uma pessoa esperta como eu, meu pequeno patife. Mas, por certo, deste-te por satisfeito com aquele pequeno jogo superficial e não te achaste obrigado a entrar na filha de Abu Sari, como aconteceu à minha velha sogra com Bayyumi, o vendedor de xaropes? Tornou-se proprietário agora, e é vosso vizinho!

"Para onde terá fugido Mariam? Não há mais notícias dela. O seu pai era um bom homem. Lembras-te do sayyed Muhammad Ridwan? Olha o que sucedeu à sua casa! Dir-se-ia que uma mulher não vale grande coisa se tem tão pouco em conta a moral!"

- E o homem, não achas que também tenha aí a sua quota-parte?

- O homem não é a mulher, meu linguarudo que nada sabe - replicou Yassin desatando a rir. - Diz-me, como está a tua mãe? Aquela boa mulher continua zangada comigo embora eu tenha repudiado Mariam?

- Penso que já não se lembra de nada disso. Tem um coração de ouro, e tu bem o sabes.

Yassin concordou, depois meneou a cabeça com um ar desolado. Nesse meio tempo, chegou o empregado que trazia as bebidas e que pousou sobre a mesa os copos com a mezza. Yassin levantou, de súbito o copo dizendo:

- À família de Ahmad.

Kamal levantou por sua vez o seu e esvaziou metade na esperança de reencontrar a alegria que se tinha desvanecido.

- Sempre pensei - continuou Yassin mastigando um naco de pão escuro e de queijo - que tu, bem como o nosso saudoso irmão, teriam mais características da tua mãe. Via-te direccionado sobretudo para uma vida de austeridade e de rectidão. Mas tu... ou melhor, nós...

E, porque Kamal o observava com um olhar interrogativo, Yassin acabou por dizer:

- ... fomos feitos à semelhança do nosso pai...

- O nosso pai! É o rigor em pessoa com o qual é impossível conviver!...

Yassin rebentou numa gargalhada. Depois, após uma breve interrupção

- Devo admitir que não conheces o teu pai. Também eu ignorava, tal como tu, como eram, na verdade, as coisas. Mas, depois, vi-o a uma luz

nova e asseguro-te de que há poucos como ele sobre esta terra.

Dito isto, calou-se.

Kamal, roído pela vontade de saber, perguntou-lhe então:

- O que sabes tu dele que eu ignoro?

- Sei que é o corifeu da delicadeza e da volúpia. E não fiques a olhar com esses olhos de pasmo. Não penses que estou bêbado. Digo-te que o teu pai é o líder dos folgazões, dos lascivos e dos amantes!

- O meu pai?

- Conheci-o assim, pela primeira vez, em casa de Zubaida, a tocadora de alaúde.

- Zubaida, disseste tu? Ah! Ah! Ah!...

Mas lia-se no rosto de Yassin que, de facto, não estava a brincar.

Kamal parou de rir e bem depressa dos seus traços desapareceram quaisquer vestígios de riso.

A sua boca começou, a pouco e pouco, a encolher até cerrar os lábios. Então, sem proferir uma sílaba, com os olhos devotamente fixos no irmão, escutou este último que lhe contava nos mínimos pormenores aquilo que ele próprio vira e ouvira dizer a respeito do pai deles.

Estaria Yassin a difamar de forma deliberada o pai? Como poderia semelhante coisa acontecer? Que razões podiam levá-lo a isso? Não, Yassin falava com conhecimento de causa. Então aquele é que era o seu pai? Meu Deus! E o que podia pensar da sua autoridade? Da sua imponência? Da sua respeitabilidade?

"Se algum dia ouvires dizer que a Terra é plana ou que o homem descende de Adão, não te admires e não fiques desnorteado!"

- E a mãe sabe disso?

- Sabe, pelo menos, que bebe - respondeu Yassin a rir.

"Que efeito teria aquilo tudo na sua alma, habituada como está a perder a cabeça por uma ninharia? A mãe talvez seja como eu: exteriormente feliz mas interiormente infeliz?"

- As pessoas gostam de exagerar - replicou Kamal, como se tentasse encontrar um qualquer ponto de arrimo para defender o seu pai, embora não acreditasse nisso realmente. - Não é preciso tomar como ouro fundido tudo aquilo que dizem. E, ademais, o seu estado de saúde comprova que leva uma vida regrada.

- É um assombro - exclamou Yassin extasiado, fazendo sinal ao

empregado para trazer mais dois copos. - O seu corpo é um assombro, o seu espírito é um assombro, tudo nele é um assombro, até os seus berros.

Os dois riram.

- E sabes que, não contente com isso, governa os da sua casa como bem sabes, e mantém a grande estima e o respeito que lhe testemunham!.. Como me sinto insignificante em comparação com ele!..,

"Considera um pouco estes prodígios! Tu e Yassin estão a beber! O teu pai é um velho devasso! Existirá o verdadeiro e o não-verdadeiro? Que ligação decorre entre aquilo que é e aquilo que nós acreditamos? Qual é o valor da história? Que ligação há entre Aida-ídolo e Aida-grávida? E eu, quem sou eu? Porque padeci aquele sofrimento atroz do qual ainda não recuperei? Melhor farias se disso te risses, se rebentasses a rir."

- O que aconteceria se nos surpreendesse sentados à volta desta mesa?

- Allah me guarde! - respondeu Yassin fazendo estalar o indicador,

- Mas esta Zubaida é mesmo bonita?

À laia de resposta, Yassin pôs-se a assobiar arqueando convulsivamente as sobrancelhas.

- Não achas que é injusto que o nosso pai abocanhe os melhores pedaços enquanto nós temos de nos contentar com as migalhas?

- Espera pela tua vez. Estás apenas no começo.

- E não mudaste de atitude em relação a ele uma vez que tiveste conhecimento da sua vida secreta?

- Tudo menos isso!

- Tomara que nos tivesse dado uma parte de tudo o que lhe coube! - exclamou Kamal com os olhos perdidos no vazio.

- Tomara...

- O nosso caso não poderia ser mais miserável do que é!

- Amar as mulheres e o vinho não tem nada de miserável...

- E como explicar a sua conduta à luz da sua fé profunda?

- Porquê, acaso serei eu um descrente? E tu? Os califas eram descrentes? Allah é piedoso e clemente!

"Qual poderia ser a resposta do meu pai? Estou ansioso por falar com ele. Pode supor-se tudo, tirando que seja um hipócrita. Não, não é

hopícrita. Acho que o amo ainda mais!"

O último trago despertou nele o desejo de ficar de bom humor. Por isso, disse:

- É um pecado que não tenha aprendido a arte da comédia! Yassin rebentou numa gargalhada enorme.

- Se tivesse sabido, por exemplo, que iria ter uma vida cheia de mulheres e de libações - respondeu -, teria consagrado a sua vida à arte!...

"É realmente justo falar com tamanha ironia do sayyed Ahmad Abdel Gawwad? Seria ele acaso melhor do que Adão? E, todavia, foi uma casualidade, apenas uma casualidade que te abriu os olhos relativamente a ele. Aquela mesma casualidade que tem tido um papel de relevo na tua vida. Se não tivesses encontrado Yassin por acaso lá na ruela, não teria sido arrancado o véu de ignorância que trazias sobre os olhos. Se Yassin, apesar da sua falta de cultura, não tivesse atizado o meu gosto pela leitura, hoje estaria inscrito em Medicina, como esperava o meu pai. Se tivesse frequentado a escola de es-Saidiyya, não teria conhecido Aida, e, se não tivesse conhecido Aida seria um homem diferente e diferente seria também o universo. E ainda há muita gente que se compraz em censurar Darwin por se ter baseado na casualidade para explicar o mecanismo da sua teoria!"

- Os dias ensinar-te-ão coisas que não sabes ainda... - voltou a dizer Yassin com um tom de sábio.

Depois, dirigindo-se a si mesmo, continuou com ironia:

- Olha, a mim ensinaram-me a satisfazer os meus caprichos no início do serão, de modo a não despertar as suspeitas da minha mulher...

- Ao ver os olhos interrogativos e sorridentes de Kamal, abanou a cabeça e prosseguiu:

- Das minhas três mulheres, é aquela que tem mais carácter. Tenho a impressão de que não me separarei dela.

Ao ouvi-lo dizer isto, Kamal perguntou-lhe, com uma expressão preocupada e apontando a mão na direcção da ruela:

- O que te leva a fazer isso quando já te casaste por três vezes?

Como única resposta, Yassin cantarolou o conhecido refrão da canção que tinha ouvido pela primeira vez na noite do casamento de Aida:

- Porque é assim... Porque é assim... Porque é assim... Depois, sorrindo, mas um pouco embaraçado, acrescentou:

- Zannouba disse-me certa vez: "Não voltarás a casar nunca mais. Sempre consideraste o casamento como uma espécie de divertimento amoroso. Já é tempo de o tomares como uma coisa séria." Não achas que é extraordinário ouvir coisas destas da boca de uma tocadora de alaúde? Parece mais ligada do que as outras à vida conjugal. Está determinada a ficar a minha esposa até ao meu último suspiro. Mas, apesar disso, não sei resistir aos apelos das outras mulheres. Apaixono-me por elas tão depressa quanto me canso delas! Por isto é que me enfio naquelas ruelas, para me despachar em arrancar um capricho, sem me demorar e criar laços duradouros. Se não fosse por causa do aborrecimento, não teria andado a correr atrás de uma mulher em Darb Tayyab!...

- Não é uma mulher como todas as outras? - perguntou Kamal com crescente interesse.

- De todo! É uma mulher sem coração, que faz do amor uma mercadoria!

- O que vês de diferente entre uma mulher e outra? - voltou a perguntar Kamal com olhos que luziam de esperança.

Yassin meneou a cabeça com ostentação, envaidecido com a importância que as perguntas de Kamal lhe conferiam.

- Bem - declarou com um tom de pessoa experiente -, a posição de uma mulher na hierarquia feminina é determinada à luz das suas qualidades morais e sentimentais, independentemente da sua família e da sua situação pessoal. Zannouba, por exemplo, é, quanto a mim, superior a Zainab porque é mais sentimental, mais devota, mais ligada à vida conjugal. Contudo, acordar-te-ei que, no final, todas se assemelham! Poderias até viver com a rainha Balkis^[143] em pessoa, mas acabarias necessariamente por nela veres, no final das contas, um espectáculo de todos os dias e um refrão monótono.

A centelha que animava os olhos de Kamal enfraqueceu.

"Achas que também Aida se tornará num espectáculo de todos os dias num refrão monótono? Uma tal hipótese é inconcebível! És simplesmente vítima daquilo que acontece e, só de pensares poder gozar do seu mal, é demasiado pesado para ti, não o suportas. É de enlouquecer só de pensar que o ídolo pelo qual suspira a tua alma

saiba um dia que o tempo fez dela um espetáculo de todos os dias e um refrão monótono. Mas qual das duas situações seria preferível, se te fosse pedido uma resposta? E todavia há momentos em que o desejo me confrange com tamanha veemência que começo a implorar o tédio, como Yassin, devido ao tédio, implora o desejo. Levanta a cabeça para o Deus dos céus e pede-lhe uma solução feliz."

- Nunca amaste?

- E o que seria aquilo em que estou imerso até ao pescoço?

- Quero dizer um amor verdadeiro, não este capricho passageiro...

Yassin esvaziou o terceiro copo, limpou a boca com as costas da mão e, enrolando os bigodes, respondeu:

- Não me queiras mal, mas, para mim, o amor concentra-se em sítios bem precisos: a boca, as mãos... etc... etc...

"Yassin é um belo jovem. Aida não teria tido qualquer razão de ridicularizar a sua cabeça e o seu nariz. Mas, ao ouvi-lo assim falar, parece-me sobretudo que faz dó. Como se o homem tal não fosse se não amar. Mas de que me serviu o amor e de que me serviu o seu sofrimento?"

- Não acredites naquilo que se diz sobre o amor nos romances - continuou Yassin incitando Kamal a esvaziar o seu copo. - O amor é um sentimento que dura poucos dias, no melhor dos casos algumas semanas!

"Assim renegas a eternidade! Mas poder-se-á esquecer o amor? Já não sou o mesmo que antes. Fora do inferno do sofrimento, a vida ergue-me por instantes e depois caio de novo. Ainda ontem a morte era o meu horizonte e hoje há uma vida, para mim desprovida de esperança. O mais surpreendente é que te revoltas, sempre que ela volta à tua mente, contra a ideia do esquecimento. Como se fosses dominado pelo remorso, como se temesses que a coisa que mais tens santificado possa revelar-se uma ilusão, ou impedisses a mão do nada de destruir aquela vida maravilhosa sem a qual te tornarias um ser que jamais existiu. Não recordas, todavia, porque abrias as mãos em oração suplicando a Allah que te arrancasse ao sofrimento e te inspirasse o esquecimento?"

- Contudo, o amor verdadeiro existe. Lêem-se casos nos jornais, não nos romances.

Yassin esboçou um sorriso zombeteiro. Depois, disse:

- Apesar de ser atormentado pela paixão pelas mulheres, não sei o que te possa dizer sobre aquele amor. Os dramas de que te chegam os ecos na imprensa referem-se a jovens sem experiência da vida. Já alguma vez ouviste falar de Magnoun Laila^[144]? Deve haver émulos deste género de histórias! Com a diferença, porém, que o Magnoun não casou com Laila. Indica-me um só homem, se puderes, que tenha enlouquecido de amor pela sua mulher! Ai de mim, os maridos têm a cabeça sobre o pescoço, mesmo se recusamos admiti-lo! Quanto às mulheres, começam a perdê-la.

Assim que casam, já que não têm outra ambição senão a de desvalorizarem os seus maridos. Tenho a impressão de que é mais a loucura que torna doidos os apaixonados do que o amor que torna enamorados os loucos! Ouve-os falar das suas mulheres como se fossem anjos. Mas uma mulher não passa de uma mulher. Uma comida deliciosa de que nos saciamos demasiado rápido. Deixa-os partilhar a cama com ela e observar o aspecto que tem quando acorda, exalando aquele cheiro forte a suor e os demais odores que têm, e vejamos se ainda são capazes de falar dela como se fosse um anjo. O fascínio da mulher não passa de uma fachada ou de um instrumento de sedução destinado a apanhar-te na armadilha. E, uma vez que foste caçado, a criatura de sangue aparece-te sob a sua verdadeira aparência. É por isso que eu digo que é nos filhos, nos retroactivos do dote e nas pensões alimentares que a lei prevê em caso de divórcio que está o segredo da estabilidade do casamento, não na beleza ou no fascínio...

"Mudarias de opinião se viesses Aida. No entanto, tens de reconsiderar aquilo que pensaste acerca do amor. Considerava-lo como uma inspiração angélica, mas os anjos deixaram de existir. Procura antes qual a essência do homem e avalia-a à luz das verdades filosóficas e científicas que, com ardente determinação, estás a perseguir. É assim que entenderás os segredos da tua desventura e descobrirás os segredos ocultos de Aida. Aperceber-te-ás talvez que não é um anjo, mas escancarar-se-ão diante dos teus olhos as portas do êxtase. Ai, os desejos, a gravidez, o espectáculo de todos os dias, os maus odores... como me fazem infelizes!"

- O homem é uma criatura imunda - respondeu Kamal com um tom de amargura que escapou a atenção do irmão. - Não teria sido possível

criá-lo melhor e mais limpo do que é? Yassin pôs o nariz no ar com os olhos perdidos no vazio e, animado por uma estranha sensação de felicidade, replicou:

- Que bom... Que bom... Tenho a cabeça a derramar centelhas e é como se fosse toda ela atravessada por cantigas. Os meus braços, as minhas pernas são igualmente instrumentos musicais. O mundo é belo. Todos os seres são queridos para o meu coração. A música é doce. A verdade é ilusão e a ilusão é verdade. Os inconvenientes? Tudo petas! Que lindo... Que lindo... O álcool é maravilhoso, Kamal. Allah abençoe o álcool e nos dê forças para bebê-lo até ao resto dos nossos dias! Vem em má hora quem fala mal do álcool ou difunde mentiras acerca deste! Medita nesta doce embriaguez. Fecha os olhos. Já alguma vez sentiste delícia igual? Que bom... Que bom... Que bom...

Depois, baixando a cabeça e olhando para Kamal:

- O que dizias, meu rapaz? O homem é uma criatura imunda? Talvez te tenha chocado aquilo que te disse acerca das mulheres? Não o disse para te indispor em relação a elas. Na verdade, adoro-as. Adoro-as como elas são. Quis só mostrar-te que a mulher de rosto angélico não existe. E nem sei se a amaria caso existisse! Olha para mim, por exemplo: como o pai, amo os traseiros enormes e bem carnudos. Se um anjo tivesse um traseiro enorme e bem carnudo, não poderia voar. Compreende-me bem e não me interpretes erradamente, pela vida do nosso pai sayyed Ahmad!

Abandonando-se também ele a um estado de embriaguez arrebatador, Kamal replicou sem demora:

- Como parece amável o mundo quando o álcool te penetra em cada recesso do espírito!...

- Allah abençoe estas tuas palavras sagradas. Até mesmo a lengalenga que o mendigo cantarola à esquina das ruas nos chega aos ouvidos tom doces encantos...

- Até as nossas aflições parecem ser as de outra pessoa...

- Ao contrário da mulher do vizinho que parece ser nossa...

- As aflições e a mulher são a mesma coisa, filho do meu pai.

- Que maravilhoso... Que maravilhoso... como gostaria não mais acordar!,,.

- Aquilo que a vida tem de ignóbil é que não consente que mantenhamos a embriaguez tanto quanto gostaríamos...

- Fica a saber, para tua informação, que não considero a embriaguez como uma brincadeira, mas como um fim supremo e coloco-a ao mesmo nível da ciência e do ideal.

- Neste caso, eu sou um grande filósofo!

- Quando acreditares naquilo que te disse, não antes.

- Que Allah te dê longa vida, meu pai, porque geraste dois filósofos iguais a ti!

- Por que razão tem o ser humano ar tão aflito quando não há nada melhor que possa pedir para além de um bom copo... e não são as garrafas que faltam... e de uma mulher... e felizmente estas também não faltam?

- Por que razão?... Por que razão?...

- Responder-te-ei quando tiver bebido outro copo...

- Não, chega!...

Yassin tinha dito aquelas últimas palavras com uma voz que deixava transparecer um inopinado sobressalto de lucidez. Depois, com um tom de aviso, tornou a dizer:

- Não exageres. Esta noite, estás a beber comigo e estás sob a minha responsabilidade. Que horas são?

E, ao falar assim, retirou o relógio do bolso, deitou-lhe uma olhadela e gritou:

- Meia-noite e meia! É a catástrofe, meu campeão! Estamos ambos atrasados. Tu tens o pai à tua espera, eu Zannouba. Anda, vamos embora!

Alguns minutos mais tarde, deixaram o bar e saltaram para uma viatura que se precipitou rumo a el-Ataba, dando a volta à muralha de el-Azbakiyya numa rua completamente às escuras.

De quando em quando, surgia um transeunte apressado e outro qualquer que avançava a titubear.

A cada cruzamento, transportado pela brisa fresca, ressoava o eco de uma canção, enquanto as casas e as grandes árvores do jardim velavam estrelas cintilantes.

- Esta noite - disse Yassin por entre uma garalhada estrondosa -, posso jurar sem receio de mentir, que não volto para casa em boa hora!

- Espero regressar antes do pai - acrescentou Kamal não sem alguma angústia.

- O medo é a pior das infelicidades. Viva a Revolução!
- Sim, viva a Revolução!
- Abaixo a mulher tirânica!...
- Abaixo o pai tirânico!...

[142] Riyal: Moeda de prata equivalente a vinte piastras.

[143] Nome com que o Alcorão designa a rainha de Sabá.

[144] Literalmente, O Louco de Laila. Romance da época omaiada no qual se narra como o poeta Qais enlouqueceu depois de a amada, Laila, ter casado com outro homem por vontade do pai.

CAPÍTULO 37

Kamal bateu à porta com leves pancadas até lhe aparecer a silhueta de Umm Hanafi. Depois de o ter reconhecido, a mulher disse-lhe baixinho:

- O meu senhor grande está nas escadas.

Permaneceu à espera atrás da porta o tempo de se certificar de que o pai tinha chegado ao andar de cima. Mas bem depressa a voz do sayyed ressoou do cimo das escadas, perguntando com um tom carrancudo:

- Quem é que bateu?

O seu coração estremeceu e viu-se constrangido a sair a descoberto e responder:

- Sou eu, pai...

No mesmo instante, surgiu a sombra do pai no patamar do primeiro andar e a luz do candeeiro que a mãe segurava na mão no último degrau, observando-o do cimo da rampa, o sayyed perguntou ao filho com ar contrariado:

- Kamal? O que te reteve fora de casa até uma hora destas?

"O mesmo que te reteve!"

- Fui ao teatro - respondeu com apreensão - para assistir à peça que consta do programa deste ano...

- Então agora até se estuda nos teatros? - gritou escarninho o pai.

- Não te basta ler e estudar? Estes são discursos ociosos e estúpidos. E, além do mais, porque é que não me pediste autorização? Kamal parou num degrau a alguma distância do pai e respondeu em jeito de desculpa:

- Não pensava que o serão durasse mais do que previsto.

- Tenta encontrar outras maneiras para estudar - replicou o pai enfurecido - e evita agarrares-te a desculpas tão infantis.

E, assim falando, voltou a subir as escadas, resmungando imprecisões de que Kamal podia perceber somente alguns fragmentos como: "É nos teatros que agora se vai estudar", "À uma da manhã", "Até as crianças", "Maldito seja o teu pai e o pai daquela peça que consta do programa!..."

Kamal subiu as escadas até ao último andar, passou pela sala, onde

pegou num candeeiro aceso na mesa, depois entrou no quarto com o rosto sombrio.

Pousou o candeeiro na escrivaninha e nela se apoiou com as mãos tentando recordar a data da última injúria que o pai lhe tinha atirado. Se bem que não o recordasse nitidamente, estava seguro de que todo o período dos seus estudos superiores tinha decorrido em paz e sem qualquer ofensa.

Aquela imprecação, por isso, se bem que não lhe fosse directamente dirigida, tinha-lhe deixado uma impressão dolorosa. Afastou-se da escrivaninha, retirou o fez e começou a despir-se quando, de repente, se sentiu tomado por vertigens e câibras no estômago, precipitou-se para a casa de banho, onde, por entre convulsões violentas e agudas, vomitou as tripas. Alguns minutos depois, no limite das suas forças, voltou para o quarto, arrasado pela náusea e dominado por uma dor ainda mais viva e profunda. Acabou de se despir, apagou o candeeiro e atirou-se sobre a cama com um suspiro de opressão e de tédio. Ao fim de alguns minutos, ouviu a porta abrir-se suavemente e a voz da sua mãe que lhe perguntava temerosa:

- Estás a dormir?

- Sim... - respondeu com o tom mais natural e persuasivo que pode para afastá-la e ficar sozinho com o seu mal-estar.

A sombra de Amina aproximou-se da cama e parou à altura da sua cabeça. Depois, como que a desculpar-se, a mãe disse-lhe:

- Não te aflijas. Sabes melhor do que ninguém como é o teu pai...

- Claro... claro...

Depois, como a querer exprimir as emoções que ela própria sentia, prosseguiu:

- Ele sabe que és um rapaz sério e razoável. É por isto que te repreendeu por te teres atrasado de forma tão insólita até estas horas...

Aquelas palavras encolerizaram-no de tal modo que não pôde evitar replicar:

- Se, por acaso, fazer serão fora de casa merece tamanha reprovação, então porque é que ele insiste em fazê-lo?

A escuridão escondeu-lhe todo o estupor e a reprovação que perpassaram pelo rosto da mãe ao ouvi-lo dizer aquelas coisas. Ouviu-a dar uma pequena gargalhada pelo nariz para lhe fazer acreditar que

não levava a sério as suas palavras.

- Todos os homens velam até tarde - objectou a mãe. - Em breve, tornar-te-ás também tu um homem. Mas por agora... és ainda um estudante!

- Claro... claro... - atalhou Kamal no tom de quem quer pôr termo a uma conversa. - Não quis insinuar nada. Porque se deu ao trabalho de vir até aqui? Vá-se deitar em paz.

- Receava que estivesses zangado - respondeu ela com doçura. - Agora deixo-te. Contudo, promete-me que adormecerás com o espírito em paz. Recita a surata do Eterno para que o sonho te venha.

Ouviu-a afastar-se. Depois, ouviu a porta fechar-se nas suas costas enquanto lhe dizia: "Boa noite."

Suspirou novamente e, com os olhos arregalados na escuridão, começou a tocar no peito e no estômago. A vida inteira tinha ainda um sabor amargo. Onde desembocara a embriaguez mágica do álcool? O que era aquela tristeza sufocante que a tinha substituído? Meu Deus, como se assemelhava àquela desilusão amorosa que tinha colocado uma pedra sobre os seus sonhos celestes! Apesar de tudo, se não tivesse sido a repreensão do pai, não se teria sentido perturbado. Aquela força de um gigante que ele temia mais do que outra coisa qualquer e que ao mesmo tempo amava... de que natureza seria? O seu pai era simplesmente um homem. Não tinha nada de mistérios, excepto aquela sua índole de brincalhão calejado de que somente os outros conheciam. Então porque o temia? Até quando ficaria dominado pela força daquele medo? Era uma ilusão como todas as ilusões de que fora vítima. Mas para quê apelar à lógica para combater um sentimento inato? Um dia, durante uma enorme manifestação que desafiava o rei com os gritos "Saad ou a revolução", ele tinha batido os punhos contra a porta do palácio de Abdin^[145].

O rei tinha recuado e Saad tinha assinado a sua própria demissão...

Mas, diante do pai, ele não era nada. Tudo adquiria um valor e um sentido diferentes: Allah, Adão... el-Hussein... o amor... Aida... a eternidade. "Disseste a eternidade? Sim. A este propósito, o que aconteceu ao teu amor? E o que aconteceu a Fahmi? Aquele teu irmão, tombado mártir, que é, para sempre, hóspede do nada? Lembras-te daquela experiência que fizeste quando tinhas doze anos para tentar conhecer o seu ignoto destino? Que funesta recordação! Tiraste um

pássaro do ninho e sufocaste-o; depois, colocaste-o num pedaço de tecido como um sudário e escavaste-lhe uma pequena sepultura no pátio da casa, ao lado do velho poço, onde o enterraste. Alguns dias ou semanas mais tarde, abriste a sepultura e desenterras-te-o. O que viste? E que cheiro sentiste? Correste para a tua mãe e perguntaste-lhe qual era o destino dos mortos, de todos os mortos e de Fahmi em particular. E só depois de a veres chorar é que renunciaste a importuná-la. O que restou de Fahmi após sete anos? O que restou do amor? O que mostrou ser o teu augusto pai?"

Os seus olhos afizeram-se à escuridão do quarto no fundo do qual a escrivaninha, o bengaleiro, as cadeiras e o armário emergiam quais massas obscuras. Mesmo o silêncio paria rumores obscuros. A sua cabeça desvairava com a febre da insónia. A vida ia adquirindo um sabor cada vez mais acre. Perguntou-se se Yassin achar-se-ia já adormecido e como o tinha recebido Zannouba. E Hussein ter-se-ia já internado no sono numa qualquer cama de Paris? De que lado estaria Aida a dormir agora? Seria o seu ventre já rotundo? O que se faria naquela outra metade do planeta em que o Sol pontificava em pleno zénite?...E os astros fulgentes... Acaso haveria uma vida livre de pesares naqueles astros? Poderia o seu débil lamento ser ouvido naquele infinito concerto do universo?

"Deixa que te abra o meu coração, meu pai! Não estou, na realidade, indignado com aquilo que sobre ti descobri. O que de ti ainda desconhecia é-me mais agradável do que tudo quanto já sabia. Admiro a tua galanteria, a tua astúcia, o teu desregramento, a tumultuosa intemperança dos teus sentidos e as tuas aventuras. Esta parte amável da tua pessoa, de que se enamoraram todos os que te conhecem, só prova a tua vitalidade, o teu amor louco pela vida e pelas pessoas. Contudo, quero perguntar-te algo: por que motivo te comprazeste sempre em te mostrar diante de nós sob aquela máscara feroz e terrífica? E não me digas que o fizeste em nome de princípios salutareis da educação porque mais do que outro qualquer os ignoras. Prova disso é o que tu vês e o que não vês da conduta de Yassin e da minha. Não fizeste nada mais senão prejudicar-nos e fazer-nos sofrer imenso e tudo isto devido a uma ignorância que nem sequer as tuas intenções conseguem legitimar. Mas sossega, continuo a amar-te e admirar-te. E amar-te-ei e admirar-te-ei para todo o sempre com devoção. A minha

alma, todavia, contra ti chocava uma condenação severa comparável ao sofrimento que me infligiste. Não encontramos em ti um amigo como tiveram pelo contrário a sorte de encontrar pessoas que nos são estranhas. Para nós foste um juiz prepotente, brutal, tirânico. Como se o provérbio "Mais vale um inimigo inteligente do que um amigo ignorante" tivesse sido inventado de propósito para ti. Eis porque o que mais abomino no universo é a ignorância. Pois a ignorância tudo amesquinha, mesmo os laços sagrados da paternidade. Um pai que tivesse metade da tua ignorância e do amor que demonstras por teus filhos seria melhor do que tu. Juro a mim mesmo que, se um dia me tornar pai, serei amigo dos meus filhos antes de ser o preceptor deles. E, todavia, continuo a amar-te e admirar-te, não obstante tenhas perdido aqueles atributos divinais que os meus olhos maravilhados viam em ti. Sim, o teu poder não passa de uma lenda. Não és um conselheiro como Salim bey, não és opulento como Shaddad bey, não és o líder de todo um povo como Saad Zaghlul, e nem sequer és uma velha raposa como Tharwat nem és nobre como Adli. Mas és um amigo amado por outros amigos e chega. É evidente, não é pouco. Contudo, quem dera que não tivesses poupado a tua amizade junto de nós! Não és o único acerca de quem eu mudei de opinião. Até Allah já não é aquele que outrora eu adorava. Hoje, passo pela joeira os atributos da sua Essência para a expurgar de todo o resquício de onipotência, arbítrio, prepotência, despotismo e de qualquer outro que se prenda com os instintos humanos. Não sei até onde é legítimo que o meu pensamento se aventure e não sei sequer se convém que o detenha. Mas há algo dentro de mim que me diz que irei até ao âmago e que a peleja, por mais acerba que seja, vale mais do que o marasmo e a resignação. Isto não deveria importar-te tanto como o saber que decidi pôr termo à tua prepotência. A tua prepotência que me oprime como o negrume deste quarto e que me tortura como esta maldita insónia. Quanto ao álcool, não é porque me enganou que não mais o experimentarei. Ai de mim, se até o álcool não passasse de outra quimera, o que restaria ao homem? Repito-te: decidi pôr termo à tua prepotência. Não com desfaçatez ou insubordinação. Tenho demasiado respeito por ti para proceder deste modo, mas sairei desta casa. E assim mesmo: sairei desta casa. Logo que puder sustentar-me nas pernas, deixarei a tua casa. Os bairros do Cairo são suficientemente

vastos para darem guarida aos oprimidos. Sabes o que me valeu o facto de te amar apesar da tua tirania? Adorei outro tirano que muitas vezes me oprimiu num jeito aberto e enganador. Tiranizou-me sem jamais me amar! E, todavia, adorei-o do fundo do meu ser e ainda hoje o adoro. E és tu o responsável pelo meu amor e pelo meu padecimento. Até que ponto é este pensamento verídico? É certo que não me deixa tranquilo nem o sustento com ardor. Seja qual for a realidade exterior do amor, este crava incontestavelmente as suas raízes no fundo da alma. Mas não quero falar destes factos agora, haverá tempo para enfrentar a questão. De qualquer modo, foste tu, pai, que incutiste em mim o sentimento de opressão com o incessante despotismo que sobre mim exercestes. E tu, mãe, não me olhes dessa maneira, com esses olhos cheios de censura e de desaprovação. Não perguntes: "Onde errei?" Não fizeste mal a ninguém. A ignorância, a ignorância é a tua culpa. A ignorância... A ignorância... A ignorância. O pai é a crueldade ignorante e tu a bondade ignorante. Enquanto viver, serei a vítima destes dois opostos. Contudo, foi a tua ignorância que povoou o meu espírito de lendas. És o ponto de junção entre mim e a idade das cavernas. Meu Deus, como me é difícil libertar-me hoje das marcas que deixaste em mim e como teria sido mais digno de vocês se me tivessem poupado a este esforço sobre-humano! É por isto que proponho - e que o negrume deste quarto disso seja testemunha - a abolição da família - este fosso onde estagna água pútrida - e a libertação da paternidade e da maternidade. Melhor ainda, quero imaginar um país sem história, uma vida sem passado. E agora olhemo-nos ao espelho. O que vemos? Este nariz grande e esta cabeça enorme. Deste-me o teu nariz, pai, sem solicitar a minha opinião, sem uma migalha de compaixão para comigo. Tiranizaste-me mesmo antes de eu ter nascido. E, se bem que no teu rosto ele pareça imprimir temor e consideração, na minha desgraçada face este assemelha-se - pelo aspecto que tem - a um soldado inglês em plena confraternização com dervixes. Porém, mais estranha ainda é a minha cabeça. Nada tem da tua nem da da mãe. De que longínquo antepassado a herdei pois? Responsabilizar-te-ei enquanto não souber a verdade. Antes de dormecer, temos de dizer "adeus", poderá não surgir um novo dia para nós. Amo a vida, pai, apesar de todo o mal que ela me tem feito, da mesma maneira que te amo. Há coisas na vida que merecem ser

amadas. O rosto a vida está constelado de sinais que suscitam tantas interrogações e estiolam a paixão. E, todavia, o útil que nela existe é inútil e o inútil infinitamente importante. É muito provável que não mais encostarei os lábios a um copo. Diz-me adeus, ó álcool. Porém, é melhor ir com calma! Lembro-me da noite em que deixei a casa de Ayyusha bem decidido a não mais ter relações com nenhuma mulher e como me tornei no seu cliente predilecto. Tenho a impressão de que a humanidade inteira sofre como eu das sequelas da bebedeira e da náusea. Desejemos-lhe um rápido restabelecimento..."

[\[145\]](#) Palácio residencial do rei.

CAPÍTULO 38

Yassin perdeu todo o seu ânimo mal se achou sozinho na viatura após se ter separado de Kamal. Embora ainda estivesse dominado pelos eflúvios do álcool, parecia meditabundo.

Era uma da manhã e o tempo há muito que resvalara para as horas que geram suspeição. Encontraria Zannouba acordada à sua espera furiosa ou talvez acordasse ao ouvi-lo chegar. Num e noutro caso, a noite não decorreria de forma pacífica, pelo menos, não de todo.

Apeou-se da viatura nas vizinhanças do beco de Qasr esh-Shawq e caminhou mergulhado nas densas trevas, encolhendo com indiferença os ombros largos e dizendo baixinho de si para si:

- Não há-de ser Yassin que há-de prestar contas a uma mulher.

E repetiu aquelas palavras enquanto subia as escadas, guiando-se pelo corrimão dada a escuridão. Mas, não obstante isto, não estava totalmente tranquilo.

Abriu a porta e entrou; depois, à claridade fosca do candeeiro da sala, penetrou no quarto de dormir.

Deitou uma olhadela na direcção da cama e viu-a adormecida. Por isso, retrocedeu para fechar a porta de modo a impedir que a luz entrasse e principiou a despir-se com serenidade e prudência, cada vez mais certo de que ela estava a dormir profundamente e matutando em como fazer para se enfiar sob os cobertores sem ruído.

- Acende a luz para que tenha o prazer de te ver!

Virou a cabeça para a cama, esboçou um sorriso conformado e, depois, perguntou com uma expressão de espanto:

- Ainda estás acordada? Pensava que dormias e não queria incomodar-te.

- Que coração delicado! Que horas são?

- Meia-noite, quanto muito. Deixei o café pelas onze horas e regressei a pé com todo o vagar.

- E onde fica este teu café, em Banha^[146]?

- Porquê?...Demorei-me?

- Se esperares mais um pouco, é o galo que te há-de responder!

- Aposto que ele ainda não se deitou!

Sentou-se no sofá para descalçar os sapatos e as meias. Envergava

apenas a camisa e as calças. De repente, ressoou um rangido, viu Zannouba endireitar-se na cama, depois ouviu-a ordenar-lhe num tom ríspido:

- Acende a luz.
- Não é necessário. Já acabei de me despir.
- Quero que as nossas contas sejam acertadas à luz...
- Acertar as contas na escuridão é mais agradável!

Zannouba bufou de raiva e desceu da cama, mas ele estendeu os braços do sítio onde se achava sentado próximo dela, agarrou-a pelo ombro e puxou-a para o sofá, onde a fez sentar ao seu lado, dizendo-lhe:

- Não desencadeies uma briga...
- E o que foi feito do pacto que tínhamos firmado? - replicou ela, repelindo a sua mão. - Aceitei que fosses beber nos cafés, a teu bel-prazer, mas com a única condição de que regressasses cedo. E foi contrafeita que aceitei, porque, se te limitasses a embebedar-te em tua casa, pouparias muito dinheiro que, ao contrário, parte em fumo. Mas, não obstante isto, o que é que fazes? Voltas para casa pouco antes da alvorada indiferente a tudo o que entre nós foi ajustado!

"Quem será capaz de enganar a pequena franguinha da orquestra e do alaúde? E, se um dia tivesse a prova que a enganas, limitar-te-ias a discutir com ela ou...? Pensa nisso duas vezes. E não te esqueças de que não ficarias indiferente se devesse perdê-la. É a mulher que mais amei e que mais amo. Sabe muito bem o que me faz feliz. Está muito ligada à nossa vida em comum. Se não fosse esta maldita monotonia!..."

- Estive num café durante toda a noite e, mal saí, vim directamente para casa. Tenho uma testemunha que tu bem conheces. Sabes de quem se trata? - e, ao falar assim, riu-se alto.

- Não mudes de assunto! - contraveio Zannouba com frieza.
- O meu companheiro de mesa, esta noite, não era ninguém mais do que Kamal!

Mas, ao contrário do que esperava, ela não manifestou o menor espanto e, fora de si, replicou:

- E quem é que a esposa tem como testemunha?
- Não exageres!... A minha inocência está clara como o sol!... Em seguida, bufando:

- Por Deus, que possas desconfiar de mim magoa-me muito. Se soubesses como estou pelos cabelos de correr da direita para a esquerda! Tudo aquilo a que aspiro é uma vida tranquila. A taberna? Mas não passa de um passatempo inocente e salutar. Um homem não pode ficar sempre fechado em casa, precisa de se encontrar com pessoas...

- Ah, biltre! - exclamou Zannouba num tom não desprovido de agastamento. - Todavia, sabes que não sou uma rapariguinha e que tentar enganar-me não é nada fácil. Seria melhor para ti e para mim não dar azo a qualquer motivo de desconfiança entre nós!

"É uma reprimenda ou uma ameaça?... Ainda estou bem longe da vida ideal do meu pai! Faz o que lhe agrada e, ao regressar, encontra sempre quietude, amor e obediência... Um sonho deste jaez não o realizei nem com Zainab nem com Mariam e se há um que não realizarei nunca com Zannouba é precisamente este! A minha bela tocadora de alaúde, porém, não deveria desesperar uma vez que está debaixo da minha protecção!"

- Se ainda tivesse desejos de adultério, não teria casado contigo! - acrescentou ele com firmeza.

- É verdade, mas já foste casado por duas vezes e não foi o casamento que te coibiu de voltares a cair! - gritou-lhe ela com azedume.

- O teu caso nada tem a ver com as duas anteriores, pobre pateta - replicou Yassin bufando e expelindo baforadas de álcool. - A minha primeira esposa foi escolhida e foi-me imposta pelo meu pai. A segunda não podia fazer outra coisa senão casar com ela e casei de facto. Mas tu... não me foste imposta por ninguém e, antes de casarmos, nunca me mantiveste à tua porta. Não te teria desposado, minha pequena pateta, se o casamento, quero dizer, a perspectiva de uma vida regular e estável não tivesse sido o meu único desejo. Por Allah, se tivesses só uma migalha de bom senso, não te permitirias duvidar de mim!

- Mesmo se voltas na alvorada?

- Até se regressasse de manhãzinha!

- Basta! - gritou ela furiosa. - Se dizes mais uma palavra, digo-te adeus!

- E eu digo-te adeus mil vezes! - replicou ele secamente, franzindo

nervosamente a testa.

- Vou-me embora. O mundo é vasto e Allah dar-me-á de que viver...

- Faz como quiseres... - acrescentou ele arvorando indiferença.

- Partirei pois - voltou a dizer Zannouba com uma voz que parecia ameaçadora. - Mas eu sou como uma espinha, recorda-te disso, e uma espinha não se extrai facilmente!

- Estes são discursos inúteis e tolos! - rebateu Yassin arvorando maior indiferença. - O facto de partires é mais fácil do que descalçar o sapato...

Ao ouvir aquelas palavras, o seu tom de desafio e de ameaça tornou-se lamentoso e gritou:

- Então queres que me atire pela janela, assim não maçarei mais ninguém e partirei para sempre!...

Yassin encolheu os ombros com indiferença. Depois, levantou-se e, suavizando a voz, disse-lhe:

- Há uma solução melhor: atira-te para a cama! Anda lá, vamos dormir e arranca os cornos ao demónio...

Alcançou a cama e nela se estendeu suspirando, como se tivesse desejado longamente deitar-se. Zannouba, pelo contrário, voltou a dizer como se falasse consigo mesma:

-Viver contigo é fatalmente uma fonte de preocupação...

"Mas é fatalmente fonte de preocupação também para mim! A culpa é do teu sexo. Sois todas, com exclusão de nenhuma, incapazes de satisfazer inteiramente e matar o tédio que nos oprime está para além das vossas possibilidades. Mas não voltarei à vida solteira por minha escolha. Não me posso permitir vender uma loja a cada ano para um novo casamento. Fica pois, Zannouba, mas com a condição de não me perseguires. Um marido estouvado precisa de uma mulher razoável!"

- Tens intenção de ficar no sofá até que seja dia?

-Não fecharei os olhos. Deixa-me em paz e dorme tu se quiseres. Seria mesmo necessário que as coisas acabassem daquele modo?

Estendeu os braços, agarrou-a pelo ombro e puxou-a para si murmurando;

- Vem para a cama!

Zannouba opôs uma ligeira resistência, depois, deixou-se vencer e regressou para a cama, suspirando:

- Quando é que terei o direito de ter a alma tranquila como as outras

mulheres?

- Mas debes estar tranquila. Deves ter plena confiança em mim. Mereço-a. Alguém como eu não é feliz se não passar fora de casa algum tempo, num bar ou num café. É a minha natureza. E nem tu serás feliz se te agastas com suspeitas alicerçadas no ar. Só tens de te persuadir de que não faço nada de mal quando passo fora parte da noite. Acredita, não o lamentarás. Não sou nem vil nem mentiroso. Não te trouxe aqui, certa noite, embora aqui estivesse a minha mulher? Achas que um ser vil ou mentiroso o teria feito? Já to disse, estou cansado de andar a correr aqui e ali e só te tenho a ti na minha vida!

Zannouba emitiu um suspiro sonoro como que a querer dizer: "Como gostaria que fosses sincero!"

Ele alongou a mão para lhe fazer cócegas dizendo:

- Que lindo, este suspiro inflamou o meu coração! Que Allah o amaldiçoe!

- Deveria antes fazer com que ganhasse juízo! - replicou ela com um tom de prece, embora respondendo a pouco e pouco às suas carícias.

"Quem poderia esperar por um voto como este vindo da boca de uma tocadora de alaúde!"

- E não me recebas nunca mais com a vontade de brigar. A briga esvazia-me de toda a actividade!

"Como remédio, é eficaz, mas não o será em todas as situações. Se tivesses estado com Ayyusha, há pouco, não teria sido assim tão fácil..."

- Estás agora convencida de que as tuas suspeitas não tinham fundamento?

[\[146\]](#) Banha é uma cidade que fica a cerca de 70 km do Cairo.

CAPÍTULO 39

O sayyed Ahmad Abdel Gawwad estava completamente absorto no seu trabalho quando Yassin entrou na loja e dirigiu-se directamente para a secretária.

Ante a simples visão do seu semblante, os olhos vazios e transtornados, compreendeu que o filho lhe vinha implorar a sua ajuda.

E, por mais que este último se esforçasse por lhe sorrir gentilmente e se inclinasse para lhe beijar a mão, o nosso homem apercebeu-se de que ele realizava aqueles gestos exigidos pela tradição de um modo mecânico e que a sua alma estava ausente, perdida num lugar que só Allah conhecia.

Fez-lhe sinal que se sentasse.

Yassin encostou a cadeira à do pai e começou a olhar para ele ora baixando os olhos ora deixando-se ir num sorriso tímido.

O sayyed perguntava-se por que motivo tinha vindo ter com ele e, como se deixar o seu filho no seu silêncio o atormentasse, perguntou-lhe com ar inquieto:

- Como estás? Quais as novidades? Não tens a cara do costume!

Yassin relanceou longamente o pai, tentando movê-lo para a piedade, depois replicou, baixando os olhos:

- Vão-me transferir para os confins do Alto Egipto!

- O Ministério?

- Sim...

- E porquê?

Yassin meneou a cabeça em sinal de protesto e continuou:

- Foi o que perguntei ao director. Aduziu como pretexto coisas que nada têm a ver com o trabalho. É uma injustiça!

- Quais coisas? Explica-te melhor! - perguntou o nosso homem num tom dubitativo.

- Vis calúnias... - depois, após um momento de hesitação: - A respeito da minha mulher...

O sayyed tornou-se ainda mais inquieto e, com um tom de apreensão, perguntou:

- E o que disseram?

O rosto de Yassin foi atravessado por um momentâneo frémito de desgosto.

- Aqueles imbecis andam a dizer que casei com uma... tocadora de alaúde!

O sayyed lançou um olhar angustiado à sua volta pela loja e viu Gamil el-Hamzawi atarefado, e, a alguns passos de si, um homem que estava de pé e uma mulher sentada. Dominou a sua cólera e, em voz baixinha mas não menos trémula devido ao frémito de ira que sentia dentro de si, respondeu:

- Serão realmente imbecis, como dizes, mas era destas consequências que te falava quando tentei pôr-te de sobreaviso. Das piores enormidades, não há uma só que falhes com as tuas atitudes insolentes. Mas as consequências também não te hão-de falhar, pelo menos, não sempre. O que queres que te diga? Foste admitido como vigilante numa escola e a tua reputação deve estar ao abrigo de toda a suspeita. Quantas vezes me consumi de tanto to repetir! Por Allah Todo-Poderoso! Como se não tivesse nada mais a fazer senão ocupar-me dos teus problemas!

- Mas trata-se da minha mulher legítima! - exclamou Yassin dominado pelo tormento e pela confusão. - Não se pode reprovar nada a um homem que age totalmente dentro da legalidade! Onde entra o Ministério em tudo isso?

- O Ministério tem a obrigação de velar pela reputação dos seus funcionários - objectou o sayyed, reprimindo a sua profunda cólera. - Porque não deixas que sejam outros a falar de reputações?

- Sim, mas é um crime e uma injustiça no caso de um homem legitimamente casado!

- Querias que fosse eu a ditar ao Ministério da Educação a sua política?

- Claro que não! - replicou Yassin desarmado e com uma voz suplicante. - Queria somente que usasse a sua influência para fazer suspender esta transferência!

O sayyed pôs-se a alisar uma ponta dos bigodes com a mão direita fixando Yassin sem o ver, absorto como estava a reflectir.

Yassin tentou novamente enternecê-lo desculpando-se por tê-lo importunado e assegurando-lhe que, depois de Allah, ele era o seu único socorro. E só deixou a loja, quando o nosso homem lhe

assegurou e prometeu que faria de tudo para suspender a sua transferência.

À noite, o sayyed Ahmad foi ao café de el-Gundi na praça da Ópera, decidido a encontrar o director da escola. Mal o lobrigou, o director pediu-lhe que se sentasse dizendo:

- Já estava à espera que viesses. Yassin ultrapassou todos os limites. Lamento todos os incómodos que te traz...

- De forma alguma, Yassin também é um filho teu! - respondeu o sayyed instalando-se à mesa na sua frente, no pequeno terraço que dava para a praça.

- Claro!... Mas eu não entro em todo este assunto. É um problema que só diz respeito a ele e ao Ministério!

- Mas não te parece estranho - fez amavelmente observar o sayyed - que se deva punir um funcionário por ter casado com uma tocadora de alaúde? Algo deste género não dirá só a ele respeito? O casamento, aliás, é uma instituição prevista por lei e não é dado a ninguém considerá-lo como uma acção reprovável!

O director franziu o sobrolho pensativo e perplexo, dando a impressão de não ter compreendido aquilo que o amigo acabara de lhe dizer.

- A história do casamento é só um pretexto e é recente. Mas como, não soubeste dos factos todos? Dás-me a impressão de não saberes tudo!

O sayyed sentiu-se aviltado.

- Haverá outras calúnias? - perguntou angustiado e apreensivo. O director inclinou-se para ele e disse-lhe num tom desolado:

- O problema, meu caro sayyed, é que Yassin brigou com uma prostituta de Darb Tayyad. E houve um auto verbal cuja cópia foi transmitida ao Ministério...

O sayyed Ahmad ficou de boca aberta, arregalou os olhos e empalideceu. O director não pôde senão menear a cabeça e dizer, com um ar desolado:

- Esta é a verdade. Fiz de tudo para reduzir ao mínimo as medidas disciplinares previstas para o caso e consegui fazer anular a proposta de o remeter para o conselho disciplinar. Assim, limitaram-se a transferi-lo para o Alto Egipto...

- Que cão...! - resmungou o sayyed com um suspiro.

- Lamento, meu caro sayyed Ahmad! - tornou a dizer o director lançando-lhe um olhar de compaixão. - Este modo de se comportar não é digno de um funcionário do Estado. Não nego que seja um excelente moço e por acréscimo sério no trabalho que faz. Confesso-te que lhe estou afeiçoado não só porque é o teu filho, mas também por causa da sua personalidade. Mas dele contam-se coisas de ficar estupefacto! É necessário que ganhe juízo e se emende, senão comprometerá o seu futuro.

O sayyed conservou-se num longo silêncio com o rosto a queimar-lhe de cólera. Depois, como se falasse consigo mesmo, recomeçou a dizer:

- Brigar com uma prostituta! Que o diabo o carregue!...Mas não o abandonou nas mãos do diabo.

Foi de imediato encontrar-se com deputados e outras altas personalidades do seu conhecimento, solicitando a intervenção destes para anular a transferência do filho.

Muhammad Iffat foi o primeiro a apoiar a sua tentativa. As recomendações chegaram às secretárias dos altos funcionários do Ministério da Educação imediata e continuamente até que deram os seus frutos e a transferência foi anulada.

O Ministério, todavia, insistiu para que Yassin fosse destacado num dos seus gabinetes, na sequência do que, sob expressa recomendação de Muhammad Iffat, o director dos arquivos - seu genro e o marido da primeira esposa de Yassin - se declarou disposto a aceitá-lo no seu serviço.

A questão ficou resolvida e, no início do Inverno do ano de 1926, Yassin foi transferido para a Direcção dos Arquivos, sem, contudo, sair incólume de toda esta situação: foi declarado como não sendo idóneo para trabalhar nas escolas e foi recusada também a proposta de uma promoção ao sétimo escalão, não obstante contasse mais de dez anos de serviço no oitavo escalão!

Se bem que a única preocupação de Muhammad Iffat tivesse sido a de lhe evitar todos os possíveis vexames ao fazê-lo transferir para o serviço do genro, Yassin não ficou em nada satisfeito com a sua nova posição sob a direcção do marido de Zainab.

Um dia, teve de confiar estes seus sentimentos a Kamal dizendo-lhe:

- Quem sabe, talvez Zainab esteja contente com aquilo que me

aconteceu e nisto tenha encontrado mais um motivo para justificar a posição tomada pelo pai quando recusou que ela voltasse para mim.

"Sei bem demais o que se passa na cabeça das mulheres e estou certo de que ela se alegra com as minhas desventuras. Infelizmente só posso encontrar uma boa situação sob as ordens deste cabrão! É um velho e nada tem que possa agradar às mulheres. Mas nunca poderá colmatar o vazio que Yassin deixou. Que escarneça, aquela estúpida, já que também eu tenho os meus motivos para o fazer!"

Zannouba nunca soube a verdadeira razão para aquela transferência. Tudo o que conseguiu saber foi que o seu marido tinha sido promovido a um cargo superior no interior do Ministério.

Da mesma forma, o sayyed guardou-se bem de confrontar Yassin com o real motivo do escândalo e limitou-se a dizer, uma vez obtida a anulação da transferência:

- Tanto vai o cântaro à fonte que um dia vem quebrado! Trouxeste um sem-número de aborrecimentos e cobriste-me de vergonha. A partir de hoje não cuidarei mais dos teus problemas. Faz como bem entenderes! Entre ti e eu está Allah!...

Mas não teve coragem de o abandonar à sua sorte. Um dia, chamou-o à loja e disse-lhe:

- Chegou o momento de reconsiderares de forma diferente a tua vida para encontrares a via da decência e da dignidade e pões termo à vida de transgressões que levavas. Estás sempre a tempo para recomeçar. Posso arranjar-te a vida que te convém. Só tens de me escutar e obedecer...

Começou, por isso, a expor-lhe a sua proposta dizendo-lhe:

- Divorcia-te da tua mulher e volta para casa. Cuidarei de te arranjar um casamento digno de ti de modo a teres uma vida respeitável!

- Aprecio o seu desejo sincero de melhorar a minha situação - replicou Yassin com um fio de voz e cujo rosto começara a corar - e, da minha parte, tentarei realizar este desejo sem incomodar ninguém!

- Outra promessa, como aquelas dos Ingleses! - gritou o nosso homem num acesso de cólera. - Parece que estás mortinho por fazer uma visita à prisão! Sim, é mesmo isso, a próxima vez será de trás das grades de uma cela que me chegarão os teus gritos. Repito-to: divorcia-te daquela mulher e volta para casa...

- Está grávida, pai - respondeu Yassin emitindo um suspiro

profundo de forma a fazê-lo ouvir perfeitamente ao pai - E não quero acrescentar uma nova culpa às que já tenho!...

"Meu Deus! Protege-nos! Neste momento, há um neto meu que se está a formar no ventre de Zannouba! Poderias imaginar quantas preocupações te reservava aquele jovem quando o tomaste nos teus braços, nascido de ti, num dia considerado entre os mais belos da tua vida?"

- Grávida?

- Sim.

- E não queres acrescentar uma nova culpa às que já tens?

Depois, deu livre curso à sua cólera e, sem mesmo deixar a Yassin o tempo de abrir a boca, prosseguiu:

- Então porque é que não tiveste os mesmos escrúpulos quando se tratou de ofender raparigas de boas famílias? És uma maldição, pelo Sagrado Alcorão!

Seguiu-o com dois olhos cheios de desprezo e de comiseração enquanto ele se afastava e saía da loja.

Não podia deixar de admirar o belo porte que o jovem herdara dele, embora não se pudesse dizer outro tanto das suas tendências profundas herdadas da mãe!...

Recordou, todavia, ao mesmo tempo, como ele próprio se tinha imposto um freio no momento oportuno. Tinha-se imposto um freio? Sentiu laivos de amargura e de angústia e amaldiçoou Yassin. Depois amaldiçoou mais uma vez... Yassin!

CAPÍTULO 40

O vinte de Dezembro chegou e ele sentiu, pelo menos no que lhe dizia respeito, que não era um dia como os demais. Porque, algum tempo antes, naquele mesmo dia e a uma certa hora, ele se tinha achado neste mundo. Tinham também registado o acontecimento numa certidão de nascimento, para que a data sobre a qual se tinham posto de acordo permanecesse mais ou menos aquela! Envergara o sobretudo e ia e vinha pelo quarto lançando de quando em quando uma olhadela para a secretária, onde, aberto numa página branca que trazia registado na parte de cima a sua data de nascimento, jazia o seu diário. Sem nunca interromper aquele seu vaivém duma extremidade à outra do quarto, retirando daquele movimento um pouco de calor que o ajudava a combater o frio lancinante que ali reinava, reflectia sobre aquilo que tinha a intenção de escrever por ocasião daquele aniversário.

Como aparecia através dos vidros da janela, o céu escondia-se sob um véu de nuvens turvas. A chuva caía espaçadamente despertando no seu espírito apelos prementes à meditação e ao sonho.

Deveria celebrá-lo, aquele aniversário, ainda que limitasse a cerimónia ao único interessado.

Na velha casa, com efeito, não era tradição festejarem os aniversários. A sua mãe, a começar por ela, não sabia sequer que aquele dia era um daqueles que nunca deveria ter esquecido. Dos nascimentos dos seus filhos, ela conservava somente vagas recordações, ligadas às estações do ano durante as quais estes tinham ocorrido. Assim, tudo o que ela sabia do seu nascimento era que este tinha tido lugar no Inverno. O parto tinha sido difícil, muito difícil e tinha sofrido e gritado durante dois longos dias.

Quando, ainda pequeno, recordava aquilo que lhe tinha sido dito sobre o seu nascimento, o seu coração enchia-se de compaixão pela mãe. Aquele sentimento de piedade tornara-se cada vez mais forte quando, assistindo ao nascimento de Naima, ele tinha tremido de dor por Aisha. Hoje, pelo contrário, considerava o acontecimento da sua vinda ao mundo numa perspectiva diferente que bebera às fontes da filosofia materialista com tamanho ardor febril que assimilara em dois

meses aquilo que o pensamento humano tinha produzido no decurso de um século.

Perguntou-se porque o seu nascimento tinha sido difícil e se isso não era imputável, em parte ou na totalidade, à negligência ou à ignorância. Interrogava-se como se fosse um juiz no acto de interrogar um réu que comparece diante dele no tribunal. Meditou sobre a dificuldade da sua vinda ao mundo e sobre as consequências que daí talvez houvessem derivado ao nível do cérebro e do sistema nervoso e que poderiam ter desempenhado um papel importante na sua vida e no destino do recém-nascido com todo o bem e todo o mal que se lhes poderia atribuir. A sua mórbida paixão por Aida, por exemplo, não poderia ser atribuível às compressões sofridas na sua fontanela, ou na sua volumosa caixa craniana, na cavidade do útero dezanove anos antes? E aquele seu idealismo que o tinha arrastado ao longo das inexploradas terras da imaginação e que lhe tinha feito verter lágrimas abundantes no altar do sofrimento, não poderia ser, por acaso, uma desagradável consequência da incúria de uma parteira inexperiente? Meditou ainda sobre o período pré-natal e o seu pensamento embrenhou-se para além do limiar da concepção, até àquela nebulosa donde surge a vida, àquela equação química e mecânica que desemboca num ser vivo que fará da sua origem o objecto da sua primeira denegação para levantar os olhos para as estrelas, arrogando-se um parentesco entre as altas esferas.

Não, ele conhecia uma origem mais simples para estes seres vivos, uma origem que tem o simples nome de esperma.

E assim, dezanove anos e nove meses antes, não passava de uma gota de esperma! Uma gota de esperma ejaculada de um desejo de prazer inocente ou de uma necessidade premente de consolação ou de um impulso de ardor suscitado por uma embriaguez libertadora ou talvez do simples sentimento de obrigação para com a esposa enclausurada em casa. De qual destas circunstâncias era ele o filho? Viera talvez a este mundo como o filho do dever e ter-se-ia destarte explicado porque a sensação de dor não o desamparava nunca! Tinha mesmo dedicado o seu interesse aos prazeres uma vez que estes lhe tinham aparecido como uma filosofia a indagar e uma causa a aprofundar, embora não descurasse o facto de que, para lá chegar, tivesse de suportar uma contenda e sofrimentos e não tomasse a vida

como algo de simples. Daquela gota de esperma, pois, saíra um ser animal que tinha encontrado um óvulo na trompa e aí penetrara, depois tinham deslizado juntos para o útero onde se tinham transformado em embrião. Este último, depois de se ter constituído num esqueleto revestido de carne, tinha vindo à luz no meio da dor que acompanhava aquela sua passagem.

Posteriormente, antes ainda que as suas feições refulgissem, desatara a chorar e os instintos que nele trazia tinham continuado a crescer e a cristalizar-se dando vida, com o volver dos dias, a crenças e opiniões com as quais acabara por se sentir oprimido.

Depois, apaixonara-se perdidamente e, a origem daquele amor, ia ele dizendo para si mesmo, era uma espécie de divindade. Tinha, por fim, visto as suas crenças vacilarem e, mais tarde, desmoronarem-se as suas ideias transtornadas e o seu coração desiludido, ao ponto de se ver reduzido a uma condição mais infame do que aquela a que a natureza o tinha elevado!

Tinham, pois, decorrido dezanove anos. Quanto tempo tinha passado! Como se fora num relâmpago a sua juventude! Como disso se poderia consolar senão saboreando a vida a cada hora, a cada minuto, antes que o corvo anunciasse o pôr do Sol?

O tempo da inocência passara já, ao qual se seguira aquele em que costumava datar a sua vida a partir do dia em que se apaixonara, anotando cada coisa com as letras "A.A.", "DA."^[147]. Muitos eram hoje os desejos mas ignota a essência do amor que deixava como único dono ao seu apaixonado somente alguns dos seus mais belos nomes^[148].

Era aquela a verdade, a alegria da vida e a luz da ciência. A viagem, é claro, fora longa. Era como se o apaixonado tivesse perdido o comboio de Auguste Comte, tivesse passado através da estação da teologia cujo mote é "Sim, mãe!" e tivesse atravessado depois as regiões da metafísica cujo mote é "Não, mãe!" para enxergar ao longe, através de uma luneta de alcance, a montanha da "realidade positiva" no cume da qual estava esculpido "Abre os olhos e sê corajoso!"

Deixou de andar de lá para cá pelo quarto e parou diante da secretária.

Os seus olhos caíram no caderno. Perguntou-se se deveria sentar-se e pôr preto no branco naquela página dedicada ao seu aniversário, aí

escrevendo tudo o que a inspiração lhe ia sugerindo. Ou, talvez, devesse remeter tudo a outro momento enquanto esperava que os seus pensamentos tomassem uma forma nítida?

No entretanto, o tiquetaque da chuva nos muros atingia os seus ouvidos como um zumbido.

Prolongou o olhar para a janela que dava para Bain el-Qasrain e viu pérolas de chuva suspensas ao vidro, que transpirava humidade. Houve uma que tardou a escorrer para a parte inferior da cornija, traçando uma linha luminosa e sinuosa como a cauda de um cometa naquele quadrado de vidro embaciado.

Dirigiu-se para a janela e ergueu os olhos seguindo o caminho da chuva que vinha das nuvens densas naquele céu que se unira à terra com fios de pérolas.

E, entretanto, os minaretes e as cúpulas pareciam indiferentes àquela chuva e o horizonte, para além destas, cintilava numa moldura de pulsações argênteas. Tudo isto que se abria diante dos seus olhos foi como que envolto num manto opalescente que destilava grandiosidade e sonhos...

Da rua chegavam gritos de crianças.

Debruçou-se e olhou para a rua: havia água que corria por todo o lado e lama acumulada em todos os cantos. As viaturas afundavam-se e, das rodas, esguichavam jorros de água e lama. As montras das lojas estavam desprovidas de qualquer mercadoria, os transeuntes procuravam refugio nos estabelecimentos, nos cafés e debaixo dos balcões.

Aquele aspecto do céu falava ao sentimento com acentos de emoção e não achou nada melhor do que indagar demoradamente o seu mistério e nele encontrar inspiração em que meditar sobre a sua posição perante a vida no dealbar do seu novo ano. Ainda não encontrara um companheiro) para lhe comunicar os segredos da sua alma, desde que Hussein Shaddad tinha abandonado o solo da pátria. Agora, só tinha a sua alma com que dialogar no caso de sentir a necessidade de falar, tinha-a como sua confidente desde que o amigo da alma o tinha abandonado. 'Achas mesmo que Allah existe?', perguntou ele à sua alma e esta, por sua vez, perguntou-lhe: "Porque não tentas saltar de estrela em estrela, de planta em planta, como fazes de degrau em degrau na escada?"

A sua mente via agora aparecer e desfilar a flor das flores eleita pelos convidados do céu, que tinham elevado a Terra para o centro do universo e tinham obrigado os anjos a prosternarem-se na presença de uma criatura de barro.

Viera, depois, Copérnico e tinha baixado a Terra para o seu devido lugar que lhe fora atribuído pelo universo como modesta serva do Sol.

E, depois de Copérnico, viera Darwin, que tinha desmascarado o falso príncipe, gritando à face do mundo que o seu verdadeiro pai era aquele que ele mantinha fechado numa jaula, convidando os amigos a vê-lo nas festas e nas celebrações.

"No começo, era a nebulosa. Desta, como jorros de água que esguicham da roda de uma bicicleta, miríades de estrelas se soltaram. Depois, no seu eterno girar, atraíram-se reciprocamente dando origem aos planetas. Como bola de água, destacou-se destes e a Lua seguiu os seus passos para ficar sempre no seu encalço e enfastiá-la, mas a Terra olhava para esta ora enfurecida numa parte do seu rosto ora sorridente na outra, até que deixou de ter vontade e, então, os seus traços enrijeceram-se em montanhas, planaltos, vales e picos e, depois, numa vida que lentamente mas inexoravelmente aqui e ali se espalhava. Foi então que surgiu o filho da Terra, avançando de gatas e perguntando aos que encontrava ao longo do caminho onde estaria o ideal.

Não te escondo que estou farto dos mitos. Por outro lado, sacudido pelas vagas altas, encontrei uma rocha de três flancos a que me agarrei. Doravante chamá-la-ei a rocha da ciência, da filosofia e do ideal. Não me digas que a filosofia é, como a religião, uma fábula mítica. A filosofia apoia-se em sólidas bases que ela tira das ciências e graças e avança segura para o seu alvo. Quanto à arte, é um prazer sublime, um prolongamento da vida.

A minha ambição, no entanto, olha ainda para mais longe, não se satisfaz somente com a verdade. Em comparação com a verdade, a arte parece ser sobretudo uma disciplina feminina. Contudo, para conseguir este objectivo, estou pronto a sacrificar tudo, mas não a minha razão de viver. Quais são as minhas aptidões para este papel eminente? Uma cabeça grande, um nariz grande, um amor desiludido e uma esperança doentia. Não te enganes com os sonhos da juventude, seria um sintoma de senilidade precoce a que as pessoas doentes dão o nome de sabedoria.

Não há nada de contraditório no facto de poderes admirar Saad Zaghlul tanto como admiras Copérnico, Ostwald e Mach. Lutar para ligar o Egipto atrasado ao comboio da humanidade é uma obra nobre e humana ao mesmo tempo.

O patriotismo é uma virtude se não se deixar contaminar pelo ódio e pelo racismo. Porém, o ódio que nutrimos pela Inglaterra não é nada mais do que uma forma de defesa da nossa identidade, e o nosso patriotismo é, por isso, nem mais nem menos do que um humanismo local. Mas pergunta se acredito no amor?

Responder-te-ei que isso ainda não abandonou o meu coração e, por isso, só posso reafirmar a realidade do sentimento humano. E se bem que o amor já anteriormente tivesse entrelaçado as suas raízes com as da fé e das lendas, a destruição dos seus santos altares não abalou os fundamentos, como não o fizeram a irrupção do estudo e da análise no seu santuário, o isolamento dos seus constituintes biológicos, psicológicos e sociais que desvalorizaram a sua importância. Não obstante tudo isto, na verdade, sempre que uma recordação ressurge e uma imagem se agita diante dos meus olhos, não fazem bater menos o meu coração! Mas então, ainda acreditas na eternidade do amor?

A eternidade não é um mito! Mas talvez o amor se esqueça, como todas as coisas no mundo. Desde que se casou... Aida - porque hesitas em pronunciar o seu nome? - já passou um ano. Já queimaste uma etapa na via do esquecimento! Conheceste os estádios da loucura, depois da prostração e por fim da dor, de começo lancinante e depois intermitente.

Pode também acontecer que hoje todo o dia passe sem que me volte ao pensamento a não ser quando me debater com a insónia ou quando dormir, uma vez ou duas ao longo do dia. E a emoção que sinto vai de uma nostalgia que vem ao de cima lentamente, de uma tristeza que passa como uma nuvem ou uma desolação que me morde sem me queimar.

Mas há também momentos em que a minha alma se abrasa como um vulcão e a terra abana freneticamente sob os pés.

Mas, o que te faz correr atrás do esquecimento?... Para estudar o amor e analisá-lo, como já o disse; para depreciação das dores individuais e abandonar-me às meditações universais do alto das quais o mundo do homem parece um grão de areia; para revolucionar as minhas

ideias com o álcool e o sexo; para encontrar conforto junto dos filósofos do reconforto como Espinosa, que considera o tempo à maneira de uma dimensão irreal, julgando, por conseguinte, irracionais as emoções ligadas aos acontecimentos passados ou futuros, emoções que somos capazes de superar se delas conseguirmos fazer uma representação clara e distinta. Fez-te feliz perceber que se pode esquecer o amor? Sim, estou contente, porque só assim posso esperar libertar-me da sua prisão, mas estou ainda entristecido, porque foi uma experiência que me fez viver a morte antes que esta se apresente. Seja como for, enquanto viver, detestarei a prisão e amarei perdidamente a liberdade absoluta.

Feliz quem não pensa no suicídio e não deseja a morte! Feliz aquele que no seu coração alberga a chama da esperança! Eterno aquele que age ou se prepara com fé para a acção! Vivo é aquele que segue as pegadas de el-Khayyam com um livro, um copo e uma mulher amada entre os braços! Um coração vibrante de contínuas esperanças não pensa, ou finge não pensar, no casamento, tal como um copo cheio de whisky já não tem espaço para a soda. Faz somente com que a tua paixão pela bebida seja plenamente satisfeita e que, ao caíres nos braços das mulheres, não sejas nunca acompanhado por reacções de desgosto e de repulsa. Quanto ao teu desejo de pureza e de abstinência que por vezes te toma, talvez seja um resíduo da tua religiosidade de outrora."

A chuva tinha continuado a cair sem cessar por um momento. Troava e relampejava. A rua estava deserta. Já não se ouvia gritar.

Kamal pensou deitar uma olhadela para o pátio da casa. Saiu, por isso, do quarto, dirigiu-se para a sala e pôs-se à janela, donde, apontando o olhar através das persianas, viu a água arrastar a terra mole do solo, escavando sulcos, para depois fluir em direcção do velho poço. Mas parte desta transbordou e foi acumular-se entre o forno e a cave num buraco onde, protegidos pela humidade, germinavam grãos de trigo, de cevada ou de alforba caídos talvez das mãos de Umm Hanafi, tenras plantinhas revestidas de um ténue invólucro de seda, que cresciam durante alguns dias e acabavam por ser esmagadas pelos pés dos transeuntes.

Diante daquele buraco, que no tempo da infância tinha sido o campo das suas experiências e o pasto dos seus sonhos, o seu coração

perdia-se agora nas recordações a ela ligadas num ímpeto de aflição e de melancolia nostálgica, de exultação velada de tristeza, como a face da Lua velada sob uma nuvem diáfana.

Desprende-se da janela para regressar ao quarto e notou a presença daquela que se encontrava na sala - a única recordação viva da eterna sessão do café": a sua mãe, sentada com as pernas cruzadas sobre o sofá e os braços estendidos sobre o braseiro, apenas acompanhada por Umm Hanafi, sentada ela também com as pernas cruzadas sobre uma pele de ovelha diante dela. Recordou, então, a antiga reunião nos dias do seu esplendor e perseguiu as belas recordações que esta tinha depositado nele. O único vestígio que não sofrera qualquer alteração considerável era o braseiro.

[\[147\]](#) "Antes do Amor", "Depois do Amor".

[\[148\]](#) Alusão aos 99 atributos de Deus, designados "Os mais belos nomes de Allah".

CAPÍTULO 41

Ahmad Abdel Gawwad caminhava tranquilamente ao longo da margem do Nilo rumo à awwama de Muhammad Iffat.

A noite estava serena, o céu claro salpicado de estrelas, o ar mais frio. Quando chegou ao seu destino, não se esqueceu, enquanto se preparava para entrar, como doravante se tornara um hábito seu, de olhar para o longe, para aquela parte do Nilo em que se encontrava a awwama que ele um dia tinha chamado de "a awwama de Zannouba".

Tinha já passado um ano sobre aquelas recordações dolorosas e, no seu coração, não restara senão despeito e vergonha.

Entre os diferentes efeitos que aquelas recordações tinham deixado estava a sua decisão de desertar as reuniões galantes, o que, de resto, tinha já feito a seguir à morte de Fahmi. Assim se comportara durante um ano inteiro, mas, depois, tinha-se cansado, mortalmente aborrecido, tinha recuado na sua decisão e estava agora a ir ao encontro, com passo firme e determinado, dos seus velhos amigos na awwama dos encontros proibidos.

Ao cabo de um minuto, mal ele fez a sua entrada no meio da alegre reunião, parou, contemplando aquela sua querida companhia composta pelos seus três amigos e pelas duas mulheres.

Se tinha já visto os amigos na noite anterior durante um dos seus encontros, não podia dizer o mesmo daquelas duas mulheres, que não via há cerca de um ano e meio ou, precisamente, desde a noite em que Zannouba irrompera na sua vida.

Nada começara ainda. As garrafas estavam intactas e estava tudo ainda na mais perfeita ordem. Galila ocupava o sofá central, brincando com as suas pulseiras de ouro completamente absorta a ouvir o tinir destas, enquanto Zubaida se mantinha em pé sob o lampadário que pendia do tecto, mirando-se num pequeno espelho que segurava na mão para dar os últimos retoques de maquilhagem, encostada à mesa cheia de garrafas de whisky e de pratos de mezza. Os três amigos estavam sentados um aqui outro ali, com as cabeças descobertas e tinham já retirado as gubbas. Ahmad Abdel Gawwad estreitou-lhes a mão, depois, estreitou com entusiasmo a das duas mulheres.

Galila recebeu-o dizendo:

- Boas-vindas, querido irmão!

Enquanto Zubaida lhe disse com um ar de sorridente reprovação:

- Boas-vindas àquele que não merece o menor cumprimento da nossa parte mas que cumprimentamos apenas por boa educação!

O homem retirou a gubba e o fez, depois, relanceou os dois lugares vazios - Zubaida fora sentar-se ao lado de Galila - e, antes de se dirigir para o sofá das duas mulheres, onde se instalou, teve um momento de hesitação que o olho atento de Ali Abder Rahim não deixou escapar.

- Ao ver-te assim, tens o ar de um aluno caloiro.

- Não faças caso - disse, por sua vez, Galila como que para o encorajar.- Não há nenhum motivo por que te devas sentir embaraçado no meio nós.

- Teria mais direito de dizer isso - acrescentou de súbito Zubaida com uma gargalhada e aumentando a dose. - Não somos porventura parentes agora?

O sayyed percebeu a alusão e perguntou-se angustiado o que poderia ela saber de todo aquele assunto. E, todavia, quis responder com delicadeza.

- A honra é toda minha, sultana!

- Estás realmente feliz com o que aconteceu? - perguntou Zubaida fixando-o com um ar de dúvida.

- Acaso não és a tia dela? - respondeu ele elegantemente.

- O meu coração, contudo, nunca ficará satisfeito com ela - replicou a mulher com um gesto de despeito.

Antes que o sayyed pudesse perguntar-lhe a razão, Ali Abder Rahim exclamou esfregando as mãos:

- Porque é que não falam destas coisas mais tarde? Deixem agora descansar as nossas cabeças!...

E, ao falar assim, levantou-se para se abeirar da mesa, abriu uma garrafa, encheu os copos e ofereceu um a cada qual, com um tal zelo que deixava transparecer a satisfação que lhe trazia o desempenhar as funções de copeiro. Depois, esperou que todos estivessem prontos para beber e exclamou:

- A saúde dos amigos queridos, dos irmãos e da alegria para que estejam sempre connosco!

E todos, sorrindo, levaram os copos aos lábios.

Ahmad Abdel Gawwad observava, por cima do copo, as faces dos

seus companheiros... aqueles companheiros que desde há cerca de quarenta anos tinham partilhado com ele os deveres da amizade e da fidelidade. Parecia-lhe ver pedaços da sua alma e sentiu-se, de repente, transtornado e transportado por um impulso de sincera ternura fraterna. Depois, virou-se para Zubaida e recomeçou a falar com ela perguntando-lhe:

- Porque é que o teu coração nunca ficará satisfeito com ela?
Zubaida lançou-lhe uma olhadela que lhe fez sentir a alegria que experimentava ao conversar com ele.

- Porque é uma traidora - respondeu - que não respeita os pactos. Traiu-me há mais de um ano, deixando a minha casa sem sequer me pedir autorização para ir não sei para onde...

"Achas realmente que não sabe onde estivera durante todo aquele tempo?" Mas recusou fazer qualquer comentário e não disse uma só palavra.

- Soubeste-o, não é? - perguntou-lhe ainda a mulher.

- Sim, soube-o e a seu tempo! - respondeu ele com calma.

- E pensar que cuidei dela quando ainda era muito pequena e a criei com o amor de uma mãe. E olha como me recompensa aquela ingrata na qual corre sangue repugnante nas veias!

- Não insultes o seu sangue, porque também é o teu! - exclamou Ali Abder Rahim com vontade de gracejar mas fingindo condená-la.

- O meu sangue nada tem a ver com o dela! - retorquiu Zubaida com um ar sério.

Nisso, o sayyed Ahmad perguntou-lhe:

- Mas então quem era o seu pai?

- O seu pai?

Estas últimas palavras tinham escapado a Ibrahim el-Far com um tom de voz que prenunciava uma avalanche de sarcasmos. Mas Muhammad Iffat preveniu-o dizendo:

- Não te esqueças de que estás a falar da esposa de Yassin!

Do rosto de el-Far desapareceu toda a vontade de gracejar e, não sem embaraço, fechou-se num mutismo completo. No entanto, Zubaida tomou a dizer:

- Quanto a mim, posso assegurar-te de que não brinco quando falo dela em certos termos. Olhou-me sempre com olhos invejosos e sempre sonhou tornar-se na minha rival, não obstante a tivesse

recebido em minha casa. Mimava-a e fechava os olhos sobre os seus defeitos - depois, a rir:

- Sonhava tornar-se numa cantora!

Manteve o seu olhar suspenso sobre os assistentes durante alguns instantes, depois, com um tom sarcástico, acrescentou:

- Como não conseguiu, casou-se!...

- Porquê, na tua opinião o casamento é um fracasso? - perguntou estupefacto e contrariado Ali Abder Rahim.

Zubaida piscou-lhe um dos olhos arqueando a sobrancelha do outro e replicou:

- Claro, meu rapaz! Uma cantora não abandona a orquestra a não ser para caminhar para o fracasso...

Naquele momento, Galila começou a cantar entoando o refrão:

- És o vinho, ó minha alma, aquele que nos dá conforto!

O sayyed esboçou um belo sorriso e saudou-a com um agradável "ah!" revelador do seu contentamento.

Mas Ali Abder Rahim levantou-se para, de novo, dizer:

- Um pouco de silêncio, por favor, para esvaziar este copo...

E, ao falar assim, encheu os copos e distribuiu-os aos presentes, após o que regressou ao seu lugar com o copo na mão.

Ahmad Abdel Gawwad agarrou no seu e observou Zubaida, que se aproximou dele sorridente e com o copo na mão também ela, para depois o levantar como que para lhe dizer: "A tua saúde."

Fez o mesmo também ele e beberam, enquanto Zubaida o observava com olhos enternecidos e sorridentes.

Tinha passado um ano e nunca mais experimentara o desejo de correr atrás de uma mulher.

Era como se a dura experiência vivida tivesse apagado nele todo o estímulo e ardor, ou talvez fosse uma questão de orgulho, ou estivesse doente. Os vapores do álcool, todavia, e aquele olhar afectuoso reanimaram o seu coração e sentiu, após a amargura que saboreara desde que se impusera um freio, a doçura de se oferecer e se deixar prender, vendo nesta uma cordial saudação de boas-vindas, lançada por aquele sexo que tinha sido a paixão da sua vida e esperando que ela acabasse por aliviar as feridas da sua dignidade que a traição de Zannouba tinha duramente posto à prova. Parecia-lhe que aquele sorriso eloquente de Zubaida queria dizer: "A tua hora de glória ainda

não passou!" e, por isso, não desprendeu os seus olhos dela e continuou a sorrir-lhe.

Muhammad Iffat trouxe um alaúde e pousou-o entre as duas mulheres. Galila pegou nele e começou a dedilhar as cordas, depois, vendo que os seus ouvintes tomavam gosto e lhe prestavam atenção, pôs-se a cantar: - Ó tu que amo, fica atento e olha para mim!

Ahmad Abdel Gawwad, como era seu hábito sempre que ouvia cantar Galila e Zubaida, fingiu estar a brincar e movia aqui e ali a cabeça ao som da voz, como se quisesse exteriorizar as suas emoções exprimindo-as através daqueles movimentos.

Na verdade, do mundo do canto não tinha, agora, outra coisa senão recordações.

El-Hamuli, Otman, el-Manialawi e Abdel Hayy já não existiam, como já não existia a sua juventude e como tinham sido ultrapassados para sempre os dias do seu triunfo! E, todavia, tinha de se resolver em se contentar com a realidade imediata e dar livre curso às suas emoções, mesmo se as simulasse com aqueles seus movimentos com a cabeça.

O amor pelo canto e a paixão pela música tinham-no levado a frequentar o teatro de Munira el-Mahdiyya, não obstante nunca tivesse sido um apaixonado pelo musical, para além do facto de sentir um tédio indizível ao ficar sentado num teatro com a impressão de se achar sentado num banco de escola.

Acontecera-lhe ouvir em casa de Muhammad Iffat alguns discos da nova cantora Umm Kulthum, mas escutara-os com um ouvido cheio de desconfiança e, apesar de se dizer à sua volta que o próprio Saad Zaghlul tinha amplamente elogiado a sua voz, ele não a tinha verdadeiramente apreciado.

Nada naquele momento deixava imaginar pelo seu aspecto aquilo que ele pensava deveras do canto. O seu olhar era todo ele para Galila, satisfeito e feliz, e repetia com os outros o refrão: "... fica atento e olha para mim!" com uma voz doce e abandonada, até el-Far gritar com um suspiro:

- Onde... Onde está o tamborim? Onde está o tamborim para que Abdel Gawwad júnior nos toque alguma coisa?

- Porque não perguntas onde está o Ahmad Abdel Gawwad que enlouquecia o tamborim com o toque dos seus dedos? Ah, porque será

que o tempo nos muda tanto?

Galila terminou de cantar sob uma chuva de aplausos, mas, com um sorriso grato, escusou-se dizendo:

- Estou cansada...

Zubaida cobriu-a de elogios, o que acontecia frequentemente entre elas por um sentimento de complacência e com a preocupação de não perturbar o entendimento geral, embora já a ninguém escapasse que a estrela de Galila enquanto cantora entrara num rápido declínio cujo primeiro sinal revelador tinha sido a decisão de Fino, a tocadora de tamborim, de abandonar a sua orquestra para fazer parte de outra.

Um declínio natural, certamente, dado que aquelas qualidades sobre as quais outrora assentara o seu sucesso e a sua fama, como o seu fascínio e a beleza da sua voz, estavam actualmente completamente esmaecidas.

Era por isso que Zubaida não sentia mais em relação a ela qualquer ciúme de relevo e podia agora permitir-se adulá-la com o coração sereno, visto que chegara agora ao ápice da sua vida artística, além do qual qualquer outro passo assinala um ponto de declínio.

Os três amigos interrogavam-se frequentemente se Galila tinha alguma vez pensado tomar as devidas precauções para fazer face a esta importante fase da sua vida.

Ahmad Abdel Gawwad era da opinião de que não o tinha feito e pôs-se até a acusar alguns dos seus amantes de terem dissipado uma grande parte da fortuna acumulada, tendo o cuidado, porém, de sublinhar que ela era uma mulher que sabia conseguir dinheiro por todos os meios.

Ali Abder Rahim apoiava plenamente aquele seu juízo dizendo: "Ela negoceia a beleza das mulheres da sua orquestra e a sua casa a pouco e pouco vai tomando um ar totalmente diferente!"

Quanto a Zubaida, estavam todos de acordo que, apesar de não lhe faltarem os talentos para extorquir rios de dinheiro, era daquelas almas pródigas que o gastam e o espalham e se enfatuam com todos os ornamentos exteriores capazes de queimar num ápice uma enorme fortuna, para não falar do seu apego ao álcool, às drogas e, em particular, à cocaína.

- Permita-me exprimir - disse Muhammad Iffat dirigindo-se a Zubaida - a minha admiração pelos olhares amenos que reserva a

alguns de entre nós!

Galila riu e, com voz fraca, acrescentou:

- Os seus olhos traem o seu amor...

- Achas que te encontras por acaso numa confraternidade de cegos?

- perguntou, por sua vez, Ibrahim el-Far com desapontamento.

Foi naquele momento que Ahmad Abdel Gawwad, dando-se um ar desolado, interveio e disse:

- Não é com esta franqueza que se tornarão rufiões como bem quereriam!

- Não olho para ele com um propósito reprovável, que Allah me guarde! - voltou a dizer Zubaida respondendo a Muhammad Iffat. - Invejamos somente o seu modo de se manter jovem! Repara um pouco na sua bela cabeça negra que sobressai entre as vossas já cheias de cabelos brancos e digam-me se lhe dariam mais de quarenta anos!

- Eu dou-lhe um século!...

- Estás mas é a pensar em ti! - replicou Ahmad Abdel Gawwad.

Ao ouvir aquelas palavras, Galila pôs-se a cantarolar o tema da canção "No olho do invejoso há uma trave, minha doce esposa".

- Não tem de recear inveja alguma - contrapôs Zubaida. - O meu olho não lhe quer mal algum!

- Já de vocês duas é que é capaz de se soltar todo o mal! - replicou Muhammad Iffat abanando a cabeça com um ar significativo.

Foi então que Ahmad Abdel Gawwad disse, dirigindo-se a Zubaida:

- Estavas a falar da minha juventude? Não sabes aquilo que disseram os médicos?

- Muhammad Iffat falou-me disso - respondeu ela com um ar agastado. - Mas o que é esta tensão que encontrou em ti?

- Pôs à volta do meu braço um saco estranho e começou a soprar num tubo de pele, depois disse-me: tens tensão!...

- E donde é que veio esta tensão?

- Na minha opinião, deve ter vindo através daquele tubo! - respondeu o sayyed desatando a rir.

Batendo uma mão contra a outra, Ibrahim el-Far declarou:

- Deve ser uma doença contagiosa. E sabem porquê? Não passara ainda um mês que o nosso querido protegido tinha sido atingido que já estávamos todos, uns atrás dos outros, no médico e, em cada um dos casos, foi expresso um só e mesmo diagnóstico: a tensão!

- Eu digo-lhes a secreta causa deste mal - sentenciou Ali Abder Rahim. - É um dos sintomas da revolução. E uma das provas é que nunca se ouvira falar disso antes que ela estourasse!

- Quais são os sintomas da tensão? - perguntou Galila ao sayyed Ahmad.

- Uma dor de cabeça horrível e um forte cansaço quando caminhamos.

- E quem é que não teve pelo menos uma vez sintomas semelhantes? - resmungou Zubaida com um sorriso com que tentava esconder alguma inquietação. - O que julgam, também eu tenho tensão!

- Alta ou baixa? - perguntou-lhe Ahmad Abdel Gawwad. Todos desataram a rir, até a própria Zubaida.

- Já que sabes o que é a tensão - acrescentou Galila -, examina-a por ti próprio e talvez saberás qual a sua causa!

- Tudo bem! Ela preparará o saco de que vos falei e eu contribuirei com o tubo! - replicou Ahmad Abdel Gawwad.

Rebentaram numa gargalhada outra vez.

- A tensão... a tensão... a tensão... - suspirou Muhammad Iffat com ar de quem tem motivo para rir. - Doravante, só se ouve o médico dizer, como se desse ordens a um dos seus criados: não beba álcool, não coma carnes vermelhas, evite os ovos...

- E o que será de um homem como eu, que só come carnes vermelhas e ovos e não bebe senão álcool?! - perguntou irónico Ahmad Abdel Gawwad.

- Come e bebe com a bênção de Allah e satisfaz todos os teus desejos - replicou Zubaida. - Depois de Allah, é o homem quem é o médico de si mesmo!

Se bem que tivesse seguido as instruções do médico durante todo o período em que estivera constrangido a manter-se na cama, uma vez em pé, tinha deixado cair no esquecimento, no seu todo e nos pormenores, o conselho do médico.

- Eu - disse Galila - não acredito nos médicos, contudo, compreendo aquilo que dizem e o que fazem. Como nós, as cantoras, vivemos graças às festas e aos casamentos, eles tiram de que viver das doenças dos outros. Não podem dispensar o saco, o tubo, as ordens e as proibições, tal como nós não dispensamos o tamborim, o alaúde e as canções...

- Tens razão! - exclamou o sayyed com satisfação e entusiasmo. - A doença e a saúde, a vida e a morte estão somente nas mãos de Allah. E quem confia nele não terá com que se afligir...

- Observem bem este homem, meus senhores - disse Ibrahim el-Far com uma gargalhada. - Tem a garrafa enterrada na boca, fornicava com os olhos e predica com a língua!

- Não mereço esta reprimenda - objectou Ahmad Abdel Gawwad entregando-se a uma gargalhada sonora - já que estou a pregar num bordel!

- Gostaria que Kamal estivesse aqui connosco - replicou Muhammad Iffat olhando para ele e meneando a cabeça admirado - para tirar, também ele, como o estamos a fazer, proveito desta tua prédica!

- A propósito - perguntou Ali Abder Rahim -, sempre continua a afirmar que o homem descende do símio?

- Ó minha desgraça! - exclamou Galila, batendo no peito.

- Do símio? - perguntou Zubaida desconcertada. Depois, dominando--se:

- Mas talvez era da sua origem que pretendia falar!

- E afirma também que a mulher descende da leoa - disse-lhe o sayyed pondo-a de sobreaviso.

- Quem dera poder ver um descendente do símio e da leoa! - replicou ela rindo fragorosamente.

- Um dia crescerá - continuou Ibrahim el-Far -, abandonará o ambiente familiar e convencer-se-á de que o homem descende de Adão e Eva.

- Ou trazê-lo-ei um dia aqui comigo - apressou-se a dizer Ahmad Abdel Gawwad - para que se persuada de que o homem descende de um cão!

Ao ouvir aquelas palavras, Ali Abder Rahim levantou-se e acercou-se da mesa para encher os copos, perguntando a Zubaida:

- Conheces o sayyed melhor do que nenhum de nós. A que animal o farias remontar?

Ela reflectiu um instante seguindo as mãos de Ali Abder Rahim enquanto despejava o whisky nos copos, depois, sorrindo, respondeu:

- Ao burro!

- É uma injúria ou um elogio? - perguntou Galila.

- Apenas o seu ventre o poderia dizer! - replicou Ahmad Abdel

Gawwad. E recomeçou a beber com total serenidade. Zubaida pegou no alaúde e cantou:

- Baixa a cortina para me pôr ao abrigo...

Arrebatado pela embriaguez, Ahmad Abdel Gawwad pôs-se a dançar ao ritmo da canção, levantando diante dos olhos o copo em que sobrara um resto de whisky através do qual olhava a mulher como que desejoso de veda sombreada. E caíram os véus, se bem que tivesse havido véus, e pareceu aos olhos de todos que entre Ahmad e Zubaida tudo voltara aos tempos antigos, e puseram-se a cantar acompanhando Zubaida.

A voz de Ahmad elevou-se alegre e jovial e ele continuou a cantar até a canção terminar entre exultações e aplausos.

Muhammad Iffat voltou-se de súbito para Galila para lhe perguntar:

- A propósito de "Os seus olhos traem o seu amor", o que achas de Umm Kulthum?

- A sua voz... Allah é minha testemunha!... é linda. Mas muitas vezes choraminga como as crianças!

- Alguns dizem que substituirá Munira el-Mahdiyya, e há quem afirme que a sua voz é ainda mais espectacular do que a da própria Munira!

- Que tolice! - gritou Galila. - Entre aquele seu choramingar e a voz linda de Munira existe um abismo!

- Na sua voz há alguma coisa que faz lembrar os recitadores do Alcorão! - acrescentou Zubaida com desprezo. - Parece uma cantora com turbante!

- Quanto a mim, acho-a insípida - sustentou Ahmad Abdel Gawwad. - Ainda que muitos sejam loucos por ela. Seja como for, o belo canto extinguiu-se com a morte de Abdu...

- És um reaccionário! - replicou Muhammad Iffat num tom de gracejo.

- Estás sempre preso ao passado! - depois, piscando o olho: - Será que ainda continuas a governar a tua família a ferro e fogo em pleno século de democracia e de parlamento?

- A democracia é boa para o povo, não para a família! - rematou com ironia o sayyed.

- Afirmas ainda - perguntou Ali Abder Rahim muito sério - que se pode educar os jovens de hoje com os métodos do passado? Estes

rapazes que tomaram o costume de organizar manifestações e de enfrentar os soldados?

- Não sei do que falas - replicou Ibrahim el-Far. - Seja como for, eu concordo com Ahmad. Tanto ele como eu temos filhos e que Allah nos ajude!

- Ambos são dois entusiastas defensores da democracia em teoria - disse Muhammad Iffat num tom de gracejo - mas isso não os impede de serem déspotas em casa!

- E o que querias que fizesse? - replicou Ahmad Abdel Gawwad com ar de quem tem ar de querer rir. - Acaso deveria convocar Kamal, Yassin, Umm Kamal^[149] para que votem antes de decidir como resolver uma questão?

- Por favor, não te esqueças de Zannouba - disse Zubaida desatando a rir.

- Se foi a revolução a causa de tudo aquilo que nos preocupa nos nossos filhos - afirmou Ibrahim el-Far -, então que Allah perdoe Saad paxá!

Recomeçaram a beber, a conversar, a cantar e a brincar entre eles. Crescia o tumulto e as vozes entrelaçavam-se enquanto a noite avançava tranquila.

Ele observava a mulher e surpreendia-a com os olhos fixos nele, mas também Zubaida observava Ahmad e o surpreendia com os olhos fixos nela.

Disse de si para si: "Só existe um único e verdadeiro prazer no mundo!" Por um instante, quis exprimir aquele pensamento, mas renunciou a isso, talvez porque já não tivesse tanta vontade de o tornar patente ou talvez porque já não fosse capaz. Mas como pudera sobrevir aquele... súbito langor? E, mais uma vez, voltou a interrogar-se: "O que me estará a anunciar, o prazer de uma hora ou uma relação duradoura?" A sua alma anelava em busca de divertimento e de consolo. Percebia, porém, um rumor trazido pelas ondas do Nilo que sussurravam aos seus ouvidos. Não obstante tudo isto, aproximava-se dos cinquenta e cinco anos! "Pergunta aos filósofos como é que a vida desaparece. Sabemo-lo sem o saber..."

- O que tens para estares assim calado, que Allah nos proteja de todo o mal?

- Eu?... Nada! Descanso um pouco...

"Sim, como é doce repousar! Um longo sono do qual se sai em plena forma. E como é doce estar bem! Mas aqueles que não param de te incomodar e não te deixam respirar por um segundo! Aquele olhar... não é encantador? Mas o ruje-ruje das ondas torna-se cada vez mais forte, como farás para ouvir a canção?"

- Não, não o deixaremos antes de o acompanhar no casamento. O que acham? O casamento... o casamento!

- Levanta-te, meu dromedário!

- Eu?...Deixem-me descansar mais um pouco.

- O casamento... o casamento! Como já aconteceu da primeira vez na casa de el-Ghurriyya...

- Mas é já passado!

- Rejuvenesçamo-lo, então! O casamento... o casamento!

"Não te darão tréguas. Mas tudo isso são águas passadas... Tudo isto desapareceu sob um manto espesso de trevas. Oh, quão densa é a escuridão! E como é intenso este zumbido e como pesa esta taça de esquecimento!"

- Olhem!...

- O que lhe está a dar?...

- Tragam água... Abram a janela!...

- Meu Deus! Meu Deus!

- Não é nada... não é nada! Molha este lenço em água fresca!

[149] Literalmente, mãe de Kamal, ou seja, neste contexto Amina.

CAPÍTULO 42

Tinha passado uma semana desde o "incidente" do pai. O médico vinha visitá-lo todos os dias.

As condições do paciente causavam-lhe sérias preocupações e tinha, por isso, proibido a todos de lhe falarem. Os filhos entravam no quarto na ponta dos pés, pousavam um olhar sobre o pai que repousava observando o seu rosto enxuto e imóvel, depois, retirando-se com as faces sombrias e o coração confrangido, trocando olhares que, ao mesmo tempo, queriam evitar.

O médico tinha afirmado que se tratava de uma crise de tensão. Tinha, por isso, realizado ao doente uma sangria enchendo uma vasilha com o seu sangue escuro, como o tinha definido Khadiga ao falar dele, tremendo com todas as fibras do seu corpo. De quando em quando, via-se Amina sair do quarto como um espectro errante, enquanto Kamal parecia confuso, interrogando-se como poderia ter sucedido algo tão terrível num pestanejar e como o seu pai, colosso como era, tinha podido deixar-se vencer sucumbindo à doença. Depois, relanceava furtivamente a sombra da mãe ou os olhos de Khadiga banhados de lágrimas ou o rosto pálido de Aisha, e interrogava-se uma vez mais o que poderia tudo aquilo significar. E, assim, surpreendeu-se, num repente, a imaginar o fim que tanto aterrorizava o seu coração, a perspectiva de um mundo em que o seu pai estaria ausente. Sentiu uma pontada de angústia no coração e perguntou-se com apreensão como suportaria a mãe um semelhante fim, ela que já parecia praticamente aniquilada quando nada ainda sucedera!

A sua mente foi aflorada pela recordação de Fahmi e perguntou-se: "Acaso esquecerei um como esqueci o outro?" O mundo pareceu-lhe cada vez mais feito de trevas.

Yassin tinha sabido da notícia do incidente no dia a seguir em que este acontecera e viera a casa pela primeira vez desde que a abandonara a seguir ao casamento com Mariam. Fora de imediato ao quarto do pai, observara-o longamente, em silêncio, e retirara-se depois, abatido, para a sala. Aí encontrara Amina e, enquanto a cumprimentava após aquela sua longa ausência e lhe estreitava a mão

com calor, sentiu-se ainda mais emocionado e os seus olhos encheram-se de lágrimas.

O sayyed continuou na cama, de início, sem se mexer e sem falar, depois, graças à sangria, recuperou um pouco de vitalidade e foi capaz de articular algumas palavras ou algumas frases curtas com que exprimia o que queria, mas, ao mesmo tempo, sentia pontadas de dor e acompanhava as suas palavras com lamentos e gemidos.

Assim que os sofrimentos da doença se atenuaram, começou a sentir o peso daquela sua forçada estadia na cama que o privava das alegrias benéficas do movimento e da higiene, condenado como estava a beber, comer e fazer aquilo que o repugnava num só e mesmo lugar, a cama.

O sono era descontínuo mas o tédio ininterrupto. A primeira coisa que perguntou foi como tinha sido trazido para casa sem que ele se tivesse apercebido de nada.

Amina respondeu-lhe que tinha regressado numa caleche, acompanhado pelos amigos Muhammad Iffat, Ali Abder Rahim e Ibrahim el-Far, que o tinham depois com todo o cuidado carregado para a cama e tinham logo chamado o médico apesar da hora tardia.

Informou-se depois dos que tinham vindo visitá-lo e Amina respondeu-lhe que tinha sido um vaivém de pessoas, mas que o médico tinha proibido que entrassem no seu quarto até novas ordens. Ele repetia com voz fraca: "Tudo está nas mãos de Allah, o passado como o futuro" e: "Pedimos a Allah que tudo acabe bem". Mas, a bem dizer, não se sentia desesperado, não pressentia o fim próximo, as dores e o medo não tinham enfraquecido a confiança que tinha na vida que lhe era tão querida e, de facto, a esperança retornou assim que retomara consciência.

Não falou com ninguém daquilo que é frequente aos que se preparam para deixar esta vida, como ditar o seu testamento, fazer as suas despedidas ou confidenciar a quem devia os segredos do seu trabalho e da sua fortuna, não, fez antes vir Gamil el-Hamzawi e encarregou-o de certas transacções de que este não tinha qualquer experiência.

Mandou mesmo Kamal ao alfaiate que habitualmente o servia em Khan Gafar para que levantasse o fato novo que ele tinha há algum tempo encomendado e lhe pagasse a factura. Não falava nunca da morte senão com aquelas expressões acima referidas, que ele repetia

como que a aliviar a crueldade do destino.

Ao cabo da primeira semana, o médico declarou que o seu paciente tinha ultrapassado a fase crítica e que doravante só devia ter paciência, o tempo de recuperar a sua saúde e as forças. Por isso, repetiu-lhe as recomendações já feitas da primeira vez em que tinha sofrido um aumento da tensão e pô-lo de sobreaviso, e ele prometeu que as seguiria, jurando sinceramente a si mesmo renunciar de uma vez por todas à vida de libertino que tinha até então levado, após ter tocado com a mão as funestas consequências, que o tinham finalmente persuadido de que se tratava de uma questão infelizmente séria e não de uma brincadeira. E pôs-se a consolar-se dizendo: "Viver de boa saúde suportando qualquer privação é sempre melhor do que estar doente."

A crise resolvera-se assim bem.

A família pôs-se de novo a respirar e os corações encheram-se de agradecimentos pela bondade do céu.

Ao fim da segunda semana, foi permitido ao sayyed receber as suas visitas. Foi um dia feliz.

A família foi a primeira a festejar o acontecimento.

Os filhos, as filhas e os genros foram visitá-lo pela primeira vez desde que permanecera na cama. O homem devorou-os com os olhos: estava contente por rever Yassin, Khadiga, Aisha, Ibrahim e Khalil Shawkat, e, com a sua usual gentileza, que mesmo naquele estado não o desamparava, pediu novas das crianças, de Ridwan, de Abdel Munim, de Ahmad, de Naima, de Otman e de Muhammad.

Responderam-lhe que não os tinham trazido consigo para o deixar descansar em paz e desejaram-lhe uma longa vida bem como uma saúde perfeita e vigor.

Depois, falaram-lhe da pena que tinham sentido por causa daquilo que ele sofrera e da alegria por ter escapado ao perigo.

Khadiga falou com voz trémula, Aisha, beijando-lhe a mão, aí depositou uma lágrima mais eloquente que todas as palavras.

Depois, Yassin falou e, com voz vibrante, disse-lhe:

- Fiquei doente consigo e consigo fiquei curado quando Allah lhe concedeu a cura.

O rosto do nosso homem de pálido que estava enrubesceu e ele falou demoradamente com eles do juízo de Allah, da Sua misericórdia e da

Sua benevolência, dizendo-lhes que um crente deve enfrentar o seu destino com fé e coragem entregando-se em tudo e por tudo nas mãos de Allah apenas.

Abandonaram o quarto e passaram para o quarto de Kamal - deixando livre a sala para as visitas que se previam afluentes - e foi aí que Yassin se dirigiu a Amina e lhe disse estreitando-lhe as mãos:

- Não lhe falei do que tinha em mente dizer-lhe durante as duas últimas semanas, porque a doença do pai me tinha por completo transtornado, mas, agora que Allah lhe concedeu ficar bem, gostaria de me desculpar diante de si por ter regressado a esta casa sem antes lhe ter pedido autorização. É certo que me recebeu com a ternura que eu sei que é a sua desde os dias felizes do passado, mas, agora, devo apresentar-lhe devidamente as minhas desculpas.

O rosto de Amina enrubesceu e ela respondeu comovida:

- O passado é o passado, Yassin! Esta é a tua casa. Serás sempre bem-vindo quando quiseres regressar...

- Não quero repisar o passado - respondeu Yassin com gratidão. - Mas juro sobre a cabeça do meu pai e do meu filho Ridwan que nunca quis o mal de ninguém nesta casa e que sempre os amei como a mim mesmo! É possível que o diabo me tenha feito cair em erro, o que, de resto, poderia acontecer a qualquer homem. O meu coração, porém, sempre foi sincero.

Amina pousou a mão no seu largo ombro e disse-lhe com muita franqueza:

- Sempre foste para mim um filho! Não posso negar que um dia fiquei transtornada pela cólera, mas, graças a Allah, este sentimento desapareceu por completo do meu coração. Agora, só existe o amor de outrora. Esta é a tua casa, Yassin. Sê bem-vindo!

Yassin sentou-se comovido e cheio de gratidão. Mal Amina deixou o quarto, ele dirigiu-se aos presentes e, com um tom sentencioso, disse-lhes:

- Como é boa, aquela mulher! Que Allah não perdoe nunca a quem lhe faça mal e maldiga o demónio que um dia me precipitou numa vida que feriu os seus sentimentos!

- Não passa quase ano nenhum em que o demónio não te precipite numa desventura! - exclamou Khadiga, fixando-o com um olhar expressivo. - Chego a pensar que és um fantoche nas suas mãos!

Yassin lançou-lhe um olhar como que a suplicar-lhe que o poupasse às suas setadas, mas Aisha foi em sua defesa e disse:

- Esta é uma história que já acabou...

- Porque é que a madame não veio também contigo - continuou sarcástica Khadiga - "para animar" um pouco este dia bendito?

- A minha mulher já não anima nenhuma festa - replicou Yassin com um orgulho fingido. - Agora, é uma senhora na verdadeira acepção da palavra!

- Pobre Yassin! - exclamou Khadiga com um tom grave, sem qualquer sombra de ironia. - Allah te perdoe e te guie!

- Não me queira mal, senhor Yassin! - suspirou Ibrahim Shawkat como que para escusar a mulher por tudo o que estava a dizer sem papas na língua. - Mas o que podemos fazer? É a sua irmã!

- Allah o ajude, senhor Ibrahim! - respondeu Yassin com um sorriso. Ao ouvir estas palavras, Aisha suspirou e disse:

- Agora que Allah estendeu a mão da salvação ao pai, confesso-lhes que não esquecerei nunca, enquanto viver, o aspecto que apresentava a primeira vez que o vi. Oremos a Allah que não faça ninguém adoecer.

- Esta vida sem ele não valeria um pedacito de unha - acrescentou Khadiga com fé e arrebatamento.

- É o nosso refúgio em todas as dificuldades - afirmou Yassin com comoção. - Um homem excepcional!

"E eu? Não recordo quando me meti num canto do quarto aterrado pelo desespero? E como tinha o coração despedaçado enquanto assistia ao desmoronamento da minha mãe? A morte para nós não passa de um mero conceito, mas, quando vemos despontar a sua sombra ao longe, sentimos que nos falta o chão debaixo dos pés. E, todavia, a dor dilacerará o nosso peito à medida que perdermos os nossos entes queridos, também tu morrerás deixando esperanças atrás de ti. Hás-de desejar, no entanto, ainda que sejas submetido à prova do amor."

Veio da rua o som da campainha de uma caleche. Aisha precipitou-se para a janela, lançou um olhar através da persiana e voltou-se dizendo com um tom de orgulho:

- São as visitas importantes!

Uns atrás dos outros, começaram a afluir os numerosos amigos de que estava cheia a vida do pai; funcionários, advogados, notáveis e

comerciantes.

Somente poucos de entre estes não tinham estado naquela casa antes de então, os outros já tinham vindo porque tinham sido convidados a alguns dos banquetes que o sayyed costumava dar em ocasiões específicas.

Para além destes, havia rostos que se viam ao longo da Rua de es-Sagha e da rua do Novo Caminho.

Eram todos eles amigos seus, mas não ao mesmo nível que Muhammad Iffat e companhia. Ficaram pouco tempo atendendo às circunstâncias da visita.

Os filhos do sayyed acharam quer nos seus trajes refinados quer nas suas caleches puxadas por cavalos impetuosos e que pateavam o que podia satisfazer o orgulho e a vanidade deles.

Aisha, sempre de guarda à janela, gritou de repente:

- Ei-los, chegaram! Ali estão os seus três preferidos!

Chegaram as vozes de Muhammad Iffat, Ali Abder Rahim e Ibrahim el-Far por entre gargalhadas, agradecimentos e louvores a Allah.

- Amigos como aqueles já não se encontram à face da terra! - exclamou Yassin.

Ibrahim e Khalil Shawkat anuíram ante as suas palavras enquanto Kamal acrescentava, com uma ponta de tristeza que nenhum deles percebeu:

- Raramente, a vida permite que os amigos permaneçam tão unidos durante tantos anos como estes!

- Não passou um dia - voltou a dizer Yassin com um ar estupefacto - sem que viessem perguntar novas e, durante todo o período crítico, não deixaram esta casa sem uma lágrima nos olhos!

- Não se espantem com isso - disse Ibrahim Shawkat - passaram mais tempo com ele do que todos vocês!

Ao ouvir aquelas palavras, Khadiga dirigiu-se para a cozinha para ajudar.

No entretanto, continuaram a chegar as visitas. Gamil el-Hamzawi apre-sentou-se após ter encerrado a loja, seguido por Ghanim Hamidu, dono do lagar de el-Gammaliyya, depois, por Muhammad el-Agami, o vendedor de sêmola em es-Salihiyya.

De súbito, apontando para a rua por trás da janela, Aisha gritou:

- O sheikh Metwalli Abdes Samad! Acham que subirá até aqui em

cima?

O sheikh começou a atravessar o pátio, curvado sobre a sua bengala, tossicando de quando em quando para assinalar a sua presença aos que se encontravam no seu caminho.

- Seria capaz de subir ao cimo de um minarete!... - respondeu Yassin. Depois, respondendo a Khalil Shawkat que, com os olhos e com os dedos, tentava saber quantos anos tinha aquele homem - ...entre os oitenta e os noventa anos! Mas não me pergunte nada sobre a sua saúde!...

- É verdade que nunca se casou em toda a sua vida? - perguntou Kamal.

- Dizem que esteve casado e que também teve filhos, mas tanto a mulher como os filhos foram ter com o Criador.

Aisha, sempre colada à janela, gritou mais uma vez:

- Olhem! Aquele é um khawag^[150]. Quem pode ser, na vossa opinião?

O homem, com um chapéu redondo de folhas de palmeira entrançadas sob o qual despontava um nariz bexiguento e adunco por cima de um bigode, atravessou o pátio lançando em seu redor um olhar tímido e intrigado.

- Deve ser um ourives, um daqueles que têm uma loja na Rua de es-Sagha! - respondeu Ibrahim.

- Sim, mas tem o aspecto de um grego - replicou Yassin, confuso. - Onde é que já vi aquela cara?

Veio, depois, um jovem cego com óculos escuros, guiado pela mão de um homem comum, com cabeça envolta numa kufiyya, pavoneando-se com um longo manto negro de cuja fímbria assomava uma galabiyya listrada.

Yassin, ao cume do estupor, reconheceu quer um quer o outro logo ao primeiro olhar.

O jovem cego não era senão Abdu, o tocador de qanun, na orquestra de Zubaida; o outro era o dono de um conhecido café em Wagh el-Birka, um certo Hamayuni, chantagista, prepotente e embusteiro.

- O cego toca qanun na orquestra de Zubaida, a cantora! - observou Khalil que Yassin ouviu.

- E como é que conhece o pai? - perguntou Yassin fingindo-se surpreendido.

- O vosso pai é um velho melómano - replicou Ibrahim Shawkat sorrindo. - Nada de surpreendente, por isso, que todos os artistas o conheçam!

Aisha sorriu sem voltar a cabeça que mantinha fixa na rua para esconder o seu sorriso.

Yassin e Kamal, pelo contrário, tinham notado o sorriso de Ibrahim e tinham compreendido ao que queria aludir. Por fim, chegou Suwaidan, a criada dos Shawkat, que, devido à idade, tropeçava no seu caminho.

- A emissária da nossa mãe está aqui - murmurou Khalil indicando a mulher - para pedir novas da saúde do sayyed.

A viúva do defunto Shawkat já tinha vindo uma vez fazer uma visita ao sayyed mas, vítima, naqueles últimos dias, de dores reumáticas que se tinham juntado à velhice que conjuravam contra ela, achara-se na impossibilidade de renová-la.

Khadiga não tardou muito a regressar da cozinha e, ostentando um cansaço sob o qual se escondia o seu orgulho, lamentou-se dizendo:

- Precisamos de um empregado que trate de servir pessoalmente o café!...

O sayyed estava sentado na cama, com as costas apoiadas num travesseiro dobrado, com a manta puxada até ao pescoço, enquanto os visitantes se mantinham sentados no sofá e nas cadeiras dispostas em círculo à volta da cama. Apesar da fraqueza, parecia feliz.

Nada o alegrava mais do que ver os amigos reunidos à sua volta rivalizando nas suas demonstrações das atenções e do desvelo da amizade. Se a doença o tinha indubitavelmente posto à prova, não negava todavia o lado bom de poder ver a nota da tristeza que os seus amigos tinham experimentado por tudo o que lhe acontecera e o desgosto destes por não o terem mais tido no meio deles durante todo o período do seu forçado repouso.

E, como se ele tivesse desejado acender a piedade deles, começou a contar as dores e a fraqueza que tinha suportado, permitindo-se recorrer ao excesso e ao exagero dizendo-lhes entre profundos suspiros:

- Durante os primeiros dias da doença, senti dentro de mim que estava acabado. Não fazia outra coisa senão pronunciar a shahada^[151] e recitar a es-samadiyya^[152], e entre uma e outra recordava amiúde os

vossos nomes, e o pensamento de ter de vos deixar confrangia o meu coração.

Ao ouvirem aquelas palavras, mais de uma voz disse:

- Antes morrermos do que perdê-lo, senhor Ahmad!

- A tua doença marcar-me-á até ao fim dos meus dias! - disse comovido Ali Abder Rahim.

- Lembras-te daquela famosa noite? - pôs-se a dizer Muhammad Iffat com voz fraca. - Meu Deus, fizeste-nos envelhecer antes do tempo!

Ghanim Hamidu aproximou-se ligeiramente da cama e disse:

- Deves a tua salvação Àquele que nos salvou dos Ingleses na noite da Porta de el-Futuh!

"Que dias felizes eram aqueles! Os dias da saúde e do amor! Fahmi era já um talento e uma esperança promissora!"

- Agradeçamos a Allah, sayyed Hamidu.

- Ficaria curioso de saber - perguntou o sheikh Metwalli Abdes Samad - quanto deste ao médico inutilmente! Mas não é necessário que me respondas. Peço-te só que dês de comer aos nossos amigos de el-Hussein.

- E você, sheikh Metwalli - interrompeu-o Muhammad Iffat - não faz parte deles? Queira esclarecer-me sobre este ponto...

- Dá de comer aos amigos de el-Hussein e a mim em primeiro lugar!

- voltou a dizer o sheikh com despreocupação, batendo no chão a cada frase sua. - Muhammad Iffat não deveria ter nada que reclamar.

Deveria fazer outro tanto por um sentido de respeito para contigo. E pensar em mim em primeiro lugar! Quanto a ti, recorda que, este ano, deves realizar a peregrinação a Meca. E não seria má ideia se me levasses contigo, para que Allah te dê depois dupla recompensa!

"Como és querido e próximo do meu coração, sheikh Metwalli! És um sinal do tempo!"

- Prometo-lhe levá-lo comigo para Higaz^[153], sheikh Metwalli, se Allah o permitir...

Ao ouvir estas palavras, o khawaga, que entretanto tinha tirado o chapéu deixando ver uma cabeleira rala e surpreendentemente branca, replicou:

- A tristeza deve durar pouco e dela basta um pouco. A tristeza é a causa de tudo. Deixe de parte a tristeza e volte a uma saúde de ferro.

Palavra de Manuli, que lhe vendeu álcool durante trinta e cinco anos, dispensador de felicidade e mediador de funerais!

- Isto é o resultado da tua mercadoria, Manuli!

O khawaga prolongou o olhar para a face dos seus outros clientes sentados à volta do sayyed e protestou:

- Ninguém nunca disse que o álcool é causa de doença. Aquilo que está a dizer é pura tolice. Como é que se pode afirmar que a alegria, as gargalhadas e o bom humor são causa de doença?

- Agora é que te reconheço, ó face das desgraças! - gritou o sheikh Metwalli voltando-se para o khawaga e envolvendo-o num olhar que conseguia dificilmente entrevê-lo. - Mal ouvi a tua voz perguntei-me: onde é que já ouvi este demónio?

Ao ouvir estas palavras, piscando o olho na direcção do sheikh Metwalli, Muhammad el-Agami, o vendedor de sêmola, perguntou ao khawaga Manuli:

- Diga-me Manuli, o sheikh Metwalli nunca foi seu cliente?

- Já tem a boca cheia de comida - respondeu o khawaga sorrindo -, onde poderia pôr o álcool, meu caro?

- Sê bem-educado, Manuli! - gritou Abdes Samad premindo a mão no pomo da sua bengala.

- Negaria, ó sheikh Metwalli - replicou em voz alta el-Agami -, que foi o mais encarniçado dos fumadores de haxixe antes que a velhice tornasse difícil a sua respiração?

O sheikh protestou com um sinal de mão e objectou:

- O haxixe não é pecado! Já experimentaste fazer a oração da alvorada empanturrado de estupefacientes? Allahu akbar... Allahu akbar!

Ahmad Abdel Gawwad apercebeu-se de que el-Hamayuni se mantinha calado, por isso, voltou-se para ele com um sorriso nos lábios e, com um ar amável, disse-lhe:

- Como está, mestre? Meu Deus, há quanto tempo?

- Sim, meu Deus, passou muito tempo! - respondeu el-Hamayuni numa espécie de mugido. - Mas a culpa foi tua, sayyed Ahmad. Foste tu quem nos abandonou. Mas quando o sayyed Ali Abder Rahim me referiu que o meu inimigo estava preso à cama por uma doença, recordei-me dos tempos das nossas aventuras de juventude e pareceu-me que fora ontem e disse de mim para mim: "De que fidelidade daria

mostras se não fosse pessoalmente ver aquele homem, exemplo de toda a virtude, do bom humor e da cordial familiaridade?" Se não tivesse sido o receio de que alguém pudesse ter algo a criticar, teria trazido comigo Fattuma, Tamali, Dawlat e Nahawand. Morrem de vontade de te ver! Oh, senhor Ahmad! Serás sempre para nós a mesma pessoa, quer nos honres todas as noites com uma visita tua quer fiques anos sem nos ver!

Depois, passando em revista os presentes com os seus olhos de aço, disse: - Todos nos abandonaram! Bendito seja o sayyed Ali e Allah nos conserve Saniya el-Qulali, que o exorta continuamente a vir ver-nos. Quem esquece o seu passado está condenado a perder-se! A verdadeira amizade é aquela que nós mostramos ter. Que coisa os manteve longe de nós? Se, pelo menos, se tivessem arrependido, poderíamos perdoá-los! Mas, ao que vejo, o tempo do vosso arrependimento ainda está longe. Queira Allah fazê--lo vir o mais tarde possível, com a vida longa e as alegrias!

- Como vê, já chegamos ao fim! - replicou Ahmad Abdel Gawwad apontando para si mesmo.

- Não digas estas coisas, flor dos homens - protestou vivamente el--Hamayuni. - Estás a passar por uma pequena queda mas tudo isto passará, verás. Todavia, não irei se antes não me tiveres jurado que regressarás pelo menos por uma vez a Wagh el-Birka se Allah te estender a mão e te levantar perfeitamente restabelecido!...

- Os tempos mudaram, mestre Hamayuni! - exclamou Muhammad Iffat. - Onde está Wagh el-Birka que conhecemos em tempos idos? Procura-o, procura-o nos livros de história! Reduziram-no a um local de entretenimento para os jovens de hoje. Como poderemos mover-nos no meio deles sabendo que aí estão também os nossos filhos?

- E não esqueças - acrescentou Ibrahim el-Far - de que não podemos enganar Allah quanto à idade e à saúde! Chegamos ao fim, como disse o senhor Ahmad. Não há ninguém entre nós que não tenha sido forçado a ir ao médico para ouvir dizer: "Tens isto e isto, por isso não bebas... não comas... não respires..." e todo um chorrilho de odiosas recomendações. Já alguma vez ouviste falar da doença que chamamos tensão, mestre Hamayuni?

- Cura-se qualquer doença com a bebedeira, as gargalhadas e os gracejos - replicou el-Hamayuni lançando-lhe um olhar penetrante. -

Se ainda subsistir algum vestígio, cola-o ao meu fígado!

- Isso, pela tua vida, foi o que eu lhe disse! - gritou Manuli.

E, quase a querer completar o que o amigo tinha começado a dizer, Muhammad el-Agami acrescentou:

- E não te esqueças do manzul, ^[154] de qualidade extra, ó mestre!

Ao ouvir estas palavras, o sheikh Metwalli Abdes Samad abanou a cabeça com ar estupefacto e perguntou desorientado:

- Digam-me, ó gente de bem, onde estou eu: em casa de Ahmad Abdel Gawwad júnior, num covil de fumadores de haxixe ou numa taberna? Digam-mo, por favor!

- Quem é aquele vosso amigo? - perguntou el-Hamayuni olhando de soslaio para o sheikh Metwalli.

- É um santo, um homem irrepreensível e dedicado ao bem...

- Prediz-me o futuro se és um santo! - exclamou num tom irónico el-Hamayuni.

- Acabarás na prisão ou pendurado por uma corda! - gritou o sheikh Metwalli.

El-Hamayuni não pôde conter-se e riu grosseiramente.

- É mesmo um santo! - disse. - E este fim de que estou à espera! - depois, voltando-se para o sheikh: - Mas modera um pouco a tua língua, senão faço-a engolir as tuas predições!

Ali Abder Rahim encostou a cabeça ao rosto do sayyed e disse-lhe:

- Levanta-te, meu lindo! Sem ti, a vida não vale a casca de uma cebola. Que coisa nos aconteceu, ó Ahmad? Não achas que faríamos melhor se não levássemos a doença à ligeira depois daquilo que aconteceu? E pensar que os nossos pais ainda casavam aos setenta e mais anos! O que é que aconteceu pois?

- Os vossos pais eram crentes e puros - imprecou Metwalli Abdes Samad com fogo, cuspiendo gotas de saliva. - Não bebiam e não fornicavam. Esta é a resposta que mereces...

- O médico disse-me - disse em resposta Ahmad Abdel Gawwad - que gracejar em demasia pode levar à paralisia, que Allah me guarde disso! Foi o que aconteceu ao nosso amigo el-Waddini. Queira Allah dar-lhe a graça de terminar os seus dias em glória! Quanto a mim, se devesse acontecer-me um caso semelhante, pedir-Lhe-ia que me chamasse o mais brevemente possível para junto Dele. Ficar muitos anos na cama sem me conseguir mexer? Piedade, meu Deus!

El-Agami, Hamidu e Manuli pediram então permissão para se retirar e deixaram o quarto desejando ao sayyed longa vida e saúde. Muhammad Iffat aproximou-se do sayyed e sussurrou-lhe levemente:

- Galila manda-te os seus cumprimentos. Teria desejado poder vir em pessoa ver-te!

Aquelas palavras não escaparam aos ouvidos de Abdu, o tocador de qanun, que, fazendo estalar os dedos, acrescentou:

- E eu sou o enviado da Sultana! Estava quase para se travestir de homem para vir ver-te, mas teve medo de que isso pudesse ter para ti imprevisíveis consequências, Por isso, mandou-me, encarregando-me de te dizer... - nisso aclarou a voz uma primeira vez e depois uma segunda e começou a cantar baixinho:

Por favor, mensageiro, que vais ter com o meu amado. Dá-lhe por mim um beijo na boca E diz-lhe: a tua escrava de amor é-te submissa! El-Hamayuni sorriu revelando um dente de ouro e disse: - Esta é que é uma ótima medicina! Experimenta-a e não te preocupes com este santo que nos prediz a força!

"Zubaida? Já não tenho vontade de nada. O mundo da doença é terrível. Se tivesse acontecido o imprevisível, teria morrido embriagado. Acaso não será isso um bom sinal para virar a página?"

- Juramos não voltar a tocar no álcool - recomeçou a dizer com um fio de voz Ibrahim el-Far - enquanto permanecer na cama

- Liberto-os do vosso juramento. Perdoem-me tudo o que aconteceu!

- Quem dera que pudéssemos festejar aqui, nesta mesma noite, o teu restabelecimento! - suspirou Ali Abder Rahim sorrindo num ímpeto de excitação.

Ao ouvir estas palavras, Metwalli Abdes Samad replicou dirigindo-se a todos:

- Convidar-vos-ia antes ao arrependimento e a fazer a peregrinação a Meca!

- Tens mesmo ar de um soldado num covil de fumadores de haxixe! -rebentou el-Hamayuni num ímpeto de cólera.

Depois, a um sinal combinado que lhes foi feito por el-Far, a cabeça dos três amigos inclinaram-se à cabeceira do sayyed e começaram a cantar baixinho:

"Já que não estás à altura de beber

Para quê cair na embriaguez..."

Segundo a melodia de:

"Já que não estás à altura de amar

Para quê amar..."

Naquele preciso instante, o sheikh Metwalli Abdes Samad pôs-se a recitar alguns versículos da surata do Arrependimento, e Ahmad Abdel Gawwad desatou a rir e riu tanto que as lágrimas lhe vieram aos olhos.

Passou ainda muito tempo sem que alguém se apercebesse, até que o sheikh Metwalli Abdes Samad, com claros sinais de impaciência que se liam em todos os traços do seu rosto, acabou por dizer:

- Fiquem a saber que serei o último a sair deste quarto, porque desejo ficar um pouco a sós com Abdel Gawwad júnior!

[150] Com este nome designa-se um cidadão ocidental, normalmente cristão.

[151] A shahada é a profissão de fé muçulmana: "Não há Deus senão Allah e Muhammad é o seu profeta."

[152] Es-samadiyya trata-se da surata mais breve do Alcorão, a surata n.º 112 (chamada Al--Ikhlas, i.e., 'o monoteísmo puro').

[153] Região na Arábia Saudita a que os Egípcios fazem alusão quando querem dizer que vão realizar a peregrinação a Meca.

[154] Manzul: trata-se de uma droga poderosa cujos efeitos são comparáveis aos da cocaína.

CAPÍTULO 43

Ahmad Abdel Gawwad apenas saiu de casa duas semanas mais tarde. A primeira coisa que fez foi visitar el-Hussein na companhia de Yassin e de Kamal e de rezar na sua mesquita para manifestar a Deus a sua gratidão.

Os jornais tinham acabado de anunciar a morte de Ali Fahmi Kamil^[155]. O sayyed meditou longamente sobre aquele acontecimento e, enquanto saíam de casa, voltou-se para os filhos e disse-lhes:

- Morreu no meio de um discurso, entre uma multidão de ouvintes, enquanto eu, como podem ver, passeio sobre as minhas duas pernas depois de ter estado atirado sobre uma cama e de ter quase avistado a morte de frente! Quem pode conhecer o ignoto? É mesmo verdade, as nossas vidas estão nas mãos de Allah e o fim de cada um está escrito!

Teria de esperar vários dias e semanas para recuperar o seu peso normal, mas parecia, todavia, ter já recuperado todos os sinais da sua gravidade e da sua imponência.

Caminhava à frente, seguido por Yassin e Kamal. Uma cena que não se vira mais desde a morte de Fahmi. Ao longo do trajecto que separava Bain el-Qasrain da grande mesquita, os dois jovens puderam constatar a estima de que o pai deles gozava em todo o bairro. Não havia comerciante com loja na rua que não acorresse para lhe apertar a mão e o abraçar, congratulando-se com ele pela saúde recuperada. Yassin e Kamal estavam, no fundo do coração, em perfeita consonância com aquelas manifestações de afecto calorosas e recíprocas.

Foram atravessados pela exultação e pelo orgulho e aos seus lábios aflorou um sorriso que não os deixou mais durante todo o trajecto.

Yassin, contudo, perguntou-se ingenuamente por que razão não gozava da mesma consideração que o pai, embora ambos fossem parecidos no que tocava à imponência, à beleza e... aos vícios!

Kamal, por seu lado, apesar da momentânea emoção, voltou a pensar na forma como certa vez considerara importante a posição do pai, para tentar reconsiderá-la numa óptica diferente.

Porque, se no passado, esta tinha aparecido, aos seus olhos de adolescente, como uma prova de respeito e de grandeza, não podia

dizer o mesmo hoje, visto que, pelo menos à luz dos seus ideais, ela lhe parecia algo completamente insignificante. Não era nem mais nem menos do que a estima de que poderia gozar um homem bom, de agradável companhia, dotado de boas qualidades humanas. A verdadeira grandeza, pelo contrário, era para ele algo em tudo oposto àquela. É um fragor de trovão que sacode os corações apáticos e dispersa o sono das pálpebras dos que estão adormecidos, que é capaz de suscitar mais ódio do que amor, indignação mais do que satisfação, inimizade em vez de amizade.

É revelação, destruição e construção. E, todavia, não é, para o homem, motivo de felicidade gozar de um amor e de um respeito como aqueles? Claro que sim! De tal forma que é verdade que a grandeza dos homens notáveis é, muitas vezes, comparada ao sacrifício que eles fazem do seu amor e da sua tranquilidade para atingir metas mais vastas.

"Seja como for, é um homem feliz. Deixemos que saboreie esta sua felicidade! Observa como é belo! E Yassin, não é também ele encantador? Como, pelo contrário, é estranho o meu aspecto no meio deles! Pareço uma máscara num Carnaval. Continua a afirmar, quanto quiseses, que a beleza é apanágio das mulheres e não dos homens. Tudo isto não apagará da tua memória o terrível episódio que se consumou sob o pavilhão. O pai recuperou bem daquela maldita tensão, mas quando ficarei eu curado do amor? Porque também o amor é uma doença, é como um cancro cuja causa se desconhece. Na sua última carta, Hussein Shaddad disse: 'Paris é a capital da beleza e do amor.' Mas é também a capital da dor. O meu querido amigo começa a ser avaro em cartas, até parece que deve escrever com gotas do seu sangue precioso. Quem me dera um mundo em que os corações não fossem nem traidores nem traídos!"

Quando chegaram junto de Khan Gafar, surgiu-lhes a grande mesquita e eles ouviram o pai exclamar do fundo do coração, com uma voz que encerrava a ternura da saudação e o fervor da invocação, "Ó Hussein!" para depois apressar o passo e ele seguiu-o com Yassin, observando a mesquita com um sorriso enigmático nos lábios.

Imaginaria, porventura, o seu pai, ainda que remotamente, que ele o acompanhava naquela abençoada visita somente para satisfazer um seu desejo, sem compartilhar minimamente a mesma fé?

Porque aquele edifício não era mais aos seus olhos do que um sinal das desilusões que lhe tinham devastado o coração. Nos tempos passados costumava deter-se aos pés do minarete com o coração que pulsava com veemência, com os olhos que quase lacrimejavam, com o peito a tremer sob a agitação das emoções, da fé e da esperança.

Hoje, pelo contrário, ao ali se acercar, via um enorme monte de pedras, de ferro, de madeira e de argamassa, que ocupava indevidamente um vasto espaço da terra. Mas desempenhava o papel de crente até ao fim da visita, por respeito pelos direitos da paternidade e por consideração pelas pessoas ou para se pôr ao abrigo da malevolência destas. Uma conduta em tudo contrária à dignidade e à sinceridade.

"Desejaria um mundo em que o homem pudesse viver livre, sem temor e sem constrangimento!"

Descalçaram os sapatos e entraram, um após o outro. O pai encaminhou-se de imediato para o mihrab^[156] e convidou os filhos a uma oração de saudação à mesquita. Depois, levou a mão à cabeça e permaneceu em oração, imitado por Yassin e Kamal.

Como era seu hábito, o pai afundou-se na oração, cerrou as pálpebras e adoptou uma atitude de submissão, enquanto Yassin parecia ter esquecido tudo, exceptuando que estava na presença de Allah o Piedoso e Misericordioso. Kamal, pelo contrário, começou a mexer os lábios sem dizer uma palavra e a erguer-se, depois, a inclinar-se e prosternar-se como se realizasse diferentes movimentos de ginástica, dizendo de si para si:

"Os mais antigos vestígios deixados sobre a terra ou no subsolo são locais de culto, que ainda se encontram nos nossos dias por toda a parte. Quando é que o homem se tornará adulto e confiará somente em si mesmo? Esta voz estentórea que se propaga do alto da mesquita para relembrar aos crentes o fim do mundo. Quando é que o tempo teria um fim? Como é belo ver o homem combater as quimeras e debelá-las! Mas quando terminará a luta e quando o combatente proclamará estar feliz? O mundo parece-me estranho: terá sido, por acaso, criado ontem? Estes dois homens são meu pai e meu irmão, mas porque pais e irmãos não o seriam também todos os outros? Este coração que carrego, como pôde comprazer--se em me oprimir com toda a espécie de dores? De minuto em minuto embato em pessoas

que não amo... porque será então que a única pessoa de que estou enamorado perdidamente foi para o outro extremo da terra?" Quando terminaram de rezar, o pai disse-lhes:

- Paremos um pouco antes de realizar o tawaf^[157] em redor do túmulo. Ficaram sentados com as pernas cruzadas, em silêncio, até o pai voltar a dizer com uma voz angustiada:

- Desde aquele dia, é a primeira vez que nos encontramos aqui reunidos!

- Recitemos a Fatiba pela alma de Fahmi - disse Yassin dominado pela emoção.

Recitaram a Fatiba, após o que o pai perguntou a Yassin com uma expressão desconfiada:

- Não será verdade que as coisas do mundo te impediram de vir aqui fazer uma visita a el-Hussein?

- Não passa uma semana sem que eu venha fazer uma visita a sayyedy^[158] - replicou Yassin que, no decorrer dos últimos anos, fora à mesquita raríssimas vezes.

O pai virou-se então para Kamal e fixou o seu olhar nele como que a perguntar-lhe: "E tu?", e ele, embora sentindo vergonha, respondeu:

- Também eu!

E o pai, com gravidade, acrescentou:

- Recordem-se de que ele será o nosso bem-amado intercessor junto do seu venerado avô^[159] no dia em que nem pai nem mãe vos poderão salvar.

Assim saíra incólume da doença - depois de ter tirado uma lição que jamais poderia esquecer - bem consciente que tinha sido uma coisa grave e temendo ainda agora as consequências. Fora, por isso, sincero ao manifestar a intenção de se arrepender. Acreditara sempre que, mais cedo ou mais tarde, ter-se-ia convertido. Estava convencido de que adiar o arrependimento para outra altura após o que tinha sucedido teria sido uma espécie de insolência e de ingratidão para com Allah o Misericordioso. Consolava-se, sempre que lhe voltavam à mente as recordações dos prazeres passados, pensando nas alegrias simples e inocentes, como a amizade, a música e o amor dos gracejos que a vida lhe reservava. Por isso, pedindo a Allah que o preservasse das sugestões do diabo e que tornasse determinados os seus passos no caminho do arrependimento, ele começou a recitar algumas breves

suratas que sabia de cor.

Levantou-se e, depois dele, levantaram-se também os seus filhos. Depois encaminharam-se em direcção ao túmulo, onde os acolheu um perfume suave de que o local estava impregnado e o rumor das declamações de suratas que chegavam sussurradas aos pés das colunas. Começaram a fazer o tawaf em torno do túmulo entre grupos de peregrinos. Kamal levantou os olhos para o grande turbante verde, depois, pousou-os demoradamente sobre a porta de madeira que os seus lábios tinham tantas vezes beijado.

Comparou o passado com o presente, como fora e como se sentia naquele momento e lembrou-se de como a revelação do segredo daquele túmulo tinha sido o primeiro drama da sua vida e como os outros dramas se tinham depois sucedido, aniquilando sucessivamente o amor, a fé e a amizade; e como, apesar disso, ele estava ainda ali, em pé, olhando a verdade com os olhos de quem adora, indiferente às punhaladas da dor, a tal ponto que a amargura se acomodou nos seus lábios e aí desenhou um sorriso. Quanto à felicidade cega que iluminava as faces dos que giravam com ele em torno do túmulo, já tinha renunciado a esta sem mágoa. Como comprar a felicidade com a luz se tinha jurado a si mesmo viver com os olhos abertos, preferindo uma angústia aguda a uma serenidade apática, a tensão da insónia ao repouso do sono?

Assim que terminaram de realizar o tawaf, o pai convidou-os a sentarem-se um instante na área que acolhia o sepulcro.

Dirigiram-se para um canto e sentaram-se próximos uns dos outros. O sayyed avistou algumas pessoas do seu conhecimento que avançavam para lhe apertarem a mão e se congratularem com ele. Alguns preferiram sentar-se com ele e, se muitos conheciam já Yassin - quer da loja do quer da escola de en-Nahhasin -, quase ninguém conhecia pelo contrário Kamal, cuja magreza atraiu a atenção de um deles, que, espicaçando possivelmente o sayyed, observou:

- O que tem este teu filho para parecer ter lepra?

- Leproso és tu! - respondeu-lhe prontamente o sayyed, como se devolvesse um cumprimento com outro ainda mais delicado.

Yassin sorriu e também Kamal sorriu. Era a primeira vez que via manifestar-se a personalidade, oculta, do seu pai, de que tinha muitas vezes ouvido falar.

Assim lhe pareceu o seu pai: um homem que não desperdiçava um gracejo nem mesmo num momento de devoção e de penitência diante do sepulcro de el-Hussein, o que levou Yassin a reflectir sobre o futuro do pai perguntar-se: "Achas que ele voltará aos seus bem conhecidos prazeres depois daquilo que a doença significou para ele...?"

E, de si para si, respondeu: "Sabê-lo reveste-se para mim da maior importância."

155 Secretário do Partido Nacional, que morreu a 31 de Dezembro de 1926, no meio de um discurso inflamado que ele estava a proferir para a comemoração do sétimo aniversário da morte de Muhammad Farid, sucessor de Mustafa Kamil à frente do Partido Nacional.

[156] Nicho que na mesquita indica a qibla, ou seja, a direcção da Kaba, na cidade de Meca, para a qual se deve voltar o Muçulmano na sua oração.

[157] Rito da peregrinação que consiste em dar sete voltas em torno da Kaba e que se pode aplicar em casos como o da visita ao túmulo de el-Hussein.

[158] Literalmente, o meu senhor. Refere-se à Mesquita de el-Hussein.

[159] Avô quer aqui referir-se ao profeta Muhammad, dado que el-Hussein era seu neto.

CAPÍTULO 44

Umm Hanafi estava sentada na sala, com as pernas cruzadas, na esteira enquanto Naima, a filha de Aisha, Abdel Munim e Ahmad, filhos de Khadiga, estavam sentados no sofá na frente dela. As duas janelas que davam para o pátio estavam escancaradas para aliviar o ar de Agosto carregado de calor e humidade, mas ainda não se levantara um único sopro de vento e o grande lampadário que pendia do tecto continuava imóvel a deitar a sua luz sobre as paredes da sala. Os outros aposentos, pois, estavam imersos na escuridão e no silêncio. Com a cabeça reclinada e os braços cruzados, Umm Hanafi lançava uma olhadela sobre os pequenos sentados no sofá por breves instantes e, depois, voltava a fechar os olhos. Não falava mas mexia os lábios sem parar.

- Até quando o tio Kamal ficará no terraço? - perguntou Abdel Munim.

- Aqui dentro faz calor - resmungou Umm Hanafi. - Porque não ficaram com ele?

- Lá em cima está escuro e Naima tem medo dos insectos.

- Até quando ficaremos aqui? - disse aborrecido Ahmad. - É já a segunda semana. Estou a contar os dias um por um. Quero voltar para casa do pai e da mãe...

- Inshallah, voltarão todos mais felizes do que nunca - respondeu Umm Hanafi com um tom de esperança. - Rezem a Allah, pois Ele atende às preces das crianças inocentes.

- Rezamos-Lhe antes de dormir - replicou Abdel Munim - e logo depois de acordar, como tu nos recomendaste fazer.

- Reza-Lhe a todo o momento! - acrescentou a mulher. - Reza-Lhe, agora, Ele só é capaz de aliviar as nossas dores!

Abdel Munim abriu as mãos, depois virou-se para Ahmad convidando-o a fazer a mesma coisa. O outro obedeceu-lhe, mostrando sempre no rosto claros sinais de tédio, e ambos, como já costumavam fazer nos últimos dias, disseram a uma só voz:

- Ó Allah, cura o nosso tio Khalil e os nossos primos Otman e Muhammad para que possamos regressar a casa consolados!

A emoção desenhou-se no rosto de Naima e a tristeza transtornou as

suas feições, depois, os seus olhos encheram-se de lágrimas e gritou:

- Como estão o pai, Otman e Muhammad? E a mãe? Quero ver a mãe. Quero vê-los a todos...

- Não chores, Naima - disse com uma voz consoladora Abdel Munim aproximando-se dela. - Já te disse muitas vezes que não chorasses. O tio está bem, também estão bem Otman e Muhammad. Dentro em breve, estaremos em casa. A avó garantiu-mo. E também o tio Kamal mo assegurou há pouco...

- Cada dia é sempre a mesma lengalenga! - replicou Naima rompendo em lágrimas. - Mas não nos deixam voltar para junto deles. Quero ver o pai, Otman e Muhammad, quero ver a mãe...

- Também eu quero ver o pai e a mãe - disse resmungando Ahmad.

- Voltemos para casa - gritou Naima impaciente. - Quero voltar. Porque é que nos mantêm longe deles?

- Têm medo de que os germes da doença nos possam infectar! - replicou Abdel Munim.

- A mãe está lá, bem como a tia Khadiga e o tio Ibrahim e a avó. Porque é que eles também não apanham os germes da doença? - perguntou com obstinação Naima.

- Porque são crescidos!

- Se os crescidos não apanham os germes da doença, porque é que o pai está doente?

Umm Hanafi soltou um longo suspiro e respondeu com doçura:

- Há alguma coisa que te aborreça?... Esta também é a tua casa. Vá, tens si Abdel Munim e si Ahmad, que podem brincar contigo. O tio Kamal gosta de ti, só vê os teus olhos. Dentro em breve, voltarás para perto da mãe e do pai, de Otman e de Muhammad... Não chores, querida patroazinha, e reza para que o pai e os teus irmãos se curem rápido...

- Já passaram duas semanas, contei-as pelos dedos - suspirou aborrecido Ahmad. - E além do mais, o nosso apartamento fica no terceiro andar, ao passo que a doença está no segundo. Porque é que não voltamos para o nosso apartamento e levamos connosco Naima?

- O tio Kamal zangar-se-ia caso ouvisse aquilo que disseste - respondeu Umm Hanafi pondo um dedo nos lábios como que a pô-los de sobreaviso. - Compra-lhes sempre chocolates e pevides tostadas, como é que ousariam dizer-lhe que não querem ficar com ele? Já não

são crianças! Tu, si Abdel Munim, dentro de um mês, irás para a primária e também tu, Nauma^[160]!

- Deixa-nos, pelo menos, sair para brincar na rua! - exclamou Ahmad um tanto mais calmo.

- É uma ideia justa, Umm Hanafi - acrescentou Abdel Munim apoiando aquela proposta. - Porque é que não saímos para brincar na rua?

- Têm o pátio - respondeu Umm Hanafi com firmeza. - Lá, há espaço suficiente para caber este mundo e o mundo do Além! E, de resto, também têm o terraço. O que mais querem? Quando si Kamal era pequeno, só brincava em casa. Mal acabe o meu trabalho, contar-lhes-ei fábulas... Não lhes agrada?

- Ontem, tinhas-nos dito que já não tinhas fábulas para contar! - objectou Ahmad.

- A tia Khadiga sabe mais fábulas do que tu - afirmou Naima enxugando os olhos. - Onde está a mãe para que cantemos juntas?

- Já te pedi tantas vezes que nos cantasses alguma coisa, mas recusaste sempre! - replicou Umm Hanafi com uma expressão sedutora.

- Não cantarei aqui! Não cantarei enquanto Otman e Muhammad estiverem doentes.

- Vou-lhes preparar o jantar e, depois, vamos para a cama - disse a mulher levantando-se. - O que acham de um pouco de queijo, melancia e melão?

Kamal estava sentado numa cadeira na parte descoberta do terraço contígua à pérgula de jasmim e de hera. Mal se descortinava na escuridão a ampla gallabiyya branca. As pernas molemente estendidas, o olhar fixo no horizonte encajado de estrelas, ele meditava, circundado do silêncio interrompido somente de quando em vez por uma voz que chegava da rua ou por um cocorocó que saía do galinheiro.

O seu rosto estava profundamente marcado pelos sinais da provação que, de súbito, se abatera sobre a família depois das últimas duas semanas e tinham transtornado o normal andamento da casa, onde a mãe já só fazia raras aparições e onde a atmosfera estava saturada dos lamentos dos três pequenos que se sentiam perdidos no meio de tanto espaço perguntando tantas vezes pelo pai e pela mãe que já não sabia o

que fazer para os acalmar ou distrair.

Em es-Sukkariyya, Aisha já não cantava e ria, como se dissera muitas vezes ao falar dela. Passava as noites à cabeceira dos seus queridos familiares adoentados: o marido e os seus dois filhos.

Quanto desejara, em pequeno, que Aisha voltasse para a sua velha casa e quanto temia, hoje, vê-la regressar contra a vontade, abatida e com o coração despedaçado! A mãe sussurrava-lhe ao ouvido:

- Não vás a es-Sukkariyya e, se fores lá, não te demores.

Mas ele ia de quando em quando e regressava com as mãos impregnadas de um estranho odor de desinfetante e com o coração confrangido pela angústia.

O mais surpreendente era que os bacilos do tifo - como todos os outros bacilos, de resto - eram incrivelmente pequenos, invisíveis a olho nu, mas capazes de deter o fluxo da vida, de decidir do destino das criaturas e de aniquilar, quando assim o quisessem, uma família inteira. O pobre Muhammad tinha sido o primeiro a adoecer. Depois, atingira Otman e, por último, o pai - o que era de todo imprevisível - tinha sido atingido por aquela doença ruim. No decorrer do serão, veio a criada Suwaidan para lhe dizer que a mãe tinha passado a noite em es-Sukkariyya. Para depois acrescentar - fazendo alusão à sua mãe e a si mesma - que não havia razão para se inquietar! Porque devia então a mãe passar a noite em es-Sukkariyya?

Porque se lhe confrangia o coração? Apesar de tudo, era possível, contudo, que voltasse a calma num instante, que Khalil Shawkat e os seus queridos meninos ficassem bem de novo. Acaso esquecera como a sua própria casa tinha conhecido uma provação semelhante àquela há oito meses? Tinha diante dos olhos o exemplo do pai, que agora passeava de boa saúde e com todo o vigor.- os seus membros tinham recuperado a força, os seus olhos o fascinante esplendor, e tinha depois regressado para o meio dos amigos e das pessoas que lhe eram queridas, como retorna um pássaro à árvore frondosa. Como podia se opor à possibilidade de que tudo mudasse num piscar de olhos?

- Estás sozinho?

Kamal reconheceu a voz. Levantou-se virando-se para a porta do terraço e estendeu a mão àquele que vinha ao seu encontro, dizendo-lhe:

- Como estás, querido irmão? Senta-te.

Deu-lhe uma cadeira. Yassin soltou um suspiro profundo para permitir que os seus pulmões recuperassem o seu ritmo normal comprometido pela subida das escadas. Encheu o peito com a fragrância dos jasmims, depois sentou-se dizendo:

- As crianças dormem. Também Umm Hanafi adormeceu.

- Coitadinhas! - suspirou Kamal voltando a sentar-se. - Já não conseguem estar fechadas e não nos deixam mais respirar. Que horas são?

- Quase onze horas. Está-se aqui muito melhor do que lá na rua.

- Onde tens andado?

- Tenho andado numa roda-viva entre Qasr esh-Shawq e es-Sukkariyya. A propósito, a tua mãe não voltará esta noite.

- Já mo tinha dito Suwaidan. O que há de novo? Estou muito preocupado!

- Estamos todos - replicou Yassin suspirando. - Que Allah seja benevolente! O teu pai também está lá.

- A esta hora?

- Deixei-o em casa... - depois, após uma breve pausa, voltou a dizer:

- Permaneci em es-Sukkariyya até às oito. Depois, veio alguém de Qasr esh-Shawq para me dizer que a minha mulher tinha começado a ter as dores de parto. Corri imediatamente até à casa de Umm Ali, a parteira, e levei-a para casa, onde encontrei uma vizinha que a ajudava. Fiquei ali uma horita, mas não consegui suportar durante muito tempo aqueles gritos e aqueles gemidos. Por isso, regressei a es-Sukkariyya, onde encontrei o teu pai sentado em companhia de Ibrahim Shawkat...

- O que é que isto quer dizer? Vá, fala!

- A situação é muito grave - disse Yassin com um fio de voz.

- Grave?

- Sim. Vim para cá para acalmar um pouco os nervos. Não podia ter achado uma noite melhor para parir, a minha Zannouba? Cansei-me tanto em andar a correr entre Qasr esh-Shawq e es-Sukkariyya, entre a parteira e o médico! A situação é grave. Olhando para o rosto do filho, a viúva do defunto Shawkat gritou: "Piedade, meu Deus! Leve-me a mim antes dele!"

"A tua mãe ficou muito enfadada mas aquela não lhe prestou atenção e com uma voz áfona, acrescentou: 'É este o rosto que os

Shawkat têm quando se avizinha a morte. Já vi o seu pai, o seu tio e o seu avô antes!'

"Khalil já não é senão a sombra de si mesmo. E o mesmo sucede com as duas crianças. Não há força nem poder senão em Allah!"

Kamal engoliu a saliva e disse:

- Oxalá possamos mudar de opinião!

- Oxalá!... Kamal, já não és uma criança. É necessário que saibas, pelo menos, tanto quanto eu. O médico diz que o caso é muito grave!

- Para os três!

- Sim, para os três!... Khalil, Otman e Muhammad. Ó meu Deus! Quão infeliz és, minha querida Aisha!

Kamal imaginou no meio da escuridão a família de Aisha, sorridente como tantas vezes costumava aparecer. Uma família de pessoas felizes e galhofeiras, que enfrentavam a vida como se se tratasse de uma simples brincadeira.

"Quando é que Aisha voltaria a rir às gargalhadas? Também Fahmi tinha sido arrancado daquele modo: os Ingleses ou o tifo eram a mesma coisa. Aquela ou outra razão, qual a diferença! É a fé em Allah que fez da morte um decreto supremo e uma lógica que nos precipita no desconcerto, enquanto, na verdade, não se trata senão de uma espécie de ironia do destino!"

- Nunca ouvi nada mais pavoroso na minha vida!

- É assim mesmo. Mas o que podemos fazer? Que falta cometeu Aisha para merecer tudo isto? Poupai-nos, meu Deus, tenha piedade de nós!

"Existe uma lógica suprema capaz de justificar o homicídio sob todas as suas formas? A morte está ligada escrupulosamente às leis da 'anedota'. Mas como podemos rir se nós mesmos somos o alvo? Talvez possamos acolhê-la com um sorriso se a arrostartmos implacavelmente considerando-a por aquilo que é verdadeiramente, compreendendo-a plenamente e espoliando-a de todos os seus ouropéis. Esta é a única vitória sobre a vida e sobre a morte ao mesmo tempo! Mas quão longe está Aisha de tudo isto!"

- A minha cabeça anda à roda, meu irmão!

- O mundo é assim feito - respondeu Yassin com o tom de um sábio que Kamal ouvia pela primeira vez. - Deves conhecê-lo tal como é.

Depois, levantou-se bruscamente dizendo:

- Agora tenho de me ir embora.
- Fica mais um pouco comigo - disse-lhe Kamal como quem pede ajuda.

- São onze horas! - insistiu Yassin como que a querer escusar-se. - Tenho de ir para Qasr esh-Shawq para ver como está Zannouba. Depois, voltarei para es-Sukkariyya para ficar junto deles. Tenho a impressão de que esta noite não fecharei o olho nem por um minuto. Só Allah sabe aquilo que nos espera amanhã.

Kamal levantou-se dizendo com angústia:

- Falas como se tudo já estivesse acabado! Irei de imediato para es-Sukkariyya...

- Não, tu não! Deves ficar com as crianças até ao despontar do dia. E tenta dormir, senão farás com que me arrependa de te ter dito a verdade!

Yassin abandonou o terraço e Kamal seguiu-o para acompanhá-lo à porta de casa. Enquanto passavam pelo andar superior onde dormiam as crianças, Kamal suspirou com tristeza:

- Pobres crianças! Se soubesses como Naima tem chorado estes últimos dias! Era como se no seu coração imaginasse aquilo que estava a acontecer lá...

- As crianças esquecem rapidamente - respondeu Yassin com desprendimento. - Reza antes pelos adultos.

Mal tinham saído no pátio quando lhes chegou uma voz da rua que gritava como um possesso: "El-Muqattam^[161], edição especial!"

- Edição especial de El-Muqattamfí - murmurou Kamal num tom interrogativo.

- Oh, sim, sei perfeitamente do que se trata! - exclamou Yassin com uma voz triste. - Ouvi pessoas que faziam correr de boca em boca uma notícia enquanto eu vinha para aqui: Saad Zaghlul morreu!

- Saad? - gritou Kamal do fundo do seu coração.

- Não o tomes assim! - disse Yassin virando-se para ele depois de ter parado de caminhar. - Já temos bastantes problemas que nos tocam directamente!

Kamal ficou com os olhos esbugalhados na escuridão, mudo, petrificado, como que não pensando mais nem em Khalil, nem em Otman, nem em Muhammad, nem em Aisha, nem em nada mais que não fosse o facto de Saad Zaghlul ter morrido.

- Morreu carregando na sua esteira a vida e a grandeza que a sorte lhe tinha reservado - exclamou Yassin retomando o caminho. - O que querias mais para ele? Que Allah tenha piedade dele!

Kamal seguiu-o ainda dominado pelo estupor. Se o tivesse sabido noutra circunstância menos dolorosa do que aquela, ignorava como teria recebido a notícia.

Mas, quando as desgraças acontecem todas juntas, digladiam-se entre elas.

Por isso, a sua avó, que o tinha deixado logo depois da morte de Fahmi, não tinha encontrado ninguém que a chorasse. Assim, Saad morrera! O homem do exílio, da revolução, da liberdade e da Constituição morrera! Como podia não se afligir quando tudo aquilo que de melhor tinha dentro de si, tinha sido ele quem lho inspirara e lho ensinara!

Yassin parou uma segunda vez para abrir a porta. Depois, estendeu-lhe a mão e saudaram-se. Naquele momento, Kamal lembrou-se de algo que já há algum tempo lhe saíra do pensamento e, sentindo um pouco de vergonha por se ter esquecido, disse ao irmão:

- Peço a Allah que, ao voltares para casa, a tua mulher tenha já dado à luz.

- Assim queira Allah! - replicou Yassin aprontando-se para partir. - Desejo-te um sono tranquilo!

FIM

[160] Diminutivo carinhoso de Naima.

[161] Estamos a 23 de Agosto de 1927. Curiosamente, o El-Muqattam foi desde sempre o jornal que mais se opôs ao nacionalismo egípcio e ao Wafd.